

TRUDY BRASURE



UM CORAÇÃO PARA MILTON

A CONTINUAÇÃO DE "NORTE E SUL", DE ELIZABETH GASKELL.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



SUMÁRIO

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[EPÍLOGO](#)

[Ficha Catalográfica](#)

CAPÍTULO I

Os olhos de Margaret percorriam languidamente as estantes de livros, outrora de Mr. Hale, tentando assimilar o fato de que nunca mais o veria ou ouviria a sua voz. O pai era a última aliança com a infância despreocupada da qual se lembrava.

Mas desde a chegada da família na cidade de Milton, a vida se tornara uma batalha interminável. A árdua tarefa de manter, principalmente, Mrs. Hale contente, e com isso ter que mostrar-se animada e otimista mesmo em face às dificuldades e dores as quais passava, haviam-na esgotado. Sentia-se à deriva,

como perdida em um mar impiedoso, cujas ondas arrastaram-na severamente, até que sentiu que iria finalmente afundar.

Sentia-se só. Embora a tia, Mrs. Shaw, estivesse vindo de Londres para buscá-la. Havia perdido a família e agora perderia também a casa, tornando-se uma hóspede permanente que seria engolida pela rotina diária da vida confortável e elegante da prima Edith.

— Que sofrimento você tem suportado, minha querida! — declarou enfaticamente Mrs. Shaw. — Devemos deixar este lugar tão logo seja possível. Dixon ficará aqui e organizará um leilão para vender tudo — a altiva dama anunciou com ares de uma grande decisão.

A jovem despertou de seu

devaneio para emendar a ordem da tia.

— Quero ficar com estes livros — instou Margaret.

Aqueles objetos eram tudo que Mr. Hale tinha deixado para ela, livros os quais ele havia dedicado tanto tempo da vida lendo e refletindo, certamente haviam modelado a sua própria vida. Com efeito, Margaret sentiu que eles tinham, por sua vez, o levado a trocar Helstone por Milton.

Milton. Teria que renunciar a cidade agora que havia começado a apreciá-la; quando passara a admirar seu ritmo industrioso; a praticidade das pessoas trabalhadoras que ali viviam. Sentia-se confortável com seus modos simples e despretensiosos. Sentiria muita

falta de seus amigos Nicholas e Mary, e das crianças Boucher.

— Não deve permanecer aqui nenhum dia a mais! — continuou Mrs. Shaw, cada vez mais convencida de que a recuperação de Margaret dependia daquilo.

A elegante senhora permaneceu em pé com o lenço pronto, olhando agitadamente para a sala apertada e entulhada dos Hale. Não conseguia entender como Margaret tinha suportado viver ali! A cidade suja, fumacenta, era ofensiva e totalmente inapropriada para uma família decente. E pensar que sua pobre irmã tinha sido forçada a se mudar para aquele lugar desprezível — era de se esperar que ela tivesse morrido!

— Jamais entenderei a razão pela qual seu pai deixou sua paróquia no campo. E trazê-las para esta cidade horrível! — ela censurou, sentindo-se completamente justificada ao depreciar o homem com que sua irmã jamais deveria ter desposado.

Muito fatigada para responder, Margaret pensou em como o pai também havia sofrido, carregando o peso da culpa por ter trazido a família para um lugar desconhecido. Ele viu o abatimento tomar conta da esposa e ela tornar-se lentamente mais fraca com a doença.

Mrs. Hale odiara vir para Milton e Mr. Hale estava bem ciente disso. Margaret havia tentado reestabelecer o ânimo da mãe e tinha, visivelmente,

mantido um coração animoso por causa dos pais. Porém, não havia ajuda para a mãe, que, aos poucos, sucumbiu ao ressentimento e a amargura.

“Oh, Papai, eu não guardo nenhuma mágoa de ti. Nunca lamentarei o tempo que vivi aqui, para onde o senhor nos trouxe.”

A mudança lhe havia aberto novos mundos. Tudo ali era tão diferente de Helstone, embora no início tenha se sentido oprimida. Mas seu pai havia abraçado as alterações, parecia estar sedento por aquilo. Tinha estado tão esperançoso em começar a nova vida como tutor e professor, e até onde ela sabia, ele havia tido sucesso em seus debates com Mr. Thornton.

Mr. Thornton. Não mais o verei.

Esta percepção lançou uma névoa de desolação sobre sua mente. Disse a si mesma que seria correto visitar os Thorntons antes de viajar, pois tinham sido os únicos amigos dos pais ali. Sentia que devia dizer ao cavalheiro o quanto a sua amizade havia significado para Mr. Hale.

— Devo me despedir dos nossos amigos — Margaret disse lastimosamente, um fraco vislumbre de sua usual autodeterminação ressurgindo.

— Pergunto-me que tipo de amigos você poderia ter aqui! — exclamou Mrs. Shaw com desdém. — Se deve mesmo fazer tais visitas, irei acompanhá-la. Porém, devemos sair imediatamente! —

a dama decidiu com autoridade.

Margaret levantou-se vacilante como se temesse abandonar o lugar. Contudo, olhando em torno da sala, soube o que deveria fazer. Perscrutou furtivamente os livros empilhados na mobília que a cercava e, encontrando o título que buscava, encaminhou-se lentamente para a porta, melancolicamente percorrendo à casa de Crampton pela última vez.

Enquanto as rodas do coche alugado ecoavam pelas ruas até Marlborough Mills, Margaret olhava a esmo. Embora se esforçasse para não pensar em Mr. Thornton, encontrou sua mente inevitavelmente atraída para ele. Na imagem ele estava sério, sua fronte

severa possuía marcas de desgosto. O fato de ser ela a causa de tal sentimento a deixava muito triste. *Oh, tudo havia terminado tão terrivelmente mal! Se tão somente não tivesse sido tentada a mentir, talvez o amigo do pai ainda possuísse alguma estima por ela,* entretanto não ousava imaginar qual seria a opinião dele sobre ela agora.

Odiava o fato de deixar Milton antes de ter a chance de se redimir perante Mr. Thornton. Questionava-se a razão pela qual queria tanto sua boa opinião e sentia a terrível ironia da situação. Ela, que de tal maneira o havia desdenhado, agora desejava, desesperadamente, seu julgamento suave. Quão ignorante ela tinha sido! E quão duramente o havia

tratado! Mais que qualquer coisa queria que Mr. Thornton soubesse que sua opinião sobre ele havia mudado. Ansiava por fazê-lo entender o quanto tinha aprendido a apreciar a força e a bondade de seu caráter. Remoía-se severamente ao lembrar-se de todas as vezes que suas palavras insensíveis tinham-no ferido. Ansiava poder falar-lhe tão gentilmente para que suas doces palavras perdurassem em sua consciência, e, talvez, tivessem o poder de substituir aquelas memórias desagradáveis que ela havia infundido.

Quando o coche se aproximou dos conhecidos portões de Marlborough Mills, Margaret sentiu um nó se formando no estômago. A visão do lugar lhe trouxe à mente suas ações no dia do tumulto e a

incomensurável cadeia de eventos que se haviam sucedido. Mr. Thornton havia falado de seus sentimentos por ela no dia seguinte. Ela não sabia naquele momento, mas descobriu desde então que ele tinha falado sinceramente, como sempre fazia.

Mas era inútil pensar naquilo. Tudo estava no passado e nada poderia ser feito. Ela desprezara seu amor e ele renunciara sua paixão por ela. Mas a ideia de sua afeição honesta nunca a deixou. Apesar de Margaret tentar ignorá-las, as palavras ditas por Mr. Thornton ainda ecoavam em sua mente.

Depois da morte da mãe tudo parecia ter saído do controle. Sentiu-se uma observadora impotente que assistia com tremor enquanto o *Destino* tecia a

miríade de fios em uma intrincada tapeçaria, que não poderia ser desatada ou alterada por meros mortais.

A parada abrupta do veículo, com um solavanco, despertou-a para a tarefa que tinha diante de si. Ela fechou os olhos e suspirou profundamente antes de sair para o frio.

O funeral em Oxford teve a presença de uma pequena quantidade de pessoas, o suficiente para dignificar a morte do antigo vigário – certamente mais do que o triste número mostrado no funeral de Mrs. Hale, em Milton.

Mr. Thornton estava contente por

ter podido comparecer e prestar a última homenagem ao amigo. Sua amizade por Mr. Hale tinha se tornado mais forte nos últimos meses, enquanto tentava ajudar o amigo na batalha contra a tristeza. Sentiu profundamente sua morte, como se tivesse perdido um pai. De fato, se seus desejos mais íntimos tivessem sido realizados, Mr. Hale poderia ter sido seu sogro.

— Thornton! — Mr. Bell acenou para o alto e elegante cavalheiro, enquanto descia as escadarias de granito da antiga igreja para encontrá-lo. — Que bom que pôde comparecer! Tenho certeza de que Richard ficaria muito feliz. Estou certo de que ele tinha uma grande consideração por você.

— E eu por ele — Thornton

reconheceu. — Era como um pai para mim — acrescentou, honestamente.

— Sim, certamente — Mr. Bell contemplou, erguendo os cantos da boca enquanto observava Mr. Thornton.

— Temo que Margaret esteja devastada, pobre menina! Espero que você possa dar uma mão, Thornton, organizando os negócios dos Hale em Milton. Ela irá partir para Londres em breve e acredito que você possa intervir para ajudá-la como se fosse um irmão bondoso, ou um tio... — Mr. Bell encarou Mr. Thornton de forma direta, esperando por sua reação.

Mr. Thornton enrijeceu-se involuntariamente, mas sua face permaneceu impassível, enquanto se

empenhava para mascarar o distinto desconforto que sentia sob o minucioso olhar do sagaz acadêmico de Oxford. — Ficarei feliz em ajudá-la no que estiver ao meu alcance — respondeu em uma voz constricta.

Mr. Bell não pôde suprimir um sorriso compreensivo.

— Sabia que poderia contar com você, Thornton! — respondeu animado.

Mr. Thornton inclinou sua cabeça num movimento leve, quase imperceptível, mas Mr. Bell estava atento.

— Quando Miss Hale irá para Londres? — o cavalheiro mais jovem não resistiu em perguntar, mesmo que odiasse fazer isso.

— Hoje, talvez amanhã. Sua tia

insistia em partir assim que fosse possível — Mr. Bell respondeu e, imediatamente, percebeu a consternação que a notícia tinha infligido ao industrial.

Mr. Thornton pôde somente acenar com a cabeça em resposta.

— Bom dia para você então, Thornton. Não irei segurá-lo por mais tempo. Creio que está ansioso para voltar para Milton.

Mr. Bell pensou corretamente.

— Sim. Bom dia, senhor — Thornton respondeu, tocando educadamente na aba do chapéu antes de virar-se e partir.

Caminhou então rapidamente pelas ruas da cidade, o vento forte resfriando seu nariz e orelhas, até torná-los rosados.

Indiferente ao frio, seus pensamentos caíram em um redemoinho de angústia e desespero.

Margaret! Como queria confortá-la agora, segurá-la bem perto de si para minorar a dor de sua perda. Mas ela não iria buscar refúgio em seus braços. Partia-lhe o coração pensar que outra pessoa receberia sua atenção amorosa. A visão de Margaret nos braços de outro homem o atormentava continuamente. Se ela somente viesse a amá-lo! Ninguém mais lhe amaria como ele. Mesmo sem a certeza dos sentimentos de Margaret, ele havia construído seu mundo em torno dela. A esperança de vê-la e ouvir sua voz lhe davam motivos para viver. Sem ela, temia que seu mundo todo fosse

desmoronar.

Tinha passado sua vida inteira trabalhando para melhorar sua fortuna e de sua família, e certamente tinha sido bem-sucedido. Havia estado contente o bastante até então.

Quão insípida outrora parecia a vida agora que ele tinha recebido o vislumbre do que poderia vir a ser! Margaret era tudo de belo no mundo e ele a queria. Tinha previsto uma existência de ternura e paz; de alegria e afeição. Mesmo sem o amor dela sabia que jamais voltaria a ser o mesmo.

Margaret não o amava, mas ele a amaria mesmo de longe. Nunca se arrependeria de seu amor por ela, apesar da doce tortura de colocá-lo de joelhos.

Aquela mulher era tudo que sonhara e tudo que ele queria.

Quando chegou à estação o céu já escurecera com ameaçadoras nuvens. John somente esperava que não fosse muito tarde, pois queria desesperadamente vê-la pela última vez.

Mr. Thornton viu a carruagem e soube que tinha chegado a tempo de vê-la, nem que fosse somente para dizer-lhe adeus. Apreçou-se para dentro da casa, tirando a neve dos braços e ombros, antes de tirar o chapéu e as luvas. Enquanto entrava silenciosamente na sala, escutou os suaves e graves tons da voz de

Margaret. Alertada pela presença dele atrás de si, ela voltou-se para ele.

“Como estava linda, mesmo em tamanha aflição”, ele pensou. O cabelo estava preso livremente para trás, permitindo que as ondas cor-de-mel emoldurassem a pele de porcelana de seu rosto. John notou imediatamente o quanto ela parecia cansada, quão pálida e fraca. Seu coração contraiu-se em silencioso anseio; queria estender os braços e abraçá-la forte para confortá-la.

Seus olhos estavam fixos nela enquanto a jovem caminhava suavemente em sua direção; seus grandes olhos melancólicos hipnotizando-o, envolvendo-o profundamente sob seu poder. John estava subjugado pela

intensidade do sentimento que varreu todo seu corpo e alma. Como a amava! O pensamento de perdê-la para sempre o fez estremecer.

— Então a Miss está partindo — ouviu a si mesmo dizer.

Margaret inclinou a cabeça para evitar a intensidade daquele olhar.

— Parece que não tenho outra escolha — sussurrou.

Os olhos de Mr. Thornton se contraíram; sua mente acelerando para captar o sentido do que tinha ouvido. *Ela não deseja partir?* Sua respiração acelerou, enquanto um tremor de esperança perpassou seu corpo e ameaçou a tomar conta dele.

— A Miss ficaria? — ele perguntou

de maneira incrédula.

Margaret ergueu o rosto para encontrar seu olhar firme.

— Eu... eu descobri... eu aprendi a amar... a gostar de Milton – ela balbuciou, seus olhos implorando para que ele entendesse o que ela dizia.

— Mesmo? – ele sussurrou rouco, suas sobrancelhas ergueram levemente pela surpresa. Seu corpo estava trêmulo em absoluto assombro, ao que ele imaginou ter entendido. *Ela tinha mudado de ideia? Gostava dele, afinal?* Mas como descobriria se não poderia lhe perguntar ali onde estavam. A aflição dele tomou conta dele. Tinha que saber o que se passava no coração de Margaret antes de deixá-la partir.

Mr. Thornton a observou enquanto ela movia os braços para entregar-lhe um livro.

— Trouxe-lhe o *Platão* que era do meu pai. Pensei que fosse gostar — ela ofereceu calorosamente.

Emocionado pelo seu pensamento de que ela lhe presenteava com algo que pertencera ao seu pai, seus olhos brilharam ainda mais e um suave sorriso animou sua séria expressão.

— Irei guardá-lo como um tesouro. Assim como a memória de seu pai. Ele foi um bom amigo para mim.

Repentinamente ele soube o que deveria fazer.

— Se me der licença por um momento, há algo que eu gostaria que a

senhorita levasse — ele alegou com inescrutável hospitalidade. Margaret assentiu.

Mr. Thornton deixou a sala e rapidamente encaminhou-se para seu escritório. Pegou a pena da gigantesca mesa de carvalho e rabiscou uma rápida mensagem. Então examinou os livros que estavam no canto de sua mesa e puxou *A Economia do Algodão*. Tomou então a nota, dobrou-a uma vez e guardou-a no meio das páginas enquanto retornava à sala.

— Algo para lembrar-se de Milton — explicou, enquanto lhe entregava o livro, observando o rosto da moça com adoração não dissimulada.

— Não é necessário — ela

assegurou de forma educada.

— Por favor! — ele implorou, um senso de urgência escapando de si.

— Obrigada — ela tomou o livro, um traço de agitação cruzando seu semblante.

— Devemos tomar o próximo trem para Londres. Temo que não possamos ficar nem mais um momento! — a voz de Mrs. Shaw ressoou na sala com seu anúncio abrupto.

— Sim — Hannah Thornton concordou ironicamente. — Nem mais um momento — ela repetiu, enquanto lançava um olhar exasperado para o filho.

Mr. Thornton escoltou as visitantes até a carruagem. O pátio da fábrica estava coberto com uma fina

camada de neve. O silêncio foi quebrado unicamente pelo abafado estampido dos cascos dos cavalos, ansiosos para seguirem seu caminho.

Margaret parou na porta da carruagem e virou-se para Mr. Thornton, sua cabeça discretamente inclinada. Eles deram um aperto de mãos sem dizer palavra. O delicado prazer de segurar a mão dela coberta pela luva espalhou por ele uma onda de terna ânsia e desespero. John olhou por um momento para suas mãos unidas. Ninguém jamais saberá quanta força de vontade ele precisou para largar sua mão e deixá-la ir.

Seus olhos se encontraram rapidamente e, por um vislumbre, ele pôde ver a dor e a solidão na sua

expressão antes da partida. Ansiava por gritar por ela, implorar que não o deixasse, queria saber se, enfim, poderia aceitá-lo. Mas permaneceu em silêncio, aferrando-se desesperadamente a uma tênue e febril esperança de que ela pudesse voltar. Permaneceu imóvel, em pé sob a nevasca, e observou a carruagem desaparecer de sua vista.

Margaret não olhou para trás, mas se perguntou se Mr. Thornton ainda estava lá observando sua partida. No último instante antes de deixá-lo, um ímpeto contrário à sua pessoa – causado pelo desespero de um futuro incerto e a ideia de nunca mais torná-lo a ver – fizera com que ousasse pensar em uma cena de desmaio para que pudesse sentir seus

braços fortes em torno dela pela última vez. Mas tal pensamento era tão improvável, tão fora de si, tão tolo... Devia estar verdadeiramente sob a pressão da tristeza e ansiava que tivesse conseguido passar um pouco de sua afeição. Mesmo na sua angústia ousou considerar que sim, que ele tivesse reagido positivamente às suas confissões. Apreendeu sua surpresa ao saber que ela tinha *aprendido a gostar de Milton*. Ela também não pôde deixar de perceber que Mr. Thornton queria dizer-lhe algo mais, mas foi impedido pela presença das pessoas em torno deles. Notara algo estranho na maneira como ele deixara a sala para buscar seu presente. Era pouco usual um cavalheiro presentear uma dama

com aquele tipo de publicação. Olhou para o livro e começou a folhear as páginas. Quando fez isso, um pedaço de papel caiu e deslizou por entre as saias de seu vestido. Alcançou rapidamente a nota e abriu para conhecer seu conteúdo escrito em uma caligrafia vagamente familiar:

“Se houve alguma mudança nos seus sentimentos, me dê apenas um sinal. Meu coração permanece eternamente seu;

John Thornton.”

Margaret ficou lívida. Uma corrente congelante perpassou ser corpo; sua mão permaneceu completamente imóvel. Releu a nota e começou a

compreender seu importante conteúdo. *Mr. Thornton ainda a amava! Não havia desistido dela afinal!*

— O que é isso, Margaret? — perguntou a tia, percebendo a curiosa reação que o bilhete havia causado em sua sobrinha.

Margaret ergueu a cabeça num sobressalto e encarou a tia.

— É... é uma anotação com a caligrafia de meu pai — gaguejou, querendo desviar o interesse de sua tia.

A boa senhora assentiu, demonstrando compreensão.

Miss Hale dobrou novamente a nota e guardou-a no livro com as palavras ainda pulsando no peito. Voltou-se então para a janela a fim de evitar chamar

atenção da tia. Seu coração estava acelerado. *‘Me dê apenas um sinal’, dissera ele. Que sinal? O que poderia fazer? O que ele queria saber? ‘Se houve alguma mudança em seus sentimentos.’ Mr. Thornton queria saber se ela o amava!*

Miss Hale mal sabia o que sentia. Afligida por uma enxurrada de sentimentos, tentou compreender o que tudo aquilo significava. E, de repente, lembrou-se do anseio que vislumbrou em seus olhos quando se despediram e entendeu como uma verdade que sempre estivera ali, mas que havia sido escondida há muito tempo, como o sol brilhando forte em meio um céu nublado. *Ela o amava!*

Um dilúvio de alegria tomou conta dela enquanto se aquecia na luz dessa simples revelação. *Ela o amava!* E quão incrível que ele ainda a amasse!

Mas o que faria para que Mr. Thornton soubesse desses sentimentos? Não poderia pedir para voltar. Um sentimento de desespero e pânico tomou conta dela.

— Nicholas! — ela disse em voz alta ao ver ele e sua filha, Mary, correndo pela rua.

— Pare! — ela pediu ao cocheiro, e saltou do compartimento.

— Margaret! — exclamou Nicholas, aliviado e alegre por tê-la encontrado.

— Pensamos que a Miss já tivesse

ido embora.

— Não poderia partir sem dizer adeus aos meus amigos – estendeu a mão a Nicholas e abraçou e beijou Mary afetuosamente.

Antes de estar realmente consciente de seus atos dirigiu-se a Mr. Higgins novamente.

— Nicholas... me faria um favor? – ela murmurou, seus olhos cheios de anelante esperança.

— Claro, sabe que eu faria qualquer coisa pela senhorita! – ele respondeu sinceramente.

— Levaria uma mensagem minha a Mr. Thornton? – sua voz saiu quase inaudível e ela enrubesceu grandemente. Nicholas percebeu o tom grave em sua

voz e conteve o riso que sentiu surgir em sua face.

— Diria a ele que... — ela hesitou, buscando as palavras certas. — Diria a ele que *meu coração pertence a Milton?* — perguntou ansiosamente, sentindo sua pulsação acelerar e sua face queimar.

Nicholas deu a ela um sorriso tranquilizador.

— Claro, eu direi ao Thornton! — prometeu.

Margaret retornou-lhe o sorriso e abraçou-o voltando à carruagem.

“*O que foi que eu fiz?*” , perguntou-se enquanto seguia rapidamente em direção à estação de trem.

CAPÍTULO II

Mr. Thornton estava sentado na quietude do seu escritório na fábrica e seus olhos percorriam o ambiente sem, de fato, enxergá-lo. Finalmente repousaram no relógio, cujo fraco tique-taque havia captado sua entorpecida atenção. Sentia-se estranhamente calmo naquele momento. Ele havia oferecido novamente seu coração e agora poderia somente esperar o próximo passo de Miss Hale.

“Quanto tempo levará até que encontre o bilhete? O que ela fará?”

Ele sabia que havia agido impulsivamente, sem ponderar as consequências de seu rompante.

“E se estivesse enganado novamente?”

Talvez o desejo e a ansiedade o tenham levado a enxergar o que não existia. O rumor de suas dúvidas tornou-se intenso em sua agitada mente e a *estranha* calma de instantes desvaneceu. “*Certamente Margaret tinha abrandado suas atitudes, mas isso significava que o amava? Era possível que a dama estivesse somente sendo gentil com o amigo de seu falecido pai.*”

“*Mas ela disse que não queria ir embora de Milton. Não, mais que isso, havia começado a apreciar a cidade. “Eu... eu descobri... eu aprendi a amar...”*”

John queria acreditar que ele era a

razão daquela mudança, e a maneira como Margaret o contemplou fez com que sua esperança alçasse voo. Será que uma mulher como ela poderia ter algum sentimento por ele? Mas a imagem do cavalheiro visto em sua companhia na Estação Outwood veio para atormentá-lo mais uma vez com afiada lâmina. *Era possível que Margaret tivesse desistido dele?*, ele temia acreditar naquela pueril e tênue esperança.

Pensava ter visto anseio em seus olhos, mas será que não era somente desespero e a solidão por sua perda? Seu pai tinha morrido recentemente e sentimentos de incerteza e solidão seriam naturais. John queria tão desesperadamente acreditar que ela sentia

mais que amizade por ele. *Quão tolo tenho sido!*

Mais um ataque da dúvida assaltou seu coração.

Uma forte batida na porta interrompeu o rastro de seus pensamentos tumultuados.

— Quem é? — gritou Mr. Thornton, irritado por ser perturbado em seu enclave.

— Sou eu, Higgins! — Nicholas adiantou-se. — Tenho uma mensagem de Miss Hale — ele anunciou através da porta.

Em instantes Mr. Thornton estava diante dele abrindo a porta. Higgins exibia um leve sorriso enquanto analisava a confusa expressão do esperançoso

apaixonado.

Mr. Thornton de pé encarava-o, seu corpo tenso pela antecipação.

— Qual é a mensagem? – ele resmungou, finalmente encontrando presença de espírito para dizer alguma coisa.

— Miss Hale pediu *pra* dizer ao patrão que “*seu coração pertence a Milton*” – falou Higgins, pausadamente, tomando o cuidado para citar exatamente as palavras que ouvira de Margaret, observando o industrial com uma mistura de rigor e troça.

Mr. Thornton estava atônito. *Ela tinha respondido!* Seu coração estava tumultuado, ele achava que Higgins escutava as batidas, sua respiração

acelerada, enquanto tentava entender o significado daquelas palavras. *Seu coração pertencia a Milton. A ele?* Havia pedido por um sinal sobre a mudança de seus sentimentos e ela havia dado! *Ela tinha sentimentos por ele! Estava dizendo que seu coração pertencia a ele!*

— Terá que ser rápido se ainda quiser falar com ela — Higgins cutucou-o, abrindo um sorriso enquanto observava a confusão de emoções surgindo no rosto do patrão.

Mr. Thornton ergueu os olhos para encontrar o olhar sorridente de Higgins surpreso por descobrir alguém falando com ele. Suas sobrancelhas se contraíam levemente, mas o olhar estava distante, enquanto ele acenava debilmente em

concordância com as palavras de Nicholas. Apressou-se para a porta, enquanto o empregado rapidamente saía de seu caminho.

— Vai precisar de um cavalo, ela já deve estar quase chegando à estação! — Higgins gritou para a elegante e apressada figura de Mr. Thornton, esperando que suas palavras pudessem penetrar na mente perturbada do mestre de Malborough Mills.

Pensando somente em conseguir alcançá-la a tempo, as mãos de John tremiam enquanto ele ajudava o atrapalhado servente do estábulo a preparar o garanhão castanho, e, no momento seguinte, montou o cavalo em um movimento rápido e saiu galopando.

O firme ressoar dos cascos ritimava-se às batidas de seu coração. À medida que seu animal disparava pelas ruas de Milton, John começou a entender a enormidade do que estava acontecendo. Se Margaret realmente o amava, ela se tornaria sua esposa! Ele deveria pedi-la em casamento novamente. Seu corpo quase não suportava a alegria que se apoderava dele quando pensava na expectativa da resposta afirmativa para seu pedido. Quanto tempo havia sonhado em receber as ternas afeições da mulher que amava!

O ar gelado açoitava o fino algodão das mangas da sua camisa e tornava suas mãos dormentes, mas John não ponderou muito tempo sobre o frio,

vagamente consciente de não estar usando nem casaco nem luvas. Ao invés disso, lutava para concentrar-se no que deveria dizer. A única coisa que sabia era que devia propor-lhe casamento mais uma vez, e que deveria se apressar.

Quando chegou à estação, as imagens da última vez que a viu naquele mesmo lugar nos braços de outro cavalheiro, espontaneamente invadiram sua mente. Mr. Thornton pôs rapidamente a lembrança de lado, enquanto descia do cavalo, atando-o de leve, e corria para procurá-la, buscando-a freneticamente por toda a extensão da plataforma. Enfim a vislumbrou a uma curta distância, sua bela figura de pé perto da porta do trem. Estava sozinha.

— Miss Hale! — ele gritou, dirigindo-se até ela.

Margaret assustou-se ao ouvir aquela voz familiar, e se virou para ser capturada pela visão de sua alta e imperiosa figura sem a tradicional cobertura negra de seu casaco. Seus olhos foram atraídos para o formato de seus firmes braços visíveis através das mangas do algodão úmido. Margaret ergueu o olhar para admirar as fortes linhas angulares de seu rosto e notou o cabelo negro que brilhava com a neve derretida. Os olhos azuis de Mr. Thornton pareciam penetrar através dela com apaixonada urgência, e ela estremeceu ao pensar que aquele homem a amava.

— Recebi a mensagem do

Nicholas! – John começou a falar, segurando a respiração. Não havia tempo a perder. — Margaret, eu nunca deixei de amá-la – declarou, seus olhos buscando os dela. — Quer se casar comigo? – ele perguntou com a voz rouca pela intensidade de suas emoções.

— Margaret! – interrompeu Mrs. Shaw aproximando da sua sobrinha em um ofegante alvoroço, seu rosto ostentava confusão.

— Mr. Thornton! – exclamou a senhora com considerável surpresa, quando percebeu que ele não estava vestido apropriadamente. — Qual é o problema? Há algo errado? – ela perguntou muito alarmada, olhando de um para o outro.

Mr. Thornton olhou para a digna senhora, mas não pôde dizer nenhuma palavra. Margaret interveio rapidamente.

— Mr. Thornton tem algo significativo para dizer, tia.

Os olhos de Mrs. Shaw pousaram sobre ele; sua expressão cada vez mais séria mostrava dúvida. Percebendo a reação surpresa do cavalheiro diante de sua rápida resposta, Margaret acrescentou:

— Mr. Thornton e eu recentemente ficamos noivos, tia! — anunciou a dama com certa autoridade, não ousando olhar para ele.

O coração dele saltou exultante. *Margaret o havia aceitado!* Ele não ousava acreditar que ouvira aquelas

palavras. A própria ousadia dela o estremeceu, ainda que uma sombra de dúvida cruzasse sua mente. *Ela teria outra razão para aceitar sua proposta? Ele tinha ganhado seu coração, enfim?*, tudo aquilo parecia irreal.

Mrs. Shaw, incrédula, ficou em silêncio olhando o casal à sua frente, tentando confirmar aquele estranho anúncio.

— O quê? É verdade? — ela irrompeu. — Por que não disseram nada? — ela demandou de maneira irritada.

— Nós não tivemos a oportunidade de contar a ninguém — Margaret abaixou a cabeça para evitar o olhar perscrutador da tia. — Tudo aconteceu tão rapidamente desde que

papai morreu – ela disse rapidamente, lembrando-se da tristeza dos últimos dias.

— Entendo – refletiu Mrs. Shaw, sua agitação abrandada pela menção da morte de Mr. Hale.

Um sorriso surgiu na face de Mr. Thornton quando ele se deu conta do que estava acontecendo. *Margaret havia anunciado a intenção de ser sua esposa! Ela seria sua, finalmente!*

Margaret olhou cautelosamente para ver a reação de Mr. Thornton ante a sua corajosa trapaça e foi recompensada com um sorriso glorioso. Retornou o sorriso ao perceber o quão satisfeito ele parecia.

— Realmente, isto é inadmissível!
– Mrs. Shaw exclamou muito confusa, não

sabendo ao certo como continuar. — Este não é o momento de conduzir tal conversa — ela falou com tom de repreensão e dirigiu-se a Mr. Thornton. — O senhor é bem-vindo para visitar-nos em Londres, Mr. Thornton. Entretanto, Margaret deve tomar o tempo apropriado para lamentar por seu pai. O senhor deve entender.

Seu sorriso radiante evaporou-se e a expressão tornou-se sombria. Tomando cuidado de parecer controlado, ele conseguiu formular a resposta apropriada:

— Certamente, eu entendo — ele pôde dizer, enquanto todo seu ser gritava em silenciosa agonia, ao pensar em ficar longe dela. Queria somente uma chance de abraçá-la e ouvir sua doce voz dizendo que o amava. Ele engoliu em seco,

forçando-se a exibir a atitude moderada que estava longe de sentir. Olhou para Margaret e seu fôlego paralisou em admiração, por encontrar seu olhar comovido contemplando-o com terno anelo.

Não conseguiam tirar os olhos um do outro até que foi anunciado o último chamado para a partida do trem para Londres. Mr. Thornton adiantou-se para ajudá-las a embarcar. Mrs. Shaw acomodou-se em seu assento enquanto Margaret permanecia em pé à porta olhando para ele. John estendeu o braço e, tomando a mão dela na sua, depositou um beijo demorado. *Quem dera poder aproximar-me e envolvê-la em meus braços.* Mas testemunhou, deslumbrado, a

amada levar a mão que ele havia beijado à face e pressioná-la nos próprios lábios. O gesto foi inocente e sensual na mesma medida, e ele sentiu seu coração acelerar ante sua beleza, e uma chama de calor pulsava dentro dele.

Margaret ergueu seus olhos luminosos para encontrar o olhar hipnotizado de John. Ela sorriu e sussurrou:

— Escreva-me — e então se virou.

John deu alguns passos para trás mantendo seu olhar fixo no objeto de sua adoração. Margaret tomou seu lugar em frente à tia, porém à janela para olhar para fora. Permaneceram olhando um para o outro enquanto o trem assobiava e rangia ao arrancar.

Mr. Thornton ainda permaneceu imóvel por vários minutos. Era a segunda vez que a via partir no mesmo dia. Sentia-se preso em um tipo de tragédia Grega, com os deuses rindo zombeteiramente de sua aflição. Mas então a emocionante lembrança do que havia ocorrido brilhou sobre ele. *Margaret o havia aceitado! Seria sua esposa!* Ele, um fabricante de tecidos de Milton, iria se casar com a adorável Miss Hale, de Helstone! Suspirou e fechou os olhos para permitir que a nova realidade se acomodasse em sua alma.

Hannah Thornton estava sentada,

com seus dedos habilmente movendo-se sobre a peça de seu trabalho, enquanto ela contemplava uma atmosfera pouco comum na sala. Ergueu os olhos para observar seu filho. Mr. Thornton, sentado no lado oposto, lia o jornal sob a luz que vinha da escrivaninha ao lado, e esta emitia um brilho suave sobre sua figura angular. Não sorria, mas assim mesmo ela sentia uma vivacidade em seu semblante, como se um fogo tivesse sido aceso dentro dele. O mesmo furor no olhar que ela havia notado no jantar, mas não tinha se pronunciado.

Ele pôs o jornal de lado e se encaminhou ao aparador. Pegou o decante para se servir de uma bebida, mas rapidamente largou a garrafa e caminhou

até a lareira. Permaneceu ali, olhando para as brasas brilhantes do fogo quase extinto. Depois de alguns minutos, retornou para sua cadeira e tomou novamente o jornal.

Ele estava realmente explodindo com um tipo de energia esperançosa e Mrs. Thornton sentiu seu estômago apertar por um medo desconhecido. *Mas Miss Hale estava seguramente em Londres.* Hannah imaginara que a partida da moça o lançaria em um humor escuro e impenetrável, como acontecera quando ela o rejeitara de maneira tão dura pouco tempo atrás, mas...

Quão audaciosa aquela moça tinha sido em recusá-lo! Ela nunca conhecerá outro homem mais digno que

seu John. A rejeição da garota continuava a atormentá-la.

Mrs. Thornton não poderia culpar John por sentir-se atraído pela moça. Ela era atraente de ver e portava-se com uma graça singular. John tinha se apaixonado por ela inocentemente. Mrs. Thornton se surpreendera a princípio, pois ele nunca havia dado muita atenção para tais assuntos antes. Porém, disse a si mesma que era natural que um homem fosse suscetível a um rosto bonito cedo ou tarde.

A mãe pensou que tempo e circunstância iriam ajudá-lo a se curar de sua paixão pela moça. Apesar de nunca conversarem sobre ela, Mrs. Thornton sabia que ele não tinha desistido dela.

Esperava que ele pudesse, mas admirava sua devoção apesar de tudo. Provava somente o que ela sempre soube: que seu filho tinha um coração terno, que era forte e verdadeiro.

À medida que Mrs. Thornton continuava estudando a expressão do filho, pensou ter detectado um fraco sorriso em seus lábios. Sentiu-se ainda mais desconfortável. John não estava lendo, ela sabia, mas estava absorto em seus pensamentos. Algo tinha acontecido. Mas o quê? Ela havia estado na sala com eles quando se despediram, e tentara não escutar o que falavam em voz baixa, mas, apesar disso, tinha ouvido porções da conversação e não havia percebido nada que pudesse dar a ele esperanças de tê-la

conquistado.

Mrs. Thornton desviou o olhar para sua costura. Recordou o quanto tinha ficado irritada quando John foi ao escritório, abruptamente, para buscar um presente para a moça. *Quão impetuoso ele se tornava na presença da Miss Hale!* Mrs. Thornton tinha visto o olhar do filho quando ele depositou o livro nas mãos da dama, e suspirou, pois sabia que o filho ainda a amava apesar de tudo que ela havia feito a ele.

Hannah olhou para ele novamente. Ela tinha que saber por que ele parecia tão contente.

— Alguma novidade na fábrica, John? — indagou, esperando que pudesse haver outra razão para seu bom humor.

— Humm? — ele murmurou, seus pensamentos retornando ao som da voz da mãe. Mr. Thornton teve que se esforçar para lembrar-se o que ela havia perguntado. — Nada novo — respondeu casualmente — tudo está bem, por hora. Por que a pergunta? — *Ele era assim tão legível?*, perscrutou-se. Será que a mãe poderia dizer quão diferente se sentia? Quão incrivelmente vivo e esperançoso ele estava?

Mrs. Thornton não queria mencionar o nome da moça. Não, ela não traria esse assunto à tona.

— Você me parece particularmente contente esta noite, John. Pensei que poderia ter ouvido alguma novidade — ela ofereceu como explicação.

Ela tinha percebido, John pensou sorrindo enquanto colocava o jornal de lado e se levantava.

Mrs. Thornton observou-o enquanto ele caminhava até ela. Seu corpo ficou tenso ante ao pressentimento e suas mãos gelaram. O semblante do filho reluzia com alegria e, a despeito de sua preocupação, Mrs. Thornton reconheceu, orgulhosamente, quão bonito ele estava.

— Eu estou noivo, mãe — John disse a ela com um sorriso incontrollável, mas preservando sua voz de qualquer tipo de empolgação para não exasperar sua mãe.

Hannah pasmou, sentindo suas forças abaterem-na diante de sua frustração. Ela olhou para o filho

transfigurada por um momento, tentando recuperar sua compostura.

— Como isso aconteceu? — ela protestou, um vinco surgindo entre suas sobrancelhas.

O sorriso dele se apagou enquanto levantava-se e se encaminhava até a janela.

— Eu fui falar com Miss Hale na estação — John expressou de maneira simples.

— Por quê? — perguntou, exasperada.

Mr. Thornton não a encarou, mas em vez disso olhou para a escuridão da janela.

— Tinha razões para acreditar que ela mudou de ideia.

Hannah permaneceu calada. Ela não iria bisbilhotar. Quaisquer que fossem suas razões, ele tinha estado evidentemente correto. Mas por que a moça tinha mudado de opinião? Mrs. Thornton foi rápida em julgar-se contra ela, procurando defender seu filho do comportamento inconstante de Margaret.

— E sobre aquele outro amante? — ela investiu contra ele forçando-o a confrontar a questão que tão facilmente subestimava.

John moveu a cabeça rapidamente e seu olhar penetrante caiu sobre ela. Ele estava ciente de que a mãe tentaria dissuadi-lo e permaneceu em silêncio.

— Ela ainda não explicou seu comportamento? Você precisa estar seguro

sobre suas motivações, John. Se houverem complicações...

— Eu confio nela, mãe. Isto é suficiente! — respondeu abruptamente.

Mr. Thornton virou-se para olhar para a janela novamente buscando algum consolo, mas a pergunta de sua mãe começou a se infiltrar em sua mente, reacendendo as dúvidas que tinha conscientemente deixado de lado.

A memória de tê-la visto nos braços daquele cavalheiro ainda o assombrava. O incomodava imensamente não saber quem era ele.

— E a tia dela sabe algo sobre isso? — Hannah questionou sutilmente, tentando imaginar como haviam transpirado os eventos na estação. —

Certamente ela não aprova esta decisão tão apressada!

John virou-se para responder:

— Ela tem a impressão que nós estamos noivos há pouco tempo – revelou, cautelosamente.

Hannah, espantada, ergueu as sobrancelhas. *O que aconteceu?* Ela se questionou, sua curiosidade provocada.

— Eu irei a Londres em algumas semanas para organizar as coisas – John disse a ela na tentativa de atenuar qualquer questionamento sobre as circunstâncias dos eventos daquele dia.

— Algumas semanas? – ela ecoou, surpresa de que o filho iria esperar todo esse tempo para ir até a moça.

Mas Hannah persistiu:

— Já considerou que os familiares da moça possam não aprovar? — perguntou mais suavemente, sabendo que entrara em terreno perigoso. Ela queria que o filho estivesse ciente dos obstáculos que poderia ter que enfrentar se persistisse naquele noivado.

John olhou para a mãe, seus olhos faiscando; ele não esperava que ela trouxesse à tona cada uma de suas persistentes dúvidas.

— O que está insinuando, mãe? — perguntou-lhe de maneira fria, desafiando-a a explicar.

Hannah inclinou a cabeça em um desconfortável embaraço. Ela havia passado anos infundindo orgulho e confiança em seu filho, a despeito das

difíceis circunstâncias que ele tinha suportado. Havia sido ela mesma quem sempre havia dito que um homem que era fiel a seus princípios era igual a um cavalheiro.

— Eles podem pensar que você não é um pretendente adequado – disse debilmente, ainda sem conseguir encará-lo.

John cerrou os olhos.

— Eu já pensei nisso, mãe. A senhora não tem necessidade de lembrar-me de minha posição – disse calmamente, permitindo que as palavras a ferissem.

Hannah contorceu-se intimamente por tê-lo feito sentir-se indigno e o encarou para medir o estrago que havia causado.

John estava solene e pensativo, parado no meio da sala. A mãe havia logrado roubar sua alegria, e se arrependera por isso, mas não poderia se desculpar de maneira nenhuma.

— Não falemos mais sobre o assunto esta noite, mãe – ele implorou, resignado.

Hannah concordou.

O filho caminhou até ela e inclinou-se para beijar-lhe a face.

— Desejo que tenha uma boa-noite – John tentou sorrir, mas não conseguiu.

Mrs. Thornton ergueu o olhar para perscrutar seu rosto melancólico e arrependeu-se então por haver lhe causado dor.

— Boa noite, John — disse em gentil contrição, seguindo com o olhar a figura do filho sumindo na escuridão.

CAPÍTULO III

Os olhos de Margaret se abriram para ver a cobertura branca e a trave mestra de madeira da cama de dosel. Ela não estava em casa. *Estou em Londres*, lembrou-se, preguiçosamente. A razão pela qual estava ali forçou-a a reconhecer novamente

o difícil fato de que seu pai tinha mesmo partido. Suspirando, enroscou seu corpo e levou às mãos ao rosto. Ninguém esperava que ela fosse pontual aquele dia.

Estou noiva de Mr. Thornton!, sua mente rapidamente revisou o curso dos eventos do dia anterior para assegurar a si mesma sua veracidade. Sentiu-se

envergonhada pela maneira ousada que havia falado, e esperava que Mr. Thornton não pensasse mal dela por ter sido tão atrevida, pois havia agido impulsivamente quando a tia os interrompera. Teria sido desastroso se a senhora percebesse que ele tinha vindo para propor-lhe casamento, então tinha ousado para proteger o segredo deles. Será que ele a perdoaria por sua declaração aparentemente enganosa? Margaret estava certa que sim, e sorriu quando se lembrou como ele havia se mostrado surpreso.

A jovem ansiava por escrever para ele para contar-lhe dos seus sentimentos; explicar porque tinha agido tão precipitadamente aceitando a sua proposta. Entretanto, a decência ditava

que deveria esperar até que ele escrevesse primeiro. Ela não desejava parecer tão embaraçosa, então daria a ele a apropriada consideração que era sua obrigação como homem e seu futuro esposo. Além disso, Margaret pensou quão engraçado seria o ar de desaprovação da tia se percebesse sua pressa por cartas de amor naquele momento.

Margaret sentiu uma pontada de culpa por estar pensando em Mr. Thornton quando deveria estar de luto por seu pai. Imaginava que Mr. Hale ficaria muito surpreso com sua aceitação ao pedido de seu pupilo, mas acreditava que o pai aprovaria sua decisão, pois ele tinha muita estima por seu mais brilhante aluno.

Quão alegre teria ficado ao ver a filha se casar com seu melhor amigo! Suspirou longamente pensando no que poderia ter sido.

Tia Shaw já seria um caso totalmente diferente. Margaret sabia que ela possuía visões muito tradicionais sobre posições sociais, e que consideraria o dono de uma fábrica um pretendente inadequado para sua sobrinha. Sentia-se perturbada ao pensar que Mr. Thornton pudesse ser julgado por qualquer coisa além de seu legítimo caráter. A senhora havia começado a falar sobre isso no dia anterior, no trem, mas Margaret estava realmente exausta e pedira que tal conversa fosse adiada. A tia havia concordado, mas Margaret sabia que ela

não ficaria em silêncio por muito tempo.

Por fim, ao levantar, decidiu não mencionar seu relacionamento naquele dia. Era algo ainda novo e queria tempo para contemplar calmamente esse sentimento com carinho; para pensar no que significava para ela. A jovem desejava considerar a direção que sua vida estava tomando sem as opiniões intrometidas de outros, não importando quão bem intencionadas fossem.

Edith foi a primeira a recebê-la mais tarde naquela manhã, enquanto Margaret tomava seu desjejum na sala clara e arejada.

— Bom dia, Margaret. Estava começando a pensar que você permaneceria o dia todo na cama – Edith

repreendeu-a gentilmente, ao passo que sentava-se à mesa para fazer companhia à prima. — Você parece restabelecida. Fico contente por isso — comentou. — Estou certa que será bom para você ficar aqui conosco e longe de... Milton — finalizou, hesitante em mencionar qualquer detalhe desagradável.

Margaret sorriu cordialmente para a prima, agradecida por seu afeto sincero.

— Estou contente por estar aqui, Edith. Acho que irei desfrutar a quietude e a paz. Sinto que tenho muito que refletir. Espero que você não sinta que está sendo negligenciada se algumas vezes eu preferir ficar um pouco sozinha — respondeu de forma sincera.

— Creio que irei entender — Edith

objetou, apesar de ter ficado visivelmente desapontada.

— Estou ansiosa para passar tempo com Sholto – Margaret acrescentou para abrandá-la.

A face de Edith brilhou instantaneamente.

— Oh, Sholto ama brincar com você! Você é tão boa com crianças, Margaret! – enalteceu a prima.

Margaret sorriu em resposta. *Daqui a algum tempo terei meus próprios filhos*, ela pensou, estremecendo pela emoção diante das possibilidades que lhe aguardavam o futuro. Então um repentino rubor de ansiosa inquietude tomou conta da dama por se imaginar dividindo a cama com Mr. Thornton.

Sentiu-se embaraçada, enquanto se repreendia por ser tão tola e não haver considerado todos os aspectos do casamento. Ela sabia, obviamente, que existiam certas intimidades exigidas entre um homem e uma mulher, porém sentiu-se apreensiva por admitir que não estivesse exatamente certa de que sabia o que essas intimidades exigiam.

— Margaret! — Edith exclamou com ar preocupado. — Está tudo bem? Você parece perturbada.

— Estou bem, Edith — Margaret assegurou rapidamente, recuperando-se. — Suponho que ainda esteja me sentindo um pouco deslocada — justificou-se sorrindo debilmente.

Margaret se determinou a

demorar-se em pensamentos mais confortáveis; estava certa de que suas ansiedades eram normais e certamente supérfluas. Neste exato momento ela desfrutava do suave recém-descoberto prazer de amar e ser correspondida. Sentia-se contente em saber que não estaria sozinha; e adoraria passar os dias conhecendo melhor seu noivo e sorria, pois seus pensamentos eram alegremente atraídos ao homem que havia deixado para trás, em Milton.

Mr. Thornton despertou de bruços, sua mão largada sobre a beirada de sua larga cama de carvalho. Espreguiçou-se e

logo levantou-se para fazer a barba e se vestir. Era seu antigo hábito levantar cedo e ir trabalhar, e este dia não seria diferente.

Contudo, naquele dia, o sorriso não podia ser contido. Sabia que não viveria mais em uma prisão de isolamento. Margaret Hale seria sua esposa e aquela linda e espirituosa mulher encheria seu mundo com sua presença. Seus dias nunca mais seriam comuns.

Apesar de não ter dormido bem, a princípio, pois as dúvidas que sua mãe havia levantado ecoavam em sua mente, ele finalmente encontrara paz escrevendo uma carta para ela. Recordara da sua súplica sussurrada para que a escrevesse e tinha saído da cama nas calmas horas da

manhã para sentar-se em sua escrivaninha. Inicialmente ficou apreensivo por não saber que palavras usar, mas percebeu que era muito natural e satisfatório expressar-se a ela como algo que tinha o hábito de fazer. Havia dormindo muito melhor desde então.

Enquanto atava a gravata em frente ao espelho, estudou-se por um momento e se perguntou novamente como tinha sido tão afortunado. John não se considerava dotado de grandes atrativos e não possuía as maneiras refinadas de um perfeito cavalheiro. Tinha trabalhado enquanto os outros eram educados, e também conhecera a escassez e a vergonha. E, ainda assim, havia conquistado a mão de uma dama.

Mr. Thornton balançou a cabeça descrente e se conduziu à porta. Ele não entendia os motivos, mas agradecia a Deus pelo enorme presente.

Mrs. Thornton já estava sentada à mesa do desjejum quando ouviu os passos rápidos do filho descendo as escadas. Para sua completa surpresa, John sorriu e cumprimentou-a calorosamente. Hannah observou-o enquanto ele se sentava e, em seguida, comia seus ovos com torradas sem tirar os olhos do jornal dobrado ao seu lado. Parecia que nada apagaria seu espírito naquela manhã. Sentiu uma pontada de ciúmes ao vê-lo tão feliz, mesmo considerando que ele merecia aquilo. O filho havia trabalhado duro todos aqueles anos. *Ela ficaria contente,*

disse a si mesma, se pudesse tão somente confiar na moça que possuía o coração de seu filho nas mãos.

— Já finalizou o pedido do Richard? – ela perguntou, recorrendo aos seus costumeiros tópicos de conversação, enquanto terminava de tomar seu chá.

— Ainda não, mas estará pronto até o final da semana – respondeu. — Esperemos que ele pague seu débito em tempo – suspirou, sendo forçado a descender no momento até suas preocupações financeiras que ele tentava manter sob controle. Mr. Thornton engoliu seu chá, então se levantou para sair.

Mrs. Thornton observou seu filho com orgulho. Estava contente em ver que ele ainda podia se concentrar em seu

trabalho, apesar do vívido giro dos eventos do dia anterior. Mr. Thornton, entretanto, não foi diretamente para o trabalho como esperava sua mãe. Antes de pôr os pés no escritório, John tomou uma ligeira caminhada para postar uma carta para Londres e seguiu a trilha familiar até Crampton, evocando todas as memórias agridoces da esperança, mas também de dor, enquanto atravessava aquele mesmo caminho. Ele prometera a Mr. Bell que ajudaria com os bens dos Hales e tinha agora um convincente interesse próprio no assunto como noivo de Miss Hale. Um vento penetrante soprou do cume da colina do antigo cemitério, ameaçando retirar seu chapéu, e desviou momentaneamente seus pensamentos.

John não ansiava por trabalhar com a presunçosa Dixon, mas desejava captar a atmosfera da casa dos Hale novamente. Queria sentir-se próximo a Margaret.

Dixon sentia-se grandemente aliviada por encontrar ajuda da maneira que fosse, e, portanto, recebeu Mr. Thornton com mais simpatia que ele esperava.

— Há muito trabalho a ser feito por aqui. É mais do que uma pobre pessoa pode fazer, digo ao senhor. Passei o dia inteiro empacotando as coisas de Miss Margaret que serão enviadas para Londres. Não toquei em mais nada — ela protestou, enquanto o acompanhava para as partes mais reservadas da casa.

Mr. Thornton estava ocupado, ponderando que as coisas de Miss Hale fariam somente uma jornada temporária a Londres e encontrariam, eventualmente, sua casa definitiva ali, em Milton, quando ela voltasse como sua esposa.

— Gostaria de ficar com todas as coisas que possam ter especial valor para Miss Hale — ele falou, surpreendendo-se com o olhar de suspeita da serva. — Miss Hale e eu estamos noivos. Gostaria que ela tivesse qualquer coisa da casa de seus pais que possa fazê-la feliz — informou de maneira direta.

— Casar! Peço-lhe perdão, mas não ouvi nada sobre isso e estou certa de que eu saberia. Eu vi Miss Margaret ontem, momentos antes de sua partida, e

ela não me informou nada sobre o noivado! – bufou a fiel criada, cruzando os braços de maneira desafiadora.

Mr. Thornton virou o rosto por um momento na tentativa de ignorar o desprezo e manter o controle.

— Creio que eu deva saber do que estou falando! – retorquiu, falando através de seus dentes. — Eu também vi Miss Hale ontem, antes de sua partida – ele insinuou como uma explicação.

A boca de Dixon permaneceu aberta quando entendeu que a patroa tinha se comprometido apressadamente com o mestre das fábricas Marlborough Mills. Ela certamente não esperava por aquilo.

— Agora, se você puder ajudar a selecionar algumas peças que ela possa

querer possuir, – continuou, satisfeito de ter falado claramente. — Eu gostaria de dar uma olhada para ver quais itens devem ser vendidos – John a informou, escondendo o real interesse de inspecionar a casa.

Dixon resmungou de si para si e saiu para continuar sua tarefa deixando Mr. Thornton livre para adentrar a sala de estar, sozinho. Ele apreciava o calor e o conforto que o cercavam naquele lugar. Parecia que as poltronas macias e os livros, casualmente deixados ali, convidavam a todos a relaxar e ler, ou aproveitar a companhia da família. John esperava que sua casa se tornasse como aquela quando se casasse com a moça que tinha morado ali.

Reconheceu o jogo de porcelana chinesa na mesa no canto da sala e, imediatamente, lembrou-se do primeiro sinal de desejo que havia sentido enquanto a observava servir-lhe o chá. Quão suave e adorável ela parecia na brilhante luz das velas! Suspirou e piscou para retornar ao presente. Estava determinado a ficar com aquele jogo de chá.

Finalmente Mr. Thornton subiu as escadas para inspecionar a área privada da família, seguro de que Dixon estava ocupada atendendo à preparação de seu próprio jantar. Ele havia estado frequentemente no escritório de Mr. Hale, mas, desta vez, tomou o caminho mais ao fundo do corredor para espreitar,

brevemente, os móveis encontrados nos quartos. Quando encontrou o quarto de Miss Hale, parou na soleira da porta temeroso de violar, com sua desajeitada presença, um santuário de virginal pureza e refinamento.

Examinou em reverente fascinação cada objeto ali dentro que continha alguma ligação com ela: as cortinas rosadas, a elegante penteadeira com tampo de mármore, as flores de vidro presas à parede e a simples arca de desenhos revestida de renda. Os baús que Dixon tinha arrumado estavam abertos no chão, repletos com todos os refinamentos delicados do guarda-roupa de uma dama.

Seu olhar se intensificou com interesse quando ele viu um vestido que

estava no topo de uma pilha. Era o elegante vestido que Margaret usara no jantar, meses atrás. Deu alguns passos à frente e pegou-o para examiná-lo. Tocou a seda brilhante, lembrou-se quão impressionantemente linda ela parecera naquela noite. Uma vez mais se encheu de espanto ante a concretização de que aquela mulher o havia aceitado. Nunca pensou que uma dama tão refinada poderia ser sua.

Sentia-se ainda perplexo que ele tivesse, de alguma maneira, ganho sua afeição. Desde que se conheceram, Margaret sempre lhe havia falado com duro desprezo, mas nunca tanto quanto no dia em que lhe falara sobre seus sentimentos pela primeira vez.

Agachado ali, no meio do quarto, John tornou-se consciente do fraco aroma de jasmim. Fechou então os olhos para concentrar-se na essência, o que, instantaneamente, trouxe à sua mente o trêmulo momento quando ele quase tocara levemente na jovem, enquanto fechava a porta atrás dela naquela funesta manhã. Margaret parecia tão frágil e linda. Ele tinha desejado sentir a macia pele de seu rosto; trazê-la para perto de si e reivindicá-la como sua de um modo presunçoso.

Ele roçou os dedos reverentemente ao longo da seda dobrada por um prolongado momento, antes de, lentamente, empertigar-se.

A pálida luz do dia avisou-o de

que era hora de ir embora. Olhou em torno uma vez mais antes de sair para o corredor. Dixon passou por ele quando ele chegou à sala de espera e John disse a ela, educadamente, que retornaria dentro de alguns dias.

— Então tenha um bom-dia, senhor — ela respondeu com um breve aceno e continuou seu caminho para a escadaria.

Mr. Thornton saiu e fechou a porta atrás de si. O céu aberto o despertou para seu isolamento. Margaret estava a milhas dali. Suspirou pela dolorosa solidão e, relutantemente, dirigiu-se para a casa onde seu jantar[1] o esperava.

CAPÍTULO IV

Mrs. Shaw observava Edith e Margaret com afeto enquanto as primas conversavam amigavelmente na sala da frente. Havia sido a melhor parte da semana desde que Margaret chegara a Harley Street, e ela parecia estar muito bem. A moça estava quieta e contida, mas era de se esperar, depois das terríveis provações que tinha suportado no ano anterior. Mrs. Shaw estava determinada a proteger a sobrinha de qualquer coisa que pudesse perturbar sua paz. Queria dar a ela o espaço e o tempo para deixar as memórias daquela cidade horrível para trás.

A notícia do seu noivado com o carrancudo industrial de Milton a afligira profundamente, mas mantivera silêncio ante o pedido de Margaret, pois percebera a exaustão da moça. Estava certa de que o juízo da jovem havia sido nublado pelo ambiente pouco adequado que a circundava naquela cidade. Julgava que Mr. Thornton poderia ser considerado um bom partido para uma moça de Milton; Margaret, porém, não era de sua classe. Ela não pertencia a tal lugar. Portanto, esperava que a sedução dos atrativos de Londres e a boa sociedade restaurassem o bom senso da sobrinha e influíssem nela o desejo de um marido mais apropriado.

Mrs. Shaw alentava-se pelo fato de Margaret não haver mencionado seu noivado desde sua chegada e estava resolvida a manter seu próprio silêncio sobre o assunto tanto quanto fosse possível. A menos que Margaret mostrasse interesse na questão, a tia dedicada não lhe atentaria para isto. Não havia necessidade no presente em instigar nenhuma emoção perturbadora na jovem.

Todavia, em seguida, um acontecimento simples deixou a senhora consternada: uma carta de Mr. Thornton endereçada a Margaret. Ela havia hesitado em entregar a carta naquele momento, preocupando-se de que a leitura de tal missiva solidificasse a

decisão da moça antes que houvesse tempo de considerar outras possibilidades. Mrs. Shaw convenceu-se de que não haveria mal em deixar a carta de lado por somente um dia ou dois. Apesar de tudo, sentiu que era agora seu dever proteger e guiar a filha da irmã com tudo que a sabedoria maternal lhe concedia. Mas não pretendia, porém, esquecer-se da carta.

Margaret estava contente o bastante por viver entre eles, contudo, habitava em um mundo à parte. Sua mente vagava entre as névoas de memória, um brilho de esperança e assombro. Lembrava-se dos divertidos dias de sua infância e as amargas provações de sua mudança para Milton.

Trazia à memória cada um de seus encontros com Mr. Thornton e questionava-se como seria ser beijada por ele. Mais que tudo ela recordava-se dos fugazes momentos passados na estação com ele – as palavras que ele tinha dito e a maneira como havia olhado para ela. Emocionava-se ao lembrar-se da sensação dos lábios dele em sua mão.

Margaret entesourava os privados momentos que passava em seu quarto ou no quarto do bebê. Permanecia na cama nas manhãs tentando imaginar o que Mr. Thornton estaria fazendo naquele mesmo momento. E, enquanto permitia sua mente voltar ao passado, seus

pensamentos flutuavam entre memórias de Milton e de sua infância em Helstone. Lembrava-se amorosamente dos dias da sua mocidade, quando ela tinha segurado a mão do pai, saltitando em meio às trilhas na campina quando ele fazia suas visitas frequentes pelo vilarejo.

A jovem, contudo, havia começado a se preocupar porque ainda não recebera nenhuma carta e permanecera desperta por algum tempo na noite anterior, ponderando sobre isso. Margaret tentava se convencer de que uma demora nos correios, ou às impressionantes demandas sobre ele na fábrica explicavam a falta de correspondência, mas não tinha

conseguido deixar de pensar que ele pudesse ter repensado sua decisão de se casar com ela. Talvez, sendo do tipo autoconfiante, ele a tivesse considerado muito audaciosa na estação, pois Margaret mal permitira que ele falasse qualquer coisa. Ou pode ser que tivesse pensado mais seriamente sobre seu caráter manchado. Afinal, ela ainda não havia lhe explicado sobre sua mentira e as circunstâncias da partida de Fred. Ora, ainda era possível que Mr. Thornton pensasse que ela estivesse envolvida com outro homem! Tal pensamento a perturbou tremendamente, imaginar que ele pudesse pensar tal coisa. Se eles somente tivessem tido tempo de falar um com o outro!

Margaret preocupava-se também de que Mrs. Thornton se opusesse fortemente ao seu casamento e que tivesse plantado sementes de dúvidas na mente de Mr. Thornton. Apesar de não suportar pensar nisso, estava consciente de que Mrs. Thornton não aprovara sua maneira de ser desde seu primeiro encontro. Doía-lhe ser julgada de maneira tão pouco desfavorável e a jovem estava desesperada por ganhar a sua aprovação. Margaret sorriu tristemente quando recordou que Mrs. Thornton achava que nenhuma mulher era boa o bastante para seu filho. Ela esperava que Mr. Thornton não fosse influenciado pela opinião de sua mãe sobre ela.

A jovem tentou reavivar seu espírito pela manhã, mas não pôde refrear os medos insistentes que tinham roubado seu sono reparador. Se não fosse pela espera de Edith, a dama teria permanecido no quarto por mais tempo.

A jovem Mrs. Lennox apreciava muito a companhia provida por Margaret e encontrava numerosas ocasiões de permitir que a prima passasse tempo com Sholto. Ela notou que Margaret estava um pouco mais sombria naquela manhã, mas atribuiu o fato aos altos e baixos de seu luto. Certamente, Edith recordava-se que, justamente ontem, ela havia entrado no quarto do bebê e encontrado lágrimas escorrendo pelas faces da prima,

enquanto esta segurava o menino sonolento em seus braços. Edith reconheceu devidamente sua desagradável situação e se compadeceu da moça que era solteira e agora órfã.

— Espero que você me acompanhe para visitar os Powells na próxima quarta-feira, Margaret — pediu Edith, tendo suas mãos ocupadas na seleção de tecidos que havia escolhido para seus vestidos de verão. — Você gosta desse aqui? — perguntou para Margaret, erguendo uma medida de linho creme com uma delicada estampa de pequenas flores de mirta.

— Parece com você, Edith — Margaret comentou com um sorriso cortês. — Ficaré perfeito na sua pele.

Edith sorriu alegremente.

— Eu gostaria de ajudá-la a escolher algumas roupas novas, especialmente agora que o inverno terminou. Você deve deixar todos seus vestidos desmazelados, Margaret. Eles realmente não ficam bem agora que está em Londres — ela instruiu enfaticamente.

— Isto é, quando você estiver terminado seu luto — acrescentou, com um sinal de impaciência.

— Estou certa de que você poderia me ajudar a escolher coisas adoráveis, Edith. Eu adoraria sair para fazer compras com você, se me prometer que poderei decidir — ela provocou a prima de maneira alegre.

— Claro que deixarei! — Edith

protestou. — Eu quero somente que você esteja em sua melhor aparência — ela continuou defensivamente. — Pois, afinal, você poderá em breve começar a pensar em casamento — sugeriu Edith, olhando para Margaret de soslaio.

Margaret baixou a cabeça para esconder seu sorriso aberto, então a ergueu novamente para falar:

— Temo que tenha sido um pouco reservada com você, Edith. Creio que estarei casada antes do final do ano — ela admitiu.

Edith pareceu confusa, a princípio, mas então resplandeceu com entusiasmo.

— Estou contente que você esteja aberta à ideia, Margaret. Sei de

um cavalheiro em particular...

— Não, você não entendeu — Margaret interrompeu —, eu já estou comprometida. — esclareceu o mais delicadamente que pôde.

— O quê? — Edith gritou consternada. — Mas você não falou sobre nenhum homem em suas cartas — objetou. — Oh, Margaret, quem é? Certamente você não iria se casar com algum funcionário de fábrica de Milton? — ela suplicou com desprezo, lembrando-se da simpatia de Margaret pelos operários.

Margaret manteve seu equilíbrio, mas estava intimamente ferida pelo tom condescendente de sua prima.

— Claro que não, Edith. Mas

— você deve lembrar-se de que meu noivo, Mr. Thornton, é um industrial de tecidos. Ele é o mestre de Marlborough Mills, em Milton — anunciou orgulhosamente, notando o olhar angustiado que Edith havia trocado com a mãe, que estava sentada do outro lado da sala escutando, atentamente, o desdobrar da discussão.

— Mas Margaret, você não pode se casar com Mr. Thornton! Você nem mesmo gosta dele! Você mesma disse isso em suas cartas! E você tem sido tão infeliz em Milton, como pode voltar para lá?! — exclamou Edith, recusando-se a acreditar na recente revelação de Margaret.

A moça estremeceu ao lembrar-

se de suas primeiras cartas.

— É verdade, eu não via muito que admirar em Milton, a princípio. Temo que tenha sido muito dura em meu criticismo. Provavelmente você não irá entender, mas eu tornei-me muito afeiçoada a Milton... E a certas pessoas lá — acrescentou, enquanto o rubor tomava às suas faces, deixando-as rosadas.

Mrs. Shaw levantou-se do sofá e foi ficar perto delas.

— Talvez agora seja um bom momento para discutir sua situação — ela anunciou, dirigindo-se à sobrinha.

Margaret endureceu-se ao ouvir o tom autoritário da voz da tia, mas assentiu.

— Permita-nos falar a sós por uns instantes, Edith? — Mrs. Shaw pediu à filha.

— Irei até o berçário — Edith respondeu, e, obedientemente, retirou-se da sala.

Mrs. Shaw sentou-se em frente à sobrinha armando-se para a desagradável tarefa à sua frente.

— Minha querida Margaret — começou gentilmente —, eu esperava que essa conversa não fosse necessária — suspirou.

Margaret encarou-a perplexa.

— Esperava uma vez que estivesse aqui você, eventualmente, viesse a enxergar que erro seria continuar com esse... esse arranjo —

explicitou.

— A senhora não aprova — Margaret disse sucintamente, baixando seus olhos com desânimo. Ela tinha abrigado um fragmento de esperança de que a tia deixaria seu noivado permanecer incontestável, mas agora se resignava ao fato de que ela se oporia firmemente.

— Margaret, estou certa de que você sente que seu pai teria aprovado Mr. Thornton. Entretanto, não acredito que seu pai era consciente do quão adequado é que você se case na nossa própria classe social. Você deve saber, querida, o quanto foi difícil para sua mãe estar casada com seu pai.

A moça enfureceu-se ao ouvir

seu pai ser difamado de maneira discreta, mas, ainda assim, clara.

— Creio que meu pai estimava Mr. Thornton por seu caráter e não por sua linhagem ou posição social, e eu aprendi a julgar as pessoas de maneira similar – a moça admitiu honestamente.

— Margaret! – exclamou Mrs. Shaw absolutamente chocada pela resposta brusca da sobrinha.

— Nunca conheci um homem melhor que Mr. Thornton, tia. De verdade, não conheci – ela reafirmou em resposta ao semblante consternado da tia. — Eu não acho que poderei encontrar um homem melhor em Londres. Que ele seja um fabricante em Milton decididamente não vem ao caso

– concluiu.

— É de suma importância que ele seja hábil em prover os meios para manter o estilo de vida de uma dama de sua classe! – declarou Mrs. Shaw.

— E se eu não quiser ser uma dama ociosa? – reagiu Margaret.

— O que quer dizer com isso? – exigiu Mrs. Shaw, sua face tornando-se rosada.

Margaret suavizou o tom para acalmar sua tia que estava obviamente perturbada.

— Não quero ofendê-la, tia, e não pretendo aborrecê-la, mas gostaria de decidir sobre como será meu futuro. Não tenho nenhum desejo de passar meu tempo em ocioso entretenimento.

Gostaria de ajudar a vida de outras pessoas de alguma maneira. Não posso evitar este desejo. Suponho que eu seja como meu pai nesse aspecto — explicou.

— Parece-me que você é mais semelhante a ele do que eu imaginava — observou Mrs. Shaw com desgosto. — E vejo que você desenvolveu uma atitude completamente revolucionária durante seu tempo em Milton; entre todos aqueles companheiros trabalhadores. Estou muitíssimo aflita por vê-la desprezando a herança dos Beresford com tais teorias de simplicidade. Eu somente queria vê-la confortavelmente situada em um casamento que se adequasse à sua posição. É uma surpresa que eu me

preocupe por seu futuro, Margaret, quando você escolhe ser a esposa de um comerciante? – perguntou seriamente Mrs. Shaw buscando compreensão no rosto de Margaret.

A jovem olhou por um momento para suas mãos encolhidas, ponderando em como deveria responder.

— Não é minha intenção desonrar o nome dos Beresford. Mr. Thornton conquistou uma posição muito elevada na sociedade de Milton, como um industrial de sucesso e magistrado. Ele possui os meios de prover uma vida confortável para sua família. Eu não desejo mais nada, tia Shaw. Eu não quero nada além disso. A senhora não precisa se preocupar por mim –

assegurou-lhe a moça.

— E se os negócios vacilarem ou falharem? Como você irá se virar, Margaret?

— Eu não temo dividir minha carga com Mr. Thronton. Se circunstâncias surgirem para trazer-lhe ruína, eu não tenho dúvidas de que ele se reerguerá como uma Fênix. Não há outro homem a quem eu depositaria minha felicidade e bem-estar. Tenho total confiança na habilidade dele de ter sucesso em qualquer coisa que faça e me sentirei honrada por ser sua esposa — declarou Margaret orgulhosamente.

— Acredita que está apaixonada por ele — ponderou Mrs. Shaw candidamente.

— Sim — reconheceu Margaret sem hesitação, enquanto as palavras da tia reverberavam dentro dela, surpreendendo-a novamente com sua verdade — *ela estava apaixonada por ele!*

— Margaret, existem muitas razões para se casar — começou Mrs. Shaw.

— Sim, mas eu desejo que me seja permitido casar por amor, como fez Edith — Margaret interrompeu, implorando para que a tia compreendesse.

Mrs. Shaw suspirou.

— Você sempre foi uma menina muito determinada — lembrou-se sutilmente. — Está certa de que deseja

prosseguir com esse noivado, Margaret? – perguntou, dando-se por vencida.

— Sim – respondeu a moça, em ansiosa antecipação pela concessão de sua tia.

— Então sinto que não tenho outra escolha senão concordar com sua vontade – ela reconheceu com gravidade, sabendo que seria inútil continuar discutindo com sua sobrinha.

— Oh, obrigada, tia Shaw! – Margaret exclamou excitadamente, enquanto corria até ela para dar-lhe um rápido abraço e um beijo em sua face. Mrs. Shaw sorriu de maneira contida e então se tornou séria novamente.

— Darei minha bênção com uma condição – ela anunciou enquanto

segurava Margaret pelos ombros.

— Sim, o que é? — Margaret concordou entusiasticamente.

— Que você virá até mim se tiver quaisquer reservas ou dúvidas sobre isso. Um noivado pode ser rompido sem muitos inconvenientes. Um casamento não pode — aconselhou sabiamente.

— Eu sei — Margaret reconheceu solenemente e desviou o semblante do olhar da tia.

— O que há de errado, Margaret? — questionou Mrs. Shaw, quando percebeu a repentina mudança na fisionomia da moça.

— Temo que Mr. Thornton possa estar repensando o noivado — confessou

em agonia.

— O que a fez pensar isso? — perguntou a tia, enrugando a testa em confusão.

— Ele ainda não me escreveu — respondeu Margaret, incapaz de esconder sua ansiedade.

A expressão de Mrs. Shaw relaxou e ela suspirou profundamente antes de falar.

— Margaret, você deve me perdoar, achei que estivesse agindo para seu bem — confessou de maneira apologética.

— Ele me escreveu?! — sussurrou a moça, enquanto se atinha ao significado da admissão de sua tia. — Eu estava esperando a carta. Achou que

eu não iria me importar? – Margaret questionou-a com um olhar de comiserada agitação.

— Eu sinto muito, Margaret. Eu não sabia que você estava tão apaixonada – Mrs. Shaw tentou se explicar. — Venha comigo e eu lhe darei a carta.

Quando passaram pelo quarto de Sholto, Edith correu para entender o que estava acontecendo.

— Está tudo bem? – perguntou a Margaret hesitantemente, enquanto segurava-lhe o braço para detê-la.

— Está tudo acertado. Eu irei me casar com Mr. Thornton! – compartilhou Margaret alegremente. — Por favor, fique feliz por mim! – pediu quando

notou o reflexo de desapontamento que Edith demonstrou ao ouvir a novidade. Edith assentiu e permitiu que Margaret continuasse.

Mrs. Shaw retornou ao corredor saindo do seu quarto para lhe entregar a carta. Margaret tomou-a reverentemente e observou a caligrafia no envelope, seu semblante começando a cintilar com alegre expectativa.

— Obrigada! — sussurrou, e correu para seu quarto para ler em privado.

Mr. Thornton friccionou a testa enquanto tentava entender as figuras à

sua frente. Ele tinha estado trabalhando por horas, mas logrado muito pouco. Conforme o passar do dia, ele encontrou-se com dificuldades para se concentrar, pois começou a se preocupar porque ainda não havia recebido notícias de Margaret. Doía-lhe pensar que as agradáveis cercanias de Londres poderiam tê-la feito mudar de ideia com relação à sua aceitação. Será que ela renunciaria sua afeição por Milton agora que havia sido afastada da poeira e da fumaça?

Ele se levantou da mesa e caminhou até a janela observando o pátio da fábrica. Tentou imaginar como Margaret se sentiria morando perto do barulho e tumulto do lugar. Aquilo era

tudo que poderia oferecer a ela, e só pedia a Deus que fosse o suficiente.

Será que ela realmente o amava? Esta pergunta ardia em seu coração. Ansiava por saber quais eram seus sentimentos e o que a encorajara a responder tão rapidamente no dia de sua partida. *Se Margaret somente lhe escrevesse!*

Considerou, esperançosamente, que ela poderia ter esperado antes de qualquer coisa receber notícias suas. Dessa maneira, o correio de amanhã certamente lhe traria alguma palavra dela. Sentiu que deveria achar uma maneira de parar de se preocupar e atender aos seus negócios, então tomou seu sobretudo e aventurou-se a sair.

Higgins saiu do refeitório dos trabalhadores fazendo uma varredura em cada direção, buscando o patrão. Ele não tinha mais falado com Mr. Thornton desde o dia que este saíra correndo para alcançar Margaret, mas Nicholas observara-o como um falcão todas as vezes que ele saía de seu escritório para uma de suas rondas pela fábrica. Mais de uma dessas ocasiões, Higgins tinha detectado, triunfantemente, um curioso meio sorriso na face do mestre que nunca vira antes.

Nicholas vislumbrou Thornton

no final do pátio e esperou por ele na porta.

— Patrão, entre. Coma conosco — convidou-o com sinceridade, quando ele se aproximou. Mr. Thornton parou e olhou de maneira apreciativa para Higgins.

— Eu ainda não jantei — pensou alto enquanto voltava-se para o *amigo*.

Higgins sorriu e acompanhou-o à mesa de madeira cinza para sentar-se com outros trabalhadores. Mary serviu-os rapidamente, como ela sempre fazia quando o patrão vinha para comer.

— Conseguiu alcançá-la então? — perguntou Higgins quando começaram a comer. Ele olhou descrente para Thornton, permitindo que o ruído do

salão protegesse sua privacidade.

Os cantos da boca de Mr. Thornton ergueram-se em resposta, mas ele não olhou para Higgins.

— Sim — respondeu firmemente, desconfiado da direção que a conversa iria tomar.

— Veremos Miss Hale voltando para Milton daqui um tempo? — continuou Higgins, sondando seu reticente camarada.

O sorriso de Mr. Thornton se abriu ante o insistente questionamento de Higgins. Ele saboreou a oportunidade de compartilhar suas boas-novas com alguém que ficaria feliz em ouvi-las.

— Sim, acredito que veremos —

respondeu em um tom que camuflava a alegria que sentia.

Nicholas bateu na mesa, agitando sua colher e o canecão, atraindo alguns olhares assustados em sua direção.

— Eu sabia! — declarou em voz alta, incapaz de reprimir sua alegria.

— Meus parabéns, Thornton! Você não achará uma moça melhor que ela — continuou mais calmamente.

— Claro, devo dizer que ela achou um bom partido também! — louvou o patrão com uma piscadela.

— Obrigado — Mr. Thornton respondeu, tocado pela aprovação entusiástica do funcionário.

— Se não se importar que eu diga, patrão, tinha percebido vocês dois

atrelados um ao outro por um tempo – revelou Nicholas. — Fico feliz que tenham criado juízo! – acrescentou, bem-humorado.

— O que quer dizer? – perguntou Mr. Thornton, curiosamente enrugando sua testa, confuso.

— Digo que ela estava de olho no patrão – explicou Higgins enquanto observava o quanto o mestre entendia.

Mr. Thornton balançou a cabeça não acreditando; sua expressão ainda era de alguém que não compreendia.

— Mas ela não gostava de mim... – ele gaguejou sem pensar.

— Ora, diria que Miss Hale é o tipo de moça que não deixaria o coração falar à sua cabeça. Mas parece

que ela finalmente chegou a uma conclusão – elaborou Nicholas com um sorriso astuto.

Mr. Thornton retornou o sorriso rigidamente, perdido em pensamentos. *Será que ela havia resistido aos seus verdadeiros sentimentos? Há quanto tempo Margaret sentia algo por ele?*

Ele meditou nas palavras de Higgins pelo restante do dia e durante grande parte da noite.

Margaret pôs a vela sobre a mesa ao lado da cama e subiu trazendo a carta de Mr. Thornton consigo. Ela a tinha lido incontáveis vezes durante a

tarde, entesourando cada palavra provinda dele, e tinha, imediatamente, sentado em sua escrivaninha para responder-lhe. Quão glorioso era finalmente contar a ele sobre seus sentimentos! A jovem alegrou-se ao pensar que logo Mr. Thornton saberia sobre aquele dia na estação.

Desdobrou o papel para ler a carta mais uma vez.

*“Minha querida Margaret,
Perdoe-me se não usar as elegantes palavras de um poeta para descrever meus sentimentos por você. Apesar de minha prosa parecer simples, espero que entenda que eu escrevo do profundo do meu coração.*

Não há palavras para descrever a alegria que senti quando você declarou nosso noivado perante sua tia! Seu espírito corajoso e mente rápida nunca cessam de me impressionar. Que você tenha aceitado ser minha esposa parece-me um sonho, pois eu tenho te amado por tanto tempo.

Você sabe o poder que tem de me enfeitiçar? Eu fico encantado por sua beleza e bondade. Será que me achará muito ousado se eu lhe disser o quanto anseio por abraçá-la? Na verdade, confesso que tenho que me conter para não tomá-la em meus braços sempre que estou próximo a você.

Você me dirá algo do que está em seu coração? Margaret, se você realmente será minha eu viverei em constante assombro da bênção que se apossou sobre mim. Irá escrever-me algumas palavras de afeto até que eu possa ouvi-las diretamente de seus lábios?

Penso em você em cada momento desperto, desejo ardentemente que as milhas que estão nos separando desapareçam, pois então você estará aqui comigo para sempre.

*Eu sou e eternamente serei seu,
John Thornton”*

Ela passou a ponta dos dedos

sobre sua assinatura em terna afeição antes de dobrar a carta novamente e colocá-la embaixo do travesseiro. Inclinou-se para apagar a vela, e então se ajeitou para dormir com um sorriso em seus lábios, pois sabia que a carta lhe traria doces sonhos.

CAPÍTULO V

Uma cálida brisa primaveril soprou através das janelas abertas na casa de Crampton, agitando a cortina de algodão na sala de estar, e acossando a poeira do inverno em círculos no piso de madeira. Dixon estava ocupada arranjando lençóis dobrados em uma pilha no sofá, e a sala estava entulhada de caixas com diversos artigos do lar e móveis leves de toda a casa.

A fiel empregada levantou-se para vistoriar o espaço em torno dela. Era triste rememorar tudo que havia acontecido em Milton; ver todos os pertences dos Hales amontoados,

empacotados em volta da sala e esparramados pelo corredor. Ao anoitecer, Dixon esperava ter terminado, mas pela manhã deveria limpar o piso e a cozinha. Mr. Thornton ia acertar os arranjos para a venda e mudança dos móveis maiores que permaneciam no segundo andar. As coisas que ela havia separado para Margaret estavam na sala de jantar.

Dixon meneou a cabeça ao pensar em Miss Hale residindo na casa dos Thorntons. *O que a querida Mrs. Hale pensaria dessa união?*, certamente a conexão com um mercador daquela terrível cidade iria enfraquecer ainda mais a sublime herança dos Beresford. Mas, ainda assim, a amável criada era

forçada a admitir seu respeito pelo homem que Margaret iria desposar. Mr. Thornton sempre tinha agido como um cavalheiro, e demonstrara especial consideração com sua falecida patroa durante os meses de enfraquecimento de sua saúde.

Dixon estava ansiosa para ir para Londres – ao menos até o casamento de Margaret – pois não sentia nenhum entusiasmo para viver na mesma casa que Mrs. Thornton. A senhora e o filho eram uma parelha – vestidos de preto e parecendo tão severos! Estava certa de que nunca tinha visto uma dupla de aparência mais séria e interessadas em si mesmos. *Será bom para eles terem Margaret em sua casa.* Miss Hale, na

maior parte do tempo, era uma moça alegre e traria uma boa dose de bom humor para a asfixiante atmosfera, que, na opinião de Dixon, devia impregnar a casa dos Thorntons.

A criada estava na metade do caminho até a cozinha quando ouviu uma forte batida na porta. Enquanto refazia seus passos até o corredor principal, com má vontade, tentou imaginar a razão pela qual Mr. Thornton viria àquela hora do dia.

Abrindo a porta com impaciência, ela ficou espantada por ver-se em frente a um rapaz vestindo um uniforme impecável da Marinha Real. Sua face empalideceu de terror por um breve momento, recuperando-se rapidamente na tentativa

de parecer despreocupada.

— Tenente Bexley da Marinha de Sua Majestade a Rainha – o oficial apresentou-se sem cortesia. — Esta é a residência dos Hale? – ele falou com autoridade, lançando seu olhar acima do ombro da corpulenta criada para procurar qualquer movimento dentro da casa.

— Sim, é sim – Dixon respondeu firmemente, porém desesperada na tentativa de controlar sua voz para não denunciar a tremente onda de receio vinda sobre ela.

— A Marinha está buscando o paradeiro de Mr. Frederick Hale – o tenente Bexley anunciou com grande formalidade. — Posso falar com o... Mr. Richard Hale? – ele perguntou, tendo

tirado do bolso um cartão com as informações pertinentes rabiscadas.

— Mr. Hale faleceu muito recentemente e sua esposa também, senhor — Dixon informou, arrogantemente.

— Sinto muito — o tenente expressou com solene cortesia. — Então talvez possa falar com sua filha, Miss Margaret Hale — persistiu, tendo novamente olhado para o cartão em sua mão.

— Miss Hale está em Londres. Ela não voltará aqui por um tempo — respondeu a criada de maneira evasiva, esperando evitar mais indagações sobre sua jovem senhora.

— Em Londres? Com parentes, suponho? — ele inteligentemente supôs

com um sorriso meio de lado.

— Com a família da parte de sua mãe — Dixon enfatizou de maneira insolente, observando irritada que o jovem bisbilhoteiro não podia ser mais velho que o próprio mestre Frederick.

— E quando é esperado o retorno da sua senhora a Milton? — continuou. — A senhorita afirmou que ela voltaria, não é? — perguntou ele, efetivamente encurralando-a a lhe dar uma resposta.

Dixon não tinha ideia de quando Margaret planejava voltar, e pelo menos dessa vez ela estava contente por não estar informada.

— Eu não sei quando ela voltará — respondeu honestamente com certo triunfo. — Ela está para se casar com Mr.

Thornton, de Marlborough Mills, mas isto é tudo que me foi dito. Sou somente uma empregada aqui – ela o lembrou rapidamente.

— A senhorita disse Mr. Thornton? – perguntou, sua fronte contraindo-se, recordando vagamente do nome. Examinando novamente as informações anotadas, a face do rapaz imediatamente animou-se em compreensão. — Ah, sim.. Ele é o magistrado local aqui em Milton, não é? – perguntou, encarando a criada buscando a confirmação.

— Ele mesmo – ela afirmou com uma leve trepidação na voz.

— Muito interessante – ele murmurou, seu queixo sobressaindo-se

enquanto ele estimava a conveniente coincidência. — Justamente o homem que eu gostaria de ver — determinou-se em voz alta. — Muito obrigado por sua ajuda — o jovem acrescentou ironicamente. — Tenha um bom-dia, Madame — disse ele com um rápido aceno e, abruptamente, virou-se para descer as escadas.

Dixon acenou secamente e fechou a porta antes de perder toda a compostura e começou a espremer as mãos em desespero.

— Oh, mestre Frederick! — ela lamentou em um ataque de atemorizante agonia. Apesar de sentir-se aliviada por ter desviado o oficial de perseguir Margaret por indagações, se preocupou por ter colocado Mr. Thornton no meio de

um problema de família. Mas aquilo não poderia ser evitado, afinal, logo ele faria parte da família.

Satisfeita, a criada resmungou de maneira petulante ao imaginar que o insolente jovem oficial encontraria mais do que um adversário em Mr. Thornton. Ela estava certa de que ninguém poderia intimidá-lo.

O tenente Bexley permaneceu no pátio observando os trabalhadores descarregarem uma montanha de fardos de algodão que tinha chegado recentemente. Ele já estava impressionado com a escala do empreendimento, e curioso por

conhecer o homem que gerenciava tudo aquilo. Porém, encontrar o cavalheiro era outra história. Haviam-lhe dito que a residência principal de Mr. Thornton ficava na fábrica, e agora o oficial estava esperando que um trabalhador da fábrica fosse procurá-lo. O rapaz estava ficando cada vez mais impaciente à medida que passavam os minutos.

O jovem endireitou-se quando um ancião emergiu da fábrica e caminhou em sua direção. O homem tinha um bigode, vestia um medíocre casaco marrom e um gorro – não parecia ser o administrador de uma indústria que o tenente esperava.

— Mr. Thornton? – Bexley o saudou cautelosamente.

— Não, não. Meu nome é

Williams. Sou o supervisor aqui – ele explicou desculpando-se, tirando rapidamente o gorro de maneira respeitosa. — Se fizer a gentileza de me seguir, senhor, eu encontrarei o patrão – ele ofereceu com uma breve reverência e o braço estendido apontando para a fábrica.

Uma vez dentro do salão, Williams dirigiu-se ao tenente novamente. — Aguarde aqui no escritório, senhor.

— Se me permitir, eu preferia acompanhá-lo em sua busca – Bexley solicitou, mais por interesse em ver o interior da fábrica do que pelo compromisso com o dever.

Williams concordou e guiou o

tenente através da sala dos fusos mecânicos para a porta corrediça do galpão da tecelagem. Quando as portas se abriram, Bexley permaneceu transfigurado no momento em que captou a imagem diante de si. O barulho era ensurdecedor, mas a visão do algodão flutuando alegremente no ar, como neve, deu lugar a uma etérea sensação de tranquilidade.

Bexley seguiu Williams por uma carreira de máquinas, e virando à esquina, o oficial parou quando viu o supervisor curvar-se para falar com um homem que estava agachado em frente a uma máquina de tecer, que, obviamente, não estava funcionando, com seu encarregado impotente em pé ao seu lado.

Mr. Thornton virou-se e

empertigou-se em toda sua altura, e meticulosamente baixou as mangas de sua camisa de algodão. O homem enfiou-se dentro do sobretudo sem pressa, e ergueu o maxilar saudando o homem uniformizado diante de si.

O tenente Bexley sabia, sem dúvida, que havia encontrado o chefe.

— Mr. Thornton. Posso falar com o senhor? — exclamou de maneira desajeitada tentando se fazer ouvir.

— Acompanhe-me — Mr. Thornton respondeu em voz potente, que era perfeitamente adaptada para superar o ruído das máquinas.

Indiferente aos olhares dos trabalhadores, Bexley acelerou o ritmo para acompanhar as longas passadas do

industrial, enquanto o guiava de volta pela longa linha de maquinários.

Na privacidade do escritório, Bexley começou a falar.

— Sou o tenente Bexley da Marinha da Majestade, a Rainha, senhor — anunciou de maneira formal.

Mr. Thornton sentou-se em sua mesa e ofereceu assento ao tenente com um gesto.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou, intrigado para saber o propósito da visita.

— A Marinha requer sua assistência em revelar qualquer informação que possa ter referente a um aspirante que tem sido acusado de motim. Há pouco tempo recebemos notícia de que

ele esteve nessa vizinhança no mês de outubro passado – explicou.

— Seu nome? – Mr. Thornton inquiriu, duvidando que pudesse contribuir no assunto.

— Frederick Hale – o oficial anunciou claramente, e prestou atenção buscando qualquer reação que aquele nome pudesse evocar.

— Hale? – Mr. Thornton repetiu sardonicamente, franzindo o cenho em confusão. Seu corpo ficou rijo, como se sua intuição o prevenisse de algum perigo iminente, esperando atentamente as próximas palavras que seriam ditas.

— Sim, o filho de Richard Hale, de Crampton – explicou, analisando curiosamente o Senhor do algodão.

Mr. Thornton ficou intimamente abalado ante a revelação. *Mr. Hale tinha um filho!*

Ele estava perplexo em descobrir que Margaret tinha um irmão. A família havia mantido segredo. Imediatamente, uma avalanche de imagens e lembranças de alegações inundou sua consciência. Sua cabeça girou ao entender tudo. Em meio aos fragmentos de recordações surgiu a lembrança de Margaret, parada em sua frente na casa do pai, dizendo em sua voz suave: *É o segredo de outra pessoa. Eu não posso explicar sem causar-lhe dano.* John se debateu de forma frenética para localizar corretamente aquela ocorrência na linha do tempo, e, com rapidez, lembrou-se que

havia sido outubro, logo após a morte de Mrs. Hale.

Subitamente ele distinguiu o farol da verdade iluminando com intensidade a imagem de Margaret nos braços de outro homem – *Era seu irmão!*

— Mr. Thornton – chamou Bexley, tentando ganhar a atenção do industrial.

Uma onda de alívio e extasiada alegria o envolveu, fazendo com que as comissuras de seus lábios se erguessem em um pequeno sorriso que não podia ser contido. *Ele a tinha visto nos braços de seu irmão. Não havia nenhum amante!*

— Mr. Thornton! – o tenente chamou-o mais uma vez.

Mr. Thornton voltou-se para o visitante, animando-se para discutir a

questão que tinha em mãos.

— Eu não sei nada sobre este homem — afirmou.

— O senhor quer dizer que não sabe nada sobre o irmão de sua noiva? — perguntou o jovem oficial de forma cética, tentando revelar qualquer engano da parte de Mr. Thornton.

Mr. Thornton entrecerrou os olhos.

— Meu relacionamento com Miss Hale não é de conhecimento de todos — ele afirmou em uma voz restringida, enchendo-se de ira por ter sido questionado daquela maneira.

— Fui informado pela criada da casa de Mr. Hale — Bexley propôs como explicação.

— Eu não estava ciente de que

Miss Hale tivesse um irmão — Mr. Thornton reiterou, desejando finalizar a visita o mais rápido possível.

— Acho difícil de acreditar que um homem como o senhor, um magistrado e líder da indústria, esteja ligado a tal família — comentou o tenente de maneira arrogante. — Sua noiva me parece pouco confiável — ele acrescentou desdenhosamente.

Mr. Thornton ergueu-se de forma enérgica fazendo sua cadeira cair para trás e bater contra a parede. Caminhou rapidamente em torno da mesa para confrontar o tenente, que havia se erguido em apreensiva surpresa.

— Eu não acho que seja seu trabalho emitir julgamentos sobre pessoas

que você não conhece – disse entre os dentes, sua face sombria pela raiva mal controlada. — Minha experiência me ensinou que uma pessoa não pode sempre ser responsabilizada pelas ações de um membro da família – continuou Mr. Thornton, fulminando o homem com o olhar. Tentava em vão não parecer atemorizado. — Também tem sido minha experiência que existem poucas famílias que não carregam um segredo bem guardado – finalizou, liberando o homem de seu olhar penetrante.

— Sobre sua localização – ele continuou – eu certamente não sei nada. Parece lógico supor que ele deixou o país. Que informação você recebeu para sugerir que ele esteve aqui em Milton em outubro

passado? — Mr. Thornton perguntou, curioso para saber a razão da busca ter sido iniciada.

— Recebemos uma carta de uma mulher que declarou que seu noivo foi morto tentando levar Hale à justiça. Evidentemente o homem sabia que haveria uma recompensa. É uma pena ela não ter escrito antes. Parece que ela o fez somente para inquirir se sua carta poderia ajudar a garantir uma recompensa para si — Bexley explicou.

Mr. Thornton entendeu instantaneamente que havia sido Jane quem enviara a carta, mas evitou pensar nisso para concentrar-se no que deveria dizer a seguir.

— Se realmente Hale esteve aqui

naquele tempo, estou certo de que já voltou para seu local de exílio. Eu lhe asseguro que não conheci o homem, nem ouvi nada sobre sua localização — afirmou, esperando finalizar o assunto.

— Está seguro de que ele deixou à Inglaterra? — Bexley questionou.

— Como eu disse, não sei nada sobre ele. Posso somente presumir que ele tenha fugido do país. Creio que nunca o conhecerei — disse Mr. Thornton para aplacar o tenente.

— Espero que se lembre de que o senhor jurou lealdade à Coroa, se eventos futuros o levarem a encontrar Mr. Hale... — Bexley o advertiu, mantendo o maxilar erguido.

Mr. Thornton cerrou os dentes.

— Sei muito bem onde está minha lealdade, tenente — ele logrou dizer em um tom educado.

— Tenha um bom-dia, senhor — replicou o tenente, assentindo bruscamente antes de virar-se para partir.

Mr. Thornton permaneceu de pé, depois de a porta ter sido fechada numa pancada brusca, permitindo seu corpo relaxar. *Margaret!* Se ela tivesse somente confiado nele! Ele tinha sido tão inacessível que ela não pudesse contar-lhe sobre seu irmão? Uma punhalada aguda de ódio por si mesmo o atingiu quando se lembrou como a golpeará com suas palavras cruéis, seu ciúme insensato incitando-o a buscar represália por sua amarga angústia.

Margaret tinha suportado bravamente sua ira no momento em que mais carecia de sua gentil compaixão. Ela tinha perdido sua mãe, e teve que aguentar a assustadora perspectiva de perder também o irmão. Mr. Thornton estava agradecido por lembrar que tinha sido capaz de ajudá-la, interrompendo o inquérito referente à morte de Leonards. Mas sentiu uma ponta de remorso por sua fúria cega e a fé vacilante no caráter de Margaret. Como desejava tê-la ajudado!

Estava refletindo sobre tudo que havia transcorrido, quando soou uma batida na porta.

— Entre — ele gritou, abatido.

Higgins abriu a porta e enfiou sua cabeça para olhar ao redor antes de

entrar.

— O mestre Hale está salvo? — perguntou com grande preocupação.

Mr. Thornton encarou-o de forma confusa.

— Você sabia? — questionou-o, perplexo.

— Minha Mary trabalhou para os Hales naqueles dias em que a patroa estava enferma. Ela não fala muito, mas me conta as coisas — ele explicou. — Então ele está salvo? — repetiu, olhando ansiosamente para o patrão.

— Eles sabem que ele esteve aqui quando a mãe morreu. Mas não sabem onde ele está agora — relatou. — Você sabe? — acrescentou rapidamente.

Nicholas assentiu.

— Em Cadiz, Espanha.

— Espanha? — o patrão ecoou, ponderando cuidadosamente todas as novidades. — Era melhor que tivesse ficado por lá — acrescentou gravemente.

Margaret estava desfrutando de um dia especialmente calmo na residência de Harley Street. Edith e Maxwell tinham ido a um banquete e Mrs. Shaw estava em seu quarto descansando. A jovem estava sentada confortável em um sofá azul-pastel, com as pernas dobradas, e uma pilha de livros abertos perto dela. Estava contente de ler qualquer coisa que satisfizesse seu humor, algumas vezes

escolhendo poesia ou, na maioria das vezes, lendo alguns de seus livros favoritos, os quais lia quando menina.

A moça estava entretida com o clássico *Ivanhoé*, quando o laçao anunciou que ela tinha um visitante. Levantou-se para que as camadas de seu vestido preto caíssem no chão, e passou a mão em toda a extensão da saia para ajeitar os largos vincos. Quando ergueu o olhar, ficou agradavelmente surpresa em descobrir quem era o visitante.

— Mr. Bell! — Margaret exclamou, sorrindo alegremente, precipitando-se para cumprimentá-lo. — Estou muito contente em vê-lo! — disse entusiasmada.

— Pensei em vir para ver como você estava. Animá-la um pouquinho, este

tipo de coisa – disse bem-humorado.

Quando Mr. Bell observou sua afilhada mais de perto, enrugou a testa em confusão.

— Nossa, mas você parece muito bem! – ele notou com curiosidade.

Margaret corou e baixou a cabeça timidamente antes de olhar para cima novamente, sua face rosada e brilhante de felicidade.

— Estou muito bem. Estou noiva, para me casar! – ela o informou, alegre.

— Ora! Ora! – exclamou Mr. Bell com surpresa. — Devo confessar que estou sumariamente cioso. Vejo que minha oferta para entretê-la não é requerida. Você está certamente radiante, minha querida! – ele brincou. — Quem é o

afortunado cavalheiro? Alguém que eu conheça? – inquiriu Mr. Bell com um sorriso compreensivo.

— Acredito que o senhor já deva ter adivinhado – ela o questionou, com brilho nos olhos.

— Mr. Thornton – ele admitiu com um sorriso irônico.

Margaret anuiu.

— Desejo a vocês toda a felicidade, minha querida. Formam um casal extraordinário! Ele é um bom homem. Seu pai ficaria muito satisfeito.

— O senhor acha, Mr. Bell? – ela perguntou, contente, por ouvir sua opinião.

— Sim, mas ele estava absolutamente certo de que você não

gostava do pobre rapaz – contou-lhe Mr. Bell.

Margaret olhou para baixo quando se lembrou de sua atitude para com o noivo. — Eu fui muito cruel com ele no princípio. Temo que o tenha julgado mal – ela confessou.

— Certamente. Ele é um homem muito reservado. É difícil se aproximar dele – reconheceu Mr. Bell. — Acredito que você fará muitíssimo bem a ele. Ao menos espero que ele não fique fazendo cara feia no futuro – salientou, com um lampejo nos olhos. — Quanto à mãe dele, acho que é um caso quase impossível – disse ele, com uma piscadela.

— Mr. Bell! – ela protestou sorrindo.

— Bem — Mr. Bell começou a falar mais seriamente — pensei que você gostaria de escapar de seu presente confinamento por um momento, para apreciar um pouquinho de cultura. Disseram-me que a Sociedade Harmônica Sagrada é absolutamente magnífica — ele informou. — Gostaria de acompanhar este velho excêntrico em uma noite no Strand?

— Mesmo? Faz tanto tempo que não vou a um concerto. Adoraria ir — Margaret respondeu entusiasmada.

— Está bem, então está acertado — respondeu quando Margaret lhe deu um sorriso apreciativo.

Mr. Thornton fechou a porta do escritório atrás de si e se dirigiu à sua casa no pátio poeirento. Não haveria mais entrega dos correios naquele dia e ele ainda não recebera notícias de Margaret. Começou a sentir um leve incômodo no estômago. Acreditava que Margaret já deveria ter recebido sua carta naquele momento. *Por que ela não respondeu?*, ele se perguntava, dolorosamente, lembrando sua súplica escrita para que revelasse seus sentimentos.

John queria acreditar que sua tia pudesse tê-la impedido de escrever, que de alguma maneira houvesse sido frustrada em suas tentativas de comunicar-se com ele. Apesar de que lhe enchia de temor pensar que os parentes de Margaret

não o aprovassem, era confortador acreditar que suas intenções não houvessem mudado. Certamente, ele pensou, Margaret já chegara à maioridade, e era capaz de tomar suas próprias decisões.

Ele não queria fixar seus pensamentos em qualquer outra razão para o silêncio de Margaret. A possibilidade de uma mudança nos sentimentos dela ameaçava paralisá-lo de medo. E se ela preferisse viver em Londres? Talvez os parentes a tivessem persuadido de que lá ela poderia encontrar um pretendente melhor; ou tenha se recuperado do choque da morte do pai e chegado a conclusão que suas afeições por ele era casuais e passageiras. A contemplação de tais

ideias se apoderava dele com uma dor tão grande que sentiu faltar-lhe o ar. Como sobreviveria se ela o recusasse novamente? Sentia que seu coração ainda não havia se curado do golpe da rejeição naquele fatídico dia, ocasião em que ele tinha falado de seu amor pela primeira vez.

John forçou-se a considerar, em vez disso, a notícia sobre o irmão de Margaret. Enchia-lhe de esperanças saber que ela não havia amado a nenhum outro homem, como presumira de maneira estúpida. A surpresa por descobrir que Margaret tinha um irmão havia aumentado seu anseio por falar com ela, e Mr. Thornton decidiu que deveria ir a Londres para assegurar-se que Mr. Hale

permanecia seguro na Espanha e preveni-la do iminente inquérito.

Embora conhecesse a verdadeira razão de sua ida, ele não podia mais viver a tortura daquele estado de limbo, preso entre a ansiosa esperança e o completo desespero. Precisava saber que seu futuro estava seguro, que Margaret voltaria para morar em sua casa e compartilhar sua cama. Precisava se certificar que ela o amava.

Enquanto entrava na sala de jantar, ele desatou a gravata. Havia sido um dia extenuante e anelava por ser libertado de todas suas ansiedades.

Mrs. Thornton entrou na sala pelo outro lado, vinda da cozinha, onde tinha dado instruções adicionais à cozinheira.

— Chegou cedo em casa — ela pontuou, fitando-o apreensivamente.

— Foi um longo dia — respondeu, debilmente, encaminhando-se para a poltrona confortável na sala de estar.

— Está tudo bem? — questionou a mãe, observando-o atentamente enquanto se sentava. — O que o homem da Marinha queria? — perguntou, recordando do estranho que tinha procurado pelo filho mais cedo naquele dia.

Mr. Thornton olhou para ela intrigado.

— Ele veio até aqui e perguntou por você — disse Mrs. Thornton, respondendo à questão não proferida.

Mr. Thornton suspirou longamente.

— Ele estava procurando por um

homem acusado de organizar um motim – iniciou lentamente.

— Aqui? Em Milton? Você pôde fornecer qualquer ajuda ao caso? – perguntou com grande interesse.

Mr. Thornton olhou para sua mãe e inspirou profundamente.

— O homem que ele procurava é o irmão de Margaret – revelou.

Mrs. Thornton deixou-se cair em uma cadeira e encarou seu filho desnorteada.

— Irmão? – repetiu sem acreditar.

— Ele está na Espanha agora, mas veio a Milton para ver a mãe antes de sua morte – continuou Mr. Thornton, concedendo a sua mãe a chance de ponderar sobre o que havia dito.

Mrs. Thornton olhou vagamente para o carpete, com o cenho franzido, concentrada. Após um momento, ergueu a cabeça para encarar o olhar perscrutador de seu filho com uma expressão de súbito entendimento.

— O homem na estação — ela pensou alto — era seu irmão.

Mr. Thornton deu-lhe um sorrisinho compreensivo.

Mrs. Thornton ficou em silêncio por alguns minutos, recordando, com remorso, das palavras fustigantes que usara contra Margaret pela indiscrição a qual se expôs. Ela sentiu uma pequena dose de compaixão pela moça. Mrs. Thornton reconhecia agora que Margaret havia resistido à censura indevida por

causa de seu irmão. Sentia-se impelida a conceder crédito à garota por sua força e graça sob circunstâncias tão difíceis, e discerniu que a jovem tinha a capacidade de ser confiável e verdadeira.

— Eu a julguei mal, John — Hannah expressou como um pedido de desculpas ao filho, incapaz de encará-lo diretamente enquanto falava.

Mr. Thornton estava grato por sua admissão, mas permaneceu em silêncio.

— Decidi ir para Londres — anunciou calmamente, esperando que sua mãe entendesse.

Ela olhou para ele.

— Quando? — perguntou.

— Amanhã! — respondeu. — Não quero esperar mais para acertar as coisas

– ele explicou.

— Você está inseguro? – Mrs. Thornton avaliou, discernindo um desconforto em sua voz. Ela sentiu compaixão pelo filho. John havia sofrido muito desgosto em sua busca pela mão de Margaret, e agora que havia recebido seu consentimento, circunstâncias desfavoráveis ameaçavam questionar sua confiança em adquiri-lo.

Mrs. Thornton desejava tranquilizá-lo, mas ainda possuía reservas sobre a prudência em escolher tal esposa. Hannah nunca havia conhecido uma moça tão impetuosa e teimosa quanto Margaret Hale, nem uma mais independente e orgulhosa. Incomodava-a o fato de que John subestimasse as faltas da garota

como inconsequentes. De fato, ele parecia admirar a moça por causa delas. Ele não previa quão rebelde ela seria como sua esposa? Seria muito melhor que procurasse uma moça que respeitasse sua autoridade, possuísse maneiras mais dóceis e tendências femininas para ajudar a manter a respeitabilidade que ele merecia como proprietário de Marlborough Mills.

Mas John não mudaria de ideia. Ele queria Margaret como sua esposa e lhe cabia aceitar a decisão do filho a esse respeito. Tinha sido seu dever e privilégio todos aqueles anos apoiar um filho tão bom como ele em todos seus esforços pelo sucesso, e Hannah não queria ficar em seu caminho agora.

Era mesmo possível que Margaret tivesse verdadeiramente mudado seus sentimentos por seu filho? Ela o amava? Mrs. Thornton não poderia saber ao certo até que pudesse ver como a moça o tratava com seus próprios olhos. Mas a senhora considerou que, como era claro que Margaret não tinha outro amado, seu motivo para casar-se com John parecia genuíno. Que a moça tenha escolhido a Milton, quando poderia permanecer em Londres, deu a Mrs. Thornton razão para acreditar que Margaret pudesse mesmo ter se apaixonado por seu filho.

— Está certo você ir a Londres — disse firmemente. — Dará ocasião para que Margaret lhe explique tudo. Vocês não tiveram tempo para conversar um com o

outro – declarou-lhe, suscitando um olhar surpreso da parte dele, porém grato.

— Você tem um anel para ela? – questionou, lembrando-se de algo que vinha pensando.

Mr. Thornton pendeu a cabeça desencorajado.

— Não. Pensei que teria mais tempo.

— Fique aqui. Talvez eu possa ajudá-lo – informou-lhe, e foi para o andar de cima.

Quando Mrs. Thornton retornou, entregou ao filho uma pequena joia.

— Foi o anel de noivado de sua avó. Pertencia à mãe de seu pai, Sophie Thornton – contou-lhe, quando ele gentilmente tomou o anel de sua mão,

examinando-o atenciosamente com reverência. O anel possuía uma safira oval, na cor azul, contornada dos dois lados por um grupo de pequenos diamantes. A borda e a aro eram delicados fios de ouro.

— Sua avó tinha olhos azuis, como seu pai – recordou em voz alta. — E, pelo que me lembro, ela mesma era um pouco temperamental – disse, sorrindo candidamente para o filho.

Mr. Thornton ficou sem palavras por alguns minutos.

— Obrigado! – ele conseguiu dizer enfim. — Será que ela vai gostar? – perguntou com um anseio infantil por convicção.

Uma onda de terna afeição

invadiu-a quando viu sua profunda necessidade de ser amado. Hannah orava fervorosamente que ele encontrasse sua felicidade, mesmo que sentisse uma fisgada de ciúmes por saber que ele não a buscaria para aquilo. Esperava que a moça o amasse como ele merecia ser amado.

— É lindo, John — ela afirmou como uma questão trivial. — Se ela verdadeiramente o ama, se sentirá honrada por usá-lo — prometeu a ele.

Mr. Thornton encarou a mãe para determinar sua sinceridade, e então olhou novamente maravilhado para o objeto em sua mão.

Margaret estava extasiada. Os melancólicos tons flutuantes do tenor solo falaram a ela sobre provações e as perdas que acossavam a família humana. Uma lágrima aleatória deslizava por seu rosto, quando era levada a lembrar-se de suas próprias tristezas. E quando o coro e a orquestra elevaram-se, ao máximo, às gloriosas alturas de louvor ao Criador, ela sentiu sua alma encher-se de admiração ante a bondade de Deus para os homens. Ela jamais se sentira tão comovida por uma música antes.

Mr. Bell apreciou imensamente o concerto, mas encontrou ainda mais deleite em observar o efeito da música em Margaret. Ele percebera seus olhos

úmidos e delicados movimentos de seus lábios, e havia ficado fascinado ao ver sua face radiante de júbilo diante das poderosas notas do coro.

Quando silenciou o último acorde majestoso, os dois se uniram ao caloroso aplauso. Margaret voltou-se para sorrir de maneira radiante, em agradecimento.

Mr. Bell estava profundamente impressionado – Margaret era realmente a mulher mais extraordinária que ele jamais tivera a oportunidade de conhecer. Mr. Thornton era mesmo um homem de muita sorte, e estava absolutamente convencido que ter conquistado o coração de Margaret tinha sido seu maior êxito.

CAPÍTULO VI

O som ritmado e o movimento estável do trem lentamente conduziram Mr. Thornton a um sono reparador. O descanso era imprescindível, pois na noite anterior estivera deitado, acordado por horas, concebendo numerosas perspectivas para seu iminente encontro com Margaret, e ainda tinha levantado muito cedo para tomar o primeiro trem para Londres.

Despertou de seu cochilo para encontrar o olhar observador de um jovem rapazinho à sua frente. John, sempre muito sério, dessa vez sorriu-lhe gentilmente, e o menino retornou-lhe a gentileza antes de

voltar sua atenção à janela.

Tomou o relógio de bolso de seu pai para determinar o horário. Estava passando das dez horas. Dentro de uma hora estaria em Londres. Seus nervos formigavam ao pensar que, em breve, descobriria seu destino. Será que Margaret o receberia com ávido contentamento ou ele iria se deparar com suas outrora maneiras gélidas de civilidade ensaiada?

Se ele, ao menos, soubesse por que ela não lhe escrevera! Preocupava-o que sua família pudesse tê-la persuadido a liberá-lo de suas obrigações. Agora que ela estava órfã, com o irmão distante, e não tinha outro parente masculino para cuidar dela, Mr. Thornton sabia que, pelo

costume, melhor seria que estivesse seguramente casada, e que ela havia tacitamente o designado como seu protetor quando anunciara o noivado. Como ele ansiava cumprir esse papel e desposá-la assim que possível! Se ela realmente tinha alguma afeição por ele, esperava que ela não fosse convencida a deixá-lo por algum cavalheiro londrino. Mr. Thornton faria qualquer coisa para assegurar a promessa dela; não permitiria que opiniões de outros ficassem no caminho deles. Sobretudo se recusava a perdê-la novamente.

O trem cruzava uma campina. Flores salpicavam o lustroso gramado e o aroma fresco da primavera permeava o ar. Não havia nada em Milton que se

comparasse àquele singelo espetáculo da natureza. Este pensamento o golpeava com sua verdade inegável. Quão natural parecia imaginar Margaret crescendo neste amplo verdor! Ele seria tão egoísta em manter uma flor tão linda em Milton para iluminar seu próprio mundo incolor?

Se John fosse um aristocrata, poderia oferecer a ela uma mansão no campo a qual imaginava ser seu lugar. Mas sua vocação era a indústria, e não podia escapar do confinamento da cidade. Será que Margaret poderia encontrar felicidade em tal lugar? A antiga questão varria sua mente trazendo-lhe dúvida.

Lembrou-se, com uma centelha de esperança, que ela confessara que seu coração pertencia a Milton. Lembrou-se o

tremor que o havia atingido quando escutou aquelas palavras pela primeira vez. Sua maior esperança era que ela quisesse ficar com ele. Ainda estava atônito pela maneira como ela anunciara o noivado em frente à tia. Estremecia-se ao lembrar o modo pelo qual Margaret olhara para ele na estação e orava para que, em breve, recebesse aquele olhar novamente. *Será que Margaret estava realmente apaixonada por ele?*

Lembrou-se do beijo que deu em sua mão e a maneira surpreendente como a moça tinha recebido o toque de seus lábios! Suas esperanças alçavam perigosas alturas ao imaginar que Margaret poderia receber alegremente suas mais ardentes atenções. Há muito

tempo sonhava como seria beijá-la, e sentiu uma onda de euforia ao pensar em, finalmente, depositar um beijo em seus lábios.

Ela era tão linda! Não conseguia parar de pensar nela dia e noite. Por meses, ela tinha perseguido seus sonhos com elusivas imagens de súplica amorosa. Mas agora que prometera ser sua esposa, sua visão era ainda mais vívida, mais real.

Seus pensamentos imediatamente se voltaram para os eventos do dia anterior. O choque por descobrir que ela tinha um irmão havia diminuído, e ele podia agora avaliar mais profundamente como as consequências daquele segredo tinham afetado Margaret.

Sentiu tremenda compaixão quando se lembrou de quão fielmente ela havia mantido o segredo do irmão. Quão solitária e quanto medo deve ter sentido pela segurança de seu irmão durante a disputa com Leonards na estação. Mr. Thornton lamentou por não estar lá no momento certo. Se tivesse, talvez pudesse ter ajudado de alguma forma. Em vez disso, ele estava indignado ao recordar-se de que tinha saído da estação consumido por um enfurecido ciúme e pelo orgulho ferido.

Quanto tempo tinha perdido, agonizando sobre toda aquela cena! Ele tinha lutado vigorosamente com a indecência exposta de Margaret, e havia sido incessantemente atormentado pela

ideia de ela amar outro homem. Estivera tão cego por seu ciúme insensato que não pôde discernir a verdade.

Doía-lhe pensar o quanto suas palavras irascíveis aumentaram a carga de isolamento e paciência que Margaret tivera que suportar. Como desejava ter sido um companheiro para ela em seu sofrimento; que Margaret tivesse sentido que poderia chegar-se a ele como um refúgio seguro contra mares tempestuosos.

Jurou que Margaret nunca mais iria enfrentar as provações da vida sozinha. Ele faria tudo dentro de seu poder para protegê-la e confortá-la. *Nenhuma mulher seria mais querida ou amada*, prometeu. Ansiava somente saber se a jovem aceitaria o seu amor.

Margaret tomou seu desjejum tarde, recordando com alegria do grande concerto da noite anterior. Tinha ficado completamente esgotada por ter se retirado tarde na noite anterior, mas sentia-se renovada.

A calorosa luz do sol penetrava através das janelas da sala de jantar criando uma radiante figura de retângulos alongados no carpete oriental. Prometia ser um lindo dia que chamava a jovem para gozar a natureza.

Finalmente, Margaret juntou-se a Mrs. Shaw, Edith e Maxwell na sala.

— Bom dia — saudou a todos

alegremente.

— Como foi sua noite no Strand, Margaret? — Edith perguntou, curiosa. — Faz muito tempo que eu mesma não vou lá — pontuou em voz alta, dirigindo um discreto olhar ao marido como uma sutil indireta.

— Foi absolutamente maravilhoso — Margaret disse entusiasmada, sua face expressando seu deleite.

— Estou feliz que tenha aproveitado seu passeio, Margaret — comentou Mrs. Shaw. — Foi muito gentil da parte de Mr. Bell visitá-la num momento como este.

Margaret concedeu com um sorriso e sentou-se na pesada poltrona estofada do lado oposto a Edith e

Maxwell. Pretendia ler um pouco, mas com o passar da manhã, tornou-se impaciente e sentia-se incapaz de se concentrar no livro. — Parece estar adorável lá fora hoje. Acho que devo dar uma pequena caminhada — ela anunciou, levantando-se.

— Sozinha? — perguntou Edith com um olhar de preocupação e surpresa.

— Não irei muito longe, só gostaria de apreciar o ar fresco e olhar para o céu atipicamente aberto.

— Maxwell, não pode acompanhá-la? — a otimista Edith solicitou ao marido. O Capitão Lennox tinha acabado de se levantar, aquiescendo a solicitação de sua esposa, quando seu irmão entrou na sala.

— Mr. Lennox — Margaret cumprimentou Henry gentilmente, um traço de desconforto em sua voz.

— Margaret, sinto muito por saber de seu pai. Minhas sinceras condolências — disse Henry Lennox com a solenidade apropriada.

— Obrigada, Mr. Lennox — ela respondeu cordialmente.

— Talvez Henry possa acompanhá-la em sua caminhada, Margaret — Edith sugeriu prontamente. — Margaret estava de saída para um passeio, Henry — ela explicou para o cunhado.

Henry sorriu ante a possibilidade.

— Será um prazer — ele expressou de forma galante.

— Muito bem! — Margaret

respondeu com um sorriso educado, e eles se encaminharam para a porta.

— Henry não sabe sobre Margaret, sabe mãe? — Edith perguntou com preocupação quando os dois partiram. A moça havia desejado que Margaret viesse a interessar-se por Henry enquanto estivesse em Londres, e ainda estava desapontada com os planos de sua prima.

— Não, não sabe — respondeu Mrs. Shaw de maneira singela. — Talvez ela mesma conte a ele — sugeriu, sem sorrir.

Do lado de fora da casa, Henry e Margaret caminhavam silenciosamente lado a lado pela avenida, mantendo uma pequena distância entre eles. Margaret

estava feliz por estar sob a luz do sol, e relaxou um pouco enquanto olhava ao redor.

— Você esteve viajando – ela comentou com uma cadência em sua voz, preenchendo o silêncio entre eles.

— Sim, tive alguns negócios em Edimburgo – respondeu Henry. — Cheguei somente ontem – acrescentou.

— Foi uma longa jornada. Gostou das paisagens? Já me disseram que são adoráveis – Margaret perguntou.

— Suponho que sim, mas temo não ser o tipo de pessoa que aprecia a natureza da mesma maneira que você – Henry elogiou-a, esperando por sua resposta.

Margaret evitou seu olhar,

sentindo-se um pouco perturbada pelo tom entusiasmado.

— Eu costumava pensar que todos apreciavam o ar livre como eu. Ou, ao menos, que deveriam, se lhes fosse dada a oportunidade – ela admitiu.

— Deve estar contente então, de não morar mais em Milton. Não existem lá belezas que recomendem o lugar – ele observou.

— É verdade que não existem muitos campos e bosques lá, mas eu percebi que havia outras coisas para serem apreciadas – Margaret disse-lhe, indagando como poderia dar-lhe a notícia.

— Oh! – exclamou Margaret de repente, desequilibrando-se e balançando-se precariamente.

Henry moveu-se para frente para firmá-la, agarrando firmemente o antebraço da moça.

— O que foi? — perguntou, alarmado.

— Creio que meu salto ficou preso entre os pavimentos — explicou ela enquanto tentava livrar seu pé da cilada. — Oh, Deus! — exclamou exasperada. — Meu salto quebrou — anunciou, dando alguns passos para frente para revelar o pedaço do salto que ficou preso entre as pedras.

Henry inclinou-se para retomar o pedaço, balançando para soltá-lo e guardou-o em seu bolso.

— A senhorita está bem? — perguntou com preocupação. — Posso

chamar um coche?

— Não, estou muito bem, somente um pouco exasperada. Não andamos muito longe, estou certa de que posso manejar voltar para casa – assegurou-lhe com um fraco sorriso.

— Permita-me escoltá-la – ele respondeu, oferecendo seu braço com um sorriso satisfeito.

— Obrigada – respondeu a moça polidamente, tomando seu braço.

Margaret se empenhou para conduzir-se com alguma graça, enquanto retornavam para a casa de Harley Street.

Mr. Thornton estava contente por

escapar do tedioso confinamento do vagão. Era revigorante utilizar suas longas pernas para trazê-lo mais perto de seu objetivo. Ele tomou seu caminho rapidamente pelas ruas da cidade, com a maleta na mão, até Harley Street.

A promessa das doces afeições de Margaret, expressada na terna troca de olhares e palavras suaves, aligeiravam seus passos e apoiavam suas esperanças. A ideia de tocá-la, de finalmente reclamá-la com seus braços e lábios, inflamava sua paixão. Ao aproximar-se de seu destino, os cantos de sua boca começaram a curvar-se para cima, em um sorriso incontrolável.

Quando dobrou a última esquina, seus olhos focaram um casal a uma curta

distância à sua frente. A dama estava apoiada em seu companheiro em uma maneira consideravelmente chamativa. John congelou quando a reconheceu – era Margaret. Enquanto o par virava para entrar numa curta passagem para a casa, ele capturou um vislumbre do homem que a acompanhava. Era jovem e elegantemente vestido. Mr. Thornton observava-os impotente; ouviu a voz grave do cavalheiro, seguida pela adorável risada de Margaret.

Cambaleou devido ao inesperado golpe daquela visão e segurou num portão de aço forjado para acalmar-se. Uma lenta e nauseante sensação subiu de seu estômago quando pensou na maneira confortável como Margaret apoiava-se em

seu acompanhante. Seu coração contraiu-se ao lembrar-se do som doce da sua risada. Como ele sonhara em ser o beneficiado daquele cativante presente!

John se perguntava se teria sido tão facilmente substituído. Sentiu como se o mundo estivesse desabando em torno de si, enquanto seus sonhos eram destruídos. Sua respiração tornou-se acelerada e irregular, à medida que se esforçava para pensar no que deveria fazer. Sentia-se tentado a ir embora, retornar para lugar a que ele pertencia, para que nunca mais tivesse que vê-la novamente. Mas sabia que devia encarar seu destino de frente. Tinha vindo para determinar se Margaret seria fiel à sua palavra e não iria partir até que ouvisse dos lábios dela a sua

sentença.

Munido de sua resolução, Mr. Thornton largou o portão, endireitou-se, e caminhou determinadamente para a porta e bateu. O laçao pediu que entrasse no átrio principal quando leu o cartão do cavalheiro.

Henry Lennox, contudo, quando ouviu a voz grave de Mr. Thornton, ficou intrigado pela presença do industrial de Milton ali, naquela casa em particular.

— Mr. Thornton, o que o traz a Londres? — perguntou Mr. Lennox com um cumprimento formal, estendendo sua mão.

— Mr. Lennox — Mr. Thornton reconheceu com cautelosa educação, incapaz de permitir um sorriso além de um leve movimento facial enquanto,

relutante, mas firmemente, apertava a mão do cavalheiro londrino.

— O que o traz a Londres? — Henry perguntou novamente, curioso, conduzindo Mr. Thornton à sala de visita dos fundos onde poderiam conversar privativamente.

— Tenho alguns assuntos pessoais a tratar com Miss Hale, relacionados aos negócios de seu pai — respondeu, recusando-se a revelar qualquer coisa sobre seu verdadeiro propósito.

— Entendo — Henry disse de maneira arrastada, observando Mr. Thornton de forma suspeita, enquanto lhe oferecia o assento. — Diga-me, Mr. Thornton, como estão os negócios em Milton? — perguntou com um sorriso

malicioso.

Margaret havia acabado de trocar seus sapatos, estava descendo as escadas para reunir-se à família, quando foi surpreendida pelo conhecido tom aveludado do sotaque de Darkshire que vinha da sala de estar. *Ele está aqui!*, seu estômago agitou, e a jovem estremeceu ao ouvir sua voz. Um afetuoso sorriso encheu seu semblante enquanto caminhava pelo corredor.

Os dois homens levantaram-se de suas cadeiras.

— Margaret — Henry recebeu-a alegremente. Mr. Thornton ergueu o queixo, seus olhos observando-a friamente. Ele não sorriu.

O coração de Margaret afundou e

seu sorriso desapareceu ao ver seu rosto austero. *Ele não estava feliz em vê-la.* A moça começou a temer ao pensar que ele tinha mudado de ideia. Margaret olhou sem expressão para o piso, tentando manter sua compostura.

— Mr. Thornton estava me dizendo que a economia de Milton não se recuperou totalmente depois da desditosa greve do verão passado — Mr. Lennox comentou de maneira simplista, consciente da estranheza no comportamento de Margaret.

— Se puder nos dar licença, Mr. Lennox, tenho alguns assuntos privados para discutir com Miss Hale — solicitou Mr. Thornton, educadamente, em uma voz contida que mal velava sua impaciência e

com os olhos paralisados em Margaret.

Henry olhou para Margaret buscando assentimento.

— Está tudo bem, Henry — assegurou-lhe, sorrindo fracamente.

Mr. Lennox encarou cautelosamente seu rival antes de deixar a sala.

Mr. Thornton aproximou-se de Margaret, tocando nela de leve quando cruzou a sala para fechar a porta.

— Conhece Mr. Lennox há muito tempo? — perguntou ele sem rodeios.

Margaret não se moveu, mas segurou a respiração quando John passou por ela novamente.

— Sim, há alguns anos. Conhecemo-nos um pouco antes do

casamento de Edith e do Capitão Lennox – respondeu de maneira submissa.

— Você gosta da companhia dele?
— John continuou, cerrando seus punhos involuntariamente.

— Acho que sim. Por que pergunta isso? – interrogou a jovem de maneira perplexa, enfim erguendo o olhar para examinar sua face.

— Eu vi vocês caminhando momentos atrás. Pareciam... muito próximos – ele disse, sua voz contida por um ciúme tempestuoso.

Margaret estava pasma por estar sendo acusada, e sentiu acender dentro de si a chama de justificada ira. Incrédula, ela o encarou, percebendo quão severo e formidável aparentava, enquanto

permanecia olhando para ela. Mas quando refletiu um pouco, todavia, Margaret viu a dor que John tentava esconder em seus olhos, e a tristeza que revelava o anseio para ser salvo daquela torturante especulação. Ele estava com ciúmes de Henry! Margaret lamentou, quando entendeu quão pouco ele devia saber sobre seus verdadeiros sentimentos. Sentiu uma terna compaixão brotar em seu coração por tudo que ele suportara em seu amor por ela, tanto no passado quanto no presente. Seu maior desejo era desfazer toda confusão.

— Eu posso explicar — Margaret começou a falar gentilmente. — Entenda, enquanto caminhávamos, o salto da minha bota soltou, o que tornou complicado o

simples ato de andar. Achei melhor apoiar-me em Henry – explicou. — Sinto muito se aparentou uma indiscrição. Não desejava desonrá-lo – acrescentou mansamente, olhando para baixo.

Mr. Thornton estava impressionado por sua maneira conciliatória, o que reanimou sua esperança. Sentiu uma fincada de ódio por si mesmo por vê-la expressar remorso pelo que lhe pareceu agora uma ocorrência inocente. Ela não merecia suas acusações ciumentas!

John deu um passo para mais perto dela, fazendo-a olhar para ele.

— Margaret, me perdoe. Não tenho feito mais nada a não ser pensar em você desde que partiu. Não tivemos a

chance de conversar um com o outro. Queria notícias suas, e como você não escreveu...

— Eu escrevi a você! — Margaret exclamou, enquanto dava um passo em sua direção. — Não tinha recebido sua carta até dois dias atrás, mas respondi — jurou honestamente.

Uma enxurrada de jubiloso alívio inundou-o quando entendeu que Margaret não o havia esquecido, e estremeceu ante sua ansiosa confirmação.

— Sobre o que escreveu? — ele perguntou, sua voz erguendo-se um pouco acima de um sussurro.

Margaret sorriu suavemente e deu outro passo adiante.

— Eu disse o quanto apreciei sua

carta! — disse ela, gentilmente, observando suas feições.

— Margaret! — sussurrou ele, roucamente, admirado por sua simples revelação.

— E o pedi que perdoasse pelo meu comportamento imprudente na estação... — ela hesitou e continuou — e disse que temia perdê-lo. Eu já fui tola o bastante para afastá-lo uma vez... Eu não poderia deixá-lo partir novamente sem que soubesse a profundidade dos meus sentimentos — confidenciou Margaret, analisando seu semblante para ver se ele tinha compreendido.

— Margaret! — exclamou John, com um tremor de emoção. — Você disse uma vez que não gostava de mim —

recordou-a, buscando a verdade em seus olhos.

A jovem abaixou a cabeça, envergonhada por lembrar suas duras palavras.

— Eu não gostava do que pensava que você era — confessou, incapaz de encará-lo. — Eu não o conhecia naquele tempo — disse tranquilamente, e voltando seus olhos enternecidos para ele.

— E agora? — perguntou Mr. Thornton, movendo-se ainda para mais perto dela, enquanto estendia a mão para tocar o rosto de Margaret. Seus dedos gentilmente acariciaram sua face sedosa, em pungente desejo, enquanto seus olhos bebiam em sua beleza feminina.

— Tenho uma excelente opinião

sobre você — Margaret estremeceu, encostando mais o rosto em sua mão.

Mr. Thornton segurou os braços dela, seus olhos examinando sua face intensamente.

— Você me ama, Margaret? — perguntou de forma urgente, desesperado para ouvir sua declaração.

— Sim — Margaret respondeu imediatamente, instintivamente desviando os olhos. No instante seguinte, resolveu não mais esconder seus sentimentos, e retornou o olhar. — Eu te amo, John! — admitiu livremente, submergindo na profundidade de seus olhos azuis.

Mr. Thornton rapidamente envolveu-a em seus braços, unindo-a a ele.

— Margaret! — disse ele, roucamente, encostando o rosto em seu cabelo cheiroso. A alegria de, enfim, ouvi-la dizer aquelas palavras, e a sensação de sua forma suave contra si quase o levou às lágrimas.

Margaret descansou a cabeça sobre o peito de Mr. Thornton; os braços gentilmente abraçando-lhe a cintura. Maravilhou-se ao se sentir tão à vontade em seu abraço forte, o som da rápida palpitação a confortava. Margaret respirou fundo, sentindo sua proximidade na leve essência de sândalo.

Depois de alguns momentos de sublime quietude, Mr. Thornton roçou o rosto em seu cabelo, e, gentilmente, moveu as mãos por toda a extensão das

costas de Margaret. Começou a acariciá-la atrás do seu pescoço com as pontas dos dedos, deleitando-se na suave sensação de tocá-la.

Delicadamente erguendo o rosto de Margaret do seu peito, ele roçou seus lábios em sua face e a beijou docemente. A leve carícia se prolongou suavemente contra sua pele, deslizando pela face em agonizante lentidão. Margaret sentiu-se fraca pela ofegante antecipação pelo beijo final. Quando enfim alcançou sua boca, pressionou os lábios gentilmente contra os dela.

Ela não estava preparada, nunca teria imaginado a calorosa, enternecedora sensação que cruzou seu corpo ante aquele primeiro toque íntimo. Estava

atônita por encontrar-se completamente entregue pela simples união dos lábios. Vagarosamente, Margaret acompanhou o movimento de seus lábios, rejubilando na suavidade do toque. Conforme os beijos tornaram-se mais ardentes, ela respondeu com avidez, sentindo seus joelhos enfraquecidos. Segurou-se nele para não cair.

Quando John separou-se dela, finalmente, encarou-a em terna adoração.

— Quer ser minha esposa? — perguntou ainda sem acreditar que Margaret realmente escolheria ser sua. *Ela era deliciosa.*

— Sim — Margaret respondeu, sorrindo meigamente. Sentia-se ainda pulsante por suas atenções amorosas.

— Tenho algo para você — John lhe disse, enquanto buscava um pequeno objeto do bolso do colete. Ofereceu a ela o anel, observando a reação em sua face.

— Oh! — Margaret exclamou enquanto tomava gentilmente o anel das mãos dele, examinando-o com reverente fascinação. — É lindo! — pronunciou, incapaz de tirar seus olhos do presente.

— Pertenceu a minha avó. Seu nome era Sophie Thornton — disse ele, satisfeito por ver sua evidente apreciação pelo tesouro de família.

— Sentir-me-ei honrada por usá-lo — Margaret prometeu a ele, finalmente fitando-o, radiante por receber o belíssimo símbolo de seu amor.

— Posso? — perguntou Mr.

Thornton, tomando gentilmente o anel da mão dela, e colocando-o em seu dedo anelar. Beijando a mão recém-adornada, tomou as duas mãos de Margaret e colocou-as em torno de seu pescoço com um sorriso satisfeito.

— Lembro-me vagamente como foi sentir seus braços em torno de mim — murmurou. — Já faz tanto tempo, receio que minha memória precise ser reavivada — brincou ele, sorrindo sedutoramente e olhando-a nos olhos.

Margaret envergonhou-se ao lembrar-se de seu ato impulsivo no dia do tumulto, mas, obedientemente, deslizou as mãos em torno do pescoço dele, como pedido.

— Assim? — perguntou, seus olhos

dançando travessos com júbilo.

— Sim, exatamente assim — falou ele com um sorriso glorioso. — Mas agora exijo que mantenha suas mãos aqui — disse ele, trazendo-a para mais perto de si.

— E dessa vez eu obedecerei de bom grado — afirmou ela, olhando adoravelmente para seu rosto radiante.

Mr. Thornton se emocionou ao experimentar a suave submissão de Margaret, considerando que ela passara grande parte de sua história juntos, desafiando-o!

Uma batida leve à porta fez com que se afastassem abruptamente. A criada abriu-a e disse:

— Mrs. Shaw pergunta se os

senhores irão se juntar a ela na sala.

— Obrigada, Ellen. Estaremos lá num instante — Margaret, aliviada, respondeu à moça.

— Sua tia... — Mr. Thornton não tinha se lembrado de perguntar sobre ela. Seus olhos questionaram Margaret com cautelosa esperança.

Margaret entendeu sua preocupação.

— A princípio, ela viu nosso noivado de maneira desfavorável — ela disse.

Mr. Thornton franziu a testa em indignação, seu orgulho ferido rapidamente.

— Ela preferia que você se casasse com um cavalheiro londrino — ele

resumiui, despertando sua ira.

— Sim — Margaret respondeu honestamente. — Mas eu não desejo me casar com nenhum outro, somente você — rapidamente assegurou-lhe, estendendo a mão para segurar seus braços.

— Ela tentou convencê-la de que você pode escolher melhor — continuou ele, incapaz de deixar o assunto cessar; a simples ideia lhe deixando irritado.

— Minha tia nunca me convenceria. Eu lhe disse que não havia melhor homem que você, John — declarou Margaret, procurando acalmá-lo. — Ela sabe que eu não seria persuadida a ficar contra você — assegurou.

Mr. Thornton confirmou a verdade nos olhos de Margaret, suavizando sua

expressão quando viu o afeto inabalável em seus olhos. Ele sorriu exultante ao imaginar a ardente defesa de Margaret contra o ataque das opiniões inflexíveis de sua tia.

— Você é indomável! — ele declarou, observando-a com um senso de admiração e orgulho, enquanto envolvia os braços em sua cintura, trazendo-a para mais perto de si.

— Talvez — Margaret admitiu relutantemente, não querendo parecer-lhe tão truculenta. — Mas serei muito dócil ao meu esposo — garantiu, docemente, com um sorriso carinhoso.

Seu esposo! A palavra invocava imagens da íntima relação que compartilharia com ela em breve, e um nó

se formou em sua garganta. John engoliu em seco.

— Mrs. Shaw deve estar esperando — ele resmungou entermecido, e, relutantemente, moveu-se para liberá-la de seus braços e conduzi-la à porta.

Margaret, graciosamente, uniu seu braço ao de Mr. Thornton quando entraram na sala da frente juntos, suavizando a conduta de seu noivo com seu gesto possessivo.

Maxwell foi o primeiro a saudar o novo visitante.

— Mr. Thornton, que prazer conhecê-lo! Maxwell Lennox — apresentou-se, ao passo que se levantava para, animadamente, apertar a mão de Mr. Thornton. — Devo parabenizá-lo pelo seu

noivado. Confesso que estava muito interessado em conhecer o homem que convenceu a moça de Helstone a viver em Milton – disse o capitão, de bom humor.

— Obrigado. Não posso falar por Miss Hale, mas posso assegurá-lo de que estou consciente de minha grande sorte – Mr. Thornton respondeu com ternura, sentindo o coração encher-se de orgulho por reconhecer seu noivado em voz alta.

— De fato – Henry enfatizou – me surpreende saber que Margaret irá morar em um lugar tão diferente de seu *Paraíso* – comentou o cavalheiro com um sorriso artificial, lançando um olhar cortante para Margaret. Havia recebido a notícia sobre as intenções da jovem somente uns minutos atrás, e ainda estava ardendo com

profundo desapontamento e indignação por ter seus planos de cortejá-la desfeitos instantaneamente. — Meus parabéns, Mr. Thornton, por conquistar tão belo prêmio — ele enalteceu com um toque de sarcasmo, admitindo sua derrota com um leve aceno de cabeça. Mr. Thornton se exasperou, mas reteve seu porte impecável.

— Desejo a vocês toda a felicidade para o futuro — Henry dirigiu-se formalmente a Margaret, contraindo os olhos fingindo indiferença com seu sorriso forçado apagando-se.

— Obrigado, Henry — Margaret aceitou suas congratulações de maneira cautelosa, enquanto segurava o braço de Mr. Thornton mais apertado.

— Mr. Thornton! — exclamou Mrs. Shaw, sentada no sofá ao lado de Edith. — Deve perdoar minhas maneiras apressadas na semana passada. Certamente o senhor entende que as circunstâncias eram muito desagradáveis — desculpou-se.

— Sinto muito por ter parecido inoportuno, e estou grato por sua paciência por minha repentina invasão naquela tarde. Miss Hale e eu não havíamos discutido nossa situação — respondeu Mr. Thornton, apertando de leve o braço de Margaret.

Mrs. Shaw foi tentada a ficar impressionada. Mr. Thornton parecia falar de maneira educada e portava-se como um cavalheiro. E estava também aliviada por

descobrir que o rapaz não usava a linguagem coloquial que ela temia.

Ela indagara sobre a reputação de Mr. Thornton a cada momento, na semana anterior, para saber que tipo de homem ele era, e, em todos os casos, ele fora descrito como um confiável e inteligente empresário. As avaliações tinham-lhe reafirmado que o julgamento de Margaret sobre seu caráter era verdadeiro.

Mr. Thornton foi apropriadamente apresentado a Edith, que também estava motivada a avaliá-lo de maneira favorável por suas maneiras graciosas e finas. Ela sorriu de maneira encantadora, mas ainda manteve a reserva em relação ao homem escolhido pela prima.

Henry escusou-se abruptamente do

grupo, alegando ter muitos assuntos precisando de sua atenção, devido sua recente ausência.

Dentro em pouco, a refeição foi anunciada. Durante o curso de uma polida conversação à mesa, Maxwell descobriu que Mr. Thornton ficaria em Londres por uma noite, e que não havia ainda reservado um quarto.

— Deve passar a noite aqui, então! — Maxwell ofereceu generosamente sem pensar duas vezes. — Faremos companhia para o senhor e Margaret esta noite — acrescentou, percebendo o olhar alarmado no semblante da sogra. — Afinal, você logo será parte da família — ele discorreu abertamente, sorrindo cordialmente para Margaret. Ela trocou

um breve olhar de cumplicidade com Mr. Thornton, que se sentava à sua frente.

Mrs. Shaw hesitou por um momento, mas, apressadamente, aprovou o convite amigável do genro para não parecer incivil.

— Sim, é claro. Pedirei a Ellen que prepare um quarto — propôs. Ela possuía suas reservas em relação ao esquema, mas decidiu que a visita não seria longa o bastante para merecer tamanha preocupação.

Então Mr. Thornton tornou-se um hóspede bem-vindo à casa de Harley Street, para grande satisfação do casal recém-compromissado.

Logo após retornarem à sala, Mr. Thornton sugeriu que Margaret o

acompanhasse numa caminhada. Sua prévia tentativa de desfrutar o ar livre havia sido frustrada, e ela estava ansiosa para estar sozinha novamente com seu noivo.

— Você está sendo bem tratada aqui? — Mr. Thornton perguntou com uma pontada de vibração, enquanto eles caminhavam rua abaixo. Ele havia observado, cuidadosamente, a enorme e bela casa na qual Margaret estava instalada, e notou quão serena e contente parecia. John esperava que Margaret não se afeiçoasse tanto à tranquila vida em Londres, que hesitasse em retornar para Milton.

— Sim, todos têm sido muito gentis — ela respondeu melancolicamente,

com um sorriso forçado.

— Está com saudades do seu pai — ele disse serenamente, distinguindo uma tristeza persistente em suas maneiras. Mr. Thornton não tinha esquecido a razão de sua separação na última semana.

— Sim — Margaret confidenciou — eu não estava preparada... Queria que ele pudesse ter... — e parou de falar, tentando encontrar as palavras certas para exprimir seus sentimentos.

Mr. Thornton se deteve, e voltou-se para ela, seus olhos demonstrando terna compaixão, enquanto a moça evitava seu olhar.

— Você sofreu muito. Quero ser um conforto para você, se me permitir — ele propôs de maneira sincera. —

Também sentirei falta de seu pai. De fato, ele era um grande amigo – recordou gentilmente, animando-a a olhar para ele.

Margaret ergueu a cabeça para olhar seu rosto irradiando tanta ternura, que seus olhos marearam. Quão bondoso ele era! Margaret sentiu esgueirar-se de si o peso da solidão, sem perceber que usava aquele manto há muito tempo. A doce promessa de terna solicitude encheu-a com dolorosa gratidão. Mas as lembranças da afetuosa amizade de seu pai com Mr. Thornton começaram a invadir sua consciência, sentiu as lágrimas jorrarem até começarem a cair espontaneamente. Como Margaret queria que seu pai tivesse vivido para contemplar a felicidade deles!

Ele foi surpreendido por suas lágrimas; comovido, tomou-a gentilmente em seus braços, descuidado da vizinhança. Abraçou-a em silêncio, grato e contente por ela estar aconchegada a ele. Finalmente, entregou-a um lenço, quando ela se afastava para recuperar-se.

— Como sou boba — começou a desculpar-se.

— Não é errado tê-lo amado profundamente — disse Mr. Thornton suavemente — amo-a ainda mais por seu coração sensível.

Margaret observou-o com admiração, entrelaçou mais uma vez seu braço no dele, enquanto continuavam a caminhada até o parque.

— Queria que papai pudesse

partilhar da nossa felicidade. — Ele gostava muito de você, e creio que ficaria muito feliz em ver nossa união — disse ela, com um toque de tristeza na voz.

— Não estou certo de que ele estava ciente do meu interesse em sua filha — Mr. Thornton ponderou com um sorriso irônico. Efetivamente, os Hales não parecem ter percebido sua atração por Margaret.

— Não, não creio que estava. Mas sim, ele começou a questionar quando você deixou de vir para suas lições tão assiduamente — Margaret hesitou em dizê-lo, desconfortavelmente lembrando-se como havia recusado sua oferta inicial de matrimônio.

Mr. Thornton abaixou a cabeça,

recordando o terrível vazio que sentiu quando descobriu que ela não o amava.

— Algumas vezes eu não suportava vê-la — admitiu —, eu queria tanto tê-la em minha vida, e você não me aceitara — ele confessou, estremeando pela lembrança.

Eles chegaram até um banco na praça e sentaram-se sob a sombra de um grande carvalho.

— Sinto muito, John. Não sabe como me arrependo por minhas palavras — ela declarou, seus olhos marejados por imaginar quão profundamente ela o havia magoado. Por que ela fora tão veemente? Ela tinha se espantado aquele dia com sua impulsiva e áspera defesa. Por que se sentira tão ameaçada?

— Por que você...? — John começou a perguntar, a dor ainda evidente em seus olhos questionador.

Margaret olhou para suas mãos, não sabendo como poderia explicar as emoções conflitantes que a haviam consumido naquele dia.

— Eu... eu não sei. Eu estava confusa e um pouco assustada, suponho. Não esperava que você estivesse realmente interessado em mim — começou a dizer a ele. — Estava envergonhada que as pessoas interpretassem mal meus motivos em... em protegê-lo. Não queria que você sentisse ser seu dever resgatar minha honra — continuou com hesitação.

A moça ergueu o olhar para perceber que John a escutava

pacientemente, observando-a.

— Por que você me protegeu, Margaret? — Você desafiou o perigo de uma multidão irada por minha causa.

— Eu tinha sido a pessoa a colocá-lo ali – ela afirmou com pesar. — Não podia suportar ver qualquer mal atingi-lo, John.

— Quando eu a vi caída, inerte aos meus pés, soube que não poderia viver sem você – disse ele. — Pedi você em casamento porque eu a amava, amo, Margaret. Não acreditou em mim? – ele perguntou, ansiando por mergulhar nas profundezas dos sentimentos dela e trazê-los à tona.

Margaret olhou para as mãos novamente, esforçando-se para entender

tudo que havia experimentado.

— Eu não sei. Não estava preparada para ouvir, creio. Eu não entendia... Tinha medo de pensar que eu, talvez, tivesse sentimentos por você – ela admitiu, erguendo os olhos para encontrar seu olhar carinhoso.

O rosto de Mr. Thornton iluminou-se ao imaginar que ela, mesmo naquela época, tinha indícios de afeto por ele, apesar de ter lutado vigorosamente para contê-los. Talvez Higgins estivesse certo: *Margaret havia tentando negar seus sentimentos.*

— Quando você soube que poderia ter algum sentimento por mim? – ele indagou, gentilmente, ansioso por saber por quanto tempo havia sofrido em

vão, pensando que seu amor não era correspondido.

A jovem hesitou, inspirando algumas vezes antes de retornar seu olhar perscrutador para confessar culposamente.

— Quando você saiu da sala — ela respondeu tranquilamente, com um leve abalo, por imaginar como ele iria responder.

Mr. Thornton encarou-a sem acreditar. Estava estupefato com sua resposta. Contorcera-se por meses, em agonia pela rejeição, quando durante todo o tempo Margaret tinha abrigado sentimentos secretos por ele! Por que não havia enxergado?

— Margaret, se eu soubesse! — ele

exclamou com comovente anseio por resgatar o tempo que eles haviam passado distanciados um do outro. Ele tomou as mãos dela nas suas, trazendo-as aos lábios, e beijou seus dedos. — Pensei que você estava perdida para mim! — ele disse, recordando-se quando achara que sua amada estivesse apaixonada por outro homem.

As palavras trouxeram à mente de Margaret a lembrança de que tinha sido vista com Fred na estação ferroviária, e que ela não havia contado para Mr. Thornton sobre seu irmão.

— Há algo que devo lhe contar — ela disse seriamente, ansiando agora por dissolver qualquer segredo entre eles. Mr. Thornton encarou-a atentamente, incerto

sobre suas intenções.

— Eu tenho um irmão que veio nos visitar quando mamãe estava morrendo. Foi com ele que você me viu na estação — ela revelou, finalmente, olhando para ver sua reação. Mas surpreendeu-se ao vê-lo calmamente observando-a, com um fraco sorriso de admiração. — Você sabia?... — Margaret deteve-se.

— Eu somente descobri ontem — disse ele, gentilmente, fortificando-se para a tarefa de contar a ela sobre a investigação da Marinha. — Margaret, você foi muito corajosa mantendo o segredo do seu irmão em meio a tanta adversidade. Mas você não mais enfrentará, sozinha, as dificuldades e as

tristezas – ele prometeu sinceramente, segurando suas pequenas mãos entre as suas e olhando intensamente nos olhos radiantes de Margaret. — Quero servir de conforto e proteção para você. Não imagina o quanto desejo isso – assegurou ele, solenemente, com seu amor por ela inundando-o.

Uma forte brisa soprou, soltando alguns fios do cabelo de Margaret, e ouvia-se o sussurro das jovens folhas da árvore acima de suas cabeças. Margaret sentiu-se suspensa em um sonho encantado. O amor dele permeava o próprio ar que ela respirava, preenchendo sua alma com uma serenidade que nunca havia experimentado antes. Conseguia somente olhar para ele maravilhada por

sua própria existência.

— A Marinha me procurou indagando sobre o paradeiro de seu irmão — Mr. Thornton contou a ela, calmamente, não desejando alarmá-la.

— O quê? Eles o procuraram? — perguntou a moça, surpresa, o pânico rapidamente tomando conta dela.

— Sim, mas não puderam achar nada, meu amor. Está tudo bem. Se ele está seguro em Cadiz, nenhum mal lhe sobrevirá — assegurou-lhe.

— Oh, John, você não sabia! — Margaret declarou inquietamente, agarrando seu punho. Quão abalado deve ter ficado por descobrir a verdade dessa maneira. — O que aconteceu? Por que eles vieram te procurar? Será que virão

até mim? – ela perguntou, expressando sua agitação.

— Eles foram primeiro à sua casa, e Dixon mandou que viessem falar comigo. Eu fiquei surpreso, mas não pude ajudá-los, pois eu, honestamente, não sabia nada sobre ele. Depois disso, Higgins contou-me que ele está na Espanha. Acho que não virão até você. Não há mais nada que eles possam fazer – assegurou-lhe novamente, tomando sua mão, depositando um beijo demorado na sua palma.

Margaret esteve em silêncio por um momento, contemplando o que havia ocorrido.

— Por que você não me contou? – John venturou-se a perguntar, querendo

saber a razão pela qual ela não havia confiado nele. — Eu era tão inacessível, meu amor? — indagou cuidadosamente.

— Eu queria ter contado, John. Não imagina o quanto, mas eu estava com medo — ela admitiu com sentimento. — Papai não queria que mais ninguém soubesse sobre isso, e você é um magistrado. Não queria comprometer sua posição — disse-lhe honestamente, esperando que ele entendesse.

— E eu tornei tudo mais difícil para você falando-lhe duramente. Sinto muito por isso — ele desculpou-se, recordando as palavras que usara contra ela.

— Você disse que tinha desistido de mim — Margaret recordou vacilante,

não querendo magoá-lo, mas curiosa para saber a razão pela qual ele havia falado daquela maneira.

John encarou-a honestamente.

— Eu queria que você me amasse, e na minha mente você amava outro — ele sorriu arrependido, pensando quão insensato tudo aquilo lhe parecia agora.

— Nunca houve outro — ela declarou, carinhosamente, ansiosa por libertá-lo de qualquer memória do doloroso mal-entendido. — Eu nunca havia amado antes. Você é o primeiro e único — ela confidenciou, observando-o enquanto os olhos de Mr. Thornton começaram a resplandecer intensamente nos seus.

— E eu nunca havia amado antes.

Você é a primeira e única que eu amarei — ele prometeu, avaliando a beleza da face da moça. John almejava provar-lhe os lábios novamente, e mostrar-lhe todo seu sentimento, mas conteve seu imenso desejo, pois não podia desonrá-la. Então, elevou sua mão aos lábios mais uma vez e beijou-a vagarosamente e demoradamente, com beijos que revelavam o fervor de sua paixão por ela.

Retornaram para casa mais tarde, e acomodaram-se uma vez mais na sala de estar. Não fazia muito que estavam ali quando Edith entrou no aposento em óbvia aflição.

— Oh, Margaret, você voltou! — ela clamou, aliviada por encontrar a prima e Mr. Thornton juntos, sentados no

sofá. — Sholto está totalmente incontrolável e recusa-se a cochilar sem ver você! — lamentou.

— Ficarei com ele alguns minutos — Margaret garantiu à prima. — Não me ausentarei por muito tempo — assegurou ao noivo com um doce sorriso.

Alguns minutos depois, Mr. Thornton foi surpreendido pela visão de Margaret entrando na sala, carregando confortavelmente a criança na cintura. Edith seguia atrás dela, desconcertada, olhando para a mãe, desculpando-se pelo comportamento inconveniente de Margaret. Mrs. Shaw estava chocada por ver sua sobrinha trazer a criança diretamente para o lado de Mr. Thornton. A moça era completamente imprevisível!

Mr. Thornton estava atônito. Não era a quebra do protocolo ou a visão do menino que fez com que ele olhasse paralisado, quando Margaret sentava-se ao seu lado. Era a imagem de sua noiva carregando a criança que o arrebatou. Pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo vê-la ocupada daquela maneira. John nunca tinha pensado em ter uma família antes, mas agora sentiu o ardente desejo de vê-la segurando o filho dele – o filho deles – em seus braços.

— Queria que você conhecesse Sholto. Ele tem sido uma excelente companhia para mim esta semana, não é Sholto? – perguntou ao garotinho, que havia ficado tímido diante do desconhecido, e escondera a face no

ombro de Margaret. Mr. Thornton sorriu e puxou o relógio do bolso para mostrar ao garoto como a tampa abria e fechava.

Margaret dirigiu a atenção de Sholto para o relógio.

— Olha, Sholto — ela o persuadiu. Uma vez que a criança percebeu, ficou intrigado pelo brilhante brinquedo dourado, e, lentamente, subiu no colo de Mr. Thornton para melhor examinar o objeto. Edith e Mrs. Shaw trocaram olhares surpresos.

Mr. Thornton estava encantado pela inocente curiosidade do menino e fascinado pela disposição de ele sentar-se com um estranho. Ficou agradavelmente surpreso por descobrir a própria facilidade inerente com a criança. John

nunca havia segurado um pequenino antes, mas achou estranhamente relaxante desfrutar as ingênuas brincadeiras da criança, e estendeu a mão para brincar com os cabelos do garotinho.

Ele venturou-se a imaginar como seria segurar seu próprio filho, e virou-se para Margaret, que os observava carinhosamente. Ela percebeu o olhar e retornou seu sorriso com admiração renovada.

O restante do dia passou agradavelmente. Maxwell e Mr. Thornton tornaram-se companheiros cordiais e dedicaram tempo discutindo sobre a indústria do algodão, depois do jantar, enquanto as mulheres retiraram-se para a sala de estar.

— Creio que Maxwell aprecia a companhia do seu Mr. Thornton, Margaret – Edith apontou gentilmente, ficando mais à vontade com a ideia do noivado da prima com o industrial do Norte.

— Sim, Maxwell é um homem muito amável – Margaret elogiou com gentileza, grata por ser o esposo de Edith tão afável e genuinamente receptivo com seu hóspede.

— Parece que Mr. Thornton gosta muito de crianças – comentou Edith.

Margaret corou diante das implicações do comentário da prima.

— Eu não estava realmente ciente disso, apesar de sempre saber que ele tinha um bom coração – ela respondeu atenciosamente.

— Ele parece ser muito carinhoso, Margaret. Acho que ele não consegue tirar os olhos de você. Como o conheceu? — Edith perguntou, curiosa para saber como o casal tinha desenvolvido essa ligação tão forte.

— Mr. Thornton vinha frequentemente a nossa casa conversar sobre literatura com papai — Margaret explicou. — Ele era seu aluno preferido — acrescentou.

— E o seu, me parece — Edith provocou-a com um sorriso, fazendo Margaret corar profusamente em concordância.

Os homens juntaram-se a elas pouco tempo depois e os olhos de Mr. Thornton buscaram os de sua noiva, após

entrar na sala. Margaret sorriu discretamente ao receber seu olhar afetuoso. Sua curta ausência tinha parecido a ela longa, e se perguntava como havia se enamorado em apenas um dia de visita.

Edith foi para o piano, que ficava no canto mais distante da sala, e solicitou a ajuda de Margaret que, obrigada a virar as páginas para ela, foi afastada do noivo. Maxwell, dessa forma, tomou seu lugar numa conversa com Mr. Thornton e permaneceu ao seu lado até Margaret cumprir sua tarefa. Por vezes ela percebia o olhar caloroso do noivo, sentado numa parte da sala pouco iluminada. Seu corpo vibrava em resposta quando distinguia o anseio dele por se livrar da restrição da

companhia em torno deles. Haviam passado preciosos minutos juntos e estavam ansiosos para estarem reunidos em privado.

Quando Edith anunciou que iria se retirar para dormir, a festa terminou, Maxwell aconselhou que todos fossem para seus quartos com desejo de um sono reparador. Pela manhã eles iriam à igreja e John e Margaret poderiam passar um pouco mais de tempo juntos antes de ele voltar para Milton.

Mas, à medida que se despia e escovava seus cabelos, Margaret ansiava por seu amado. A moça desejava, que a noite passasse rápido, então poderia despertar para vê-lo pela manhã. Observando-se no espelho, enquanto

largava a escova sobre o espaldar da penteadeira, ela estava fascinada por perceber em sua figura uma mulher apaixonada. Quanto ela havia mudado! Não havia nada da antiga moradora de Londres. À espera do dia seguinte, deitou e tentou dormir, mas sua mente estava no hóspede que dormia, ou não, em algum aposento perto dali.

O maior quarto de hóspedes da casa foi dado a Mr. Thornton, mas ele não deu atenção aos finos lençóis e a elegante mobília. Sua mente estava entregue à mulher que amava. O dia havia sido a culminação de seus sonhos mais acalentados. Ele havia declarado Margaret Hale sua futura esposa e experimentado o primeiro sabor dos

deleites prometidos em seu terno beijo.

Apesar de o dia ter sido repleto com a alegria por estar com ela, estava perplexo por descobrir o desejo de estar na presença dela, tornando-se ainda mais insaciável. Julgou que deveria ficar satisfeito com um dia tão memorável, mas não podia reprimir a dolorosa necessidade de vê-la novamente. Saber que Margaret estava debaixo do mesmo teto parecia ser um tipo de deliciosa tortura. Mr. Thornton não temia perder seu rijo autocontrole naquela noite, mas não desejaria testar sua resistência daquela maneira por muitos dias.

Também sabia que dormir provaria ser ilusório naquela noite, mas resolveu, ao menos, deitar e tentar

descansar.

Margaret rolou de um lado para o outro e então se sentou. Tinha cochilado um pouco, mas despertara sem qualquer razão aparente. Levantou-se para tomar água, mas viu que não tinha nenhum copo em seu quarto. Decidiu descer para buscar um copo de água fresca, esperando que a pequena jornada aplacasse aquela inquietação. Vestiu seu roupão fino de verão, e calçou um par de sapatilhas. Acendeu a vela que estava ao lado da cama e segurou o candeeiro.

A moça ficou intrigada ao ver uma luz fraca vinda do escritório no final do

corredor, e supôs que alguém, inadvertidamente, deixara uma vela queimando ali. Dirigiu-se então para lá para extingui-la. Empurrando a porta que estava quase aberta, ficou perplexa ao encontrar Mr. Thornton de pé à sua frente, no outro lado do aposento. Encontrava-se de costas para ela, examinando os volumes da biblioteca que cobriam toda uma parede. John voltou-se para ver quem o descobrira ali, e ficou igualmente estupefato por encontrar Margaret parada à porta.

— Margaret! — sussurrou maravilhado, enquanto habilmente manobrava em torno dos móveis para chegar até ela, temendo que ela pudesse desaparecer como uma imagem etérea se

ele não a agarrasse prontamente.

Margaret observou encantada enquanto John cruzava a sala até ela. Viu que seu pescoço estava exposto no colarinho aberto da camisa, e que o colete estava desabotoado, mostrando mais da fina camisa de algodão que cobria de leve seu corpo forte. Sentiu seu rosto ruborizar quando reconheceu quão belo ele era.

Instintivamente, agarrou o roupão ao peito, por ser vista de tal maneira despida. Ela sabia que deveria sair dali de uma vez, mas sentiu que não podia mover-se.

— O que faz aqui? — ele perguntou, sendo o primeiro a encontrar a voz. Seu pulso acelerou quando recebeu a visão de Margaret em sua fina camisola,

parecia uma deusa em seu leve roupão branco, o cabelo cor de mel caído pelas costas, arrumados em longos cachos em volta dos ombros.

— Eu... eu estava indo buscar água, mas vi uma luz aqui – ela conseguiu dizer, sentindo-se um pouco ofegante por estar tão próxima dele. — O que está fazendo aqui? – ela perguntou, olhando para baixo para o tecido de seu colete.

— Não conseguia dormir e pensei que poderia ler – ele explicou em uma voz suave e grave que a deixou atordoada. Os olhos de John percorreram toda a extensão do corpo de Margaret. Ela permaneceu na tênue sombra de seu físico imponente; a vela que vacilava em sua mão projetava um brilho caloroso em sua

face e iluminava o leve tecido que cobria seu corpo, revelando o contorno sedutor de sua cintura e dos quadris.

— Você tem problemas para dormir frequentemente? — Margaret perguntou curiosa, seu discurso vacilando, quando ergueu o rosto cautelosamente para encontrar o olhar ardente de Mr. Thornton.

— Ultimamente, sim — quando eu não consigo parar de pensar em você — Mr. Thornton entonou ofegante, seus olhos azuis abrasados com ardor. Sentiu-se perigosamente perto do risco. Sabia que deveria separar-se dela, permiti-la recuperar sua compostura e fugir de seu olhar impertinente. Mas não conseguia tirar os olhos dela, temendo que Margaret

realmente escapasse.

— Oh! — Margaret balbuciou, perplexa pela intensidade de seu olhar à luz da vela dançando através das esculpidas formas de sua face. Ele estava tão próximo, que ela podia sentir a pura essência de sândalo que emanava de seu corpo.

Sem palavras, Mr. Thornton estendeu a mão para segurar um longo cacho do cabelo dela, observando fascinado quando a mecha sedosa passava, languidamente, pelos seus dedos. Margaret sentiu os joelhos fraquejarem em resposta àquele gesto íntimo, e o coração latejou em seus ouvidos.

— Eu devo ir — ela suspirou, fracamente tentando recuperar sua

sanidade. Contudo, ergueu o olhar e foi atraída para ele como uma mariposa às chamas.

— Sim... você deve — ele sussurrou, aproximando seu rosto ao dela, incapaz de resistir a fascinante visão de seus lábios entreabertos.

Margaret não se moveu, mas fechou os olhos em antecipação ao seu toque. Ele aproximou seu rosto do dela, e gentilmente buscou seus lábios, permitindo-se ao luxo de alguns beijos roubados antes de ela afastar-se. Cada fibra de seu ser doeu em furioso protesto contra sua determinação racional de agir com honra.

Os olhos de Margaret abriram-se abruptamente, ao perceber que John se

afastava dela.

— Boa noite, Margaret – disse ele com solene decisão, não se atrevendo a olhar para ela novamente quando lhe cumprimentava. Não se seguraria se ousasse fazê-lo.

A moça sentiu uma pontada de vergonha e uma grande admiração por sua forte resolução em terminar aquele encontro clandestino. Ela baixou a cabeça e continuou seu caminho pelo corredor para realizar sua tarefa original.

Mr. Thornton observou, em angústia silenciosa, à medida que Margaret rapidamente escapava pelo corredor, sua veste flutuando delicadamente em torno dela.

— Eu te amo – ele escutou-a

sussurrar antes de sua iluminada figura virar-se e desaparecer pelas escadas.

Impressionado por sua honesta admissão, ele permaneceu incapaz de respirar, buscando dentro de si todo autocontrole do qual necessitava para não ir atrás dela e demonstrar a profundidade de sua afeição. Mas a constatação de seu inocente amor por ele fez seu coração enternecer com profunda ternura e respeito.

Despertando-se do transe, Mr. Thornton apagou a vela e, relutantemente, retornou ao seu quarto. Fechando a porta atrás de si, ele escorou-se pesadamente buscando suporte, e fechou os olhos. Sentiu todas as energias esgotadas; havia tomado cada grama da força de vontade

que possuía para deixá-la ir – para não detê-la um pouco mais e continuar a partilhar de seus deliciosos beijos. Lentamente, o rígido pulsar de seu coração se acalmou e ele moveu-se para a cama.

Quando Margaret regressou ao quarto, sentiu uma pontada de desapontamento ao ver a sala escura no final do corredor. Ele tinha se recolhido. Arrependeu-se então por ter sido tão ousada ao permanecer na presença dele, e sentiu um frêmito de vergonha ao admitir que não quisesse partir. De fato, ela queria que ele tivesse continuado suas afetuosas atenções. As fortes sensações que ele despertou nela eram novas e surpreendentes, derrubando toda sua

polida conduta e compostura, despertando nela algo inteiramente desconhecido, ainda assim, estranhamente natural. Sentia-se viva em sua presença, como nunca havia sentido antes, e desejava experimentar mais disso.

Deitando-se novamente, ela lembrou-se com tristeza que ele partiria de Londres no dia seguinte. Não queria ficar separada dele, agora que conhecia a maravilhosa sensação de seus braços reconfortantes e o gosto do seu beijo. Como conseguiria suportar os próximos dias e semanas sem ele?

Decidiu pensar somente no amanhã, quando estaria novamente com ele. Fechou os olhos, desejando que o sono apressasse a chegada de um novo

dia.

CAPÍTULO VII

A luz do sol penetrava à translúcida cortina da janela oriental e enchia o quarto com um brilho suave. Margaret sorriu ao pensar, como era seu costume, que naquela manhã seria fácil descobrir o que Mr. Thornton estaria fazendo. A percepção de sua proximidade aumentava a ansiedade por vê-lo.

A dama atirou as cobertas e se espreguiçou com um olhar sorridente, despertando a curiosidade da ama que sua tia havia colocado para atendê-la. Seu banho já estava preparado e, enquanto fazia sua *toalete*, seus pensamentos estavam no cavalheiro hospedado na casa

que, como em um sonho irreal, o inacessível Mr. Thornton havia se transformado em seu noivo. Ela sentiu um aperto no coração. Ela calculou que ele já estaria acordado, pois os muitos anos de trabalho diligente deveriam ter lhe estabelecido o hábito de acordar cedo. A jovem tinha esperança de que pudesse encontrá-lo desjejuando sozinho, afinal conhecia os hábitos daquela família e sabia que eles só apareceriam mais tarde.

Era divertido perceber-se apressada em seu afoito para ver o homem a quem veria todas as manhãs por muitos anos à frente. Mas não conseguia parar de pensar nele. Mal conseguira dormir pensando nos beijos delicados que ele havia lhe roubado na sombreada noite na

biblioteca. Tornara-se incapaz de se mover, por estar completamente hipnotizada pela proximidade dele. De fato, reconhecia que não podia concentrar-se em mais nada quando John estava por perto. *Era assim que agiam as pessoas profundamente apaixonadas?*, a moça sentia, em cada inspiração, o impulso de estar com ele, até que a intensidade desse sentimento a tornou profundamente inquieta.

A ama escovou os cabelos de Margaret e os enrolou em um coque. Mas a dama mal prestava atenção no que a ama falava. *Como era possível que, há uma semana, eles não soubessem dos sentimentos um do outro?* Surpreendia-lhe pensar quão notavelmente as coisas

havam mudado desde que tinham se declarado. Considerava-se quase uma nova pessoa, sentia que suas esperanças e expectativas eram as de uma menina.

Era a renovação da alegria em sua vida o que Margaret sentia mais agudamente. Os meses de provação que tinha vivido desde que se mudara para Milton se mostravam agora sob um prisma inteiramente diferente. Todos os eventos que suportara tão dolorosamente tinham verdadeiramente suscitado as circunstâncias ímpares de seu relacionamento e, conseqüentemente, seu amor um pelo outro. Tudo que havia acontecido outrora, agora parecia uni-la de maneira insolúvel a ele. Margaret não acreditava que pudesse ser mais feliz, ou

amá-lo mais do que amava.

Animada pela antecipação, ela rapidamente desceu as escadas, contendo a inclinação de correr por elas como uma jovem estudante.

Um rápido olhar para a sala de desjejum trouxe-lhe uma pontada de desapontamento por encontrá-la desocupada. No instante seguinte, seus olhos detectaram um movimento vindo do canto extremo da sala. Mr. Thornton estava em pé na janela, e agora vinha até ela com um sorriso que se acendia brilhantemente enquanto se aproximava.

Margaret prendeu a respiração quando seus olhos percorreram sua alta figura. A jovem estava fortemente impactada por perceber quão atraente ele

era. John estava especialmente bem-vestido, usava um colete cinza-prateado que deixavam seus olhos mais expressivos. Margaret reconheceu a roupa que ele usara no casamento de sua irmã Fanny. Ela relembrou quão elegante ele estava naquele dia, e com uma pontada de dor, o cortante sentimento de perda que lhe sobreveio quando imaginou que ele estava perdido para ela. Lembrou-se quão infeliz ele, então, também lhe parecera, e entendeu, em uma visão instantânea, que ele a havia amado naquele tempo.

O casal se alcançou simultaneamente e uniram as mãos.

— Você sempre desperta tão cedo? — John perguntou-lhe curiosamente, olhando para ela admirado de que

estivesse ali com ele.

— Nem sempre – ela respondeu.
— Pensei que pudesse encontrá-lo aqui...
antes da chegada dos outros – ela admitiu,
timidamente.

Mr. Thornton maravilhou-se por descobrir sua ansiedade em vê-lo. *Será que sua atração era mútua? Como ela era irresistível!* John não podia evitar tocá-la quando se encontravam sozinhos.

— Dormiu bem? – ele perguntou, languidamente acariciando suas mãos.

— Sim, finalmente. E você?
Dormiu bem? – perguntou polidamente, recordando com certo embaraço o que havia acontecido.

— Eventualmente, sim – ele respondeu com um sorriso travesso,

enquanto largava suas mãos para segurar sua cintura e, gentilmente, atraía-a para si. Margaret pousou suas mãos suavemente no peito do noivo.

— Eu sonhei que um anjo usando um robe branco vinha até mim à noite — John começou a contar a ela ao mesmo tempo em que olhava, com fascinação, para as linhas daquele rosto que estava agora tão próximo ao dele.

Margaret escutou atentamente até que um lampejo nos olhos dele expôs a brincadeira.

— Não foi um sonho — bradou ela, empurrando-o levemente, simulando uma ofensa ante sua insinuação.

Os olhos de John brilharam exultantes ao ver a reação de Margaret,

mas tornou-se gradualmente entusiasmado, pois, viera sobre ele a ânsia que o havia consumido na noite anterior.

— Você me mostrará que foi real? Que não sonhei? — ele implorou com voz rouca.

Margaret timidamente desviou o olhar por um momento, mas, gradualmente, moveu o rosto para mais perto dele; ergueu o queixo e fechou os olhos em submissão.

A memória do encontro à meia-noite nunca deixou a mente de John; gloriava-se na lembrança de sua beleza sedutora e na sensação de seus lábios macios. Agora que Margaret estava novamente em seus braços, sua paixão rapidamente acendeu. Ele lutou para

conter-se e não desfrutar dela com a força total de seu ardor; tinha que lembrar-se de tratá-la com gentileza. Seus corpos se encontraram prontamente, famintos, fazendo Margaret arfar levemente de surpresa ante ao ímpeto de Mr. Thornton. John apoderou-se gentilmente de sua boca, ávido de desejo, buscando com sede a maciez daqueles lábios, fazendo-a estremecer com seu toque. O coração de Margaret bateu rapidamente, experimentando a nascente urgência do noivo em conhecer mais dela. A jovem desejou segui-lo aonde ele a levasse para experimentar mais de seus excitantes beijos. Ela deslizou os braços em torno do seu pescoço para garantir a continuação de suas atenções. Mr.

Thornton gemeu ante a sensação de sua entrega, dos braços macios de Margaret em torno dele e, instintivamente, trouxe-a para mais perto de si. Uma de suas mãos acariciou atrás do pescoço de Margaret, segurando-a firme, ao passo que seu pulso latejava furiosamente. Quão suave e voluntariamente ela se unia a ele.

Encorajado pelas respostas que Margaret lhe dava, tornou seus beijos mais insistentes, mais ávidos e, à medida que sua boca lentamente seduzia a dela a abrir-se para ele, sua língua tocava a dela e levava-a a experimentá-lo com gemidos contidos. O toque da língua dela na sua, contudo, envolveu-os num desejo arrebatado. Perdida nas poderosas sensações dos profundos beijos, Margaret

sentiu todo seu corpo estremecer em resposta.

John separou sua boca da dela e se afastou alguns centímetros. Olhando para aqueles lábios levemente abertos, de forma voluptuosa – como se um convite ao beijo – ele travava uma luta interna entre a lucidez e a comoção. Com os olhos turvos de desejo, a vontade venceu. Tomado por uma febre voluntariosa, voltou a abraçá-la e a beijá-la ardentemente. Embora sua razão gritasse que se contivesse; que ela era uma dama; se viu vencido por seu ímpeto natural. Suas mãos ávidas ganharam vida própria e, guiadas pela emoção do momento, adquiriram seu próprio conceito de moralidade. Dominadas pela imperiosa

paixão, depois de tanto tempo contida, como se visse na iminência de ser libertada, irrompeu e subjugou a razão. Assustada, ela afastou-se dele abruptamente para abrandá-los, pois, caso não oferecesse resistência, se veria, fatalmente, desonrada.

— Perdoe-me, Margaret — a voz dele estava rouca e ambos tremiam.

Ficaram se olhando em extasiado espanto ante a recém-descoberta intimidade, o som da respiração ainda irregular enchendo o silêncio em torno deles.

— Margaret, não sei como irei partir e deixá-la hoje — ele disse desconsolado, seus olhos mergulhados nos dela. O corpo de John pulsava com

um poderoso desejo que o atormentava.

— Por favor, não fale sobre isso — Margaret implorou, em sua voz um quê de desespero, pois não querendo pensar em sua partida mais tarde naquele mesmo dia.

Mr. Thornton, gentilmente, tomou o rosto de Margaret em suas mãos e examinou-o como se para memorizar cada nuance de sua beleza.

— Margaret, quando se casará comigo? — perguntou, necessitava saber quando a jovem viria para casa com ele.

— Eu... eu pensei que talvez em junho — ela falou de maneira vacilante, esperando que ele ficasse satisfeito com a data.

— Junho? — ele respondeu vagamente, tentando calcular quanto

tempo teria que esperar. Estavam no início de maio. Segurou então as mãos dela nas suas.

— Sim — ela respondeu hesitantemente, sem ter certeza se ele estava feliz com sua resposta. — É muito cedo? — perguntou de maneira ansiosa.

— Não! — John reagiu imediatamente, seus olhos azuis em chamas pela preocupação de que Margaret pudesse pensar assim. — Eu a desposaria e a levaria para casa comigo hoje mesmo se fosse possível — declarou de maneira sincera, abrasando-a com seu olhar penetrante.

Temor e euforia despertaram no peito de Margaret ao reconhecer quão profunda era sua paixão por ela, e quão

fervorosamente John levaria a cabo seu intento. Ela estremeceu, sentindo um calor em partes de seu corpo até então intocadas. O olhar dele parecia brasa que fazia arder e ela não sabia como aplacar aquela ânsia. Aliás, sobretudo, na sua inocência, ela tinha convicção que somente ele aplacaria aquela dor latejante.

— A leitura dos proclamas leva três semanas — ela relembrou, meigamente.

— Uma licença especial pode ser obtida... — disse John honestamente, assombrado pela ideia de quão solitária seria sua vida em Milton sem a companhia de Margaret.

Sorrindo para ele ternamente,

Margaret estendeu a mão para acariciar as fortes linhas de seu maxilar.

— John, em breve me casarei com você, prometo — ela lhe assegurou. — Mas creio que nossas famílias não entenderão toda essa pressa. Acho que é melhor que tomemos um tempo para os preparativos — ela avaliou, tomando a mão dele novamente e levando aos lábios.

Mr. Thornton acenou concordando, pois não queria parecer irracional. O temor do isolamento, do vazio, começou a instalar-se sobre ele. Odiava ficar separado dela, agora que conhecia a tremenda alegria de sua íntima companhia. Quanto havia ansiado por sua doce presença para encher seus dias!

— Vamos nos casar daqui a três

semanas a partir de amanhã — Margaret propôs, adiantando a data para acomodar sua vontade. — Não irá demorar, John — ela garantiu.

Sem poder encontrar a voz, Mr. Thornton observou-a com esperança exultante e amor sem medidas. Margaret se tornaria sua esposa em três semanas! Inclinou-se então para beijá-la novamente, seus lábios encontrando delicadamente os dela por um breve momento, até que o som de passos se aproximando os interrompeu, fazendo com que se afastassem.

— Seu chá, senhor — a criada anunciou pousando a xícara na mesa. Saiu, e, rapidamente, retornou para trazer outra para Margaret.

Eles sentaram-se para desjejuar.

— Não perguntei ainda como sua mãe recebeu nossas boas-novas. Temo que ela não tenha uma opinião muito boa sobre mim — Margaret demonstrava um leve desespero.

— A opinião dela já melhorou — Mr. Thornton contou à noiva. — Ela virá a conhecê-la melhor. É inevitável — constatou de maneira confiante, à medida que acarinhava sua mão de modo tranquilizador.

Ele não abdicou de seu toque, nem Margaret retirou sua mão. Gradualmente, seus dedos começaram a entrepor-se como se por impulsão própria, até que começaram a se interlaçar. As xícaras permaneceram intocadas, se

entreolhavam, conscientes diante da dança amorosa que os envolvia, surpresos por descobrir a satisfação do gesto despretensioso.

O encanto foi quebrado pela aproximação de Edith e Maxwell. Apartando as mãos relutantemente, eles tomaram suas xícaras negligenciadas com fingida naturalidade. Margaret evitou, momentaneamente, o olhar de Mr. Thornton para manter seu equilíbrio.

— Bom dia. Vejo que temos que madrugar para desjejuar com Mr. Thornton — Edith comentou animada, enquanto Maxwell a ajudava a sentar-se à mesa. — Suponho que seu trabalho exija sua pontualidade — ela disse, dirigindo-se ao noivo da prima.

— Certamente, estou predisposto a acordar cedo, mesmo quando estou em meu tempo livre — respondeu Mr. Thornton com um sorriso cálido.

— E o senhor tem muito tempo livre, Mr. Thornton? — perguntou Maxwell de maneira interessada, tendo se sentado perto do restante da companhia.

— Não no presente momento — respondeu de modo melancólico. — Infelizmente meus negócios requerem atenção estrita.

— Oh, meu Deus! — exclamou Edith, com um olhar de simpatia em direção à sua prima. — Temo que não verá muito seu esposo quando se casar, Margaret — ela conjecturou.

Margaret deu uma olhada rápida

para seu pretendente, que a observava para ver como ela iria responder.

— Eu sei que Mr. Thornton, frequentemente, trabalha longas horas, mas não me sentirei negligenciada. Espero que ele saiba que estarei ansiosamente esperando por sua volta a casa, independente da hora — retorqui Margaret.

Olhando furtivamente para John, a moça ficou feliz ao perceber que sua resposta o deixou satisfeito.

O coração de Mr. Thornton se aqueceu ao pensar em voltar para casa e encontrar as atenções amorosas de Margaret. Por muitos anos ele havia trabalhado com muito pouca gratificação, a não ser pagar as dívidas da família.

Quão agradável será ter uma recompensa tão adorável esperando por ele no final do dia! Um sorriso carinhoso iluminou seu semblante à medida que olhava para ela com admiração.

— Que lástima estar sempre tão ocupado – apontou Edith honestamente. — Talvez ele possa ser persuadido passar menos tempo na fábrica – ela sugeriu.

Margaret sorriu pela observação da prima e olhou novamente para o noivo. Apesar de Nicholas ter-lhe contado que Mr. Thornton algumas vezes trabalhava até tarde da noite, ela esperava que ele pudesse diminuir sua carga de alguma maneira, e não podia evitar esperar que ele achasse mais tempo para estar com ela.

— Talvez eu possa — Mr. Thornton respondeu, olhando diretamente para Margaret com um sorriso astuto.

Margaret olhava diretamente para o escuro púlpito revestido, suas mãos dobradas sobre o colo. A beleza ornamental do presbitério e a solene atmosfera da igreja recordaram-na de que, muito em breve, ela estaria diante de Deus e dos homens para recitar os votos sagrados do matrimônio. Em vão esforçou-se para escutar o sermão do vigário, mas encontrou sua mente povoada por outros pensamentos.

Sentia a dicotomia de estar

sentada entre sua tia Shaw e Mr. Thornton. De um lado, era compelida a seguir os ditames da sociedade e do reto decoro; do outro, seus sentidos estavam sintonizados de maneira aguçada à presença do homem que acendia o fogo em sua alma.

Sem qualquer movimento de seu calmo semblante, Margaret pôde ver a extensão da perna de Mr. Thornton tocando as camadas de sua saia; estava consciente do quanto seu cotovelo estava próximo dela, enquanto sentava placidamente ao seu lado. Ansiava por tocá-lo, por segurar suas mãos como haviam feito naquela manhã. Punindo-se por estar tão distraída, Margaret empenhou-se, repetidamente, em se concentrar nas palavras ecoadas pelo

pastor.

Mr. Thornton estava tendo dificuldades similares em prestar atenção aos atos religiosos. Sentado próximo a Margaret, deparou-se com a mente incessantemente ocupada, recordando a sensação do corpo dela pressionado contra o seu, a suave pressão de seus braços em torno de seu pescoço, e o encantador calor de seus beijos. Plenamente ciente que tais reflexões eram inapropriadas numa igreja, trouxe seus pensamentos errantes para o presente somente para encontrar-se consciente da proximidade da noiva. Ansiava estar livre das restrições deste ambiente, desejando ficar a sós com ela, para poder tê-la em seus braços novamente.

Como os dois estenderam o braço para buscar o mesmo hinário, suas mãos se colidiram, transmitindo uma sensação de tremor através de seus braços e acendendo o desejo latente. Fitando-se brevemente, confusos e embaraçados, puderam reconhecer um no outro sua mútua atração.

Olhando para o livro aberto na mão de John, Margaret fora arrebatada pelo rico som de seu barítono, quando a congregação uniu-se em uma canção. Mr. Thornton estava, por sua vez, encantado com a voz harmoniosa da noiva, enquanto cantava as melodias familiares de um querido hino.

Quando, afinal, o órgão proclamou as notas triunfais do poslúdio, o casal

permaneceu em pé com gratidão, e saldaram um ao outro com um sorriso compartilhado. Tão logo eles saíram pelo corredor da igreja, Margaret tomou o braço do noivo gentilmente, deleitando-se no simples prazer do contato convencional.

Mr. Thornton sorriu ao sentir a suave pressão do braço de Margaret envolvido no seu. Agradava-lhe imensamente pensar que, dali por diante, ela apareceria daquela maneira com ele em público. Cativado por sua beleza e graça incomparáveis, John a observava, ao mesmo tempo em que ela conversava de maneira encantadora com alguns conhecidos de Edith. Margaret retirou o braço do seu por instantes, ao mesmo

tempo em que amavelmente mostrava seu anel de noivado para um grupo de mulheres. Mr. Thornton maravilhou-se ao vê-la brilhar de alegria enquanto o anel era, cuidadosamente, adulado com generosos elogios e alegres felicitações. O fato de Margaret estar orgulhosa por ligar-se a ele, um homem simples e inculto, em meio da congregação de cavalheiros e damas vestidos com toda a elegância em suas roupas dominicais, o enchia de surpresa e gratidão. Como ele havia ganhado seu coração era ainda um mistério para ele, mas sabia que iria guardá-lo firmemente pelo restante de seus dias.

Quando saíram na brilhante luz do sol, a família tomou caminhos diferentes.

John e Margaret declinaram o passeio de coche por uma lenta caminhada, dando a si mesmos o cobiçado tempo a sós que ambos desejavam com entusiasmo.

Caminhando em confortável silêncio por alguns minutos, se deleitaram nos firmes movimentos de seus passos sincronizados, como se contemplassem os convergentes caminhos de seu futuro. O som das carruagens passando, o trinado dos pássaros, a visão de entradas e portões dourados na rua, eram todos perdidos para eles, à medida que caminhavam vagarosamente pela calçada em perfeito contentamento por estarem juntos.

— Você quer se casar em Londres? — Mr. Thornton perguntou

calmamente após um longo tempo, buscando obter uma imagem clara do dia de seu casamento, e, solidamente, assegurar o evento em fatos definidos como lugar e tempo.

— Não — retorquiu Margaret. — Deve ser um evento discreto — ela disse suavemente, um traço de tristeza em sua voz.

Mr. Thornton entendeu rapidamente o significado daquelas palavras. Sua recente perda nunca estava fora de sua mente, projetando uma persistente sombra de tristeza sobre os exultantes acontecimentos da última semana. John estava ciente de que o casamento precisaria ser simples e íntimo — mesmo Milton seria muito movimentado

para tal ocasião.

— Pensei que talvez pudéssemos realizar a cerimônia em Helstone. Gostaria de mostrar-lhe o vilarejo – ela confidenciou, esperando que o noivo estivesse interessado em conhecer o lugar de sua infância.

— Adoraria conhecê-lo – respondeu ele, prontamente. Margaret fitou-o, e estava feliz em ver sua aprovação confirmada por um sorriso cordial.

— Quem sabe podemos ficar alguns dias? – Margaret se animou a sugerir, sabendo que estava violando a prerrogativa do noivo de planejar a lua de mel. — Se você puder ficar alguns dias longe da fábrica, é claro – se apressou em

acrescentar.

— Para nossa lua de mel? — Mr. Thornton perguntou casualmente, apesar de o assunto lhe atrair extasiada atenção.

— Sim — ela balbuciou, sentindo as bochechas queimarem enquanto continuava. — Acredito que possa garantir excelentes acomodações no campo. Existem lugares adoráveis que podemos conhecer — ela sugeriu ansiosamente.

Encantado pela ousada iniciativa dela em tocar no assunto, Mr. Thornton aquiesceu de bom grado com os planos de Margaret.

— Se você me liberar da tarefa de fazer tais preparativos, pode ser que encontre mais tempo para preparar a

fábrica para minha ausência. Creio que posso me organizar para ficar fora uma semana sem danos precipitados aos negócios – ele observou com um sorriso malicioso.

Surpresa por suas maneiras pouco exigentes, Margaret olhou descrente para ele, para determinar seu real intento.

— Você quer que eu faça os planos para nossa estadia? – perguntou ela, ainda um pouco incerta.

— Se você me contar sobre seus planos assim que os tiver organizado, ficarei muito contente em permiti-la escolher o local de nossa estadia. Estou certo de que você conhece muito bem o local – ele explicou calmamente. — De fato, irei me preocupar unicamente com os

proclamas e em contratar os serviços do vigário. Você está livre para fazer todos os outros arranjos de acordo com sua vontade, meu amor – disse ele com olhar afetuoso.

Para dizer a verdade, Mr. Thornton sentia-se aliviado por ter um casamento simples, que não exigisse sua atenção. Tinha ficado extremamente cansado com a interminável falação de Fanny, algumas semanas atrás, com relação aos detalhes de seu casamento extravagante. Ele confiava que Margaret teria bom senso e também bom gosto, e conseguiria organizar tudo com placidez.

Margaret retornou seu olhar amoroso, e apertou o braço dele um pouco mais próximo de si, com um sorriso

satisfeito.

Quando retornaram a casa, Mr. Thornton e Margaret encontraram a família sentada confortavelmente na sala da frente, esperando pela refeição. Margaret manteve o braço unido ao do noivo, quando o casal permaneceu no meio da sala. Tendo recentemente definida a data e o local de suas núpcias, o casal decidiu anunciar os planos à família.

— Desfrutaram da caminhada? — Edith perguntou.

— Sim, muitíssimo — Margaret respondeu, antes de olhar para o noivo com certa ansiedade.

— Mrs. Shaw — Mr. Thornton dirigiu-se formalmente à tia de Margaret.

— Estou muito agradecido à senhora por sua generosidade em tomar conta de minha noiva desde a morte de seu pai — ele agradeceu. — Margaret e eu acertamos os arranjos para nosso casamento, que irão permitir-me assumir inteira responsabilidade por ela sem extensiva demora. Teremos um casamento simples em Helstone, em três semanas — ele anunciou com calma autoridade.

— Tão cedo? — Edith soltou, desapontada por perder a companhia da prima em menos de um mês.

Mrs. Shaw ergueu a sobrelanceira, mas reconheceu o direito de Mr. Thornton de reclamar a mão da sobrinha com um gracioso aceno de cabeça. Ela estava surpresa por perceber sua crescente

admiração pelo homem – suas maneiras eram indefectíveis, e a atitude era, ao mesmo tempo, atenciosa e autoritária. Era óbvio que estava apaixonado por Margaret, e sentia que ele seria um marido devotado. Era evidente que Margaret parecia satisfeita com o anúncio. Entretanto a velha dama não pôde deixar de suspirar quando contemplou Margaret morando naquela cidade lúgubre e suja, em meio às classes trabalhadoras. Ela ansiava que a sobrinha fosse feliz com a vida que tinha escolhido.

— Margaret, querida, está satisfeita com os planos? – ela questionou, querendo ter certeza de que a moça estava preparada para tomar aquele importante passo em poucas semanas.

— Estou — Margaret respondeu sorrindo — eu nunca quis um casamento grandioso — confessou, satisfeita. — Vou gostar de ter um casamento simples na antiga igreja do papai.

— Maravilha! — exclamou Maxwell — ainda não tive a oportunidade de conhecer a idílica Helstone — observou. Edith sorriu forçosamente numa tentativa de acompanhar o entusiasmo do esposo.

A tarde transcorreu muito rapidamente para os namorados, que passaram a maior parte do tempo sentados próximos um ao outro, com as mãos unidas e conversando com o restante da companhia. Margaret e John estavam perfeitamente relaxados e felizes. Eles se

esforçaram para banir de suas mentes o pesadelo da partida iminente de Mr. Thornton de Londres até a hora da aproximação do chá da tarde.

A chegada de Dixon interrompeu a ociosa atmosfera da casa. Margaret levantou-se para receber de forma animada a querida serva de sua mãe na porta da frente, e perguntou se ela havia recebido sua carta explicando as recentes novidades. Dixon não esperava encontrar Mr. Thornton em Londres, mas ficou surpresa ao perceber quão normal parecia vê-lo ali com sua senhora. Ele parecia absolutamente esplêndido em suas roupas elegantes e maneiras fáceis. Apesar de achar que Mr. Thornton nunca poderia ser um cavalheiro adequado, Dixon estava

satisfeita por sua senhora por ver que facilmente poderia parecer um.

Dixon calmamente perguntou a Margaret se o patrão poderia dispendir um momento do seu tempo para falar com ela. A moça hesitou, mas foi em busca do noivo.

— O senhor contou para Miss Margaret sobre a investigação? — Dixon sussurrou de maneira preocupada.

— Sim, eu contei a ela, e disse também que não parece que eles prosseguirão com o inquérito. Mr. Hale ficará seguro se permanecer no exterior — ele assegurou, calmamente.

— Eu não queria ter mandado aquele homem horrível até o senhor, mas não sabia o que fazer — ela começou a se

desculpar.

— Agiu corretamente em mandá-lo até a mim. O caso está acabado agora — ele lhe afirmou. Dixon acenou com a cabeça e foi se estabelecer no quarto dos empregados.

A presença da querida criada lembrou Margaret de Milton e da casa que muito breve seria dela. A jovem tinha decidido recentemente escrever uma carta reconciliatória para Mrs. Thornton, mas não havia escrito ainda. Expôs seu propósito ao noivo e foi até a escrivaninha do outro lado da sala, enquanto Mr. Thornton pegou o jornal, um pobre substituto para a companhia dela.

Logo a seguir, Edith se desculpou e foi até o berçário. Alguns minutos

depois seu esposo fez o mesmo, deixando o casal sozinho na sala de estar, pois Mrs. Shaw tinha subido para seu cochilo costumeiro.

As mãos de Mr. Thornton estavam diligentemente empregadas segurando o jornal, mas sua mente estava ocupada de outra maneira. Seu olhar, frequentemente, voltava-se para Margaret, que estava sentada de maneira que o permitia ver uma parte de seu perfil.

Ciente de que estava sendo observada, ela sorriu para si mesma antes de falar em voz alta:

— Receio que deva pedir que busque outra diversão, Mr. Thornton – ela disse com simulada solenidade, sem tirar os olhos de sua tarefa.

Pego de surpresa pela censura implicada, Mr. Thornton abriu a boca para falar, mas então a fechou em um sorriso travesso. Deixando de lado o *The Times* com decisão, ergueu-se e foi até ela. Com uma das mãos no encosto da cadeira, inclinou-se para falar perto do seu ouvido.

— Acho que você é a coisa mais divertida desta sala – falou em uma voz ardente, o que a fez estremecer.

Sua pena parou, mas ela tentou parecer não afetada.

— Como posso terminar a carta para sua mãe se você insiste em me distrair? – ela perguntou, seu corpo tencionando em antecipação à resposta dele.

— Se você me conceder poucos minutos de sua atenção integral, eu permitirei que termine sua tarefa em paz — John sugeriu na mesma voz grave, mais determinado que nunca a tentá-la a abandonar seu trabalho. Ergueu-se então, obviamente esperando que ela se levantasse da cadeira.

— Temo que minha atenção, uma vez concedida, será requerida por mais tempo do que o sugerido — Margaret respondeu de maneira altaneira, contendo-o um pouco mais.

— É bem possível — ele admitiu com um sorriso malicioso, sua fingida resistência ao pedido aumentando o desejo de vê-la.

— E você promete me deixar? —

ela provocou-o ainda sentada.

— Somente desta vez – respondeu.

— Mas não farei esses tipos de promessas no futuro – acrescentou em um tom de advertência.

Calmamente, Margaret pôs sua pena de volta ao lugar.

— Estou contente por isso – respondeu ela, enquanto se levantava para encará-lo com um sorriso brincalhão.

O sorriso de John se abriu, e seus olhos brilharam alegres por um instante, antes de tornarem-se animados com afeição ardente. Mr. Thornton se admirava de que Margaret ficasse ali, esperando por suas atenções apaixonadas.

Estendeu as mãos para agarrar a cintura de Margaret, e ela deu alguns

passos à frente para abraçar seus ombros. Fitaram-se por um momento antes de fechar os olhos; suas bocas se encontravam em um beijo apaixonado. Inicialmente com ternura. Seus lábios se uniram, gentilmente roçando e explorando a sensação da íntima união, reprimindo com esforço a ferocidade de seus crescentes desejos, até que enfim, suas bocas se abriram para os profundos beijos que haviam experimentado antes.

Os corações palpitavam; sentiam as elevadas chamas da paixão ardente erguendo-se em torno deles. Mr. Thornton foi o primeiro a afastar-se, cumprindo com sua promessa.

— Eu disse a você que a deixaria ir — ele ressonou com o corpo,

protestando por seus prazeres reprimidos.

— Mmmm – ela balbuciou, concordando fracamente com as palavras dele enquanto resistia à mensagem. Margaret não fez nenhum movimento para afastar-se.

— A porta da sala está aberta. Não devo tomar certas liberdades... – ele murmurou, tentando ater-se a uma razão para parar, e concedendo-lhe a oportunidade de escapar dele.

— Não há ninguém aqui perto no presente – ela sussurrou em resposta, sua face ainda corada pelo desejo.

Sua resolução dissolveu-se ante às palavras de Margaret, e ele renovou suas atenções com veemência. Puxou-a vigorosamente contra si, fazendo-a emitir

um ruído indiscriminado em resposta.

Margaret correspondia seus beijos ardentes, estremecendo em assustado prazer ante sua paixão arrasadora e ousada. Pressionada contra o corpo firme dele, e excitada por seus potentes beijos, ela, subjugada de desejo, sentiu-se derreter sob seu delicioso domínio.

Mr. Thornton ardia de desejo, que se aprofundava em chamas, à medida que se permitia saciar sua ânsia de fazê-la dele com longos beijos – que pareciam querer reivindicá-la, possuí-la, tomá-la como sua pela insistência e entusiasmo. John sabia que deveria parar, e inspirando a força total de seu racional autocontrole, afastou sua boca da dela, e desatou-a de um abraço apertado, gemendo junto ao

ouvido dela.

— Margaret, eu a quero. Eu a desejo demais! Faça-me parar – sua voz era rouca, quase uma súplica. Seus olhos eram como labaredas de desejo. Ele tomou seus lábios novamente, sua língua encontrando a dela ávida, impotente diante das descobertas, sem forças para freá-lo. Seus corpos tremiam em resposta à energia da paixão.

Assombrado pela própria reação potente à espontânea submissão de Margaret, John buscou, cautelosamente, o olhar da amada para determinar como ela tinha suportado tal tratamento, seu peito ainda pesado com a paixão mal dominada.

Margaret lentamente ergueu os olhos para ele, desconcertada por seu

próprio comportamento lascivo, sob o encanto de sua solicitude amorosa, enquanto a pulsação, gradualmente, acalmava seus batimentos desenfreados.

Percebendo uma leve agitação nos olhos da noiva, John rapidamente começou a desculpar-se por seu comportamento impetuoso.

— Margaret, eu... você não sabe como me sinto quando permite-me amá-la dessa maneira — Mr. Thornton esforçou-se para explicar, ainda acariciando a cintura dela.

— Creio que entendo alguma coisa do que está descrevendo... — ela admitiu abertamente, ousadamente mantendo seu olhar preso no dele para que John entendesse o significado do que

dizia.

— Margaret! — ele sussurrou admirado ante a revelação de que a moça pudesse sentir parte dos mesmos impulsos que fluíam dele. Mr. Thornton trouxe-a para perto de si e, gentilmente, beijou-a na testa. Tomando o rosto de Margaret em suas mãos, analisou-o intensamente, e ficou comovido por encontrar ali, somente, seu inabalável amor por ele. — Margaret, eu não ousa sonhar que você possa ansiar por meus carinhos! Temo que eu não possa sobreviver muito tempo sem seus beijos! — ele declarou ardentemente.

Margaret, cobriu as mãos dele com as suas.

— Eu não quero que você vá embora — a moça confessou, mas então

sorriu ao se lembrar da promessa que ele havia feito mais cedo. — Parece que você me deteve um pouco mais do que planejava — ela observou de maneira atribulada.

— Eu cumpri minha legítima obrigação — insistiu ele, defensivamente. — Dei a você a oportunidade de apartar-se de mim, o que você prontamente ignorou — ele a acusou com um sorriso atravessado.

— Fiz isso? — ela perguntou inocentemente, fingindo esquecer-se de sua própria culpabilidade.

— Sim, você fez — John enfatizou, esforçando-se para não trazê-la para si novamente.

— Então, suponho que devo

confessar que achei o senhor igualmente distrativo, Mr. Thornton – ela brincou com um sorriso charmoso.

O sorriso de Mr. Thornton se abriu quando entendeu o significado de suas palavras, deixou de lado suas restrições e trouxe-a para si novamente.

— Então, talvez você consinta em se deixar distrair por um pouco mais de tempo – ele sugeriu, seus olhos revelando o ardor que, rapidamente, substituía o tom de brincadeira.

Margaret sorriu ao ouvir o pedido e ergueu o rosto em concordância. Suas bocas se encontraram com delicada constância, se beijaram lentamente e com parcimônia por um longo tempo, até que ambos se apartaram do prazeroso contato.

— Permitirei que você volte à sua carta — John disse por fim, incapaz de tirar os olhos dela, maravilhando-se ante sua intimidade familiar. — Irei preparar as coisas para minha partida e voltarei para você em breve — ele disse em uma voz tranquilizadora.

Beijou novamente o rosto de Margaret e, deixou a sala.

Margaret permaneceu imóvel por alguns minutos, perdida em pensamentos, antes de retornar à escrivaninha para terminar sua tarefa.

A visita de Mr. Thornton a Londres chegou ao fim no momento que o

chá da tarde foi retirado. Após serem trocadas afetuosas despedidas e gentis agradecimentos na sala, Margaret acompanhou o noivo até o grande *hall* para dizer-lhe adeus.

John voltou-se para ela ao chegar à porta e, sem dizer nada, estendeu os braços. Margaret correu para ele, abraçando-o em intenso domínio, seu rosto pressionado contra seu peito. O longo sobretudo preto resguardou o abraço, envolvendo-os em um momento suspenso em tempo e espaço, escondidos em um mundo só deles. Mr. Thornton inspirou lentamente um treme suspiro de êxtase por senti-la agarrada fortemente a ele. Permitindo sua mão mover-se por toda a extensão das costas de Margaret,

alcançou a delicada base de seu pescoço e aconchegou os dedos em seu cabelo, para segurá-la bem próxima de si.

Mr. Thornton não conseguia se mover ou falar, querendo somente permanecer para sempre naquele abraço, sentindo que seu coração iria irromper em amor. Naquele momento, tudo que ele desejava estava firmemente seguro em suas mãos. Como ele odiava ter que partir! O insidioso sentimento de solidão começou a tomar conta dele quando pensou em voltar para Milton sem ela.

— Margaret, preciso tê-la comigo! — exclamou roucamente, como se os meses que ansiara por ela o assaltassem, chocando-se contra ele com súbita força. — Podemos nos casar em Milton... — ele

falou desesperadamente, antes de ser silenciado pelo toque delicado dos dedos de Margaret em seus lábios. John tomou-os em suas mãos e beijou-os de forma suave.

Margaret o contemplou com terna compaixão, sentindo também o coração pesado ao pensar que ele tinha que deixá-la.

— Está acertado, John — ela disse, gentilmente arrazoando com ele. — Estaremos juntos em breve, está bem assim? — reafirmou a ele, seus olhos implorando que entendesse. — Também queria nunca mais ficar longe de você — confessou. — Em breve isso será realidade, nunca mais estaremos separados — Margaret prometeu com

sinceridade.

As palavras da noiva o acalmaram, e ele assentiu sua concordância em silêncio. John declinou a cabeça, envergonhado por seu surto imprudente.

Margaret moveu-se para puxar um pequeno tecido das camadas de sua saia.

— Eu queria presenteá-lo com alguma coisa que fosse minha — uma exígua prova de meu amor, eu temo — disse a moça, enquanto lhe entregava um delicado lenço com bordas de fina renda.

John tomou o lenço rapidamente, valorizando qualquer objeto no qual pudesse sentir seu cheiro. Examinou cuidadosamente o bordado, fixando numa pequena rosa amarela com suas iniciais

inscritas em linha colorida.

— Sempre amei as rosas amarelas que crescem em volta de nossa casa em Helstone – ela explicou com um sorriso tímido. — Terei que mudar minhas iniciais. Não serei mais Margaret Hale, mas, sim, Margaret Thornton – acrescentou amavelmente.

O som do nome de Margaret unido ao seu fez seu coração disparar, envolvendo-o com um estreito elo de extraordinário contentamento. *Margaret seria sua!*

Com máxima resolução e infinita ternura, John plantou um demorado beijo nos lábios de Margaret.

— Vejo você em Helstone, meu amor – disse ao acariciar os fios de

cabelo soltos com os dedos.

Liberando-a de seu abraço, lançou a ela um último olhar penetrante antes de abrir a porta e sair.

O som da fechadura da porta ecoou pelo *hall*, inesperadamente hostil em sua finalidade. Margaret permaneceu em pé imóvel; as paredes vazias da sala pareciam tomar conta do lugar, indiferentes ao seu coração dolorido. A jovem abateu-se pela separação do noivo. A única pessoa que a conhecia e a quem ela amava com ardor. Sentiu o pânico tomar conta de si, quando compreendeu que não veria seu rosto ou ouviria sua voz por muitos dias.

Não se importando com as aparências, correu pela sala de entrada

para a sala de estar, apressando-se até a janela para buscar uma última visão dele.

Conseguiu enxergá-lo, e observou-o até que sua figura vestida de preto desaparecesse numa esquina. Colocou então sua mão na janela e moveu os lábios em um adeus silente.

Mr. Thornton obrigou-se a continuar caminhando, esforçando-se para superar o frenético impulso de voltar a cada passo. Como ele ansiava pôr de lado as barreiras do costume e convenções e voltar à casa da tia de Margaret, erguê-la em seus braços e carregá-la até a estação, de maneira que fosse obrigatória sua ida para Milton com ele. Ateve-se aos fragmentos de sua inerente racionalidade, dominando os movimentos de seu corpo

com firme resolução, à medida que dava um passo depois do outro, dirigindo-se à estação. John sempre imaginou que tivesse uma vontade de ferro, mas as provas daquele dia comprovaram essa resolução a esse respeito. Como ele poderia deixar seu coração para trás, em Londres?

Chegou à estação e embarcou no trem para Milton com resignação. O peso da responsabilidade começando a tomar conta dele – as cadeias da obrigação e do dever lentamente tomando o lugar da sublime liberdade que conhecera durante sua curta estadia com Margaret. Ele devia retornar à fábrica e renovar o interminável programa de seu trabalho. Voltaria à casa para sua mãe e dormiria

em uma cama vazia, como havia sido por anos.

A conversa insignificante dos estranhos à sua volta parecia somente amplificar sua solidão. Abrindo os punhos, John sentiu-se confortado ao encontrar o único remanescente de sua visita. *Margaret seria sua esposa. Em breve ele não viveria mais sozinho.* O pensamento pesou em seu peito com uma profunda promessa de felicidade. Agarrando o lenço de Margaret, pressionou-o contra o rosto por um momento para sentir a suave fragrância de jasmim. Repousou a mão no colo, segurando a pequena peça de tecido à medida que o trem, lentamente, começava sua jornada rumo ao norte.

Margaret sentiu-se aliviada quando anoiteceu e ela pôde recolher-se para a privacidade de seu quarto. A jovem tentara permanecer alegremente cordial com a família desde a partida de Mr. Thornton, mas sentiu a suave dor de sua ausência a cada hora que passava.

Por tanto, sozinha em seu quarto, estava contente em sentar e sonhar com ele, relembrando nostalgicamente o fascínio de seu forte abraço. Como já sentia sua falta! Tinha se sentido tão à vontade em seus braços que não conseguia imaginar sua vida sem ele. Sorriu ao pensar quão similares aos dele eram seus

sentimentos agora – se casaria amanhã se ele se atrevesse a aceitar!

Mas haveria muito que fazer nos próximos dias para preparar o casamento. *Três semanas passariam rápido o suficiente*, disse a si mesma. Se se mantivesse ocupada, não sentiria tão profundamente sua ausência.

Uma batida na porta despertou-a de seu devaneio. Dixon entrou no quarto assim que Margaret lhe disse que o fizesse.

— Estou contente que esteja de volta – Margaret comentou, à medida que a querida confidente de sua mãe a ajudava a despir-se. — Parece que tantas coisas aconteceram desde que a deixei em Crampton – continuou.

— Certamente! — exclamou Dixon e seus olhos se arregalavam em concordância. — Foi um choque, posso lhe assegurar, saber que a senhorita tinha se comprometido com o *master* — Dixon frisou cada palavra. — Era seu pai que tinha boa opinião sobre ele. Nunca pensei que a senhorita tivesse prestado alguma atenção nele — observou Dixon, soltando os laços do corselete de Margaret.

— Eu o havia notado, Dixon. Somente não estava certa de como o enxergava, suponho. As coisas são tão diferentes em Milton! — a jovem disse a ela.

— Huh! — a criada retorquiu asperamente. — Tão diferentes quanto podem ser. Nunca vi um lugar tão

poeirento e abarrotado. Foi o suficiente para assustar sua pobre mãe, digo a você – ela continuou falando com desdém.

— Dixon! – Margaret chamou sua atenção firme, mas calmamente. — Milton será meu lar, não quero que você o menospreze – lembrou-a. — Deseja ficar aqui em Londres? – perguntou cautelosamente à leal criada da família, não sabendo se Dixon iria querer voltar para uma cidade que ela desgostava.

— Claro que não, Miss Margaret! – exclamou Dixon, consternada enquanto ajudava sua senhora a vestir a camisola. — Meu lugar é com a senhorita. Sua mãe iria querer assim – afirmou. — Além disso, odiaria vê-la batalhar com aquela mulher totalmente sozinha! – acrescentou,

decididamente.

Margaret sufocou a risada ao se dar conta de quão predominante era a severa reputação de Mrs. Thornton em Milton.

— Não creio que ela será difícil de lidar, uma vez que entendamos sua maneira de arranjar as coisas – a jovem tentou convencer-se.

— Humpf! – Dixon vociferou sem convicção, enquanto escovava os cabelos de Margaret. — Mesmo assim, não quero que a senhorita tenha que aprender a viver naquela casa completamente sozinha – expôs firmemente a criada.

— Obrigada, Dixon – Margaret respondeu. — Mas eu não estarei sozinha. Estou me casando. Mr. Thornton estará lá

— a moça recordou-a com um sorriso animado.

— Humm... — respondeu conscientemente, duvidando que o master saberia ajustar o domínio da casa, o qual seria relegado à Margaret.

— Dixon — Margaret disse cautelosamente — ainda não contei: o casamento será daqui a três semanas — a jovem informou, observando a reação da criada pelo espelho.

A escova parou de mover-se um segundo antes de retornar ao seu enérgico ritmo.

— Tão cedo, Miss Margaret? — perguntou com uma leve aflição, perguntando-se o que sua finada senhora pensaria de tais planos. — E eu que vim

correndo para Londres para uma estadia tão curta — balançou a cabeça, desesperadamente.

— Sinto muito, Dixon. Temo que tudo tenha acontecido muito rapidamente. Mas desejamos estar juntos o mais rápido possível — explicou honestamente.

A fiel empregada reagiu erguendo as sobrancelhas, curiosa para saber se tal sentimento era mesmo mútuo, ou se sua senhora havia sido pressionada a desistir de sua juventude tão rapidamente. Não havia tido tempo para realmente observar o casal, e somente podia supor pelo comportamento de Mr. Thornton, em Milton, que ele estava ansioso por casar-se. Se Miss Margaret estava, ou não, completamente apaixonada, ela ainda não

tinha percebido.

Estudando a fisionomia da jovem pelo espelho por um momento, Dixon começou a ver por si mesma. O olhar sonhador e um sorriso persistente lhe disseram tudo que precisava saber – a moça estava enamorada. Dixon suspirou e finalizou a longa trança no cabelo castanho de Margaret.

Enfim permitindo-se sorrir, Dixon saboreou o pensamento de ver sua senhora em um casamento feliz.

— Será uma linda noiva, senhorita – ela disse à sua senhora em um tom de felicitação.

Margaret sorriu.

— Obrigada, Dixon – ela replicou enquanto dava-lhe um beijo estalado em

sua bochecha e desejava-lhe uma boa-noite.

Extinguindo a luz da vela, Margaret foi atraída para a beleza do luar fluindo pela janela e iluminando o tapete carmesim com o resplendor emprestado da lua. A jovem foi até a janela para olhar para a órbita brilhante. Silenciosamente espalhando seu fulgor glorioso sobre toda a terra, a lua parecia erguer-se, velando pelas cenas humanas abaixo. Olhando fixamente para a tranquila visão, Margaret pensava em seu amado – longe dali, sob a mesma lua.

Enfim subindo lentamente na cama, Margaret ficou desconcertada ao sentir um papel sob seus ombros. Ela sabia que a carta de Mr. Thornton estava

seguramente guardada na cômoda. A jovem sentou-se e reconheceu um novo envelope. Colocando o papel contra a luz da lua, seu coração acelerou quando reconheceu seu nome rabiscado com a caligrafia de John.

Rapidamente, Margaret desceu da cama para reacender a vela na mesinha ao lado da cama. Abrindo o envelope, puxou o papel dobrado para ler a carta de amor.

*“Minha querida Margaret,
Eu a amo e sempre amarei.*

Por meses tenho sido escravizado por você, buscando uma palavra, ou um olhar que pudesse me dar esperanças de obter sua afeição. Você suspeitava como sua voz ou seu mais leve toque me

afetavam?

Atrevo-me a sonhar em torná-la minha, ansiando por encher meus dias com sua fascinante presença. Mesmo quando parecia que você não me amava, eu continuei a amá-la com todo meu coração, sem reservas.

Consegue imaginar a alegria que tomou conta de mim quando ouvi seus próprios lábios me dizerem que você me amava e seria minha? – como imagina que me sinto quando você olha para mim com ternura e me abraça com seus braços adoráveis?

Quando a seguro em meus braços sinto uma felicidade tão incrível, que desejo nunca mais soltá-la. É alguma surpresa que eu queira me casar com

você instantaneamente para que minha alegria não tenha mais fim, que eu não desperte por ventura, para descobrir então que era tudo um sonho?

Margaret eu a amo! Eu não conheço nenhuma outra forma de embelezar este sentimento com palavras, mas quero que saiba a profundidade da minha afeição e o quanto eu anseio estar com você, viver cada momento ao seu lado. Você cativou meu coração e minha alma, e eu renuncio a mim mesmo alegremente a esse doce cativo para sempre.

*Sou inteiramente seu,
John.”*

Margaret leu a carta duas vezes

com absorta atenção. Finalizando as últimas linhas novamente, ela suspirou longamente, inconsciente de ter segurado a respiração por algum tempo. Ela moveu-se para olhar pela janela e contemplar as emoções que se despertavam dentro de seu peito. Os raios da lua banhavam tudo com seu suave fulgor, espelhando o inefável amor que ela sentia resplandecendo sua vida. A jovem segurou a carta no peito, enquanto um suave sorriso de puro contentamento tomava conta de seu semblante.

O ar da noite estava frio, e a luz da lua espalhava densas sombras na

paisagem da cidade. Mr. Thornton caminhava sem pressa até sua casa, captando o completo resplendor da exposição do céu sobre as feições humanas em torno de si. As fileiras de casas simples, as fachadas de pedra das fábricas, e as frentes pintadas brilhavam com a luz branca que parecia transformar o cenário em iluminados espectros.

Não mais destinado a trabalhar sem parar, com pouca esperança de experimentar as grandes alegrias da vida, John encontrou seu futuro fulgindo nitidamente com um amor que eclipsava tudo que havia conhecido antes. Parecia que a Providência lhe restauraria os *anos consumidos pelos gafanhotos*,[\[2\]](#) e que iria encontrar a doce recompensa por

todas as lutas e sofrimentos do passado.

Sentiu sua esperança alçar voo mesmo quando se misturava com o solene pensamento da longa ausência de Margaret. O jovem estava ansioso por trazê-la para sua casa em Milton, para que pudessem começar a vida juntos. Sabia que não ficaria completamente em paz até que Margaret fosse sua – irrevogável e inteiramente sua.

Quando se aproximava de casa, John sentiu-se aliviado por encontrar tudo escuro. Teria tempo suficiente no outro dia para contar à sua mãe as suas alegres novidades. Saboreava a presente oportunidade de apreciar tudo que havia acontecido nas câmaras secretas de sua mente, sem os comentários intrometidos

de outros.

Tomou seu caminho até o quarto sem velas ou lâmpadas, caminhando através das escuras sombras e imagens de luz que fluíam das janelas.

Largando a valise dentro do quarto, Mr. Thornton desatou a gravata e tirou o casaco, removendo do bolso a carta que Margaret havia escrito para sua mãe. Colocando o casaco sobre uma cadeira, ele moveu-se para depositar a gravata e a carta sobre a cômoda, notando curiosamente outro envelope, claramente exposto sobre a superfície. Tomando a carta com interesse, sua respiração começou a ficar acelerada, quando ele rapidamente entendeu que poderia ser a carta de Margaret, a qual havia esperado

por tanto tempo.

Apressou-se para acender a vela sobre a mesa, e analisou o aspecto de seu nome escrito na elegante caligrafia de Margaret. Abriu cuidadosamente o envelope, urgentemente desejando ler as palavras que ela tinha escrito somente para ele.

“Meu querido John,

Sua afetuosa carta tem me dado muito prazer. Eu não desejaria ler palavras floreadas de amor professado, que são frívolas vaidades da verdade, mas nunca me cansarei de ouvir sobre os sentimentos que o incitaram a escrever nessa comvente honestidade.

Até descobrir a franca mensagem

entre as páginas do livro que você me deu, eu pensava que tivesse aberto mão de seu amor por mim. A compreensão de que você ainda gostava de mim abriu as portas da minha esperança por felicidade e revelou, para meu próprio coração sofredor, o quanto eu o amava em retorno. Eu não me atrevia a sonhar em ganhar novamente sua afeição, depois de tudo que se passara entre nós.

Foi com minha recém-descoberta esperança que eu mandei Nicholas a você com minha resposta. Deus o abençoe por seu rápido despacho! Eu não tinha ideia do que você faria em retorno; somente queria que você soubesse que eu receberia sua afeição – que seus sentimentos não mais

encontrariam fria indiferença e severo desdém.

Não posso explicar-lhe o que eu senti quando o ouvi chamar pelo nome enquanto esperava para embarcar no trem para Londres. Eu soube instantaneamente, quando me voltei para vê-lo, quão profundamente você devia sentir por mim – você, que me enalçou no acrimonioso frio, sem pensar em pôr um casaco e luvas! Mal pude respirar durante o tempo que esperava para ouvir o que você diria, e quando me pediu em casamento, meu coração disparou ante a chance de responder corretamente ao que eu tinha tão estupidamente declinado antes.

John, espero que perdoe minha

ousada afirmação naquele dia! Eu não poderia deixar que partisse sem uma resposta – sem lhe descrever um pouco da alegria que sentirei ao tomar o lugar ao seu lado como sua esposa. Tia Shaw não iria entender nosso encontro impetuoso! Senti que não tinha escolha, mas anunciar nosso noivado como se isso já tivesse sido acertado entre nós?! Não creio que já o tenha visto tão surpreso, mas estou certa, agora, que minha decisão de falar tão impulsivamente não o desagradou.

Eu serei sua esposa, John. Não será um sonho. Eu sei que o magoei sem escrúpulos no passado, mas tudo aquilo está acabado. Eu sei agora quem você é verdadeiramente, e não posso evitar

amá-lo por toda sua gentileza, força e empenho desinteressado que vi em você. Será meu privilégio ser sua esposa e trazer-lhe toda a felicidade que estiver em meu poder conceder.

Eu acordo todas as manhãs pensando em você e encontro minha mente peregrina constantemente atraída para sua imagem. Você acreditará em mim agora se eu disser que te amo? Eu nunca senti tais sentimentos antes – você, somente, tem o poder de afetar-me desta maneira.

Desejo voltar para Milton, para onde eu pertenço, para que nós não precisemos mais ficar separados. Até lá, eu espero, ansiosamente, que você me visite em Londres, para que possa

cumprir seu desejo, e que eu possa sentir seus fortes braços em torno de mim.

*Com todo meu amor e afeição,
Verdadeiramente sua,
Margaret.”*

Mr. Thornton fechou os olhos para lembrar o prazer sem precedentes de segurá-la apertado, os braços verdadeiramente doloridos ante a ânsia tão intensa por abraçá-la. Suspirou levemente e abriu os olhos para o presente.

Ainda com a carta em mãos, moveu-se até a janela, olhando para a luz do luar que resplandecia no pátio da fábrica. Margaret estava longe – ampla era a distância entre eles. *Mas ela virá,*

ele pensou, colocando de lado a inquieta
ânsia pela imediata presença dela que
tratava de invadir sua paz. *Ela virá e
transformará minha vida em algo
inteiramente novo – algo
indescritivelmente belo.*

Um sorriso de profundo
contentamento, lentamente, iluminou seu
semblante.

CAPÍTULO VIII

A luz rosada do recente amanhecer lançava seus primeiros raios no pátio da fábrica, e Hannah Thornton já estava sentada à espera do desjejum. Estivera inquieta durante a ausência de John, dividida entre a esperança pela felicidade do filho, e a insistente preocupação em sentir-se deslocada em sua própria casa. Ela tinha pedido a Deus para que John retornasse de Londres com a certeza de que Margaret tinha aceitado sua mão. Outra resposta era impensável.

A despeito de suas esperanças pela felicidade de John, Mrs. Thornton não podia evitar o receio pela perspectiva

da chegada da moça para morar com eles. Imaginava que, como Senhora de Marlborough Mills, Margaret faria inúmeras mudanças em sua rotina diária e costumes. Mrs. Thornton estava convencida de que a jovem traria suas maneiras sulistas e adornos para influenciar a casa de alguma maneira. E John iria, sem dúvida, deleitar-se em satisfazer cada capricho e extravagância, olvidando-se qualquer consequência que tal complacência pudesse acarretar.

Refletindo mais profundamente sobre seu julgamento apreensivo, Mrs. Thornton inclinava a admitir que Margaret não era o tipo de moça que dedicasse muita atenção a assuntos de decoração ou detalhes domésticos, ao contrário de

Fanny, que parecia preencher constantemente seus pensamentos com a última moda e arranjos espalhafatosos.

Talvez a moça não concordasse em redecorar, ou fazer dramáticas alterações no funcionamento tradicional da casa em si, mas, em vez disso, sugerisse a John como ele deveria administrar sua fábrica, suplicando por algum esquema adicional para melhorar a vida dos trabalhadores à custa da indústria. Mrs. Thornton estava certa de que o refeitório que o filho instituía podia ser atribuído à influência de Margaret, e preocupava-se que a nora tentasse se meter na autoridade de John e nas decisões nos negócios.

Um suspiro lhe escapou dos lábios

ao pensar quão vulnerável o filho poderia ser às manipulações de sua esposa. Mrs. Thornton nunca tinha visto John tão incauto, como quando se referia a Margaret Hale. O filho praticamente venerava a moça, e não ouviria nenhuma palavra contra ela. *Isto era o que mais a preocupava, que sem se dar conta, John pudesse abandonar a racionalidade praticada por toda a vida, para seguir os ditames daquela mocinha que não sabia praticamente nada de trabalho duro e das dificuldades que o possibilitaram conquistar sua atual posição nos negócios e na sociedade,* ela pensou.

Mrs. Thornton estava certa de que John não contara a Margaret sobre os atuais problemas financeiros da fábrica,

não quando desejava assegurar seu consentimento. Mas ela precisaria compreender, o quanto antes, que sua vida ali não seria, necessariamente, uma vida de facilidades e livre de preocupações, como haveria de imaginar. A jovem precisaria apreciar o patrimônio que John já assegurara cuidadosamente, e também manter um respeito salutar pela prudência e perspicácia necessária para suportar os turbulentos ciclos da indústria na qual ele atuava.

O som dos rápidos passos do filho descendo pela escadaria quebrou a trajetória de seus pensamentos atribulados. Sentia-se aliviada ao ver o sorriso fácil, mesmo que seu estômago se revolvesse ao pensar do seu significado.

— Bom dia, mãe! — ele a saudou animadamente, ao tomar assento.

— Bom dia, John! — respondeu a mãe em seu habitual tom moderado. — Foi bem de viagem, eu presumo? — Mrs. Thornton disse casualmente, permitindo ao filho ressaltar os detalhes pertinentes de tudo que ocorrera desde sua partida.

— Sim, está tudo acertado — respondeu, e um sorriso afetuoso tomou conta de sua face, a memória dos doces carinhos de Margaret preenchendo-o com tranqüila sensação de bem-estar.

Mrs. Thornton percebeu sua atitude relaxada e feliz. Quão mudado ele estava; parecia em paz com o mundo! Ela nunca o vira tão contente, e estava quase alarmada ante o dramático contraste com

o agitado e esperançoso apaixonado que tinha partido para Londres dois dias atrás. Era forçada a admitir quanto poder Margaret exercia sobre o temperamento do filho, e lhe abatia reconhecer quanto sua influência sobre ele iria diminuir, quando trouxesse a esposa para casa.

— Nos casaremos daqui a três semanas — John informou à mãe cautelosamente, mas com grande satisfação, enquanto seu desjejum era servido.

Mrs. Thornton estava desconcertada.

— Três semanas? Certamente não há razões para pressa! — ela exclamou, tendo esperado até que a criada tivesse fechado a porta para dizer o que pensava.

Hannah não esperava uma data tão próxima, e rebelou-se contra o fato de perdê-lo tão rapidamente.

— Margaret perdeu o pai, e o irmão não pode ajudar a tomar conta dela — ele a recordou, esperando apelar para o respeito que a mãe tinha pelas convenções.

— Mas, certamente, a tia possui os meios de mantê-la por algum tempo — a mãe rebateu, percebendo quão indelicada soara sua resposta, uma vez que as palavras foram ditas. Hannah manteria silêncio sobre o assunto no momento; não era assunto seu, mas dele. O filho não entenderia o quão ardentemente ela desejava ater-se ao presente — manter as coisas exatamente como eram entre eles.

John não entenderia o quanto a mãe temia perder o primeiro lugar em seu coração, lugar que havia conservado e apreciado por tanto tempo.

— Este é nosso desejo — planteou John candidamente, desapontado pelo fato da mãe questionar sua decisão.

Mrs. Thornton ergueu a sobrancelha diante de tal resposta, não duvidando que esse fosse o desejo de John, mas conjecturando se Margaret estava verdadeiramente inclinada a se casar com aquela rapidez. Sua expressão foi perdida pelo filho, pois este já tinha voltado sua atenção ao seu prato de ovos e torrada.

— Se casarão em Londres? — Hannah perguntou tentando retomar sua

comunicação habitual.

— Em Helstone — Mr. Thornton respondeu de maneira simples, observando a reação da mãe.

Mrs. Thornton não disse palavra, mas sua fisionomia, mais uma vez, revelou sua surpresa.

— Será um evento simples, é claro — ele explicou —, e acredito que significará muito para Margaret se casar lá — acrescentou, amavelmente.

— Claro — a mãe concordou, contendo o tom de qualquer indicação de desapontamento ou censura.

— Não será solicitada sua atenção com detalhes intermináveis, mãe — John afirmou a ela com um sorriso compreensivo, fazendo uma referência ao

tedioso planejamento que envolvera o casamento de Fanny. — Você só precisa ir ao casamento — John calidamente a encorajou, seus olhos brilhantes com visível entusiasmo.

O coração de Mrs. Thornton abrandou ao vê-lo daquela maneira. Recordou-se dos dias da infância, de alegre inocência e confiança natural. Como lhe eram caras cada memória de carinhoso afeto e confiança! Os ternos olhares que ele confiava tinham sido seu sustento diário por anos, quando o peso da vida parecera muito pesado para carregar. John não conseguiria entender como a mãe temia perder aquele elo familiar, vê-lo perder-se nas sombras esquecidas de sua vida.

Mr. Thornton também nunca entenderia o quanto Hannah Thornton tinha sonhado com um elegante casamento para seu filho querido. Ela tinha ansiado em, orgulhosamente, assistir John provocar a inveja de toda a alta sociedade da cidade, no esplendor de um grande casamento que corresponderia à sua posição de sucesso em Milton.

Mrs. Thornton não se entusiasmava com a ideia do casamento em Helstone. Receava que a beleza superior e tranquilidade do cenário pudessem menosprezar a cidade que representava tudo que ele havia obtido. Por anos, Hannah não desejara viajar a lugar algum, orgulhosamente convencida de que Milton podia oferecer tudo que era

necessário para viver apropriadamente e feliz.

Sorriu então com simpatia por causa do filho, e ele respondeu gentilmente:

— Quase esqueci — John declarou, tomando o último gole de chá e levantando-se da cadeira. Retirando um envelope do bolso do casaco, ele entregou-o à sua mãe. — Margaret quis escrever para você — explicou, feliz por oferecer provas da amável consideração de sua noiva. Ele sorriu para o olhar assustado no semblante de sua mãe. — Eu não li o conteúdo — acrescentou, deferindo qualquer questão que ela pudesse levantar.

Hannah olhou perplexa para o

envelope, enquanto Mr. Thornton movia-se para sair. — John! — ela gritou-lhe de repente, antes que ele deixasse a sala. John voltou-se atenciosamente. — Fanny virá para tomar chá conosco esta tarde — informou-lhe. — Ela deseja que você esteja presente — enfatizou.

— Então me esforçarei para chegar a tempo — prometeu Mr. Thornton em deferência ao pedido da irmã.

— Contará a ela as novidades? — Mrs. Thornton o questionou, conhecendo sua aptidão para privacidade.

— Suponho que eu deva — John concordou com um suspiro relutante. — Apesar de não ficar muito contente em ter meus assuntos pessoais discutidos como uma ociosa diversão para a sociedade de

Milton – ele disse, expondo suas preocupações em voz alta.

— John! – Mrs. Thornton exclamou. — Fanny é sua irmã! – ela o repreendeu.

O rapaz sorriu em resposta e se aproximou para dar um beijo rápido no rosto da mãe.

— Vejo você na hora do chá – ele disse carinhosamente, e deixou a sala.

Mrs. Thornton sorriu para si mesma pensando no gesto afetuoso do filho. Suspirou ao pensar no absoluto contraste entre seus dois filhos. Seria difícil conceber um par tão contrário em caráter e disposição como John e Fanny. Hannah se questionara, frequentemente, se tinha de alguma maneira pecado na

educação de Fanny para criar uma menina tão frívola e egocêntrica, mas consolava-se com a lembrança de que havia pensado ser melhor proteger a filha das lutas que John tinha sido obrigado a enfrentar.

Seus pensamentos retornaram ao presente quando seu olhar caiu na carta que segurava. Ela estava genuinamente surpresa, mas gratificada que Margaret houvesse pensado em escrever-lhe uma missiva. Se nada mais acontecesse, Mrs. Thornton esperava que sua convivência com a nora nunca fosse tediosa. A jovem era cheia de vida e inteiramente imprevisível.

Curiosa para saber o que Margaret teria escrito, Mrs. Thornton não esperou mais tempo e abriu a carta.

“Cara Mrs. Thornton,

Eu agradeço pela grande gentileza que demonstrou para com minha família e para mim mesma, especialmente para minha mãe, que encontrou conforto em sua graciosa atenção.

Espero que entenda que estava absolutamente impaciente para escrevê-la, na esperança de ganhar seu favor. Não tenho a intenção de desrespeitá-la com minha franqueza, mas sinto que a senhora prefere que eu seja direta neste momento.

Talvez esteja surpresa que eu tenha aceitado me casar com John, sabendo que rejeitei seu primeiro pedido.

Só posso dizer-lhe que me encontrava sob grande estresse naquele tempo, vergonhosamente ignorante e presunçosa em minha visão de Milton, e de John, em particular. Eu não o conhecia, como a senhora mesma afirmou, mas acredito que o conheça agora. O estimo acima de qualquer outro homem, e estou honrada por tornar-me sua esposa.

Não tenho ilusões de que iremos nos entender imediatamente, mas espero, fervorosamente, que possamos aprender a conviver em absoluta paz. Desejo isso não só por mim, mas também por John, para que tudo esteja harmonioso e agradável quando ele estiver em casa. Não quero acrescentar peso em sua carga, que já é pesada como master de

Marlborough Mills.

Pode ser que a senhora permaneça duvidosa com relação às minhas intenções e sentimentos para com seu filho. Se assim for, então desejo somente a oportunidade de provar-me a mais devota e amável esposa.

Por favor, transmita a Fanny meu carinho. Ficarei muito feliz em vê-las em Helstone, para o casamento.

*Sinceramente,
Margaret Hale.”*

Mrs. Thornton estava satisfeita ao perceber humildade na carta da moça, lembrando em um *flash* as palavras conciliatórias que Margaret lhe dissera antes de deixar Milton. Estava contente

por contemplar um vislumbre do lado mais suave do caráter da jovem, e esperava que isso indicasse uma mudança permanente em seu comportamento.

Também estava satisfeita por notar que Margaret estava obviamente impressionada com seu filho: que era como devia ser. Entretanto, se sua professada admiração pelo filho e suas intenções de ser uma esposa abnegada suportariam o teste do tempo, circunstância ou não, permanecia um mistério. Não haveria como distinguir se a moça realmente amava John numa mera carta.

Apesar de naturalmente admirar as fortes convicções e a natureza franca da moça, Hannah se preocupava de que essas

qualidades, geralmente admiráveis, pudessem se tornar ofensivas, quando combinadas com a implacável determinação de Margaret. Mrs. Thornton podia prever quão turbulento poderia ser um relacionamento entre duas pessoas tão teimosas quanto John e Margaret.

Suspirando profundamente de maneira resignada, Mrs. Thornton decidiu que não havia nada que pudesse fazer, apenas esperar pelo melhor.

A tarde estava calma na casa em Harley Street e Margaret sentava-se alegremente com Edith na sala de estar. A noiva tinha passado um tempo

considerável àquela manhã escrevendo cartas. Após a funesta notícia da morte do pai, ela esperava que Fred ficasse consideravelmente animado ao ouvir que ela estava por se casar. Tinha escrito para Mr. Bell, assim como também para a Pousada Lennard Arms e para Mrs. Thompson, de Helstone, para perguntou sobre sua estadia.

Satisfeita por ter logrado algumas coisas para a preparação do casamento, sentia-se apta a relaxar na agradável companhia de sua prima. Margaret estava determinada a apreciar o tempo que ainda tinha na casa da tia, pois sabia que estes dias de íntima companhia feminina em breve teriam fim, quando ela se mudasse para Milton.

Edith estava animada enumerando as lojas que elas visitariam para adquirir o enxoval de Margaret, quando Henry Lennox, silenciosamente, entrou na sala.

— Henry, não o ouvi entrando! — Edith exclamou com certa surpresa, um sorriso de boas-vindas cruzando seu rosto ao ver o cunhado.

— Eu deduzi que estavam discutindo assuntos de vasta importância — ele provocou a cunhada com um sorriso ligeiro.

Edith inclinou a cabeça e descartou sua brincadeira irônica com um torcer de lábios.

— Margaret — Henry formalmente dirigiu-se a ela com um leve aceno, seu sorriso agora forçado.

— Henry — a jovem respondeu um pouco inquieta em retorno, encontrando brevemente seus olhos.

— Você não ficou muito tempo no sábado — Edith apontou. — Irei procurar Maxwell, ele ficará contente em vê-lo — ofereceu-se entusiasmada, levantando-se para sair.

Margaret empertigou-se apreensiva quando a prima saiu da sala. Ela não tinha nenhum desejo de ser deixada a sós na companhia de Henry.

A sala silenciou.

— Quando a senhorita se muda para Milton? — perguntou Henry em uma voz temperada, furtivamente querendo saber se a data do casamento já tinha sido estabelecida. Sentando-se na poltrona

estofada de veludo, em frente a Margaret, ele esperou por sua resposta.

A jovem agitada mudou de posição.

— Eu estarei em Milton daqui quatro semanas — ela respondeu diligentemente, forçando-se a encará-lo por civilidade.

— Ah! — ele respondeu, erguendo as sobrancelhas, levemente surpreso por saber que Margaret se mudaria de Londres e casaria tão cedo. Ficou pensativo por um momento, antes de falar novamente:

— Me perdoe se eu parecer impertinente, mas estava sob a impressão de que você não estava preparada para se casar com ninguém — ele disse

abruptamente, usando as antigas palavras de Margaret como uma sutil reprimenda.

Henry estava curioso para saber – para estar absolutamente certo – da razão pela qual Margaret decidira se casar com o industrial de Milton. Mr. Lennox nutria a ínfima esperança de que talvez a moça tivesse aceitado o pedido devido à morte inesperada do pai, e pudesse, quem sabe, ser persuadida a reconsiderar suas opções.

— Muitas coisas aconteceram desde que saí de Helstone – ela balbuciou, surpresa por seu comentário.

— Certamente – ele concordou com sarcasmo.

Sentiu que um infortúnio havia levado Margaret para o império daquele

homem. Se a moça não tivesse se deslocado para aquela cidade imunda, tal união nunca teria acontecido. Em verdade, além da flagrante repugnância pelo ambiente monótono e contaminado de Milton, Henry tinha considerado Margaret acima da sociedade de lá. Imaginara que Miss Hale estava destinada à confortável elegância entre a alta sociedade, que qualquer um podia facilmente encontrar em Londres.

— Devo admitir que é difícil acreditar que a senhorita escolha retornar a Milton. Não acho que aquela cidade seja apropriada para você – ele continuou a bisbilhotar, pressionando-a a explicar-se mais claramente.

— Eu passei a apreciar Milton,

apesar de admitir que seja muito diferente de Londres – ela atestou honestamente.

— Diferente? – zombou Henry – há uma légua de diferença entre os bucólicos campos de Helstone e as fumacentas ruas de Milton – ele disse, inutilmente tentando esconder seu desdém.

Margaret estava desconcertada por sua observação cáustica, e sua ira fora suscitada pelo tom condescendente.

— Margaret – ele começou novamente de maneira apologética – você tem que entender minha preocupação por seu bem-estar. Pelo que Mr. Thornton me contou, a indústria do algodão pode ser um negócio volátil. No presente, ele se encontra em uma posição precária de estabilidade – explanou sinceramente,

esperando impressionar em Margaret a seriedade de sua escolha.

Irritada por sua insinuação, Miss Hale foi rápida em defender sua decisão:

— Estou ciente de que há riscos envolvidos nos negócios. E eu estou confiante de que se há alguém capaz de administrá-los, este alguém é Mr. Thornton — ela afirmou ousadamente, erguendo o queixo.

Henry foi surpreendido pela defesa ardente de Margaret, sua face enrijecendo.

Suavizando a atitude, Margaret olhou para as mãos antes de confessar o que levava no coração.

— Eu não estou me casando por dinheiro — ela disse de maneira simples,

sentindo suas bochechas arderem.

Mr. Lennox instantaneamente entendeu o significado daquelas palavras, e ficou imóvel, enquanto sentia esvaír-se a última gota de esperança que lhe restava.

— Entendo — Henry disse solenemente encostando-se à cadeira. Ele sentiu a punhalada de orgulho ferido por ela não ter lhe escolhido, contudo, apaixonando-se por outro.

Henry rapidamente se convenceu de que, embora Margaret fosse graciosa e bela, era talvez muito inteligente e independente para ser a esposa perfeita. Seria muito mais apropriado para ele buscar uma moça dócil. O jovem advogado sorriu ao pensar nas

dificuldades que Mr. Thornton poderia encontrar com a forte inclinação de Margaret para traçar seu próprio caminho, e sentiu sua amargura minguar, enquanto se libertava dessa ideia de união que havia, caprichosamente, mantida por tanto tempo.

— Espero que vocês sejam muito felizes – ele disse, enfim, com absoluta sinceridade, quebrando o incômodo silêncio que enchia a sala.

— Obrigada – murmurou Margaret com certa surpresa, mas grata.

— Desculpem-me pela demora! – Edith exclamou quando irrompeu na sala com seu esposo. — Creio que Maxwell esteja se tornando sentimental. De todos os lugares da casa, fui encontrá-lo no

berçário! – ela relatou com agradável surpresa, segurando o braço do marido afetuosamente.

Henry e Margaret olharam um para o outro e sorriram, compartilhando o divertimento diante da entrada dramática de Edith.

Fanny chegou no horário combinado. Estava incomodada por ter que esperar pela chegada de John na sala de estar com sua mãe.

— Trabalho, trabalho, trabalho. É só o que ele faz, mãe! – reclamou. — Não é de se admirar que ainda esteja solteiro. Gostaria de saber quando tomará tempo

para achar uma esposa! – ela ressaltou com petulância.

Mrs. Thornton permaneceu em silêncio. Ambas ouviram a porta abrir e fechar, e reconheceram os passos de John se aproximando.

— Boa tarde, Fanny, mãe – ele cumprimentou-as de maneira afável. — Sinto muito pelo atraso. Você está bem, Fanny? – fez menção em perguntar-lhe, sentando-se em uma poltrona em frente à irmã.

— Estou muito bem, obrigada – respondeu Fanny, suavizando o tom ao receber a atenção do irmão. — Você parece bem, John – ela notou curiosa, quando Mrs. Thornton começou a servir o chá.

— Estou, obrigado – respondeu John sem alterar-se, com um sorriso satisfeito.

Fanny virou-se para a mãe, lembrando a razão da visita.

— Tenho ótimas notícias, mãe – ela anunciou de maneira auspiciosa.

— E o que é Fanny? – Mrs. Thornton perguntou com mais entusiasmo do que realmente sentia, entregando-lhe o chá.

— Fui escolhida como membro da Sociedade de Damas de Milton! – ela proclamou orgulhosa, erguendo a cabeça e posicionando o chá precariamente sobre os joelhos.

— Estou certa de que deve ser um grupo bem ilustre. Parabéns – sua mãe a

louvou.

— Obrigada — Fanny sorriu alegremente. — Mas isto não é tudo! — começou novamente. — Nós decidimos organizar um baile em Milton! — declarou, mal conseguindo conter sua empolgação. — E eu fui eleita para o Comitê de Organização! — concluiu com grande autoconfiança.

— É perfeito para você, Fanny. Quão maravilhoso — sua mãe a felicitou com sua voz mais clara.

Fanny sorria radiante com orgulho próprio.

— Sim, será um grande baile, é mais do que tempo para um! — ela demonstrou seu entusiasmo, tomando um gole do chá com fingido floreio.

Desapontada pelo silêncio de John, Fanny dirigiu a atenção para ele.

— Espero que você esteja presente, John. Estou certa de que Miss Dallimore estará lá — mencionou de maneira maliciosa, com certa cadência na voz. Fanny sabia que a bela Eva Dallimore, cujo pai era um rico investidor de linhas férreas, tinha toda a intenção de pôr um fim à solteirice de Mr. Thornton.

Mrs. Thornton lançou um olhar para o filho, enquanto John se movia desconfortavelmente na poltrona e apoiava a xícara de chá na mesinha à sua frente.

Percebendo sua resistência, Fanny começou a recriminá-lo:

— Francamente, John, como

espera encontrar uma esposa, se não se distancia nem um pouco da fábrica!

Estimulado pelos comentários ignorantes da irmã, John deleitou-se no pensamento de quão chocada a irmã ficaria com sua próxima declaração.

— Você não precisa se preocupar comigo, Fanny – respondeu calmamente, com um sorriso sardônico no rosto. — Vou me casar com Miss Hale – ele declarou em grave seriedade, quando então um largo sorriso espalhou-se sobre seu rosto.

— Miss Hale?! – ela praticamente gritou, olhando para frente e para trás entre John e sua mãe, sem conseguir falar por um momento com a boca entreaberta. — Mas ela está em Londres! – bradou

muito confusa. — Por que iria querer voltar para Milton? E ela não é rica, John! — Fanny pensou em lembrá-lo, começando também a questionar os motivos do irmão.

Mr. Thornton suspirou profundamente em exasperação.

— Existem muitas razões para se casar, Fanny. É tão difícil imaginar que eu possa ter um coração? — ele perguntou indignado.

Fanny abriu a boca, então a fechou, antes de abri-la novamente.

— Você a ama? — a moça perguntou surpresa, enquanto a verdade despontava sobre ela.

John apartou o olhar para esconder a amarga irritação com o

comportamento indiscreto da irmã, e a consideração leviana pelos seus sentimentos.

— Bem! — exclamou Fanny com um floreio. — Nunca percebi isso; pelo menos não até esse ponto, certamente. Você é tão reservado, John! — acusou o irmão, movendo-se na cadeira com embaraço. — Por que você não me contou? — perguntou a jovem expressando descontentamento, entendendo que ela tinha sido excluída do fascinante acontecimento. — Há quanto tempo você sabe? — direcionou sua pergunta à mãe.

John encarou a mãe, depois novamente Fanny.

— Nós chegamos a um entendimento pouco antes de sua partida

para Londres – explicou John. — Quis manter em segredo até que tivéssemos acertado a data – acrescentou para acalmá-la.

— Oh! – ela disse, tentando compreender o que o irmão tinha transmitido, e levemente confusa com relação a quando tal entendimento poderia ter acontecido, e ainda não tendo se recuperado da ideia de que o irmão tinha se apaixonado por Miss Hale.

Fanny sabia da atração de Miss Hale pelo irmão, é claro, por seu comportamento descarado no dia do tumulto. Mas nunca imaginara que John pudesse ter sentimentos por ela.

— Quando será o casamento? – Fanny perguntou com grande interesse.

Tomou outro gole de chá esperando a resposta.

— O casamento será em Helstone daqui a três semanas – John alegremente informou-a, rejubilando no pensamento da aproximação do iminente dia.

— Três semanas? – Fanny exclamou com aflição. — Mal haverá tempo para fazer todos os preparativos... — ela começou a falar em apreensivo choque.

— Você se lembrará de que deve ser um evento simples, Fanny – John calmamente recordou-a, com um olhar direto que expressou o significado.

— Oh, você está certo. Tinha me esquecido – confessou, sua empolgação se reduzindo em solene respeito pela perda

de Margaret.

— Quando será o baile, Fanny? — perguntou Mrs. Thornton, centrando novamente a conversa em torno de Fanny.

— Daqui a somente um mês, talvez um pouco mais. Mas de qualquer maneira, há muito pouco tempo para a preparação. Eu estarei muito ocupada com todos os arranjos — ela respondeu à mãe com renovado entusiasmo e altivez.

— Você deve convidar Miss Hale para o baile, John — ela determinou em voz alta. — Apesar de supor que você já estará casado até lá, não estará? — Fanny perguntou a ninguém em particular. — Será o momento perfeito para apresentá-la à sociedade de Milton como sua esposa! Você não irá precisar de um grande

casamento. Quão sortudo você é por termos acertado isto no tempo perfeito! — ela falava sem parar de maneira empolgada.

John pareceu duvidoso, abrindo a boca para falar, mas incerto sobre a resposta apropriada.

— Fanny está certa, John — sua mãe aconselhou. — Será uma bela oportunidade de apresentar Margaret oficialmente a Milton como sua esposa — Hannah o encorajou. — Sem dúvida ela deve ter prestigiado ocasiões elegantes como esta em Londres. Miss Hale deve ser apresentada a excelência de Milton — ela disse, esperando apelar ao seu senso de orgulho.

— Oh sim, John! — Fanny

concordou entusiasticamente. — Ela precisará de ocasiões para usar seus melhores vestidos — a jovem sabiamente aconselhou o irmão, esquecendo-se dos vestidos simples que Miss Hale usava habitualmente quando vivia em Milton.

— Não creio que Miss Hale precisará ser impressionada por qualquer evento como este. Ela está absolutamente contente por estar voltando para Milton — John insistiu, irritado por estarem sugerindo outra coisa.

Sua mãe olhou para ele com uma expressão cheia de dúvida.

— Independente da opinião de Margaret, John, você deve concordar que seria um belo evento para prestigiar — enfatizou Hannah mais uma vez. — Pelas

relações de negócios, se por nada mais – acrescentou de maneira pontual.

Ainda hesitante, John divulgou a razão oculta por sua aversão a tais eventos.

— Receio que eu tenha me esquecido como dançar – ele confidenciou desconfortavelmente.

Percebendo seu embaraço, Hannah se venturou a aplacar seus temores.

— Posso mostrar a você novamente, John – sugeriu, lembrando os dias no passado, quando ele fora instruído nos bons costumes da sociedade. — Não se preocupe. Estou certa de que você se sairá bem – assegurou-lhe.

— Você irá então? – Fanny perguntou ansiosamente, voltando sua

atenção para o irmão.

— Suponho que deva assentir — ele suspirou. — Vocês duas são definitivamente persuasivas — ele admitiu relutante, sorrindo para a mãe de maneira carinhosa.

Mrs. Thornton sorriu para o filho, agradecida por ele ter concordado com suas súplicas racionais.

— Será um dia adorável, você vai ver — Fanny prometeu a com seu sorriso mais encantador.

Margaret segurava Sholto no colo, com o queixo apenas tocando de leve o suave cabelo loiro do menino, lia poemas

de ninar para ele, pois adorava satisfazer sua inclinação de beijar-lhe a cabeça, sentindo aquela doce fragrância que parecia emanar de todas as crianças. O suave peso de seu corpo e a sensação de seus delicados braços contra ela sempre parecia confortá-la.

Lembrou-se quão facilmente John ganhara a confiança do garoto. Pensando em sua ternura, ela imaginou com uma agitada antecipação, que pai maravilhoso ele seria.

Edith permaneceu sorrindo fora do berçário, furtivamente escutando a voz melodiosa da prima, ao passo que esta lia para seu filho. Estava feliz por oferecer a Margaret a oportunidade de praticar suas habilidades maternas enquanto estivesse

ali – a prima certamente parecia ter uma conexão natural com crianças. Era fácil imaginá-la com seus próprios filhos.

Deslizando finalmente para dentro do quarto, Edith liberou Margaret de sua sessão noturna para colocar o garotinho na cama.

Margaret escusou-se pelo restante da noite, dizendo à prima que se retiraria um pouco mais cedo. Fechando a porta do quarto, dirigiu-se até a gaveta que continha as cartas de seu noivo. Nunca se cansava de lê-las; eram evidências tangíveis de seu amor que ela contemplaria para sempre.

Depois que Dixon viera para ajudá-la a se preparar para dormir, e se fora, Margaret foi alegremente para a

cama para pensar um pouco. Havia sido mesmo ontem que John a deixara para voltar a Milton? Havia tentado preencher seu dia com ocupações e conversações, mas a imagem dele fluíra para sua consciência a todo o momento, e o dia tinha se arrastado sem sua presença. Margaret se apegou a cada imagem recorrente de sua visita, vividamente recordando o poderoso sentimento de estar envolvida em seu abraço apertado.

Deitada na cama e olhando pela centésima vez para o anel em seu dedo, Margaret imaginava, corando pela calorosa excitação, como seria partilhar da cama dele. Sentiu suas bochechas arderem e seu coração acelerar ao contemplar seus avanços mais íntimos. A

ideia a assustava e emocionava ao mesmo tempo, enquanto se lembrava como seus beijos apaixonados a deixaram cheia de anseio.

Fechou os olhos e tentou pensar em outras coisas, mas sem sucesso.

Mr. Thornton removeu o lenço bordado do bolso do colete e colocou-o no criado-mudo. Enquanto se trocava para dormir, reconheceu com melancolia seu sucesso em sobreviver ao dia sem Margaret.

Tinha encontrado sua mente constantemente retornando à memória de quão gloriosamente lindo seu rosto

parecia quando estava corada pelo desejo, e a sensação de sua forma suave pressionada contra ele. O pensamento do qual desejosamente ela submetera-se à suas atenções ardentes nunca cessava de enchê-lo de admiração e desejo.

Questionava-se se sempre tinha achado tão difícil se concentrar, agora que tais memórias agradáveis vagavam espontaneamente através de sua consciência, interrompendo o trilho de seus pensamentos em momentos inoportunos. John se preocupava com seu sucesso em lograr seu trabalho urgente, mas não conseguia se arrepender pelas agradáveis interrupções.

Mr. Thornton leu mais uma vez a carta de Margaret antes de extinguir a vela

e deitar. As palavras dela nunca falhavam em enchê-lo com a maravilhosa alegria de que ela o amava. A ânsia constante para segurá-la nos braços e saborear seus deliciosos beijos muitas vezes o subjugava.

Dormir era frequentemente ilusório, até a madrugada, quando o luxo de permitir seus pensamentos vagarem o conduziam a pensar nela – imaginá-la perto de si, na mesma cama que ocupava agora. Esta ideia era quase dolorosa em sua intensidade, enquanto idealizava a sensação de sua pele macia na dele.

Envergonhado por suas imaginações mais vivas, levantou-se para andar pelo quarto, tentando empregar seu praticado autocontrole e direcionar seus

pensamentos para outras coisas. Decidiu ler um pouco, e, lentamente, envolveu-se nas épicas jornadas de Odisseu.

Depois de muito tempo, seus olhos começaram a ficar sonolentos e fechou o livro para voltar à cama. Deslizando em sono profundo, sua consciência começou a tecer as abundantes imagens de sua mente em um sonho fantástico.

Ele estava sozinho em uma balsa no mar, à deriva, com nuvens escuras pairando baixo. Recorrendo à vista até o horizonte em busca de um porto, John via somente o interminável céu nebuloso e o mar. Confuso e temeroso, buscava desesperadamente orientação para que pudesse encontrar seu caminho para casa. Sentiriam sua falta na fábrica... e

ele tinha que estar em casa para Margaret!

Procurando por qualquer ferramenta útil, ele rompeu uma tábuada da balsa para usar como remo. Afundando-o na água, escutou, de repente, os flutuantes acordes de uma música, penetrados pelas claras e encantadoras vozes femininas. Olhando para a direção de onde vinha o som, ele observou paralisado, enquanto formas enigmáticas emergiam da neblina. Sobre uma grande rocha, ele viu três lindas virgens, cuja nudez estava coberta somente por suas longas madeixas – uma delas com cabelos dourados, outra com mechas negras e outra com cachos castanhos.

Mr. Thornton olhou firmemente para a moça de cabelos castanhos, maravilhado por reconhecer a mulher que amava acenando-lhe. Quando chegou mais perto, as duas outras virgens desapareceram, deixando Margaret sentada sozinha. Fascinado, ele permaneceu imóvel, enquanto a neblina, mais uma vez, a ocultava de sua visão.

Então, começou a remar freneticamente na direção da voz da amada, e o mar rapidamente tornava-se tempestuoso. Erguendo-se e caindo com as ondas crescentes, John captou assustadores vislumbres de um redemoinho, atraindo-o perigosamente perto de seu funil escuro.

Pulou da balsa para fugir de seu destino e tentou nadar, mas era arrastado pelo peso de suas roupas e pelas ondas impiedosas. Lutando para manter sua cabeça acima da água, lamentou que seu grande amor morresse sem uma vida inteira conferindo-o.

— Margaret! — ele gritou, antes de sucumbir ao mar.

Sem mais se debater, John sentiu sua cabeça ser erguida acima das ondas agitadas... Lentamente, entendeu que estava deitado nas ondas de uma costa arenosa. Uma voz suave chamava seu nome... ela estava sustentando sua cabeça no colo, acariciando gentilmente sua face, enquanto o confortava com suas palavras.

— *Você está salvo agora, John. Eu estou aqui.*

A voz da virgem o estava chamando à vida... Abrindo os olhos, viu a moça inclinando-se sobre ele, seus longos cabelos cascadeando em torno dele como uma cortina. Ela sorriu e lhe disse novamente:

— *John, estou aqui! – ela o acalmou.*

— *Margaret! – disse John asperamente, uma torrente de alegria e alívio inundando-o por estar salvo em seus braços.*

Margaret inclinou o rosto perto dele para beijá-lo...

Seus olhos abriram para enxergar o teto. John deixou escapar um gemido

sonolento, entendendo que estava acordado.

A luz da manhã gradualmente substituiu a escuridão, descortinando as sombras da noite para revelar-lhe os objetos de sua vida cotidiana.

Fechou os olhos novamente para evitar a realidade. Desejava recapturar o prazer de estar ternamente seguro, e sentir o beijo que quase foi dele. Mr. Thornton ficou sonhando preguiçosamente na cama por mais alguns minutos.

Mas estava desperto agora. E suspirou.

Meu Deus, será que Margaret sabia quão torturante era essa separação? Ela invadira seus sonhos e cada pensamento enquanto estava

acordado. E era somente o segundo dia sem ela. Como poderia continuar?

Paciência, disse a si mesmo. Quase deu uma gargalhada. Por toda a vida se orgulhara de sua paciência, mas desde que conheceu a moça de Helstone, a mesma lhe havia sempre falhado.

Sobriamente, lhe sobrevieram à memória dias e semanas sombrias – quando Margaret o havia rejeitado, e ele ainda a amava. Por quanto tempo isso continuaria – a dor de pensar que ela não o queria?

Não, ele deveria sentir-se grato que o destino os unira antes que Margaret houvesse partido para Londres. Não sofria as cruéis dores de um amor rejeitado, mas somente o constante desejo

latente de satisfazer todos os seus sonhos de amor e felicidade. Ele esperaria uma vida inteira pelo privilégio de se casar com ela. O que eram algumas semanas a mais?

Mr. Thornton jogou as cobertas para começar seu dia.

CAPÍTULO IX

Mr. Thornton caminhava com passos vigorosos por uma longa fila de teares, mas a algazarra das máquinas abafava o som de seus passos. Parando no extremo do salão de máquinas, cruzou os braços e esperou, pacientemente, observando Higgins, que instruía um novo funcionário como verificar a qualidade do tecido.

Um pequeno sorriso se formou nos lábios de Mr. Thornton, ao perceber o quanto aprendera a admirar o homem a quem Margaret tinha favorecido. A princípio, John estivera cauteloso ao contratar o antigo líder do sindicato,

mas, rapidamente, descobriu que era um trabalhador responsável e digno de confiança. Após um conhecimento mais aprofundado, observou que Nicholas tinha uma mente perspicaz e um genuíno interesse pelos outros. Mr. Thornton tinha ficado surpreso ao perceber que apreciara tê-lo como companheiro de trabalho na criação do refeitório para os trabalhadores.

O *master* tinha compreendido, algum tempo atrás, que se sentiu confortável tratando Higgins como um aliado e confidente – muito mais do que sentira com qualquer outro dos seus companheiros de negócios em Milton. John sentia-se naturalmente atraído para aquele afável companheiro, tornando-se

apreciador de sua sagacidade e maneiras diretas.

Recordou com cálida afeição que fora Nicholas quem lhe oferecera as felicitações mais entusiasmadas pelo seu casamento iminente — e nunca esqueceria quão eficientemente havia transmitido a mensagem de Margaret para ele.

Higgins finalizou a demonstração e virou-se para ver Thornton.

— Posso ter uma palavra com você em meu escritório? — Mr. Thornton solicitou respeitosamente, descruzando os braços e indicando o caminho.

Chegando ao escritório, tomou acento atrás de sua mesa, e apontou a cadeira para que Higgins se sentasse.

— Estarei partindo para uns dias de folga em poucas semanas – começou a falar o patrão – e gostaria que você ajudasse Williams enquanto eu estiver fora – anunciou, observando Nicholas para determinar sua reação.

Notando reflexo de surpresa nos olhos do empregado, Mr. Thornton continuou:

— Gostaria que você ajudasse a manejar os trabalhadores para que o Williams possa dar mais atenção às questões de pedidos e inventário. Obviamente, com responsabilidades adicionais, você será melhor remunerado – ele explicou. — Parece bom para você? – perguntou com um leve sorriso.

Higgins balançou a cabeça lentamente, um pouco descrente.

— É mais que bom — respondeu com humildade. — Obrigado por sua confiança em mim, mestre — disse ele com sóbrio respeito por seu empregador.

Sentindo-se desconfortável na posição de benfeitor, Mr. Thornton, prontamente, justificou sua decisão:

— Eu não concedo favores. Tenho visto seu trabalho e você é muito bom com os homens — racionalizou. — Você tem provado ser um dos meus melhores funcionários — John admitiu abertamente, após um momento de profunda reflexão. — Quão notavelmente perspicaz eu fui ao

contratá-lo – Mr. Thornton acrescentou sarcasticamente, sorrindo ao encarar o amigo de sua noiva.

A face de Higgins irrompeu em um entusiasmado sorriso.

— Ela fará bem a você a todo o momento – ele sabiamente predisse, com uma sacudida no queixo.

Olhando para a mesa, Mr. Thornton assentiu em concordância, enquanto um largo sorriso se espalhava em seu rosto.

— Quando viaja? – Higgins perguntou, trazendo o trabalho de volta ao assunto. — Ou, devo perguntar, quando será o casamento? – espetou o patrão com uma piscadela.

— Nos casaremos em Helstone

daqui a três semanas — o chefe respondeu em uma voz inalterada, tentando parecer imparcial sobre o evento que ameaçava consumir todo seu pensamento acordado.

— Vejo que você não perde tempo — Higgins provocou-o afavelmente, produzindo um acanhado movimento nos lábios do *master*. — Mary e eu ficaremos muito contentes ao *ver ela* voltar. Ela é a preferida das crianças também, sempre leva para eles guloseimas quando vai visitá-los — comentou com sincero carinho.

— Estou certo de que Margaret continuará a gostar de visitá-los quando voltar — Mr. Thornton assegurou-lhe.

Higgins observou o *master* com

admiração.

— Amanhã irei revisar com você suas novas responsabilidades — Mr. Thornton atestou, dando um fim à discussão sobre negócios.

Nicholas assentiu e levantou-se para sair.

— Higgins! — o *master* exclamou impulsivamente, antes de o homem ter alcançado a porta. O antigo líder do sindicato parou e olhou com expectativa para seu empregador.

Mr. Thornton estava à beira de traçar um novo caminho. Ele não podia mais, em sã consciência, ater-se às rígidas distinções que haviam sido incitadas por orgulho e fixadas por costumes impensados. Desejava evitar

as cadeias obrigatórias do preconceito que afligiam a sociedade, e julgava as pessoas à sua própria maneira, baseado em inteligência, gentileza, honestidade e empenho.

Ele deteve-se brevemente.

— Você gostaria de ser meu padrinho de casamento? — perguntou calmamente com gravidade, encontrando o olhar sobressaltado de Nicholas.

Higgins hesitou, indeciso sobre como responder àquela inesperada pergunta, e sem saber, por um momento, o quanto Thornton realmente compreendia sobre as implicações envolvidas naquele pedido. Vendo somente sinceridade e expectativa na

atitude do patrão, Nicholas decidiu aceitar.

— Sim, será uma honra — respondeu reverentemente.

Um sorriso satisfeito cruzou a face de Thornton quando compreendeu a aceitação do outro.

— Obrigado — disse de maneira simples. — Não haveria outro a quem eu preferisse pedir — admitiu honestamente. — Além disso —, acredito que ainda não o compensamos por seus serviços de mensageiro — acrescentou com um brilho travesso em seu olhar.

Higgins sorriu igualmente travesso.

— Foi um favor para Margaret. Não irei pedir seu primeiro filho —

disse ele brincando com uma piscadela, e saiu sorrindo satisfeito.

Mr. Thornton sorriu em genuíno contentamento diante de seu rápido intelecto.

Na tarde do dia seguinte, Mr. Thornton recebeu uma visita inesperada em Marlborough Mills. Tirando os olhos do livro de contabilidade quando ouviu seu nome, levantou-se para saudar seu locatário.

— Mr. Bell, como é bom vê-lo. O que o traz ao Norte? — perguntou educado, erguendo a cabeça em precavida curiosidade, imediatamente

tornando-se apreensivo com relação ao propósito do homem.

— Ouvi de uma fonte muito segura que você irá se casar com minha afilhada – Mr. Bell anunciou de maneira inquietante, tomando o assento em frente à mesa.

Os nervos de Mr. Thornton formigaram, exasperado pelas habituais táticas evasivas do erudito de Oxford.

— Sim – confirmou de maneira cautelosa, sentando-se novamente. — Entretanto, não estava ciente de que Miss Hale era sua afilhada – admitiu de maneira relutante, não querendo começar a conversa em desvantagem.

— Sim, sim. Mr. Hale era meu amigo mais antigo – explicou Mr. Bell

— Em todo caso, eu prometi ao Hale que tomaria conta dela no momento de seu falecimento — continuou. — Devo confessar que eu me interessei muito pelo bem-estar de Margaret. Nunca conheci alguém como ela. Sua inteligência e espírito, assim como sua grande compaixão, são extraordinários — ele observou com admiração. — Ela é uma beleza singular, Thornton — elogiou, analisando o semblante do industrial enquanto expressava sua avaliação.

O semblante de Mr. Thornton brilhou quando as palavras de exaltação ressoaram dentro de si, enchendo seu coração com orgulho por ser lembrado de sua grande sorte.

— Ela não tem igual — concordou com senso de veneração, sua voz grave e reverente, como um viajante maravilhado diante da visão de uma incrível grandiosidade.

Mr. Bell sorriu; o olhar no rosto de Mr. Thornton confirmou suas suposições.

— Eu sempre suspeitei que você fosse um homem de percepção e julgamento incomuns. Você superou seus companheiros, Thornton, com a escolha de sua esposa — ele pontuou. — Acredito que é uma bela união, e eu lhe ofereço minhas mais efusivas felicitações. Você é um homem de sorte — elogiou o acadêmico, levantando-se para oferecer a mão.

Mr. Thornton inclinou-se para apertar a mão de seu locatário.

— Obrigado – replicou, grato e aliviado por receber sua aprovação favorável.

Mr. Bell sentou-se novamente, estando ainda por revelar seu real propósito.

— Sei que Richard tinha muita consideração por você. Estou certo de que ele teria ficado muito satisfeito por entregar à filha aos seus cuidados – Mr. Bell comentou de maneira gentil, observando seu inquilino cuidadosamente.

— Gostaria de acreditar que sim – Mr. Thornton respondeu solenemente, sentando-se novamente detrás da mesa.

— Pois bem — Mr. Bell começou a dizer de maneira favorável — eu vim para lhe oferecer um dote em nome do pai dela — ele expôs de maneira decidida.

Mr. Thornton ficou perplexo diante da sugestão.

— Ora, ora, Thornton, não há necessidade de tergiversar sobre o assunto. Margaret é filha de um cavalheiro. Gostaria de oferecer um dote substancial por uma pérola tão preciosa — Mr. Bell arrazoou, persuadindo o orgulhoso empresário que se fez por conta própria a concordar com um costume social.

— Eu não estava esperando ganho financeiro com meu casamento —

Mr. Thornton respondeu com certa formalidade, sentindo-se incômodo com a proposta de dinheiro vinda de terceiros, como de Mr. Bell.

— É claro, não esperava que você estivesse. Entretanto, sinto que é minha responsabilidade oferecê-lo uma quantia considerável – insistiu Mr. Bell. — Entendo que os negócios não estão como deveriam estar no presente. Estou certo de que você gostaria que Margaret tivesse toda segurança – ele observou cuidadosamente.

Mr. Thornton exasperou-se com a insinuação de que Margaret poderia não estar seguramente provida sob seus cuidados.

— Eu tenho tudo sob controle no

momento – ele assegurou polidamente, com um ar confiante.

— Sim, sim, claro que tem, e estou seguro de que você irá transpor a tormenta – Mr. Bell afirmou com uma persistente ponta de dúvida. — Posso oferecê-lo £ 500? – perguntou, olhando de soslaio para o jovem.

Mr. Thornton pestanejou diante de tal quantia.

— Creio que metade desta quantia irá bastar, e eu o agradeço pela generosa oferta.

— Muito bem, então, está acertado – Mr. Bell declarou de maneira definitiva, levantando-se para ir embora. — Não tomarei mais nenhum minuto de seu tempo precioso. Devo

retornar a Oxford imediatamente – ele anunciou abruptamente.

Mr. Thornton levantou-se também.

— Não irá jantar conosco esta noite? – convidou de maneira polida. — Marlborough Mills está à disposição, se quiser passar a noite e viajar amanhã – ofereceu sinceramente.

— Não, agradeço o gentil convite, mas não posso ficar mais – respondeu Mr. Bell enquanto se virava para sair, mas então parou e virou-se mais uma vez e dirigiu-se ao noivo. — Perdoe-me a intromissão, mas vocês já marcaram a data do casamento? – perguntou, curioso.

Mr. Thornton não pôde conter o

sorrisinho que acompanhou sua resposta: — Sim, nos casaremos em Helstone em três semanas — ele anunciou, sentindo a importância das palavras cada vez que as repetia.

— Helstone! — Mr. Bell exclamou. — Que menina astuciosa! — ele declarou em um tom chistoso. — Então, espero vê-lo em seu dia venturoso, Thornton — ele concluiu com um aceno de partida e se foi.

Mr. Thornton chegou a casa bem antes do horário do jantar. Buscando a quietude do seu quarto, subiu as escadas para encontrar muita agitação no

corredor e no quarto adjacente. Perplexo e intuitivamente estremecido, ouviu a mãe dando ordens de dentro do quarto, enquanto Jane saía para pegar uma pequena mesa, dos vários itens que já estavam alinhados no corredor.

Cada vez mais ansioso para saber o que sua mãe planejava, adentrou energicamente o quarto.

— O que está fazendo? — perguntou calmamente apesar de sua perplexidade, encontrando a mãe e outra criada desocupando um espaço ao longo da parede do fundo do quarto.

Mrs. Thornton parou momentaneamente, voltando sua atenção para o filho perturbado. — Não temos muito tempo para preparar um quarto

para Margaret. Tudo precisa ser completamente limpo antes de sua chegada, e as coisas têm que ser reorganizadas de maneira adequada – informou Hannah, levemente impaciente de que o filho estivesse questionando seu esforço para receber a nora apropriadamente em sua nova casa.

John sentiu o coração desanimar quando ouviu a explanação da mãe. Ele não tinha compreendido até aquele momento o quanto a ideia de cair no sono, com a esposa seguramente aconchegada junto dele, era determinante para seu sonho de felicidade. Sentiu uma sensação de pânico lentamente surgir dentro de si.

Percebendo sua resistência, Mrs.

Thornton rapidamente justificou seu propósito:

— Uma mulher de sociedade deve ter seu próprio quarto. A esposa precisa ter sua privacidade, John – ela explicou, considerando a face do filho para avaliar sua reação.

Mr. Thornton acenou com a cabeça, apesar de não ter compreendido inteiramente o significado do que a mãe dissera. *Sua privacidade* – as palavras lhe cortaram o coração, abrindo a dolorosa ferida do isolamento que Margaret havia curado tão recentemente. Nunca lhe ocorrera que ela devesse ter – ou quisesse – seu próprio quarto – que pudesse não querer partilhar sua cama todas as noites.

Lutava para aceitar tal possibilidade, disposto a negar sua felicidade, pela de sua esposa.

Mrs. Thornton estava surpresa ante sua evidente aflição. Hannah viu diante de si não o determinado e autoritário *master* de Marlborough Mills, nem seu paciente e abnegado filho, mas, simplesmente, um homem cujo amor ardia para expressar-se nos laços mais íntimos e tangíveis que o casamento permitia. Achou estranhamente engraçado ser lembrada o quão consumidor este desejo físico pelo sexo oposto poderia ser, e reconheceu, com uma pontada de compaixão, que seu filho não era imune àquela forte propensão que parecia prevalecer entre

os homens.

— O quarto dela é adjunto ao seu, John — Hannah o recordou bruscamente, tentando quebrar seu desenxabido estupor com aquele fato encorajador. — Lembre-se de que há uma porta atrás da cômoda no seu *closet* que marca a passagem entre os quartos — a mãe disse ao filho, percebendo um brilho de esperança animar sua fisionomia.

— Havia esquecido — reconheceu, e sorriu-lhe antes de se virar e ir para seu quarto.

Fechando a porta atrás de si, deixou escapar um suspiro desesperado. Será que algum dia ele se veria livre das barreiras sufocantes dos bons

costumes sociais? Nada era sagrado? Sua frustração deu lugar à ira quando sentiu o reconfortante sonho de cálida intimidade ser dissipado sob o penetrante olhar das rígidas imposições da sociedade. Ele não poderia nem desfrutar da privacidade de seu casamento, sem as opiniões intrusivas dos outros, impondo seus julgamentos de decoro sobre ele? *Será que ele e Margaret não poderiam decidir por eles mesmos sua própria maneira de viver*, ele bufou.

Repentinamente, como um bálsamo refrescante, o pensamento de que eles poderiam escolher por si mesmos acalmou seu aborrecimento. Poderiam dar-lhes quartos separados,

mas ninguém poderia ditar como escolheriam usá-los. Estremeceu-se com euforia, enquanto as esperanças renascidas de partilhar suas noites juntos despertava a lembrança de seus encontros apaixonados. Lembrou-se com prazer o quão desejosamente a amada recebera seu toque; quão ferozmente havia se agarrado a ele quando estava para partir.

Talvez sua mãe estivesse muito presa aos costumes do passado, no qual o casamento havia sido, frequentemente, um arranjo conveniente entre duas pessoas que não eram sempre compatíveis. Ela não estava ciente do quanto ele e Margaret ansiavam por estar juntos, do quão finamente estavam

sintonizados. Sua mãe não sabia quão apaixonados estavam – de tal maneira que não imaginava passar uma noite longe dela.

Certamente, ele pensou – não, ele pediu a Deus – Margaret não desejava ficar longe dele. Ela não tinha dito antes de sua partida? Mas, será que ela iria querer partilhar a cama dele todas as noites? Talvez tivesse se antecipado, sem considerar as necessidades e desejos da noiva. O que ele sabia sobre os interesses de uma mulher? Mas nunca iria querer aborrecê-la.

Mas quando se lembrou de sua relutância em separar-se dele, e a ansiosa submissão às suas demandas

ardentes, sentiu-se impelido a acreditar que ela iria querer permanecer com ele a noite inteira. Mr. Thornton desejava ferventemente que assim fosse – que o quarto pudesse ser-lhe um refúgio durante as horas do dia, mas desocupado quando chegasse à noite. Recusava-se a renunciar a esse sonho prazeroso de ficar perto dela.

Foi o tipicamente sereno chefe da casa que se juntara à mãe para o jantar àquela noite, à mesa à luz de velas.

Mr. Thornton estivera aliviado por achar o jantar um evento felizmente tranquilo, imediatamente após o casamento de Fanny. Porém, decorridas algumas semanas, passou a considerar,

indescritivelmente quieto, somente ele e a mãe. Agora que sabia que seria somente uma questão de tempo antes de Margaret juntar-se a eles, estava ansioso pelo dia quando ela iria animar a tépida conversação, com seu espírito efervescente e entusiasmada perspicácia, e agraciar a mesa com sua elegância e beleza.

Estava contente esta noite por ter algo importante para dizer que até o momento não havia sido discutido.

— Há alguns móveis e outras coisas em Crampton que eu gostaria que fossem incorporadas à nossa casa, mãe — ele anunciou calmamente, tocando o canto da boca com um guardanapo engomado branco. — A maioria desses

itens, creio, será colocada no quarto de Margaret – esclareceu.

Mrs. Thornton enrijeceu. Esta era a primeira intrusão tangível da iminente sucessão de Margaret em sua casa. Sua face ficou paralisada somente um instante antes de exhibir um exterior de calma submissão, algo que a agitação em seu olhar enganava. — Já há móveis suficientes para ela – sugeriu gentilmente, comendo uma porção de seu jantar.

— Estas são coisas de valor sentimental da casa de seus pais. Desejo que Margaret se sinta em casa aqui – explicou, querendo evocar um semblante de compaixão em sua mãe. Ela, porém, somente assentiu

concordando.

Casa, aqui – as palavras reverberaram, emitindo um tremor de alegria deleitosa pelo seu corpo. O fato de que ela iria fazer dali sua casa parecia quase inexplicável, e, ainda assim, não poderia mais imaginar sua vida sem ela. Ansiava que a vida junto de Margaret começasse e, constantemente, pensava sobre como seria: acordar ao lado da esposa todos os dias; como a amada lhe receberia em casa quando chegasse; como seu quarto ficaria adornado com as coisas que pertenciam a ela; e como seria retirar-se à noite e não estar sozinho.

— Eu mandarei trazer as coisas para casa amanhã – John disse à mãe.

— Poderá providenciar para que os móveis sejam arrumados dentro do quarto? —

ele perguntou polidamente, mas determinado em seu propósito. — Ficarei feliz em ajudá-la no que for preciso — acrescentou sinceramente.

— Estou certa que as coisas irão se ajeitar, John, você não precisa se preocupar com esses assuntos. Se eu tiver alguma pergunta, eu irei procurá-lo.

John sorriu brandamente em anuência, e tranquilamente retornou sua atenção ao jantar.

Segunda-feira pela manhã em Harley Street encontrou Margaret e Edith reunidas com a costureira no quarto da noiva. Miss Bouvier (Edith insistira que a costureira devia ser francesa) havia trazido o vestido de noiva e outras peças de roupa para uma prova.

Margaret havia recém sido colocada dentro das volumosas camadas de seda, tule e renda de seu vestido branco, quando ouviram uma batida na porta do quarto. Edith abriu-a cuidadosamente para encontrar Ellen, com um enorme buquê de rosas amarelas.

— São para Miss Margaret — anunciou a mocinha, e entregou as flores

com o envelope que as acompanhavam para sua jovem senhora.

Edith sorriu intencionalmente, enquanto se agitava sobre sua prima, que estava ocupada admirando, de maneira sonhadora, o comprimento de seu vestido novo.

— Margaret! — disse Edith — alguém enviou flores para você.

Margaret olhou enfim, sua curiosidade rapidamente retornando-se pelo contente reconhecimento, quando viu a profusão de rosas amarelas.

— John as mandou! — declarou, admirando as flores nos braços de Edith, impossibilitada de sair de sua posição, pois a costureira demarcava a bainha com alfinetes.

— E há um cartão – Edith disse com um ritmo animado na voz, sorrindo para a prima e entregando-lhe o envelope. — Vou pedir que Ellen traga um vaso – Edith comentou, ao passo que delicadamente deitava as flores na penteadeira e deixava o quarto para encontrar a empregada.

Margaret abriu o envelope rapidamente para ler a nota, fixada no lugar como tema cativo da costureira.

“Para minha querida rosa de Helstone que ilumina e embeleza cada lugar onde é colocada.

Eu oro para que esta linda rosa floresça em minha escura e sombria cidade, pois não posso mais viver sem

sua encantadora e alentadora presença, agora que conheço a existência de tal flor.

Meus dias estão repletos com tarefas rotineiras, que eu tenho desempenhado por muitos anos, mas meus pensamentos estão preenchidos por você – quando estou acordado, em minha mesa, enquanto caminho pela casa, sonho com o dia em que será minha, quando irá esperar por mim no final do dia e me receberá, enchendo minha casa com luz e alegria. Meu coração almeja o cumprimento do meu sonho. Você virá para casa logo?

Em duas semanas nós iremos declarar nossos votos diante do mundo, mas eu já tenho declarado meu coração

como sendo seu. Somente espero *dizer ao mundo, então todos saberão que nós estamos unidos como um só, e não seremos mais separados.*

*Sou eternamente,
Seu John.”*

Margaret sentiu-se comovida até as lágrimas pelo ardente anseio de seu noivo, e sentiu surgir por ele, dentro de seu peito, um sentimento semelhante. Como desejava que pudesse ir até lá, cair nos braços dele, para que ele soubesse que ela sentia o mesmo! Sentia falta de tudo sobre ele – sua forte presença, sua voz, e o senso de humor que começava a desenvolver-se entre eles.

A jovem lembrou-se da carta que recebera dois dias atrás, na qual John lhe dissera que era agora seu melhor aluno, já tomando as espadas contra as convenções, como ela o havia ensinado frequentemente. Sentira-se satisfeito por contar-lhe que havia pedido a Nicholas para seu padrinho de casamento, e a moça estava comovida pela atitude. *O que diriam Mrs. Thornton e Fanny?*, ela se perguntava.

Sentiu uma forte afinidade pelo homem maravilhoso que, em breve, seria seu esposo. Ele tinha um bom coração, e o admirava por seguir os acordes de sua própria consciência, desafiando os ditames cegos da sociedade. Era muito diferente do cruel

patrão que imaginara que fosse.

Edith e Ellen voltaram com um vaso com água.

— Deve haver duas dúzias de rosas – Edith observou com satisfação, orientando Ellen no arranjo das flores.

— Faltam duas semanas para o nosso casamento – Margaret respondeu como explicação.

— Bem, certamente elas são adoráveis – comentou Edith quando se afastou do arranjo para admirá-las, colocando o vaso em um aparador perto da janela.

— E você, minha querida Margaret – você está linda! – Edith elogiou quando, finalmente, voltou sua atenção à sua prima. — É tão agradável

vê-la usando algo além de preto. Estou muito impaciente com suas monótonas roupas de luto – Edith admitiu, com um olhar de exasperação por conta do restritivo costume.

— É adorável, não é? – Margaret concordou entusiasticamente, quando encontrou o olhar admirado da prima.

— Sim, estou muito feliz que tenha decidido mandar fazer algo especial para a ocasião. Eu não queria vê-la se casando em um dos seus velhos vestidos – Edith admitiu honestamente, sabendo do mínimo interesse que a prima tinha por sua vestimenta. — Foi muita generosidade da parte de Mr. Bell mandar dinheiro para o seu enxoval –

acrescentou. — Eu, pelo menos, estou muito grata a ele, pois pretendo divertir-me muitíssimo ajudando-a a gastar cada penny — proclamou Edith, seus olhos brilhando com ansioso deleite, enquanto a prima sorria satisfeita.

Mr. Thornton estava no palanque observando o vasto galpão de tecelagem. Tal visão sempre o impressionara, e ainda se sentia assim, mas agora, sempre que estava inclinado a contemplar tudo que tinha conquistado, a fábrica não era a primeira coisa que vinha à sua mente. A

notícia sobre seu casamento iminente tinha se espalhado por toda a cidade de Milton, pois enquanto fizera as rondas nos últimos dias, tornou-se consciente dos olhares secretos dos trabalhadores em sua direção. E ontem, o banqueiro o havia congratulado por seu noivado.

Mr. Thornton pegou seu relógio de bolso. Ele nunca havia dado muita atenção às entregas de correspondência antes, mas desde que Margaret partira de Milton com seu coração em suas mãos, ele tinha aprendido a esperar a correspondência geral.

Desceu as escadas de ferro e apressou-se até seu espaço privado. Fechando a porta, tomou as cartas em sua mesa e, habilmente, procurou entre

elas pela conhecida caligrafia de sua amada. Imensamente gratificado por encontrar uma carta endereçada a ele pela mão de Margaret, sentou-se para saborear as palavras dela como um delicioso presente.

*“Amado John,
Recebi as magnificas rosas que
você me mandou hoje – estou
encantada por elas! Quando olhar
para elas, não vou somente pensar em
Milton, mas em você. As flores
iluminaram meu quarto tão
maravilhosamente que sou tentada a
ficar contemplando-as o dia todo.*

*Obrigada, meu amor. Você
sempre tem sido tão atencioso e gentil.*

Eu nunca irei me esquecer que você levou frutas maravilhosas para minha mãe durante sua enfermidade, e quão fielmente visitou meu pai quando ele precisou do conforto de sua companhia.

Você me deixa mal acostumada com tais regalos, e eu mal sei o que tenho feito para merecê-los. Sou eu que tenho com você um débito de gratidão por me proteger do inquérito, e me amar, apesar de ter todas as razões para duvidar do meu caráter.

Pergunto-me como sou eu a bem-aventurada por receber suas doces atenções? Sou a mulher mais afortunada de toda a Inglaterra. Você sabia que uma vez sua mãe me disse

que todas as moças de Milton buscavam se casar com você? Não sei como você conseguiu escapar de interesse tão dominante! Não importa, estou muito contente por isso.

Apesar de não considerar isso originalmente, eu agora acredito que me mudar para Milton foi um dos eventos mais afortunados de toda a minha vida, pois me levou até você. Não consigo mais imaginar minha vida sem você, e mal posso esperar para passar o restante dos nossos dias juntos.

Esqueci-me de mencionar na última carta que gostaria de levar Dixon comigo para Milton. Pode conversar com sua mãe para que ela

possa fazer os preparativos necessários? E talvez você possa também dizer a ela que eu planejo convidar Nicholas e Mary para o jantar logo que chegar! Você não se atreveria, não é? Estou brincando com você, é claro. Ainda estou muito apreensiva sobre a opinião dela sobre mim. Não desejo chateá-la desnecessariamente, mas espero que ela logo entenda que minhas intenções são sinceras.

Você me pediu que eu lhe contasse sobre os planos de nossa estadia. Escrevi aos Thompsons, a família de quem gosto muito em Helstone, e eles estão muito felizes por poder nos ajudar. Veja bem, me recordo

que eles sempre viajavam para o litoral no verão, e pensei que poderiam nos deixar ficar no chalé enquanto estivessem fora. Mas, não será ainda pleno verão quando chegarmos, mas eles gentilmente decidiram ser complacentes. Asseguraram-me que não será um inconveniente, mas que haviam planejado visitar a família em Londres por alguns dias.

Espero que você goste do lugar, John. É um chalé adorável, mais como uma casa de campo, rodeada por terrenos ondulados, e grandes árvores, perto de um pequeno bosque e da curva de um ribeiro. Acho que este é um dos lugares mais encantadores do vilarejo, junto à antiga casa paroquial,

é claro.

Fiz as reservas para que você e sua família se hospedem na pousada Lennard Arms antes do casamento. Nicholas e Mr. Bell podem ficar lá também.

Eu ficarei no chalé dos Thompson com minha família de Londres na noite antes da cerimônia.

Será somente mais duas semanas, John! Apesar de ter que admitir a lentidão na passagem desta semana sem você, não obstante ela tem passado, e nós estamos mais perto da data em que nos encontraremos para sempre, até que a morte nos separe.

Como sempre, lamento não estar com você. O único lugar onde eu

verdadeiramente desejo estar é em seus braços.

*Sou eternamente sua,
Margaret.”*

Mr. Thornton deixou escapar um lento suspiro, enquanto fechava os olhos para pensar na sensação de segurá-la apertado contra si. Como desejava que Londres fosse mais perto para que pudesse ir visitá-la todas as semanas!

Apesar de ter muitos deveres com os quais ocupar-se, não pôde resistir à tentação de responder imediatamente. Ninguém saberia que o *master*, rabiscando ocupado em sua mesa, não estava endereçando para informes de negócios ou para clientes,

mas sim, escrevendo uma carta para seu único amor.

Margaret passou seus dias continuamente acertando os detalhes do casamento e deleitando-se na companhia de sua família. Edith a manteve ocupada com provas de roupas e excursões às várias lojas, ao passo que a outra descobriu que tinha mais cartas para escrever.

A moça esperou ansiosamente pela chegada da resposta de John a sua última carta, e tentou parecer despreocupada quando a entrega dos correios chegava todos os dias, mas não

podia evitar que os olhos vagassem até o sofá onde a tia estava sentada, lentamente separando as entregas do dia.

Na sexta-feira, à medida que Margaret lançava olhares para a tia, ficou emocionada ao percebê-la erguendo um envelope e lentamente dirigir o olhar para ela.

— Margaret, você recebeu outra carta de Mr. Thornton — disse Mrs. Shaw.

— Obrigada, tia Shaw — respondeu Margaret, seu coração acelerando com a antecipação. Serenamente levantou-se de onde estava para buscar a carta. Escusando-se da sala, escapou para a privacidade de seu

quarto para ler a mensagem de seu amado.

“Minha querida Margaret,

Estou feliz em saber que as flores que mandei a você lhe trouxeram tamanho deleite. Você não pode me dissuadir de mimá-la se eu escolhi fazê-lo – neste ponto, você permanecerá impotente em induzir-me.

Como pode achar que não merece tais presentes? Você me choca com tais palavras, pois sou eu que não posso compreender o milagre que tem me advindo – que você possa me amar. Sempre a considereei muito fascinante e refinada para um homem tão simplório e rude como eu.

Com relação às moças de Milton, nunca tive nenhum conhecimento sobre qualquer plano desta natureza. Receio que minha mãe seja muito vaidosa com relação a mim. Eu nunca amei nenhuma outra mulher antes: minha vida tinha sido tão ocupada, meus pensamentos tão consumidos com outras coisas. Nunca tinha pensado em amor ou casamento, até que você chegou à cidade de Milton, e demandou minha atenção com suas duras opiniões sobre os modos nortenhos. Agora eu a amo e continuarei amando.

Não vamos mais falar sobre dívidas e injustiças entre nós. Só desejo que nos amemos abertamente.

Eu não posso receber pagamento por fazer aquilo que não posso evitar – por amá-la como amo. E apesar de rejeitar seu débito comigo, aceitarei alegremente beijos dados livremente e carícias espontâneas!

Minha mãe me ordenou que lhe contasse que haverá um baile em Milton, no próximo mês de junho, e que nós somos obrigados a prestigiar. Disseram-me que você deve querer adquirir um vestido novo para a ocasião, e precisa de tempo suficiente para fazê-lo. Fanny e minha mãe insistem que será uma bela oportunidade de apresentá-la à sociedade de Milton como minha esposa. Geralmente, não sou inclinado

a esse tipo de eventos, mas terei grande prazer em apresentá-la à sociedade. Você irá me acompanhar? Devo confessar que estou ansioso por vê-la vestida em toda a pompa. Nunca me esqueci de sua aparência no jantar dos masters, no último verão – estive consciente de sua presença no salão em cada momento, e apesar de que teria sido impróprio poderia ter olhado para você a noite toda. Você sabia, minha querida, que eu estava completamente apaixonado naquele tempo?

Eu já disse à minha mãe que você planeja trazer uma comitiva de servos com você, e que deseja a construção de outra ala na casa para

todos os pertences de conforto e luxo que uma dama sulista necessita. (Eu não fiz isso, mas não pude resistir dizer). Você não deve se preocupar com minha mãe. Creio que possa levar um tempo, mas ela aprenderá a apreciar sua companhia.

O chalé, me parece, será um maravilhoso refúgio. Estou ansioso por viver uma vida campestre durante nossa lua de mel. Tenho há muito desejado conhecer o lugar de onde veio minha flor, e irei desfrutar ver a beleza da natureza através de seus olhos, à medida que me mostrar os lugares dos quais me falou antes.

Margaret, ainda me assombra pensar que eu a desposarei – que em

doze dias você será minha esposa. Não posso descrever a felicidade que sinto, quando por tanto tempo pensei que nunca seria minha.

Eu te amo e anseio segurá-la perto do meu coração e nunca mais largá-la. Cuide-se, pois quando nos encontrarmos novamente nunca mais a deixarei ir.

*Para sempre seu,
John.”*

Margaret sentiu seu coração praticamente explodir com o amor que sentia por ele. Sentia-se tomada de gratidão pela maravilhosa benção – que tenha encontrado tal felicidade no amor de tal homem. A jovem nunca sonhou ser

possível tão perfeita felicidade.

Sentou-se imediatamente para escrever a resposta.

*“Meu querido John,
Meu coração está cheio de amor por você hoje. Consegue imaginar quanta felicidade tem me dado? Minhas palavras só podem contar-lhe uma porção do que sinto. Desejo mostrar a você, John, o quanto o aprecio – e irei apreciar todos os dias quando estiver casada. Desejo fazê-lo muito feliz. Nenhum homem jamais terá uma esposa tão amorosa quanto você.*

Eu irei adorar acompanhá-lo ao baile! Não sou especialmente

apreciadora destes grandes eventos, mas terei muito prazer por estar ao seu lado, e orgulhosa por ser reconhecida como sua esposa – somente espero passar na revista. Meu único lamento é que não poderei acompanhá-lo em nenhuma dança, pois não será apropriado que participe de festividades após minha perda tão recente. Você guardará uma dança para mim quando a noite terminar e nós possamos estar na nossa intimidade?

Talvez eu deva fazer esforços para usar um vestido simples no baile, pois não sabia que poderia ser uma distração para você. Como é possível que você já estivesse apaixonado por

mim no jantar dos masters, quando parecia que cada palavra que trocávamos até então havia sido em rude discussão? Nunca imaginei que você me amasse, John. Mas eu certamente me lembro de que você também estava muito atraente naquela noite, e que fiquei impressionada por sua autoridade natural sobre todos os outros homens. Talvez eu também estivesse me apaixonando, mas não considerei possível que pudéssemos formar um casal apropriado.

Não tenho muitas novidades para contar-lhe, somente que estou contando os dias até que nos encontremos em Helstone. Eu também estou ansiosa para passar uma semana

com você no campo, mas eu estarei feliz em qualquer lugar, desde que esteja com você.

*Com todo meu coração,
Margaret.”*

Aproximando-se da elegante loja de tecidos, que era uma das favoritas de Edith no West End, Margaret e a prima desembarcaram da carruagem.

— Me fará lembrar mais uma vez qual é nosso propósito desta vez? — Margaret perguntou à prima. — Tenho certeza que já adquiri um enxoval muito elegante. Acredito que serei uma das mulheres mais bem-vestidas de Milton

com todas as roupas novas – comentou, não familiarizada (como pensava sua prima) com a diligência e a constante atenção requerida para estar elegante.

— Esta é justamente a questão, Margaret! – exclamou Edith com um tom exasperado. — Você será uma dama de considerável posição na sociedade de Milton, não será? – perguntou. — Você precisará se vestir como exige seu papel. Não será mais a filha de um vigário, mas a esposa de um proeminente empresário em sua cidade – aconselhou a prima. — Estou certa de que você deseja realçar a posição de Mr. Thornton através de sua graça e bom-gosto – acrescentou enquanto entravam na loja.

— Desejo honrá-lo em qualquer aspecto que me seja possível — Margaret admitiu honestamente. — Mas estou absolutamente certa de que ele presta muito pouca atenção a questões de aparência — comentou.

Edith olhou para ela, relembrando o lamentável guarda-roupa da prima quando chegou a Londres.

— Sim, parece que ele irá venerá-la não importa o que use — observou com certo assombro. — Entretanto, talvez você esteja tão atraente em seus novos vestidos que ele fique tentado a chegar mais cedo em casa do trabalho — sugeriu Edith, sua sobancelha arqueando-se levemente, ao passo que, casualmente, aconselhava a

prima como as artimanhas femininas podem ser empregadas em sua vantagem.

— Edith! — Margaret repreendeu-a suavemente; um sorrisinho escapava de seus lábios quando considerou a possibilidade.

As jovens entraram na loja. O barulho das ruas foi silenciado de repente, quando elas visionaram a grande seleção de tecidos, laços, rendas e outros materiais exuberantes. Era uma grande loja, talvez o dobro das simples lojas de tecido de Milton.

Edith encaminhou-se para seção de roupas íntimas e camisolas já confeccionadas. Considerando o fato de que Margaret deveria ter tudo novo,

recomendou que a noiva adquirisse novas roupas íntimas e algumas novas camisolas.

— Esta é uma camisola adorável – avaliou, segurando uma branca de manga comprida, com modesto decote arredondado, bordado com fina renda. Pôs a camisola diante de si, mostrando os babados da bainha que era finalizada muitas polegadas acima dos tornozelos.

Foi a vez de Margaret erguer as sobrancelhas olhando para a escolha da prima.

— É muito bonito, mas não parece um pouco... indecorosa? – perguntou cuidadosamente.

— “Recato” é de pouca utilidade quando você está sozinha com seu

esposo, Margaret – comentou Edith em tom de segredo, não querendo ser ouvida.

— Edith! – Margaret exclamou novamente, sentindo-se embaraçada pelas insinuações de sua prima. Foi ficando corada enquanto furtivamente olhava em volta para se certificar de que ninguém as ouvia.

— Olhe – Edith chamou-lhe a atenção para outra peça que havia selecionado. — Se você usar esta camisola com esta peça formará um conjunto muito respeitável – comentou.

— É lindíssimo – Margaret concordou quando notou que as mangas esvoaçantes eram tecidas com laço lilás no punho.

— E é de algodão! — Edith anunciou triunfantemente, provocando Margaret por sua recente inclinação para qualquer coisa feita naquele tecido em particular.

Após satisfatoriamente adquirir os itens escolhidos, elas se dirigiram para Harley Street.

Depois de ficar olhando distraidamente pela janela da carruagem por alguns momentos, Edith voltou-se ansiosa para sua prima, que se sentava à sua frente.

— Margaret — ela começou a falar agitada — minha mãe já conversou com você sobre a... vida de casada? — ela perguntou com hesitação, seus olhos questionando mais do que suas palavras

expressavam.

Margaret inconscientemente segurou a respiração quando compreendeu o significado das palavras de Edith.

— Não! – respondeu expirando vagorosamente, olhando para as mãos cobertas com luvas.

— Você sabe o... o que é requerido? – perguntou desconfortável, dando somente uma olhadela para a prima, que estava ainda examinando suas mãos encurvadas.

Margaret contemplou a prima antes de responder.

— Eu... não estou totalmente certa... – ela respondeu gaguejando.

— Não quero que você receba o

mesmo discurso que minha mãe me proporcionou, é isso – esforçou-se para explicar. — Entenda... eu passei a discordar das opiniões dela – ela esclareceu. — Eu sei que a Bíblia diz que devemos sofrer as dores do parto. Mas eu não acredito que fale qualquer coisa que sugira ser errado desfrutar das atenções do seu marido – confessou Edith enquanto sua face se tornava rosada pelo acanhamento.

— Oh! – foi tudo que Margaret conseguiu responder, não estando inteiramente certa de que entendera a insinuação de Edith.

— Veja bem, mamãe sugeriu que os deveres maritais eram para ser bravamente suportados como se fossem

um grande sofrimento – explicou, olhando distraidamente para suas mãos, cutucando um vinco em sua saia. — Mas tenho chegado à conclusão de que pode ser muito prazeroso aceitar as atenções de seu esposo – confessou, encarando Margaret para determinar sua reação ao seu simples comentário.

— Oh! – Margaret sussurrou mais uma vez, sentindo aliviar um pouco a tensão no estômago.

— Você não sente algo... maravilhoso quando ele a toca? – Edith venturou-se a perguntar.

Um pouco perplexa pela pergunta de Edith, Margaret considerou como se sentia quando ele a abraçava forte, e o prazeroso e extraordinário

tumulto de sensações que experimentava quando John a beijava.

— Seus beijos me deixam completamente incapacitada – admitiu, corando, e com um pequeno sorriso. — Eu não sei como descrever mesmo, mas sinto algo muito... forte dentro de mim – balbuciou em uma tentativa de explicar.

Edith sorriu tranquilamente para a prima.

— É perfeitamente normal ter tais sensações, Margaret, quando você está apaixonada – disse a ela. — É certo sentir-se desta maneira com seu esposo – aconselhou. — E eu acredito... estou absolutamente certa de que seu Mr. Thornton será muito carinhoso – acrescentou rapidamente. — Você não

precisa ficar assustada em sua noite de núpcias – emendou, aliviada por ter aconselhado a prima a não ter medo.

As moças permaneceram em silêncio alguns minutos antes de Margaret dizer bravamente:

— Mas você não explicou... – ela começou a falar, mas não conseguiu terminar, sentindo uma torrente de calor subir à sua face.

— Oh! – disse Edith, compreendendo sua omissão. A jovem olhou rapidamente para a janela, perguntando-se como devia começar.

Com uma profusão de desvios de olhar, e faces coradas entre elas, Edith pôde expressar através de informações delicadamente formuladas, a união de

um homem e uma mulher que somente o casamento santifica.

Momentaneamente atônita por esta completa revelação, Margaret permaneceu em silêncio pelo restante do caminho, para o completo alívio de Edith.

Após o laçao ajudá-las a carregar os pacotes, Margaret ficou contente em escapar para seu quarto por um momento.

A jovem foi recebida por um novo arranjo de rosas amarelas em sua penteadeira. Ela sorriu ao vê-las. *É claro, pensou, é segunda-feira. Daqui exatamente uma semana será o dia do casamento. Será que ele enviará um quarto cheio de flores no dia da*

cerimônia?, ela se perguntou.

*“Minha querida Margaret,
Quando você receber estas
flores faltará exatamente uma semana
para nosso casamento.*

*Uma semana. Não acho que
jamais tenha desejado que uma semana
passe tão rapidamente quanto desejo
agora. Tenho esperado pacientemente,
apesar de crer que eu não conhecesse
realmente o significado da palavra
paciência antes. Tem sido um prazer
torturante imaginá-la em meus braços
nestas duas semanas, e eu tenho
frequentemente receado seguir meu
impulso de tomar o trem para Londres
uma vez mais, mas minha razão lógica*

força-me a ficar para que possa me preparar para poder desfrutar a planejada lua de mel.

Não consigo imaginar um paraíso mais doce do que permanecer com você em Helstone depois do nosso casamento. Com nenhum plano a cumprir ou intrusão, nós estaremos livres para estar um com o outro todos os momentos. Acredito que tal promessa de felicidade irá me animar através dos dias que faltam, antes de embarcar no trem rumo ao sul para enfim encontrá-la.

*Permaneço, e serei para sempre, inteiramente seu,
John.”*

Como poderia permanecer inquieta com um amor tão terno como este. Nunca se sentira mais segura do que quando esteve no abraço firme dele. Era o único lugar que ela queria estar, pensou ela.

Margaret sentou-se em sua cama, segurando uma rosa e sua carta na mão, e pensou novamente em seus beijos e a crescente excitação que experimentara quando estes se tornaram mais potentes e exigentes. *Seria esta a sensação de ser amada por ele no leito matrimonial*, ela se questionou? Se era, não podia sentir medo dele, mas iria receber de bom grado suas atenções íntimas. Seu coração agitou no peito ao imaginar. Margaret sabia que ficaria

nervosa, como qualquer um deve ficar ao experimentar algo que é, ao mesmo tempo, tão novo e de tal magnitude, porém compreendeu, em seu coração, que tudo ficaria bem.

Tudo que realmente queria era estar perto dele. Ela o amava, e isso era tudo que realmente interessava.

A jovem sorriu e trouxe a rosa até o rosto uma vez mais para sentir sua suave fragrância.

CAPÍTULO X

Em Richmond e Hampstead cavalheiros e damas usavam suas melhores roupas primaveris para serem exibidas na igreja, naquele belíssimo domingo em Londres. Em Bethnal Green, contudo, as classes trabalhadoras aproveitavam o dia de descanso do trabalho exaustivo com as mulheres, começando cedo o preparo da ceia antecipada.

Mas na residência em Harley Street estava tudo fora do usual. Os moradores da casa estavam todos ocupados, preparando-se para a viagem para Helstone. Dixon ajudava Margaret

a separar as roupas que sua jovem senhora levaria com ela, e aquelas que seriam empacotadas e enviadas para Milton, durante sua ausência. Edith e Mrs. Shaw finalizavam a preparação de suas próprias bagagens e Maxwell pedia uma carruagem para depois do almoço.

A família chegou à estação no início da tarde e embarcaram no trem para Southampton até Waterloo.

Não tendo mais nada para fazer, além de sentar e refletir, Margaret inspirou profundamente ao contemplar o motivo de toda aquela frenética atividade – no outro dia ela se casaria com o industrial do algodão que ela, um dia, havia taxado de vulgar e detestável.

Margaret nunca tinha estado tão enganada, pois descobrira que embaixo de seu exterior austero, ele era verdadeiramente gentil e cortês – o homem mais altruísta e justo que ela tivera o privilégio de conhecer.

Amanhã ele seria seu esposo.

Sentiu em seu íntimo um tremor pela antecipação. Nunca havia vivenciado um sentimento tão poderoso antes. Para ser honesta consigo própria tinha que admitir que, apesar de se sentir fervorosamente atraída pelo bom caráter do noivo, sobretudo, havia algo em sua presença física que a eletrizava. Jamais havia admitido antes, mas agora entendera que sempre experimentara essa sensação.

A jovem sentia-se apreensiva e emocionada ao pensar em vê-lo novamente depois da separação das últimas semanas. Margaret se perguntava como seria estar com ele novamente – ouvir sua voz e olhar para os seus penetrantes olhos azuis. Ela esperava que eles retomassem, rapidamente, a confortável familiaridade que haviam adquirido durante a visita dele a Londres e, dessa forma, acabar com aquele nervosismo que a consumia naquele momento.

Edith trouxe-a ao presente entorno quando, gentilmente, pediu que ela segurasse Sholto por alguns momentos. Margaret sorriu para o garotinho e colocou-o no colo antes de

começar a encorajá-lo a observar a esplêndida paisagem do sul, através da janela. Não faltava muito para que chegassem, pensou com alegria, e ela veria seu amado mais uma vez.

Mr. Thornton despertou ao amanhecer e, avidamente, levantou-se para dar as boas-vindas ao dia que tanto ansiara. Havia dormido bem, sabendo que este dia seria diferente de todos os outros – que todos os preparativos e aquisições, toda a organização e espera, desde que Margaret escolhera a data, ficariam no passado. Cada plano seria colocado em prática no momento que

ele colocasse o pé no trem em direção ao sul.

Sua bagagem já estava preparada e ele sabia que sua mãe estaria pronta para partir no horário combinado. Somente esperava que Fanny e Watson fossem pontuais para encontrá-los na estação.

Enquanto terminava de abotoar sua camisa e atar a gravata, distraidamente ele olhava para sua bela figura no espelho, alheio à sua impressionante beleza física, contudo agradecido pelo dia que finalmente chegara. Ele estava extremamente ansioso para chegar a Helstone, mas profundamente satisfeito, pois sua diligente paciência seria recompensada

– ele a veria e, no dia seguinte ela seria sua esposa.

Sua esposa – ele foi repentinamente tomado por uma onda de incrédula satisfação pela importância daquele fato. Ao olhar para o espelho novamente, ele, mais uma vez, não enxergou a si mesmo como todas as damas de Milton o via, no entanto ficou admirado ao deparar-se com o fato de que um homem rude e de aparência simples tivesse ganhado a afeição de uma criatura tão bela. Ele era cego para seus encantos e isso o deixava ainda mais encantador. Algumas vezes isto era quase incompreensível, todavia ele vivera para a indústria e pouco olhara ao seu redor para observar como as

damas o desejavam como marido e, algumas, até como amante. Embora lhe faltasse a educação concebida em Oxford, e mesmo o refinamento de um cavalheiro bem-criado e de berço nobre, ele possuía a classe apropriada que a natureza dava àqueles de bom coração e que buscavam o conhecimento nos livros e na vida. Margaret tinha – embora tenha descoberto sua paixão tardiamente – enxergado tudo isso, mesmo que John se visse surpreso e admirado por estar se casando com uma moça de belíssima graça e educação. Ele prometeu a si mesmo que nunca deixaria de valorizar sua grande sorte.

Vestiu o terno e tomou sua mala.

Seus olhos fixaram por um momento na serena extensão de sua cama bem arrumada. *Na próxima vez em que dormisse naquele leito ele não estaria mais sozinho.* Um tremor expectante perpassou-lhe o corpo e ele sentiu a resposta na sua masculinidade. Dando uma olhada no quarto, sorrindo, ele saiu para o corredor e fechou a porta.

Fanny e Mr. Watson chegaram não muito cedo, instigando a tensão nervosa do noivo, pois estivera ansiosamente observando os portões pela chegada deles. Fanny imediatamente consumiu a atenção de sua mãe, tagarelando sobre como era exaustiva a preparação para uma viagem como aquela.

Watson aproximou-se de Mr. Thornton para saudá-lo apropriadamente.

— Ainda não tive a oportunidade de felicitá-lo, Thornton — Watson ressaltou jovialmente, esticando a mão para cumprimentar o cunhado. — Você escolheu uma belíssima garota — admitiu com um sorriso de cumplicidade. — Aquela moça é bem ousada, não é? — ele comentou de maneira sarcástica, erguendo as sobrancelhas. — Creio que você precise mostrar a ela quem é que manda — ele insinuou com uma piscadela conivente.

Mr. Thornton ficou irritado com as insinuações vulgares de seu cunhado. Seus olhos se incendiaram, enquanto

tentava manter uma postura branda.

— Creio que você perceberá que Miss Hale e eu entramos em acordo na maioria dos assuntos — retorquiu friamente, numa tentativa de repelir seus comentários pretenciosos. — Estou certo de que ela saberá qual é seu lugar em minha casa — acrescentou confiante, olhando fixamente para Watson.

Sem dúvida ele esperava que Margaret soubesse seu lugar como sua esposa. Ela seria livre para falar o que pensasse e fazer o que lhe aprouvesse. A jovem era muito mais para ele do que um fino adorno, para ser usado para seu conforto e prazer. Estremeceu-se ao imaginá-la nas garras de um homem como Watson. Um homem grosseiro

como ele nunca compreenderia o tipo de casamento que ele imaginava ter.

Não queria dominá-la – não desejaria subjugar o mesmo espírito que o havia atraído e encantado. Não, este era seu maior temor: que por mantê-la cativa naquela cidade, dentro de seu alcance egoísta, ela pudesse murchar – sua alma vívida perdesse seu esplendor e tornasse uma mera sombra de seu antigo brilho. Ele não suportaria ser a causa de sua infelicidade.

Era seu desejo possuí-la, sim, mas não da maneira vil que ela havia sugerido quando o rejeitara tão veementemente. Ele a queria em todos os sentidos, pois era um homem de carne e osso, como todos os outros –

mas nunca iria abusar dela. Precisava que ela o amasse para olhar em seus olhos com confiança e respeito, se não com absoluto desejo. Queria possuir seu coração para que ela viesse a ele livremente, não por obrigação.

Ele esperava que eles se comunicassem livremente um com o outro, para que nenhum ramo de descontentamento pudesse crescer e minar a florescente beleza de seu amor. Desejava que eles pudessem provar serem auxílio e conforto um para o outro, para que juntos pudessem banir a preocupação e trazer esperança e alegria para qualquer coisa que sobreviesse no futuro.

Na hora exta a família reunida

embarcou no trem, tomando seus assentos para a longa jornada rumo ao sul. Quando o trem adiantou-se para começar seu progresso ritmado, Mr. Thornton sentiu seu coração agitar-se com a empolgação. Cada milha o levaria para mais perto da realização de seu sonho mais almejado – tornar Margaret sua.

Tão logo os visitantes de Londres estavam confortavelmente estabelecidos no chalé, Margaret escapou para sair ao ar livre, ansiosa para desfrutar a liberdade do campo e captar as visões que ela conhecera tão

bem. O ar fresco era revigorante e ela estava pasma por ver quão verde tudo ali parecia. Fazia quase dois anos que ela saíra de Helstone, e a jovem havia se esquecido de quão exuberante o lugar realmente era.

Permaneceu em pé por alguns minutos na trilha pedregosa através do jardim da frente, sentindo o aroma de lavanda soprado pela brisa. Ela sorriu ao reconhecer as peônias brancas, as cravinas com cachos de flores bordô em suas folhagens, florezinhas brancas e rosas de ervilha de cheiro salpicadas por todo o jardim. Que maravilha era estar rodeada uma vez mais pela natureza!

Instintivamente, começou a

caminhar em direção ao velho presbitério, curiosa para conferir se a passagem dos meses trouxera alguma mudança na casa onde nascera e vivera sua infância.

Antes de chegar aos campos familiares, entretanto, foi com grata surpresa que ela percebeu a aproximação de Mr. Bell. Encontrando-o na alameda, saudou cordialmente o padrinho.

— Mr. Bell, não sabia que já havia chegado.

— Eu cheguei há algum tempo. Já almocei e tirei minha sesta — disse ele, sorrindo, e segurando a mão da moça e levando aos lábios. — Contaram-me que seu chalé não ficava

nem a uma milha, então pensei em dar algum exercício a estes velhos membros, e vim para vê-la – explicou-lhe com satisfação. — Ora, bem, para onde estava indo, se posso saber? – perguntou o padrinho de maneira interessada, tendo já conjecturado os possíveis propósitos da incursão da afilhada ao vilarejo.

— Estava a caminho da minha antiga casa. Faz algum tempo que não a vejo – disse ela com um ar de nostalgia suavizando seu tom.

— Ah, é claro – Mr. Bell respondeu com sensibilidade. — Podemos ir juntos então? – ele perguntou com um sorriso afetuoso.

Margaret sorriu de volta e anuiu

com um aceno antes de descer, vagorosamente, pela trilha cercada de verde com o velho amigo de seu pai. Era um dia perfeito para passear: o ar estava limpo e levemente fresco, o brilho do sol aquecia tudo o que tocava. A brisa suave roçava o gramado e as folhas, agitando-as levemente. O céu espalhava uma tela de azul resplandecente contra nuvens dispersas na mais pura cor branca.

Deixando a alameda, eles cruzaram uma campina para alcançar os limites mais extremos da propriedade que era tão familiar para Margaret. A moça avidamente capturou aquela visão, seus olhos recorrendo a distância para ver o telhado escuro, proeminente e

pontiagudo, de sua antiga casa sobre a vegetação dos arredores.

Observando os campos ao redor, ela percebeu a imagem de um cavalheiro avançando ao longe. Vinha na direção deles ao longo da sebe. Margaret perdeu o ar quando seus olhos focaram nele, reconhecendo logo o caminhar decidido do homem a quem amava. *Ele estava ali!* Uma sensação de tremor tomou conta dela ao vê-lo. Mesmo à distância de muitos metros, John exalava força e vigor: seu porte era poderoso e firme, e suas ágeis pernas o traziam para mais perto dela.

A face de Margaret começou a brilhar de júbilo, quando ela correu para encontrá-lo, sendo atraída como

um imã para sua presença.

Repentinamente consciente do movimento à sua frente, John olhou para cima para descobrir Margaret correndo para ele. Seu corpo paralizou ao vê-la ali, e inspirou quando seus olhos avidamente consumiram sua beleza. Os raios do sol pareciam iluminá-la, projetando um brilho dourado em seu cabelo castanho, ao mesmo tempo em que seu rosto brilhava com um sorriso radiante de terna afeição. O coração dele contraiu de emoção ao entender que tal expressão era só para ele.

Ele correu até ela, e quando a alcançou, deslizou duas potentes mãos ao longo dos antebraços de Margaret para segurá-la firme pelos cotovelos,

não querendo mais nada além de descartar os limites restritos das convenções e apertá-la junto a si. John ansiava por sentir seu corpo pressionado ao dela.

Margaret, por sua vez, agarrou seus braços, como para se firmar, deleitando-se na sensação de seu firme toque. As pernas dele estavam acomodadas nas camadas de sua saia, e seus corpos estavam apenas centímetros de distância. Com os corações acelerados, o casal se esforçava para manter a distância apropriada entre si, mas seus olhos comunicavam a ânsia que sentiam um do outro.

Mr. Bell permaneceu discretamente afastado, caminhando

lentamente em volta para permitir aos amantes alguns minutos de privacidade.

— Quando você chegou? — Margaret suspirou enfim, ainda com um sorriso radiante pela agradável surpresa de encontrá-lo.

— Chegamos há pouco. Fanny almejava descansar, mas eu quis conhecer o lugar de onde veio a minha rosa — ele respondeu, seus olhos ainda percorrendo cada centímetro dela, notando a plenitude de seus lábios e a atraente forma de seu corpo em seu decote ajustado.

Abstendo-se de suas roupas de luto, ela usava um novo vestido de musselina lilás com uma renda cor creme, caindo pelas mangas abertas, e

fórrando a modesta ondulação de seu decote. O volume de sua saia e estreiteza da cintura acentuava cada curva de sua figura feminina.

— Você está adorável! — murmurou John quando olhou novamente para ela.

Margaret abaixou o olhar com recato, antes de fitar-lhe com um sorriso malicioso.

— É isso que tem para me dizer depois de três semanas sem me ver? — ela brincou, com os olhos brilhando.

John sorriu, achando graça de sua resposta provocadora. Seu tom brincalhão era íntimo e sedutor, incitando-o a responder com uma franqueza que denotava seu desejo

sincero.

— O que queria que eu dissesse? Que eu não parei de pensar em você desde que a deixei em Londres? Que o que mais queria era tomá-la em meus braços para demonstrar todo meu sentimento; que, se não fossem as restrições da decência que me forçam a ficar distante de você eu já o teria feito? — perguntou ele deliberadamente, sua voz rouca tornando-se quase um murmúrio. As próprias palavras que ele usou lhe inflamaram a paixão, e os músculos de seus braços vibraram devido a tensão, enquanto esforçava-se para se conter de abraçá-la despudoradamente e beijá-la com ardor. Sentia-se como um tigre agachado,

pronto para saltar, mas algemado por correntes invisíveis.

Sem conseguir falar, Margaret estava perdida no abrasador brilho de seus olhos azuis, e seu pulso acelerou diante de suas palavras ardentes.

— Thornton! — Mr. Bell anunciou sua aproximação — vejo que conseguiu escapar da cidade. O que achou de Helstone? — perguntou curiosamente, ao cabo do tempo que o casal moveu-se para ficar lado a lado, Margaret afetuosamente agarrando-se ao braço do seu noivo.

— Por tudo que vi até agora, que não foi muito, é realmente lindo — respondeu ele com respeito, sorrindo para Margaret. — Mas eu não esperava

nada menos – completou, novamente olhando para ela com um sorriso cativante. — Para onde estavam indo? — Mr. Thornton dirigiu a pergunta para Mr. Bell.

— Estávamos somente caminhando, de fato. Irá nos acompanhar? — Margaret perguntou.

— Acredito que minha mãe deseja falar com você — seu noivo respondeu, recordando-se de algo que Mrs. Thornton havia dito antes de ele ter saído da pousada.

— Oh! — Margaret respondeu. — Devemos ir ao vilarejo, então? — ela perguntou.

— Creio que ela irá visitá-la no chalé — esclareceu Mr. Thornton.

— Então eu devo retornar — Margaret respondeu imediatamente. — Você irá acompanhá-la? — ela perguntou esperançosamente, não desejando deixá-lo.

— Eu irei — ele prometeu com um sorriso afetuoso.

— Até mais tarde então, Thornton — disse Mr. Bell, despedindo-se dele temporariamente. — Irei acompanhar sua noiva de volta à sua casa longe de casa — brincou Mr. Bell.

— Fico muito agradecido — respondeu com um sorriso torto e acenou rapidamente com a cabeça.

— Vejo você em breve — disse gentilmente para Margaret, odiando ter que deixá-la.

Margaret assentiu de maneira simples com um sorriso radiante, seu olhar revelando a relutância em ficar distante dele.

Mr. Bell virou-se para sair, levando Margaret em direção aos campos distantes de onde eles vieram. Depois de alguns passos, a moça virou-se para olhar para trás, seus olhos luminosos buscando outro vislumbre de seu amado.

John não se movera, mas permaneceu ali de maneira desamparada, observando-a se afastar. Margaret deu-lhe um sorriso afetuoso. A face de John se iluminou ao receber tal regalo e sorriu de volta antes que ela se virasse mais uma vez para retomar seu

caminho.

Mr. Thornton e sua mãe chegaram ao fim da tarde no pitoresco chalé de pedras. Mrs. Thornton foi apresentada a Edith e Maxwell, e Dixon foi preparar o chá. Todos os assentos foram usados na sala de estar, e a conversação girou em torno da conveniência da viagem de trem, até o clima primaveril.

Depois do chá, Margaret acompanhou Mrs. Thornton para o andar de cima, até seu quarto, para mostrar o vestido de noiva e para conversarem a sós, como a senhora desejava.

— Fanny conseguiu descansar? — Margaret perguntou educadamente. — John mencionou que ela estava cansada pela jornada — explicou enquanto entravam num quarto arejado e claro.

No centro do aposento ficava uma cama de tamanho modesto, com uma colcha de matelassê branca, e uma cabeceira de carvalho entalhada. A luz do entardecer aquecia o piso de madeira cor-de-mel e clareava a cortina de algodão, que adornava a janela. Os papéis de parede, com estampa vertical de listras azuis e grinalda de rosa, davam suavidade ao quarto.

— Estou certa de que ela está muito bem, obrigada — Mrs. Thornton respondeu, não estando disposta a

discutir a aparente fragilidade de sua filha. — Eu lhe trouxe algo que pensei que pudesse gostar — ela continuou de maneira um pouco áspera, desenrolando um adorno de fina renda que ela havia embalado em algodão. — É o véu que usei no meu casamento. Pensei que talvez você quisesse usar. A renda é de Bruxelas — Hannah ofereceu de maneira simples, deitando-o cuidadosamente na cama. Olhando para Margaret, ela percebeu, repentinamente, o vestido de noiva pendurado na porta aberta do guarda-roupa atrás dela, um véu de renda cuidadosamente cobrindo o vestido. — Vejo que você já possui um... Devia ter pensado... — ela gaguejou de maneira desconfortável.

Margaret se encheu de apreensiva esperança, comovida por sua futura sogra ter oferecido tal presente. A jovem noiva apressadamente interveio, olhando para o véu que ela tinha trazido.

— Mesmo que eu já possua um véu, ficarei honrada por usar este — é um tesouro de família — declarou, honestamente, examinando-o com reverência, passando os dedos levemente sobre a borda lindamente modelada. — Obrigada por pensar em mim — ela disse com grato entusiasmo, olhando para a mulher mais velha.

Mrs. Thornton estava comovida pela reação da moça. Olhando para ela com recém-descoberta admiração,

percebendo que a graça de Margaret não era uma afetação exterior, mas composta por sincera gentileza e consideração pelos outros.

— A senhora se casou em Milton? — perguntou Margaret de maneira interessada, enquanto gentilmente dispunha a relíquia na cabeça e se admirava no espelho da penteadeira.

— Sim — respondeu a mulher orgulhosamente. — Nunca mais foi usado desde então — ela acrescentou com uma pontada de melancolia.

Margaret voltou-se rapidamente para olhá-la.

— Fanny não quis usá-lo? — ela perguntou com certa surpresa.

— Não — ela respondeu, apartando o olhar. — Fanny achou que não combinava com seu vestido — comentou Hannah um pouco embaraçada de que sua própria filha tivesse rejeitado a relíquia oferecida. — Mas ela usou as joias que usei no meu casamento — explicou com um sorriso débil.

— Também usarei as joias que pertenceram a minha mãe — Margaret comentou. — Mas ficarei satisfeita em ter algo da família de John para usar. Muito obrigada por trazê-lo — ela disse de maneira entusiasmada, com um sorriso singela.

— Não há de quê — Mrs. Thornton respondeu, com um suave

sorriso formando-se nos lábios. Estava surpresa por estar afeiçoando-se à moça que o filho escolhera.

— Margaret — Mrs. Thornton disse solenemente, desejando conversar por um minuto enquanto tinha a oportunidade. — Meu filho tem sofrido muito — ela começou a falar firmemente — e mesmo sendo forte, ele possui um terno coração. Espero que você cuide dele zelosamente — ela implorou, olhando firmemente para a jovem mulher que, em breve, seria a esposa de seu filho.

— Este é meu maior desejo. Não deixarei de valorizar sua afeição — respondeu de maneira honesta, sem hesitação, não tendo vergonha de

admitir seus sentimentos à mulher que tomou conta de seu noivo por tanto tempo.

— Muito bem — ela replicou com um movimento de sorriso, satisfeita, pois percebeu que a resposta de Margaret havia sido sincera. Ela virou-se para sair, tendo finalizado sua tarefa, incapaz de continuar qualquer discussão de natureza sentimental de maneira confortável. — Devemos voltar para nos preparar para o jantar — comentou polidamente, antes de dirigir-se à porta.

Uma longa mesa foi preparada com elegância campestre, na pousada

Lennards Inn. Mr. Purkins, o dono da hospedaria, tinha usado seu próprio conjunto de jantar para aquela ocasião especial. Um belo arranjo de flores silvestres enchia o vaso de porcelana, e velas finas em candelabros polidos iluminavam a mesa coberta com toalha na cor damasco.

Chegando antes da hora combinada, a família de Londres foi apresentada a Fanny e seu esposo, enquanto todos confraternizavam informalmente antes do jantar.

Mr. Thornton estava vestido de maneira impecável em seu usual terno preto, e usava um colete cinza estampado com um lenço bordô. Ele buscou Margaret imediatamente com um

cálido olhar e um sorriso gentil, fazendo o estômago dela agitar-se ao reconhecer, mais uma vez, quão especialmente bonito ele ficava em seu traje formal.

John dirigiu-se até ela, e Margaret removiu seu xale e o entregava ao camareiro, revelando um vestido de seda negro-azulado que caía nos ombros e, suavemente, descendia a um ponto na parte da frente. Deslumbrado por sua beleza, o sorriso de Mr. Thornton desvaneceu, ao passo que ele capturava a visão de sua pele de porcelana, seus olhos abrasando-a com desejo mal camuflado.

Margaret ficou confusa ao ver seu sorriso se dissipar, e se questionou

se havia algo errado. Com leve trepidação, ela estendeu a mão para o noivo de maneira encantadora, como fizera no jantar dos *masters*, quase um ano atrás. John tomou seus dedos, e ergueu sua mão para depositar ali um beijo demorado, contemplando-a todo o tempo com um olhar ardente, que a fazia perder o fôlego. Seus lábios se curvaram em um grato sorriso, enquanto ele baixava sua mão, mas não a soltava.

— Você está esplêndida — declarou ele em uma voz grave guardada só para ela, lembrando-a com um brilho travesso no olhar como ela o havia repreendido por palavras similares, algumas horas antes.

A moça aceitou o elogio com um

sorriso amplo.

— Somente espero não me tornar uma distração – ela o provocou, seus olhos brilhando.

— Estou seguro de que a conversa não será nem metade atraente, mas eu tentarei ser sociável, no entanto – ele retorquiu com um sorriso mal-intencionado e um olhar penetrante que revelava sua ânsia por estar a sós com ela.

Margaret baixou a cabeça timidamente, sentindo o calor subir em suas faces por ser tão ardentemente admirada.

Erguendo o rosto, ela olhou em torno do salão.

— Onde está Nicholas? – ela

questionou, repentinamente consciente de sua ausência.

— Ele está aqui em Helstone, mas creio que ele se sentiu desconfortável em participar da nossa reunião familiar esta noite — Mr. Thornton explicou gentilmente. — Ele prometeu se juntar a nós para a celebração do casamento. Ele deu a você seus mais cálidos cumprimentos — transmitiu John, esperando que a noiva entendesse a reserva do amigo para jantar com a família em uma ocasião tão formal.

Margaret tinha acabado de assentir, quando a voz estridente de Fanny interrompeu a conversa privada do casal.

— Miss Hale — ela chamou — ou devo dizer ‘Margaret’ — pois seremos irmãs em breve — ela pontuou com seu usual entusiasmo caprichoso. Não esperando por uma resposta, ela continuou: — Quem teria imaginado uma coisa dessa? Nós estávamos absolutamente certas de que John permaneceria solteiro. ‘Casado com a fábrica’, eu sempre dizia — ela comentou com um sorriso satisfeito. — Parece que você foi bem-sucedida em ganhar sua admiração — ponderou de maneira capciosa.

O jantar foi anunciado, salvando o casal do incômodo em responder, enquanto todos se encaminhavam para ocupar seus lugares.

A conversa moveu-se facilmente por vários tópicos, ao mesmo tempo em que os convidados comparavam os benefícios e malefícios da vida no campo com a da cidade. Inevitavelmente, a discussão sobre o desenvolvimento das populações nas cidades conduziu a conversa para as futuras possibilidades de Londres e Milton. Maxwell ficou inteiramente maravilhado com as perspectivas da indústria como um todo, e de Milton, em particular.

Margaret estava mais uma vez impressionada pela visão perspicaz de seu noivo e seu conhecimento predominante em todas as questões. Contemplando-o com admiração,

percebeu frequentemente o olhar de Mr. Thornton vindo em sua direção. Sentia seus olhos sobre ela a qualquer momento em que ela oferecesse seus próprios comentários e opiniões. Sentados em frente um do outro, tiveram muitas ocasiões de trocar olhares afetuosos durante toda a noite.

Finalmente, Fanny interrompeu para contar o quanto estava empolgada por estar indo à ópera em Londres, após o casamento.

— Nós ficaremos duas noites em Londres antes de ir para casa. Mamãe irá nos acompanhar, é claro — ela acrescentou sem necessidade. — Espero poder ver a Alhambra também. Tenho almejado ver sua estrutura

exótica – ela disse de maneira entusiasmada.

— A Alhambra – Maxwell repetiu, pensativo. — Acredito que a construção em Londres é uma réplica da estrutura original na Espanha – ele observou. — Não é assim? – ele a questionou.

— Sim, acredito que esteja certo – Mr. Bell afirmou, notando o olhar confuso de Fanny.

— Sim, bem, eu gostaria de vê-la nos dois lugares – comentou risonha – e Londres é tão mais conveniente – ponderou. — Londres não é muito longe de Helstone, Margaret – Fanny continuou dizendo – talvez você possa fazer uma viagem de um dia, enquanto

está aqui em sua lua de mel. Existem tantas apresentações diferentes que você pode prestigiar – ela sugeriu amavelmente à noiva do irmão. — Apesar de o vilarejo ser adorável, creio que me cansaria do campo depois de um dia ou dois. Não consigo imaginar o que vocês farão aqui para se divertirem por uma semana inteira – ela declarou de maneira surpresa, sem se dar conta da turbação que seu comentário produziu, à medida que Watson tossia distraidamente e todos evitavam os olhares um dos outros.

Cabisbaixa por tamanho embaraço e muito corada, Margaret ficou sem saber o que dizer por um momento, antes de dirigir sua atenção

para Fanny com uma tímida resposta.

— Acredito que seremos muito felizes aqui. Há muitos lugares que eu gostaria de mostrar ao John — ela respondeu com animação forçada, sua face rosada devido ao acanhamento.

— Penso que Margaret conheça cada rincão e fenda deste vilarejo — Mr. Bell anunciou com vigor, mudando a direção da conversa com autoridade. — Contaram-me que ela acompanhava o pai em suas visitas, mas que podia frequentemente ser encontrada nas campinas com um livro, ou com sua paleta de tintas — disse com afetuosa animação.

Mr. Thornton sobressaltou-se diante do último comentário, e olhou

interessadamente para Margaret, esperando sua resposta.

— É verdade — admitiu. — Sou conhecedora de cada adorável panorama na área — ela disse, grata pela maneira astuciosa com a qual Mr. Bell conduziu a conversa.

As velas bailavam com a luz fraca quando o jantar terminou e os hóspedes de Londres se preparavam para deixar a pousada. Mr. Thornton solicitou o privilégio de acompanhá-los, ainda não estando pronto para renunciar ao seu tempo com Margaret.

O curto trajeto na carruagem levou-os para fora do vilarejo até o campo, onde o chalé dos Thompsons ficava a uma boa distância da alameda.

Enquanto o grupo de Londres fez seu trajeto pelo caminho, o casal comprometido os seguiu, permanecendo do lado de fora após a entrada de todos.

O horizonte ocidental ainda brilhava ligeiramente com os últimos vestígios do esplendor do dia, no momento em que a escuridão da noite consumia o céu no lado oriental. A chegada do amanhecer do dia do casamento era certa como a ordem do universo.

Grilos ecoavam sua canção noturna de harmonia e paz, à medida que o aroma de madressilva e lavanda enchia a fresca aragem.

— Nós não ficamos sozinhos o dia todo – murmurou Mr. Thornton, ao

mesmo tempo em que estendia o braço para segurar o rosto de Margaret entre suas mãos. Com os dedos, ele acariciava suavemente a face da amada sempre a observando com adoração.

— Não — Margaret concordou sussurrando, incapaz de dizer algo mais. Hipnotizada por sua proximidade e seu toque suave, percebia a antecipação de seu beijo com os sentidos em alerta.

John aproximou o rosto e gentilmente beijou-lhe os lábios. O primeiro toque íntimo espalhou fagulhas de sensações através dos corpos de ambos. Enlaçando-a pela cintura, ele trouxe-a mais perto de si e sentiu sua exercitada paciência rapidamente se desfazendo na mesma proporção que

suas mais intensas paixões eram chamadas à vida.

Margaret abraçou a cintura dele, descuidando-se do xale que, lentamente, escorregava dos seus ombros até o chão.

A pulsação deles acelerou quando seus lábios se encontraram esfomeados, com suas bocas se abrindo uma para a outra, ávidas pelo toque. Suas línguas se tocaram com a urgência da paixão e da saudade, que continuou a escalar até o ponto em que foram obrigados a se afastar para retomar o fôlego.

— Senti muito sua falta, Margaret — disse John, arquejando, com o rosto somente alguns centímetros do

dela, seus olhos percorrendo sua luminosa pele de marfim.

— Também senti a sua, John — declarou-a, suplicando sua compreensão com o olhar.

O inocente anseio da noiva inflamou a necessidade latente dele, e sua boca buscou refúgio no macio de seu pescoço, um pouco abaixo da orelha, onde o perfume dela exalava uma fragrância inebriante.

Margaret arfou, quando sentiu a carícia de seus lábios e, instintivamente, inclinou a cabeça para o lado para oferecer-lhe toda a extensão de seu pescoço.

O perfume de mulher e a sensação de sua pele suave criaram um

elixir de desejo, intoxicando os sentidos dele. Arrastando sua boca aberta por toda a coluna do pescoço e ombros, John saboreou a pele na qual seus olhos haviam se banquetado durante toda a noite.

A jovem suspirou enquanto John traçava um caminho para trás do pescoço, e sentiu-se enfraquecida ao entregar-se à extasiante sensação incitada por suas ardentes atenções. Seu hálito morno e toque sensual levaram-na a estremecer. Agarrando-se ao colete dele para firmar-se, Margaret tremeu ao sentir sua determinação virginal desmoronar.

— John! — ela sussurrou em um protesto precário.

John ouviu a voz suave e baixa falar seu nome como um íntimo sussurro de sua amante. Ele hesitou por um momento, à medida que seus lábios roçavam a base de sua garganta. Ele sabia que devia parar, mas ainda não podia abdicar-se dela – havia esperado tanto tempo para amá-la! Seu pulso latejava de ânsia por conhecer somente mais um pouquinho dela. Estremecendo, ele começou a mover seus lábios sobre a pele sedosa, sedutoramente exposta por seu vestido de gala.

Arrebatada por seus avanços, Margaret abafou um gemido e fechou os olhos quando sentiu os lábios dele se aproximarem da suave elevação do seu decote.

— John! — ela exclamou, sua voz rouca ao usar o que restava de suas forças. — Não devemos... — ela suspirou, tentando trazê-los de volta à razão para longe do iminente precipício de desejo.

John parou, seu corpo gritando para continuar sua busca, ergueu a cabeça para encará-la. Sem se deixar intimidar por seu impulso de amá-la, seus olhos analisaram-na com abrasadora intensidade.

— John, eu... — ela começou a dizer, mas soube que não conseguiria falar enquanto fitava-lhe nos olhos. Margaret jogou-se em seus braços, tremendo em seu abraço poderoso, ao reconhecer que ela não desejava que ele

parasse; sentia as pernas enfraquecerem ao lembrar-se de que amanhã eles não teriam mais que parar.

John segurou-a bem junto de si, repousando as mãos em seus cabelos, e beijou-lhe a cabeça. Sentiu-se inundado pelo amor por aquela mulher, que aquecia sua alma com sua própria presença. Estaria contente em passar a eternidade somente daquela maneira.

— Eu te amo! — ele murmurou em uma voz grave e ressonante, que acalmou a corrente de paixão que os havia consumido.

— Oh, John! — ela suspirou, abraçando-o mais forte. — Eu te amo tanto.

Eles permaneceram abraçados

por alguns minutos, até que Margaret se moveu.

— Não precisaremos dizer adeus amanhã – lembrou-lhe ansiosa, desejando que pudesse ficar em seus braços para sempre.

Os lábios de John se abriram em um sorriso, ao reconhecer a falta de vontade dela em separar-se dele.

— Sou forçado a deixá-la esta última vez, mas de amanhã em diante você não se verá mais livre de mim – ele a advertiu com um brilho provocador em seus olhos, escondendo a profunda necessidade de saber que ela nunca iria se cansar de sua presença.

— Nunca irei querer me livrar de você! – ela o repreendeu por dizer

tal coisa.

John sorriu timidamente por sua afirmação e, olhando para baixo, vislumbrou o xale caído. Ele tomou o xale com extrema cortesia e cobriu cuidadosamente a extensão de pele que ainda clamava por seu toque.

— Boa noite, meu amor. Tentarei relaxar e dormir — disse ele, calmamente sorrindo de forma tentadora, enquanto abaixava-se uma vez mais para lhe beijar.

Margaret aceitou o beijo, e lenta e ternamente moveu os lábios de acordo com os dele por um longo momento, até que se afastaram.

— Boa noite — ela respondeu com seu corpo trêmulo, ansiando pelo

dele.

Ele olhou para trás, assombrado em perceber quão facilmente os suaves beijos de Margaret o abrasavam. John deu a ela um sorriso sôfrego, com um leve aceno, antes que ela se virasse para a porta aberta e desaparecesse para dentro da casa.

John dirigiu-se pelo caminho até o coche que o estava esperando, olhando para a expansão interminável de estrelas brilhando. Ele não podia conter o sorriso que lentamente tomou conta de sua face, ao sentir o mundo se abrindo para ele. Seu futuro – o futuro estava aberto diante deles. Qualquer coisa era possível, agora que Margaret estaria ao seu lado.

Seu único dever agora era tentar dormir para que o amanhã pudesse finalmente começar.

Margaret acordou logo após o amanhecer, escutando os pacíficos ruídos da primavera. Ela levantou-se e caminhou até a janela, puxando a cortina de lado para receber o dia. O sol estava brilhando, lançando raios filtrados através dos galhos de um grande carvalho, do qual pássaros piavam alegremente em suas conversas matinais sem se preocuparem com o significado especial daquele dia.

A jovem inspirou profundamente,

demonstrando contentamento, e sorriu ao captar o cenário diante de si. *Hoje era o dia do seu casamento. Seria perfeito.*

Quando era uma garotinha, havia sonhado com este dia como supôs que todas as meninas sonhavam: que no dia de seu casamento ela pareceria e se sentiria como uma linda princesa, gloriosamente adornada, e que seu marido seria bonito. Mas enquanto crescia, descobriu que não pensava tanto no assunto como as outras garotas. Não era como Edith, que imaginava vividamente todos os detalhes de seu casamento desde que tinha oito anos de idade.

De fato, Margaret se deu conta

de que não havia pensado muito em casamento nos últimos anos. Certamente, a ideia estivera em algum lugar na periferia de seus pensamentos, mas ela havia estado muito envolvida em seus arredores, absorvendo o mundo à sua volta e aprendendo novas coisas, que não tinha sentido a necessidade de algo ou alguém que a fizesse feliz. A fantasia da infância tinha ficado vaga para ela com o passar o tempo. Margaret contemplava que, algum dia, se casaria com alguém que possuísse as qualidades que mais admirava; alguém que fosse inteligente e gentil; que não se esquivasse das obrigações e deveres; ou pretendesse ser algo que não era. Estivera certa de que reconheceria tal

homem quando o conhecesse.

Ela não tinha visto tais características em John – não a princípio. Em suas primeiras impressões, o havia considerado frio e sem coração, como seus preconceitos a haviam advertido na chegada à cidade nortista que ela nunca tivera o desejo de visitar, muito menos de chamar de lar.

Com o passar do tempo, tinha aprendido paulatinamente – ou melhor, fora relutantemente forçada – a enxergá-lo como realmente era. Foi sua gentileza e honestidade que a conquistaram – e seu amor. John a amara silenciosa e persistentemente sem que ela mesma soubesse. Tinha ficado sensibilizada ao descobrir seus verdadeiros sentimentos

por ela, e ainda mais comovida ao perceber, lentamente, que não conseguia deixar de pensar nele.

John era tudo que ela sempre quis em um marido, e mais. Não conseguia se imaginar casando-se com mais ninguém. Não podia evitar amá-lo; parecia tão natural que eles estivessem juntos. Sim, era por isso que se sentia tão feliz naquele dia – era a coisa mais natural do mundo desposá-lo. Nada poderia ser mais adequado.

A moça estava parada tranquilamente diante da janela, quando Dixon bateu na porta para começar os primeiros preparativos do dia.

As mãos de Mr. Thornton repousavam sobre o peitoril da janela, à medida que ele se inclinava para olhar para fora da velha casa de campo. Dali ele conseguia ver o campanário e as telhas de ardósia da igreja onde se casaria. *Por que se chamava casamento matinal*, ele pensou zombeteiramente, *se começará perto do meio-dia?* Ele já estava pronto há quase duas horas e ainda tinha que esperar por uma hora.

Sentia-se frustrado e perplexo por estar tão agitado naquela manhã. Mesmo excitado, ele tinha caído no sono sem muita dificuldade na noite passada, pois embora desejasse

ardentemente Margaret, sentia-se relaxado e feliz, já que faltava apenas um dia para que aquilo fosse possível. Portanto, estava perplexo por encontrar-se cada vez mais inquieto e ansioso, conforme a manhã ia passando. John não conseguia racionalizar aquilo. Ele não questionava sua decisão – nunca tinha estado tão certo de suas intenções em toda sua vida.

Não lhe ajudava muito o fato de conseguir ouvir o gorjear agudo da voz da irmã vindo do corredor, ao preparar-se para o evento que se seguia.

Ouviu então uma batida suave na porta do seu quarto.

— Sim, entre! – ele falou de uma maneira mais cortante do que pretendia.

— Mãe — reconheceu-a com uma olhadela quando ela entrava, mas se virou abruptamente para olhar para ela novamente. Estava perplexo em ver que a mãe usava um fino vestido novo com longas mangas ajustadas e colarinho de renda branca — a cor verde-pálida lhe favorecia. — Você está muito bem-vestida — John elogiou sua mãe e seu semblante se iluminou ao capturar a imagem dela. Ele não a tinha visto usar nada além de preto por quase vinte anos.

— Meu único filho se casa hoje — Mrs. Thornton declarou orgulhosamente com seu queixo erguido. — Regozijarei com você — ela anunciou ao analisar de forma determinada as

feições de seu filho, com carinho e orgulho. Hannah estendeu as mãos para segurar o rosto do filho, seu coração cheio de pungente anseio para dizer-lhe o quanto o amava; o quanto ele significou para ela todos aqueles anos. — John... — ela começou a lhe dizer, mas lhe faltaram as palavras quando lágrimas ameaçaram derramar.

John tomou gentilmente as mãos de sua mãe nas suas e beijou-as carinhosamente.

— Obrigado, mãe — ele disse suavemente em uma voz baixa e confortante.

Ele tentou expressar com o olhar tudo que estava implícito naquelas palavras: quão agradecido ele estava

por sua inquebrantável orientação e suporte durante aqueles longos anos de intensa provação; o quanto ele apreciava sua constante devoção e cuidado amoroso.

Hannah baixou a cabeça para recuperar sua compostura e voltou a olhar para o filho com renovada admiração.

— Está pronto? — ela perguntou, ocupando-se com a supérflua tarefa de ajeitar sua gravata branca. John estava resplandecente em seu traje azul-escuro, colete branco e calças cinza-pálido.

Mr. Thornton soltou um pesado suspiro.

— Estou pronto há muito tempo e tenho estado esperando pelo horário —

ele a informou com exasperação, ao começar a caminhar pela curta extensão de seu quarto, sua impaciência parecendo ser renovada com as palavras da mãe.

Hannah sorriu para si mesma por sua inquietação. John era um homem de propósito, e não podia suportar ociosidade. Ele estava pronto para começar os eventos do dia e precisava de algo com o qual se ocupar.

— Você devia dar uma caminhada para passar o tempo – ela sugeriu.

— Eu já estive lá fora, mãe – disse ele desgastado, enquanto cruzava o quarto mais uma vez.

— Então saia novamente – ela

ordenou, firmemente – não fará nenhum bem a alguém gastando o carpete aqui – disse Hannah, dando-lhe um olhar penetrante, ao mesmo tempo em que o indício de um sorriso cruzava sua face.

John sorriu arrependido e deu-lhe um beijo no rosto antes de dirigir-se à porta, deixando Hannah em pé, contemplativa por um momento. Contente, ela foi checar o progresso dos preparativos de sua filha.

Mr. Thornton estava descendo as escadas para o térreo quando Higgins apareceu.

— Higgins! – o noivo inquieto o cumprimentou alegre ao ver o amigo.

Nicholas mostrou-se muito elegante em seu traje de cavalheiro

cinza e preto, apesar de estar irritado com o lenço ajustado atado em sua garganta.

— Achei que seria bom ver se posso ser de alguma ajuda para você — explicou. — Creio que é meu dever assegurar que você cumpra seu horário — ele disse com um leve sorriso — e eu sei que um homem pode ficar muito nervoso esperando chegar sua hora — observou com sagacidade.

Mr. Thornton deu uma gargalhada ante a avaliação astuta de Higgins sobre seu próprio comportamento inquietante naquela manhã.

— Então quem sabe você possa me acompanhar em uma volta pelo

vilarejo? Minha mãe acaba de me informar que eu sou inútil aqui – respondeu ele, de bom humor.

— Estou feliz em poder ajudar – Nicholas disse gracejando, ao passo que se encaminhavam para a porta.

Dixon terminava de prender algumas flores de laranjeira no cabelo de Margaret, quando Edith adentrou o quarto para ver sua prima antes da chegada da carruagem. Após ajeitar cuidadosamente o véu – presente de Mrs. Thornton – na cabeça da moça como toque final, Dixon deu alguns passos para trás extasiada e

emocionada. Margaret levantou-se de seu assento na penteadeira para contemplar-se no longo espelho ao lado do guarda-roupa.

A volumosa saia e o corpete ajustado de seu vestido foram confeccionados em uma suave seda branca, recoberta com uma fina renda; o decote regular era rodeado por renda rosada do pescoço às costas. As mangas longas e estreitas eram de tecido transparente com estampa de renda nos punhos, de forma que as mãos parecessem ainda menores e delicadas. As bordas recortadas do véu caíam ao lado e pendiam sobre as costas.

— Oh, Margaret, você é a imagem da beleza! — Edith elogiou com

um sorriso melancólico, sentindo felicidade pelo dia de júbilo da prima, mas lamentando o impendente vazio de sua ausência na casa em Londres.

Mrs. Shaw entrou no quarto para admirar a sobrinha em seu completo traje de núpcias.

— Ela ficou tão linda quanto a mãe! — Dixon comentou, piscando por trás das lágrimas. — Quem dera sua mãe pudesse vê-la agora, Miss Margaret — disse Dixon solenemente. — Ela usou essas mesmas pérolas — acrescentou com uma nostálgica importância.

Margaret tocou o cordão de pérolas em volta do pescoço, recordando sua mãe. Os brincos de

pérola pendentes que usava também pertenceram a ela.

— Você está lindíssima, Margaret — concordou Mrs. Shaw, certa de que sua irmã teria ficado feliz por Margaret naquele dia.

— Obrigada a todas vocês pela ajuda — Margaret respondeu com sincera gratidão por sua família e a serva fiel de sua mãe.

Maxwell gritou do primeiro andar, informando a chegada do primeiro coche de aluguel.

— Mr. Bell deve chegar em alguns minutos. Nós a veremos na igreja. Não se atrase e não se esqueça do buquê! — Edith ordenou antes de sair com os outros.

Margaret estava contente em ter alguns minutos tranquilos para ficar sozinha. A agitação em torno de si havia começado a desmantelar a serenidade que ela tinha mantido durante toda a manhã.

Ela olhou afetuosamente para as rosas que John a enviara naquela manhã – uma dúzia de rosas amarelas e outra dúzia de cor creme. Edith havia atado várias de cada tipo com um laço de cetim para formar um elegante buquê de noiva.

Margaret pegou o cartão que ele tinha mandado e o leu mais uma vez.

*“Minha querida Margaret,
Meu coração tem estado*

flutuando desde que você prometeu ser minha na estação, há quatro semanas. Todas as minhas esperanças se tornarão realidade hoje, quando você me der a sua mão no altar. Não consigo imaginar felicidade maior do que estar casado com você, meu amor. Nenhum homem pode amá-la mais que eu, e nenhuma mulher pode ser mais admirada.

*Sou ternamente seu,
John.”*

A moça sentiu seu estômago apertar com empolgação, ao pensar que agora mesmo ele devia estar na igreja, à espera dela.

Mr. Bell chegou para escoltá-la

no lugar de seu pai e na ausência do irmão.

— Você está radiante, minha querida – ele professou com vigorosa sinceridade, quando ajudou a moça a entrar na carruagem. Ele estava honrado por prestar aquele serviço ao amigo, e muito satisfeito ao ver como Margaret parecia feliz. Mr. Bell não teria se sentido confortável ao entregá-la a um homem comum, mas estava confiante que Thornton iria encorajar e proteger aquelas qualidades especiais que a tornavam uma jovem tão extraordinária.

Quando chegaram ao vilarejo, Margaret indagou se poderiam caminhar a última parte do trajeto, e eles desembarcaram da carruagem para

colocar os pés naquelas calçadas que ela conhecia tão bem. Os sinos da igreja estavam ressoando quando se aproximaram, e Margaret sorriu ao ver que Edith havia espalhado pétalas de flores ao longo do caminho, assim como nas escadas de granito que conduziam às grossas portas de madeira da igreja.

Subindo a escadaria, Margaret sentiu-se tomada pelas memórias de seu pai. Ela parou para falar discretamente com seu padrinho.

— Sinto a presença de meu pai tão forte neste lugar, temo que eu possa chorar — ela confessou de maneira preocupada.

— Você não fará tal coisa — ele atestou com convicção. — Seu pai

desejaria que você estivesse gloriosamente feliz neste dia, e você honrará mais a sua memória ao pensar nele com júbilo – ele aconselhou firmemente. — Ele admirava muito Mr. Thornton. E se sentiria gratificado ao vê-la casar-se com um homem de caráter tão excelente – comentou de maneira confiante.

Suas palavras a comoveram profundamente, e ela renunciou ao sentimento de tristeza em troca de calorosas memórias de amor e felicidade.

— Obrigada, Mr. Bell – disse Margaret, dando a ele um olhar de grata admiração.

O órgão anunciou a chegada da

noiva e Edith assinalou para eles da entrada da nave.

— Está na hora — anunciou Mr. Bell com um sorriso tranquilizador.

Edith virou-se reverentemente para preceder à entrada de Margaret na nave da igreja, trajando um vestido azul-pálido e um chapéu adornado com delicadas flores brancas.

Margaret inspirou profundamente e olhou para todos que estavam reunidos dentro da igreja, antes de Mr. Bell acompanhá-la ao altar. Seu coração acelerou ao captar o vislumbre de seu noivo ao lado de Nicholas, mas decidiu que devia saudar a todos os presentes passando por eles antes de dirigir sua total atenção a ele.

A jovem noiva reconheceu alguns antigos paroquianos, sentados nos bancos mais ao fundo, que tinham ouvido que a filha do antigo vigário estava se casando. Dixon a observava orgulhosamente nos bancos do meio da igreja, ao mesmo tempo em que as lágrimas corriam por suas bochechas rosadas. Ela segurava Sholto firmemente em seus braços robustos.

Maxwell e Mrs. Shaw sorriam cordialmente, enquanto ela progredia em direção à frente da igreja, e Maxwell deu-lhe uma piscadela encorajadora quando ela passou por ele.

Ela viu Fanny e seu esposo no lado direito, e percebeu rapidamente algo curiosamente otimista sobre todo o

porte de Mrs. Thornton, mas não pôde pensar mais sobre isso, pois chegava mais perto de seu lugar no altar.

Mr. Thornton estava fascinado ante a primeira visão da noiva. Antes apreensivo sobre manter o controle de suas emoções, ele agora não se importava que seus sentimentos estivessem expostos quando a observava deslizar, vagorosamente, em sua direção.

Margaret estava indescritivelmente linda, sua inocência e pureza tocavam profundamente sua alma. Ele ainda estava perplexo de que ela o houvesse escolhido – de que a moça que havia tão arrogantemente se recusado a apertar-lhe as mãos fosse

agora, confiantemente, pôr sua mão na dele para seu cuidado.

Chegando, enfim, ao seu lugar, Margaret ergueu os olhos para ver seu amado e foi atraída pela expressão de amor em seus olhos. A imagem de John lhe tomou o fôlego. A noiva nunca antes o havia visto tão impressionantemente belo – o casaco azul conferiu uma intensidade ao azul dos seus olhos de maneira que Margaret sentia que podia ver a pureza e a profundidade de sua alma, tão claramente quanto alguém pode ver o infinito em um céu sem nuvens.

Mr. Bell, então, alegremente cumpriu seu dever de apresentar a noiva, dando a Margaret um sorriso

encorajador e um beijo na face, antes de sentar-se no banco da frente para observar os procedimentos.

Instruído a tomar a mão de Margaret, Mr. Thornton olhou para sua noiva com admiração e inexprimível carinho, movendo-se para oferecê-la sua mão.

Quando ela pôs sua mão na dele, um tremor de júbilo correu por ela ao sentir o reconfortante calor e força de seu toque. Margaret sentiu que tinha encontrado seu legítimo lar. O mundo se fechou para eles, de maneira que pareciam estar sozinhos diante do ministro, quando começaram a repetir seus votos sagrados.

Eles mal deram ouvidos às

palavras do vigário quando começou o serviço, tão absorvidos estavam na presença um do outro, ansiando pelo momento que teriam a permissão para se tocar.

Responderam claramente e sem dúvida à pergunta do vigário por seu consentimento para se casar, prometendo amar, honrar e cuidar um do outro por todo tempo em que vivessem com um “Sim” profundamente sentido.

Com os olhos reverente e ternamente fixados em sua noiva, Mr. Thornton enunciou sua promessa solene: “Eu, John Thornton, tomo a ti, Margaret Hale, como minha esposa, desde este dia em diante, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na

doença, para amar e respeitar, até que a morte nos separe, de acordo com a sagrada ordenança de Deus; e a isto eu dou minha palavra.” Sua voz era baixa e segura. Ele finalizou com um sorriso afetuosos que iluminou seu semblante ao perceber as lágrimas enchendo os olhos de Margaret.

Um nó se formou na garganta de Mrs. Thornton ao ouvir o filho falar, e viu o rosto de Margaret brilhar com genuína adoração. Ela esperava que a devoção da moça durasse.

A voz de Margaret vibrou com emoção quando começou seus votos, mas tornou-se cada vez mais forte ao sentir a convicção de cada palavra com todas as fibras de seu ser: “Eu,

Margaret Hale, tomo a ti, John Thornton, por meu esposo, deste dia em diante, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar, respeitar e obedecer, até que a morte nos separe, de acordo com os sagrados mandamentos de Deus; a isto dou minha palavra.” Ela finalizou com um adorável sorriso para seu amado, que tinha escutado com arrebatada admiração, ao ouvir sua doce voz prometer-se a ele.

Eles olharam um para o outro com admiração compartilhada pelo profundo laço que estava sendo criado entre eles, enquanto John deslizava um anel de ouro no dedo de Margaret e

fazia seu voto final.

— Receba esta aliança como símbolo de nossa união, com meu corpo eu te adorarei, e com todos os meus bens terrestres eu lhe favorecei: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

O casal se ajoelhou para receber a bênção, e então permaneceram em silencioso assombro com as mãos unidas, enquanto o vigário os declarava marido e mulher.

Quando finalizou a cerimônia e eles assinaram o registro, o órgão tocou o majestoso término, e eles saíram pela nave da igreja, de braços dados com a exultante euforia de ter a façanha concluída – eles estavam casados!

Os sinos da igreja soavam mais uma vez, quando o casal emergiu para a luz do sol. Mr. Thornton agarrou sua esposa pela cintura e ergueu-a, girando-a no ar em uma dança de grande alegria.

Margaret riu pela exaltação do noivo, agarrando-se em seus braços.

Ele a pôs no chão e beijou-a, justo no momento em que começaram a chegar os convidados.

Higgins foi o primeiro a aproximar-se dos recém-casados, notando com grande satisfação que seus sorrisos não poderiam ser mais amplos.

— Parabéns, Thornton. Nunca vi uma noiva tão linda – elogiou. — Estou feliz por vê-los tão felizes – Nicholas disse a Margaret após dar-lhe um beijo

de felicitação. — Estou ansioso para vê-los em Milton novamente... Mrs. Thornton — ele enfatizou com um sorriso alegre e um brilho no olhar.

Margaret o recompensou com um belo sorriso, aturdida com a felicidade de ser chamada pelo novo nome.

Quando a mãe do esposo se aproximou, Margaret, de súbito, se deu conta da razão da sua mudança de aparência — ela não estava usando seu costumeiro traje sóbrio, mas parecia vibrante e vigorosa na pálida sombra de verde que havia escolhido. Hannah Thornton segurou o rosto sorridente do filho em suas mãos, e deu-lhe um beijo antes de chegar à frente de sua nora com um sorriso alegre.

— Mrs. Thornton, a senhora está muito elegante! — Margaret elogiou, enquanto seu olhar expressava aprovação pelo novo vestido.

— Meu filho está muito feliz, Margaret. Eu regozijarei com ele e com você — ela declarou, dando a ela um formal, mas sincero beijo de felicitação. Margaret se emocionou ao sentir a alegria genuína de sua sogra no dia de seu casamento.

Os cumprimentos de Fanny foram, de certa maneira, reservados. Ela estava incerta se deveria saudar Higgins com um aperto de mão, pois se sentiu levemente desprezada pelo fato de John não ter escolhido Watson para ser seu padrinho, mas tinha, em vez

disso, solicitado ao importuno líder do sindicato para estar ao seu lado! Ela estava chocada de que John estivesse tão a mercê de Margaret. Fanny tinha também ficado magoada por descobrir que sua mãe tinha feito do casamento de John uma ocasião para abandonar seu traje habitual, quando tinha usado somente um vestido cinza opaco para seu próprio casamento, semanas atrás.

O banquete nupcial na pousada foi um cordial evento para o seletos grupo. Os recém-casados estavam perdidos em uma névoa de frenética alegria sobre seu novo *status* como marido e mulher, e o tempo passou rapidamente.

Uma carruagem aberta chegou

para trasladar os noivos e todos se juntaram do lado de fora da pousada para despedirem-se deles. Nicholas os aconselhou a tomar conta um do outro e prometeu fazer seu melhor para cuidar da fábrica nos dias da ausência de Thornton. Os olhos de Edith encheram de lágrimas ao abraçar a prima e lhe dizer adeus, enquanto Hannah agarrava o filho em um choroso abraço por um breve momento, antes que ele ajudasse Margaret a entrar na carruagem. Margaret notou a face de Dixon tremendo de emoção ao ver sua jovem senhora partir com o esposo.

Maxwell gritou que eles deveriam passear longamente, para que o chalé estivesse vazio quando

retornassem.

Mr. Thornton trouxe sua esposa mais perto de si, e a cobriu com o braço, enquanto eles rodavam pela vila.

— Está feliz, Mrs. Thornton? — ele perguntou a ela com um sorriso radiante.

— Estou, Mr. Thornton — ela respondeu simplesmente, fitando-o e dando-lhe um sorriso igualmente brilhante em retorno.

Uma vez fora do vilarejo propriamente dito, os recém-casados trocaram sorrisos e roubaram beijos um do outro, olhando para a paisagem do campo por onde passavam. A última florada de lilases da estação difundia seu aroma fragrante dos arbustos ao

longo da estrada, à medida que o exuberante gramado da mata ondulava com a brisa.

Mr. Thornton ficou assustado quando Margaret, abruptamente, gritou para que parassem a carruagem.

— O que é isto? – ele perguntou, enrugando a testa com preocupação.

Ela voltou-se para ele com um sorriso confiante.

— Eu gostaria de mostrar a você um dos meus lugares favoritos – anunciou ela, sua face iluminada com ditosa antecipação por compartilhar com ele seus deleites.

John alegremente a ajudou a descer, e instruiu o cocheiro para que esperasse por eles, enquanto seguia a

esposa, passando por um bosque de sabugueiros e arbustos espinheiros, até uma represa levemente inclinada delimitando um riacho pouco profundo.

Margaret parou em uma clareira de grama baixa. Umhas poucas rochas gigantes faziam a guarda perto do riacho, cujas pedras lisas haviam sido polidas pela correnteza por centenas de anos. Um bosque começava no outro lado, criando uma sensação de isolamento no local aberto onde eles estavam.

— Não é adorável? — ela perguntou expectante. — Eu costumava vir aqui todo o tempo no verão para caminhar pela água — Margaret contou a ele, movendo-se para perto da borda do

riacho.

Mr. Thornton desviou o olhar fascinado com o qual encarava sua esposa para observar o cenário em torno de si.

— É lindíssimo — ele reconheceu honestamente, apesar de estar presentemente mais tomado pela beleza dela do que pela visão de seu entorno.

Quando olhou para Margaret mais uma vez, ela estava retirando as sapatilhas de cetim. John observou, em transe, ela erguer as saias e anáguas para pisar nas pedras lisas que estavam submersas na água corrente.

— Oh! — ela exclamou — está fria! Margaret ria suavemente para si mesma e então olhou para o esposo. —

Venha! – ela acenou-lhe com um sorriso tão inocente e jovial que ele não pôde resistir.

Mr. Thornton balançava a cabeça em descrença, ao sentar-se em uma voluntariosa rocha para remover suas meias e sapatos, e, rapidamente, dobrar a bainha da calça.

John suspirou rapidamente, ao sentir a água correr sobre seus pés, quando caminhava no riacho para perto dela.

— Muito fria! – declarou.

Margaret sorriu para ele e John sentiu que algo se modificara bem dentro de si. Margaret estava gloriosamente radiante – impressionantemente linda – no mesmo

momento em que estava ali, erguendo seu vestido de noiva para caminhar em uma corrente de água como uma menininha. *Esta era sua esposa.* Seus dias nunca mais seriam tediosos e sombrios novamente, mas seriam cheios com as maravilhas de seu espírito jovial.

Deu alguns passos à frente para rodear a cintura dela e, reverentemente, abaixou seu rosto até o dela, atraído para seus lábios – a correnteza e o ocasional gracejo sendo os únicos sons em torno deles.

Mr. Thornton a beijou por tudo que ela havia significado para ele no passado, e pelas jubilosas promessas de tudo que estava à frente, e Margaret

sentiu seu beijo desatar todas as possibilidades de futuro, enquanto suas almas se fundiam em uma.

Era uma visão digna de ser contemplada, mas não havia ninguém para observá-los. O industrial do algodão de Milton e a filha do vigário de Helstone em pé, se beijando no meio de um riacho, em seus trajes de casamento, o sol da tarde brilhando sobre eles. O céu aberto e as glórias da natureza eram suas únicas testemunhas.

CAPÍTULO XI

Os pés de Mr. Thornton ficaram dormentes pelo frio cortante da água corrente, mas seu coração estava aquecido com o amor que sentia pela mulher que segurava em seus braços. Ele lentamente se apartou de seu terno beijo.

— Será assim que passaremos nossas férias? — ele a provocou, impressionado pela habilidade que Margaret possuía de surpreendê-lo constantemente. — Você irá me mostrar algo de seu mundo todos os dias para que, enfim, eu me torne um camponês despreocupado? — insistiu ele, durante os momentos em que olhava para ela com

adoração, com seu rosto somente alguns centímetros dela.

— Você nunca caminhou em uma fonte? — Margaret perguntou curiosa, detectando algo em seu tom de voz que revelava um ingênuo assombro ao explorar coisas novas.

John balançou a cabeça um pouco embaraçado por confessar que nunca experimentara um prazer tão simples. O rio em Milton era profundo e poluído com os anos de uso, e ele tinha visitado o campo poucas vezes.

Margaret sentiu profundamente pelos anos que ele havia trabalhado duro, quando outros de sua idade estavam brincando. John tinha passado seus anos em uma cidade com pouca oportunidade

para escapar de seu estruturado confinamento. Margaret foi tomada de uma vez pela determinação de que ele deveria conhecer as alegrias de viver no campo, onde a natureza dominava a estrutura da vida diária, nas quais as construções e os regulamentos eram menos evidentes.

— Então, sim, será meu dever mostrar a você todas as maravilhas de viver aqui – ela declarou confiantemente, ao fitá-lo com carinho.

Ele sorriu ante sua resolução e beijou-a fervorosamente por sua compaixão, ansioso por começar de uma vez a viver as glórias de sua tutela.

Mr. Thornton a tomou cuidadosamente pela cintura, enquanto os

amantes saiam do riacho para a ribeira gramada. Margaret manteve sua saia erguida até que estava segura em terra seca.

Eles se dirigiram para a carruagem, Margaret com as meias de seda molhadas nas sapatilhas novas e Mr. Thornton com os pés descalços, casualmente carregando seus sapatos.

Sentados na carruagem aberta, uma vez mais eles sorriram um para o outro, partilhando o segredo do que eles tinham feito. Mr. Thornton trouxe a esposa mais perto de si, puxando-a com o braço sobre seus ombros. Margaret repousou a cabeça confortavelmente no ombro do esposo, à medida que se encaminhavam um pouco mais adiante no campo, antes de

dar a volta para ir para o chalé.

Finalmente chegaram à casa de campo que seria seu refúgio privado. O cocheiro carregou a bagagem do noivo para dentro, e Mr. Thornton amparou a esposa que descia da carruagem.

Quando o casal alcançou a porta, Mr. Thornton levantou a esposa nos braços para carregá-la pelo umbral. Margaret arfou surpresa, mas, alegremente, pôs seus braços em torno do pescoço dele. A última vez que ele a carregara assim ela parecia inerte e frágil – um tênue sonho de amor e felicidade. Agora, ela estava viva e vibrante – e prometida somente para ele.

Entrando no chalé, John sentiu o impulso de continuar diretamente para

cima das escadas, para dentro do quarto para clamar seu privilégio como marido, mas parou no vestíbulo ao pé da escada. Estava resolvido esperar pelo tempo certo, não queria parecer autoritário.

— Creio que supostamente era para você me carregar para dentro de nossa casa – ela enfatizou brincalhona, desfrutando a demonstração de sua força e a sensação de seus braços em torno dela.

— Devo tomar todas as precauções para garantir minha grande sorte – ele replicou com regozijo, ao passo que a soltava relutantemente, segurando-a firmemente pela cintura.

Margaret sorriu em resposta, mas abaixou a cabeça de maneira tímida, repentinamente consciente que estavam

agora sozinhos, e as horas diante deles indefinidas.

— Devo me trocar e pôr um vestido mais confortável – ela titubeou, ainda olhando para baixo. — Receio que meu vestido esteja um pouco molhado – explicou com um sorriso irônico ao olhar novamente para ele.

John assentiu fracamente com a cabeça ao tentar ignorar as sedutoras imagens que já se formavam em sua mente. Observou desamparado enquanto ela subia as escadas.

— Se precisar de alguma ajuda... – ele se ouviu dizer, percebendo no momento um pouco mortificado, como soaria sua oferta.

Margaret se deteve ao ouvir estas

palavras e, de repente, veio à sua mente, com uma onda de ansiedade que, sem Dixon, ela precisaria de fato de sua ajuda para tirar o vestido.

— Sim — ela gaguejou sem fôlego, ainda paralisada em sua trajetória. — Irei precisar de sua ajuda — ela finalizou, com o coração começando a bater desenfreado, ao continuar subindo as escadas.

O coração de John saltou em seu peito diante daquela resposta, atônito pelo pedido. Permaneceu imóvel por um momento, observando avidamente a esposa em sua vagarosa subida ao andar de cima. Movendo-se enfim, calmamente a seguiu.

Margaret removia seus brincos

com as mãos tremendo, quando John entrou na porta do quarto. Ela abriu o fecho de seu colar durante o tempo em que ele permanecia parado na porta, silenciosamente analisando o aposento que eles partilhariam. Imediatamente tomado pelo charme do arranjo organizado da simples mobília, seu olhar foi, inevitavelmente, atraído para a cama que estava situada de maneira proeminente, no centro.

Margaret sentiu os olhos do marido seguirem-na, à medida em que ela se movia através do quarto até o guarda-roupa; o farfalhar de suas saias e anáguas anunciando sua doce presença.

John esperou pacientemente pelas instruções da esposa, ainda sem saber se

deveria estar ali, esperando para ajudá-la a se despir. Observou quando Margaret pegou um vestido do guarda-roupa e o pendurou na porta aberta. Sentiu uma pontada de compaixão quando percebeu seu nervosismo.

Finalmente, ela virou-se para oferecer-lhe as costas.

— Os botões estão todos na parte de trás — ela explicou, tentando soar serena, como se fosse uma rotina normal, e não uma ocasião extraordinária.

Mr. Thornton cruzou o quarto para se aproximar dela fingindo uma conduta calma, o que ocultava sua apreensão. Sentia-se já inquieto ao mero pensamento sobre sua tarefa, e não tinha certeza da firmeza de propósito para completá-la da

maneira que ela esperava.

John começou a abrir delicadamente os pequenos colchetes que ficavam na parte do pescoço, silenciosamente amaldiçoando seus dedos que começavam a tremer levemente. O delicado tecido se abria enquanto ele progredia, expondo primeiro seu pescoço e, então, uma porção de suas alvas costas. Conforme se inclinava, o ar se enchia com a essência de jasmim, e a sedosa pele do pescoço de Margaret estava a poucos centímetros de sua face. Seus olhos sorviam a visão diante de si. Incapaz de resistir aos seus encantos por mais tempo, John se inclinou ainda mais para beijar-lhe a curva das costas.

Margaret inspirou profundamente

ante ao toque de seus lábios, e fechou os olhos em expectativa ofegante.

Não sentindo resistência, John intercalava beijos suaves do pescoço até as costas, seguindo suas mãos enquanto continuava a abrir os colchetes até chegar à cintura. Cada toque dos seus dedos na pele de Margaret provocava-lhe arrepios.

Ela começou a puxar as mangas nos punhos para liberar seus braços, e ele moveu-se para ajudá-la, deslizando as mãos em suas costas, na curva de seus ombros nus, fazendo com que o vestido caísse pela cintura. A sensação de sua pele macia e seus gestos insinuantes, fez seu coração latejar pelo desejo de experimentar mais dela, sua determinação derretendo na crescente excitação causada

por sua beleza.

Impotente para resistir à sedutora suavidade de sua pele nua, John acariciou seus ombros e braços com as mãos, ao passo que sua boca encontrava a curva do pescoço e seguia o suave declive dos seus ombros.

Margaret sentiu um tremor dentro de si ao intuir o toque das mãos do marido, e a pulsação acelerada por seus íntimos avanços. Quando ele deslizou suas mãos gentilmente sobre a dela, Margaret girou para encará-lo, com um olhar lamuriante pelo anseio.

John a olhou e apertou-a contra si, levando sua boca sobre a dela com um ardor que a excitou, mesmo que ela estivesse tremendo por sua firme

possessão.

Mr. Thornton a abraçou forte, reivindicando-a com sua boca e língua, desesperado para que eles se tornassem um só. Sentiu-se escorregando no abismo de seus desejos obscuros, seu autocontrole desaparecendo ao sentir os braços de Margaret ao redor de seu pescoço.

John retirou os lábios dos dela e olhou em seus olhos.

— Margaret — ele suspirou — você será minha?

— Eu sou sua, John — ela sussurrou, encarando-o firmemente para que ele entendesse que sua própria alma pertencia a ele.

Seus olhos incendiaram com o

reconhecimento de que tudo que antes lhe era proibido, era agora permitido.

Tornou a buscá-la com sua boca, beijando-a ternamente, enquanto suas mãos tremiam para afrouxar os nós da fita de seu corselete.

Margaret pôs as mãos em seu peito e, lentamente, puxava sua lapela para encorajar a remoção de seu casaco, fazendo John gemer, na vertiginosa antecipação de sua espontânea participação.

Separou-se dela para soltar-se de seu casaco azul, retirando-o e dispondo-o em uma cadeira, antes de retomar sua delicada tarefa. Quando ele voltou aos laços de seu corselete, sentiu os dedos de Margaret movendo-se para soltar os

botões de seu colete.

Mr. Thornton mal pôde respirar. A ideia de que ela pudesse desejá-lo prometeu um prazer tão profundo, que ele considerou seu meticuloso gesto uma tortura insuportável.

Ele gentilmente removeu as mãos de Margaret de seu propósito, beijando cada uma, e eles, silenciosamente, comunicaram-se através do olhar.

Margaret moveu-se para puxar o vestido sobre a cabeça, mas diante de sua impotência na enorme tarefa, tacitamente exigiu a assistência do esposo. Com sua ajuda, a seda escorregou facilmente sobre seu torso, e roçou sobre seu cabelo, soltando os grampos.

John pôs o vestido

cuidadosamente sobre a cadeira, e começou a desabotoar o colete, enquanto Margaret desfazia os laços de sua anágua e roupas de baixo. Ambos rapidamente se despiram em silêncio, roubando vislumbres um do outro, admirados pelo que estava acontecendo.

Enfim, John ficou de pé usando somente as calças, e Margaret ainda se retorcia para deslizar-se de seu corselete, vestida em uma combinação de cambraia sem mangas. Ela removeu os grampos do cabelo e seus cachos acastanhados caíram-lhe pesados e sedosos sobre os ombros.

A respiração de Margaret acelerou ante a visão do esposo. Seus olhos recorreram às formas esculpidas de seu

peito e seus braços musculosos. Sua presença era autoritária, e, ainda assim, podia detectar algo de sua vulnerabilidade. Margaret ansiava por tocar a larga extensão de sua pele e desejava por sentir sua forte possessão.

O coração de John bateu forte e, rapidamente, ao mesmo tempo em que se aproximava para estreitar a distância entre eles. Tomou-a em seus braços e beijou-a.

Margaret tremia ao sentir a pressão da pele nua do peito de John contra o tecido fino de sua combinação e, espontaneamente, abriu a boca para experimentar seus beijos profundos. Tremendo, ela pôs as mãos contra a superfície suave de suas costas.

A paixão de John se elevou rapidamente, levando suas mãos a explorar as curvas de seu corpo, agora livres das coberturas de acessórios femininos.

Margaret derreteu-se ao sentir as mãos dele deslizarem sobre seus seios e até a cintura, as palmas das mãos acariciando a curva do quadril em uma lentidão dolorosa.

John puxou o tecido na altura dos quadris, agora desesperado para remover todos os limites entre eles.

Margaret se afastou dele olhando em seus olhos. Sem dizer palavra, moveu-se para a cama e, habilmente, removeu a combinação com um movimento fluido, largando-a no chão. Puxou então as

cobertas e subiu na cama. Ao mesmo tempo em que fazia isso, lembrou-se de algo que Edith tinha explicado. Com seus joelhos um pouco afastados para se acalmar, ela sentou-se esperando por John, enquanto lentamente conduzia seu olhar para ele.

Margaret parecia uma deusa, pois verdadeiramente John tinha visto tal imagem somente representada em pinturas e esculpidas em mármore, nunca em carne e osso. Seu pulso latejava e ele engoliu em seco, ante a imagem de sua beleza somente para ele. Sua forma suave e torneada era entregue somente para seu deleite.

Rapidamente aproximou-se e sentou-se na beira da cama, perto dela,

explorando a glória de sua amada, até que seus olhos se encontraram com os dela. Ele fitou-a maravilhado e afundou os dedos em seus cabelos para tomar seu pescoço e trazê-la para si. John a beijou ternamente, a principio, e então mais ardentemente, até que, tremendo, acomodou-a nos travesseiros. Interrompendo o contato de suas bocas, seus lábios rapidamente roçaram seu pescoço e ele continuou, lentamente, a traçar seu rumo em direção a um de seus seios. Ela gemeu quando sua boca tomou seu túrgido mamilo; ele gemeu em resposta e voltou a beijá-la apaixonadamente. Quando ela estava totalmente entregue, ele desceu novamente com seus lábios, explorando cada centímetro de seu corpo,

parando em cada um dos abundantes e firmes seios, em direção às suas coxas. Margaret surpreendeu quando John tomou, em sua boca, a carne rosada que sedutoramente se levantava para encontrá-lo. Edith não tinha lhe falado nada semelhante, e ela gemia ao encontro dele, gritando seu nome e pedindo, despidoradamente, que ele lhe desse aquilo que, de algum modo, cessaria aquele desejo e aquela doce agonia.

Margaret arfou arqueando as costas, instintivamente, para entregar-se mais a ele, passando os dedos pelo seu cabelo até a nuca.

Inflamado por sua reação, John moveu-se para cobri-la com seu corpo, cuidadosamente deitando seu peso sobre

ela. Ele continuou suas ministrações prazerosas, enquanto Margaret gemia suavemente embaixo dele, até que ele não pôde mais suportar.

— Margaret, minha intenção é amá-la — ele bramiu, advertindo-a de sua imperativa necessidade. Seu corpo ansiava pela satisfação daquela necessidade.

— Eu sei — ela assegurou-lhe suavemente, fitando-o amorosamente.

John analisou sua face com terna adoração, antes de levantar-se da cama para remover sua calça.

Margaret virou o olhar recatadamente por um segundo, mas tornou a olhar para ele em ofegante surpresa do que deveria ser revelado a

ela. Um quieto arfar ficou preso em sua garganta, quando ela vislumbrou a medida da virilidade de John antes que ele viesse mais uma vez para ela.

John atraiu mais uma vez a boca da esposa para si, beijando-a suavemente, seu corpo tremendo com a emoção, antes de mover-se para encontrar seu caminho. Apoiado nos braços, com sua boca sobre a dela, ele abriu-lhe as pernas lentamente com um joelho, ao mesmo tempo em que Margaret arqueava seu corpo para encontrar o dele na busca de algo que ela necessitava. Lenta, mas firmemente, ele acomodou-se entre suas pernas e arremeteu-se dentro dela. Um suave gemido escapou de seus lábios quando sentiu o calor que o rodeava. Ele ficou

imóvel por um momento para vê-la contrair-se, e então abaixou-se para, gentilmente, beijar sua testa, falar com ela, antes de começar um lento movimento rítmico.

– Não vai doer mais, meu amor. O pior já passou – disse ele, rouco.

– Eu o quero – disse ela, agarrada a ele no desespero de ser saciada.

Ele levantou a cabeça e flutuou sobre ela, fechando os olhos no êxtase das sensações que o invadiam.

Margaret, fascinada, contemplou o semblante do marido quando o ritmo aumentou, retesando em incerta antecipação, ao mesmo tempo em que sentia o peso e a força de seu corpo rígido. Permitiu que seus dedos

explorassem os contornos de seus braços musculosos, à medida que os movimentos aumentavam de intensidade, até que ele, de repente, esvaiu-se de prazer e ficou imóvel. Margaret sentiu John tremer seu alívio antes de colapsar sobre seu peito.

Estava consumado. Eles haviam verdadeiramente se unido como marido e mulher. Inundada pela significância do que haviam feito, e impressionada pelo poder que seu corpo possuía de satisfazê-lo, Margaret sentiu lágrimas surgirem de seus olhos, enquanto John a cobria com suaves beijos. Ela estava gloriosamente feliz ao contemplar o grande amor que tinha causado semelhante evento, e sentiu alegria além da medida de saber que o havia satisfeito. Lágrimas quentes

rolavam por suas faces, no instante em que ela rodeou, apertadamente, o pescoço de John com os braços.

John continuou a acariciá-la suavemente, até que seus lábios perceberam umidade em seu rosto. Subitamente alarmado, ele se moveu para se levantar.

— Margaret, eu te machuquei! — ele declarou angustiado, seus olhos demonstrando preocupação.

Margaret o deteve apertando-o firmemente, segurando-o bem próximo de si.

— Não, não! — ela rapidamente assegurou-lhe, suplicando com o olhar que ele acreditasse nela. — Estou feliz — ela sussurrou, enquanto um sorriso

acalentava seu rosto. — Estou tão feliz, John! — ela repetiu, acariciando seu pescoço e ombros com suas pequenas mãos.

O coração de Mr. Thornton se rendeu ao ouvir suas palavras. Satisfeito por tê-la amado, sentiu profunda alegria ao saber que ela se regozijava ao receber suas atenções apaixonadas. Impressionado por ela amá-lo daquela maneira, ajeitou-se de lado, assim como a Margaret, e trouxe-a em seus braços, aninhando seu queixo na cabeça da esposa.

— Minha Margaret — ele murmurou ao abraçá-la. John acariciou as costas da esposa e sussurrou novamente seu nome, antes de serem conduzidos a um sono tranquilo.

O sol descendeu vagorosamente no céu durante o tempo que os amantes dormiam, enchendo o quarto com o brilho suave do entardecer.

Mr. Thornton acordou primeiro, abrindo os olhos para contemplar Margaret dormindo em seus braços. Ele estudou sua face com reverente fascinação, temendo mover-se e acordá-la. Seus lábios estavam entreabertos, curvados em um sorriso suave. Ela parecia tão tranquila; seu coração se encheu de amor por aquela preciosa mulher.

John estava maravilhado pelo pensamento de que Margaret havia lhe confiado seu cuidado. Nunca se sentira tão determinado a protegê-la e afastá-la

de qualquer perigo. Ele moveu cuidadosamente o braço para tirar uma mecha de cabelo que estava em seu rosto.

Margaret se espreguiçou levemente, e seus olhos se agitaram para abrir. Sorriu para ele. Ele retornou-lhe o gesto e sentiu seu coração vibrar com a pungência de seu sorriso.

— Nós dormimos muito tempo? — ela perguntou um pouco atordoada, não estando acostumada a cochilar no meio do dia.

— Uma hora, talvez — ele conjecturou.

— Nós devemos levantar — comentou Margaret ao começar a ficar completamente desperta, espreguiçando-se para desenredar suas pernas das pernas

do marido.

— Devemos? – replicou John, seus olhos azuis questionando os dela com um brilho luxurioso, não estando disposto a abandonar aquele contato cálido e íntimo.

Ela sorriu timidamente por sua resposta.

— Nós não podemos permanecer... dentro de casa o dia todo – Margaret protestou, seus olhos luminosos respondendo a ele.

Mr. Thornton ficou em silêncio, pois neste momento sentiu que não gostaria de fazer mais nada, além de passar a semana inteira de sua lua de mel neste mesmo lugar, mas não desejava oprimi-la com sua necessidade insaciável

de estar perto dela.

— Talvez possamos permanecer um pouco mais — sugeriu ele hesitantemente, ao mesmo tempo em que enterrava sua mão livre nos cabelos dela e capturava seus lábios em um beijo suave. Incapaz de resistir à convidativa sensação dos lábios suaves, John retornou para mais, arrebatado pelo encanto da desejosa resposta de Margaret.

Ao se aprofundarem seus beijos, Margaret começou a roçar a palma de suas mãos sobre os tênues contornos de seu peito, inconsciente do *frisson* de desejo que incitava nele.

John gemeu ao sentir as delicadas mãos da esposa deslizando-se sensualmente sobre si. Movendo a mão,

ele começou sua própria exploração do corpo dela – correndo a mão pelo pescoço e sobre seus ombros, para roçar em torno dos seus seios, pelos quadris e coxas. Margaret soltava gemidos de aprovação enquanto John continuava a acariciar seu corpo com a mão, parando na carne macia entre suas pernas, até que sua urgência não podia mais ser negada.

Ele moveu-se sobre ela e, quebrando o contato com seus lábios, conferiu-lhe um sereno olhar de amor, antes de penetrá-la novamente de maneira vagarosa. John inspirou profundamente, à medida que a preenchia completamente, parando por um momento, antes de mover-se com lentos e firmes movimentos.

— Agora é a sua vez, amor! —

disse ele. — Eu fui egoísta, não aguentei; desejava-a demais, desejo demais...

— Ah! — ela gemeu sem entender o que ele queria dizer.

Seu ritmo suave a relaxou, e o amor que ela viu em seus olhos derreteram a tensão do corpo de Margaret. Ela deslizou as mãos por toda a extensão das costas do esposo, deleitando-se na macia expansão de sua pele, e seu ritmo firme encorajou-a a entregar-se a ele, fazendo-a experimentar as sensações que se formavam e avolumavam profundamente dentro de si.

John abaixou a cabeça para beijá-la de maneira faminta, e percorreu os dedos sobre seus seios volumosos, compelindo-a a apertá-los fortemente,

enquanto se perdia em um surto de extática sensação. Margaret estava debilmente consciente dos ruídos que fazia, e John intensificou os movimentos em resposta.

— Venha, amor. Solte-se. Confie em mim e se entregue toda... — ele gemeu.

— Ah, John! John! John! — ela estremeceu em resposta.

— Margaret, Margaret meu amor! Eu a quero tanto, tanto...

— Eu também, John...

— Venha, amor, para mim... — ele a chamou ao gozo.

— Ah, John...

— Venha, amor... — ele a penetrou profundamente e disse seu nome

em seu ouvido: – Margaret... Venha comigo, amor; deixe que eu dou o que você precisa...

O corpo de Margaret estremeceu, e ela bradou seu êxtase como se algo dentro dela explodisse e derramasse uma cálida onda de prazer por todo seu ser. Ela ouviu-o por sua vez gritar de prazer, e parou, enquanto a sensação dentro dela diminuía, e seu corpo tremia em resposta.

Margaret abriu os olhos para encará-lo, maravilhada pelo que havia lhe acontecido. Analisando o rosto do marido buscando sua reação, ela percebeu-o considerando-a impressionado.

— Eu não sabia... – ela começou a falar fracamente, indagando-o com olhar curioso.

— Meu amor — ele disse, satisfeito por perceber que o prazer da esposa iria rivalizar com o seu próprio. Eles sorriram, compartilhando secretamente aquela doce intimidade.

Permaneceram deitados confortavelmente nos braços um do outro, reverentemente explorando as feições que os fascinavam. Margaret estendeu a mão para tocar-lhe o rosto, gentilmente passando a mão sobre as faces ásperas e o maxilar, enquanto Mr. Thornton, languidamente, passava as mechas macias do cabelo da esposa por entre seus dedos.

— Eu devo fazer o chá — Margaret sugeriu enfim, notando o declínio do dia pela luz que entrava pela janela.

— Como queira — respondeu John,

permitindo-lhe a liberdade de fazer como ela desejava.

Margaret levantou da cama e, apressadamente, pôs a combinação que estava amarrotada no chão.

— Não vai se vestir? – ela perguntou com um tom casual, timidamente consciente do olhar de seu esposo sobre ela.

John sorriu com ar culpado, mas secretamente exultante em ceder aos simples prazeres da vida de casado.

— Eu irei – ele prometeu com certa relutância, pois odiava deixar o lugar que parecia um abrigo de calor e prazer.

Depois de terem tomado o chá rapidamente, saíram ao ar livre para uma ociosa caminhada pelo entorno da moradia temporária. O sol lançava largas sombras por todo o gramado, ao passo que podiam ouvir alguns grilos soando o preâmbulo da noite.

Atrás da casa havia uma charneca ondulada – um muro baixo de pedras era a única marca da presença do homem. Alguns carvalhos cresciam perto da casa, onde um galinheiro e algumas outras estruturas estavam estrategicamente localizadas para o uso dos moradores.

Um robusto carvalho situava-se majestosamente no lado Leste da casa, seus grandes galhos eram mais grossos

que árvores menores e se estendiam muito além de sua sólida estrutura.

A visão da frente do chalé era expansiva, revelando milhas de charneca gramada e bosques distantes. A margem de um bosque arborizado situava-se a Leste, e uma alameda ficava a Oeste, encaminhando-se para o vilarejo.

À medida que caminhavam pelo jardim da frente, Margaret deliciava-se apontando suas flores e cores favoritas, o que parecia para seu satisfeito marido ser sempre a mesma flor.

O som da aproximação de um cavalo e carroça os levou pela calçada para saudar um dos fazendeiros, cuja esposa havia mandado por ele um jantar para os recém-casados. Margaret

perguntou-lhe sobre a família, e, gentilmente, agradeceu-o pelo amável favor. Margaret já havia sido avisada por Mrs. Pukins, na pousada, que alguns vizinhos iriam ajudá-los daquela maneira – como um presente à filha do velho pároco.

Depois que comeram e limparem a mesa da cozinha, Margaret lavou e guardou a louça, enquanto o esposo acendia o fogo na lareira.

O casal passou o restante da noite nos braços um do outro, no sofá bordô, recordando seu grande dia. Eles pontuaram a conversa com beijos até que, enfim, os beijos carinhosos se tornaram a única comunicação entre eles.

A luz do fogo lançava um ténue

brilho na escuridão da sala silenciosa.

— Talvez devamos nos retirar —
Mr. Thornton sugeriu, quebrando o
silêncio em uma voz tensa, com o desejo
despertado.

Margaret levantou de seu assento
em concordância e, sem nenhuma palavra,
seguiu-o enquanto subiam as escadas.

Os recém-casados acordaram
cedo em sua primeira manhã de lua de
mel, mas não levantaram da cama até
tarde.

Margaret foi a primeira a se
levantar, e entrou na cozinha para
preparar o desjejum para o marido. Ela

notou que havia ervas secas penduradas em vigas de madeira, acima da janela, na pia de porcelana. Um fogão de chumbo negro situava-se no canto da chaminé, e o piso de ladrilho cinza suportava uma resistente mesa de madeira com cadeiras *windsor*.

Ela estava atenta à chaleira no fogão, quando John apareceu. Ele envolveu os braços por trás da cintura da esposa, e aninhou a cabeça em seu pescoço para beijá-la.

— Bom dia, marido — ela regozijou-se em cumprimentá-lo com um sorriso aberto, seu íntimo inundado com calorosa alegria.

— Bom dia, minha mulher — ele respondeu com igual satisfação,

deleitando-se na liberdade de agarrá-la quando quisesse.

— Se você pegar alguns ovos, eu farei o desjejum – ela sugeriu.

— Ovos? – ele repetiu de maneira zombeteira, incerto de como deveria atender aquele pedido.

Margaret virou-se para encará-lo.

— O galinheiro fica no fundo da casa, lembra-se? Você deve encontrar alguns ovos frescos lá – Margaret o direcionou pacientemente, reconhecendo nele a falta de familiaridade com a tarefa.

John pareceu hesitante, mas virou-se para sair. Ela sorriu ao pensar no *master* de Marlborough Mills em pé entre as galinhas, diante do pedido da esposa.

Quando John voltou com uma mão

cheia de ovos, notou com terna animação que ele parecia estar satisfeito consigo mesmo. Havia dobrado as mangas da camisa e Margaret distinguiu quão relaxado e belo ele parecia sem seu longo casaco preto. *Fará bem a ele passar a semana aqui*, ela pensou alegremente.

Mais tarde naquele dia, o casal caminhou de braços dados até a vila, resolvidos a comprar alguns artigos para um piquenique. O dia estava aquecendo rapidamente, ao se aproximar do meio-dia, a grama já tinha perdido sua umidade matinal.

Ela o conduziu aos conhecidos campos que se dirigiam para sua antiga casa, enquanto John comentava sobre o aparente infinito verdor.

— Você já tinha visitado o campo, quando criança? — Margaret perguntou, curiosa.

— Minha avó me levou ao campo algumas vezes quando eu era bem pequeno. Creio que visitávamos sua irmã — ele contou.

— Qual sua lembrança mais nítida? — Margaret venturou-se a perguntar.

— Correr — ele respondeu simplesmente. — Eu não acho que já tivesse visto espaço tão amplo. Eu poderia correr somente por correr — lembrou-se alegremente.

Ela sorriu com a resposta, tentando imaginar o pequeno menino da cidade correndo à vontade nos campos

abertos.

— Fred e eu sempre apostávamos corridas. Ele sempre ganhava, a menos que eu fingisse cair — ela recordou afetosamente, ao se aproximarem da propriedade afastada da casa paroquial.

— Aqui — ela anunciou e largou a cesta vazia. — Devemos correr até aquela velha árvore lá — ela disse, apontando para o grosso olmo, algumas jardas à frente. — Pronto? Vai! — ela gritou de maneira travessa e, para absoluta estupefação do marido, começou a correr na direção que indicara. Margaret olhou para trás sorrindo para ver se ele a seguiria, e riu ao ver sua face sobressaltada, quando ele começou a correr em sua direção.

Ela não era páreo para ele, com suas longas saias e membros curtos, e John logo a alcançou e puxou-a fortemente para si, enquanto ela ria e tentava recuperar o fôlego. A jovialidade dela incitou seu ardor. John analisou seu semblante com adoração e desejo antes de brindá-la com um beijo intenso.

Margaret prendeu o chapéu e aceitou sua atenção de bom grado, antes que John soltasse seus lábios.

— Devo lembrá-lo que estamos na propriedade da paróquia — ela o repreendeu por sua atitude indecorosa, com os olhos brilhantes de júbilo.

— Se você não correr de mim, então talvez eu possa me controlar — ele respondeu em um tom de advertência,

segurando-a pela cintura.

— Mas então eu não teria nenhuma diversão — ela protestou, quando, de repente, se soltou de suas mãos e disparou através da grama, mais uma vez.

John permaneceu atônito por um segundo antes de romper atrás dela.

Desta vez, quando ele a alcançou, Margaret desviou-se dele e o forçou a mudar de direção. A moça riu da maneira como ele rapidamente girou, mas não pôde manter sua vantagem.

Quando tentou evadir-se dele, mais uma vez, John estava preparado, e a agarrou pelo punho. Mr. Thornton puxou-a contra si forçosamente e a segurou firmemente ao seu alcance, enquanto ela ria de sua brincadeira.

Meu Deus, como ele a amava! A combinação de inocência infantil e sedução feminina ameaçava enlouquecê-lo.

— Você é maldosa, sabia disso? — ele declarou veementemente, contendo-se para não consumi-la com beijos.

— E você se casou comigo — ela respondeu para envolvê-lo em sua defesa, ainda um pouco ofegante.

— Casei — ele disse, dando-lhe um olhar penetrante que denotava seus sentimentos profundos. — E eu nunca me arrependerei disso. Você é meu coração, Margaret. Não sou nada sem você — confessou com absoluta honestidade, tendo desaparecido todo o traço de brincadeira.

Margaret ficou séria de repente, comovida por sua confissão.

— E você é o meu — ela respondeu antes de inclinar-se para beijá-lo. Sendo ao mesmo tempo terno e apaixonado, o beijo durou mais que os dois pretendiam. Finalmente liberando-se de seu sublime contato, fitaram-se em adoração silenciosa.

Relembrando seu propósito, eles retomaram sua caminhada em direção à casa paroquial.

— Você deve ter ternas memórias de sua vida aqui. É um lugar lindíssimo — comentou Mr. Thornton.

— Sim, tenho memórias em cada lugar — ela disse nostalgicamente, lembrando-se quão feliz havia sido sua

infância. Caminhando perto de um montículo ensolarado, a dolorosa lembrança da proposta de Henry veio até ela.

Mr. Lennox a havia encontrado deitada naquele mesmo lugar. Como lamentou o dia em que sua infância tinha parecido terminar tão abruptamente!

Mr. Thornton notou o olhar de tristeza que cruzou seu semblante.

— O que foi? — ele perguntou, preocupado.

Margaret sobressaltou-se por ser tão abertamente decifrável, e respondeu vagamente:

— Estava somente me lembrando de algo.

— Foi algo desagradável. Irá me

contar? – ele pediu suavemente.

Ela olhou para sua expressão terna e decidiu abrandar. Talvez fosse melhor confessar tudo que havia acontecido no passado.

— Antes de minha família e eu mudarmos para Milton, Henry me visitou – ela começou a dizer, observando o gramado à sua frente.

— Mr. Lennox? – perguntou com certa surpresa, tendo a curiosidade aguçada.

— Sim. Eu não sabia... Eu não tinha ideia que ele... – ela balbuciou, não sabendo como contar-lhe o que havia ocorrido.

— Que ele tinha sentimentos por você – o marido rapidamente adivinhou.

— Suponho que sim. Eu... — ela hesitou, ainda olhando para baixo, sentindo-se desconfortável pela lembrança do acontecimento.

— Ele a pediu em casamento? — Mr. Thornton perguntou, recordando agora a maneira rude na qual Henry recebera a novidade do seu noivado em Londres.

— Acredito que ele teria, mas eu o impedi de falar — ela explicou fracamente ao olhar para ele, lembrando-se distintamente de como fizera o mesmo com ele.

A memória de sua própria proposta fracassada voltou inundando-o, e ele lembrou a amargurada fisgada de sua rejeição, quando ela se recusou a escutá-lo. Seu mundo tinha vindo abaixo, ela

havia acabado com suas esperanças e ferido seu orgulho com suas palavras iradas.

Mitigava seu orgulho mesmo agora, quando se dava conta de que ela tinha tentado ser direta em lidar com seus pretendentes – que ela não estivera disposta a contemplar o casamento sem primeiro ter algum sentimento.

— Você não tinha sentimentos por ele – ele disse, mais como uma constatação do que um questionamento, mas ainda ansiando por ouvir sua confirmação.

— Não, não desta maneira – ela explicou, incomodada.

A comissura dos lábios de John se ergueu, e as implicações de sua

declaração o encheram de alegria – ela o amava como jamais amara outro.

— Você está sorrindo – ela percebeu com surpresa curiosidade.

— Como posso não sorrir, quando ganhei a afeição de uma mulher que tinha o arraigado costume de quebrar o coração dos homens? – ele perguntou provocando-a.

— Eu não tinha! – ela protestou defensivamente.

— Meu coração ficou definitivamente quebrado – ele insistiu, apesar de ainda exibir um sorriso por ter inflamado nela semelhante defesa acirrada.

— E eu não o restaurei? – perguntou ela, gentilmente, à medida que

lhe apertava o braço completamente arrependida pelas palavras ditas naquele fatídico dia.

— Restaurou, surpreendentemente bem restaurado, mas agora irei precisar de sua atenção frequente para garantir que permaneça assim – informou ele com um sorriso provocador.

Deixando a vila mais tarde, Margaret os guiou em uma longa trilha para uma clareira perto do bosque, onde eles poderiam fazer seu piquenique. Uma árvore solitária serviu como sombra, assim como respaldo, enquanto eles se revezavam lendo poesia de *Burns*[\[3\]](#) um para o outro. Margaret deliciou-se no reconfortante som de sua voz aveludada, ao mesmo tempo em que se encostava a

ele e fechava os olhos, e John envolvia sua cintura.

Depois, quando era a vez dela ler, Margaret começou a se perguntar se John estava escutando, pois ele estava deitado com os olhos fechados, sua cabeça confortavelmente encaixada no regaço da esposa. Ela acariciava levemente o cabelo em suas têmporas, o que lhe provocou um sorriso, e lhe assegurou de que ele ainda estava acordado.

Enfim, Margaret o deixou descansar, e ela mesma dormitou um pouco. Um hora após, quando ele, finalmente, começou a despertar, ela também acordou, e eles se ergueram para sair.

Margaret estava ansiosa para

levar o esposo ao bosque para mostrar-lhe uma extraordinária exposição da beleza da natureza. Ela estava certa de que ele nunca tinha visto um bosque de jacinto silvestre tão popular para aqueles que vivem no campo. Colher jacintos era um atrativo singular na primavera. As delicadas flores azuis, com formato de campânula, cobriam todo o solo naquela época do ano.

Quando eles começaram a seguir uma estreita trilha em direção ao velho bosque, Margaret o informou que havia algo que ela queria mostrar-lhe, mas que não lhe ofereceu maiores explicações. Quando o tapete azul de flores apareceu a uma curta distância, John ficou intrigado, e quando se aproximaram, a visão era

encantadora. A luz do sol filtrava-se facilmente através das folhas jovens das árvores, e o chão do bosque estava coberto de flores azuis vibrantes, tão longe quanto os olhos podiam alcançar.

— É verdadeiramente deslumbrante – ele observou perplexo, quando capturou a visão. — Não imaginava que o bosque pudesse ser tão lindo – ele admitiu.

— As flores permanecem vivas por pouco tempo na primavera. Você tem que saber quando vir – ela contou-lhe, satisfeita de que estivesse apreciando a vista.

— Eu nunca vi nada igual – ele disse, ainda impressionado com a paisagem em torno de si.

— Estou feliz que tenha gostado. Não imagino que muitas pessoas em Milton tenham visto alguma vez algo do tipo — comentou, sorrindo.

— Não, estou certo de que não — concordou. — Obrigado por me mostrar. Sinto como se tivessem me confidenciado um grande segredo, o qual a maioria dos mortais talvez nem tenha descoberto — comentou.

— Talvez — ela respondeu. — Pegamos algumas para lembrança? Elas não duram muito tempo, eu temo. Irão murchar rapidamente — ela observou, agachando-se para colher uma pequena quantidade.

Quando retornaram, fizeram amor mais uma vez. À noite, o casal desfrutou a

liberdade de ler e conversar. A lareira estava acesa mais uma vez para espantar o frescor do ar da noite. Eventualmente, se encontraram situados de maneira acolhedora no sofá de veludo, de mãos dadas, tranquilamente olhando para o fogo. Margaret sorriu ao notar o brilho de seu anel à luz do fogo, e se maravilhou novamente da aliança de ouro em seu dedo.

— O bosque de jacintos estava tão lindo — ela relembrou alegremente, olhando para o fogo. — Estou feliz que tenha tido a oportunidade de ver — acrescentou, virando-se para olhar para o marido.

Mr. Thornton estava concentrado na maneira em que seus lábios se moviam

enquanto ela falava, e sua mente vagou quando se lembrou da sensação de sua pele de seda de encontro à sua. Sua respiração tornou-se intensa ao antecipar os prazeres que o esperavam novamente.

— Você não está me escutando — ela o acusou gentilmente, sentindo o calor de seu olhar abrasador.

— Você mencionou algo sobre os bosques — respondeu, se levantando para recordar algo do que ela tinha dito.

— Estava empenhando-me para recordá-lo das belezas da natureza, Mr. Thornton — ela o repreendeu com um brilho provocante no olhar.

— E eu estava me deleitando nisso — John declarou, seus olhos apaixonados presos nela.

Ela sentiu o rubor subindo em sua face por ser tão admirada e, timidamente, desviou o olhar.

John gentilmente ergueu seu queixo com o dedo, e ela levantou seus olhos luminosos para ele.

— A senhora é lindíssima, Mrs. Thornton — ele começou a dizer em uma voz grave e ressonante.

John olhou para ela continuamente, para que ela pudesse perceber a intensidade de sua sinceridade, antes de provar os lábios que tanto o seduziam. Beijou-a gentilmente, a princípio, e depois de forma urgente, até que rapidamente deslizou seu braço por baixo de seus joelhos, e a ergueu de seu assento.

Margaret estremeceu em

antecipação por sua paixão, e envolveu os braços espontaneamente em torno do pescoço do marido, que a carregava para o quarto.

Os angulosos raios do amanhecer iluminavam as cortinas e aqueciam uma pequena área do quarto. Os pássaros já tinham começado seus cantos matinais quando os amantes se espreguiçaram na cama.

Um padrão se formara em seu terceiro dia juntos. Os recém-casados permaneciam na cama para desfrutar dos recém-descobertos prazeres da vida a dois até o meio da manhã. Depois de um

desjejum tardio, saíam para uma caminhada e um piquenique em algum lugar pitoresco. As noites eram passadas na sala, conversando e lendo, antes de encaminharem-se para o quarto e, alegremente, reencontrarem-se depois de um longo dia de trégua.

Mr. Thornton estava fascinado por ser um homem casado que passava cada momento possível com sua amada. Ele estava enamorado de sua esposa e não podia se cansar dela. Secretamente, temia que Margaret logo se cansasse de suas frequentes relações íntimas, deixando-o sofrer sozinho as pontadas do desejo.

Margaret também se achou bem adaptada à vida de casada. Extraordinariamente feliz, ela desfrutava

da companhia de seu esposo e descobriu os prazeres da intimidade matrimonial.

No momento em que o casal saiu do chalé, no final da manhã de quarta-feira, nuvens haviam começado a se reunir no horizonte Oeste. Entretanto, o céu do Leste ainda estava azul e convidativo, portanto, Margaret os conduziu para o Leste, para sentar perto no riacho que eles tinham conhecido no dia do casamento.

O ar estava confortavelmente cálido e a brisa carregava pequenas nuvens pelo céu enquanto o casal almoçava. Depois de ler um para o outro por um tempo, os dois caíram no sono na grama macia.

Margaret despertou com um forte vento e o som das páginas agitadas do

livro, perto do seu rosto. O céu havia escurecido com grossas nuvens e ela sabia que a chuva era iminente.

— John! — ela o acordou com uma leve sacudida no ombro — vai chover — ela advertiu.

Em um instante os dois estavam de pé para, rapidamente, juntar as coisas e escaparem. Já estavam vendo o chalé ao longe, quando as primeiras gotas começaram a cair. Partindo numa corrida, eles se lançaram contra o largo carvalho, quando a chuva começou a cair depressa, alcançando-os. Os galhos da árvore ofereciam pouca cobertura, e o casal começou a gargalhar enquanto corria, a curta distância, até a frente do chalé.

Quando Margaret abriu a porta, o

livro que estava na dobra de seu braço caiu no degrau de pedras. Mr. Thornton se agachou rapidamente para pegá-lo, espalhando no chão o conteúdo da cesta que carregava.

Entrando na casa, Margaret cobriu a boca em surpresa ante sua súbita falta de sorte, mas começou a rir ao observar John arrastando-se para recolher tudo na chuva forte.

Finalmente entrando na casa e batendo a porta atrás de si, ele largou a cesta e agarrou-a pelos braços.

— Está rindo de mim? — ele a inquiriu com uma nota de advertência e um sorriso nos lábios.

— Você está todo molhado! — ela declarou, tentando sufocar sua risada, mas

decididamente sem sucesso.

— E você também está molhada — ele a relembrou, notando com olhar ardente como a sua blusa estava grudada em sua forma bem proporcionada.

— Mas você está realmente ensopado — ela contra-atacou, suprimindo um sorriso ao ver seu cabelo e roupas pingando. — Você deve trocar de roupa aqui na cozinha... — ela começou a instruí-lo, antes de ser silenciada com um beijo.

Ele a puxou para si, e sua língua acariciou a sua, beijando-a esfomeado como se fosse devorá-la.

Margaret empurrou-o para evitar suas roupas ensopadas, mas logo sucumbiu à sedução de seus beijos e, espontaneamente, levou seus braços ao

pescoço do marido.

Mr. Thornton gemeu ao senti-la submeter-se a ele e, lentamente, empurrou-a contra a parede, pressionando-a firmemente com seus quadris, para que ela entendesse seu propósito.

Ela gemeu em resposta, sentindo a firmeza de seu intento através das camadas de roupas entre eles.

John a levantou em seus braços e carregou-a para o quarto, impaciente para senti-la embaixo dele novamente, e ouvir os gemidos agudos que ela soltava e que o enlouquecia de desejo.

Mr. Thornton a depositou verticalmente na cama e rapidamente tirou suas botas. Margaret começou a abrir os

botões de sua blusa. John levantou-se para desabotoar suas roupas molhadas com inquietante destreza, lançando-as no piso, uma por uma.

Margaret levantou-se ao lado da cama, rapidamente trabalhando para se libertar de suas saias e anáguas, sua blusa molhada já descartada no piso.

John se aproximou, e seu olhar disse a ela para se deitar. Tão logo ela o fez, ele flutuou sobre ela e, agarrando a camisa da esposa com alguns puxões determinados, ele agarrou sua roupa íntima pelos lados e puxou-as sobre os quadris.

Tendo removido todos os impedimentos, ele penetrou-a, gemendo pelo alívio de unir-se a ela. Seus firmes e

contínuos movimentos inflamaram seu desejo, mesmo enquanto trazia uma das mãos para cima para desfazer os botões de sua camisa, desesperado para ter acesso a todo seu corpo.

Margaret o ajudou a liberar seus seios e ele se abaixou para saboreá-la e provocá-la, até que ela estivesse deitada no travesseiro em impotente entrega.

Erguendo a cabeça, enfim, John sustentou-se sobre ela e atuou com abandono apaixonado para trazê-los ao término, até que gritaram seu êxtase quase em uníssono.

Margaret o apertou forte e seus corpos tremiam na calmante sensação de sua união, o som de suas respirações rápidas e o tamborilar da chuva

preenchendo o silêncio do quarto.

John trouxe seus lábios aos de Margaret, e deu-lhe um suave beijo de contrição.

— Receio que tenha sido muito brusco com você – ele se desculpou, seus olhos cheios de terna preocupação.

— Não tenho reclamações – ela respondeu com um sorriso de cumplicidade, passando as mãos ao longo das colunas de seus braços musculosos, enquanto se sustentava sobre ela. — Você me ama tanto assim? – ela perguntou parcialmente brincando, provocando-o por sua paixão incontrolável.

— Eu a amo de tal maneira que às vezes temo por minha sanidade – respondeu com toda seriedade. — E

agora... agora está muito pior – ele confessou impotente, com um suspiro.

Os olhos de Margaret aqueceram com afeição amorosa, mas ela falou num tom animado:

— No melhor e no pior? – ela brincou com um sorriso.

John não pôde evitar e sorriu de volta.

— Sim, no melhor e no pior – declarou, recompensando seu comentário com um beijo.

A chuva caía torrencialmente no íterim que Margaret pendurava as roupas molhadas para secar na copa e John

acendia o fogo do fogão.

Sentados confortavelmente, tomando chá na cozinha aquecida, o casal conversava sobre as tempestades das quais se lembravam e dos medos da infância.

Um som alto, seguido de um estrondo, atraiu-os rapidamente para a janela, para descobrirem que um galho de um dos carvalhos tinha caído. Margaret observou com humor que agora eles teriam uma história para contar.

Apesar de a torrente ter amainado, o vento continuava a rugir lá fora, através de toda a tarde e noite adentro.

O anoitecer os encontrou novamente na sala. Margaret estava confortavelmente recostada no ombro do

marido, meditando. Mr. Thornton lia com atenção as páginas de um livro sobre a Renascença, que havia selecionado na estante do chalé.

— John – Margaret hesitantemente começou a falar, empertigando-se para perguntar-lhe algo. — Você nunca fala sobre seu pai. Pode me contar um pouco mais sobre seu passado? – ela pediu gentilmente.

Mr. Thornton fechou o livro e olhou para o fogo, sua face sombria pelas memórias.

— Papai me contou o que aconteceu – ela revelou, cautelosamente. — Eu o admiro por tudo o que fez – ela o encorajou. — Não conheço ninguém que tenha passado pelo que você passou.

— Não desejaria que ninguém experimentasse o que eu experimentei — ele respondeu calmamente, seu olhar ainda fixado em algum ponto no fogo.

Ela reconheceu suas emoções com respeitável silêncio por um momento, antes de falar novamente.

— Não vejo nada para se envergonhar em seu passado. Não foi sua responsabilidade. Você era somente uma criança — ela o consolou, conjecturando que sua relutância em falar era nascida do embaraço que a pobreza engendrava.

John piscou ante suas palavras, mas ainda não falou.

— Como ele era? — Margaret venturou-se a perguntar, com certo temor.

Para sua surpresa, John respondeu

prontamente, apesar de ainda direcionar seu olhar para o fogo:

— Ele era um bom homem. Cometeu um erro terrível e não foi forte o suficiente para enfrentar as consequências – respondeu sem se alterar. — Eu o odiei por isso – comentou sem nenhum traço da emoção amarga que ele já sentira. — Eu o odiei por sua covardia e pelo que fez à minha mãe – explicou calmamente, finalmente olhando para a esposa, buscando sua reação.

Margaret o contemplou com grande compaixão. Ela não podia culpá-lo pelos maus sentimentos que guardara no passado. Ao invés disso, ela estava impressionada que ele não tivesse sucumbido, mas parecia ter se erguido

acima de tudo.

— Você o perdoou? — ela presumiu.

— Sim — ele respondeu simplesmente. — Não foi sua intenção nos causar dano, mas eu lamento muito sua escolha egoísta — admitiu, solenemente.

Margaret ficou em silêncio por uns minutos antes de falar.

— Você disse que ele era um bom homem. Quais são suas lembranças dele? — ela perguntou, empenhando-se para relembrá-lo das qualidades positivas de seu pai.

Um ligeiro sorriso iluminou a expressão dele.

— Em muitas noites, ele me contava histórias antes de ir dormir —

grandes contos de aventuras em lugares distantes – relatou. — Sua voz era intensa e tranquilizadora – lembrou.

Margaret sorriu ao ouvir suas lembranças de infância.

— E sua mãe... eles eram felizes juntos? – ela perguntou, cautelosamente.

Seu sorriso desapareceu ante a pungência da pergunta.

— Sim, eu creio que sim – ele respondeu. — Lembro-me que minha mãe costumava rir – John disse-lhe, mas seus olhos ficaram distantes novamente. Margaret o observava quando um sorriso débil veio diante da lembrança, e então observou o sorriso apagar-se em uma solene quietude.

Seu coração encheu-se de

compaixão pelos dois – mãe e filho – por tudo que tiveram que suportar. Margaret resolveu que se lembraria de ser gentil com sua sogra, mesmo quando a senhora fosse fria e severa. Ela sabia que possuía um débito de gratidão com Mrs. Thornton por tudo que ela havia suportado para criar um filho tão bom.

Os dois ficaram em silêncio, observando as chamas dançantes do fogo.

Margaret esperava, que pudesse ser um conforto para ele. Desejava mais que ele carregasse suas cargas sozinho.

— John, eu desejo ser um auxílio para você. Promete que não esconderá de mim suas preocupações? Eu não poderia suportar isso – ela implorou. — Eu desejo ser-lhe um conforto, assim como você

prometeu ser para mim – ela rogou, suavemente.

John olhou para ela com uma mescla de admiração e afeto.

— Margaret... eu não quero esconder nada de você. Não haverá segredos entre nós – ele prometeu.

Margaret deu-lhe um fraco sorriso de satisfação.

— Você tem sofrido grandes dificuldades e tem trabalhado duro para superá-las – Margaret observou. — Receio que não tenha experimentado muitas alegrias em tantos anos – ela conjecturou, tristemente.

— Não, eu admito que não – ele falou com melancolia, alcançando a mão dela e levando-a aos lábios.

Margaret virou-se para encará-lo, desejando que ele pudesse agora somente experimentar o bom da vida.

— Você merece toda a felicidade, John — ela declarou, acariciando a forte linha de seu maxilar.

John habilmente trouxe-a para seu colo, e ela envolveu os braços em torno de seus ombros.

— Eu já encontrei essa felicidade — Mr. Thornton disse-lhe com ternura, olhando diretamente para seus olhos.

Os olhos de Margaret encheram-se de lágrimas diante daquele olhar. Seu coração ansiava por amá-lo como nunca havia sido amado antes.

— Oh, John! — ela sussurrou e o abraçou apertado.

— Minha deliciosa — disse ele.

— Eu a quero aqui.

— Aqui?

— Por que não? O que nos impede? E você está subjugada em meu colo — ele a beijou.

— Como faremos isso aqui? — ela perguntou, inocentemente.

— Eu lhe mostro, amor.

E assim permaneceram por longo tempo, enquanto o fogo crepitava e o vento soprava forte para além das paredes do seu refúgio seguro.

CAPÍTULO XII

Margaret foi despertada pelos piados dos incontáveis pássaros que anunciavam o novo dia. A luz suave e cálida da manhã, dava ao quarto uma coloração prateada. O vento e a chuva tinham passado, e ela sentiu a calma e a paz que vêm depois do fim de uma tempestade. A natureza era confortante, e foi inevitável não comparar suas próprias tormentas de outrora com o vendaval o qual presenciaram. Saber que não importava a força da intempérie, ou a escuridão da noite, o sol sempre voltaria a brilhar.

Sorriu em seu estado de

contentamento. Tudo parecia novo e maravilhoso agora. Os dias de tribulação e tristeza haviam desaparecido, transformados no amanhecer de uma nova vida na qual a alegria e amor iriam reinar.

Que estranho era estar em Helstone, o lar de sua infância, não mais como uma criança. Margaret nunca havia dormido sem sua camisola, e ainda assim, ali estava ela, nua embaixo das cobertas, deitada ao lado do homem que era agora seu marido. Ela era uma esposa e, alegremente, aceitaria carregar todas as ternas responsabilidades de cuidar de alguém que aceitara seu afeto com alegria recíproca.

Olhou para ele dormindo ao seu lado e observou seu suave risonar.

Sentiu o coração encher com um sentimento indescritível. John havia-lhe mostrado o amor como ela nunca tinha experimentado antes. Ele não requeria que ela fingisse um papel de perfeita alegria, e esperava que ela se mantivesse firme em suas convicções. Ele conhecia seus maiores defeitos e encorajava seu intelecto. Sentia perfeita liberdade em dizer e fazer o que lhe conviesse, sensação que não tinha desde os dias de sua infância. Ele não lhe pedia nada além de amá-lo, o que era a coisa mais fácil e mais prazerosa do mundo para ela.

Margaret exultava por saber que fora seu corpo, o responsável pelo seu presente estado de relaxamento. John havia trabalhado duro e conhecia muito

pouco sobre agradáveis deleites. Ela desejava dar-lhe toda a felicidade e encher seus dias de profundo contentamento.

Moveu-se para mais perto dele e pressionou seu corpo gentilmente contra as costas do marido. Deslizou sua mão sobre seu ombro e apoiou o queixo no seu pescoço para levar seus lábios bem perto de seu ouvido.

— Está ficando tarde — ela sussurrou suavemente, incapaz de suprimir o riso ao pensar em despertar o marido com sua suave carícia. John sorriu, mas não abriu os olhos.

Ela beijou a pele suave embaixo da orelha dele, deslizando para a áspera superfície de seu maxilar.

— Mmm... – ele respondeu com um largo sorriso, deliciando-se em cada toque da esposa.

— Você tem sido um completo preguiçoso aqui – Margaret provocou-o. — Não está acostumado a acordar com a aurora? – ela perguntou ao mover o braço para abraçar o torso dele.

John capturou sua mão e segurou-a fortemente.

— Frequentemente antes da aurora. Eu estou na fábrica ao amanhecer, ou logo após – respondeu.

— Você sente falta? – Margaret perguntou, curiosa, perguntando-se quão frequentemente seus pensamentos tendiam para o trabalho que ele tinha tão diligentemente administrado por anos a

fio.

— Sinto falta de quê? – ele perguntou, não estando certo a que ela se referia.

— Você sente falta da fábrica? Você raras vezes ficou longe durante tanto tempo – ela observou.

Ele virou-se para encará-la, incrédulo diante do questionamento da esposa.

— Sentir falta? – ele questionou perplexo. — Como eu poderia sentir falta da fábrica quando estou tão distraído por deleitosas circunstâncias – ele perguntou, capturando a imagem dos voluptuosos ombros e braços nus.

Seus olhos seguiram a tentadora trilha de seus longos cabelos

acastanhados até onde as mechas cacheadas se espalhavam e se depositavam sobre a pele de alabastro, que estava exposta para ele.

— Pensei que pudesse ainda pensar no seu trabalho, que tem sido sua maior preocupação diária por tanto tempo – ela rebateu, analisando a face do marido, buscando uma resposta honesta.

— Isto veio à minha mente algumas vezes, mas achei muito fácil descartar o pensamento. Estou bem mais interessado em minha situação atual – John a informou, com um sorriso sugestivo ao mesmo tempo em que começava a brincar com seus cachos sedosos.

— Eu devo ir preparar o desjejum

– ela conjecturou quando tentava escapar da tentação em permanecer na cama por mais tempo do que seria prudente.

— O coche chegará às dez horas – ela o recordou, referindo-se à viagem à costa que haviam planejado para aquele dia.

— Não ainda – insistiu John em um sussurro. — Ainda temos tempo – ele tomou a boca de Margaret, puxando-a para si.

— Antes desejo amá-la, meu amor. Preciso mitigar minha principal necessidade: ter você – disse cheio de paixão no ouvido dela.

Amaram-se apaixonadamente e ternamente.

A carruagem que os levaria a Lymington[4] chegou pouco depois das dez. Mr. Thornton usava seu colete cinza estampado e a tradicional sobrecasaca preta, enquanto Margaret usava uma saia nova e uma jaqueta ajustada de algodão *jaquard*. O tecido de cor malva era estampado com ramos de videira cinza-escura, os botões em formato de flores, compunham com a renda do camisete, no estreito decote, dando a ela uma aparência encantadoramente atraente.

Mr. Thornton a elogiou assim que a carruagem tomou seu caminho pela alameda.

— Você adquiriu um guarda-roupa

muito elegante desde que deixou Milton, meu amor – disse ele de maneira aprobatória. — Sua tia tem sido muito generosa – ele acrescentou com um sorriso satisfeito.

— Oh! Mr. Bell insistiu em me dar os fundos para meu enxoval – ela o informou, um pouco embaraçada por falar naquele assunto.

O sorriso de Mr. Thornton tornou-se forçado. Doía-lhe pensar que Mr. Bell fosse uma fonte de benevolência, ao passo que sua atual situação financeira parecia um pouco incerta. Esperava que sua esposa o procurasse para providenciar que ela quisesse, e desejava oferecer-lhe tudo que condizia com uma mulher de sua educação.

— Edith estava muito satisfeita em me levar às lojas elegantes — ela acrescentou de maneira divertida, implicando sua relativa indiferença com relação às questões da alta moda.

Mr. Thornton recuperou seu sorriso e tomou-lhe a mão, deixando de lado qualquer assunto sombrio para aproveitar a presente companhia de sua belíssima esposa.

O trajeto até a estação de Southampton foi curto e os amantes desfrutaram o luxo de alguns beijos na privacidade do compartimento do coche, antes de exporem-se aos olhos públicos para o dia.

A estação em Lymington estava em buliçosa atividade, quando o casal

emergiu do trem perto do cais e dirigiu-se às lojas de High Street. As largas ruas pavimentadas e as numerosas lojas concediam um ar de importância à cidade. O aroma salgado que vinha do mar e o som das gaivotas trazia o oceano às suas portas.

Mr. Thornton sentiu um prazer especial ao caminhar pelas ruas com sua esposa alegremente pendurada no seu braço. Sentia-se orgulhoso em reconhecer, publicamente, seu afeto por aquela divina criatura.

Margaret desfrutava a proximidade do contato com seu esposo, e estava similarmente satisfeita por ser escoltada por um homem de tal distinção.

Após fazer uma avaliação

entusiasmada de uma sombrinha rosada na vitrine de uma loja, Mr. Thornton insistiu em entrar para que ela pudesse olhar as mercadorias. Determinado a mimá-la, ele deleitou-se em observar sua esposa examinar e selecionar os itens de seu interesse. O casal deixou a loja com alguns pacotes e uma sombrinha nas mãos.

Margaret ficou intrigada pela exposição de pinturas na vitrine de um estúdio daguerreótipo[5] e suplicou ao esposo para terem sua fotografia tirada.

— Será uma adorável lembrança de nossa lua de mel. Nossos filhos e netos poderão ver como éramos felizes – ela apelou, convincentemente.

— Nossos filhos? – John repetiu, sorrindo para ela, com um olhar cálido

sugerindo intimidade.

Margaret enrubesceu diante da resposta do marido ao seu comentário, embaraçada por ter lhe falado tão ousadamente sobre seu futuro.

— Sim — ela balbuciou. — Eu imagino que nós teremos uma família, você não acha? — ela perguntou de maneira vacilante, olhando timidamente para ele, esperando sua resposta.

— Eu acho — ele respondeu, aquele pensamento incitando suas emoções mais profundas. John encaminhou-se à porta da loja e abriu-a para que Margaret entrasse.

Quando eles finalmente emergiram do estúdio, um tempo depois, Margaret deteve o esposo.

— Você pode ir buscar o piquenique? — ela perguntou com simpatia. — Tenho uma incumbência que gostaria de executar em segredo — ela explicou. — Nós podemos nos encontrar aqui em meia hora — especificou, notando sua hesitação. Margaret sorriu esperando sua aprovação.

— Como queira — ele cedeu, incapaz de resistir ao charme da esposa, apesar de estar relutante em se separar dela em uma cidade estranha.

Margaret esperou até que ele tivesse caminhado certa distância, antes de lançar-se de volta ao estúdio.

Eles se encontraram no tempo marcado e se encaminharam ao convés para alugar um barco para a excursão

vespertina.

Margaret ouviu com atenção contemplativa, enquanto seu marido lhe contava sobre suas viagens a Liverpool[6] e Le Havre[7] para organizar as entregas de algodão para a fábrica. Ele, contudo, nunca estivera no mar para um passeio e estava ansioso pela experiência na companhia de Margaret. Ela olhava para ele com admiração e afeto, ao mesmo tempo em que ele apontava para as docas dali, onde os construtores de embarcações estavam ocupados exercendo suas habilidades.

Margaret contou-lhe brevemente sobre as viagens ocasionais que fizera com a família até o mar, nas ocasiões em que Edith e Mrs. Shaw a levaram para a

costa.

O casal foi então direcionado a um barco, de tamanho médio, de brilhante mogno e cobre polido. O capitão os recebeu a bordo e os conduziu até seus assentos estofados na popa do barco, ao passo em que chamava a tripulação de três homens à ativa. Mr. Thornton observava com grande interesse os procedimentos e os movimentos hábeis da tripulação quando eles se colocaram a velejar.

Cruzaram o The Solent[8] e dirigiram-se para a costa Noroeste da Ilha de Wight.[9] A constante brisa marinha era revigorante, fazendo com que alguns fios dos cabelos de Margaret dançassem sobre o rosto de Mr. Thornton. Ele a

abraçou ao navegarem para mar aberto, arrebatado pela visão expansiva da distante ilha e do longínquo horizonte.

As imagens das grandes dunas de areia arrebataram os recém-casados quando se aproximavam da ilha de Alum Bay.[\[10\]](#) As grandes rochas salientes se destacavam nas margens mais remotas da ilha, criando uma visão dramática da rigorosa resistência do oceano.

A tripulação guiou o barco ao longo do pontão flutuante, no qual atracaram, permitindo o desembarque. Mr. Thornton auxiliou sua esposa e o casal caminhou até a costa para ver e explorar as exóticas dunas.

Tendas que vendiam miudezas e diversas lembranças para os turistas

estavam espalhadas ao longo da costa. Margaret ficou intrigada por alguns pequenos frascos de várias formas, que continham camadas de areia colorida em seu interior. Os Thorntons compraram muitas lembranças como presentes e um par de pombinhas de vidro para si mesmo, como recordação do dia idílico.

O barco velejou de volta ao Oeste, ao longo da costa da ilha, enquanto o casal observava o despenhadeiro desaparecer a distancia. À medida que o suntuoso panorama se descortinava à frente deles, uma gostosa refeição era servida.

Algum tempo depois, Mr. Thornton perguntou sobre o barco e as atividades da tripulação. Ele ouviu

atentamente o que lhe disse o capitão, e fez algumas perguntas incisivas antes de receber um entusiástico sorriso e um vigoroso sinal do cordial marinheiro para que ajudasse a mastrear a vela do barco.

Margaret observou divertidamente um brilho infantil de aventura iluminar a face de seu esposo, quando ele removeu seu casaco e entregou-o a ela com um sorriso afetuoso. Ele havia se privado tanto, durante a sua juventude, o que enternecia o coração de Margaret vê-lo tendo tanto prazer em coisas tão simples. Ela observou com admiração seu interesse ao dobrar as mangas e começar a puxar as cordas ante a orientação do capitão.

O barco passou por Lymington,

[11] ao lado do porto, e, eventualmente, acercaram-se a Cowes[12] a estibordo. [13]

— Eu os levaria a desembarcar aqui para ver os jardins de Osborne House[14], mas o aniversário da rainha é amanhã, e eu imagino que deva haver uma enorme atividade em sua residência favorita hoje – disse o capitão, sua voz ecoando acima do som do vento e o marulhar das ondas.

Margaret assentiu agradecendo, e esforçou-se para ver a cidade insular onde se hospedava a família real, satisfeita por saber que tinha passado tão perto da rainha.

A tarde já despontava quando alcançaram a extremidade Leste da ilha e

Margaret, alternadamente, observava a aproximação dos incessantes movimentos do marido, enquanto ele, competentemente, ajudava a tripulação em seu esforço para levar o barco para um longo píer que servia o povoado de Ryde.

[15] Margaret sorriu em consciente admiração, ante a habilidade dele de aprender rapidamente e dominar qualquer tarefa.

O casal desembarcou e caminhou a extensão do píer até a vila, em suave declive. Uma praia com areia dourada se estendia a distância, pontuada aqui e acolá por pessoas caminhando ao longo do passeio e crianças brincando perto da rebentação. Eles encontraram uma hospedaria e pediram chá e bolo,

conforme desfrutavam da vista no terraço.

Margaret insistiu que deveriam caminhar ao longo da praia. Diante da sugestão, deixaram a passarela de madeira, retiraram seus calçados para sentir a areia e a água fria sob seus pés.

Cansados, porém felizes, retornaram para o barco e, brevemente, velejaram em direção a Portsmouth, antes de retornar a Lymington. Mr. Thornton sentou-se com sua esposa à medida que o capitão apontava uma abertura de pedras: o Sally Port[\[16\]](#) que guardava a entrada de um ativo ancoradouro onde navios de todas as formas e tamanhos podiam ser encontrados. Navios de guerra de madeira e fragatas se enfileiravam a distancia. *The Victory*,[\[17\]](#) o navio do Almirante Lord

Nelson, ainda em serviço depois de todos aqueles anos, podia ser visto entre eles, os altos mastros das embarcações altaneiras sobre todos os navios vizinhos.

O sol estava declinando em direção a um nebuloso horizonte amarelo, quando eles, finalmente, chegaram ao desembarcadouro. O casal parou brevemente no estúdio para apanhar suas aquisições, antes de encontrar um local para cear. Quando apareceram novamente na rua, o sol já havia se posto, o céu Oeste ardia com brilho alaranjado e rosado.

Eles vagorosamente se dirigiram à estação para voltar para casa, cheios com um caloroso contentamento por ter partilhado um dia de aventura.

No trem, Margaret inclinou-se pesadamente contra seu esposo, esgotada pela excursão do dia. Ao chegar a Southampton, eles alugaram um coche e retornaram a Helstone. Sucumbindo enfim a sua sonolência, Margaret dormiu encostada no ombro do esposo.

Mr. Thornton cuidadosamente segurou-a contra si, e deleitou-se em seu papel de protetor, sempre atento ao precioso tesouro que era Margaret.

As estrelas destacavam no escuro céu e um coro de vivas criaturas elevava sob as vegetações, quando Mr. Thornton, gentilmente, a despertou ao chegarem no chalé. Ele riu da sonolência dela, e dando a volta na carruagem, ergueu-a em seus braços e carregou-a para dentro do chalé,

colocando-a gentilmente na cama.

Quando ele retornou com os pacotes, Margaret estava preparando o banho para os dois. John calmamente se despiu para juntar-se a ela.

— Sempre sonhei em vê-la em sua intimidade – disse ele, quando a ajudava no banho.

Tocava seu corpo enquanto a ensaboava, ao mesmo tempo em que a beijava. Quando ela terminou, foi à vez dele. Ela repetiu o ritual que tinha tão bem e ousadamente aprendido com ele. Foi inevitável não se amarem, ambos estavam sedentos.

Usando sua roupa de dormir pela primeira vez, ele se deitou e moveu-se para pôr o braço sobre ela, beijando sua

face delicadamente ao desejar-lhe uma boa-noite e, alegremente, aguardar um sono sereno.

O casal acordou um pouco depois do amanhecer e conversou sobre os eventos do dia anterior, com Margaret acolhida no amplo abraço do marido, enquanto encaravam um ao outro.

— Tenho algo para você — ela inesperadamente anunciou com um sorriso misterioso, lembrando a missão que tinha completado em sua breve ausência no dia anterior.

John se sentou quando ela se deslizou da cama e remexeu nas compras

para buscar o presente. Margaret saltou de volta na cama, e ajoelhou-se ao lado do marido com um sorriso matreiro.

Ela era como uma criança, ele pensou, tomando o pacote de suas mãos e começando a abri-lo.

— É meu presente de casamento para você — declarou Margaret.

Era um daguerreótipo de Margaret, colocado em uma janela oval, em uma moldura dourada. Com suas mãos na sombrinha como se fosse uma bengala, ela estava em pé em uma posição levemente angular, revelando sua figura curvilínea. Ela levava um discreto sorriso e mantinha um suave brilho de amor em seus olhos. Ele sabia que iria entesourar o retrato por toda sua vida.

Estava silencioso durante o tempo que continuava a examinar o retrato.

— É absolutamente pretensioso da minha parte, não é? — ela indagou. — Pensei que você poderia gostar de tê-lo em seu escritório, na fábrica — sugeriu.

Ele ergueu a cabeça em indecisa concordância.

— Isto pode provar-se muito distrativo — ele observou.

— É somente meu retrato. Eu não sou tão distrativa — ela insistiu alegremente.

— Você é muito distrativa — retorquiu com decisão, ao mesmo tempo em que colocava os braços ao redor de sua cintura e a puxava para si para um beijo de agradecimento.

O fino algodão da sua camisola era uma insignificante barreira entre eles, e meramente aumentava seu desejo por sentir a pele delicada e voluptuosa que estava abaixo. A suave resposta de Margaret à sua investida excitou seus profundos anseios, mas ele a liberou de seu abraço e levantou-se da cama.

John rapidamente buscou uma caixa decorada no bolso de seu casaco e entregou a ela.

— Eu ia esperar para dar-lhe amanhã — nosso último dia aqui! — ele explicou entregando-lhe o presente.

Margaret desatou o laço e abriu cuidadosamente a caixa para encontrar um par de brincos. Em cada peça, uma pequena pérola no centro de uma delicada

flor de ouro e diamante.

Margaret olhou para ele com admiração.

— Estes são aqueles que estavam na vitrine... — começou a falar.

— Parece que você não é a única que sabe ser misteriosa — John respondeu com um sorriso.

— Eles são lindos, obrigada! — Margaret respondeu e desceu da cama para colocá-los e admirá-los no espelho.

Ela retornou à cama e ajoelhou-se novamente ao seu lado, sentando-se em cima dos pés.

— Eles são muito finos, John — ela o agradeceu novamente. — Devo manter a imagem de fina dama agora que estou casada com o *master* de Marlborough

Mills? – ela perguntou, sorrindo para ele com orgulho. — Estou contente por ter podido contar com a ajuda de Edith para selecionar minhas novas roupas – acrescentou. — Espero que minha aparência esteja de acordo com sua posição – observou ela, esperançosamente.

— Eu posso ter sido atraído por sua aparência, mas foi a beleza de seu caráter e seu surpreendente intelecto que me fez amá-la – ele respondeu com sinceridade. — Entretanto, devo confessar que a admiro em suas novas roupas – ele disse com um sorriso cúmplice.

— Eu não sabia que você notava o que eu usava – ela comentou muito surpresa.

— Eu noto tudo em você, meu amor — respondeu. — E como seria diferente? — acrescentou, quando estudava suas feições pela centésima vez. — Creio que serei o marido mais orgulhoso de toda a cidade de Milton.

Margaret sorriu timidamente diante do seu olhar ardente.

— Receio que os outros patrões possam não ter a melhor opinião sobre mim — ela admitiu, pensando como os colegas do esposo viam suas maneiras atrevidas e independentes.

— Acredito que eles terão profunda inveja do meu sucesso ao conseguir tal esposa — ele lhe assegurou.

— Talvez, mas você deve saber que é provável que eu expresse minhas

fortes opiniões. Estou certa de que você estava consciente dos riscos envolvidos em me desposar – ela retorquiu atrevida, ao mesmo tempo em que segurava a mão do marido.

— Eu estava ciente que havia riscos incalculáveis em reivindicá-la, mas eu sou um homem com persistente determinação, uma vez que tenha estabelecido um propósito desejável, seguirei em frente – ele admitiu com um sorriso.

— Estou feliz por isso – ela confessou prontamente, ao se inclinar para um beijo.

Já era metade da manhã, o dia estava ensolarado e quente, quando o casal desceu para o desjejum. Largas

nuvens avançavam lentamente pelo céu azul, criando focos de sombra por todo o verde da charneca.

Margaret notou com satisfação que seu marido possuía mais e mais o aspecto de um homem do campo, usando somente sua camisa e calças, mostrando seus braços.

Depois do desjejum, John foi para trás da casa para cuidar do galho da árvore que tinha caído, e Margaret se levantou para guardar as roupas que ainda estavam penduradas na despensa. Quando ela voltou para a cozinha, John estava ocupado transformando o galho em lenha para a lareira.

Margaret então limpou a mesa e começou a lavar a louça. A janela acima

da pia lhe permitia observar o progresso do esposo à medida que ouvia o contínuo som do machado. Vê-lo daquela maneira, ocupado, lhe concedia um prazer singular, e testemunhou, com elevado interesse, quando o sol implacável o forçou a remover sua camisa.

John retornou a sua árdua tarefa, e agitava o machado com natural vigor e precisão.

As mãos de Margaret paralisaram ao estudar a vigorosa tensão muscular em suas costas, o inchaço dos músculos contraídos pelos intensos movimentos ritmados. Ela sentiu uma excitação profunda, e estremeceu ao reconhecer a atração que a mantinha cativa. Enrubescendo por causa das imagens que

vinham à sua mente, ela rapidamente voltou ao seu trabalho e terminou a louça, ao mesmo tempo em que capturava vislumbres ocasionais da vista lá de fora.

Secou as mãos e se juntou ao marido no jardim dos fundos. John sorriu-lhe, mas continuou seu trabalho de lenhador.

— Posso te oferecer um pouco de água? — ela perguntou acima do ruído dos golpes, notando o brilho do suor se formando sobre seus ombros, costas e testa.

— Sim, obrigado — John respondeu sem parar, agradecido.

Margaret voltou-se para a bomba do lado de fora da casa e, diligentemente, encheu um balde de água. Ela se virou em

direção ao marido, pretendendo buscar um copo da cozinha para que ele usasse.

John parou seu trabalho quando Margaret se aproximou e endireitou-se para encará-la com um sorriso satisfeito em seu rosto, em antecipação ao refresco que ela oferecia.

Quando trouxe o balde cheio para perto dele, algo em sua postura expectativa desencadeou em Margaret um impulso de surpreendê-lo. Sem um momento de hesitação, ela tomou a alça do balde com uma mão, e o fundo com a outra, e lançou a água em cima da figura desprevenida do marido.

A água o atingiu em cheio no peito, molhando o rosto e os cabelos, e cascadeando pelo abdômen, ensopando

suas calças. John abriu a boca em choque.

Margaret permaneceu atônita diante da imagem do marido, a mão sobre a boca como se um poder estranho a tivesse impelido a fazer tal coisa e ela fosse, meramente, a inocente comissária de seu perverso propósito.

Ela observou com crescente trepidação quando um sorriso incrédulo cruzou a face do marido, e um olhar de vingança sobrepujou seus olhos.

Margaret virou-se para correr, tentando escapar de sua retribuição, mas ela não era páreo para ele. Rapidamente foi alcançada e enlaçada pela cintura, derrubada carinhosamente no chão. Margaret gritava em seu domínio, mas ele era forte e imobilizou-a pelos punhos,

ajoelhando-se entre suas pernas.

Rindo incontavelmente, Margaret exibiu um protesto e gritou o nome dele ao analisar sua face e discernir a probabilidade de uma rápida libertação.

— Você é maldosa! – ele a acusou com divertido vigor.

— Você disse que gostaria de um pouco de água – ela ofereceu rindo, como defesa de seus atos.

— Não pedi para ser submerso em água! – ele rebateu, fazendo-a rir.

— John, você está me molhando! – reclamou Margaret, ao tentar contorcer-se e liberar-se de seu domínio.

Ele se moveu e, sem aviso, girou-a e a colocou sobre ele, apertando-a ao encontro de si e da sua masculinidade

evidenciada.

Com um sorriso perverso, ele observava com regozijo enquanto ela se agitava, alarmada por encontrar-se naquela posição. Desfrutando da sensação daquele corpo voluptuoso, ele agarrou-lhe os braços para capturá-la, forçando-a a se apoiar sobre ele, trazendo sua face mais próxima.

— John, você está todo molhado!
— ela reclamou novamente, ao sentir a umidade.

— Acredito que você me deva um beijo pelo seu comportamento repreensível – ele constatou com decisão, ignorando-lhe a reclamação.

— John! – Margaret implorou por misericórdia.

Ele ergueu uma sobrancelha em silenciosa resposta à súplica de Margaret, implacável em sua solicitação.

Os cantos da boca dela se curvaram para cima quando cedeu e moveu-se para beijá-lo.

Ele contraiu o pescoço para encontrá-la, impaciente para liberar toda sua paixão, entrelaçando sua língua com a dela de maneira faminta.

Estremeceu ante a rápida submissão dela, sentindo o peso do seu corpo pressionando mais o seu, conforme ia relaxando. Ele estendeu a mão para segurá-la, suas mãos rodeando as costas de Margaret, e rolando sobre ela novamente, de forma que ela ficou mais uma vez embaixo. Seu coração batia

selvagem, enquanto continuava a lhe saquear a boca.

— Desculpe-me, mas vocês estão bem? — escutaram uma voz infantil perguntando timidamente.

Mr. Thornton ficou de pé no mesmo instante, apressadamente ajudando sua agitada esposa a levantar-se. Um jovem garoto de mais ou menos oito anos estava em pé, a algumas jardas de distância deles, um misto de confusão e preocupação cruzando sua expressão.

— Nós estamos bem — Mr. Thornton assegurou-lhe com um sorriso vacilante, esforçando-se para parecer normal ao remover o cabelo molhado da testa, sentindo o calor subir à face.

Margaret alisou as saias e checkou

a condição de seu cabelo, sua face rosada devido ao embaraço.

— Eu ouvi a senhora gritando – o menino começou a explicar como uma desculpa por sua intrusão. — Thomas Wheatley, senhor – anunciou. — Vim para tratar das galinhas e deixar uma cesta com quitutes em sua porta. Minha mãe as preparou hoje pela manhã – ele informou.

— Tommy, como você cresceu! Por favor, diga a sua mãe que estamos muito agradecidos – Margaret reconheceu cordialmente, deslizando uma mecha de cabelo para trás da orelha.

O garoto acenou com um sorriso.

— Parabéns pelo casamento! – o menino acrescentou com educação.

— Obrigado! – respondeu Mr.

Thornton antes de o menino virar-se para cumprir sua tarefa.

— Hum... E ser vista desta maneira... — Margaret observou com mortificação, depois que o menino tinha desaparecido atrás do galinheiro.

— Ele é somente uma criança, não irá ficar pensando nisso — seu marido a assegurou, não estando bem convicto de sua própria afirmação. — Suponho que temos que ficar contentes por não ter sido a própria Mrs. Wheatley — ele refletiu.

— Oh, John! — exclamou Margaret, a própria noção disso afligindo-a. — É sua culpa — Margaret repentinamente virou-se para acusá-lo com um sinal de sorriso.

— *Minha culpa?* — ele retorquiu

sem acreditar.

— Sim, talvez se você estivesse vestido de maneira apropriada eu não fosse tentada a dar-lhe um banho inesperado – ela explicou defensivamente, lançando a ele um olhar altivo.

— Então talvez eu deva encontrar mais ocasiões para tentá-la. Achei seu comportamento impulsivo encantador – admitiu, seus olhos cálidos de afeto.

— Encantador?

— Sim, e sedutor – ele acrescentou em uma voz grave, rodeando os braços em torno da cintura dela.

Margaret pôs as mãos em seu peito nu, começando a cair em seu feitiço.

— Você deve trocar de roupa – ela comentou, tentando quebrar a forte energia

da atração por ele.

Não estava certa se era totalmente correto sentir-se tão fortemente inclinada a tomar aquela iniciativa. Talvez não fosse apropriado que ela fosse tão facilmente seduzida. Receava que ele perdesse o interesse por ela.

— Talvez você tenha que trocar suas roupas também – sugeriu ele, em um tom provocante, erguendo as sobrancelhas para elucidar suas intenções.

— E quanto ao Thomas? – ela esquivou-se, pensando que seria educado dizer adeus ao menino.

— Ele não foi convidado – o marido disse com um sorriso malicioso.

Margaret sorriu e o seguiu para dentro do chalé.

Era quase meio dia quando Margaret desceu e abriu a porta da frente para buscar a cesta deixada pelo garoto Wheatley. Ela ficou surpresa ao encontrar um pacote dos correios junto à cesta, nos degraus da frente.

Ela trouxe os itens para dentro e mencionou a chegada do pacote em voz alta para o marido, quando este se juntou a ela na sala.

John ergueu as sobrancelhas fingindo estar surpreso e sugeriu que ela abrisse o pacote para ver o conteúdo, um traço de sorriso começando a dançar em seus lábios.

Margaret obedientemente atendeu e descobriu no interior os materiais necessários para desenhar, incluindo

papel, tubos de tinta, muitos pincéis e uma paleta de pintor. Ela olhou confusa para o esposo, que estava agora sorrindo amplamente.

— Você encomendou isto? – ela perguntou, admirada.

— Mencionaram que você gostava de desenhar quando vivia aqui. Pensei que você pudesse gostar de voltar a fazer isso – explicou atenciosamente. — Mandei pedir os materiais assim que pude, e estou feliz por terem chegado antes que fosse tarde demais.

— Não sou talentosíssima, mas eu gosto de brincar. Obrigada por pensar em mim – acrescentou, levantando-se para dar-lhe um caloroso sorriso de apreciação e um afetuoso beijo.

— Eu irei procurar todos os meios para agradá-la, se você me recompensar desta maneira — respondeu John ao segurá-la pelo quadril e inclinar-se para beijá-la uma segunda vez.

Logo os recém-casados foram para frente da casa, e Mr. Thornton arrumou uma cadeira para a esposa, na qual ela pudesse desenhar o chalé, e colocou-a sob a sombra do largo carvalho.

John sentou-se confortavelmente na grama, a pouca distância, com um livro.

Eles calmamente se dedicaram aos seus próprios interesses por um longo tempo, até que Margaret olhou para vê-lo deitado de barriga para cima com os

olhos fechados, e o livro aberto em cima do peito.

— Você parece bem confortável deitado aí, Mr. Thornton — ela observou em voz alta.

— Você é bem-vinda para deitar-se aqui comigo quando quiser — ele respondeu sugestivamente, com um sorriso arteiro, nem se preocupando em abrir os olhos.

Margaret agarrou um tubo de tinta fechado e jogou nele com travessa determinação.

John abriu os olhos quando o objeto o acertou, e sorriu largamente, rindo para si mesmo.

Pôs-se de pé e caminhou até ela para observar seu progresso, curioso para

ver seu talento.

— É um retrato decente — ele comentou sobre o trabalho de Margaret até ali. — Tem escolhido bem as cores — acrescentou, admirado.

— Obrigada — ela respondeu apreciativa, e estendeu a mão para segurar a dele.

Eles almoçaram um pouco depois, na cozinha, e então se aventuraram a sair para explorar os campos ondulados atrás da casa. Ela colheu algumas violetas e ranúnculos ao longo do caminho, e os guiou passando por um rebanho de ovelhas de pastoreio, em direção a uma fazenda vizinha.

Mr. Thornton ajudou-a a subir sobre o baixo muro de pedras quando se

dirigiam a um balanço suspenso no resistente galho de um alto carvalho. Margaret sentou-se no assento de madeira e ele parecia contente em empurrá-la. Ela contou que, na infância, costumava frequentar aquele local, ocasião em que ela acompanhara o pai em uma de suas visitas paroquiais.

Depois de algum tempo, um *beagle* de orelhas caídas do fazendeiro veio saltando em direção a eles, latindo sua advertência contra a intrusão. Mr. Thornton agachou-se e estendeu o braço para acalmar o cão, e foi parcialmente bem-sucedido.

Margaret se deliciava em ver o marido brincar com o cachorro enquanto ele se agachava em uma divertida ameaça,

então corria com um salto, olhando para trás para ver se o cão o alcançava, perseguindo seus calcanhares.

Finalmente, os dois sentaram em exausto, quando Mr. Thornton acariciava o cão com afeto.

No momento que, finalmente, partiram, o *beagle* os seguiu por um tempo através dos campos, até que o distante assovio do dono o chamou de volta para casa.

Quando, enfim, eles retornaram para o chalé, Margaret continuou seu desenho e Mr. Thornton leu até que a luz do dia extinguisse no crepúsculo. O ar cálido da noite chamava-os para a quietude do confinamento, quando eles se levantaram. Permaneceram em pé na trilha

do jardim olhando as estrelas. Margaret apontava as constelações que Fred havia mostrado para ela muito tempo atrás, e Mr. Thornton recontava fatos sobre corpos celestes que ele havia estudado. Ele comentava sobre a claridade do céu noturno, lamentando a vista limitada do fumacento céu de Milton.

Depois de algum tempo, John rodeou-a com seus braços e trouxe-a mais para perto dele.

— Eu me lembro da última vez que ficamos aqui, juntos, sob essas estrelas – ele murmurou.

— Sim... parece que foi há anos – ela respondeu um pouco tímida, relembrando a paixão que lhes havia tomado na noite antes do casamento.

— Não tanto tempo assim – ele respondeu com sua voz rouca.

— Mas aconteceram tantas coisas desde então – ela falou de maneira hesitante.

— Sim, é verdade – ele assentiu quando uma onda de encantada alegria lhe perpassava, ao lembrar-se dos seus primeiros dias juntos.

— Margaret... você está feliz? – ele perguntou com um indício de preocupação, perguntando-se, de repente, se suas demandas eram demasiadas para ela, pensando que a timidez pudesse indicar uma discreta relutância.

— Sim, estou – ela respondeu imediatamente, de certa forma surpresa por aquela pergunta. — Tenho lhe dado a

impressão de que não estou? – ela questionou de maneira perplexa, ao analisar a face do marido.

— Não... não – ele respondeu gentilmente. John abriu a boca para dizer algo, mas achou que não poderia expressar-se de maneira muito clara.

— Estou realmente feliz, John – ela assegurou-lhe e pressionou seu rosto contra seu peito. Ele a abraçou apertado.

John suspirou profundamente em seu êxtase ao senti-la se entregar em seus braços, e deslizou as mãos ao longo de suas costas para trazê-la ainda para mais perto dele. Seu rosto enterrado nos cabelos dela.

Depois de alguns minutos de quietude, John moveu-se para soltar o

abraço e olhar nos olhos de Margaret. Ele encontrou a resposta que buscava em sua expressão e beijou-a, ternamente, como se fosse a primeira vez que seus lábios tivessem se encontrado.

Margaret estava espantada pela forte comoção de sensações que o suave beijo do marido evocava no seu íntimo; ela ansiava que ele intensificasse seus carinhos.

Em vez disso, John separou-se dela e perguntou:

— Devo acender o fogo na sala... ou você quer se retirar mais cedo?

John deu-lhe a oportunidade da escolha, embora seu corpo latejasse de desejo.

— Talvez devamos nos retirar... —

ela respondeu, timidamente, sentindo sua face corar pela implicação de sua escolha, incapaz de encontrar seu olhar.

Ele deixou escapar um baixo suspiro de alívio e gemeu, abraçando-a e beijando-a. Não pôde suprimir a curva ascendente de seus lábios ao caminharem de volta pela trilha até o chalé.

Mr. Thornton foi até a sala para extinguir a vela e subiu para o quarto, onde Margaret já estava. Eles se despiram um ao outro, encantados, mas em silêncio. Apenas seus olhos falavam, intercalados com suaves gemidos quando seus dedos, propositalmente, tocavam partes do corpo sensíveis ao toque. Naqueles momentos, Margaret levava a boca ao local que tinha descoberto seu poder, e tirava dos lábios

dele gemidos que intensificavam sua ardência por ele. Ela tinha sido uma aluna aplicada. Repetia com ele aquilo que ele fizera com ela.

Mr. Thornton, cheio de desejo, sentou-se no banco da penteadeira, onde tantas vezes observara Margaret, em sua camisola sem mangas, cuidadosamente tirando os grampos do cabelo, permitindo que seus longos cachos caíssem pelas costas e ombros, e os soltou ele mesmo. Nessas ocasiões, ele lembrou-se que Margaret escovava-os por alguns minutos, depois pousava a escova sobre o móvel, e ia para a cama. Ela escorregava seus pés para debaixo da coberta e deitava-se ao lado dele, erguendo o olhar com recato para encontrar o dele. Mas naquele

instante, com ela nua em seu colo, ele parou de respirar ao reconhecer o anseio revelado naqueles olhos luminosos. *Ela também o queria tanto quanto ele.* John sentiu uma torrente de ansiosa afeição, e o seu desejo cresceu ao imaginar que toda aquela beleza o queria dentro dela. Ele penetrou-a profundamente. Margaret gemeu e se agarrou a ele com suas pernas presas à cintura do marido.

Ele estendeu a mão para tomar a face de Margaret e a beijou-a com paixão. Desta vez, ele permitiu seu ardor aumentar e moveu-se dentro dela. Com suas mãos livres ele tocava seus seios, entrelaçava seus dedos em seus cabelos e dizia em seus ouvidos o quanto a queria e a amava.

John intentava amá-la como ele havia há muito imaginado – com dolorosa paixão e ternura – para que ela soubesse que era o amor que impelia cada um de seus gestos e enchia seu coração com a alegria de sua união.

Mr. Thornton observava sua esposa deitada, dormindo ao seu lado, com as mãos unidas abaixo das bochechas como se ela fosse uma garotinha em seu sono inocente. Ele se maravilhava pelo privilégio de observá-la daquela maneira, e sentiu o irresistível senso de contentamento que vinha depois de tê-la amado.

Margaret gritara seu nome daquela vez quando se aferrara a ele – uma declaração nascida da paixão e do amor – e ele sentira todo seu ser estremecer ante a noção de sua necessidade dele. Sentiu todos os fragmentos destroçados de sua alma chegando a um alinhamento. A pressão e a amargura do passado tinham sido obliteradas pelo amor de uma mulher extraordinária, a quem a Providência enviara para cruzar seu caminho. Estendeu a mão para tocar a face dela ternamente, como para se assegurar de que ela não era um sonho – para sentir a prova tangível de sua existência. Estivera sozinho por tanto tempo e nunca mais desejava estar só novamente.

Sentia-se mais feliz do que podia

ter imaginado ser possível. Sua vida estava completa, e, ainda assim, o futuro ainda estava à sua frente, prometendo indizível alegria.

CAPÍTULO XIII

Margaret pôs um bule e uma panela de água para ferver no fogão de chumbo, e foi até a porta da frente para buscar uma cesta de guloseimas, deixada nos degraus da frente. Sorriu ao pensar como os aldeões os tinham mimado. Estava determinada a descobrir, com Mrs. Purkins, a identidade de todos eles para enviá-los uma mensagem de agradecimento, assim que chegasse a Milton.

Arrumou a mesa para dois e voltou à cozinha para buscar o chá; começou a preparar a linguiça, ao mesmo tempo em que cantarolava uma melodia.

A jovem tocou as faces com as costas da mão, impressionada pelo suave calor que ainda sentia em seu rosto, e a calorosa sensação que permanecia por todo seu corpo. Estava ficando absolutamente acostumada com os prazeres da vida de casada, mas ainda estava perplexa pelo poder de sua apaixonada união. Perguntava-se quantas oportunidades teriam de se amar daquela forma, uma vez que estivessem de volta a Milton. As coisas provavelmente seriam muito diferentes quando John fosse forçado a dedicar seu tempo e energia à fábrica.

Mr. Thornton silenciosamente se encostou ao batente da porta com os braços cruzados, à medida que capturava

a imagem da esposa em sua atividade. Sentiu um revigorante ardor de tê-la amado de maneira tão satisfatória. Tinha desfrutado o ócio de permanecer na cama, enquanto ela apressadamente se vestiu para ir até a cozinha, e sorriu pela lembrança da timidez dela, ao deslizar-se nua para fora das cobertas.

Naquele instante ela vestia uma simples saia azul de cor clara e uma blusa branca. Ele sabia que suas curvas tão adoráveis estavam protegidas pelo mais simples confinamento, pois tinha percebido que ela evitava usar o espartilho nos dias em que permaneceram em Helstone.

Certamente ele sentiria falta da casual intimidade de sua vida naquele

lugar. Eles eram livres para fazer o que lhes satisfizessem, sem ninguém para observá-los. Ele estava relutante em voltar para a cidade e retomar sua vida de rotinas e fastidiosa labuta sob o olhar vigilante de sua mãe, dos criados e da sociedade em geral.

— Acho que eu gostaria de ser um simples fazendeiro – anunciou ao cruzar a cozinha para abraçá-la pelas costas e pressionar seu rosto contra o dela, deliciando-se pelo simples prazer de tê-la em seus braços.

Margaret sorriu ao pensar nele em tal papel, ao passo que desfrutava o reconfortante prazer de ser abraçada e acariciada.

— Você se sairia bem em qualquer

profissão que escolhesse, e eu ficaria orgulhosa por ser sua esposa – ela respondeu, honestamente. — Mas, você é um importante homem da indústria e pertence à cidade – afirmou, gentilmente, reconhecendo sua relutância em deixar o campo. — Acredito que você se cansaria da vida simples de um fazendeiro. Além disso, uma mente como a sua é muito brilhante para ser desperdiçada nos campos da Inglaterra. Você é bem mais preparado para dedicar-se aos desafios enfrentados pela indústria e impulsionar nossa nação em direção a um grande futuro — Margaret observou com leve candor, ao mesmo tempo em que remexia a panela. — Não me surpreenderia que você se encontrasse trabalhando

estritamente com o Parlamento, algum dia.

Mr. Thornton ficou perplexo ante a cândida avaliação de suas habilidades.

— Margaret, você esta me superestimando, eu temo — ele respondeu, modestamente duvidando de seu fervoroso elogio. — Existem grandes problemas concernentes ao crescimento da indústria que serão muito difíceis de superar — ele advertiu. — Ainda assim há promessa também. Receio que eu não tenha todas as respostas para conduzir o campo, muito menos minha própria fábrica para o sucesso absoluto — respondeu com humildade.

— Estou certa de que ninguém tem, mas creio que você está apto para

descobri-las mais prontamente que qualquer outro. Você tem a sabedoria e prudência para fazer bons julgamentos, John. Eu tenho visto isto. Tenho confiança em todas as suas habilidades — ela declarou com sólida convicção. — Fazendeiro, decerto! — ela acrescentou para enfatizar quão dispendioso seria ter aquela mente, habilidosamente mercantil, cultivando o solo.

Mr. Thornton ficou abismado ao considerar o generoso elogio que a esposa lhe prestou, seu inteligente discernimento, e sua esperança pelo progresso. Verdadeiramente, com Margaret ao seu lado, ele sentia que poderia enfrentar qualquer desafio. Entretanto, ainda sentia uma pontinha de culpa por estar levando-a

para longe da idílica zona rural de sua juventude, para o melancólico e incessante tumulto de Milton.

— É tão pacífico e tranquilo aqui. O céu é claro e luminoso, e tudo é tão verde – ele comentou afetuosamente sobre a região que Margaret tinha por tanto tempo considerado seu lar. — Posso ver agora porque você ama tanto o Sul.

— É lindíssimo – assentiu Margaret. — Eu tinha me esquecido quão verde realmente era – ela acrescentou, revolvendo novamente a língua na frigideira.

— Não posso evitar pensar que estou removendo-a do lugar de onde você pertence – ele confessou com pesar.

Margaret girou o corpo para

encará-lo.

— Eu pertenço a você! — ela afirmou firmemente, forçando-o a encontrar seu olhar para que pudesse discernir sua sinceridade. — Não desejo estar em nenhum outro lugar — ela declarou, tomando sua mão e entrelaçando com a dela.

John fitou-a com admiração, comovido pela devoção.

— Esqueceu-se da mensagem que mandei através do Nicholas? — ela perguntou propositalmente, querendo que ele soubesse que suas palavras não eram meramente um artifício para confortá-lo.

— Nunca me esquecerei delas — John respondeu, sua voz grave com reverente emoção ante a memória da

mensagem codificada. Sua vida inteira tinha mudado naquele instante – quando descobriu que não amava em vão.

— Meu coração pertence a você, John. Era isso que minha mensagem pretendia comunicar. Certamente você entendeu. Meu coração pertence a Milton porque você está lá – ela explicou, analisando seu semblante para assegurar que ele compreendesse.

— Margaret – John pôde somente sussurrar, aturdido por suas ardentes declarações.

Margaret voltou-se para o fogão, o chiado da carne recordando-a.

— Mesmo se nos mudarmos de Milton algum dia – ela confessou, de costas para o marido – acredito que

sempre terei um espaço especial no meu coração para aquela cidade. Aprendi muito lá; e foi onde nós nos conhecemos.

Recuperando-se novamente da emoção, Mr. Thornton virou-a para encará-lo.

— Eu só quero que você seja feliz, meu amor — ele declarou, seus olhos azuis penetrantes.

— Estou ansiosa para ir para casa — Margaret disse-lhe com um doce sorriso. — Desejo começar minha nova vida como Mrs. John Thornton de Marlborough Mills — acrescentou ela, orgulhosa, apesar de sentir uma fígada de ansiedade ante o pensamento de provar-se digna do título. Uma das coisas que ela tinha aprendido era que o caráter do

marido tinha se provado mais honesto e compassivo que o seu. — Pretendo tratá-lo muito bem, você verá — ela prometeu com uma piscadela. Na realidade ela desejava reparar toda a dor que suas palavras tolas e atitudes, outrora, haviam lhe causado.

Ele não disse nada, mas levou os lábios até os dela para mostrar sua grata afeição.

Quando John finalmente a deixou, Margaret removeu seu olhar amoroso dos olhos dele, e o entregou um garfo com o cabo largo.

— Você pode fazer as torradas enquanto eu faço o ovo mexido? — ela solicitou-lhe com um sorriso gentil. Margaret sabia que ele não se importaria

de cumprir aquela simples tarefa.

Eles passaram o último dia em Helstone no seu lugar favorito – na clareira ao lado do riacho, onde tinham ido no dia do casamento. Desejando retomar toda a alegria da última semana, em um único dia, eles fizeram um piquenique e permaneceram lá bastante tempo. Leram um para o outro um pouco de Tennyson, [\[18\]](#) e o som da suave correnteza conferia um ar de poética tranquilidade às suas vozes.

Margaret inspirou profundamente e fechou os olhos à medida que ouvia seu amado falar. Somado ao som, o doce

aroma das gramíneas e as flores da campina enchiam-na com indelével prazer. Sempre se lembraria daquele dia.

Quando foi a vez de Margaret ler, Mr. Thornton foi rápido em tomar a posição a qual tinha ficado acostumado quando liam um para o outro. Margaret se divertiu ao ver sua ansiedade em deitar sua cabeça em seu colo, e sentia um ardor de aprazível contentamento em, amoravelmente, traçar os contornos do seu rosto e acariciar os cabelos do marido.

Enfim, Margaret gentilmente o retirou do colo para que eles pudessem se alimentar. Trouxe a cesta para perto de onde John estava sentado e começou a dispor o que havia provido.

— Não há nenhum lugar em Milton onde nós possamos nos recolher para um pequeno piquenique? – ela perguntou, questionando-se como poderiam continuar alguns dos simples prazeres que se tornaram parte de sua rotina.

— Não, a não ser que queira comer no parque, perto do cemitério. Receio que não seja muito retirado – respondeu John, duvidando que eles pudessem encontrar algo similar em privacidade e beleza em Milton.

— Terei que pensar em algo – ela murmurou para si mesma, quando dispunha fatias de pão e um pouco de queijo em um guardanapo.

— Você vai, sozinha, mudar meus bem-estabelecidos hábitos reclusos? – ele

provocou-a, observando divertidamente um sorriso se formar nos lábios da esposa.

— Será meu dever como sua esposa garantir que você coma de maneira apropriada e encontre um tempo para desfrutar da vida — ela o informou com autoridade, à medida que retirava maçãs da cesta e as servia.

— Eu consigo pensar em maneiras bastante satisfatórias para passar meu tempo ocioso — John respondeu em um tom sensual, incapaz de impedir que a comissura dos lábios se curvasse para cima, ao passo que esperava pela reação da esposa.

Margaret enrubesceu por tal insinuação de preferência, e foi incapaz

de encontrar seu olhar enquanto se ocupava em redobrar o guardanapo que tinha nas mãos.

— Eu me referia a achar tempo para ler ou conversar, ou até mesmo dar uma curta caminhada — ela clarificou, timidamente. — Entretanto, não tenho inconvenientes em me dedicar a qualquer diversão que você possa sugerir — ela acrescentou, com certo atrevimento, apesar de sua pulsação acelerar e a voz baixar ao admitir, abertamente, sua disposição em entregar-se a ele.

A timidez da esposa com relação ao seu relacionamento íntimo o encantava. John sentiu um pouco de remorso por tê-la provocado com sua sugestão pouco sutil, mas não conseguia se arrepender de tê-lo

feito quando ela reagia de maneira tão sedutora.

John se moveu para sentar-se ao seu lado e ergueu seu queixo para olhar seus olhos cheios de sentimentos.

— Dificilmente eu poderia subjugá-la, impondo-lhe uma diversão. Você é meu mundo inteiro – ele declarou, sem deixar dúvida da veracidade de sua confissão. Pois, verdadeiramente, tudo que ele lograsse ou lutasse para alcançar, de agora em diante, seria para ela e por ela.

Suas palavras a envolveram como uma onda poderosa. Quando a magnitude e a profundidade do amor dele inundaram-na, Margaret lutou para compreender como poderia merecer o privilégio de ser

apreciada por aquele homem.

Ele se inclinou para beijá-la, tomando seu rosto em suas mãos e, gentilmente, trazendo-a para ele. Quando seus lábios se roçaram, um agudo ímpeto perpassou o corpo de Mr. Thornton, e ele assediou os lábios de Margaret tomando-os com paixão. Ela abriu a boca para ele, e John, famintamente, buscou sua língua. A língua dela tocou a dele com ansiosa resposta, e um calor abrasador correu por suas veias e acendeu seu desejo.

O impulso de tomá-la ali mesmo, ao céu aberto, ficou mais forte quando seus beijos ficaram mais fervorosos, uma urgência que nenhum deles desejava controlar. Margaret estendeu os braços e se agarrou a ele, sua pequena mão

apertando-lhe o pescoço, enquanto submergia seus dedos naquela massa de negros cabelos.

John gemeu no ansioso desejo de se unir completamente a ela. Margaret era sua esposa; era seu direito. Mas ele não podia submetê-la ao risco de serem descobertos. Ele devia esperar. Haveria tempo, mais tarde.

Contra todos os impulsos do seu corpo, John se apartou dela. Sua respiração irregular, por causa da paixão que ansiava por fundir-se a ela. *Será que ela, em sua inocência, percebia o poder que exercia sobre ele?*, John olhou-a profundamente e desesperou-se por fazê-la entender o que ela significava para ele — como precisava dela, quão

incessantemente ansiava unir-se a ela para que pudesse se sentir completo.

— Eu te amo — John conseguiu dizer, sua voz vacilando de emoção. Quão exíguas as palavras pareciam em sua tentativa de expressar tudo que ele sentia por ela. *Precisaria de toda uma vida, pensou, para fazê-la entender.*

Quando ele se afastou, Margaret sentiu-se desolada. Estava ardendo de desejo; quão facilmente ela se entregava a ele, incendiava-se com seu toque, desesperadamente querendo sentir seu domínio sobre ela. Quão incrível lhe parecia que se sentisse daquela maneira quando, anteriormente, sentira-se intimidada diante da ideia de ser dominada por qualquer homem; sua

independência sempre gritando seu justo direito à existência.

Àquela altura, ela não via perigo em perder sua identidade, e ansiava por submeter-se integralmente a ele. Queria ser subjugada por ele. Sentia um poderoso senso de segurança sob seu cuidado – ela nunca se sentiu tão segura como quando estava em seus braços. Experimentava algo celestial quando ele a beijava – como se estivesse suspensa dos laços da terra – quando se apegavam um ao outro, e ansiava por mais momentos transcendentais de prazerosa união – quando eles não eram mais duas entidades separadas, mas se moviam e respiravam como um só corpo. Margaret se perguntava se John sentia algo similar.

— John, eu não sabia que podia amar alguém como amo você — ela se esforçou para explicar. — Não tenho palavras para dizer-lhe como me sinto — ela admitiu.

O coração de John encheu-se com a extraordinária alegria por ser amado por ela, beijou-a demoradamente em resposta àquela confissão.

Quando os lábios dele a deixaram, seus olhos comunicaram sua adoração e surpresa por alguns minutos, antes de Margaret baixar a cabeça sob a intensidade de seu olhar.

— Nós devemos comer — ela o lembrou, esforçando-se para fazê-los retomar o gozo de seus arredores.

Quando tinham finalizado sua

refeição, os recém-casados passearam de mãos dadas até a nascente, observando a água corrente ondular sobre sua rasa cama de pedras. Mr. Thornton guiou-a para um lugar onde uma rocha interrompia a trilha da nascente, e, habilmente, cruzou para o outro lado. Segurando suas mãos, ao mesmo tempo em que ela pisava na ilha de pedras, John a ajudou a cruzar o riacho em sua direção.

Caminharam através do bosque à procura de jacintos. Apesar de não terem obtido sucesso na aventura, Margaret se deleitou na visão das primulas amarelas e das samambaias, facilmente recordando-se dos dias de sua infância quando ela explorava o solo da floresta.

Ao retornarem à clareira,

Margaret tomou novamente seu desenho, querendo levar para Milton uma pintura do lugar que tinha se tornado ainda mais especial para ela. John sentou-se perto dela com o livro *A Casa dos Sete Sótãos*[\[19\]](#) e saboreou o luxo de ler em um lugar tão lindo, sabendo muito bem que os próximos dias não permitiriam tal deleite.

Pouco depois o som de vozes quebrou o silêncio, ficando cada vez mais nítida, à medida que três crianças aproximavam-se, vindas da trilha atrás dos arbustos de espinheiro.

— Olá — Margaret cordialmente os saudou, a visão trazendo-lhe à mente as maravilhosas memórias de seus próprios despreocupados dias de criança.

— Olá, nós viemos para brincar aqui, se pudermos – anunciou uma garota. — Eu sou a Rachel, e este é meu irmão, Edward – ela disse, gesticulando em direção a um garoto um pouco mais velho que ela.

— Meu nome é Lydia – saltou a menorzinha, uma linda garotinha com rebeldes cachos dourados que pairavam e saltavam a cada movimento. — O que estão fazendo? – ela perguntou, curiosa quando notou o desenho que Margaret tinha começado.

— Eu sou Mrs. Thornton e aquele é meu esposo, John – ela começou a falar de maneira apropriada com um sorriso brilhante. Seu marido afetuosamente observava o desenrolar do encontro. —

Estou fazendo um desenho desse lugar para que eu não o esqueça quando retornar à minha casa – ela respondeu, gentilmente.

— Oh! É muito bonito – Lydia disse. — Bem, nós vamos brincar no riacho. Adeus! – ela gritou à medida que já saltava com seus irmãos em direção a água.

— Você leva muito jeito com crianças, Mrs. Thornton – John comentou com admiração. Ele ficou muito satisfeito em ouvir a esposa apresentar-se as crianças com seu nome de casada.

— Eu sempre fui encantada por crianças. Elas são honestas e absolutamente perceptivas.

O casal voltou à atenção para as

crianças que estavam espalhando meias e sapatos para se reunirem junto à nascente.

Margaret alegremente retornou ao seu desenho com planos de adicionar novos objetos ao seu trabalho.

Mr. Thornton estava intrigado pelos movimentos das crianças e, finalmente, foi observá-los de perto, na tentativa deles de fazer flutuar alguns galhos. Ele cruzou o riacho para fazer uma busca através da floresta, entregando a Lydia um pedaço de casca de árvore para que ela usasse como barco, pois iria superar os melhores achados dos irmãos.

Margaret observou divertidamente o esposo tirar os sapatos e as meias, quando Edward anunciou, animadamente, a descoberta de uma salamandra. Mr.

Thornton estava curioso para o ver o espécime, e ajudou as crianças a procurá-las, se agachando no riacho raso e erguendo as pedras com Lydia para encontrar algumas mais.

Enfim, cansados de sua caça, Rachel anunciou um jogo de pega-pega, ao qual o irmão concordou prontamente. Lydia logo se deparou com a desvantagem de suas pernas curtas e gritou muito frustrada.

— Não é justo, vocês são muito rápidos para mim — ela protestou.

— Venha, eu te ajudarei a pegá-los! — encorajou-a Mr. Thornton, agachando-se para que ela pudesse subir em suas costas. Lydia gritou de alegria por ter rapidamente surpreendido os

irmãos nas costas de seu leal *corcel*.

O coração de Margaret se exaltou ao ver o marido correndo e brincando com eles. *Seria um grande crime se aquele homem não fosse pai*, ela observou. Uma cálida sensação surgiu de seu peito e enrubesceu sua face, ao pensar em carregar seus filhos.

Quando ele já tinha tido o suficiente de brincadeira, Mr. Thornton abdicou de seu divertido papel e sentou-se, com esgotado alívio, perto de sua esposa.

Margaret sorriu para ele.

— Parece que você também é muito bom com crianças – ela comentou.

John sorriu ao ouvir sua observação.

— Acredito que parte de mim ainda deseja ser uma criança — ele admitiu.

— Eu acredito que todos nós devemos ter algo do coração de uma criança aqui dentro — ela sugeriu com sinceridade. — Estou segura de que isso faria do mundo um lugar melhor — acrescentou, ao olhar para as crianças que retornavam para o riacho.

Todos eles deixaram a clareira juntos no meio da tarde e caminharam pela alameda em direção à vila. Quando chegaram ao chalé, as crianças gritaram adeus e acenaram vigorosamente, à medida que os recém-casados viravam para entrar pela trilha até o jardim.

— São crianças adoráveis —

Margaret observou, quando se aproximavam da porta. Mr. Thornton abriu-a e permitiu a esposa entrar antes dele, em silêncio. Ele largou as coisas que tinha carregado, ao passo que a esposa continuava a conversar sobre seu passeio.

— Lydia era tão encantadora. Ela estava tendo um grande momento cavalgando em suas costas. Eu queria que sua mãe pudesse tê-lo visto. Você era uma visão digna! — ela começou a dizer, mas foi prontamente silenciada quando John a tomava em seus braços e a beijava profundamente.

Ele ansiara beijá-la por algum tempo, e não podia esperar mais. Seu encontro com as crianças tinha somente

feito com que a amasse mais. Os gloriosos sorrisos que ela lhes dera e suas gargalhadas estrepitosas haviam enchido seu coração com uma explosão de alegria por ter tal mulher como sua esposa.

Margaret retornou seus beijos com igual ardor, o poderoso anseio de experimentar tudo que ele podia oferecer-lhe tomando conta de si mais uma vez.

Seus beijos eram firmes, e ela se derreteu sobre ele como se estivesse consumida por sua ardente paixão. Eles se moviam simultaneamente, um contra o outro, tentando se encaixar tão firmemente quanto as barreiras das roupas podiam permitir, ambos inflamados com uma necessidade urgente.

John removeu sua boca da boca

dela.

— Margaret, eu preciso de você — ele ofegou com a testa repousando sobre a dela.

— Por favor — ela implorou debilmente, incapaz de dizer mais, sua própria necessidade dolorosa em sua intensidade.

Seus olhos fulguraram quando reconheceu o desejo de Margaret. Recolhendo-a em seus braços, ele correu para as escadas.

Permaneceram na cama por muito tempo, confortavelmente deitados nos braços um do outro, com as pernas

enredadas, ao passo que falavam sobre sua semana, rindo, e lembrando-se do comentário tolo de Fanny sobre não encontrarem nada para fazer em Helstone. Quando a conversa perdeu-se no silêncio, suas mãos começaram a se acariciarem com uma ternura que expressava tudo que eles sentiam; as palavras não eram mais necessárias, os suaves gemidos preenchiavam a lacuna e entorpeciam suas mentes, de forma que as carícias se tornaram cada vez mais ousadas. Entregaram-se a satisfação, murmurando guturalmente o nome um do outro. Quando o sol do entardecer se punha nos distantes montes sulistas, os amantes, lânguidos e exaustos, descansavam em braços apaixonados.

Sabendo que o dia estava desvanecendo, Margaret rogou ao marido para que pudessem caminhar até Helstone para se despedirem do vilarejo. Desejava vê-lo uma última vez.

— Podíamos cear na pousada — ela o provocou e o adulou por sua relutância em sair da cama; beijou-o levemente, primeiro no nariz, e então na testa, onde ela tão frequentemente via um cenho franzido.

Impossibilitado de recusar ao doce pedido, ele cedeu. Passearam pela alameda, desfrutando da vista e das folhagens em torno deles. Rodearam o presbitério, e Margaret mostrou ao esposo que as rosas amarelas floresceriam em breve, e apontou para a janela da casa que

tinha sido seu quarto.

Contornaram a igreja e se detiveram perto do arco da entrada, para se beijar secretamente em recordação ao seu casamento.

Mrs. Purkins ficou encantada em vê-los na pousada, levou-os a um assento privado, onde lhes foi servido uma ceia composta de carneiro assado e vegetais cozidos. Para a sobremesa, ela serviu bolo de geleia de morango, decorado com fatias de amêndoa.

O sol já havia se posto há muito, quando eles saíram da pousada, mas nas fileiras de cercas vivas, nos picos das árvores e em algumas sebes dos jardins, ainda se via alguns vislumbres da luz dourada, como se na despedida deles de

Helstone, através daqueles olhos apaixonados que viam tudo colorido, até a pueril ousadia de supor que mesmo o sol tivesse postergado a sua descida final por causa deles, era possível crer. Contudo, ilusão ou não, a charneca estava banhada por uma luz brilhante; os tojos florescidos e as distantes urzes estavam iridescentes, com matizes amarelo e alaranjado que pareciam infundir na terra com uma aura celestial.

Quando chegaram ao chalé, o céu estava escuro e a lua já era visível. Mr. Thornton deteve a esposa na trilha do jardim.

— Obrigado por ter nos trazido aqui, meu amor — disse com terna afeição, segurando a mão dela entre as suas. — Eu

desfrutei cada momento do nosso tempo aqui – ele acrescentou, a respeito do tranquilo cricrilar dos insetos.

— Eu achei que você desfrutaria – ela observou com um doce sorriso. — Tem sido uma semana gloriosa, não tem?

— Tem sim – ele assentiu, seu olhar tornando-se cálido. John deu-lhe um beijo demorado antes de continuarem o trajeto.

Na sua última noite no chalé, eles relaxaram na sala, aproveitando o tempo tranquilo que tinham para si mesmos. Quando John se levantou para colocar mais uma acha no fogo, Margaret também se ergueu para trazer-lhes o chá. Como ela demorasse, ele foi procurá-la na cozinha. Uma vela na mesa afugentava a escuridão

e a transformava em sombras; a chaleira estava fervendo, mas a cozinha estava vazia. A porta dos fundos aberta o levou para o fresco ar da noite.

— Margaret! — ele chamou, gentilmente, esperando a rápida resposta à medida que seus olhos exploravam a escuridão, à procura de sua silhueta.

Uma fisgada de angustiado temor, involuntariamente, se formou dentro dele, quando não recebeu nenhuma resposta. Caminhou apressadamente aos fundos da casa, além do abrigo das árvores para onde o céu aberto e os montes ondulantes começavam.

— Margaret! — ele chamou novamente, mais alto.

— Estou aqui — ela gritou em

resposta, e o som de sua voz espalhou uma onda de alívio através do corpo de John. — Eu saí para ver as estrelas — ela acrescentou e ele foi ao seu encontro.

Ele envolveu-a em seus braços e os dois olharam para o esplendor do céu. A vista era magnífica; o cheiro do gramado e o doce aroma do tojo permeavam o ar, ao passo que o céu noturno brilhava.

— Você sentirá falta desse lugar — murmurou ele em seu ouvido, olhando o perfil maravilhado de Margaret ao contemplar o céu.

— Sim, não posso evitar — ela admitiu. — Sentirei falta do espaço aberto e da tranquila paz da natureza — ela refletiu. — Do que você sentirá mais

saudades? – perguntou ela, curiosa.

Mr. Thornton inspirou profundamente ao pensar sobre isso.

— Passei a gostar muito do som dos grilos à noite – explicou. — As estrelas são incríveis vistas daqui, e sentirei falta das cores vibrantes de tudo. E sentirei saudades da liberdade de poder beijá-la na sala quando eu desejar – finalizou, beijando-lhe o pescoço.

— John! – ela protestou zombeteiramente, apertando-lhe o braço.

— Talvez nós possamos voltar aqui no ano que vem – disse ele, sabendo o quanto aquilo significaria para ela.

— Você acha mesmo, John? – ela perguntou, virando-se para encará-lo em sua excitação ante aquela possibilidade.

John sorriu amplamente.

— Por que não? Se estivermos aptos a viajar, não consigo pensar numa razão para não voltarmos – ele justificou.

— Oh, John, seria maravilhoso! – ela entusiasmou-se ao envolver os braços ao redor do pescoço do marido.

— Seria mesmo – ele concordou, retribuindo o gesto afetoso com um terno beijo.

Eles retornaram para o chá e desfrutaram do calor do fogo até que as brasas alaranjadas eram apenas uma antiga lembrança do fulgor da chama. Com frio, eles buscaram o calor da cama, valendo-se do aquecimento de seus corpos. Logo uma ardente febre os consumia. Saciados, exaustos, sabendo

que uma boa noite de sono seria essencial para a longa jornada do outro dia, eles se entregaram ao sono reparador. Mas, não antes de sussurrarem o diálogo que discorreu:

— Você já compartilhou a cama alguma vez? – ela sussurrou, aconchegada a ele.

— Quando eu era garoto, às vezes, meu primo vinha nos visitar. Ele sempre conseguia me chutar enquanto eu dormia – ele acrescentou com um sorriso torto.

Margaret riu ao pensar nisso.

— Você sempre dormiu sozinha? – foi a vez dele perguntar com uma voz sonolenta.

— Logo que eu cheguei a Londres, Edith e eu dividíamos a cama. Nós

éramos desobedientes, às vezes, ficando acordadas até tarde e rindo debaixo das cobertas.

— Com que idade você se mudou para Londres? — John perguntou, curiosa, sabendo muito pouco sobre sua educação naquele lugar.

— Quando eu tinha oito anos de idade. Vivi lá por dez anos — respondeu Margaret, com um tom levemente sombrio. — Eu vinha para casa nos feriados, é claro, e passava alguns dias no verão — ela acrescentou mais vividamente.

— Você era muito jovem para deixar sua família. Deve ter sentido saudade dos seus pais, e de Helstone — ele conjecturou.

Margaret hesitou.

— Minha mãe pensou que seria uma boa oportunidade para mim.. receber educação e aprender os modos em sociedade em Londres – respondeu ela, timidamente. — Veja bem, minha mãe era de uma família muito refinada, os Beresfords. Ela era a mais bela do condado, já me disseram. Quando ela se apaixonou pelo meu pai, sua família estava convencida de que meu pai era inferior a ela. Mas eu creio que eles eram felizes – ela concluiu, enquanto John ouvia com fascinação cada detalhe que ela revelava. — Certamente recebi uma excelente educação, apesar de que minhas lições de dança e música não foram muito bem-sucedidas – ela continuou com um sorriso. — Eu vivi em Londres até que

Edith se casou, no verão antes de nos mudarmos para Milton.

— Você deve ter tido muitos pretendentes — ele comentou meio brincalhão, pois imaginava que ela devia ter atraído a atenção de muitos cavalheiros londrinos.

Ela enrubesceu.

— Oh, era Edith que era geralmente cortejada. Eu nunca fui muito boa em ficar piscando os cílios e conversando sobre amenidades — ela segredou-lhe, com um sorriso. — Eu não creio que alguém tenha me notado.

Mr. Thornton estava abismado com sua humildade, percebendo que ela nunca havia se considerado muito bonita.

— Eu não acredito que ninguém a

tenha notado. Você me deixou sem fala quando a vi pela primeira vez – ele confessou, ternamente. — Você é, e sempre será para mim a mulher mais linda e extraordinária que já vi – ele falou em uma voz suave, delicadamente passando a mão por seus cabelos.

Ela fechou os olhos; as palavras confortadoras e o toque calmante convidando-a a relaxar.

Mr. Thornton continuou seus suaves afagos, maravilhado por sua preciosa beleza, até que notou que sua respiração se aprofundara e seus lábios estavam entreabertos em sereno descanso.

Margaret acordou com um sopro delicado em seu cabelo. Ela sorriu ao sentir os beijos muito suaves em sua têmpora.

— Bom dia, Bela Adormecida – seu marido a saudou, sua voz acariciando-a tão prontamente quanto seus lábios. — Nós devemos partir desse lugar encantado para terras distantes – ele anunciou, calmamente.

— Mmm... – ela respondeu ao se espreguiçar ociosamente. — Eu alegremente acompanharei meu príncipe ao seu castelo distante – ela respondeu da mesma forma, levando seus braços à longa curva dos ombros do marido.

— Acho que preferia manter você aqui indefinidamente – John respondeu em

uma voz abafada, dando-lhe beijos no pescoço, sentindo a inebriante essência e a suavidade daquela pele. Logo foi tomado pelo desejo.

— No chalé, meu senhor? – ela retrucou, excitada, inclinando a cabeça para permitir maior acesso à extensão de seu pescoço, rapidamente sucumbindo às suas sedutoras atenções.

— Na cama – ele respondeu, ardentemente. John não estava disposto a deixar aquele lugar que tinha tanta significância para ele – pois ali foi onde suas fantasias e sonhos de amor tinham se tornado uma mágica realidade, mais magnífica do que ele havia imaginado. Ali Margaret tinha verdadeiramente se tornado sua mulher, e ele a tinha clamado

e reclamado irrevogavelmente como sua. Ele não poderia esquecer o tempo que haviam passado em excitante descoberta um do outro, e o surpreendente poder e prazer que tinham alcançado.

Margaret sorriu divertida ao ouvir sua observação.

— Me manterá cativa aqui, então? — ela provocou ousadamente, ao lançar os braços em volta do pescoço do marido.

— Sim, por um tempo — ele respondeu, trazendo sua face perto da dela. — Eu prometo tratá-la com misericórdia — ele disse com seu sensual sorriso torto.

— Não tão misericordiosamente — ela respondeu, com um lampejo atrevido em seu olhar.

Embriagado por sua resposta, ele deu a ela um excitado olhar de admiração, antes de cobrir sua boca com a dele e torná-la prisioneira de sua paixão.

Os amantes, finalmente, abandonaram o santuário do seu leito matrimonial e levantaram-se para se preparar para sua jornada rumo ao Norte.

Mr. Thornton se vestiu parcialmente e fez sua higiene matinal, a água fria pingando em sua face, lançando um leve frio sobre seu peito ainda despido.

Margaret frequentemente lançava o olhar na direção do esposo, ao começar a pôr as muitas camadas requeridas de roupa. Ela pediu sua ajuda para cingir o espartilho e abotoar as costas do vestido

de seda preto, a volta de suas roupas de luto, assinalando o iminente retorno à sociedade.

Mr. Thornton sentia muito prazer naquilo, profundamente consciente do privilégio temporariamente permitido a ele, durante a ausência de Dixon.

A realização do que o futuro prometia veio a ele fortemente – Margaret estava indo para casa com ele! Seus dias ali juntos tinham sido como uma existência em um conto de fadas. Ainda lhe parecia uma coisa inacreditável que ela fosse se tornar parte de sua vida diária em Marlborough Mills, onde o duro mundo de lutas, carência e desigualdades, constantemente reclamariam do lado de fora de suas portas.

Ele cruzou a sala para detê-la em seu progresso, e tomou as mãos da esposa nas suas.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está indo para casa comigo — ele lhe disse de maneira simples, a sensação de suas delicadas mãos nas delas acentuando o contraste entre os mundos tão diferentes dos quais vinham — a ruptura a qual poderia ser reparada pela união de suas vidas.

Margaret sorriu diante da descrença do marido, recordando como as suas cartas tinham descrito sentimentos similares.

— Eu irei para casa com você — ela assegurou-lhe com um olhar amoroso.

—

Devo, entretanto, confessar que estou um pouco nervosa. Eu raramente estive em sua casa. Receio que a única memória que tenho é a de acordar de um desmaio ao encontrar-me em sua sala – ela admitiu timidamente, evitando seu olhar.

John segurou-a em seus braços e trouxe-a para mais perto.

— Eu tenho somente boas lembranças suas em minha casa – respondeu, honestamente.

— Oh, John, eu nunca deveria ter dito a você que encarasse aquela multidão; foi insensato da minha parte! – ela deixou escapar. — Em pensar o que poderia ter lhe acontecido... – ela sentiu um tremor de medo ao contemplar quão perto ele esteve do perigo.

— E você? Margaret, você foi golpeada tentando me proteger! — ele a recordou, estremecendo ao relembrar como quase a havia perdido. — Você deveria ter ficado dentro da casa, para sua própria segurança.

— John, eu não poderia ficar ali em vão, quando eu o havia pressionado à ação — ela respondeu, seus olhos, mesmo agora, revelando o terror que apoderara dela quando avistara os homens com pedras e paus, prontos para liberar sua fúria frustrada sobre o homem que representava, aos seus olhos, todas as injustiças. Ela se dava conta agora de como seu coração a havia impelido ao seu resgate, apesar de sua mente não admitir o verdadeiro impulso de sua ação.

— Está tudo bem agora – ele a confortou, percebendo sua angústia. — Nós estamos juntos é o que importa. Eu desejo que você se sinta totalmente à vontade em sua nova casa. Você reescreverá suas memórias para estarem de acordo com as minhas? – ele implorou – pois, eu não irei apagá-las. Foi uma ocorrência guardada de nossa descoberta um do outro.

— Você realmente acha isso? – ela perguntou, seus olhos buscando a verdade nos olhos dele.

— Eu acho – ele respondeu sem arrependimento, e beijou-a suavemente.

A carruagem chegou. Os recém-casados deixaram o chalé com um misto de nostalgia e júbilo pelo começo de uma

vida em Milton. Margaret observou a vista com particular ternura, à medida que se dirigiam à estação de Southampton. Pouco tempo depois, sentados um ao lado do outro, no trem, de mãos dadas, ambos se concentraram na expectativa do futuro, ao passo que eram conduzidos lentamente em direção a Milton – para casa.

CAPÍTULO XIV

Disseram muito pouco enquanto que o trem percorria os campos ingleses embelezados pelo fulgor do verão. Com suas mãos entrelaçadas, contentes pela presença reconfortadora, apreciavam o espetáculo que a natureza apresentava além da janela. Às vezes um pequeno sorriso perpassava o semblante de Mr. Thornton, e o pensamento de que a levava consigo para casa não se distanciava de sua mente.

Quando Londres, finalmente, ficou para trás, e a porção mais longa da viagem surgiu à frente, eles romperam em tranquila conversação. Margaret

perguntou sobre a fábrica e a indústria do algodão, e Mr. Thornton explicou-a tudo que ela perguntava, sabiamente evitando qualquer descrição enfadonha que pudesse estar além de sua compreensão. Em vez disso, ele a permitiu direcionar a lição com seu curioso interesse.

Quando findou a tarde, e eles despertaram da indolente bruma de um sereno descanso, a inquietude começou a tomar conta de Margaret. Conforme se aproximavam de seu destino, ela já sentia a excitação. Sua ansiedade nascia da incerteza – iria assumir um papel completamente novo como senhora de uma casa que ainda era estranha para ela.

A jovem não estava voltando para a confortável casa em Crampton com seu

pai, mas era esperado que ela administrasse uma casa na qual os enormes quartos pareciam, a ela, austeros e frios; sua perfeita limpeza e disposição sugerindo que os ocupantes se dedicavam muito pouco à verdadeira vivência. Ela não desejava afetar o eficiente sistema que tinha certeza que Mrs. Thornton mantinha, mas sabia que inevitavelmente haveria diferenças de opiniões entre elas. Não ansiava estar sob cuidadosa observação, e esperava que sua sogra aceitasse qualquer mudança que ela fizesse. Apesar de desejar agradar a mulher que cuidou do seu amado por tanto tempo, sua primeira prioridade seria tornar a casa um lugar caloroso e acolhedor para ele.

Mr. Thornton sentiu a mudança na atitude da esposa e perguntou:

— Está nervosa?

— Não é nada — ela respondeu, esforçando-se para clarear seus sentimentos.

— Tem certeza?

— Suponho que eu esteja um pouco apreensiva por me tornar senhora daquela enorme residência. Eu não desejo perturbar a harmonia de sua casa. Estou certa de que sua mãe tem se esforçado muito para que as coisas corram de maneira tranquila — acrescentou, preocupada.

Seu marido sorriu e, delicadamente, apertou sua mão assegurando-lhe:

— É sua casa agora. Eu quero que você faça como melhor lhe convier. Estou certo de que minha mãe poderá ajudá-la com os deveres da casa, se necessário for — reassegurou. — Por favor, eu desejo que se sinta em casa. Você não irá se preocupar para me agradar — eu a proíbo — ele brandamente a tranquilizou de sua inquietude. — Eu estarei feliz desde que você esteja lá comigo — ele prometeu, olhando em seus olhos para convencê-la.

As palavras do marido ajudaram, mas não puderam apagar inteiramente o desassossego que sentia ante a noção de encontrar seu lugar na estabelecida ordem de seus domínios.

Quando a nuvem cinza das fumacentas indústrias de Milton podia ser

vista a distância, a ansiedade de Margaret se transmutou em júbilo. Ela olhava para a janela para assistir sua aproximação, encantada por estar finalmente em casa. Apesar das perdas que estavam, para sempre, ligadas a cidade, ela sentiu a empolgação de começar de novo. Um completo novo mundo prometia se abrir para ela.

Eles desembarcaram e Mr. Thornton chamou um carregador.

— Mr. Thornton, pois não — o garoto agradeceu, acenando rapidamente após receber as instruções, apressando-se para cumprir a tarefa.

Margaret tomou o braço do marido com admiração, e olhou para ele com novos olhos, vendo agora o empresário e

o magistrado de Milton que tinha o respeito da cidade. Ela inspirou profundamente, orgulhosa de ser sua esposa.

John lhe deu um cálido sorriso e a escoltou até o coche que os esperava.

Hannah Thornton olhou pela janela supervisionando o portão. Certamente eles iriam chegar antes do anoitecer. Ela tinha passado tempo demais esperando, e desejava que os eventos revelassem se suas preocupações eram justificadas ou somente medos voluntários de uma mãe que, egoistamente, agarrava-se ao passado.

Ela tinha experimentado uma mescla de emoções desde o casamento, como se várias ondas de sentimentos inesperados e opressores lhe tivessem atingido durante a semana. O casamento a afetara mais do que ela se importava em admitir.

John estivera tão triunfantemente feliz – a visão dele em seu casamento nunca a deixava. Hannah tinha derramado amargas lágrimas naquela noite, sozinha no quarto de hotel, em Londres, como se ela começasse a entender por quanto tempo e quão, calmamente, seu filho tinha sofrido pela solidão. Ela viu com assombrosa claridade quão vaidosa tinha sido por supor que sua devoção e cuidado inquebrantáveis iriam garantir sua

felicidade. Ela o amara extremamente e o fortificara em cada momento de seu advento ao sucesso, mas entendeu sua própria insuficiência em prover-lhe o suave e doce afeto que o permitiria livrar-se de seus sentimentos inquietantes. Apesar de não poder evitar sentir uma fisgada de ciúmes, ela esperava que John tivesse achado a afeição que precisava nas atenções de Margaret.

Hannah tinha ficado muito comovida ao ver a jovem brilhar com terna adoração por seu filho. Quaisquer que tenham sido as razões que a levaram a rejeitar seu pedido, meses atrás, haviam desaparecido há muito tempo. Mrs. Thornton poderia somente exultar ao pensar o quanto John merecia ser amado

de tal maneira.

A impaciente viúva deixou seu posto vigilante para aproveitar seu assento na sala de jantar e aplicar-se ao trabalho de costura. Ela esperava que tudo tivesse sido harmonioso para os recém-casados durante sua estadia em Helstone. Temia que eles tivessem se precipitado em algum desentendimento que pudesse perturbar sua pacífica coabitação. Ambos eram indivíduos muito fortes, mas Margaret precisaria aprender a respeitar a decisão do marido se ela esperava trazer-lhe qualquer felicidade duradoura.

Mrs. Thornton tivera muito tempo para considerar a razão pela qual John tinha sido atraído a uma pessoa como Margaret. Observar sua própria filha no

começo da semana tinha dado a ela muito o que contemplar, ao perceber como a jovem era diferente se comparada à maioria das mulheres de sua idade e posição social.

Seus dois dias em Londres com Fanny se provaram muito tediosos. Hannah tinha desfrutado da ópera em si, mas desdenhara dos vestidos ostentosos, dos hábitos indolentes e das posições superiores da riqueza, e isso somente reavivou seu desprezo pelo Sul.

O entusiasmo volúvel de Fanny por tudo que Londres tinha para oferecer tinha sido quase intolerável, e a tola indulgência de Watson a cada um de seus caprichos havia resultado cada vez mais incômodos. Seu comportamento insípido

contrastava surpreendentemente com as maneiras amáveis e inteligentes que ambos, John e Margaret, pareciam possuir. Nem o filho, nem a esposa se mostravam interessados em mera diversão e caprichos. Ela podia ver agora quão impensável teria sido seu filho estar unido a uma moça superficial, cuja cabeça estivesse somente cheia com as últimas tolices da sociedade e a busca pela elegância.

Incapaz de se concentrar em seu bordado, Mrs. Thornton levantou-se e caminhou ao lado da mesa, espanando uma imaginária partícula de poeira do canto da superfície, e endireitando a vela no candeeiro na parede para uma perfeita posição vertical. Ela se perguntava como

Margaret poderia tentar mudar a casa. Sua vida em Crampton tinha sido simples, mas Margaret vivera em Londres com parentes abastados e poderia ter ideias de como transformar aquela casa em algo semelhante a uma grande casa sulista.

Mrs. Thornton sentia-se desconfortável com o pensamento de ter sua nora a cargo da casa que ela administrara todos aqueles anos. Além de ser deixada em insípida inutilidade, ela temia que Margaret tentasse trazer ideais sulistas de conforto e ócio para ali, o que seria impróprio em Marlborough Mills – o centro do padrão de Milton de diligência e eficiência. Ela podia imaginar quão inquietante as diferentes opiniões entre elas poderiam se tornar,

perturbando a harmonia do lar.

Ela caminhou até a janela para observar a chegada do casal. No mínimo, ela meditou, Margaret precisaria evitar qualquer aquisição extravagante no início, e se acostumar a um moderado orçamento doméstico. A senhora se questionava se John já lhe contara a crise financeira causada pela greve. Margaret precisaria saber que seus gastos seriam limitados até que os negócios se recuperassem.

Era difícil imaginar que o destino trouxesse a ruína do filho, mas Mrs. Thornton não podia subestimar o persistente medo de que as circunstâncias não melhorassem. Será que Margaret ficaria ao lado dele se ele não conseguisse fazer a fábrica render

novamente? A moça tinha suportado com firmeza sua própria porção de dificuldades – mudar-se para Milton; a morte da mãe; e a desgraça do irmão. Hannah esperava que sua devoção a John se provasse forte e que ela trouxesse a ele algum senso de esperança se os eventos piorassem.

Acima de todas as preocupações egoístas – questionando-se que lugar e utilidade ela teria agora – sua preocupação primordial era de que Margaret trouxesse felicidade a John. Mrs. Thornton não se importaria com o que ela fizesse ou deixasse de fazer, se somente tivesse certeza de que a moça lhe traria felicidade duradoura. Não podia suportar ver o filho levado à desolação

novamente.

Ela tremia ao pensar o que seria dele se Margaret se tornasse ressentida com o casamento, ou se fugisse para os parentes em Londres em tempos de dificuldades.

O bom julgamento de Mrs. Thornton lhe dizia que a jovem era feita de matéria forte, que não fazia sentido uma moça como ela fugir dos seus problemas, mas seu coração de mãe ainda se preocupava que o filho sofresse um grande desapontamento uma vez mais.

Suas divagações foram interrompidas quando ela observou um coche parar do lado de fora do portão. Na realidade, apesar de todas suas reflexões, ela não sabia o que esperar. Somente

intuía que eles tinham sido extraordinariamente felizes no dia do casamento e esperava que nada tivesse mudado.

Quando alcançaram os portões de Marlborough Mills, Margaret sentiu todo o deslumbramento desse memorável evento. Esta seria sua nova casa. Seu estômago se retorceu com ansiosa esperança de que ela fosse digna de ser chamada senhora de tal lugar.

Mr. Thornton estava simplesmente explodindo com exuberante alegria por, enfim, trazer sua esposa para casa.

Antes que eles alcançassem a

porta, Jane a abriu para fazê-los entrar. Margaret deu um passo à frente, mas Mr. Thornton tomou-a nos braços e a carregou ao cruzar o batente.

— John, nós seremos vistos! — Margaret reclamou, consciente de que poderia haver transeuntes agora que se encontravam na cidade.

— Então, deixe-os perceber que o *master* de Marlborough Mills está agora alegremente casado — respondeu John com um amplo sorriso.

Jane sorriu discretamente, divertindo-se por ver o patrão tão animado.

Quando Mr. Thornton carregou a noiva até as escadas, Margaret protestou contra seu óbvio intento de subir com ela

segura em seus braços.

— John, ponha-me no chão! O que sua mãe vai pensar? — ela questionou, perplexa, ao observar a disposição do marido em parecer tão descuidado em seu júbilo.

Mr. Thornton sorriu ao perceber o embaraço de Margaret, e colocou-a no chão, tomando sua mão ao subirem as escadas.

Hannah Thornton os esperava na sala de jantar com um ténue sorriso iluminando a sóbria figura de pose rígida, ao observar a entrada dos recém-casados na sala.

— Mãe — seu filho a saudou calorosamente e deu-lhe um abraço afetuoso.

— Margaret — Mrs. Thornton recebeu sua nora em sua nova casa com um ligeiro abraço e um beijo na face como requeria o costume.

— Como foi a viagem? — ela perguntou, polidamente, sobre seu longo passeio de trem.

— Foi agradável o bastante — respondeu Mr. Thornton.

— Creio que desfrutaram sua estadia — a mãe comentou, deitando o olhar em sua nora.

— Sim, foi um passeio adorável, obrigada — respondeu Margaret, lançando um tímido olhar ao marido que estava sorrindo.

Os cálidos olhares e sorrisos entre eles não escaparam à percepção de Mrs.

Thornton. Estavam obviamente felizes e pareciam até agora bem ajustados ao seu novo relacionamento como marido e mulher. Ela estava contente por aquilo. A adaptação de Fanny a vida matrimonial tinha sido muito mais difícil. Mrs. Thornton estava aliviada ao perceber que Margaret não iria precisar de seus conselhos em assuntos privados.

Hannah estava muito interessada, entretanto, em ver quão bem o novo casal se sairia em sua transição ao real padrão de vida que começaria quando John retomasse seu trabalho na fábrica.

— Eu sei que a jornada foi longa, e viajar de trem pode ser bem poeirento. Você deseja se livrar da poeira? — a senhora direcionou sua pergunta para

Margaret. — Eu ficarei contente em mostrar o caminho do seu quarto — ela ofereceu de maneira hospitaleira.

— Sim, é claro. Obrigada — a esposa do filho respondeu, gentilmente.

— Há algumas cartas de urgente importância em sua escrivaninha no escritório — Mrs. Thornton disse ao filho quando ele se prontificou a segui-las. — Mr. Williams insistiu que você fosse notificado tão logo retornasse — ela clarificou, dando-lhe um olhar penetrante.

Mr. Thornton lançou um olhar preocupado na direção de sua mãe, tendo esperado julgar por si mesmo a reação inicial de Margaret aos arranjos das habitações que sua mãe estabelecera. Ele sabia, entretanto, pelo olhar que ela lhe

deu, que ela queria acompanhar Margaret sozinha, considerando o decoro.

Ele suspirou ao ceder, permitindo que prevalecesse o julgamento de sua mãe no momento. John convenceu-se, hesitantemente, que depois da semana de companhia íntima, Margaret certamente entenderia que as acomodações que sua mãe introduziu seriam um superficial consentimento aos costumes.

— Eu subirei imediatamente — ele assegurou à esposa, se desculpando por deixá-la.

Margaret assentiu antes de virar-se para ser levada através da sala de jantar. Ela observou os retratos pintados na parede à medida que seguia a sogra pelas escadas, sentindo uma estranha

euforia por ser conduzida às acomodações privativas da casa.

— Este é o quarto do John — a velha Mrs. Thornton anunciou ao entrar no corredor, indicando a pesada porta de madeira, à direita. Ela parecia orgulhosa das muitas portas suntuosas no longo corredor. — John mandou instalar um novo banheiro no ano passado — ela comentou, indicando a porta no lado oposto. — Fanny ficou muito satisfeita. John desejava que tivéssemos todos os confortos modernos — ela acrescentou com afeto óbvio pela solicitude do filho, apesar de parecer indiferente ao luxo promovido pelas invenções.

— E este é o seu quarto — ela anunciou com satisfação, tendo chegado à

próxima porta à direita e abrindo-a para fazê-la entrar.

Margaret sorriu educadamente em consideração, apesar de lutar com a surpresa por ter sido lhe dado seu próprio quarto. Ela tentou esconder o desapontamento e a confusão que sentiu tomando conta de si. A confortável disposição no chalé a levava a crer que dividiria o quarto com o marido. Margaret se repreendeu por não ter considerado a alternativa. Ela obviamente deveria ter esperado possuir sua própria habitação em uma casa tão espaçosa. Estava certa de que Mrs. Thornton estava orgulhosa por oferecer à esposa do filho todos os privilégios apropriados à sua fortuna e prestígio.

Era um belíssimo quarto, não como as peças sóbrias e sem atrativos do primeiro andar. Rosas e peônias brancas floresciam em pequenos ramalhetes contra um mar de verde no papel de parede. Uma cama de dossel, de tamanho moderado, estava adornada com uma colcha rosa-antigo, e os móveis e o piso eram de uma cálida cor-de-mel. Quando entrou no quarto, Margaret detectou um suave cheiro de cera de abelha nos móveis.

Seus olhos se iluminaram agradecidos ao ver a penteadeira que pertenceu à sua mãe; uma rápida apreciação do quarto lhe revelou outros objetos que haviam sido amavelmente dispostos para fazê-la sentir-se em casa. Seu coração se aqueceu ao reconhecer a

mão do esposo naquele amoroso gesto.

Mas Margaret sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que John pudesse se sentir confortável com aquele arranjo. Talvez lhe fosse suficiente saber que ela estava por perto, e podia ser visitada quando lhe fosse conveniente. John estaria muito ocupado agora, não desejava interferir ou aborrecê-lo desnecessariamente. Apesar de sentir que sua lógica era sensata, a ideia perturbadora de ser deixada sozinha, às vezes, continuava a minar a pacífica satisfação que encontrara desde o casamento. Havia descoberto a perfeita felicidade em seu companheirismo em Helstone. Nunca se sentira tão conectada a alguém antes. Mas agora, em pé no meio

do quarto, um sentimento de melancolia tomou conta dela. Havia pensado que eles seriam diferentes – que não viveriam através de tradições estabelecidas pelos outros – mas, em vez disso, criariam um vínculo próximo, passando mais tempo juntos. Sua tristeza era agravada pelo fato de que era esperado que se sentisse agradecida por aquele quarto *adorável*.

Mr. Thornton franziu o cenho ao ver as correspondências deixadas abertas em sua mesa. Parecia que a sorte não lhe havia sorrido quando se tratava dos negócios. Um comprador, cuja produção estava quase terminada, tentava anular

parte de seu pedido, ao passo que outro cliente estava traçando um contrato prometedora que seria difícil de entregar a tempo, levando em conta o estoque que possuía.

Uma familiar mortalha de medo começou a descender sobre ele quando todos os desafios de operar uma fábrica com dificuldades o encaravam novamente. Os insidiosos tentáculos começaram a se enredar, minando sua paz de espírito.

Levantou-se da escrivaninha com decisão. Ele se recusava a permitir que qualquer problema da fábrica estragasse sua felicidade naquele dia. Amanhã chegaria cedo o bastante. Ele juntou os papéis e deixou os confins de seu escritório.

Seu coração se animou à medida que subia as escadas. Como era glorioso saber que Margaret estava ali, instalada na ala privada de sua própria casa!

Ao entrar no quarto, ele retirou o casaco e colocou-o sobre uma cadeira. Puxou a gravata ao cruzar o quarto. Suspirou desapontado por não vê-la em seu quarto, se recordando da doce alegria de sua constante companhia no chalé.

Decidido a dar-lhe a oportunidade de escolher como eles viveriam ali, apesar de que o desejo de seu coração era ficar junto a ela todos os momentos. Ele sabia que Margaret estivera contente dividindo o quarto no chalé, mas a viagem de lua de mel havia terminado. Portanto, estava incerto sobre o que esperar com

relação a disposição dos quartos, agora que estavam de volta a Milton. Talvez ela desejasse um descanso das incessantes demandas que ele havia feito em sua pessoa. Suspirou de novo, ao pensar em voltar a dormir sozinho.

Caminhou até o *closet* que conectava os quartos, detendo-se para determinar se ela estaria sozinha. Não escutando nenhum ruído, ele bateu levemente na porta.

— Margaret? — chamou, buscando a permissão para seu acesso, ansioso para analisar se ela tinha gostado do quarto que havia sido preparado para ela.

— Entre — disse Margaret, esperando que pudesse esconder dele sua inquietude. Não queria parecer ingrata

pelo generoso lugar preparado para recebê-la.

John entrou, ofereceu-lhe um cálido sorriso ao vê-la no meio do quarto. Ela sorriu de volta, a visão do marido aliviando um pouco da tensão.

— Há algum problema? — ela perguntou com preocupação, referindo-se aos assuntos da fábrica que sua mãe tinha mencionado.

— Nada que não possa esperar mais um dia.

— O que achou do seu quarto? — ele perguntou, pensando nos itens que haviam sido trazidos da casa dos pais para seu deleite pessoal. — Reconheceu a mesa do seu pai imediatamente? — perguntou, ansioso por saber o quanto a

tinha satisfeito.

— Oh, John, eu percebi tudo que você trouxe para cá – a penteadeira da minha mãe; a caixa de joias; até as minhas flores prensadas de Helstone – ela entusiasmou sua apreciação por sua amabilidade, quando John se moveu para tomar as mãos dela nas suas. — Verdadeiramente, é um quarto adorável, você tem sido tão cuidadoso em me fazer sentir em casa. Estou muito agradecida por isso.

Mas quando seu olhar pousou na cama assinalada para seu uso, seu coração pesaroso não pôde mais fingir animação. A própria alegria do marido fez com que suas dúvidas descendessem sobre ela novamente. Ela se perguntava se ele

realmente desejava dormir sozinho, e sua face espelhava sua dor e confusão.

— Margaret, o que foi? — ele perguntou consternado, notando na mesma hora seu desconforto. Ele sentiu o pânico surgir dentro de si, ante a noção de que ela já estivesse infeliz. — Há algo errado? Você pode mudar tudo que quiser se não estiver de acordo com sua vontade — ele sugeriu, esperando que seu desagrado não fosse de grande magnitude.

— Não, não. É lindíssimo. É mais do que eu esperava. De verdade — ela assegurou-lhe, esforçando-se para sorrir de maneira convincente.

— Então, o que a está incomodando? — ele perguntou, temendo que ela estivesse infeliz por ter retornado

a Milton, apesar de suas boas intenções.

Margaret estava embaraçada por seu comportamento mal-educado, mas sentiu-se incapaz de esconder as emoções do marido. Custava-lhe admitir que parecesse ingrata pela graciosa acolhida que recebera na casa dele, mas não podia evitar comunicar algo do que desejava.

— Não é nada. Suponho que eu tenha apreciado nosso quarto aconchegante no chalé — ela confidenciou, timidamente, esperando que John não a considerasse muito ousada ao expressar suas vontades. — Mas estou certa de que me acostumarei a esta nova disposição e serei uma boa esposa para você — prometeu, evidenciando seu desapontamento em sua dolorida

expressão.

O coração de John desanimou ao pensar que ela se sentisse rechaçada por ele, mas sua esperança alçou voo ao reconhecer o desejo da esposa de estar perto dele.

— Você quer dividir o quarto? Dividir a cama comigo? – ele perguntou com vacilação, querendo desesperadamente acreditar que os desejos dela se igualavam aos seus.

Margaret corou ante a pergunta direta, e desviou o olhar por um momento, antes de olhar novamente para ele para discernir o que esperava dela.

— Você não pode achar que eu quero você longe de mim – John falou, seus olhos buscando os dela à medida que

a puxava para perto de si, e rodeava sua cintura com suas amplas mãos. — Isto é coisa da minha mãe. Ela insistiu que uma mulher de sua educação sulista deveria ter seu próprio quarto — explicou. — Eu pensei que você pudesse querer usá-lo como uma sala de estar, mas certamente você deve saber que eu a quero comigo... na minha cama — ele disse, sua voz tingida com uma honesta súplica, resolvido que ela entendesse seu desejo de estar com ela todos os momentos possíveis.

As últimas palavras foram ditas com uma insistente urgência, fazendo com que ela desviasse seu olhar, ao passo que uma vibrante sensação despertou dentro de si. Ela sentiu um jubiloso alívio por saber que ele não tinha intenção de

afrouxar o laço que eles tinham forjado durante a semana, em Helstone.

Margaret retornou seu olhar e deslizou suas mãos ao redor do pescoço dele.

— Eu quero estar com você, John — ela respondeu, quase murmurando, sem se intimidar por sua simples confissão.

A honesta admissão dela provocou um tremor de alegria nele. Não conseguia pensar em maior prazer do que saber que o anseio de Margaret por estar com ele rivalizava com o seu próprio incessante desejo de tê-la por perto. Ele a abraçou-a apertado, segurando-lhe a cabeça no peito. O calor do abraço de Margaret inundou sua alma.

Enfim, ele moveu-se para segurá-

la pelos braços e olhar em seus olhos.

— Você deve me prometer nunca hesitar vir para o meu quarto. Ele é seu também. Eu não quero que haja barreiras entre nós. Venha, vou lhe mostrar — ele sugeriu, tomando a mão da esposa e conduzindo-a pela passagem do quarto de vestir até seu próprio aposento.

Quando Margaret entrou, quase cambaleou ao ver a opulência das cores, sentindo como se tivesse entrado nos domínios de um poderoso regente. Ricos tons de vermelho profundo eram orlados por franjas douradas nas pesadas cortinas de valência, e o vermelho-escuro da parede era quebrado por listras verticais de dourado brilhante. Uma cama enorme tomava proeminência com uma ampla

cabeceira entalhada na parede. A espessa colcha de cetim possuía simples filetes espirais dourados, estampados por toda a parte.

Seus olhos vistoriaram a disposição do quarto, notando o guarda-roupa de madeira escura, uma penteadeira e um espelho próximo à cama. Uma mesa de madeira entalhada colocada no canto extremo. Sobre ela, alguns livros, o tinteiro e a pena, prontos para uso. Tudo estava no lugar; não havia acúmulo de objetos para mostrar prosperidade ou herança. De fato, a simplicidade do quarto estava bem escondida pela grandeza e a majestosa elegância dos ricos tecidos e as cores profundas, assim como pelo impressionante tamanho do leito.

Margaret não pôde esconder o sorriso que se espalhava por seu rosto. Ela viu a mão de Mrs. Thornton por trás do régio estilo do quarto. Ela tinha o filho na mais alta estima – certamente, aos seus olhos ele era um príncipe entre os homens.

— É muito elegante, John. Sentir-me-ei como uma rainha quando entrar neste quarto – ela afirmou, candidamente.

Seu marido sorriu ao ouvir o comentário.

— E eu serei o consorte ou o rei para Sua Majestade? – ele brincou, segurando-a pela cintura.

Margaret hesitou, fingindo séria consideração no assunto com uma inclinação na cabeça.

— Suponho que você deva ser o rei, considerando que possui um império para reger – ela respondeu com certa reserva, relutante em renunciar a possibilidade de sua soberania.

— Você terá que ficar sob meu comando, então? – ele perguntou com um sugestivo arquear de sobrancelha, desfrutando a troca manifestada entre eles.

— Eu já não estou? – ela respondeu de maneira atrevida, enlaçando os braços no pescoço do marido e encarando-o com desvelada adoração.

Uma cálida onda de sensações percorreu seu corpo ao perceber sua disposição submissa, despertando o desejo de afirmar seu poder e provar sua completa rendição.

Ele a beijou por seu comportamento encantador, desejando seus beijos depois da longa jornada até Milton.

Após um momento de silêncio, Margaret lutou para afastar-se de seus beijos antes que toda a habilidade para resistir-lhe estivesse perdida.

— Acredito que sua mãe deseja que nos juntemos a ela para o chá agora — ela o recordou um tanto ofegante, ainda trêmula por causa das exigências do marido.

O corpo de John rebelou-se contra a cessação abrupta de seu prazer sensual, mas sua mente percebeu de má vontade sua obrigação social para com a mãe.

— Talvez possamos nos atrasar

um pouco – ele disse, ainda relutando libertar sua esposa de seu domínio.

— John! Não seria educado deixá-la esperando – ela o repreendeu com um sorriso, com o pulso ainda se recuperando de seu compasso desenfreado. — Eu direi a ela que você descerá em seguida – ela sugeriu, notando que ele ainda não tinha tido momento de paz desde que eles chegaram em casa.

A sala estava vazia. Margaret moveu-se para perto da janela que dava vista para a fábrica, se perguntando se o marido ficava ali frequentemente inspecionando aquilo que tinha trabalhado

duro para estabelecer.

A magnitude do que ele tinha conquistado em face da adversidade era surpreendente, e, ainda assim, John não demonstrava um ar de superioridade ou ostentava sua prosperidade ou poder. Margaret se questionava se ele sabia quão realmente incrível ele era. Admirava sua humildade, mas nunca o permitiria esquecer-se do que era capaz, e iria defendê-lo se ouvisse qualquer palavra injuriosa contra ele.

A quietude do pátio da fábrica era assustadora, evocando em sua mente o dia sinistro quando estivera fervilhante com grevistas desesperados; ela recordava claramente o barulho tremendo de seus furiosos protestos impulsionando-os em

um frenesi de fúria incontrollável.

Quão ingênua ela havia sido por supor que algumas palavras sensatas acalmariam a multidão tempestuosa. Encolheu-se ao pensar como ela havia censurado o poderoso patrão – exigindo que fosse retificar seu erro como um garoto errante.

Sentiu-se subjugada ao constatar que não havia uma solução simples para resolver o longo conflito entre patrões e empregados. Ela viera eventualmente a admirar a honestidade e disposição que John possuía para encarar as injustiças que aborreciam a vida dos trabalhadores. Talvez juntos eles pudessem aprender a melhorar as coisas para o benefício de todos os envolvidos.

Mr. Thornton chegou à sala silenciosamente e voltou-se para ver sua esposa parada na janela. Seu coração retorceu-se com emoção ao vê-la ali, e relembrou o breve momento quando eles estiveram juntos na atmosfera carregada de medo, quando pareceu que ela o dominara para forçá-lo a encarar os perturbadores.

E foi nesta janela onde ele estivera sozinho na manhã seguinte em sombrio desespero, quando a esperança de reivindicar seu amor tinha sido arrancada de suas mãos de maneira terrível. A dor daquela memória agora se dissolvia, enquanto John se movia para suavemente abraçá-la pelas costas – *ela lhe pertencia agora.*

— Tudo está calmo hoje, mas amanhã não será assim. Espero que você se acostume com o barulho. Eu sei que é muito distinto dos tranquilos campos de Helstone – desculpou-se.

— Será como música para meus ouvidos – ela respondeu em uma voz tranquila, ainda repousando o olhar no cenário exterior.

— Música? – ele repetiu de maneira zombeteira, buscando uma explicação para suas palavras enigmáticas.

Margaret virou-se para encará-lo com decisão.

— Sou tão orgulhosa de você quanto sua mãe, John – ela declarou com atitude desafiadora. — Os ruídos da

fábrica irão somente me recordar tudo que você é.

— Margaret, você pensa tão favoravelmente sobre mim? Receio que eu não seja digno de tal louvor – disse ele, não acreditando que ela devesse afirmar sua fé nele tão firmemente.

— Eu nunca conheci um homem mais excelente que você, John. Somente espero que eu não vá manchar seu bom nome com meu jeito obstinado e maneiras francas. Desejo trazer-lhe a alta estima que você merece.

— Margaret, não zombe de meus próprios sentimentos profundos de indignidade – ele contrariou, fitando seus olhos expressivos.

Seu diálogo sincero foi quebrado

pelo som de passos se aproximando.

Mr. Thornton moveu-se para o lado da esposa, mas não abdicou de seu contato com ela, segurando sua mão enquanto a mãe entrava na sala.

Percebendo o casal, Mrs. Thornton sentiu-se impelida a informar a nora da rigorosa realidade que o amanhã lhe traria.

— Amanhã você verá por si mesma como é viver ao lado da fábrica quando ela está em operação. Pode ser que ache o barulho distrativo. Fanny nunca conseguiu se acostumar — ela a preveniu.

Os recém-casados sorriram um para o outro, cúmplices.

— Estou certa de que me

acostumarei ao barulho. Acho que posso mesmo vir a gostar dele – Margaret respondeu com um sorriso polido.

Mr. Thornton apertou suavemente a mão da esposa.

Mrs. Thornton encarou o casal, bem ciente de que suas palavras haviam somente despertado a recordação de um segredo compartilhado entre os dois. Ela sentiu o desconforto de ser excluída de sua comunicação confidencial, mas lembrou-se de que era assim que tinha que ser. Ela deveria aprender a aceitar que John iria compartilhar muitas confidências com sua esposa.

Ela os acompanhou para sentar onde Jane dispusera a bandeja do chá, na mesa baixa, e perguntou-lhes se o tempo

permanecera firme durante sua estadia em Helstone.

Os Thorntons desfrutaram do refresco de chá com *scones*, e conversaram sobre seu tempo longe de Milton. Mrs. Thornton mencionou sua apreciação pela excelente ópera, mas comentou que não tinha interesse em visitar Londres novamente com Fanny, explicando brevemente que ela não era tão impressionável quanto a filha pelos atrativos da cidade.

Os recém-casados revelaram que haviam passado muito tempo ao ar livre, tendo chovido somente uma vez durante sua estadia. Mr. Thornton expressou o desejo de que a mãe visse os desenhos que Margaret fizera, e encorajou a esposa

a mostrá-los mais tarde.

Depois que a bandeja fora recolhida, Mr. Thornton moveu-se para buscar o *Milton Guardian* de uma mesa de canto, e sentou-se de volta ao lado da esposa no sofá. De maneira silenciosa, Mrs. Thornton moveu-se para sua cadeira favorita e tomou seu bordado. Notando o dilema inquietante da esposa por achar-se em uma situação incomum, ele ofereceu-se para mostrar a ela seu escritório onde ela poderia selecionar algo para ler.

Conduzindo-a a um aposento afastado dos ambientes mais formais, Mr. Thornton apreciou a oportunidade de introduzir a esposa em espaço que era raramente frequentado por outra pessoa além dele mesmo. Estendeu o braço para

indicar que ela era bem-vinda à sua crescente coleção de livros. Imediatamente ela notou muitos dos livros de seu pai, dispostos de maneira organizada em uma estante atrás de sua extensa mesa de carvalho.

— Você adquiriu os livros do meu pai! — ela exclamou entusiasmada, finalmente trazendo seu olhar estupefato para o marido, buscando sua explicação.

— Pensei que você iria apreciar possuí-los — ele respondeu, abrindo um amplo sorriso ao perceber o óbvio deleite da esposa. — Eu pude adquiri-los a um preço muito razoável — revelou. — Mr. Bell foi muito gentil em permitir que eu tivesse a oportunidade de escolher o que eu quisesse antes de levar tudo a leilão.

Espero que eu tenha escolhido bem, pois eu tinha você em mente quando o fiz – ele segredou com ternura.

Margaret avançou para abraçá-lo, para confirmar seu agradecimento.

— Verdadeiramente, você escolheu aqueles pelos quais eu tinha mais carinho. Estou sem palavras por sua consideração. Não creio que eu jamais possa recompensá-lo.

— Eu certamente posso pensar em maneiras... – ele não pôde resistir em provocá-la com uma piscadela.

Margaret somente abraçou-o apertado em resposta, recostando a cabeça em seu ombro.

— Obrigada.

John segurou-a em seu abraço até

que ela se afastou para fazer sua seleção, recordando o motivo de sua vinda até o escritório.

O casal retornou à sala de visitas, e passou algum tempo lendo à medida que a luz da tarde começava a se apagar.

Mrs. Thornton sentiu um difuso contentamento por ter seu filho em casa novamente, e desfrutou a silenciosa companhia de sua nova família.

Depois de algum tempo, Dixon apareceu para anunciar que o banho havia sido preparado para sua senhora, e Margaret pediu licença para seguir a corpulenta criada para o andar superior. Mr. Thornton observou a esposa deixar o aposento antes de voltar ao seu jornal, esforçando-se para extinguir as imagens

sensuais que já começavam a se formar em sua mente.

Margaret sorriu para si mesma quando mergulhou na larga banheira de cobre. Ela se sentiu indulgente, desfrutando do luxo de seus novos arredores. Não era de se estranhar que Fanny apreciasse as comodidades daquele quarto. Nunca havia sentado em uma banheira que a possibilitasse esticar as pernas, nem mesmo em Londres, e nem se banhara em um aposento com tantos confortos modernos.

Ela havia se casado muito bem. A jovem não se importava nem um pouco com títulos extravagantes e linhagens respeitadas às quais sua tia reverenciava. Ela havia desposado John por amor, e

estava consciente dos privilégios proporcionados a ela por tal união. John havia trabalhado duro para obter sua atual posição na sociedade, e era apto a prover a família com confortos os quais a maioria somente podia sonhar. Ela o admirava acima de todos os outros, e estava grata por ter encontrado seu verdadeiro amor em um homem como ele.

Sentiu uma estranha euforia por estar tomando banho em sua casa. Ainda levaria um tempo para se acostumar a considerar aquele lugar seu lar. Ainda se sentia mais como uma hóspede do que como a nova dona da casa. Mas era exatamente assim, ela pensou, pois recém tinha chegado. Com o tempo, iria se acostumar a morar naquela grande

residência, mas, por ora, ela desfrutaria de todas as novidades.

Dixon ajudou-a a se vestir para a ceia, informando-a que a hora do jantar era estritamente observada.

— Aquela mulher toma conta dessa casa como se fosse uma capitã de um navio, eu lhe digo. Eu não gostaria de ficar em seu caminho – a leal empregada da mãe observou tristemente. — Eu cheguei somente ontem, mas ela tem estado profundamente determinada a ter certeza de que tudo estava perfeito antes de você chegar. Se eu não soubesse, diria que ela estava preocupada por ter que passar o controle. Mas eu sei que ela não deixará uma mocinha como você levar a melhor – Dixon comentou com um ar de

confiança em seu próprio julgamento. — Apesar de eu ter a estranha satisfação de pensar que o velho dragão está com medo da minha jovem senhora — ela disse com desdenhoso humor, ao passo que ajudava Margaret a pôr suas roupas íntimas.

— Certamente deve ser difícil para ela ter que ceder sua posição, considerando que ela administra a casa por tantos anos — Margaret respondeu, compreensiva, estremeando levemente quando Dixon apertou com vigor o laço de seu corselete.

Dixon ergueu a sobrancelha, um pouco surpresa pela resposta compassiva da jovem senhora.

— Bem, espero que você não a permita conduzir a batuta. Este é o seu

verdadeiro lugar agora, como esposa do patrão, para administrar as coisas por aqui – ela recordou descaradamente a jovem noiva.

— Eu estou bem ciente do que é esperado de mim agora, Dixon. Tenho certeza de que as coisas se resolverão a seu devido tempo – ela respondeu, esforçando-se para reafirmar a si mesma com as palavras que proferia.

Margaret estava em um humor festivo e travesso, escolhendo usar o vestido usado no banquete de Mrs. Thornton há quase um ano. Depois que Dixon arrumou seu cabelo, de forma elegante, e saiu do quarto, ela levantou-se para se admirar no grande espelho oval, ao lado de seu guarda-roupa. Ela sorriu

de maneira arteira, recordando a confissão do esposo sobre como havia se sentido a respeito dela naquela noite. A jovem esposa sentiu uma pontada de apreensão por aparecer diante dele com aquela roupa, sabendo que ele apreciaria sua imagem.

Reunindo coragem, abriu a porta que dava para o quarto de vestir e caminhou serenamente para o quarto do marido.

Mr. Thornton estava abotoando o colarinho e percebeu o movimento da figura da esposa pelo espelho. Ele sorriu ao voltar-se para saudá-la, satisfeito por ela ter tomado a liberdade de entrar, como ele insistira.

Seus olhos se acenderam com o

tórrido reconhecimento da noite que ela havia usado o vestido, cativando-o com sua beleza.

— Lembra-se do meu vestido? — Margaret perguntou de maneira sedutora, como se não soubesse o efeito que lhe causava.

— Eu acho que é improvável que eu possa esquecer — respondeu John com a voz rouca, as memórias daquela noite de verão voltando à sua mente. — Você me ofereceu um aperto de mão. Foi a primeira vez que nossas mãos se tocaram — ele se aproximou; seus cabelos ainda estavam úmidos e uma doce fragrância vinha dele. — Você estava deslumbrante — está deslumbrante — ele declarou. — Eu não pude parar de pensar em você e em

seu toque por muitos dias – ele admitiu.

Margaret fitou-o com olhos assombrados, impressionada por sua revelação.

— Eu não acreditava que um simples aperto de mãos pudesse tê-lo afetado – ela disse, curiosa.

— Você me enfeitiçou com seu aperto de mão – John disse a ela. — E a visão que apresentou... – ele começou a dizer, incapaz de encontrar as palavras para descrever que glorioso tomento tinha sido evitar ficar seguindo-a com os olhos durante toda a noite. Seu olhar abrasador analisava a pele de alabastro revelada pelo decote profundo, que descendia levemente de ombro a ombro.

O coração de Margaret acelerou,

ao compreender seu desejo.

— Eu nunca pensei que esta beleza pudesse ser minha – ele sussurrou, roçando suavemente seu dedo ao longo da pele de seda exposta a ele, lançando uma onda de estremecimento por todo seu corpo. Depositou um beijo na tentadora cavidade revelada pelo decote. Margaret arquejou ante o cálido fôlego e a sensação dos lábios dele sobre sua pele. Sentiu seus joelhos fraquejarem por causa da intimidade sensual do seu gesto.

John trouxe sua boca até a dela e a esposa recebeu-o.

Eles se beijaram lentamente, deleitando-se no prazer de pertencer um ao outro. Quando enfim desfizeram o contato, permaneceram um momento em

silêncio, lutando para recobrar a compostura.

— Vamos jantar, então? — perguntou Mr. Thornton, hesitante.

Margaret assentiu, ainda sem ter certeza se suas pernas conseguiriam carregá-la até o andar de baixo.

Antes que o jantar fosse servido, ofereceram à Mrs. Thornton um presente. Ela olhou para eles com certa surpresa ao aceitar o pacote. Margaret observou uma centelha de sorriso cruzar sua face enquanto o abria.

Era um retrato daguerreótipo emoldurado do filho que tinha sido a razão de sua existência desde a morte do esposo. O retrato mostrava somente a porção superior de sua alta figura. Seu

queixo estava erguido em uma pose orgulhosa, mas um leve traço de sorriso suavizava sua imagem.

Mrs. Thornton ficou sem palavras. Ela passou os dedos sobre o vidro ao analisar a pintura, piscando para afastar as lágrimas que ameaçavam se formar em seus olhos.

— É um belíssimo presente. Obrigada – ela disse de maneira simples, olhando para eles com um sorriso de gratidão. — E Margaret não estava presente? – ela perguntou, questionando a razão pela qual Margaret não fora incluída na imagem.

— Nós tiramos uma foto juntos – Mr. Thornton informou-a.

— Pensei que talvez possamos

encontrar um lugar adequado para expor na casa – Margaret sugeriu.

Mrs. Thornton deu um pequeno sorriso de aprovação enquanto o primeiro prato era servido – Pudim de Yorkshire com molho de carne acebolado.

Mr. Thornton contou a sua mãe sobre seu dia em Lymington à medida que comia sua carne assada, e Margaret comentou sobre seu recém-adquirido talento para velejar, vibrando ao falar sobre a proximidade da rainha quando passaram pela ilha.

Mr. Thornton se esforçou para evitar que seus olhos caíssem constantemente em sua esposa, por causa de sua mãe, desfrutando da companhia das duas mulheres que mais amava no mundo.

Hannah, entretanto, estava satisfeita que seu filho tivesse apreciado sua estadia no campo, e tivesse encontrado aventura durante sua pequena incursão pelo mar.

Após uma suntuosa sobremesa de torta de limão, o grupo moveu-se para a sala, para ocupar-se de seus respectivos passatempos.

Depois de algum tempo, Margaret anunciou que estava cansada pelo longo dia de viagem, e se retiraria, desejando à sogra uma boa-noite. Mr. Thornton fitou-a de certa maneira ansioso, e disse-lhe que permaneceria alguns minutos antes de também se retirar, esperando que ela esperasse por ele.

Margaret assentiu com um sorriso

leve e subiu até seu quarto.

Dixon ajudou sua senhora a tirar o vestido e trouxe-lhe a camisola, a tradicional camisola branca acomodada sobre seu braço corpulento.

— Acho que vou experimentar meu novo conjunto verde esta noite, Dixon – Margaret informou-a, ao caminhar até o guarda-roupa para abrir uma gaveta, e tirar dali a roupa que queria.

Dixon ergueu a sobrancelha ao ver o tecido sedoso e seu acompanhamento transparente, quando começou a ajudar Margaret a vestir-se.

— Espero que você não encontre a morte por gripe neste vestido – Dixon a repreendeu, notando quão expostos iriam ficar seus braços e pescoço.

— Estamos quase em junho, Dixon — ela replicou. — Este vestido foi comprado em uma loja muito fina em Londres. Edith o achou muito favorável — a jovem informou, defendendo sua escolha. Recordou com um sorriso introspectivo como Edith praticamente a obrigara a adquirir a combinação contra suas próprias sensibilidades virginais, insistindo que Margaret iria apreciá-la depois. Estava grata pela insistência da prima.

Dixon meneou a cabeça demonstrando sua desaprovação ao examinar a jovem esposa.

Margaret usava um vestido ajustado verde esmeralda de cetim, que erguia generosamente na frente, vinda das

finas alças nos ombros, e se ampliava em uma saia mais cheia quando alcançava o calcanhar, revelando pantufas de cetim ornada com fio dourado. Seus braços expostos eram cobertos por um longo penhoar decorativo de tule transparente e renda, que era levemente atado na cintura por uma única fita.

— Estou absolutamente segura que um marido não precisa de encorajamento, Miss Margaret – Dixon a advertiu. — Especialmente um homem que acabou de chegar em casa de sua lua de mel – ela bufou em exasperação de que a menina pudesse não compreender totalmente o que os homens tinham em mente. — De fato, se eu fosse você...

— Obrigada Dixon, por sua

preocupação – Margaret interrompeu apressadamente –, mas você terá que me deixar julgar por mim mesma. É minha primeira noite na minha nova casa. Desejo usar algo novo para a ocasião. Isto é tudo – ela disse tentando justificar sua decisão.

Dixon suspirou profundamente, e mordeu a língua. Ela esperava que a jovem esposa soubesse o que estava fazendo, tentando o marido com aquelas roupas fininhas. O que tinha acontecido com a devida modéstia? A criada meneou a cabeça diante da audácia das jovens modernas.

Margaret deixou Dixon escovar seu cabelo, mas a impediu de trançá-lo do modo que sempre usara quando era solteira.

— Me acostumei a deixar o cabelo solto à noite quando estava em Helstone — foi tudo que ela ofereceu como explicação por sua preferência.

Dixon bufou novamente com aquela declaração, bem ciente do fascínio que a maioria dos homens tinha por ver uma mulher com voluptuosos cabelos longos. Ela somente esperava que Margaret não consentisse em cada capricho do patrão. Não era apropriado que uma mulher fosse tão ansiosa para agradar seu marido no quarto.

Deparando-se com o fim de sua utilidade, Dixon desejou à sua senhora um relutante “boa-noite”, e deixou o quarto.

Margaret caminhou até o longo espelho. Estava satisfeita por estar tão

elegante, e ergueu levemente o queixo desafiando a opinião de Dixon. Ela se sentiria como uma rainha em sua primeira noite ali, e sorriu para o reflexo, ao imaginar a reação de John à sua aparência, pois se deliciava ao pensar em cativar sua atenção.

Seu coração bateu um pouco mais rápido ao se aproximar lentamente da passagem para o quarto, sentindo-se, de certa maneira, como um cordeiro aproximando-se da cova do leão.

Mr. Thornton caminhava pela extensão de seu quarto: *quanto tempo levava para uma dama se trocar?* Ele se

questionava, nervoso. De fato, ele tinha somente recentemente se preparado para dormir, mas percebeu que não poderia permanecer parado enquanto esperava por ela.

Um pensamento de repente o surpreendeu, de que talvez Margaret estivesse esperando que ele fosse até ela. *Qual era o protocolo para tal disposição?* Perguntou-se, nunca tendo considerado como outros casais encaravam esses assuntos delicados. Aproximou-se da porta do quarto contíguo, mas virou-se novamente ao chegar à soleira, quando outro pensamento veio a ele. Talvez ela estivesse realmente exausta, e tivesse decidido dormir em seu próprio quarto naquela noite. Seu coração

desanimou ao pensar em ficar sozinho.

Indo até a mesa, ele sentou-se determinado a achar algo para ocupar sua mente distraída. Iria esperar um pouco mais antes de averiguar.

No momento em que se sentou, John percebeu um movimento no quarto, e se levantou abruptamente.

— Margaret, eu... — começou a falar antes de ficar mudo ao capturar a visão dela. Seu ardor se acendeu, atizado por sua beleza naquela vestimenta. Ele estava profundamente ciente de que estava sendo usado para agradá-lo.

— Estava começando a pensar que você iria ficar em seu quarto... — ele gaguejou enfim, lentamente percorrendo o corpo da esposa com os olhos.

— Existe *mesmo* uma cama bem útil no meu quarto – ela o provocou ao aproximar-se dele, desfrutando o poder que tinha de deixá-lo estupefato.

John sorriu ao ouvir suas palavras provocantes.

— Prometo que minha cama pode ser muito mais útil – ele respondeu em um tom sensual ao mover-se para agarrar sua cintura, o tecido sedoso convidando-o a deslizar suas mãos vagarosamente.

Margaret retirou-se de seu domínio e deu a volta pela cama.

— É uma cama muito ampla. Parece uma pena que tenha sido usada por somente uma pessoa – ela comentou, ousada, ao sentar-se na beirada de maneira sedutora, inconsciente de que um

gesto tão simples aticaria emoções mais profundas.

Mr. Thornton estava fascinado. Suas palavras o recordaram das incontáveis noites solitárias que havia passado naquela mesma cama. A pungência de sua sedução somente aumentando sua ansiosa necessidade de tê-la.

— Eu não vou confessar há quanto tempo tenho sonhado em tê-la em minha cama — ele contou-lhe, sua voz grave pela ânsia com a qual ele secretamente a desejara por tantos meses.

— Eu ainda não estou realmente nela — Margaret contestou, sorrindo, capturando seu olhar com sua própria ânsia honesta ao levantar-se.

John assistiu petrificado quando ela puxou as cobertas, tirou o penhoar, deslizou fora de sua camisola e subiu na cama.

— Agora eu estou — anunciou com um sorriso encantador, observando com prazer sua estupefação. — Não virá para a cama, Mr. Thornton? — ela acenou-lhe.

John não precisou de mais convites, mas juntou-se a ela embaixo das cobertas. Seu pulso acelerado na expectativa de utilizar aquele lugar comum de repouso para algo além de dormir. Reverentemente explorou a sensação de sua pele com as mãos, maravilhando-se por tudo que lhe pertencia. Cobriu seu rosto com ternos beijos antes de provar o mel da doçura de

seus lábios complacentes, e atraiu-a mais sob seu poder com beijos aprofundados que falavam de seu amor e necessidade.

Enfim, John a reivindicou como sua na cidade onde haviam se conhecido e se apaixonado, transformando toda a amargura de seu passado no triunfo de sua doce união.

Margaret abraçou o marido e beijou levemente seu ombro, ao passo que ele dormia ao seu lado. Ela estava exausta por causa dos eventos do dia, mas descobriu que não conseguia dormir.

A empolgação por causa dos novos ambientes, e a antecipação por

criar toda uma nova vida, davam voltas em sua mente, mantendo o sono afastado, ao mesmo tempo em que se questionava o que o amanhã poderia trazer.

Ela estava ansiosa para conhecer a casa inteira, e se perguntava o que Mrs. Thornton lhe contaria sobre como administrá-la. Esperava que se lembrasse de tudo que a sogra lhe explicasse.

Agora que estava de volta a Milton, esperava encontrar tempo para visitar Mary e as crianças Boucher. Também estava ansiosa por rever Nicholas.

Mais que tudo, imaginava quão lentamente o dia iria passar antes de John vir para casa à noite. Esperava que seu trabalho não o concedesse demasiados

problemas, para que ele pudesse manter uma rotina regular. Não tinha passado nem uma hora longe dele desde o dia do casamento, portanto, preocupava-se que tivesse se tornado muito acostumada à sua companhia, sentiria muitas saudades antes que o dia chegasse ao fim.

Fechou os olhos e escutou o firme som da respiração suave do esposo. O conforto de sua presença enfim a acalmou, conduzindo-a ao sono.

CAPÍTULO XV

Ao longo das sombrias vielas e ruas miseráveis da cidade escurecida, um homem grisalho, com uma lanterna, fazia suas rondas, golpeando de leve a janela dos quartos dos industriários com sua longa vara. Dentro das casas, os trabalhadores esfomeados e sonolentos, levantavam-se de má vontade para vestir suas roupas de trabalho e seguir para as fábricas de Hamper, Slickson, Thornton e muitas outras. O dia de descanso seria uma mera lembrança até que soasse a sirene, às quatro horas do próximo sábado.

Na suntuosa residência em

Marlborough Mills, o *master* despertou com a luz cinza do recente amanhecer. Ele virou-se para ver sua esposa adormecida ao seu lado, com a mão suavemente pousada sobre o seu braço. Seus cabelos soltos era uma massa sedosa sobre o travesseiro e se estendiam até o espaço perto dele. Um cálido sorriso espalhou-se nas feições dele – era exatamente assim que ele imaginava que seria.

Contrário a todas as suas inclinações, forçou-se, cuidadosamente, para retirar-se do abraço da esposa, e levantou-se para se preparar para o dia. Seus olhos perceberam a pilha de cetim verde amarrotada no chão. Um ímpeto de desejo lhe percorreu ao lembrar-se da fascinante sedução da noite passada e a

paixão que se seguiu. Ele estudou o volume da forma adormecida embaixo dos lençóis antes de permitir que seu olhar pousasse na plenitude rosada dos seus lábios entreabertos.

Balançou a cabeça e inspirou profundamente para pensar em seu dever. Precisou de cada grama de sua praticada força de vontade para continuar com sua rotina. Como ele tinha desfrutado o prazer da ociosidade em Helstone! Mas agora ele tinha muito que fazer; não poderia deixar sua mente ser levada apenas pelos doces prazeres do casamento. Seria suficiente que ela estivesse esperando por ele quando o dia de trabalho chegasse ao fim.

Estava atando a gravata em frente

ao espelho, quando a ouviu bocejar virou-se para observá-la. Margaret sentou-se e apoiou-se sobre o braço e, num recato tardio, cobriu os seios com o lençol.

— Já está vestido — reclamou Margaret preguiçosamente, acostumada a seu momento de ócio matinal.

— Nossa lua de mel terminou, infelizmente, e eu devo voltar ao trabalho — respondeu ele, sorrindo.

— Eu entendo — replicou ela, esforçando-se para não parecer desapontada. — Mas, considerando que você é o chefe, se você se atrasasse um pouco, apenas ocasionalmente, não haveria ninguém para marcar seu horário, haveria? — ela perguntou, sorrindo de volta.

Um sorriso enviesado se formou em seu rosto ao ouvir a astuta avaliação dela.

— Não, não haveria ninguém — concordou.

— Mesmo que eu me vista rápido, você certamente terá terminado seu desjejum quando eu ficar pronta — Margaret calculou de maneira aborrecida. — Posso pelo menos ganhar um beijo de adeus antes de você partir? — perguntou, cheia de esperança.

Mais que disposto, ele sentou-se na beirada da cama e inclinou-se para satisfazê-la. Quando ela se inclinou para frente para beijá-lo, a manta deslizou. Ela moveu-se para se cobrir novamente quando John se afastou, mas os olhos dele

rapidamente se encantaram com sua beleza antes que ela conseguisse lograr seu propósito. John pensou que sua cama nunca parecera tão quente e convidativa.

Mr. Thornton levantou-se e, decisivamente, removeu a gravata que ele ajeitara de forma tão meticulosa, momentos antes, e pôs a seda preta sobre a penteadeira.

— O que está fazendo? — perguntou Margaret, surpresa ao observar o marido desabotoando a camisa com rápida precisão.

— Como você observou tão convenientemente, não há ninguém para anotar meus horários — ele respondeu. — Então, decidi me atrasar um pouco — informou-a, lançando um olhar de

advertência, por sua culpabilidade em perturbar seu horário preciso.

Margaret riu para si mesma ao perceber quão facilmente o patrão havia mudado de ideia, e afundou a cabeça de volta no travesseiro para esperar a volta do marido para a cama.

Mr. Thornton deu um rápido beijo na face da mãe depois do desjejum, e deixou a casa com passos decididos. Os problemas do trabalho não poderiam abater seu espírito naquele dia; o mundo estava sob seu comando. A mulher que amava tão desesperadamente agora era sua, e ela, audaciosamente, confiava em

sua habilidade para superar qualquer situação adversa. Ansiava por conquistar seu continuo respeito e conduzir a fábrica de volta ao seu retumbante sucesso, para que ela pudesse ser a esposa mais orgulhosa de Milton.

John virou a cabeça e olhou para a janela de seu quarto. A promessa da proximidade de Margaret exaltou seu coração com uma animação incomum. Ao abrir a porta da fábrica, as comissuras de seus lábios se ergueram em um sorriso satisfeito.

Hannah Thornton estava sozinha na mesa quando Margaret chegou.

— Espero que eu não tenha me atrasado muito — a jovem esposa comentou, um pouco nervosa ao tomar assento perto da sogra.

— John saiu faz pouco tempo; ele disse que você desceria em seguida — ela respondeu, observando a moça para discernir sua predisposição para despertar nas primeiras horas. — Dormiu bem? — Mrs. Thornton perguntou de forma educada, notando que Margaret parecia perfeitamente alerta, com a face corada de maneira saudável.

— Sim, obrigada — respondeu Margaret, levemente agitada.

Mrs. Thornton contemplou sua nora. Questionava-se se John criaria o hábito de se atrasar, agora que estava

casado, mas reconheceu que eles tinham recentemente retornado de uma semana de viagem, e que eram necessários alguns ajustes à vida normal.

Hannah tomou uma segunda xícara de chá, ao passo que Margaret fazia sua refeição.

— Pensei que você gostaria de conhecer toda a casa e, então, talvez, pudesse querer aprender os deveres... — ela sugeriu um pouco formal, desconfortável com a ocasião singular de renunciar a seu papel.

— Sim. Parece-me um plano muito razoável. Obrigada — Margaret respondeu, tentando ser agradável sem soar muito entusiasmada.

Ao saírem em sua visita pela casa,

ficou impressionada pela atenção aos detalhes evidente em cada tarefa. A cozinha era impecável, a despeito dos esforços da cozinheira, a copa espaçosa e muito bem organizada. A mobília nos quartos vagos estava coberta com lençóis brancos, mas, ainda assim, era espanado e limpo uma vez por semana.

Depois de ter apresentado todos os empregados e ter mostrado toda a casa, Mrs. Thornton conduziu sua nora de volta à sala, onde começou a enumerar as muitas tarefas que eram realizadas às segundas-feiras. Margaret cuidadosamente garantiu que seu semblante parecesse receptivo, mas sua atenção começou a se enfraquecer e ela, inconscientemente, olhou em direção à janela que dava para a

fábrica.

— Perdoe-me, Mrs. Thornton — ela interrompeu — Mas Mr. Thornton geralmente vem almoçar em casa? — ela perguntou, percebendo que não conhecia a rotina regular do marido.

— Não, não todos os dias. Depende de quão movimentadas as coisas estão na fábrica.

Os olhos de Margaret permaneceram distantes ao imaginar como ela poderia garantir uma breve reunião com o amado e escapar da quietude da casa.

— Acho que gostaria de levar um lanche para ele hoje, se não lhe causar nenhum inconveniente — ela anunciou com temperado entusiasmo por sua ideia.

Mrs. Thornton ficou em silêncio por um momento. *Ela se lembrou de como Margaret poderia ser imprevisível. Era bem seu feitio pensar em algo impraticável. Certamente não era apropriado ao seu status ser vista dando voltinhas em torno da fábrica quando quisesse, como se aquela fosse uma mera extensão da casa. A moça não se dava conta de que John tinha trabalho a fazer?*

Hannah suspirou por causa da impertinência da garota, mas reconheceu com certa apreciação afetuosa que ela devia estar pensando no bem-estar dele, apesar da possibilidade da companhia do filho passar despercebida. Mrs. Thornton admitia que ele, frequentemente,

negligenciava as refeições.

— Claro — ela demonstrou emoção, com um leve movimento na boca.

— Estou certa que a cozinheira pode ajudá-la a encontrar algo que seja tentador — ela sugeriu, gentilmente.

O clamor e o contínuo movimento da maquinaria ao redor eram familiares para Mr. Thornton — o som e a atividade de sua fábrica eram confortantes em sua constância. Ele inspecionou o piso quase inconscientemente, como havia feito por tantos anos. Tudo era igual ao que sempre fora. Uma semana de ausência não tinha sido notada pelo incessante ritmo da

indústria. Os dias passados em Helstone já seriam para ele um sonho distante, se não fosse a posse obstinada que ele mantinha da lembrança de tudo que havia acontecido lá.

Nada poderia ser o mesmo agora que Margaret vivia com ele. Apesar da mesma rotina, ele estava notavelmente mudado. O pensamento sublime de que ela o estaria esperando no final do dia lhe enchia com indescritível alegria.

Expirou preocupado e franziu o cenho, à medida que caminhava a largos passos, passando pelas máquinas de tecer. Apesar da beleza da esposa, havia tempo e lugar para desfrutar aqueles prazerosos pensamentos, e agora não era hora, e recordou a si mesmo que a fábrica

requeria sua atenção integral. Estava perplexo por descobrir que não conseguia se concentrar; a sedutora imagem de Margaret, deitada em sua cama, constantemente se sobressaía. Lembrava-se da maneira como envolvera convidativamente os braços ao redor dele naquela manhã, a sensação inebriante de sua pele suave na dele, e sons fascinantes de aprovação às suas amorosas atenções.

Mr. Thornton percebeu, de repente, que Higgins acompanhava seus passos e olhava para ele de modo expectante.

— Você me perguntou alguma coisa? — o *master* questionou com certa confusão.

Nicholas absteve-se de caçoar

dele por seu estado distraído, mas não pôde reprimir um sorrisinho de cumplicidade.

— Eu perguntava se o patrão chegou a fazer os pedidos de mais algodão. Nós estaremos prontos para recebê-lo na próxima quinta-feira.

— Deve chegar. Eu fiz o pedido — respondeu em um empregado esforço de parecer um homem de negócios. — Eu estarei em meu escritório se precisar de mim — ele instruiu com o esboço de um sorriso, sentindo-se um pouco nervoso por ter sido pego desprevenido.

Nicholas assentiu e observou o jovem marido partir do galpão da tecelagem. Ele recordou como era estar completamente apaixonado. Aquelas

primeiras semanas e meses de casamento foram um momento especial que ele nunca esqueceria, e estava feliz em ver que Thornton estava obcecado por sua esposa.

A sirene tocou para o horário do almoço e as multidões de trabalhadores se enfileiravam saindo das fábricas de Milton. Contudo, o tempo passava despercebido na quietude do escritório de Mr. Thornton. Ele continuava mergulhando a pena no tinteiro e levando-a sobre o papel. Tendo decidido o curso apropriado das ações, se concentrava nas respostas às correspondências que haviam sido ignoradas.

— Entre — ele respondeu à batida na porta. John não ficou perturbado pela interrupção, pois fora consultado em inúmeros assuntos durante toda a manhã.

Margaret entrou silenciosamente e fechou a porta atrás de si, não desejando perturbar o marido que ainda estava com a cabeça inclinada sobre o trabalho.

— Margaret! — ele exclamou em grata surpresa ao olhar em sua direção. Levantou-se imediatamente e a correspondência foi esquecida.

— Achei que você pudesse ter tempo para um pequeno lanche — ela disse com um suave sorriso —, apesar do cenário não ser tão encantador — aproximou-se da mesa.

— Ao contrário, eu acho o cenário

absolutamente encantador – respondeu ele com um sorriso significativo, seus olhos admirados encontrando os dela.

Margaret sorriu com modéstia e largou a cesta ao aproximar-se para um suave beijo.

Os braços de Margaret se acomodaram possessivamente ao redor do pescoço dele, contemplando-o, admirando-o e estremeendo em segredo por ter beijado o *master* em seu privado escritório. A última vez que estivera naquele aposento, ela sabia apenas seu nome, e estivera impaciente para conhecer o homem que se considerava muito importante para recebê-la. Agora ali ela estava, adoravelmente em seus braços, como se toda sua vida girasse em torno

dele, o que era verdade. John era a figura central de todo o seu mundo, e ela nunca se esqueceria da grande sorte que tivera.

— Sente-se, e eu servirei seu almoço – ela disse.

Mr. Thornton a observava enquanto dispunha as coisas na mesa. Fascinado pelos delicados movimentos de suas mãos, John recordou como aquelas mesmas mãos haviam deslizado sobre suas costas somente algumas horas atrás. A presença dela naquele sério e solitário lugar embelezava e reavivava todo o cômodo, e ele mal podia acreditar que ela estava mesmo ali.

Incapaz de resistir mais tempo, ele se levantou e deslocou-se vigorosamente, em torno da mesa, para tomá-la em seus

braços novamente. Pressionou-a contra si e a beijou, desejando provar um pouco da paixão que haviam partilhado mais cedo. Ela satisfez seu anseio retribuindo-lhe o beijo.

— Você será minha ruína! — declarou de forma veemente quando, enfim, afastou seus lábios dela.

— O que quer dizer? — ela perguntou perplexa por sua acusação.

— Não consigo me concentrar no meu trabalho. Ao invés disso, me encontro pensando em outras coisas — explicou, lançando a ela um olhar intencional.

— O que pode ser feito sobre esse assunto? — ela inocentemente lhe propôs, seus olhos saltitando, deleitando-se em sua perturbação.

Ele moveu seus lábios para mais perto do ouvido da esposa.

— O que eu quero fazer sobre esse assunto exige que você esteja em nossa cama! — ele a preveniu, o tom provocante emitindo uma onda de tremor no corpo de Margaret.

— John! — ela exclamou em simulado protesto. — Talvez nós possamos discutir isso quando você chegar do trabalho hoje — ela sugeriu mais sedutoramente, seus expressivos olhos comunicando o significado.

Os olhos dele se escureceram reconhecendo sua intimação.

— Talvez eu deva chegar mais cedo em casa — respondeu, sua voz enfraquecendo ao pensar o que lhe

esperava ao final do dia.

Margaret sorriu ao perceber sua ansiedade.

— Eu sei que você está muito ocupado — ela reconheceu, fingindo modéstia, roçando as mãos ao longo da parte frontal do seu colete. — Talvez nós possamos marcar uma reunião esta tarde. Digamos, às quatro e meia? — ela sugeriu com um tom casual ao formar-se um sorriso em seus lábios.

A porta abriu-se repentinamente e Higgins deu um passo para dentro do escritório.

Margaret virou-se para ver quem os havia descoberto, e cada um deles exibiu um semblante de surpresa.

— Perdão — o intruso se

desculpou e começou a retirar-se.

— Nunca ouviu falar em bater na porta, homem? – o patrão bruscamente o provocou, aliviado por descobrir que era somente o confiável Higgins.

— Você me disse... – ele começou a falar defensivamente, notando o sorriso se espalhando pelo rosto do patrão. — Vejo que você se mantém bastante ocupado durante a hora do almoço – Higgins respondeu com um malicioso lampejo em seus olhos.

— Nicholas, é muito bom ver você – Margaret o interrompeu, tomando a mão do amigo para saudá-lo.

— É bom ver a senhorita de volta a Milton, Miss Margaret. Ou suponho que deva chamá-la de Mrs. Thornton –

observou com um gracejo.

— Você pode me chamar de Miss Margaret, ou Margaret, o que você quiser. Estou certa de que todos estão cientes do meu título sem alvoroço de palavras — ela o assegurou, olhando para o esposo que sorria amplamente por seu comentário.

— Como está a Mary? — perguntou a nova Mrs. Thornton.

— Ela se mantém ocupada com as crianças e com o refeitório dos trabalhadores. *A senhora* — ele frisou — deveria vir almoçar conosco, algum dia. Ela é uma boa cozinheira. O patrão aqui lhe dará testemunho disso.

— Eu adoraria visitá-los, tenho ouvido muito sobre o refeitório. Talvez nós possamos comer lá amanhã — ela

propôs, confiantemente, buscando a aprovação do marido.

Mr. Thornton sorriu para a esposa. De fato, foi ela quem o impeliu a abrir sua mente e considerar maneiras, as quais, patrões e empregados pudessem trabalhar juntos.

— Nos vemos amanhã, então — disse Margaret, entusiasticamente.

Nicholas assentiu e moveu-se para sair. Com sua mão na maçaneta, ele se deteve um momento para obter a atenção do patrão.

— Nunca ouviu falar em trancar a porta? — ele gracejou com um olhar alusivo, e seus olhos brilharam com satisfação pelo casal feliz, antes de fechar a porta e sair.

Mr. Thornton sentiu seu rosto arder e balançou a cabeça diante do audacioso humor do seu empregado, à medida que os cantos da boca se curvavam em um sorriso.

Margaret olhou para o esposo de certa forma culpável, e começou a servir-lhes o almoço.

Depois da partida de Margaret, Mr. Thornton trabalhou durante toda a tarde, absorvido nos papéis que o cercavam. Ao caminhar pela estreita passagem entre os ruidosos teares, ele puxou seu relógio de bolso para descobrir que era quase quatro horas. O industrial, de repente, se tornou uma confusão de nervos ao perceber como estava perto da hora da reunião que a esposa lhe havia

proposto.

Williams o deteve quando ele voltava para o escritório, apresentando um pequeno dilema para o patrão resolver. Mr. Thornton ouviu impacientemente e proferiu seu julgamento de forma mais áspera que o habitual. Deu ao capataz um aceno arrependido antes de apressar-se para o escritório. Sentou-se para olhar para o livro contábil, aberto em cima na mesa, dizendo a si mesmo para não desperdiçar tempo precioso. Seus olhos passaram por alto nas figuras, mas sua mente não obedecia ao seu comando racional. Olhou para o relógio para ver que já era agora quatro e vinte. Os dedos brincavam com a pena que tinha em mão e se questionava se

Margaret havia sido sincera sobre a reunião, ou tinha meramente gracejado.

John pôs a pena de volta no aparador com decisão. Se a esposa o estivesse esperando, ele não iria desapontá-la. Se estivesse somente zombando dele, ele poderia descobrir rapidamente e voltar ao trabalho em poucos minutos. Enfiou os braços na sobrecasaca, deixou o escritório, e caminhou apressado para casa.

Mrs. Thornton ergueu a cabeça de seu trabalho de costura, ao ouvir o som das rápidas passadas na escada.

— O que o traz a casa a esta hora?
— ela perguntou, surpresa ao ver o filho entrar na sala.

Mr. Thornton buscou na sala algum

sinal da esposa.

— Onde está Margaret? — ele perguntou, distraidamente, ignorando o questionamento de sua mãe.

— Ela está lá em cima. Disse-me que tinha que escrever muitas cartas — ela respondeu, diligentemente, perplexa ao ver o comportamento agitado do filho.

John voltou-se prontamente em direção às escadas.

— Obrigado — lembrou-se de responder antes de saltar sobre os degraus.

Entrou em seu quarto e tirou o casaco, com o coração batendo acelerado, antecipando o que descobriria. Caminhou pelo quarto de vestir e se deteve, convencendo-se claramente que tinha

vindo à toa. Inspirou com o intuito de renovar sua determinação e transpôs a porta.

— Eu vim para ver se... — ele começou a dizer antes de deter seu curso, ao ver Margaret sentada na escrivaninha, vestida em seu penhoar transparente verde — usando *somente* o penhoar.

— Sim? — ela o induziu a falar, ao vê-lo parado, sentindo-se embaraçada pela sua sedutora estratégia. A presença viril dele enchia o quarto.

John ficou paralisado por um momento, antes de avançar e parar na frente da esposa, seus olhos cravados na imagem à sua frente. Seu coração saltava no peito ao pensar que ela pudesse desejá-lo, tendo-o atraído ao seu quarto

no meio do dia. Mr. Thornton estendeu a mão para desatar o laço que prendia frouxamente o traje, e separou o vaporoso tecido para revelar a pele quente embaixo. Seus olhos famintos a tragavam, à medida que deslizava as mãos para sua cintura, sentindo sua pele macia, fazendo com que o desejo fluísse através dele.

Margaret sentiu a pele queimar sob seu olhar ardente, e seus olhos analisaram sua fascinação por ela. Algo profundo dentro dela se agitou em resposta à sensação do toque dele. Ele puxou o tecido atado em seu pescoço. O pulso de Margaret agitou e ela sentiu os joelhos enfraquecerem ao vê-lo desabotoar o colete, e seus olhos encerrados nela. Ela se dirigiu para a

cama, removeu o penhoar e se posicionou, sentando-se à espera dele.

Seu fôlego ficou preso na garganta ao perceber o olhar penetrante que John lhe deu ao aproximar-se, e ela, desejosamente, deitou-se para recebê-lo. Estavam cheios de desejo, ele a preencheu, e foi como na primeira vez, embora amplamente satisfatório para ambos.

Algum tempo depois, Mrs. Thornton ergueu a cabeça novamente, ao ouvir os rápidos passos do filho descendo as escadas.

— Está tudo bem, John? — ela perguntou, apreensiva, questionando-se se alguma novidade preocupante o motivara a vir para casa inesperadamente.

— Está tudo bem, mãe — ele respondeu, olhando de relance em sua direção antes de continuar apressadamente para a fábrica, corando diante da curiosidade da mulher.

Mrs. Thornton suspirou e se apoiou na cadeira. Recordou-se que não teria mais conhecimento de todas as condutas de seu filho, agora que estava casado, e se resignou com o fato de ele ter Margaret a quem recorrer. Hannah não podia evitar sentir uma pontada de ciúme de que ele não confiasse mais nada a ela.

Margaret permaneceu no quarto um pouco mais de tempo, para realizar sua tarefa original de escrever algumas cartas. Quando finalizou, ela se juntou à sogra na sala, onde a senhora mais velha

estava sentada bordando. Margaret tomou a cópia de seu pai de Aristóteles e tentou se concentrar. Enquanto esperavam pela chegada de John, lançava olhares para a mãe do marido e se questionava como ela podia suportar o tedioso aborrecimento de sua constante trabalho de costura, antes de lembrar-se que sua sogra tinha, provavelmente, passado muitos anos em ansioso laboro ao erguer seu filho ao seu atual sucesso. Ela deveria estar grata e orgulhosa que seu filho pudesse prover-lhe a posição de repouso da qual gozava nos últimos anos.

O som de vozes e coches no lado de fora do pátio preencheu o desconfortável silêncio na sala, quando, por fim, Margaret ouviu os passos do

marido subindo as escadas. Resistiu ao impulso de pular e correr para ele e, ao invés disso, se levantou serenamente da cadeira para saudá-lo.

— Você chegou! – ela exclamou com ardor temperado, ao estender a mão para ele.

— Cheguei – John concordou ao tomar as mãos da esposa nas suas e dar-lhe um beijo modesto nos lábios, rejubilando-se pela entusiasmada recepção. Comunicaram silenciosamente, compartilhando sorrisos e olhares amorosos antes que John fosse cumprimentar sua mãe e retirar-se para se lavar para o jantar.

Após a ceia, a família passou alguns momentos tranquilos na sala,

enquanto John lia o *The Guardian*. Como na noite anterior, Margaret retomou a leitura de seu livro. Percebendo sua falta de atenção, e sentindo os olhos ficarem cansados, anunciou que iria se retirar, e desejou uma boa-noite à sogra antes de sorrir para o marido.

Mr. Thornton permaneceu com sua mãe por um tempo, revelando um pouco mais de suas preocupações sobre a recuperação da fábrica.

— Se não recebermos mais pedidos dentro das próximas semanas, eu não vejo como poderemos continuar a operar durante o inverno — ele admitiu com um longo suspiro.

Por alguns minutos, mãe e filho conversaram sobre as possibilidades para

prolongar a operação da fábrica. Mr. Thornton, pouco depois, encaminhou-se para as escadas. Sentia uma intensa melancolia começando a descender sobre ele. Desejara prover a Margaret uma posição segura na sociedade, e partilhar com ela as recompensas de seu trabalho. Seu coração se torturava ao pensar quão alto ela o estimava, e não queria desapontar a confiança que ela tinha nele.

Sozinho em seu quarto, ele começou a se despir para dormir. Queria sentir o conforto dos braços dela em torno de si, mas em seu humor modesto se questionava se Margaret o quereria naquela noite, ou se iria colocar de lado suas próprias inclinações para satisfazê-lo.

Ele estava insistindo em tais pensamentos quando se virou para vê-la entrando no quarto. Margaret vestia a simples camisola branca que havia usado em Helstone.

— Você parece surpreso em verme — ela observou.

— Eu pensei que talvez você tivesse se fartado de mim hoje — ele disse com um sorriso amargo.

— Eu não acho que eu possa, algum dia, me fartar de você — declarou ternamente, ao caminhar até ele e envolvê-lo com os braços. — Eu não desejo ficar separada de você, a menos que seja necessário — assegurou-lhe, fitando-o amorosamente.

Tais palavras o aguaram como

uma leve garoa, removendo a lama de suas dúvidas e medos, para revelar a verdadeira beleza de sua afeição.

— Nem eu de você — ele respondeu, maravilhando-se na mera existência de Margaret em sua vida.

Ela detectou algo na expressão do esposo, que lhe mostrou que ele estava preocupado.

— O que foi? — ela o persuadiu a abrir-se, desejando que ele partilhasse suas preocupações.

Ele sorriu um pouco timidamente e começou a explicar:

— Quando eu sonhava em me casar com você, eu a amava tão profundamente que pensava que seria o mais apaixonado dos homens. Eu não

achava possível ninguém se sentir como eu me sentia. Agora, estou impressionado por descobrir que você me ama em igual medida – ele confessou, contemplando-a tão ternamente que ela sentiu o coração suspirar com o amor que ela tinha por ele.

— Eu o amo. Eu não sabia o quanto podia amar até encontrar você – ela admitiu, olhando na profundidade de seus expressivos olhos azuis.

— Margaret – ele sussurrou, admirado.

O nome dela havia sido uma melodia em sua mente por tanto tempo – tinham passado meras semanas desde que descobrira que Margaret lhe tinha algum sentimento. Ainda se maravilhava que ela estivesse ali com ele; que os céus, de

alguma forma, parecessem dispostos a conceder-lhe aquele presente.

— Minha Margaret — ele murmurou ao erguer o queixo dela e trazer seus lábios perto do seu.

Beijou-a com terna afeição, permitindo que seus lábios roçassem os dela. Ele estremeceu fascinado ao sentir o prazer que corria através dele, quando os lábios dela o encontravam com ansiosa resposta.

Afastou-se para olhar para ela. Os olhos de Margaret brilhavam com adoração, e seu semblante ardia com belíssimo anelo.

Margaret o tomou pelas mãos e levou-o lentamente para a cama. John a observou ao passo que ela erguia a

camisola e a retirava. Seus olhos silenciosamente se comunicaram com os do esposo, e ele, rapidamente, respondeu ao seu chamado.

Eles fizeram amor com luxuosa lentidão, sem timidez, encarando um ao outro ao movimentar seus corpos em silenciosa entrega, livremente seguindo os impulsos que emanavam tão naturalmente de seus corações.

Quando, enfim, chegaram ao clímax, Margaret se aninhou nos braços do marido. Mr. Thornton segurou firme a esposa, dando-lhe beijos em sua cabeça com muita ternura, à medida que ela lhe acariciava o peito.

Ele continuou a segurá-la em seus braços, e quando ouviu sua respiração

ficar mais lenta, indicando que estava dormindo, ele tomou sua mão e a beijou. Segurou a pequena mão da esposa e a manteve em seu torso, enquanto seu contentamento lentamente o conduziu ao sono.

A fraca luz da manhã dava forma aos escuros objetos no quarto do *master*. Mr. Thornton beijava suavemente à têtêpora de sua esposa.

— Você quer se levantar comigo esta manhã, ou a deixo para que descanse mais um pouco? — ele perguntou, ao brincar com os fios do cabelo de Margaret com os dedos.

— Mmm... – você se importará terrivelmente se eu não acompanhá-lo no desjejum? – ela perguntou, sonolenta, ao virar-se de lado e encolher os joelhos confortavelmente na cama.

— De maneira nenhuma. Não vejo motivo para você se levantar tão cedo, amor – ele respondeu, dando-lhe um último beijo antes de sair da cama.

Ficou muito satisfeito em permitir sua esposa descansar enquanto ele, furtivamente, arrumava-se para o trabalho no quarto escurecido. Sentia certo contentamento em saber que ela estava seguramente cuidada, ao observar o suave subir e descer de suas formas, um momento antes de deslizar para fora do quarto.

Margaret desceu um tempo depois para encontrar a mesa vazia. Ela puxou o cordão para chamar a criada, sentindo-se de certa forma desconfortável por estar sozinha em sua nova casa. Somente no fim, Mrs. Thornton chegou e saudou-a.

— Bom dia. Dormiu bem? — ela perguntou, polidamente.

— Dormi, obrigada. A senhora se importa se eu não me juntar para o desjejum todos os dias? — ela perguntou, com ponderação.

— Não, de maneira nenhuma, eu estou acostumada a acordar cedo para me despedir de John, mas não creio que seja necessário que você acorde tão cedo — respondeu. Mrs. Thornton tinha que admitir que nem todos eram aptos a

acordar antes do amanhecer, e, de fato, saboreava a ideia de poder manter a tradição de acompanhar o filho no desjejum.

— Acho que eu poderia mostrar-lhe as contas da casa esta manhã — anunciou Mrs. Thornton um pouco rigidamente, ansiosa para que a moça entendesse que, mesmo numa casa como aquela, a economia ainda era imperativa.

— Oh... sim, é claro — Margaret respondeu com uma leve hesitação, ao levantar-se para seguir a mais velha até a sala de jantar. Ela temia a ideia de revisar as listas com atitude séria que parecia ser a grande força de sua sogra.

— Fanny deseja se juntar a nós para o chá esta tarde, se você não tiver

outros planos – Mrs. Thornton acrescentou, ao sentar-se à mesa onde o livro contábil da casa estava aberto para a revisão.

— Não, será ótimo. Estou segura de que ela terá muito para nos contar sobre sua viagem a Londres – Margaret respondeu, perceptiva. — Oh, mas eu tenho planos para o almoço, mais uma vez. Hoje irei almoçar com John no refeitório dos trabalhadores – ela disse, sentando na cadeira ao lado dela.

Mrs. Thornton ficou em silêncio por um momento.

— Estou certa que uma dama de sociedade não seria vista em tais lugares – ela declarou tão sutilmente quanto lhe foi possível, sabendo que a jovem

resistiria a qualquer julgamento fortemente expressado.

— Estou certa que acompanhar meu esposo para conhecer suas realizações não pode ser considerada uma afronta — Margaret respondeu, calmamente, esperando que a sogra pudesse entender seu ponto de vista.

Mrs. Thornton não considerava tal experimento como sendo uma realização. Não aprovara o esforço de John para criar o refeitório para os trabalhadores, pois ele já estivera ocupado o suficiente mantendo a fábrica funcionando depois da acintosa greve. Sabia que havia sido a associação do filho com os Hale que o conduzira a empreender aquela desvantajosa iniciativa. Eles haviam

incutido em sua mente seus ideais filosóficos, convencendo-o de que ele tinha responsabilidade de aliviar as cargas das classes trabalhadoras. John já não fazia o suficiente por eles, dando-lhes emprego útil?

— Eu sei que você não iria querer provocar conversas desfavoráveis na sociedade de Milton. Em geral, este tipo de experimento não é bem recebido aqui — Mrs. Thornton explicou em uma voz franca.

Margaret se eriçou com tal insinuação.

— Estou ciente que é desconfortável para aqueles que estão bem estabelecidos considerarem as dificuldades dos pobres e enfermos. É

certamente um assunto muito desagradável. Mas eu não tenho nenhuma intenção de abandonar meus esforços para ajudar os necessitados somente porque pode ser que haja fofocas sobre isto – ela declarou com ardor mal contido.

— Você deve proceder como achar melhor – Mrs. Thornton respondeu suscintamente, derrotada e cada vez mais desconfortável com as emoções demonstradas por sua nora.

Margaret inspirou profundamente para liberar a tensão que estivera crescendo dentro de si, aliviada ao perceber o fim da conversa.

Mrs. Thornton expirou exasperada, e então começou a apontar, calmamente, como ela mantinha em ordem

as despesas mensais. Quando ela, por fim, comentou levemente sobre a sabedoria de economizar, Margaret foi compelida a perguntar uma questão particularmente sensível, que tinha sido motivo de constante preocupação para ela.

— Desculpe-me por interromper, mas posso perguntar se as coisas ainda estão... precárias, referentes à fábrica? — ela interrogou, hesitantemente. — Meu pai me disse que Mr. Thornton estava muito preocupado com a fábrica — que estava difícil reestabelecer os negócios depois da greve — Margaret explicou, olhando para a mãe do marido de maneira expectante.

Mrs. Thornton avaliou a moça com mais respeito. Ela estava surpresa por

descobrir que Margaret não estava alheia aos problemas, como ela supunha. Hannah, entendeu, entretanto, que John ainda não havia conversado com ela.

— Os negócios ainda não se recuperaram, de maneira que precisamos ser cautelosos com relação às nossas finanças — ela respondeu simplesmente.

Margaret assentiu de maneira compreensiva. Lamentou pelo esposo, que estava calmo e nobremente tentando reestabelecer o sucesso. Ouviu polidamente a seca descrição da sogra sobre as finanças, quando a jovem se deu conta que poderia haver um jeito de chegar a um bom termo com a mulher ao seu lado.

— Mrs. Thornton, se a senhora me

permitir interrompê-la novamente – ela começou dizendo – eu espero que não pense que estou recuando dos meus deveres – pois esta não é minha intenção – mas me pergunto se não pode haver uma maneira de dividirmos as tarefas da administração da casa entre nós pelo tempo presente. Este tempo me permitirá aprender tudo mais lentamente, e creio que não a incomodará ajudar-me a assegurar que tudo seja feito em ordem e economia – ela finalizou, esperando chegar a um entendimento com Hannah, que lhe daria mais tempo para escapar do confinamento da casa e permitiria que a sogra mantivesse o senso de orgulho e realização em sua casa.

De certa maneira surpresa com a

proposta franca da jovem, Mrs. Thornton considerou a ideia com ponderação.

— Eu acho que pode dar certo, Margaret — ela finalmente respondeu, as commissuras de sua boca se erguendo levemente em um plácido sorriso.

Margaret ficou aliviada quando chegou a hora do almoço. Vestiu seu gorro preto e saiu para encontrar John em seu escritório. Tomou o braço do marido que lhe era oferecido, e o casal seguiu seu caminho para o refeitório.

A agitação do salão silenciou e rompeu em uma salva de palmas, quando o mestre entrou com sua esposa pelo

braço. Margaret arqueou a cabeça com discrição, enquanto os homens gritavam e assoviavam, tentando ignorar os gritos de “Beije-a por nós” e outros comentários oportunos que vieram do ruidoso público. Aqueles presentes juraram que o usualmente severo patrão tornou-se um matiz de rosa com toda a atenção.

Mr. Thornton sorriu timidamente e ergueu a mão, no esforço de aquietar os homens, quando Nicholas veio para saudá-los. Higgins gesticulou para que os homens cessassem seus louvores escandalosos, e o barulho no salão rapidamente diminuiu, apesar de ainda haver zumbido de conversação, à medida que olhares prolongados permaneciam sobre a esposa do mestre.

— Miss Margaret! — Mary exclamou ao abraçar sua amiga.

Higgins os acompanhou a um lugar perto da parede. Uma toalha de mesa branca cobria a mesa e um vaso com flores silvestres traziam o aroma primaveril ao interior insosso daquele amplo espaço.

Mary serviu o cozido favorito do mestre e Nicholas se juntou aos seus amigos para almoçar.

— Não há nada no Hampers ou no Slicksons que mostraria a lealdade deles aos poderes que existem. Você tem ganhado a confiança dos homens, Thornton. Não é só o refeitório. Você insistiu que os homens façam trabalho de qualidade, dizendo-lhes que seu emprego

depende disso. Eles estão orgulhosos por fazer seu melhor para aquele que é honesto com eles — comentou candidamente. — Não há nenhum trabalhador nas outras fábricas que não gostariam de ter uma chance de trabalhar em Marlborough Mills — ele acrescentou, com certo orgulho.

Margaret sorriu amplamente ao ouvir aquele julgamento sobre a reputação do marido. Mr. Thornton assentiu humildemente diante da avaliação de Higgins, e sorriu agradecido para a esposa.

— Eu esperava que os outros patrões pudessem perceber que nem todos os esforços são medidos estritamente em libras e xelins.

Quando Margaret adentrou a casa, Jane anunciou que havia chegado um pacote que a estava esperando em seu quarto. Ela correu pelas escadas, perguntando-se quem havia lhe enviado o presente.

Dixon estava no aposento, guardando algumas roupas.

— Acho que veio da Espanha — ela anunciou com um amplo sorriso, ao ver a senhora dirigir-se ao pacote colocado em cima de sua cama.

— Frederick! — Margaret exclamou ao apressar-se para abrir a caixa.

Ela retirou um lindíssimo leque fechado e abriu-o com um movimento suave no pulso. O tecido acetinado preto era decorado com uma delicada estampa de rosas amarelas e bordeada com renda.

— Não é lindo? Combina com a mantilha de renda que Dolores me mandou no início deste ano – ela comentou de maneira entusiasmada.

— É uma peça muito elegante, Miss Hale, aliás, Mrs. Thornton – Dixon se corrigiu, feliz de ver que o mestre Frederick tinha enviado um presente de casamento para a irmã.

Margaret voltou a atenção para a caixa, para procurar uma nota, e descobriu não só uma missiva escrita, mas também outro presente. Ela retirou uma

garrafa de licor.

— Oh, isto provavelmente é para John. Frederick sabe como é difícil achar bons licores aqui na Inglaterra.

Ansiosa para ler o que o irmão havia escrito, ela abriu o papel.

*“Minha querida irmã,
Espero que vocês gostem dos presentes do meu ensolarado lar, na Espanha. Sinto muito ter perdido seu casamento na nossa amada Helstone. Certamente você foi uma noiva lindíssima. Como eu teria gostado de conduzi-la através da nave da igreja! Estou grato que o amigo do nosso pai foi capaz de tomar meu lugar.*

Por favor, dê meus respeitos ao

seu Mr. Thornton. Suas afetuosas palavras a respeito dele têm me convencido que ele tomará conta de você.

Dolores e eu temos uma grande novidade para contar! Estamos esperando o nascimento do nosso primeiro filho em janeiro, e estamos, certamente, explodindo de alegria! Dolores está passando maravilhosamente bem até agora, apesar de se sentir frequentemente mais cansada do que o normal.

Eu espero, querida Margaret, que você se encontre tão feliz no casamento quanto nós. Você merece toda a felicidade depois de todas as provações que tem enfrentado nestes últimos meses.

Dolores se une a mim ao mandarmos nosso amor a você e aos seus. Não se esqueça de dar uma abraço em Dixon por mim.

*Com amor,
Frederick.”*

Margaret leu a carta para Dixon – que chorou –, e admirou seu leque antes de sentar-se para escrever ao irmão uma nota de agradecimento.

Fanny chegou para o chá no horário combinado, e sentou-se na sala de estar com grande pompa, incomodando-se com os babados de seu novo vestido azul-

pastel ao tomar a cadeira.

Ela sorriu para a cunhada, ansiosa para difundir a sabedoria acumulada de suas semanas como mulher casada.

— Você desfrutou de sua lua de mel? — ela perguntou com um leve tom de formalidade, ao observar a mãe deixar a sala para buscar a criada. Sem esperar por uma resposta, ela inclinou-se para conversar mais intimamente. — Eu sei que pode ser um pouco impactante ajustar-se à vida de casada — ela começou a falar de maneira sábia em voz baixa. — Entre você e eu, acho homens meio bestiais na primeira e segunda semana. É melhor fingir algum tipo de desconforto — e eles logo perderão interesse de vir até você — aconselhou a jovem. — É seu

dever, afinal, aplacar estes desejos impróprios – acrescentou, erguendo o queixo orgulhosamente, ao inclinar-se de volta em seu assento.

Margaret conseguiu assentir fracamente em reconhecimento às palavras da cunhada, suprimindo o sorriso que ela sentia despontar-se em seu rosto. Ela riu por dentro ao pensar quão chocada Fanny ficaria se conhecesse os segredos de seu casamento, e quão pouco ela desejava abrandar os desejos do marido.

O retorno de Mrs. Thornton salvou Margaret de receber mais algum conselho marital de sua bem-intencionada cunhada, e Fanny iniciou uma conversa mais trivial, enquanto Margaret servia o chá.

Fanny estava explicando as

diferenças entre as grandes lojas de Londres e as melhores lojas de Milton, quando Mr. Thornton entrou na sala.

— John! — Margaret exclamou, quase saltando de sua cadeira. — Não sabia que você poderia se juntar a nós — ela admitiu, seus olhos brilhando, quando ele tomou sua mão estendida e inclinou-se para dar-lhe um beijo no rosto, antes de sentar-se junto a ela.

Fanny procurou sorrir polidamente, mas seus olhos se agitaram desconfortavelmente ao testemunhar aquela demonstração de afeição do irmão.

— Não posso ficar muito tempo, mas vim para ver minha irmã — ele explicou. — Como está, Fanny? — ele perguntou, sorrindo para ela.

Fanny empertigou-se e sorriu ao receber a atenção do irmão.

— Estou bem, John, obrigada — ela respondeu. — E você gostou de sua estadia no campo? — ela perguntou em retorno, questionando-se como seu irmão tinha conseguido suportar tanto tempo ocioso, quando parecia ter passado sua vida inteira trabalhando.

— Foi uma viagem muito agradável, eu gostaria de voltar lá todos os anos — ele respondeu, honestamente, sobressaltando a mãe e a irmã. Margaret sorriu ao receber do esposo um olhar afetuoso.

— Bem, não iria imaginar que você apreciasse longas horas sem ocupação. Nunca soube que você fizesse

qualquer outra coisa que não fosse trabalhar e ler seus livros – Fanny respondeu, buscando o olhar de confirmação de sua mãe.

— Descobri ser muito relaxante desfrutar do meu dia sem planejamento – ele rebateu. — O cenário é belíssimo e a companhia muito agradável – acrescentou com um sorriso irrepreensível.

Margaret enrubesceu ante sua cândida observação, e moveu-se para servir uma xícara de chá para o marido.

Mr. Thornton observou-a com o coração transbordando em grande satisfação. Ele tinha imaginado longamente quão prazeroso seria vê-la servir chá em sua própria casa. Agora que era sua esposa, seria seu privilégio

observar seus movimentos graciosos.

Fanny regalou sua audiência cativa com uma entusiasmada descrição do quarto do hotel e o impressionante salão de ópera de Londres, e partilhou seu desapontamento ao descobrir que a Alhambra acomodava um sombrio museu de ciências. Mr. Thornton conseguiu escapar-se da sala e retornar ao trabalho antes que ela pudesse entusiasmar-se sobre o baile que estava por vir.

Margaret ouviu educadamente, se não interessadamente, quando Fanny começou a falar em tom animado sobre seu envolvimento no planejamento do grande acontecimento, elaborando sobre cada detalhe com ares de grande importância. A jovem esposa suspirou

aliviada quando Fanny anunciou que precisava voltar para casa, para garantir que a cozinheira tivesse seguido diligentemente suas instruções para o jantar.

Hannah acompanhou a filha até a porta e voltou para sua costura. Dessa vez, Margaret estava contente com o silêncio, e retomou ao seu livro para passar o tempo até o jantar.

Mais tarde, naquela noite, Margaret entrou no quarto do esposo para mostrar a ele os presentes que Frederick havia mandado. Mr. Thornton levantou-se da mesa para recebê-la e comentou favoravelmente sobre os belos presentes, apesar de estar mais interessado na camisola verde de cetim que ela estava

usando.

— Frederick e sua esposa estão esperando seu primeiro filho – ela o informou em uma voz serena, sentindo um leve rubor por falar sobre aqueles assuntos com ele.

— Devem estar muito felizes – John respondeu ao analisar a esposa com afeto, perguntando-se em quanto tempo eles também iriam regozijar em tal bênção. A ideia de Margaret carregando seu filho fazia seu coração doer em terno anseio.

Margaret somente assentiu, incapaz de encarar o olhar ardente do marido. Seu coração se agitava ao pensar em presenteá-lo com igual novidade.

— Eu queria que você pudesse tê-

lo conhecido — ela pronunciou, esforçando-se para desviar os pensamentos de John. — É uma pena que ele não pôde estar presente no nosso casamento — Margaret observou melancólica, pensando sobre o exílio forçado do irmão.

— Eu não perguntei antes, mas talvez agora você possa me contar como aconteceu de ele estar envolvido nessa situação tão infeliz — o marido sugeriu cautelosamente, trazendo-a para sentar-se ao seu lado, ao passo que puxava uma cadeira para perto de sua mesa.

— Bem, pelo que eu entendi, o capitão era um homem particularmente cruel e não gostou de Fred desde o início — ela começou a falar enquanto os dois

tomavam assento. — Um dia, um marinheiro caiu de um cordame superior e machucou-se fatalmente, enquanto tentava muito apressadamente seguir uma rigorosa e inoportuna ordem do capitão. Fred ficou muito ofendido por aquele homem ter morrido de maneira tão vã, e reuniu muitos outros homens para abolir as regras do capitão — Margaret explicou. — Infelizmente, o capitão sobreviveu ao abandono no mar e a maior parte dos envolvidos tem sido julgada e enforcada. Fred escapou com vida, mas foi muito duro para meus pais saber que nunca mais veriam seu filho. Ele conseguiu ficar somente alguns dias aqui em Milton e sentimos que ele devia fugir — ela contou-lhe com uma expressão pesarosa, ao se

lembrar aqueles dias sombrios.

Mr. Thornton ouviu atentamente a explicação de Margaret, mas manteve seus julgamentos sobre o assunto para si mesmo. Reconheceu imediatamente que Fred possuía o mesmo vigoroso senso de compaixão da irmã, e apesar de ter atuado de maneira torpe ao desafiar a autoridade, isso havia sido, no entanto, feito com intenções altruístas. Ele não poderia debater com a esposa sobre o assunto, conhecendo sua feroz lealdade ao irmão, mas não pôde evitar ficar perturbado quando recordou como a situação de Frederick colocara Margaret em perigo por causa do inquérito.

— Eu sinto muito pela tristeza que tudo isso causou à sua família. Foi um

evento muito infeliz – ele simpatizou sinceramente ao tomar as mãos da esposa nas suas. — Como você suportou o restante da visita de Fanny? – ele perguntou de bom humor, mudando o assunto para um tópico mais engraçado, ao levantar-se de seu assento.

Ela sorriu conscientemente à sua questão.

— Eu não me decidi completamente sobre o que ela mais aprecia: visitar lugares de grande reputação ou contar aos outros sobre isso – ela observou com um leve suspiro de exasperação ao também levantar-se.

— Nem todas podem ser sensatas iguais a você – ele a reprovou, trazendo-a para perto para um beijo afetuoso nos

lábios.

Margaret tornou-se pensativa. Os comentários que Fanny tinha dado mais cedo lhe deram muito que pensar. Ela tinha começado a se perguntar se, talvez, não fosse muito apropriado ceder aos seus desejos físicos tão frequentemente. Afinal, John era um magistrado e proeminente empresário, e ela era considerada uma dama refinada.

— John — ela disse vacilante enquanto ele pendurava sua camisa e colete no guarda-roupa. — Quanto frequentemente os outros casais... — ela começou, mas não pôde continuar, incapaz de achar as palavras que expressassem o que ela queria dizer. Margaret sentiu as faces arderem pelo embaraço.

John voltou-se para ela, interessado.

— O que a fez perguntar? — ele questionou suavemente, entendendo de imediato a pergunta pretendida, considerando sua face corada.

— Fanny mencionou algo... — ela titubeou, olhando para baixo.

— Fanny? — ele interrompeu, surpreso, achegando-se a ela e agarrando-a pela cintura. — Espero que não leve a sério qualquer coisa que Fanny possa ter dito sobre tais coisas. Receio que seja bem aparente que ela não se casou por amor — ele advertiu, curioso por saber o que a estava perturbando.

— É só que eu pensei... que talvez nós não devêssemos... que talvez

não seja considerado apropriado... Você é um magistrado... — ela gaguejou, sentindo ainda mais enrubescida por sua proximidade. Os olhos da jovem mapeavam os planos e contornos de seu peito nu, ao passo que ele a segurava em sua posse. Margaret inspirou profundamente para firmar sua resolução. — Eu não quero influenciá-lo de modo desnecessário. Eu desejo ser uma boa esposa para você — em todos os sentidos — ela explicou, ansiosa, fitando-o.

O coração de John cambaleou horrorizado diante da noção que ela pudesse imaginar-se descuidada em seus desejos. Ele tomou sua face nas mãos para olhar em seus olhos.

— Você é tudo que um homem

pode querer em uma esposa – ele assegurou-lhe. — Não pare de me amar, Margaret. Eu não poderia suportar – ele implorou.

— Certamente você não deseja seguir opiniões estritas da sociedade em assuntos privados – ele afirmou, calmo, empenhando-se em aliviar a mente da esposa de qualquer julgamento formulado que ela pudesse ter ouvido.

— Não – ela respondeu, evitando seu olhar.

— Quantas vezes iremos fazer amor não é da conta de ninguém – ele a assegurou, seu tom aveludado a persuadindo a liberar-se de todas as preocupações não admitidas. John trouxe-a mais perto, rodeando a cintura dela com

seus braços fortes. — É? — ele suspirou, determinando-a a olhar para ele, analisando a sedutora suavidade de sua pele.

— Não — ela suspirou ao deslizar as mãos sobre seu peito, ate pousá-los em torno do pescoço dele, finalmente ousando erguer seu olhar. Seus olhos se prenderam em uma compreensão partilhada — seu amor não poderia ser limitado por costumes ou reprimido pela conveniência. Ninguém nunca saberia quão impetuosamente eles ansiavam ser um só.

Margaret derreteu-se sob a intensidade daquele olhar, a profundidade de seus olhos azuis a hipnotizavam.

— Venha — ele chamou, sua voz

delicada acariciando sua alma. — Deixe-me mostrar-lhe meu amor – ele rogou, gentilmente capturando sua boca com a dele, trazendo-a mais perto em seu firme abraço.

CAPÍTULO XVI

A noite do baile finalmente chegou. Nas magníficas casas de Milton, mulheres se enfeitavam e faziam beicinho, à medida que as criadas prendiam flores e laços em delicados penteados. Os corseletes e crinolinas estavam em alta, e cada uma queria sua cintura mais fina e sua saia mais volumosa.

Dixon deu um passo depois de posicionar uma peça decorativa de renda preta e um laço violeta nos cabelos de Margaret. A jovem senhora ficou em frente ao espelho para se admirar. Usava um vestido de seda violeta revestido de renda preta. A saia volumosa acentuava a

forma ajustada do corpete, e rosas de cetim cobriam todo decote que descia modestamente de um ombro ao outro; longas luvas pretas adornavam seus braços.

— Mesmo em seus trajes de luto, certamente vai mostrar esse povo rabugento de Milton como é uma verdadeira dama. Será invejada por todas aquelas garotas nortistas em toda sua elegância! — a orgulhosa criada exaltou.

— Dixon! — Margaret protestou ao seu condescendente julgamento sobre a sociedade de Milton. — Não é minha intenção sobrepujar as outras. Eu somente espero que eu seja bem-vinda para que meu esposo possa garantir sua posição.

— Humpf! — Dixon zombou. —

Foi ele quem teve sorte por ter desposado uma moça tão bem-nascida como a senhorita. Por todo o dinheiro e poder que ele possui aqui, ele não deixa de ser um negociante – não o filho de um cavalheiro. Ora, a senhorita é muito mais...

— Dixon! – a jovem esposa exclamou severamente. — Sou uma senhora agora e você não pode falar dessa maneira. Eu ainda não conheci um cavalheiro que tenha conquistado metade do que meu esposo conquistou, e não há nenhum outro a quem eu estime mais – ela declarou com convicção. — Talvez eu esteja sendo fortemente persuadida por meus sentimentos, mas sou eu que me sinto mais agradecida por ter me casado com um homem como Mr. Thornton, e não

admitirei uma palavra contra ele — anunciou, decidida.

A leal empregada franziu os lábios e, relutantemente, assentiu sua aquiescência.

— Estou certa de que a senhorita, *senhora*, irá somente elevar a estatura do *master* aqui. A *senhora* mal poderia fazer de outra maneira, Miss Margaret, Humpf, Mrs. Thornton — ela se corrigiu.

— Obrigada, Dixon — ela respondeu antes da criada desejar-lhe uma boa-noite e deixar o quarto.

Mr. Thornton olhava pela janela da sala de visitas. A escuridão ainda não

havia tomado conta da cinzenta névoa da fresca noite de primavera. Não apreciava a ideia de passar a noite conversando à toa e sendo forçado a dançar com mulheres por quem não tinha o menor interesse. Os artifícios e formalidades de tais eventos garantiam pouca diversão, pois ele preferia vastamente passar uma noite tranquila com sua esposa.

Sorriu para si mesmo, pois a ocasião seria diferente. Margaret estaria lá com ele. Teria grande prazer, e não uma pequena quantidade de orgulho em apresentar sua esposa aos seus conhecidos. Estava certo de que não poderia haver presente uma dama mais elegante.

Virou-se ao ouvir o som de alguém

entrando na sala, e encarou maravilhado a esposa deslizando em sua direção, na diminuta luz do aposento. *Teria ela sempre o poder de comovê-lo daquela maneira?*, ele se questionava. Ela estava indescritivelmente linda – a visão de sua bela pele de alabastro e as curvas suaves de sua forma feminina fez seu coração bater acelerado.

Ela, contudo, estava igualmente impressionada pela aparência do esposo. Perdeu o fôlego ao vê-lo, e expirou devagar à medida que ele se aproximava com um cálido sorriso, e ela pôde examiná-lo em todo seu esplendor.

John estava vestido impecavelmente em um colete branco que revelava uma camisa justa de algodão, e a

gravata também branca. O fraque preto caía elegantemente, e permanecia aberto na frente, fazendo com que suas pernas parecessem mais longas. Suas botas estavam lustradas e brilhantes e as luvas brancas lhe davam um ar de elegância.

Por acaso, ele sabia quão devastadoramente belo ele era?, Margaret se questionava, ao passo que John a tomava nos braços. Ela não conseguia resistir deslizar as mãos ao longo da ampla superfície do seu torso, para finalmente pousá-las atrás do pescoço. Ele tinha o aroma de colônia e sabonete de sândalo, e quando a pressionava junto a si, ela se emocionava ao lembrar-se das intimidades que partilhavam.

— Você está deslumbrante! Vai ser detestável sair do seu lado esta noite — disse Mr. Thornton e beijou embaixo da orelha da esposa, atraído pela essência do perfume e pelo aroma sedutor de pele recentemente banhada.

— Eu creio que seja esperado que você socialize com as pessoas, Mr. Thornton — ela o recordou de maneira provocativa. Margaret estremeceu ao sentir a boca dele buscando a curva de seu pescoço.

— John! — Hannah gritou ao entrar na sala, mais em tom de surpresa do que de reprimenda.

Mr. Thornton se assustou, e levantou a cabeça imediatamente para olhar para mãe, sentindo-se como uma

criança culpada.

Os olhos de Mrs. Thornton se moveram desconfortavelmente antes de se dirigir a ele mais calmamente:

— Talvez você possa checar e ver se o coche está pronto – ela o direcionou de maneira astuta.

John moveu-se para atender à sua ordem, aliviado por ter-lhe sido oferecido um escape temporário.

— Você está muito elegante, Margaret – Mrs. Thornton elogiou a jovem enrubescida –, apesar de estar certa de que você não precisa que eu lhe diga isso – acrescentou de maneira indiferente, lembrando a cena que havia presenciado.

Margaret corou e acenou

levemente com a cabeça.

— Obrigada — respondeu. — A senhora também está muito elegante — expressou. Hannah Thornton usava o mesmo traje que vestira no banquete do verão passado, um vestido simples de seda preta com renda ondulada ao longo do decote de ombro a ombro.

Mr. Thornton retornou para acompanhar as damas até a carruagem, e os Thorntons, de Marlborough Mills, logo estavam de partida para o baile de Milton.

A nova prefeitura era impressionante. Parecia mais uma catedral do que uma instituição

governamental. Suas portas arqueadas eram entalhadas em pedra, e vitrais enfeitados adornavam as paredes.

Depois de deixar seus xales na chapelaria, os Thorntons subiram a ampla escadaria de mármore para adentrar o *hall* principal, onde seria o salão de baile da noite. Os olhos de Margaret foram atraídos para o alto pé direito e os bulbos cintilantes dos candelabros a gás. Grandes pinturas em molduras douradas estavam penduradas nas paredes revestidas com painéis de carvalho. Uma impressionante profusão de flores, em torno do salão, em colunas de pedestal, exalava um aroma doce; uma enorme lareira de mármore entalhado situava-se majestosamente ao longo da parede. Damas e cavalheiros

conversavam e se saudavam com ansiosa formalidade no refulgente piso amadeirado, e o burburinho de suas vozes mescladas preenchia o salão com expectante energia.

Mr. Thornton escoltou sua esposa em direção a um grupo de empresários, também com suas esposas, enquanto sua mãe se movia através do salão para falar com alguns conhecidos da igreja. Margaret reconheceu os homens e as mulheres do jantar de um ano atrás. Como as coisas haviam mudado desde então!

— Thornton! — Mr. Slickson exclamou ao ver a aproximação do colega. — Temos ouvido de suas recentes novidades. Parabéns pelo seu casamento — expressou ao observar a nova Mrs.

Thornton com apreciação.

— Obrigado — Mr. Thornton disse graciosamente. — Posso lhe apresentar minha esposa? — ele expressou com orgulho evidente.

Margaret acenou com a cabeça para cada uma das pessoas ao serem formalmente feitas as apresentações.

— Ah! — Mr. Slickson expressou quando um agradável rapaz apareceu ao seu lado. — Permita-me apresentar meu sobrinho, Albert Slickson. Ele esteve na universidade em Londres e está hospedado conosco para estudar nossa cidade industrial, estou certo? — ele o perguntou.

— Sim, tio — Albert respondeu polidamente, seus olhos verdes movendo-

se levemente, em desconforto. O estudioso se portava com a habilidosa dignidade da juventude, sua atitude era ágil e decidida. Muito mais charmoso que seu parente próximo, seu cabelo claro e fisionomia alerta surgiam em uma compleição de peso médio que exalava força e vigor.

— Este é Mr. Thornton de Marlborough Mills e sua jovem esposa — Mr. Slickson apresentou o sobrinho aos recém-chegados.

— Muito prazer em conhecê-los — Albert anunciou, saudando o empresário e sua esposa. Ele sorriu para Margaret de maneira agradável, sentindo uma afinidade incomum com a mulher que estava em sua mesma faixa etária.

Os homens arrastaram Albert e Mr. Thornton para salão e começaram a discutir a condução dos negócios na fábrica de Thornton, deixando as damas para encontrar seus próprios tópicos de conversa.

— Eles nunca se cansam de falar de negócios e estão eternamente atados ao trabalho — Mrs. Hamper observou com um suspiro exasperado, voltando-se para Margaret. — Receio que seu marido seja o pior de todos a esse respeito. Sua tentativa em prover um refeitório aos trabalhadores sem dúvida toma muito mais do seu tempo — ela advertiu a jovem esposa.

— Eu o apoio em tais esforços — Margaret respondeu educadamente. —

Creio que diminuir as diferenças entre patrões e empregados beneficiará a todos. Certamente, se os funcionários estiverem satisfeitos, não sentirão necessidade de organizar greves — ela propôs, esperançosamente.

— Estou certa de que é melhor deixarmos esse assunto para os nossos maridos decidirem. Afinal, o que sabemos do manejo dos negócios? — Mrs. Slickson perguntou com um casual encolher de ombros.

— Mas não é nosso dever cristão socorrer aqueles que estão necessitados quando está dentro de nosso poder fazê-lo? — Margaret replicou, mal contendo a ira que sentia surgir dentro de si diante de tal indiferença.

— Sim. Bem, é bom vê-la novamente, Mrs. Thornton — Mrs. Slickson escusou-se de maneira gentil com um leve aceno, quando ela e a Mrs. Hamper se viravam para saudar uma amiga que havia recentemente entrado no salão.

Margaret suspirou, desesperando-se com o fato de que dificilmente encontraria, algum dia, alguma mente semelhante a sua entre mulheres de nível da sociedade de Milton.

— Não pude evitar ouvi-las — o jovem Mr. Slickson interrompeu sua postura solitária, dando alguns passos para aproximar-se dela. — A senhora está disposta a melhorar a vida das classes mais pobres? — ele perguntou,

respeitosamente.

— Sim, apesar de que esse não parece ser um assunto favorável aqui em Milton — ela respondeu de certa maneira perplexa, diante da aproximação audaciosa do rapaz.

— Deveria ser. É um assunto que toca muito o coração do Príncipe Albert. Creio que haja pensadores mais modernos em Londres, do que em nossas cidades mais remotas, eu temo — ele comentou com um sorriso de aprovação. — A senhora não é de Milton, pelo que entendi?

— Não, sou de Hampshire. E também vivi em Londres por muitos anos.

— De fato — ele reconheceu com crescente admiração.

Alguns passos adiante, Mr. Thornton, vendo a esposa desertada da companhia das esposas, e recentemente empenhada na conversa com o jovem estudante universitário, escusou-se das perguntas cada vez mais invasivas de seus colegas.

— Thornton está tão frio e distante da própria classe. Você não consegue alcançar além daquele duro exterior – Mr. Hamper disse, dirigindo-se para Watson e Slickson quando o jovem marido partiu.

— Talvez ele não seja tão frio quando aparenta – parece que ele prefere um foguinho em sua cama – Watson observou de maneira sarcástica, com um sorriso falso e malicioso.

Os homens gargalharam em

presumida concordância.

— Sua esposa me contou que é de Hampshire — Albert comentou com Mr. Thornton quando este se juntou a eles. — Como o senhor conseguiu encontrá-la? — ele questionou de maneira simpática.

Ela mudou-se para Milton com a família — ele respondeu um pouco rigidamente, sentindo-se desconfortável com a sociável familiaridade do rapaz.

Fanny achegou-se ao pequeno grupo do irmão.

— Está na hora de dispor de suas parceiras de dança para o primeiro ato — ela enxotou os homens com sacudidela nas mãos. — Margaret, estou tão contente que você pôde vir à nossa festa, apesar de suas circunstâncias — ela cumprimentou a

cunhada. — O salão não está magnífico? — entusiasmou-se.

— Certamente é um grande evento, o cenário está maravilhoso — Margaret elogiou, ao notar o grande movimento da saia da cunhada.

Fanny usava um vestido de seda amarela, coberto com inumeráveis camadas de tarlatana branca transparente, que estava adornado com pequenas flores, e laços de quase todas as cores. *Ela era um verdadeiro jardim ambulante*, pensou Margaret, ao perceber o gosto de Fanny por todas as coisas ostentosas.

— Oh, Eva! — Fanny exclamou melodiosamente para sua amiga que havia recém-chegado, acenando para que ela se aproximasse.

Margaret virou-se para ver Miss Dallimore acompanhada por um homem de meia-idade que, apesar de não ser agraciado com grande charme, estava evidentemente satisfeito com o privilégio de acompanhar a adorável jovem. Miss Dallimore parecia muito atraente em um leve e gracioso vestido de tule rosa-pálido e renda, seu cabelo louro-escuro adornado com delicadas flores brancas.

— Eva, você se lembra de minha nova irmã, Margaret Thornton, outrora Miss Hale? — Fanny as apresentou.

Eva e Margaret acenaram uma para a outra com sorrisos educados. As duas mulheres haviam se encontrado antes do jantar dos Thornton.

— Mr. Holsworth — o cavalheiro

presente apresentou-se a Fanny e Margaret. — É um prazer conhecê-las — disse com ávida boa-vontade.

Eva sorriu de maneira lamentosa. Seu pai havia escolhido Mr. Holsworth como provável pretendente, depois que Mr. Thornton se tornara indisponível. Sendo um dos banqueiros de seu pai, Mr. Holsworth era um homem gentil com uma fortuna relativa, mas seu comportamento deselegante e aparência pouco atraente deixavam muito a desejar na estima de Eva.

Fanny relembrou ao casal recém-chegado de pegar o cartão de dança de Eva, pois a música logo começaria.

Voltando a atenção novamente para a cunhada, Fanny começou a

descrever o grande esforço envolvido na preparação do salão. Ela começou a explicar seu papel na seleção das flores e dos frescos, mas escusou-se com certa afobação ao perceber alguns distintos recém-chegados entrando no salão.

Aliviada por estar sozinha por um momento, Margaret observou Miss Dallimore e seu acompanhante cumprimentarem Mr. Thornton; este estava tentando achar seu caminho de volta à esposa. Quando ele enfim a alcançou, a trombeta souou dando sinal para o início do primeiro *set* de dança. Mr. Thornton suspirou em voz alta.

— Não se preocupe comigo, me mantereii bem ocupada. Você não deve ser visto tentando cuidar de mim a noite toda

– Margaret o aconselhou, apertando-lhe suavemente a mão enluvada, ao sorrir amavelmente.

Ele aquiesceu relutantemente e saiu do seu lado, buscando seu primeiro par.

A orquestra tocou os primeiros acordes de abertura e um grande cenário de casais se movendo começou a dominar o salão. Margaret observou com certa admiração o paciente sorriso no semblante do marido, ao conduzir a filha do prefeito em passos bem calculados. A moça, que não era particularmente agraciada, estava obviamente satisfeita por ter se encontrado escoltada pelo formidável Mr. Thornton.

Margaret assistiu as primeiras

danças, recebendo olhares apologeticos do esposo em cada pausa. A jovem sorriu ante sua consideração.

— Que pena que a mulher mais gloriosa do salão seja relegada ao papel de uma elegante enjeitada! Eu a conduziria ao piso de dança em rebelião, contra essa cansativa bobagem de luto infindo, se não fosse pela ridícula tagarelice que isso provocaria entre o — assim denominado —, requinte em nossa classe — Mr. Bell declarou ao aparecer inesperadamente ao lado de sua afilhada.

— Mr. Bell! Eu não sabia que o senhor estaria aqui! — Margaret exclamou, com seus olhos brilhando, satisfeita por ver o velho amigo.

— Sim, a Sociedade de Damas

insistiu que eu deveria fazer uma aparição. Então eu pensei que essa seria uma desculpa decente para vir vê-la – ele respondeu com seu charme usual.

— O senhor não precisa de desculpas para vir nos visitar. Por favor, poderia jantar conosco amanhã à noite. Hospedar-se-á em Marlborough Mills? – ela perguntou animadamente.

— Ficarei muito feliz em jantar com vocês amanhã, e agradeço o convite para hospedagem, mas eu já fiz minhas reservas em um hotel – ele respondeu. — Receio que me torne um esquisitão particularmente irritável quando fica muito tarde, e não seria uma boa companhia após o jantar – explicou com uma leve piscadela.

— Eu não creio que o senhor possa se tornar uma má companhia, mas lhe darei a liberdade de nos deixar logo após o jantar. Estou satisfeita que possa ir — a jovem respondeu cordialmente.

Ao perceber a entrada de um distinto cavalheiro e sua esposa, Mr. Bell conduziu Margaret em direção ao casal.

— Ah, Mr. Bell, é bom vê-lo por aqui! Seja bem-vindo à nossa bela cidade — o cavalheiro saudou seu antigo colega.

— Obrigado, eu apareço de vez em quando — respondeu. — Margaret, deixe-me apresentá-la a Mr. e Mrs. Nathaniel Benson! Mr. Benson é um dos mais recentes investidores na indústria de Milton. Um camarada muito astuto, devo acrescentar — Mr. Bell a informou,

enquanto a moça acenava de maneira formal. — Permita-me apresentá-lo minha afilhada, a nova Mrs. Thornton de Marlborough Mills — Mr. Bell disse com satisfação.

— Mr. Thornton se casou? Eu não sabia. A senhora se casou há pouco tempo, minha cara? — o afável indivíduo inquiriu gentilmente.

— Sim, somente há algumas semanas — ela respondeu, vagamente consciente da pausa na música.

— Bem, então, eu lhe desejo toda a felicidade. Mr. Thornton é um excelente homem, de grande determinação e sabedoria incomum. E o tenho observado cuidadosamente por muitos anos. Vejo que ele também tem excelente gosto nas belas

coisas da vida, assim como uma aguçada visão para os negócios – Mr. Benson declarou com vivacidade. — E falando no homem, aqui está ele – acrescentou de maneira animada.

Margaret virou-se para ver a aproximação do esposo, e eles trocaram um olhar.

— Mr. Thornton, não o vejo há algum tempo – o abastado investidor de Milton amigavelmente o cumprimentou.

— Mr. Benson, Mr. Bell – o mais jovem deles reconheceu respeitosamente. — Eu estive fora da cidade recentemente... – ele começou a falar.

— Então, acabei de saber. Você voltou recentemente de sua lua de mel, pelo que entendi. Meus parabéns, meu

amigo. Eu havia começado a pensar que você era absolutamente indiferente ao charme do belo sexo – totalmente consumido por sua dedicação à indústria. Sem dúvida, como em todas as coisas, você era somente persistente em sua busca pela perfeição – Mr. Benson comentou com bom humor.

— De fato, exatamente assim – Mr. Thornton prontamente confirmou, observando, em uma olhadela, quão lindamente a esposa enrubescia; sua graça feminina fascinando-o e lhe inflamando. Não queria nada mais do que carregá-la para algum lugar mais privado, para que pudesse dar-lhe reais motivos para corar.

— Ai está você! – Fanny declarou ao movimentar-se ao lado do irmão,

lançando seu sorriso mais charmoso aos Bensons e a Mr. Bell por sua intromissão.

— Não está engajado para a próxima dança? — ela o lembrou casualmente, ao soarem os primeiros acordes da valsa. Seus olhos se moviam um pouco nervosamente, tendo buscado seu irmão em favor da amiga, Eva Dallimore, que estava esperando por seu prometido parceiro, a certa distância.

Mr. Thornton apresentou a irmã, antes de, relutantemente, desculpar-se para encontrar Miss Dallimore.

Enquanto Mr. Bell continuava a conversar com Mr. Benson, Margaret observou que Miss Dallimore sorria agradavelmente diante da reverência do esposo e ao braço oferecido. Ela os

seguiu com o olhar através da circundante multidão de vestidos coloridos e casacas pretas, à medida que se moviam através do piso reluzente, girando e deslizando, perfeitamente de acordo com a música.

Eles formavam um casal muito elegante, Margaret considerou, ao notar como o belo vestido colorido e o cabelo claro da jovem contrastavam visivelmente com a forma escura do esposo e o similar cabelo preto. Ficou impressionada ao ver quão bem eles dançavam, e se perguntava, com um sorriso admirado, se havia algo que John não conseguia fazer.

Seu sorriso desapareceu, entretanto, quando o casal chegou mais próximo de seu campo de visão. O semblante de Miss Dallimore

demonstrava seu deleite particular por se encontrar no formal domínio de Mr. Thornton. Margaret sentiu tomar conta de si a estranha agitação do ciúme, ao reconhecer que Eva ainda nutria algum afeto por seu marido, recordando rapidamente como Eva tomara o braço de John de maneira excessivamente satisfeita, na ocasião do casamento de Fanny. Analisando o rosto do esposo, contudo, sentiu certa satisfação — ele levava um praticado sorriso de gentileza.

— Margaret — Mr. Bell interrompeu seus pensamentos —, vamos ver que suntuosa variedade está disponível para nós na sala de refrescos? — convidou-a.

— É claro — ela respondeu,

olhando uma última vez para trás, antes de tomar o braço do padrinho.

Mr. Thornton não foi o único a perceber a saída de Margaret. Do outro lado do aposento, o sobrinho de Slickson observava a graciosa figura, ao passo que conversava com algumas pessoas da elite de Milton.

No amplo salão de refrescos, os convidados rodeavam duas longas mesas enfeitadas e carregadas com bolos, biscoitos, sanduíches, chá e limonada. Mr. Bell ajudou Margaret a se servir da abundância que era oferecida. No instante que Mr. Bell se envolveu na conversa com outras pessoas, Margaret vagueou até o canto extremo do salão, bebericando um copo de limonada e analisando um grande

retrato na parede.

— Sinto muito por você não poder dançar – uma voz cordial dirigiu-se a ela.

— Ofereço-lhe minhas mais sinceras condolências. Eu deduzi que seu pai faleceu recentemente – Albert Slickson falou de maneira solene quando Margaret virou-se para vê-lo.

— Sim, faz somente dois meses – ela respondeu com certa hesitação, sentindo-se um pouco incomodada por ser preferida por ele.

— Ele era pároco – ele continuou, já tendo adquirido tantas informações sobre ela quanto poderiam ser coletadas com o tio e outros companheiros.

— Sim, e um acadêmico. Ele dava palestras e aulas particulares quando

esteve em Milton – ela falou com certa medida de orgulho.

— De fato, então eu percebo que a senhora deve ser muito bem-educada também. Como a filha de um pároco, a senhora naturalmente tem um interesse em melhorar a vida daqueles menos afortunados – observou de modo pensado.

— “Não amparar a justiça em sua necessidade é um ato de impiedade”[\[20\]](#) – ele citou, sorrindo.

— Eu acredito que Platão esteja correto – Margaret respondeu prontamente. — Parece-me que a grande injustiça do tempo presente é manter os pobres na ignorância. Se eles pudessem ser educados, aprender a ler e escrever, suas vidas poderiam ser melhoradas. Meu

pai sempre viveu pela máxima de Aristóteles: *‘Todos os homens, por natureza, desejam conhecimento.’*

O rapaz ficou devidamente impressionado e a fitou momentaneamente em extasiada admiração.

— Sim, concordo plenamente — ele respondeu com um sorriso entusiasmado. — E você começou algum trabalho de caridade nesse objetivo? — ele perguntou, interessado.

Margaret sentiu-se fulminada por sua pergunta.

— Não no momento. Somente recentemente eu cheguei a uma posição que pode me oferecer a oportunidade de fazer algo — ela respondeu, refletindo silenciosamente em sua sugestão.

Quando a música cessou, Mr. Slickson olhou para a entrada do salão.

— Se eu puder contribuir em seus esforços, espero que a senhora me notifique. Eu ficaria contente em fazer parte de uma causa tão nobre – ele disse, fitando-a novamente. — Se me der licença, creio que estou engajado na próxima dança – explicou, antes de galantemente fazer uma reverência e se distanciar dela.

A próxima voz que rompeu sua elegida solidão causou-lhe uma faísca nos olhos e lançou um tremor através de suas veias.

— Como é que você está aqui desacompanhada? – seu marido perguntou com certa preocupação, ao aproximar-se

da figura inocente.

— Não posso eu também buscar uma trégua? – ela perguntou de bom humor, ao rapidamente voltar-se para ele.

— Estou muito feliz em vê-lo. Você tem estado muito ocupado esta noite e atua muito galantemente para alguém que professa desgostar de tais eventos.

— Você aprova meu talento para o engano? – retorquiu ele diretamente, com um sorriso distorcido.

— Tem certeza de que não obtém nenhum prazer no ato de dançar? – ela rebateu. — Suas parceiras de dança pareciam desfrutar-se imensamente – ela provocou.

— Desfrutaram? Eu não percebi. Só há uma mulher que eu quero ter em

meus braços – disse ele, seus olhos inflamando com o ardor que ele deveria conter. Seus dedos estremeciam de desejo de tocá-la.

John expirou lentamente.

Posso oferecê-la outra bebida? – ele sugeriu.

Margaret o acompanhou até a mesa dos refrescos, onde o marido inevitavelmente encontrou pessoas de seu conhecimento. Mr. Thornton apresentou a esposa para o juiz da cidade e sua esposa e para um advogado local.

Algum tempo depois, após Mr. Thornton ter sido chamado a atuar novamente no salão de dança, Margaret dirigiu-se para um dos muitos assentos em volta do salão e encontrou-se,

repentinamente, frente a frente com Miss Dallimore.

— Mrs. Thornton — a bela filha do negociante saudou Margaret com gentileza forçada. — Espero que esteja desfrutando da noite. Seu marido parece ser particularmente um parceiro de dança popular — ela observou.

— Sim, eu percebi. Ele parece ser muito célebre em Milton — ela respondeu polidamente.

— Sim, é uma pena que a greve tenha posto seus negócios em risco. Ele foi o solteiro mais elegível em Milton por muitos anos. Ora, mesmo eu tive olhos para ele, há algum tempo. É um mistério que ele não tenha se casado até agora — Miss Dallimore comentou,

presumidamente.

— Eu não julgaria um homem somente por sua fortuna ou sucesso nos negócios. É muito mais importante considerar seu caráter e propósito de coração. Mr. Thornton é um homem de essência. Talvez ele não tenha tido a sorte de encontrar nenhuma do seu gênero, aqui em Milton – ela retorquiu, prontamente, com um leve tom de forçada aprovação.

Um sorriso sutil dançou nos lábios de Margaret ao observar a beleza do baile enrijecer e erguer o queixo, antes de se afastar para encontrar companhia mais agradável.

Margaret estava contente por ouvir a música alegre da orquestra de quadrilha, observando o grupo de damas e

cavalheiros elegantemente vestidos, a dançar algumas polcas e chotiça. Pouco tempo depois sua sogra se juntou a ela, tomando o assento ao seu lado.

— O baile está lotado – Mrs. Thornton comentou. — Estou certa de que Fanny ficará satisfeita – complementou.

— Sim, parece um grande sucesso – Margaret respondeu. — Tudo está muito bonito e as pessoas são muito gentis – ela observou de maneira magnânima.

Mrs. Thornton assentiu, satisfeita por ver que a esposa do filho apreciara o grande evento da cidade.

A música diminuiu e os dançarinos se dispersaram antes que fosse chamado o próximo *set*.

Mr. Thornton aproximou-se de sua

mãe e esposa com um sorriso aberto.

— Está livre por um momento, Mr. Thornton? — a esposa perguntou, provocando-o.

— Estou. Entretanto, eu vim em busca de outra parceira de dança — ele respondeu com um brilho travesso nos olhos. — Posso ter a honra de ter a próxima dança, Mrs. Thornton? — John perguntou à sua mãe.

Mrs. Thornton ficou perplexa, lançando o olhar para a face do filho.

— Não seja ridículo, John. Estou certa de que há muitas mocinhas que devem precisar de um par — ela ponderou, sentindo-se desconfortável.

— Pode ser que haja; entretanto as duas mulheres que eu mais amo e admiro

estão diante de mim. Serei negado ao privilégio de dançar com ambas? – ele perguntou.

Mrs. Thornton suspirou profundamente.

— Muito bem, se você insiste – ela cedeu, e os cantos de sua boca se ergueram num sorriso, quando ela se levantou e tomou o braço oferecido pelo filho.

O semblante de Margaret se iluminou com a admiração que sentiu pelo homem a quem havia desposado, ao observá-lo conduzir sua mãe em torno do salão em uma elegante e animada polca. Seu coração se aqueceu com o prazer de testemunhar mãe e filho se divertindo, e ao ver um sorriso iluminado alentar a

fisionomia usualmente sóbria de sua sogra.

Quando a dança finalizou, John e sua mãe foram envolvidos pelo grupo que os cercava, e Mr. Thornton foi persuadido a participar da quadrilha que foi logo formada. Os lábios de Margaret se contraíram em leve irritação, ao ver o marido conduzir novamente Miss Dallimore, cujo sorriso parecia sedutor demais. Mr. Thornton lançou um cálido olhar para a esposa antes do início da música, e Margaret retornou-lhe um sorriso de reconhecimento. Não demoraria seu pensamento em Miss Dallimore.

— Aí está você! — Mr. Bell declarou, perambulando por onde

Margaret estava sentada. — Eu vim para desejá-la uma boa-noite. Sinto que minha paciência para gracejos sociais está rapidamente chegando ao fim — ele explicou com um sorriso irônico.

— Vemos-nos amanhã, então, no jantar — Margaret o recordou ao levantar-se para caminhar ao seu lado.

— Sim, é claro. Estou ansioso por isso — ele respondeu. — Estou satisfeito por vê-la tão contente. Seu lar deve ser muito feliz — ele disse com afetuosa atenção pelo bem-estar da afilhada.

— Sim, é sim. Eu... nós estamos muito felizes — ela confirmou, ao sentir crescer dentro de si um profundo senso de gratidão, que lhe fazia marear os olhos.

— Bom. Estou feliz por ter vivido

para vê-la bem estabelecida. Seu pai ficaria muito satisfeito, certamente – ele afirmou com convicção.

As lágrimas que haviam começado a se formar caíram espontaneamente.

— Oh Deus! Vejo que eu acabei abrindo uma mina – Mr. Bell brincou, consternado por tê-la feito chorar.

Um rápido sopro de ar escapou dos lábios da moça quando riu de si mesma, embaraçada, por ter ficado tão emocionada.

— Calma, calma. Vamos tomar um ar – ele insistiu ao entregar-lhe o lenço e começar a conduzi-la para longe do salão.

Mr. Thornton vislumbrou a saída apressada da esposa e ficou imediatamente agitado, ao notar que ela

estava tocando os olhos em certa agonia.

Mr. Bell, contudo, acompanhou a afilhada para um aposento escurecido, afastado do grande salão, e parou sem jeito ao lado da moça, sem ter certeza de como poderia ajudá-la em sua recuperação. Margaret inspirou profundamente algumas vezes e lhe assegurou que estava bem.

Não muito tempo depois, Mr. Thornton apareceu na abertura da porta e, rapidamente, encaminhou-se até eles.

— Ah, Thornton! — Mr. Bell exclamou aliviado. — Receio que eu não saiba lidar muito bem com lágrimas femininas. Desejarei boa noite aos dois e deixarei sua esposa aos seus cuidados — ele disse, livrando-se da situação

embaraçosa.

Mr. Thornton acenou em agradecimento, antes de voltar sua atenção para sua esposa.

— Margaret, o que foi? — ele perguntou, com o cenho franzido pela preocupação.

— É uma bobagem, realmente — ela disse de maneira apologética, sorrindo ao piscar para se livrar de vez das lágrimas remanescentes.

John esperou pacientemente pela explicação, exibindo ainda um semblante preocupado.

— Mr. Bell me lembrou do quão feliz eu sou — ela explicou, olhando para o rosto de John e ainda notando sombras de confusão em sua face. — Então ele

mencionou meu pai... – ela acrescentou, incapaz de continuar.

Mr. Thornton soltou a respiração enquanto sua face suavizava ao compreender o que se passava.

— Você amava muito seu pai – ele disse suavemente.

Margaret assentiu e aproximou-se para se recolher nos confortantes braços do marido, soluçando ao lembrar-se, dolorosamente, o quanto o pai admirava seu esposo.

— Apesar de não sabermos como, talvez seu pai saiba sobre nós e esteja feliz – ele cochichou pertinho do ouvido dela, deslizando sua mão enluvada ao longo de suas costas, ao aconchegar o queixo em seus cabelos.

Margaret consentiu e deu um passo para trás para recompor-se.

Mr. Thornton moveu o dedo pelas faces da esposa, ternamente secando uma lágrima brilhante. A distante melodia de uma valsa suave penetrou o silêncio.

— Venha, dance comigo — ele convidou em um tom tranquilizador, situando a mão na parte estreita de suas costas e mantendo a mão erguida para que ela o aceitasse.

O semblante melancólico da jovem se animou um pouco, quando ela ergueu o olhar para encontrar o do marido. Margaret hesitou por um momento, olhando na direção da porta para assegurar que estavam sozinhos.

— Só por um momento — ele

gentilmente atraiu e sorriu quando ela, lentamente, colocou uma mão em seu ombro e a outra na mão que a esperava.

Eles se moveram em perfeita harmonia pelo aposento assombreado, o ritmo da música fluindo por entre eles, para criar em seus membros e pés o registro de uma força que ia além de si mesmos – expressando – algo espantosamente belo com uma facilidade que lhes era inerente. Cativados pelo jubiloso regozijo de seus movimentos sincronizados, o mundo se tornara um borrão. Eles contemplaram por um momento a sublime razão para estarem vivos – um amor que punha tudo em movimento e transformava sua existência terrestre em uma sinfonia de

contentamento.

Relutantemente, eles fizeram sua parada, quando o acorde final dissolveu-se em silêncio. Permaneceram paralisados por largo momento, fitando os olhos um do outro, recusando-se a abrir mão do contato, até que Margaret inclinou a cabeça e deu um passo para trás ao ouvir vozes no corredor.

— Devemos voltar ao baile — ela sugeriu.

Ao se aproximarem das luzes brilhantes do grande salão, um homem de destaque, que parecia seguido por uma pequena assembleia, saudou Mr. Thornton.

— Mr. Thornton, como vão os negócios este ano? — o cavalheiro

questionou com confiante tranquilidade.

— Parece que levará mais tempo para me recuperar da greve do que eu esperava — Mr. Thornton respondeu. — Permita-me apresentar-lhe minha esposa, que somente recentemente mudou-se de Hampshire para Milton — ele cordialmente sugeriu com um sorriso notável, enquanto Margaret acenava seu cumprimento. — Margaret, este é Mr. Edward Wilkinson, nosso membro local do Parlamento — Mr. Thornton a informou.

— Muito prazer em conhecê-la, Mrs. Thornton. E a senhora está gostando de Milton? — Mr. Wilkinson perguntou, educado.

— Tenho achado o ritmo de vida aqui muito revigorante, e estou

esperançosa de que este espírito industrial possa trazer muito progresso. Há oportunidade para crescimento praticamente em qualquer lugar – ela respondeu diretamente, capturando a atenção de todos os que estavam rondando o político.

Mr. Thornton observou Margaret em perplexa admiração, ao passo que ela continuava a discutir com Mr. Wilkinson o que poderia ser feito para melhorar a situação da pobre classe trabalhadora.

De um local mais distante, Albert Slickson observou, com certa surpresa, a animada conversação que parecia estar ocorrendo entre a encantadora Mrs. Thornton e o representante de Milton no Parlamento. Seus olhos demoraram-se na

cena, até que foi chamado de volta à discussão na qual estava supostamente envolvido.

Ao aproximar-se o final da noite, Margaret sentou-se novamente com sua sogra para assistir os dançarinos se apresentarem para o último *set* de dança. Ao observar outra jovem dama sorrindo com mal velada adoração nos braços do seu marido, ela ponderou a verdade no que Hannah havia alardeado tanto tempo atrás – *que John era perseguido por todas as moças de Milton*. Margaret percebera os olhares que o esposo recebia em suas rondas em torno do salão, e que ela mesma fora objeto da análise desconfortável de várias mulheres por toda a noite.

Contudo, ela não estava nem um pouco perturbada. Sentia segurança nas afeições do marido, e somente poderia deleitar-se maravilhada no fato de que ela havia sido aquela a conquistá-lo.

Mr. Thornton apressadamente puxou suas luvas e acendeu a vela que ficava logo na entrada da porta. Conduziu a mãe e a esposa através da casa escurecida até o andar superior. Escoltou Hannah até o quarto, e retornou para abrir a porta do seu aposento para Margaret, muito contente com o fato de Dixon ter sido liberada.

— Acredito que tudo tenha

corrido bem — Margaret atestou, suspirando, aliviada por haver chegado o fim daquela noite.

— Sim — respondeu Mr. Thornton ao colocar a vela na penteadeira e mover-se para o lado dela.

Ele a observara de longe durante toda a noite. Lindamente ataviada entre as outras, em sua opinião, Margaret havia se destacado como um ideal de beleza e graça. Ninguém poderia ser comparada a ela.

— Fanny deve estar satisfeita, foi um grande evento — ela disse, enquanto John puxava suas longas luvas, ajudando-a a tirá-las.

— Hum — ele murmurou distraidamente, ao roçar levemente as

mãos no pescoço da esposa no cabelo, removendo os grampos, maravilhado que os cachos caíssem livremente. Recordou-se quão fascinado por sua beleza estivera, quando ela aparecera em sua frente pela primeira vez em um vestido similar – no jantar de sua mãe, no verão anterior. Quão eminentemente tocável havia parecido, porém como fora inatingível!

— Creio que você conheça a cidade inteira – ela tagarelou, e ele continuava a remover os grampos. — Espero que eu tenha me saído bem na revista como sua esposa – ela continuou, sentindo o pulso acelerar ante a silenciosa determinação do marido.

— Você se saiu muito bem – ele respondeu em uma voz grave, ao roçar

suavemente os lábios nas têmporas de Margaret, quando a última mecha de cabelo caiu sobre seus ombros. Certamente ele tinha visto os olhos de muitos homens se demorarem sobre ela. Havia sido um extraordinário prazer apresentá-la como sua, afirmando em voz alta para todos, por toda a noite, que aquela mulher lhe pertencia.

John gentilmente virou-a e afastou as longas mechas para desatar o vestido. Deixando suas mãos percorrer toda a extensão dos braços, ele tirou-lhe o vestido, fazendo Margaret estremecer pela encantadora sensação de seu toque. Inclinou-se para beijar-lhe o pescoço, à medida que seus dedos moviam-se com destreza para soltar seu corselete.

Margaret fechou os olhos em antecipação por sua continuada sedução, ofegou ao sentir suas mãos vagarosamente deslizar sobre seus ombros e trilhar o rumo para capturar a plenitude de sua carne, tocando e explorando os contornos de sua forma feminina enquanto ela estremecia.

— Há muitas camadas na vestimenta numa mulher – ele sussurrou, roucamente em sua orelha, ansioso por ter revelado toda sua plenitude.

Incapaz de falar, ela assentiu e estendeu as mãos para trás, para ajudar a se despir.

John a ajudou a tirar o vestido e a incômoda crinolina, antes de começar a remover sua própria roupa, peça por peça.

Enfim eles se encontraram na cama, quando John a puxou para mais perto, beijando-a com profundidade e desejo, maravilhando-se com o fato que seria a ele, e a ele somente, que Margaret permitiria dentro das câmaras secretas de seu coração e de seu corpo.

A luz da vela lançava sombras sobre o aposento escurecido, os lençóis farfalhavam, e os amantes começaram sua dança de amor.

No início da tarde do dia seguinte, o *master* de Marlborough Mills e sua esposa fizeram um passeio dominical pela cidade, desfrutando da singela liberdade

de caminharem juntos ao ar livre, mesmo o ar de Milton. Uma brisa brincava com o gramado, ao passo que eles subiam a colina de onde podiam ver os campos distantes. Manchas azuis apareciam por detrás do véu cinzento do céu, e as sujas chaminés que entulhavam o horizonte deitavam adormecidas, permitindo ao ar a chance de clarear.

— Tenho pensando — Margaret começou, quebrando o silêncio. — Existem tantas crianças aqui que não vão à escola. Você se interessou pela educação do Tommy Boucher, não foi? — ela perguntou sobre o juvenzinho do qual Higgins se encarregara.

— Sim, me interessei — ele respondeu com um sorriso capcioso,

questionando qual seria a nova empreitada que sua esposa estaria tramando.

— Bem, há tantos outros como ele — todos devem ter alguma educação. Por que não podem ter a oportunidade de aprender? Não é justo — ela ponderou com compaixão.

— Você irá mesmo mudar o mundo sem ajuda de ninguém, Margaret Thornton? — ele perguntou, parando por um momento para erguer o queixo da esposa, e olhar ternamente seu rosto.

— Eu não posso permanecer inerte quando há tanto que poderia ser feito por aqueles ao meu redor. Não é um dos mandamentos, amar o nosso próximo? — ela perguntou ao retomarem sua

caminhada de braços dados.

— Percebo que você é mesmo filha de seu pai — ele meditou afetuosamente. — O que quer fazer? — perguntou Mr. Thornton, supondo que sua esposa pudesse estar formulando algum esquema.

Margaret hesitou, não estando certa de como seu esposo receberia suas ideias.

— Eu pensei em organizar algum tipo de educação regular para algumas crianças. Talvez nós possamos achar alguém para ensiná-los a ler e montar uma espécie de escola. Eu poderia começar, e talvez pudesse ir até a casa da Mary por algumas horas da manhã, onde alguns dos alunos poderiam se reunir. Eu ainda teria

tempo para atender aos meus deveres na casa, à tarde – ela se apressou a falar antes de olhar ansiosamente para ver a reação do esposo.

Mr. Thornton pôde somente sorrir ao ver seu ambicioso entusiasmo.

— É uma causa justa – ele respondeu suscintamente, e suspirou profundamente. — Porém, há muitos fatores a serem considerados em tal iniciativa. Você me permite refletir no assunto? – ele solicitou expectante, pressionando afetuosamente o braço da esposa.

— É claro – ela concordou, entendendo a necessidade do marido de pensar cuidadosamente em todas as possibilidades.

Margaret confiava em seu bom julgamento e estava disposta a admitir que sua impetuosa ambição pudesse se aproveitar de sua paciente deliberação.

O jantar com Mr. Bell foi um evento muito agradável. Margaret ouviu com extasiada atenção quando o acadêmico de Oxford, Mrs. Thornton e o marido, recordavam os eventos passados e as circunstâncias que levaram Milton a alcançar seu presente estado de ousadia industrial. Sentiu o orgulho encher seu peito ao pensar no lugar importante que Mr. Thornton ocupava no grande esquema de crescimento da cidade, e sentiu

satisfação ainda maior ao ouvir mais sobre seus incansáveis esforços para reclamar seu papel em conduzir o Norte ao progresso.

Ao discutirem as possibilidades para o futuro, Margaret engajou na conversa, expressando inteligentemente suas esperanças de que o próximo estágio de desenvolvimento pudesse incluir o compartilhamento dos benefícios do progresso com toda a sociedade. Considerou que não poderia haver permanentes melhorias em estabilidade e crescimento, até que as massas sentissem sua contribuição igualmente recompensada, e fosse oferecida a chance de se erguerem com seus próprios esforços. Concluiu que educação seria

essencial se qualquer verdadeiro progresso estivesse para ser feito em Milton e na Inglaterra, mais amplamente.

Hannah Thornton encarou a nora em cautelosa surpresa, e estava impressionada ao ver que os dois homens haviam escutado seu discurso com perfeita tranquilidade e consideração.

— Eu creio que nossa Margaret tenha um interesse. Muito bem pensado, minha querida — Mr. Bell declarou com certa medida de orgulho.

Mr. Thornton não disse nada, mas lançou à esposa um olhar de admiração.

— Acredito que o matrimônio combine com você, Thornton. Você me parece muito contente — Mr. Bell comentou com candor, depois que as

mulheres se retiraram da sala de jantar.

— Seria difícil ficar infeliz com Margaret por perto – ele respondeu num tom sereno, os cantos de sua boca se erguendo em um sorriso irrepreensível.

— Absolutamente impossível – Mr. Bell concordou de maneira aprobatória, ao analisar o rosto do rapaz.

— E Margaret está parecendo maravilhosamente feliz – ele acrescentou de maneira considerada.

— Obrigado – respondeu Mr. Thornton com um suspiro de satisfação. — Cuidar dela é meu maior privilégio e prazer – ele revelou.

— Sim, é claro, eu sei disso. Ela está em mãos muito capazes, devo acrescentar. Não haveria ninguém mais a

quem eu a teria confiado – Mr. Bell respondeu. — Seja como for – o abastado locatário continuou – algumas vezes as circunstâncias que estão além de nosso controle assaltam nossos ardorosos esforços.

Ele pausou para avaliar o olhar de cuidadosa apreensão que o rapaz apresentava agora.

— Estou certo de que sabe do que estou falando – acrescentou Mr. Bell.

— Acredito que sim, mas... – Mr. Thornton começou a falar.

— Sim, bem, eu ainda não dei a vocês o meu presente de casamento, e gostaria muito de oferecer algo que fosse útil. Eu ficaria satisfeito em lhes dar £ 500 para que façam como lhes aprouver –

anunciou Mr. Bell de maneira decisiva.

Mr. Thornton hesitou de maneira incerta, franzindo o cenho em momentânea contemplação. Ele estava dividido entre o desejo de provar-se totalmente capaz de lidar com seus próprios assuntos, e a tentação de poder se livrar de suas dívidas com tal quantia.

Sua mente rapidamente se rebelou com a ideia de sustentar seus negócios com dinheiro destinado a ser um presente de casamento. Afinal, ele ainda não havia explorado todas as alternativas para recuperar a fábrica – ainda tinha esperanças na recuperação. Com paciência, sabedoria e circunstâncias fortuitas, ele poderia, lentamente, retomar sua antiga posição de segurança.

— Eu agradeço por sua preocupação e enorme generosidade, mas não posso aceitar esta grande soma como presente. Creio que £ 100 seria liberal o bastante, e nós ficaríamos muito agradecidos — ele respondeu com sinceridade.

Mr. Bell acenou com a cabeça em reconhecimento, ao franzir os lábios, simpático ao desejo do rapaz de conservar um senso de honra, buscando sua própria fortuna em meio a tempos complicados. Somente esperava que Thornton não deixasse seu orgulho se tornar uma pedra de tropeço à manutenção do controle da fábrica.

— Nos juntamos às damas, então? — sugeriu Mr. Bell com vigor, deixando

para trás a complicada conversa.

Mr. Thornton moveu-se para abrir as portas painéis que dividiam a sala de estar, e Mr. Bell se juntou à família em amigável conversação, antes de agradecer aos anfitriões pela noite agradável e ir embora.

Bem cedo, em uma manhã na semana seguinte, Margaret chegou à mesa de desjejum para encontrar um lindo ramallete de rosas amarelas. Sorrindo diante daquela visão, ela tomou um bilhete que estava apoiado contra o vaso, e o abriu para ver o que o marido havia escrito.

“Minha querida esposa,

Acha mesmo que me esqueceria do seu aniversário? Ninguém poderia estar mais grato que eu por sua estada nesse mundo. Minha vida tem sido transformada por sua presença – desperto todas as manhãs em feliz contemplação, ao encontrá-la ao meu lado.

Espero que seu dia passe de maneira agradável. Estou pensando em você (em todo o caso, eu estaria!) e sinto uma confortante felicidade em saber que você estará esperando por mim ao final do dia.

Será que você pode vestir algo elegante para o jantar desta noite?

Tenho planos especiais que espero que lhe agradem.

*Com todo meu amor,
John.”*

Margaret se inclinou para sentir o perfume dos adoráveis botões, sorrindo ao pensar na solicitude de seu esposo. Foi até o corredor para puxar a corda, pedindo que lhe trouxessem o desjejum. Ela sabia que seria um dia agradável.

Mais tarde, naquela noite, Margaret encarava de maneira sonhadora o exterior da janela no fundo do seu quarto. Havia passado a última hora se banhando e vestindo com a ajuda de Dixon, preparando-se para a iminente noite com seu marido. Decidira usar o

vestido azul-escuro que havia usado na noite anterior ao seu casamento.

Havia passado das dezoito horas quando ouviu o esposo entrando no quarto. Despertando de seus adoráveis devaneios, ela caminhou avidamente através do quarto de vestir para recebê-lo.

Um caloroso sorriso iluminou a face de John quando a esposa entrou no quarto. Ele estava se trocando, vestindo o colete cinza-prateado.

— Você recebeu meu bilhete? — ele perguntou em uma astuciosa cadência de voz.

— Sim, estive esperando o dia inteiro por sua chegada. Foi absolutamente misterioso de sua parte,

deixar-me em suspense por tanto tempo! — ela o repreendeu, com um sorriso provocador se espalhando em sua face.

John se aproximou e beijou-lhe de maneira conciliatória.

— A própria antecipação pode ser o divertimento — ele respondeu com um brilho ardente nos seus olhos.

Margaret olhou para ele fingindo censurá-lo por sua insinuação inapropriada e, pacientemente, esperou que ele atasse a gravata e pegasse o casaco.

Quando Mr. Thornton a acompanhou até a sala de jantar, Margaret ficou confusa. A mesa estava elegantemente posta para dois, e longas velas finas haviam sido acesas, apesar da

luz do dia ter apenas começado a diminuir. Lançou um olhar confuso para o marido.

— Minha mãe foi passar a noite com Fanny. Teremos a casa só para nós — ele explicou, observando-a ansiosamente por sua reação.

A surpresa de Margaret deu lugar a alegre aceitação, ao entender que eles não iriam jantar fora, afinal. Ela olhou para o marido com carinhosa apreciação, seu semblante expressando a satisfação diante do arranjo inesperado.

— Nós vamos jantar aqui? — perguntou Margaret para confirmar suas intenções.

— Sim — John respondeu ao tomar o xale de Margaret e ajudá-la a

sentar-se.

Foi servido um prato de pato assado e todos os acompanhamentos – o prato preferido de Margaret. Comeram sem pressa, conversando livremente sobre coisas que só interessavam a eles mesmos.

Após a retirada dos pratos, Dixon surpreendeu Margaret apresentando-lhe a sobremesa que sempre fora servida em seus aniversários – um pão de ló, recheado com morangos e coberto com açúcar de confeitiro. Os olhos de Margaret encheram de lágrimas quando lhe sobrevieram as memórias de seus verões em Helstone, e a triste realização do último ano que ela tinha celebrado o aniversário com os pais. Entretanto, sua

tristeza se dissipou ao olhar para o semblante sorridente do esposo – este aniversário seria muito especial, pois era o primeiro com ele.

Assim que terminaram de comer, o casal se dirigiu para a sala, para ler um para o outro, como tinham feito tantas vezes em Helstone. Margaret reclinou confortavelmente contra o esposo quando se sentaram no sofá.

Quando foi a vez de Margaret ler, Mr. Thornton lamentou o fato de não haver um sofá longo o bastante para que pudesse se reclinar totalmente. Portanto, ele sugeriu que sentassem no chão acarpetado.

— Mas e os criados, John? — Margaret protestou, consciente que a casa

não estava inteiramente vazia, e que suas ações poderiam ser observadas.

— Eles foram liberados para descansar — ele a informou, seus olhos implorando que ela acedesse ao seu desejo.

Margaret não poderia negá-lo aquele prazer, e sentou-se no piso acarpetado com júbilo infantil, seu vestido e saiotes farfalhando, à medida que ela os ajeitava e se encostava ao sofá. Mr. Thornton deitou a cabeça em seu regaço com um sorriso triunfante.

Margaret riu de sua teimosa determinação para ganhar suas atenções, e riu novamente ao pensar em quão chocada sua sogra ficaria se os encontrasse naquela posição. Desfrutou profundamente

ao observar o marido relaxar, passando os dedos por seu cabelo e, gentilmente, acariciando sua face. Mr. Thornton sentiu uma profunda e sossegada calma permear todo seu ser.

— Obrigado — ele murmurou ao ajudar a esposa a levantar e tomá-la em seus braços. — Talvez minha mãe deva visitar Fanny mais vezes — ele observou, desejando que pudessem ser tão informais mais amiúde.

— Talvez nós possamos nos retirar mais cedo de vez em quando, para lermos na cama — ela respondeu, engenhosamente, com uma sutil arqueada de sobrelanceira.

— Por isso eu me casei com você. Você é mais esperta que eu — ele

respondeu em uma voz grave ao encarar a plenitude rosada dos lábios, e aproximou seu rosto para beijá-la.

— Não sei nada sobre isso, você foi muito esperto hoje – surpreendendo-me com flores e um jantar íntimo – ela continuou dizendo, seus olhos dançando com divertido deleite.

A faísca de uma lembrança cruzou a face de John ao ouvir as palavras da esposa.

— Eu quase me esqueci do seu presente – ele a informou antes de adiantar-se para buscar a mantilha rendada da esposa. — Venha comigo – John a convidou, oferecendo-lhe o braço.

Margaret olhou para ele em surpresa confusão, mas o permitiu levá-la

pelas portas em direção da fábrica.

— Meu presente está na fábrica? —
ela questionou, admirada, ao
aproximarem-se da porta.

— Você terá que esperar e ver.

Ele acendeu a lâmpada na mesa do
escritório e quase gargalhou ao ver a
expressão estupefata dela.

— Eu não tive tempo de levá-las
para casa — ele explicou ao indicar a
grande caixa coberta por um pano.

Margaret se aproximou da mesa.

— Isto? — ela o perguntou com
olhos inquiridores.

Ele assentiu e observou seu rosto,
cuidadosamente, enquanto ela puxava o
pano.

Ela puxou-o mais rapidamente ao

reconhecer os itens diante dela.

— Livros... coletâneas e lousas para as crianças! – ela exclamou com crescente empolgação ao examinar o conteúdo das caixas.

Margaret girou para encará-lo, que estava sorrindo amplamente ante sua reação entusiástica. Ela se jogou em seus braços para agradecê-lo.

— Eu tinha esperado tanto que você aprovasse! – ela confessou, dando-lhe um beijo rápido por seu apoio aos seus pretenciosos esforços.

— Não posso negar seus desejos quando seu propósito é tão nobre. Acredito que possamos preparar um dos prédios abandonados perto da cantina para abrigarmos a escola.

— Verdade? — ela perguntou quase sem acreditar. — Você é o marido mais maravilhoso! — ela anunciou, dando-lhe outro beijo, empolgada.

Desta vez, ele não abdicou de seus lábios, mas moveu-se para capturar sua boca e beijou-a intensamente. Afastando-se, enfim, lembrou-se de onde estavam e o propósito da noite.

— Nós devemos retornar a casa. A noite é sua. Vamos fazer como desejar — John disse a ela, calmamente, mesmo com seu pulso ainda acelerado, e seu corpo ardendo de desejo.

— Creio que possa pensar em alguma atividade apropriada — respondeu Margaret, sorrindo e se erguendo para beijá-lo novamente.

Foi no dia seguinte que Watson mandou uma mensagem para Marlborough Mills: as especulações na América haviam sido concluídas de maneira insatisfatória, e circulava a notícia de que os negócios locais e das redondezas seriam severamente afetados, enfraquecendo as vendas e lançando o câmbio em desordem.

A cor do rosto do Mr. Thornton foi drenada, ao passo que ele permaneceu parado em seu escritório, inconscientemente, deixando cair a mão que segurava a mensagem. No instante seguinte, agarrou o casaco e saiu para

procurar seu banqueiro, determinado a saber toda a verdade.

Entretanto, o banqueiro confirmou seus temores. As casas da marinha mercantes vizinhas ao porto estavam em ruína financeira, lançando uma onda de dúvida e medo por toda a área, e afetando grandemente os negócios em Milton. O crédito seria inseguro e homens que tinham recentemente se sentido seguros, poderiam ver suas fortunas desabarem.

O oprimido *master* retornou à privacidade do seu escritório com o coração pesado. Sentou-se sem pensar em sua cadeira, em abalado silêncio. As palavras e implicações daquela temida notícia giravam em sua cabeça até que, enfim, ele mergulhou o rosto nas mãos em

desespero, se perguntando como ele poderia explicar aquilo para Margaret.

CAPÍTULO XVII

A lua nova, ocasionalmente espiando entre os espaços diminutos nas nuvens que pairavam sobre a cidade, provia uma luz tênue. Deitada na grande cama de dossel, Margaret estremeceu em sua fina camisola, e puxou a colcha bordô para cobrir o peito. Era Junho, mas fazia frio; ela se perguntava se devia pedir a Dixon que acendesse o fogo.

Ajeitou os travesseiros ao seu lado e reclinou-se para ler novamente na noite tranquila. Seus olhos passaram pelo livro por alguns momentos, mas foram então lentamente atraídos para a mesa vazia nas sombras. A luz perto de si era

uma presença confortante, pois afastava a penetrante escuridão do quarto.

Ela sentia falta dele. Por muitos dias seguidos John viera para casa jantar, mas retornara para o escritório imediatamente para lidar com “assuntos urgentes”. Ele era agradável como sempre, e passara um domingo tranquilo com ela, mas Margaret sentia que as coisas não andavam bem. Em seus olhos faltava certo brilho, e seu sorriso parecia, algumas vezes, tingido pela tristeza.

Margaret esperava que ele viesse para casa logo. Nicholas a tinha feito entender, há muito, que Mr. Thornton trabalhava até tarde, e ela, de forma geral, já esperava que houvesse haver tempos em que seu trabalho requereria muito mais

de sua atenção. Dos comentários que ela ouvira recentemente, Margaret se preocupava que seu trabalho o consumisse lentamente até que ele estivesse esgotado.

Talvez fosse tempo de ela questioná-lo sobre o que estava enfrentando. Sabia que o marido estava acostumado a lutar sozinho, e ela realmente entendia que seria doloroso falar sobre o fracasso da fábrica. Se John soubesse o quanto ela desejava ser um apoio para ele! Não queria ser protegida de nenhuma novidade dura – era mais tolerável saber a verdade, embora temível, do que ser mantida na ignorância por conta da piedade. Voltando sua atenção novamente para o livro.

Despertou um tempo depois, e

descobriu que o livro tinha desafortunadamente caído em seu colo. Ergueu a cabeça de forma perplexa e olhou em torno, ao dar-se conta que o marido ainda não tinha chegado. Margaret se lançou para fora das cobertas e, rapidamente, caminhou até o aparador da lareira, onde um relógio ornado de madeira e cobre, informou-lhe que passavam de uma da manhã. Soltou um suspiro angustiado ao pensar no marido ainda inclinado sobre a longa mesa, depois que os teares tinham cessado. Virando-se com decisão, ela tomou a vela ao lado da cama e apressou-se até seu quarto para procurar uma camisola mais quente.

Mr. Thornton estava mesmo inclinado sobre sua mesa, esvaindo-se em cima dos livros de contabilidade e registros, empenhando-se para descobrir por quanto tempo ele conseguiria manter a fábrica em operação. Esperava desesperadamente descobrir uma maneira de mudar o curso e trazer mais pedidos, uma nova oportunidade para recuperar-se.

Esfregou a testa, quando seus olhos cansados se esforçavam para somar os números diante dele. Sabia que deveria ter parado muito tempo atrás, mas continuara dizendo a si mesmo para ficar um pouco mais. Achou difícil cessar os trabalhos, quando os fatos de sua presente

situação se tornavam mais claros a cada cálculo.

Em seu estado de fatigada concentração, não escutou o ruído de passos ao longo do corredor escuro da fábrica. Ele ergueu o olhar surpreso quando a esposa abriu a porta, carregando uma tênue luz bruxuleante, e usando um xale sobre uma camisola de flanela azul.

— Margaret! O que está fazendo aqui? Está tudo bem? — perguntou ele, subitamente, preocupado.

— Está tudo bem em casa, exceto minha cama que está vazia — assegurou-lhe. — Você não irá me contar o que está tirando seu sono? — ela perguntou, com olhos implorantes.

— Eu não quero preocupá-la —

começou a falar, olhando para os papéis diante dele, com o cenho franzido ante a ideia de compartilhar as notícias preocupantes.

— Então você falhou tremendamente – Margaret disse de modo inequívoco, erguendo o queixo em desafio ao argumento do marido.

John se assustou ao ouvir as duras palavras da esposa. Sua cabeça se ergueu rapidamente para buscar no rosto de Margaret o significado do que ela dissera, e seus olhos se encheram de dolorosa incerteza.

Percebendo sua angústia, Margaret suavizou sua expressão.

— Eu já estou preocupada – não com a fábrica... mas com você – ela disse,

suavemente, acariciando o maxilar áspero do marido. — Como eu posso ser uma companheira, se você não compartilhar suas cargas comigo? Permita-me cuidar de você — ela implorou, com os olhos acesos de terna afeição.

Mr. Thornton deixou escapar um suspiro. Como ele desejara oferecer a ela todo o conforto — e agora ela tomaria conta dele! Ainda sentado na cadeira, estendeu os braços e abraçou-a, enterrando seu rosto no corpo quente de Margaret, sentindo o conforto de sua forma suave, a própria fragrância servindo como um bálsamo para sua alma.

— Eu havia ansiado cuidar de você — ele disse, sentindo de forma aguda o desânimo de ser frustrado em sua ânsia

de prover a ela a vida que tinha visionado.

— E eu não estou sendo bem-cuidada? — ela perguntou enquanto apoiava a cabeça dele, carinhosamente segurando-o mais perto de si, à medida que passava os dedos nos cabelos dele. — Eu não temo passar necessidade. Eu já possuo tudo o que sempre quis — ela lhe disse. Ante esta declaração, John trouxe-a para mais perto de si.

Margaret liberou-o de seu abraço para que pudesse olhar para seu rosto.

— Você não vai me dizer o que o está preocupando? — ela rogou mais uma vez, com os olhos analisando os dele.

John a encarou, e, em seguida, olhou para os papéis em sua mesa.

— Os negócios estão indo mal — ele disse de maneira simples, com a voz grave e solene, a escura quietude da fábrica parecia ecoar sua melancolia.

Margaret sentiu seu corpo retesar pela apreensão demonstrada em seu tom de voz, mas ela estava determinada a saber de tudo.

— Quão mal? — ela sondou, ao sentir lhe secar a garganta. Seu coração desanimou diante do silêncio, ao esperar pela resposta.

John olhou para ela, e seus olhos refletiam a tristeza e a dor de perder aquilo que tinha trabalhado tanto para construir.

— Muito mal. Temo que seja forçado a fechar a fábrica. Não existe

muita esperança de recuperação agora — contou-lhe, sentindo um misto de alívio e angústia por ter revelado a profundidade do perigo em que os negócios tinham caído.

Margaret ficou momentaneamente estupefata. Agitando-se para encontrar algo para dizer, ela estendeu a mão para segurar a de John.

— Certamente deve haver alguma esperança. Se a fábrica puder continuar operando por um pouco mais de tempo, pode ser que os negócios melhorem — ela sugeriu, não estando disposta a crer que todos os esforços do esposo tivessem sido por nada.

John olhou para ela triste.

— O clima tem estado frio, e não estão entrando muitos pedidos. Eu

estenderei as operações o máximo que puder. É exatamente isto que tem requerido toda minha atenção. Mas eu também preciso saber a que ponto devo parar, para que todos meus compromissos possam ser pagos – ele explicou.

— Você não poderia fazer um empréstimo, até que os negócios melhorem? – perguntou Margaret sem jeito, apesar de ter certeza de que John já devia ter considerado toda e qualquer possibilidade.

— Os banqueiros estão hesitando em fazer empréstimos – John respondeu, compreendendo o desejo da esposa de oferecer ajuda.

Suspirou.

— Sugeriram-me participar de

uma especulação, algum tempo atrás – ele refletiu em seu desânimo. — Mas não acho que seja prudente arriscar tudo por um lucro incerto – confessou, olhando para a esposa para ver sua reação.

— Não acredito que você seria tentado por tais esquemas, John. Quão boas seriam todas as riquezas se você tivesse comprometido seus princípios? – ela exclamou de maneira admirada.

John deixou escapar um som entrecortado de alívio, e puxou-a para sentá-la em seu colo; um sorriso se espalhava em seu rosto.

— Você me conhece tão bem assim, Margaret? – ele perguntou admirado. — Ficará ao meu lado mesmo que meus esforços honestos sejam em

vão?

Ela tomou o rosto do marido entre as mãos e olhou para ele com séria expressão.

— Nunca diga que foram em vão, John. Todo o bem que você tem feito permanece como um testemunho de seu caráter. Não receio ficar ao seu lado. Eu sei que você fará tudo que estiver ao seu alcance para permanecer firme em meio à tempestade. As circunstâncias não mudarão quem somos, se nos aferrarmos àquilo que é certo — ela o encorajou, olhando em seus olhos penetrantes.

Mr. Thornton pôde somente olhar para ela novamente admirado por sua fidelidade e fé. A confiança que ela lhe depositava trouxe-lhe uma fagulha de

esperança de que tudo ficaria bem. Mas o temor traiçoeiro continuava a sussurrar-lhe seu repetitivo estribilho de dúvida. John não queria falhar com ela. Ele abraçou-a e segurou-a fortemente, estremecendo ao se perguntar como ele teria sobrevivido a tal provação sem ela.

Margaret acordou cedo com o marido na manhã seguinte, e, rapidamente, vestiu-se para acompanhá-lo no desjejum. Queria mostrar a ele seu apoio em todos os sentidos, não seria certo ela permanecer na cama naquele momento, quando ele passava tanto tempo trabalhando.

Hannah Thornton ficou surpresa ao ver a nora, mas sorriu educadamente ao se juntar a eles na mesa.

Mr. Thornton se desculpou por sua pressa após ter comido, e moveu-se para beijar a mãe e a esposa.

Margaret tomou a mão dele nas suas para detê-lo por um momento.

— Você virá almoçar hoje? — ela perguntou ao lembrá-lo de tomar conta de si mesmo, analisando seu rosto.

Um sorriso se espalhou por seu semblante.

— Não posso prometer nada, mas irei tentar — respondeu ele ao apertar-lhe a mão.

Mrs. Thornton observou a troca de olhar, notando a preocupação de Margaret

pelo filho, o qual estava escrito em sua expressão lastimosa. Talvez John, enfim, tivesse revelado a ela quão sérias eram as circunstâncias na fábrica, pois a moça trazia uma postura mais forte e melancólica do que antes.

Após a saída de Mr. Thornton, o silêncio caiu no aposento ao passo que as mulheres bebiam seu chá, ambas refletindo nas desalentadoras tarefas que o *master* de Marlborough Mills iria enfrentar, à medida que seu dia indubitavelmente se desdobraria no mesmo padrão de sempre.

— Eu irei visitar Mary Higgins esta manhã — Margaret começou a falar. — Pretendo ajudar os filhos de alguns trabalhadores a receber educação — ela

anunciou com cautela, entendendo que não poderia mais manter escondidas suas atividades do julgamento de sua sogra. — Mr. Thornton está ciente dos meus propósitos, e aprova minhas intenções. Eu ainda irei cumprir alegremente minhas obrigações domésticas todos os dias — ela acrescentou, buscando evitar censura indevida —, mas também passarei tempo realizando meus planos. Eu irei ao mercado no meu caminho de volta. Há algo que a senhora desejaria que eu comprasse?

Tendo-lhe sido dada pouca oportunidade para evasivas, Hannah foi tomada de surpresa pela franqueza da jovem.

— Creio que a cozinheira tenha

uma pequena lista – ela respondeu, observando a esposa do filho, com respeito relutante, por sua engenhosa habilidade de executar seus desígnios com um dominante senso de propósito e jeitosa diplomacia. Ela somente esperava que John não caísse como presa das persuasivas artimanhas de sua esposa e encorajasse qualquer petição sem devida consideração das consequências.

Mrs. Thornton estava certa que os ideais de Margaret eram bem intencionados, mas duvidava da sabedoria e viabilidade de tentar resolver os antigos problemas da sociedade, às custas daquilo que John tinha trabalhado tão duro para construir – ou seja, o sucesso da fábrica e o inquestionável respeito das

peessoas da cidade.

Margaret desfrutou a liberdade de caminhar pelas conhecidas ruas e vielas em direção à região de Princeton. O desleixo e a austeridade do local sempre mexiam com suas emoções, mas ela tinha também aprendido a reconhecer a solidariedade e amabilidade das pessoas, o que a encorajava a pensar que suas vidas não eram inúteis. Percebia na maioria deles as qualidades inerentes a homens de natureza elevada, que os ergueria acima de suas sórdidas condições de vida, e sustentaria sua determinação em superar a si mesmos.

Reconheceu mulheres e crianças quando passava, e riu de suas expressões, quando alguns deles reconheceram a esposa do *master*. Achava graça pensar quão chocadas ficariam tia Shaw e Edith ao saber sobre suas caminhadas diárias. Era profundamente ciente da liberdade que lhe era proporcionada como esposa de Mr. Thornton. Não conhecia muitos homens que possuíam semelhante postura, que permitiriam suas esposas caminharem sozinhas pelas partes mais lúgubres da cidade. Henry teria desaprovado grandemente, ela sentiu, estremecendo ao pensar em estar presa em um casamento restritivo. Não, ela estava grata por ter encontrado alguém que entendia sua natureza independente.

Na noite anterior, após terem retornado a casa, Margaret havia sugerido desistir dos planos sobre a escola. Entretanto, seu marido insistira que ela deveria continuar, a despeito das circunstâncias. John a recordou que os materiais já haviam sido adquiridos e que haveria poucos custos para arrumar a sala. Ele também estava interessado que ela tivesse alguma ocupação que lhe desse prazer.

Quando Margaret chegou à casa simples e limitada dos Higgins, ela ajudou Mary a limpar a sala principal, tomando o pequeno Joseph Boucher nos braços, ao passo que sua mãe substituta rapidamente varria o piso. Mary estava empolgada em saber sobre os planos de Margaret, e

contou à amiga que muitas outras famílias gostariam que seus filhos participassem.

Margaret caminhou com Mary e as crianças até a casa da vizinha que cuidava deles, enquanto Mary ia preparar o almoço para os trabalhadores em Marlborough Mills. As duas jovens caminharam juntas, até que Margaret desviou o caminho para ir ao mercado.

Algum tempo depois, Margaret saiu da farmácia com pequenos pacotes, e com sua cesta já carregada com frutas e verduras. Passeou pelo alto da rua e parou para contemplar as flores de uma vendedora idosa, que usava um vestido gasto de cambraia.

Mais adiante, naquela mesma rua, Albert Slickson espreitava a adorável

Mrs. Thornton enquanto ela se inclinava para cheirar lavandas e selecionava alguns ramos para levar na cesta. Ele imediatamente subiu na calçada e, desviando-se de carroças e pessoas aglomeradas nas ruas pavimentadas, rapidamente cruzou até o outro lado para surpreendê-la.

O espirituoso jovem caminhou vagarosamente em direção a Margaret com uma fingida indiferença, e esperou com educada cortesia que ela o reconhecesse. Seu sorriso interior rapidamente se manifestou em seus lábios quando os olhos de Margaret se encontraram com os seus, e ela diminuiu o passo e então parou.

— Mr. Slickson — Margaret o

saudou educadamente enquanto ele tocava o chapéu.

— Mrs. Thornton. Que prazer vê-la novamente — Albert respondeu de forma cordial.

— Espero que o senhor esteja desfrutando sua estadia em Milton, aprendendo nossos costumes nortistas — ela comentou com bom humor.

— De fato, há muito que observar sobre as diferentes maneiras como as coisas são conduzidas por aqui. Estou inclinado a pensar que algumas cidades industriais como esta irão propulsar a Inglaterra no futuro — ele observou com um ar de respeito.

— Fico satisfeita que o senhor pense assim. Ficaré interessado em saber

que estou começando uma escola para os filhos dos trabalhadores – ela continuou dizendo, recordando a conversa que tiveram no baile.

— Uma ideia magnífica! Há outro ponto que tenho visto no ritmo de vida aqui: em Londres ainda devemos discutir por muito tempo a ideia de progresso, antes de serem implementadas, enquanto aqui em Milton, uma ideia é apresentada para ser imediatamente posta em prática. Estou impressionado com sua rápida iniciativa – Albert a elogiou. — E Mr. Thornton está envolvido em seus esforços? – ele perguntou com particular interesse, questionando-se a que ponto a Senhora de Marlborough Mills era supervisionada pelo marido.

— Ele aprova, é claro, mas receio que ele esteja muito comprometido com os negócios no momento para oferecer sua assistência — respondeu Margaret, um pouco desconfortável.

— É claro, eu entendo. Há uma queda no comércio atualmente. Imagino que seu esposo deva estar muito envolvido no trabalho até tarde — ele observou.

— Sim, está — Margaret respondeu, seu sorriso educado manchado pela tristeza, ao pensar nas muitas horas que o marido era forçado a passar na fábrica.

— Não devo segurá-la por mais tempo. Desejo sucesso em seu novo empreendimento. Talvez eu possa visitá-

la na escola, para ver por mim mesmo como um lugar como esse pode ser administrado — sugeriu Albert, esperançoso.

— Certamente. Talvez em uma semana ou duas — ela respondeu de maneira agradável. — Tenha um bom-dia.

— Bom dia, Madame — respondeu Albert com um aceno galante e outro toque no chapéu. O rapaz caminhou por meio quarteirão, antes de virar-se discretamente para capturar o vislumbre da figura de Margaret.

Sem o conhecimento de nenhum dos dois, Miss Dallimore tinha reconhecido Mr. Slickson e a Senhora de Marlborough Mills ao sair da chapelaria, e observara com grande interesse a

conversa animada entre eles. Ela recordou com altivo desdém os rumores que haviam circulado sobre Margaret no inverno passado: que ela tinha sido vista sozinha com um homem, à noite, na Estação Outwood.

Miss Dallimore sorriu presunçosamente para si mesma ao inspecionar casualmente as frutas do vendedor. Talvez Mr. Thornton devesse ter sido mais cauteloso em sua escolha de esposa, ela ponderou.

Margaret se ocupou no restante do dia, passando um bom tempo na cozinha, para grande surpresa de Mrs. Thornton.

Quando a jovem havia terminado sua tarefa, e dado as instruções finais para a cozinheira, ela subiu para organizar algumas coisas, descansar brevemente, e se arrumar para o jantar.

Mais tarde, ela sentou-se na sala com a sogra, esperando ansiosamente o retorno do marido. Solicitara que ele fizesse o máximo esforço para vir jantar em casa todas as noites. Tentando ler o livro em suas mãos, ficou ouvindo, atenta, buscando o som de seus passos, e suspirou alegre e satisfeita quando, por fim, escutou-os.

Preocupando-se em cumprimentá-lo com a moderação requerida na presença da sogra, ela, no entanto, agarrou seus braços e se esticou para beijar-lhe os

lábios. Mr. Thornton se deleitou na calorosa recepção ao segurar de leve a cintura da esposa, sentindo o desejo de retribuir o entusiasmo de Margaret com um beijo que não seria apropriado às vistas de sua mãe. Ficaria contente em vir para casa jantar todas as noites com esse tipo de atenção, ele pensou, analisando os lábios da esposa por um momento antes de soltá-la e saudar sua mãe.

Margaret o acompanhou quando ele dirigiu-se para o andar superior para se preparar para o jantar, mencionando que queria mostrar a ele algo que havia adquirido.

Tinham somente chegado ao piso no topo da escadaria, quando Mr. Thornton rapidamente tomou-a em seu

forte abraço e a beijou, como ele tinha ansiado fazer. Sentiu o tremor de voluptuoso desejo quando ela imediatamente se fundiu a ele, colocando-se sob seu poder. Beijaram-se como amantes famintos, depois de passados alguns dias sem estarem juntos.

John distanciou-se dela para tirar o relógio do bolso, claramente tremendo com desejo ardente.

— O jantar é às oito e meia? — perguntou.

Margaret aquiesceu, ofegante pela ânsia que ele despertara nela.

— Nós ainda temos vinte minutos — respondeu ele, com o olhar iluminado com triunfante determinação. Ele a tomou nos braços sem dizer mais nada, e se

dirigiu até a porta do quarto.

Hannah Thornton esperou, pacientemente, quando o filho e a esposa chegaram à mesa alguns minutos atrasados. Margaret, tímida, apalpou os cabelos para checar os grampos, enquanto Mr. Thornton a ajudava a se sentar. Mrs. Thornton observou o filho enquanto o jantar era servido, e ficou impressionada ao perceber quão feliz ele parecia, apesar das atuais circunstâncias. Olhou para Margaret, cuja distração tinha se dissipado em alegria efusiva, ao observar a satisfação do marido pela refeição que ela tinha escolhido especificamente para

ele.

A senhora não podia evitar. Estava feliz ao contemplar o carinho evidente da nora pelo seu filho. Mrs. Thornton recordou quão preocupada estivera no verão passado, quando o filho tinha se tornado perturbado com os eventos relacionados à greve e o tumulto subsequente, e tinha tido dada pouca atenção à comida e descanso apropriado. Estava satisfeita, e muito aliviada ao ver que Margaret iria cuidar dele durante aqueles tempos difíceis, quando tudo era incerto. Tinha que admitir: a jovem era uma boa esposa para ele.

Margaret falou sobre seus planos de ajudar os filhos dos trabalhadores, e Mrs. Thornton ouviu, sem comentar,

tomando as respostas do filho como indiretas para manter silêncio sobre suas próprias reservas sobre os empreendimentos. Ela não desejava perturbar a noite com suas objeções.

Margaret sorriu quando a sobremesa foi servida, e inclinou a cabeça humildemente ao ser anunciado que a própria jovem senhora havia preparado as tortas de framboesas frescas.

Mr. Thornton olhou para a esposa com surpresa e admiração, sentindo seu coração inundar de afeto ao ver o esforço dela para agradá-lo.

Ela sorriu diante do elogio, e mencionou que, às vezes, gostava de cozinhar, e iria apreciar ainda mais agora,

sabendo que o satisfaria.

Quando a ceia acabou, Mr. Thornton foi obrigado, mais uma vez, a escusar-se para continuar seu trabalho. Entretanto, desta vez ele trouxe seus livros contábeis e papéis para a mesa em seu quarto, como a esposa havia sugerido na noite anterior.

Margaret ficou na sala com a sogra por um tempo, mas percebeu que não conseguia se concentrar em sua leitura.

— Se importaria se eu me retirasse? Acho que gostaria de escrever para Edith hoje à noite — ela perguntou para Hannah.

— De maneira nenhuma — Mrs. Thornton respondeu com um fragmento de

sorriso ao, brevemente, erguer a cabeça de seu trabalho.

Margaret subiu determinada a não chatear o marido, e entrou silenciosamente em seu quarto para escrever para a prima como havia mencionado. Ela descreveu o baile recente como havia prometido, mas omitiu de forma cautelosa sobre a recente perturbação na economia e os problemas de John na fábrica.

Quando finalizou a tarefa, não pôde mais suportar ficar sozinha no quarto, e aventurou-se a ver como o esposo estava se saindo em seu trabalho. John sorriu-lhe quando ela entrou no quarto.

Ela caminhou e parou ao seu lado,

e começou a massagear seus ombros, sentindo os músculos através do fino algodão de sua camisa.

— Está confortável trabalhando aqui? — ela perguntou, sorrindo de maneira intencional.

— Estou. É muitíssimo mais confortável que em meu escritório — admitiu. — O quarto tem a mesma fragrância de Helstone — John acrescentou, referindo-se à lavanda fresca que Margaret havia disposto no ambiente.

— Está exatamente como eu queria. Se você deve trabalhar, não vejo razão pela qual não pode fazê-lo em um ambiente agradável — ela ponderou, ao continuar seu trabalho em sua musculatura rija.

John largou sua pena e relaxou na satisfação que lhe trazia a atenção da esposa.

— Acho que você me deixará completamente mal acostumado – ele observou, demonstrando em sua voz o prazer que sentia em seus cuidados.

— Então tenho tido êxito como boa esposa. Quero ajudá-lo em qualquer maneira que esteja em meu poder. Mas não quero ser uma distração – ela acrescentou. — O incomodará se eu vier mais tarde para ler na cama?

— Não, eu gostaria da sua companhia – ele respondeu de maneira franca. Quando ela estava por perto, o desânimo causado por sua contabilidade parecia diminuir consideravelmente, sua

presença dava-lhe motivos para ter esperança.

— Então você terá — ela respondeu e o deixou para se arrumar para dormir, apesar de ainda ser cedo.

Margaret vestiu sua camisola e leu na grande cama, em perfeito estado de contentamento por estar no mesmo quarto que o marido. E quando, enfim, apagou a vela e se preparou para dormir, ela largou o livro de lado e esperou até que ele se juntasse a ela embaixo das cobertas. Margaret passou a mão ao longo de seu maxilar escurecido e começou a massagear a musculatura atrás do pescoço do marido. John beijou-a agradecido e virou-se para oferecer a ela suas costas também, suspirando ao sentir o conforto

das tranquilizantes habilidades da esposa.

Enfim, Margaret se aconchegou a ele, e sussurrou seu amor no seu ouvido. Ele tomou sua mão, beijou-a e segurou-a no peito ao cair no sono.

Na semana seguinte, Margaret começou suas aulas. A construção ao lado do refeitório tinha sido limpa e consertada por Higgins e outros funcionários, em algumas horas.

Mais de vinte crianças encheram a sala ampla com rostos ávidos, mesmo que não tão limpos. Algumas das crianças sabiam ler um pouco, mas outras mal conheciam as letras de seus nomes.

Algumas delas iam trabalhar na fábrica durante a outra metade do dia. A jovem Mrs. Thornton esperava encontrar uma professora mais adequada, pois seria um trabalho desanimador fixar todos em um plano de ensino adaptado às suas variadas necessidades. Fez seu melhor para discernir o que cada criança sabia, e ao final da semana tinha uma rotina aceitável, que mantinha seus alunos ocupados aprendendo o básico de leitura e escrita.

Ao se aproximar o final da manhã, as crianças estavam ocupadas copiando em suas lousas as várias lições escritas no amplo quadro à frente da sala, quando Margaret ouviu um ruído vindo da porta.

— Mr. Slickson — disse Margaret, surpresa ao ver o jovem cavalheiro entrar

pela porta aberta.

— Albert, por favor — ele insistiu com o sorriso amplo. — Eu vim para ver sua escola como a senhora sugeriu — ele disse, baixando a voz em resposta ao gesto de Margaret para ficar quieto enquanto as crianças trabalhavam.

— Pode dar uma olhada em volta, se desejar — Mrs. Thornton sugeriu, satisfeita por ter alguém interessado em seus esforços.

Ele caminhou em silêncio em torno da sala, impressionado pela diligência das crianças e por seu bom comportamento. A sala era simples, mas limpa, e as crianças não tinham problemas em sentar-se no chão por falta de mobília adequada.

Entretanto, seus olhos logo voltaram ao objeto que mais atraía sua atenção. Margaret estava em pé, olhando tranquilamente para o exterior da porta em direção ao escritório do marido, esperando pelo som do apito da hora do almoço, quando as crianças iriam se despedir por aquele dia.

Mr. Slickson achou o semblante da jovem angelical, ao notar um fraco sorriso cruzar suas feições. A renda ampla de sua blusa revelava a pele sedosa de seu antebraço, e a saia de musselina se ajustava perfeitamente em sua cintura estreita. Ele nunca tinha conhecido uma mulher como ela, e sentia-se arrebatado por seu espírito energético e óbvia inteligência, assim como sua graça

refinada e beleza delicada. O rapaz começara a pensar que deveria casar precisamente com uma mulher como aquela, se, de fato, existisse alguma outra que pudesse se comparar.

Albert se aproximou dela, quando Margaret enfim tornou sua atenção novamente em direção a ele.

— A senhora tem realizado um trabalho admirável, Mrs. Thornton — ele a elogiou.

O apito soou quando ele disse as últimas palavras e as crianças começaram a correr para a porta.

— Bom dia, Senhora — eles diziam cada um à sua vez, como ela os havia ensinado, antes de saltar para fora.

— E a senhora fez tudo isso

sozinha? – ele perguntou de maneira incrédula.

— Sim, ainda não encontrei um professor adequado para tomar meu lugar. Meu esposo me apoia deveras, mas mal tem tempo de ajudar em minhas atividades – ela respondeu, sentindo-se um pouco desconfortável por estar sozinha na sala com o rapaz.

— Neste ínterim gostaria de fazer algumas excursões com as crianças. Estava pensando em levá-los ao parque na próxima semana. Eles raramente têm oportunidade para correr e divertirem-se como crianças deveriam – ela explicou ao acompanhá-lo até a porta.

Os olhos castanhos de Albert faiscaram ao ouvir aquela revelação, sua

mente rapidamente planejando seu curso de ação.

— Certamente! A senhora é muito solícita com relação às necessidades deles. Eu nunca teria pensado em tal coisa.

— Estou contente com sua aprovação – ela respondeu, sorrindo-lhe de maneira apreciativa.

Albert exibiu um sorriso brilhante. Percebendo a multidão atrás dela, ele se preparou relutantemente para ir embora.

— Espero vê-la em breve. Gostaria de ouvir mais sobre seu empreendimento. Bom dia para a senhora – ele disse, levando a mão no chapéu antes de caminhar com vigor pelo pátio.

Margaret foi de encontro ao seu

esposo, que chegava conforme havia prometido. Ficava feliz em almoçar com ele no refeitório, vez ou outra. Nesses dias, ela ao menos sabia que ele estava almoçando. A jovem sorriu calidamente quando John se aproximou. Ele retornou o sorriso e tomou o braço dela sob o seu para acompanhá-la até a cantina.

— Aquele que vi saindo era o sobrinho de Mr. Slickson? — John perguntou curioso ao caminharem, com o cenho levemente franzido.

— Oh, sim! Ele estava muito interessado em ver a escola — ela respondeu tranquila e um pouco orgulhosa.

Mr. Thornton assentiu em reconhecimento, mas perguntou-se se a

escola era mesmo a única coisa que interessava o rapaz. Olhou inconscientemente na direção onde o visitante de Margaret desaparecera, antes de voltar sua atenção para ela.

No sábado à noite Margaret preparou um banho quente para o marido, usando um pouco de sais aromáticos que havia comprado na farmácia. Acendeu velas e apagou o candelabro, esperando que o calor e a luz fraca do aposento o ajudassem a relaxar.

Com um sorriso misterioso, ela foi buscá-lo, deslizando seus braços, por trás, em torno do peito do marido, enquanto ele estava sentado na mesa do escritório.

— Seu banho o espera — ela o informou, passando a face sobre sua barba

rala.

— E eu sou obrigado a ir imediatamente? — ele perguntou de maneira provocadora, ao levar as mãos largas para segurá-la, pressionando firmemente as mãos dela sobre seu peito, num esforço de mantê-la mais perto de si.

— Você é. Não pode ser visto com mãos como estas na igreja amanhã — ela o repreendeu com carinho, segurando-o para ver as manchas de tinta nos dedos.

John sorriu ironicamente com aquela observação, sentindo a veemência do cuidado que Margaret tinha por ele. Não esquecera que ela poderia ter escolhido casar-se com um cavalheiro, alguém que não tivesse que trabalhar naquelas condições como ele fazia, para

provê-la com uma vida confortável.

— Então eu irei. Eu não desejo embarçá-la – ele retorquiu ao levantar-se da cadeira.

Margaret levou a mão do marido aos lábios e beijou-os ternamente, com um olhar luminoso que falava mais que meras palavras poderiam expressar. Conduziu ao andar de cima e levou-o para o banho. Fechou a porta atrás de si e retornou para o quarto, mas voltou a bater levemente na porta em um impulso, alguns minutos mais tarde.

— Esqueci alguma coisa? Está bem confortável? – ela perguntou.

John olhou em torno de si, rapidamente buscando alguma desculpa para que ela entrasse.

— Receio que o sabonete esteja fora do meu alcance – ele respondeu ao sentar-se na banheira. Ele sorriu de maneira ardilosa ao ouvir o ruído da porta quando ela entrou.

Margaret encontrou o sabonete e alcançou para ele, observando-o brevemente antes de John tomar o sabonete com uma mão, e, com habilidade, segurou Margaret pelo pulso com a outra, antes que ela pudesse se afastar.

— Você pode esfregar minhas costas? – ele perguntou, implorando com o olhar.

Margaret abriu a boca para protestar, mas não pôde achar uma resposta apropriada quando olhou em seus

olhos. Permaneceu parada para comunicar sua disposição para concordar. Olhando para a renda das mangas, ela percebeu que precisaria se trocar. Liberou-se suavemente, e virou-se para desabotoar a blusa. Dispondo a peça dobrada no canto do aposento, ela retornou para perto dele vestida em seu corpete sem mangas.

Ela molhou o sabonete de castila e espumou as costas de John. Seu fôlego tornou-se lento e regular, ao observar, com fascinação, suas mãos deslizando sobre a superfície escorregadia das largas costas do marido. Depois, ela o ajudou a lavar a cabeça, jogando água sobre os cabelos pretos com um jarro, enquanto olhava a parte atrás do seu pescoço, ansiando por provar sua pele com a boca.

Largando enfim a jarra, ela seguiu seu impulso e deslizou as mãos sobre seus ombros até seu peito, inclinando-se para beijar-lhe bem atrás de sua orelha.

John a segurou pelas mãos e a puxou para mais perto, trazendo-a quase diretamente contra si. O coração de Margaret começou a bater mais forte.

— Venha comigo — ele pediu de modo convincente, puxando o braço dela para forçá-la a encará-lo.

— Eu não poderia! — ela declarou, chocada ao ouvir o pedido. Tendo sempre sido banida da parte da casa onde ficava a banheira, todas as vezes que Fred ou o pai estavam tomando banho, seu senso de modéstia estava profundamente arraigado.

— Nenhum de nós seria o mais

sensato – ele gentilmente a atraiu, soltando-a, mas mantendo o contato com suas mãos.

Hipnotizada pela implorante intensidade de seus profundos olhos azuis, ela sentiu sua resolução vacilar. Deu um passo para trás, hesitando entre o que seu coração queria e o que ela considerava indecente.

Olhou novamente para o marido e ponderou que ele somente queria desfrutar de sua companhia. Ela ansiava agradá-lo. Já tinham partilhado todas as intimidades, ela recordou a si mesma. Encontrando-se sem resposta para explicar a ele sua recusa, começou a desabotoar a saia, retirando-a, e também a anágua. Hesitou, incapaz de despir-se além daquilo.

Vindo até ele em seu camiseta e ceroulas, começou a rir de sua hesitação.

— Você é perverso em propor tal coisa — ela o repreendeu ao entrar cuidadosamente na banheira e sentar-se à sua frente, segurando na mão dele para se firmar.

John não pôde suprimir o prazer que sentiu ante sua concessão, e sorriu quando Margaret ralhou com ele. Durante todo o tempo, seus olhos avidamente capturaram a visão da delgada forma coberta, enquanto o tecido rapidamente aderiu à sua pele.

Evitando o olhar do marido, ela decidiu fazer algo útil, e pegou o sabonete para tirar as manchas de tinta das mãos dele.

Mr. Thornton observou-a fascinado, à medida que ela o limpava, impressionado por tê-la ali com ele. Não imaginara que tal situação fosse possível e tinha quase certeza que ela declinaria sua proposta. Margaret o havia surpreendido mais uma vez com sua disposição em quebrar as convenções.

— Ai está! Agora você está pronto para ser visto comigo – ela anunciou em um tom altivo ao finalizar sua tarefa, expressando um reflexo de travessura em seus olhos.

— E eu contarei a todos as grandes distancias que você pode percorrer para garantir que eu esteja apresentável? – ele disse com sarcasmo, mal podendo conter a risada por ter feito

tal proposta.

Margaret ficou de boca aberta, mortificada pela sugestão, e ele soltou uma gargalhada por causa de sua expressão.

— Você é terrível! — declarou ela, jogando água no marido.

John riu com mais entusiasmo, ao ver a tentativa de Margaret de puni-lo e segurando-a pelos joelhos, trouxe-a mais perto de si, desejando fazer as pazes. Ela fingiu relutância em perdoá-lo, resistindo aos seus esforços de segurá-la pelos braços, mas a risada dele tocou, enfim, o mais íntimo recanto de seu coração, e ela não pôde suprimir a satisfação de trazer a ele tal alegria. Permitiu que a trouxesse para mais perto, e arrastando-se de

joelhos para colocar-se mais junto dele, rindo do encontro, mesmo quando Mr. Thornton começou a beijá-la ardentemente.

Os dois riram de maneira suave entre os beijos, os espirros de água somente ampliando a estranheza de seus movimentos amorosos. Mr. Thornton nunca estivera tão encantado, achando a esposa absolutamente irresistível. As risadas foram substituídas por beijos conforme o desejo de um pelo outro aumentou, e as carícias se tornaram mais ousadas.

Quando não conseguiu mais resistir, Mr. Thornton levantou-se, ajudou a esposa a levantar e saíram então do banho. Envolvendo-se rapidamente com a

toalha. Ela se secou antes de tirar as roupas molhadas. Mr. Thornton entregou a ela seu robe. Ele abriu a porta para olhar o corredor de maneira furtiva. Vendo que estavam sozinhos, abriu a porta para permitir que sua Margaret corresse pelo corredor para o quarto, antes de segui-la.

Eles se apressaram para a cama sorrindo e, deixando cair as toalhas, afundaram-se debaixo das cobertas para realizar o ato que tinha sido frustrado no banho.

Permanecendo no quarto pelo restante da noite, repousaram nos braços um do outro enquanto conversavam, pondo de lado as preocupações.

Conforme progredia o mês de julho, dias mais cálidos entremeavam em intervalos de frio. Em uma dessas manhãs, mesmo quando as janelas abertas quase não movimentavam o ar, Mr. Thornton levantou-se da mesa de desjejum e deu um beijo rápido na mãe e na esposa, como era seu costume antes de partir. Sua agenda do dia era severa, mas seu coração era animado pela companhia das mulheres que amava.

Após sua saída, Hannah lançou um olhar perspicaz para sua nora, e observou, com apreensiva compaixão, a jovem mordiscar de leve sua torrada e tocar nos ovos em seu prato com mínimo interesse. Essa era a terceira manhã que ela não

tinha realmente comido seu desjejum, mas somente bebericava o chá, enquanto o marido comia rapidamente e saía para a fábrica.

A experiente mulher poderia ter presumido que a jovem estava meramente cansada por acompanhar tão regularmente a agenda matutina de John, mas quando Margaret levantara da mesa na manhã anterior com a face pálida e escusou-se de maneira apressada, alegando que tinha que ir para o quarto por alguns momentos, as suspeitas da Mrs. Thornton foram despertadas. Margaret, contudo, parecera muito bem no restante do dia.

Sentada próxima a ela agora, Hannah notou que a nora estava novamente um pouco pálida.

— Eu acho que ajuda comer um pouco, mesmo que a refeição não pareça apetitosa — Hannah encorajou-a de maneira atenciosa. — As torradas podem ajudar a aliviar o mal-estar no estômago — ela aconselhou tranquilamente ao encarar os olhos surpresos e expressivos de Margaret. A jovem mulher pareceu aliviada e ansiosa ao mesmo tempo, por ter seu segredo descoberto.

— Obrigada — respondeu Margaret em tom suave, e comeu de fato um pedaço da torrada. — Você já contou para seu marido? — Mrs. Thornton sondou de maneira gentil, duvidando que o filho estivesse consciente das ocorrências mensais que as mulheres experimentavam.

— Não — respondeu Margaret,

engolindo a comida que ela tinha relutantemente tomado em sua boca. Ela tomou outro gole de chá antes de falar novamente. — Eu não estava completamente certa. Queria esperar até ter certeza. Pensei que talvez pudesse ter sido o calor recente que tivesse me feito mal, mas creio que não há dúvidas agora — ela admitiu, rindo um pouco tímida de sua própria incerteza.

— O mal-estar matinal irá passar com o tempo — a sogra assegurou-lhe com um tipo de sorriso nos lábios.

— Sim, eu sei. Minha prima Edith também ficou indisposta pela manhã, mas não pareceu durar muitas semanas — Margaret respondeu com um sorriso esperançoso. Ela não estava muito

satisfeita em sofrer com os enjoos por muito tempo.

Mrs. Thornton percebeu compassivamente o semblante lívido da jovem.

— Descanse se precisar, Margaret. Você deve se cuidar – e do meu neto – ela acrescentou com olhar brilhante e um sorriso cordial. Ela colocou a mão sobre a mão de Margaret e a acariciou.

Margaret retornou o sorriso compreensivo e pôs a outra mão sobre a da sogra, sentindo o maravilhoso conforto de receber sua bênção e compaixão.

Margaret sentou-se na beira da

cama, trançando em nós o tecido branco que ficava solto de seu vestido. Ela levantou decididamente, para então hesitar, caminhando do guarda-roupa até a cama, e sentar-se novamente.

Ela se repreendeu por estar tão nervosa, pois estava certa que John receberia a novidade com alegria. Se somente o momento dos eventos não fosse tão desafortunado! A moça não desejava aumentar a carga que ele já carregava com a notícia da vinda de uma criança.

Mas então, ela sorriu ao lembrar-se como ele tinha sido maravilhoso com as crianças que encontraram em Helstone. Que pai glorioso ele vai ser! Margaret tinha certeza que ele ficaria satisfeito em ter uma família.

Levantando-se mais uma vez, disse a si mesma que de nada adiantaria agitar-se a noite toda. Não havia nada a ser feito. Ela tinha que contar a ele — ansiava por contar-lhe, para que ele pudesse expressar sua alegria e tomá-la em seus braços.

A jovem decidiu descer até a cozinha e buscar algo para ele comer. Então lhe daria a notícia.

Entrou no quarto mais tarde, carregando uma pequena bandeja com uma xícara de chá e biscoitos, e a dispôs no canto da mesa.

John tirou os olhos do trabalho para agradecê-la e olhou para a bandeja. Sorrindo, ele envolveu-a pela cintura com um braço, e trouxe-a mais perto, fazendo-

a sentar -se em seu colo. Margaret sorriu um pouco ansiosa, e colocou os braços em torno do pescoço do marido.

— Você tem sido tão boa comigo – declarou ele com um olhar afetuosos.

— Tenho mesmo? – ela respondeu um pouco distraída, percebendo que estava olhando para a pele da base do pescoço de John, que estava com a camisa desabotoada de maneira confortável.

— Tem sim – afirmou ele, analisando as feições de seu rosto enquanto ela olhava para baixo.

Margaret olhou então para ele, com os olhos abertos, demonstrando ansiedade pelo que tinha que dizer.

— John – ela começou calmamente.

Mr. Thornton aguardou com um sorriso débil pelo que seria dito, supondo que ela tinha mais sugestões com relação ao seu empreendimento na escola.

— Eu estou grávida — ela disse enfim, observando-o com cuidado, esperando por sua reação.

O sorriso dele se dissipou em perplexidade, ficando mudo. Olhou rapidamente para o abdômen da esposa, ao tocá-la reverentemente onde logo estaria crescendo seu filho.

— Grávida? — ele repetiu, tentando compreender o que ela tinha revelado, ao tomar conta de si um tremor de emoção. *Margaret estava carregando seu filho! Ele seria pai!*

— Não está satisfeito? — ela o

questionou preocupada ao perceber seu olhar distante.

John sacudiu a cabeça, e olhou para ela surpreso, despertando para a sensação de regozijo que começava a tomar conta dele.

— Se estou satisfeito? – ele repetiu, não conseguindo acreditar que ela pudesse perguntar aquilo. — Como posso não estar satisfeito com um presente como esse? – ele perguntou, tomando o rosto da esposa em suas mãos. — Margaret, eu te amo. E aceitarei alegremente qualquer destes presentes vindos de nossa união – ele declarou com sinceridade, agora com a face iluminada com inegável felicidade.

Margaret sorriu aliviada.

— Quando? – John perguntou com

ansiosa curiosidade.

— Creio que seja em algum momento no final de fevereiro, ou talvez início de março – respondeu, brilhando com a alegria de partilhar da empolgação do marido.

— Entendi – ele respondeu, pensando em quanto tempo eles teriam que esperar. Seu semblante se iluminou com ansiosa antecipação ao pensar em anunciar a novidade.

— Contaremos para minha mãe? – ele perguntou com expressão ansiosa.

Margaret quase riu de seu entusiasmo infantil.

— Receio que ela já tenha adivinhado.

John deu-lhe um olhar

perscrutador.

— Não tenho tido muito apetite no desjejum ultimamente – ela explicou.

O semblante dele mudou instantaneamente, demonstrando preocupação.

— Você está passando mal? – seus olhos cheios de preocupação.

— Não, não – ela assegurou-lhe. — Creio que seja absolutamente normal sentir-se um pouco enjoada pela manhã nos primeiros meses. Edith passou pela mesma situação.

— Um bebê – ele murmurou admirado, ainda dominado pela notícia inesperada.

— Sim – ela confirmou com um sorriso glorioso ao capturar seu olhar e

envolver os braços em volta do seu pescoço um pouco mais apertado.

— Margaret! — ele suspirou, apertando-a, embora um pouco mais suavemente agora, temendo que pudesse machucá-la. *Margaret lhe traria muitas coisas preciosas, tudo que ele pensou que nunca pudesse ser seu.* John reprimiu as lágrimas que sentiu brotarem em seus olhos. Quão verdadeiramente abençoado ele era! Não se importava neste momento com o que o destino lhe traria. Podia resistir qualquer tempestade, desde que Margaret o amasse.

Lágrimas de alívio e alegria silenciosamente escorreram dos olhos de Margaret ao abraçá-lo. Estava certa de que ele proferiria ternamente para ela e

qualquer filho que eles viessem a ter. Sentia que não importava se as circunstâncias os obrigassem a levar uma vida mais modesta. Sentiria feliz em qualquer lugar, desde que estivessem juntos.

CAPÍTULO XVIII

O *master* de Malborough Mills passou o olhar pelo grupo de trabalhadores em busca de Margaret. Atento ao apito, ele ansiava por almoçar no refeitório com ela. Este momento não só dividia seu dia em uma pausa necessária, mas dava a ele a oportunidade de estar com ela.

As inumeráveis botas e tamancos levantavam uma fina nuvem de poeira no solo. Quando a aglomeração vestida em tons apagados dispersou, Mr. Thornton capturou a imagem procurada. Ela estava em pé olhando para ele, nos braços um leve xale de verão. A brisa leve fazia com

que os fios soltos de seus cabelos acariciassem seu rosto, e ela sorria com os olhos cheios de ternura: ele sabia que era para ele. Sentiu o coração pulsar mais rápido; a expressão carregada e as rugas de sua testa se dissolveram ao aproximar-se dela.

Seu olhar oscilava entre seus atrativos olhos brilhantes e os suaves lábios rosados. Resistindo ao impulso de puxá-la para si e beijá-la, ele ofereceu o braço educadamente e a conduziu até a cantina.

— Como foi sua manhã? — perguntou ao aproximar-se, recordando que Margaret planejara levar as crianças ao parque.

— As crianças se divertiram

muito. Foi uma manhã e tanto! – disse com entusiasmo, satisfeita pelo sucesso de seu passeio.

Mr. Thornton sorriu ao pensar na imagem da esposa cuidando de vinte e poucas crianças correndo por todo lado.

— Como você conseguiu lidar com todas elas sozinha? – ele questionou em voz alta ao chegarem ao refeitório.

— Oh, eu estava um pouco preocupada, mas tudo sucedeu perfeitamente. Mr. Slickson apareceu e ficou para me ajudar a cuidar de todos – Margaret contou, despreocupada.

Mr. Thornton franziu o cenho enquanto a ajudava a se sentar. Mary logo colocou diante deles os pratos fumegantes do cozido e retirou-se.

— Mr. Slickson, o jovem sobrinho de Mr. Slickson? — ele perguntou no tom mais casual que conseguiu.

— Sim, ele é um entusiástico apoiador de meus empreendimentos. Ficou muito contente em me ajudar a manter as crianças sob controle — ela respondeu com um sorriso inocente.

— Entendo — respondeu Mr. Thornton, que percebeu a expressão animada de Margaret com uma pontinha de compaixão por sua ingenuidade. Ela não percebia que sua rara beleza e espírito contagiante podiam atrair a atenção de outro homem. Em vez disso, supunha que Mr. Slickson era sincero em seu interesse por seu trabalho. Mr. Thornton desejava poder ser mais

compassivo em suas suposições, mas não conseguia afastar da mente a crescente suspeita de que o charmoso visitante londrino estava realmente interessado em sua esposa.

Margaret correu os olhos pela coleção de objetos de porcelana dispostos na prateleira de imbuia; a altiva samambaia exótica atrás do sofá de veludo ocre, e o amontoado de banquetas, mesas e móveis cuidadosamente arranjados que se amontoavam na sala extravagante de Fanny Watson. Sua atenção se voltou para a intrincada estampa dourada do papel de parede indiano,

enquanto ouvia de longe a dona da casa entreter a mãe com seus planos de redecorar o quarto e a sala adjunta.

— Já começou a preparar o berçário, Margaret? — Fanny perguntou ansiosa, chamando a atenção da cunhada para o assunto da conversa.

— Não, ainda não. Mas certamente haverá tempo suficiente para organizar tudo — Margaret comentou. Ela ainda se encontrava desnorteada pelo fato de estar esperando um bebê. Revelara a novidade para John há pouco mais de uma semana, e, intimamente, preferia ter mantido o segredo entre eles por mais tempo. Contudo, sabia que o marido estivera a ponto de explodir para contar as boas-novas à família.

— Devo confessar que estou surpresa em saber que você aumentará a família tão cedo. Talvez daqui a algum tempo eu esteja compartilhando uma novidade semelhante — Fanny observou, um pouco enciumada por ser a esposa do irmão a provedora do primeiro neto da família.

— John parece muito contente. Mal posso acreditar que será pai! Que maravilha, serei tia! Nós devemos sair juntas para comprar as coisas das quais irá precisar — sugeriu entusiasmada, comentando sobre as lojas que ofereciam os melhores artigos, e Margaret, educadamente, inclinou a cabeça para ouvir.

Na sala ao lado, Mr. Thornton

declinou o cigarro oferecido por Watson com um sorriso educado e um aceno de cabeça. Ficava contente em jantar na casa da irmã de vez em quando, mas temia o tedioso costume de ficar isolado com o cunhado, enquanto as mulheres se retiravam para conversar à vontade. Não compartilhava muitos interesses com o marido de Fanny, mesmo que ambos tivessem responsabilidades semelhantes como proprietários de fábricas locais.

Watson acendeu o cigarro e deu, satisfeito, algumas baforadas. Aproximando-se do aparador, serviu um pequeno cálice de vinho do porto e o entregou ao futuro pai.

— Então você será um pai de família! Eu estou começando a me

acostumar com a ideia de você estar casado. Os ares campestres de Helstone devem ter sido revigorantes, hein Thornton? – observou Watson, arqueando a sobancelha de maneira sugestiva, exibindo no rosto um sorriso malicioso.

Mr. Thornton não se dignou a responder, recordando com desgosto a razão pela qual evitava ir ao clube de cavalheiros que os outros patrões frequentavam assiduamente. Ele, amiúde, achava a conversação em tais lugares grosseira e ofensiva.

— Como está se saindo nesses tempos horríveis para a economia? – perguntou Mr. Thornton, mudando o assunto para questões de negócios.

— Tenho a situação sob controle.

Creio que tenho capital suficiente no momento para esperar que passe essa maldita recessão. Não graças à minha querida esposa, ela tem gasto uma boa fortuna redecorando esta antiga casa de solteirão, com qualquer coisa que lhe agrade. Mas terei que manter seus gastos controlados até que meus investimentos produzam resultado – explicou Watson, confiante. Com um ar de censura, ele continuou dizendo:

— Ouvi dizer que sua esposa tem estado ocupada erguendo uma escola para os pobres trabalhadores.

— Sim – com minha aprovação, é claro – respondeu Mr. Thornton em defesa aos planos ambiciosos de Margaret. — Estou ciente de suas atividades –

acrescentou.

— Está? — Watson retorquiu com ar duvidoso, tirando o cigarro de entre os lábios, estudando o cunhado com atenção por sua credulidade. O odor do forte cigarro encheu o recinto fechado.

Mr. Thornton estreitou os olhos ao encarar o cunhado em crescente indignação.

— O que quer dizer? — perguntou de forma direta, os profundos sons de sua voz reverberando uma advertência. Seu corpo tencionou em resposta ao tom usado por Watson.

— Só estou dizendo que eu não deixaria minha esposa ficar perambulando por ai conforme desejasse. Eu manteria aquela ali em rédea curta, Thornton, só

isso – Watson aconselhou, sacudindo a cabeça com cautela.

Mr. Thornton sentiu-lhe inflamar a ira quando escutou tal conselho.

— Margaret pode ser pouco convencional em suas ações, mas confio que ela use seu bom senso de forma incondicional na condução de seus assuntos – respondeu John com controlada veemência. Uma sombra de dúvida anuviou sua confiança, ao recordar, com preocupação, que Margaret podia ser irrefletida e impulsiva quando suas paixões eram atiçadas. Se perguntava, teria ela feito algo a ser censurado por aqueles com mentalidade e natureza mais moderadas?

— Então me conceda a

oportunidade de adverti-lo como irmão, e dizer que não importa quão nobres sejam as intenções de Margaret, seria melhor que ela não fosse vista tão frequentemente na companhia daquele rapaz almofadinha, o sobrinho do Slickson – exclamou Watson, projetando levemente o queixo no ar para pontuar seu conselho.

Mr. Thornton gelou ao serem confirmados seus temores. Outras pessoas também tinham notado: *o rapaz estava interessado em sua esposa*. A indignação brotou em sua alma ao pensar que Margaret pudesse ser uma presa inocente dos sentimentos de Albert e dos mexericos escandalosos da cidade.

— Um encontro ao caso em um parque público dificilmente é fomento

para fofoca, especialmente quando há crianças correndo em volta – ele replicou, cada vez mais irritado com o fato de que Margaret pudesse ser objeto desse tipo de falatório.

A expressão de Watson indicava certa surpresa, ao saber que Thornton estava de fato consciente das atitudes da esposa.

— Não estou dizendo que há algo acontecendo, somente que existe o falatório – retorquiu na defensiva, antes de voltar-se ao seu cigarro com interesse renovado.

Mr. Thornton assentiu em justo reconhecimento pela advertência, sua postura desafiadora encerrando-se em seu habitual semblante impenetrável.

Conduziu a conversa para outros assuntos com uma expressão impassível, mas embaixo de seu rígido exterior, a mente se revolvía com suspeita e agitação de que Margaret pudesse correr algum perigo.

Os convidados se dirigiram para casa em silêncio, esgotada suas inclinações para conversação. Margaret se pôs a pensar no tempo e energia desgastante que Fanny devia levar tornando sua casa um mostuário, enquanto Mrs. Thornton meditava em sua sorte por viver com John e sua esposa.

Mr. Thornton segurava de leve a mão da esposa ao olhar firmemente para a escuridão. Abalado pelas revelações de Watson, ele se questionava qual seria sua linha de ação. Analisando todas as vezes

que tinha visto Slickson perto da esposa, ele estava certo de que Margaret não suspeitava do falatório, nem da excessiva atenção do rapaz. Não queria perturbá-la com rumores abomináveis, e sabia que uma advertência com relação a Albert não seria recebida com cordialidade.

Decidiu então deixar a questão de lado, apesar de estar determinado a manter um olhar vigilante para perceber qualquer aparição de Slickson perto da fábrica. Felizmente, já era quase Agosto, e o estudante londrino estaria retornando à universidade no outono seguinte. Teria sido muito melhor que nunca tivesse aparecido, pensou Mr. Thornton ao olhar para a esposa e apertar-lhe suavemente a mão.

Ao ir para a cama naquela noite, se inclinou e roçou de leve os lábios da mulher, deu-lhe um beijo de boa-noite, e ajeitou a cabeça no travesseiro.

Na escuridão, Margaret soltou um lento suspiro, ao encontrar-se mais uma vez encarando as costas do marido. Ele não a havia tocado desde que anunciara a gravidez. À princípio, deduzira que ele pudesse pensar que sua condição era muito delicada. E talvez fosse, pois nem ela tinha qualquer conhecimento sobre o assunto. Mas, após cada noite partilhando uma cama tépida, não podia deixar de refletir. Será que o estresse do trabalho teria absorvido todo seu desejo? Ele teria, de alguma forma, perdido o interesse por ela? Margaret não podia suportar o

pensamento de que a paixão que haviam partilhado estava agora acabada. Afligiuse por algum tempo e, finalmente, fechou os olhos, permitindo que o sono a dominasse.

Mr. Thornton ouviu a modificação na respiração da esposa, e emitiu um longo suspiro de alívio e frustração. Enfim ela estava dormindo. Com a chegada de cada noite, se encontrava cada vez mais agitado. Não sabia quanto tempo mais poderia suportar o tormento de seu desejo, nem sabia como encontrar a informação a qual buscava. Não queria causar nenhum dano ao filho, e o preocupava como seria abster-se de reclamar seus privilégios de marido pelos meses que viriam.

Na noite anterior, quando Margaret acariciara seus ombros e pressionara o corpo contra suas costas, ardera com a tentação de pressioná-la sob si e tomá-la como mulher. Em vez disso, tomara sua mão e a segurara no peito, para deter seu toque sedutor. Sentiu o desapontamento da esposa nos beijos que lhe deu à noite, mas não podia confiar em si mesmo para oferecer nada além do toque de seus lábios, sabendo de que maneira seus beijos profundos poderiam incendiá-lo em um instante.

Virou-se mais uma vez de costas para a esposa, e orou, pedindo que, de alguma forma, ele pudesse ser salvo daquela tortura noturna.

Bem cedo na manhã seguinte, Margaret deixou a casa para visitar Mary Higgins. Estava ansiosa para contar as novidades para a amiga, sabendo que a moça de temperamento reservado guardaria o segredo.

Mary ficou muito feliz, abraçou Margaret ao ouvir a notícia, um gesto pouco usual para a jovem, que em geral era muito reservada.

— Oh, Miss Margaret! A senhorita será uma mãe maravilhosa, estou certa disso! — ela exclamou. O patrão deve estar radiante — presumiu.

— Sim — respondeu Margaret, animada, diante da empolgação da outra.

— A senhorita deve ir ver Mrs. McKnight! — Mary declarou, ansiosa.

Margaret olhou curiosa para a moça.

— A parteira de quem me falou Dr. Donalson? — perguntou.

— Sim, ela mesma! É a melhor da cidade. Ora, até mesmo as madames a procuram. O marido era o dono de uma loja, mas agora ela mora com o filho e a esposa, em Crampton, se não me engano, não muito distante de sua antiga casa. E, de qualquer forma, ela não é tão convencida a ponto de empinar o nariz para nós, trabalhadoras, e é bastante respeitável para atender àquelas casas elegantes perto da sua. Ela salvou Mrs. Pritchett, que mora na esquina, de um

momento terrível com seu primeiro *nenê*. Se a senhora me perdoa por contar-lhe – disse, enrubescendo de repente por insinuar algo sobre a dor envolvida no parto.

— Não, não, eu agradeço pela recomendação. Dr. Donalson mencionou que ela o ajuda frequentemente. Estou interessada em conversar com ela. Obrigada, Mary – consolou a amiga com cálido agradecimento.

Mary sorriu com entusiasmo, desaparecendo qualquer trepidação de seus olhos, e satisfeita por ter ajudado-a.

Na tarde do dia seguinte, Margaret

tomou o caminho que lhe era tão familiar até Crampton. Ficou animada em procurar a parteira popular, depois de ouvir os elogios de Mary. Dr. Donaldson também a havia recomendado como uma prestativa assistente, e ficou muito interessada, quando o gentil doutor insinuou que a parteira poderia ajudar a responder qualquer pergunta que ela tivesse concernente às questões femininas.

Somente algumas quadras distante de sua antiga casa, ela subiu a limpa escadaria cinza até uma porta pintada de azul, e tocou o pêndulo.

Após perguntar por Mrs. McKnight, Margaret foi então conduzida a um cômodo tranquilo, onde as pesadas cortinas bordadas mantinham o aposento

perpetuamente sombrio. Uma senhora de meia-idade, de ossatura larga, entrou e a saudou, seus olhos brilhantes exalando uma energia que traía sua face enrugada.

— Adiará McKnight – apresentou-se, o sotaque escocês expresso na simples menção de seu nome.

Margaret animou-se instantaneamente com seu sorriso gentil e o firme aperto de mão.

— Margaret Thornton. Eu vim vê-la para conversar sobre a gravidez – explicou, corando de leve.

— É claro que sim, minha querida. Estou feliz em conhecê-la. Mrs. Thornton, é? A senhora mora em Marlborough Mills, estou certa. Meu marido sempre falou muito bem de Mr. Thornton. Está casada

há pouco tempo? – perguntou diretamente, recebendo um aceno como resposta. — Então, sente-se comigo e vamos conversar sobre esse bebê – convidou a experiente mulher com um movimento do braço em direção a uma cadeira confortável.

Depois que a senhora vivaz fizera várias perguntas, e explicara um pouco sobre o que Margaret poderia esperar com a passagem dos meses, Mrs. McKnight confirmou animada que estava contente por poder tomar o caso. Margaret a agradeceu, passando a confiar em seus modos honestos e amigáveis.

— Então, tem mais alguma pergunta? – perguntou a parteira. Margaret abriu a boca hesitante, antes de fechá-la novamente e olhar para o chão.

— Não precisa ficar envergonhada, ora, tenho certa experiência. Já ouvi todo o tipo de coisas, minha querida – animou-a de maneira gentil.

Reunindo coragem, Margaret abriu a boca para falar novamente:

— Me perguntava se haveria algum dano ao bebe no... – ela começou a falar, mas não pôde continuar, sentindo o rosto corar por sua pergunta não mencionada.

Mrs. McKnight sorriu com sabedoria.

— É uma pergunta muito comum, querida. Quer saber se a relação sexual pode ser danosa para a criança. Isso depende – ela disse com certa hesitação.

Margaret ergueu a cabeça rapidamente para analisar o semblante da senhora. Os olhos de Mrs. McKnight brilharam em divertimento.

— Isso depende se você deseja dissuadir seu esposo de procurá-la na cama, ou se está confortável com suas atenções – disse com um sorriso travesso.

Margaret sorriu ao entender a implicação do que dizia, considerando que deveria haver muitas mulheres, como Fanny, que adorariam ter uma escusa para manter seus maridos à distância por algum tempo.

— Não, eu... aprecio muito a companhia do meu esposo – ela respondeu hesitante, com a inevitável sensação de calor em seu rosto.

— Então lhe digo que não há nenhum problema em receber as atenções dele. Claro, que certo cuidado será necessário conforme o bebê crescer na barriga. Permita que seu próprio julgamento a guie e estou certa de que tudo ficará bem — ela aconselhou, francamente, não demonstrando nenhum escrúpulo ao falar sobre assuntos íntimos.

— Obrigada, a senhora foi atenciosa — disse Margaret, inundada pela sensação de alívio.

Após a despedida, suspirou profundamente ao se fechar a porta atrás de si. Estava contente por ter vindo; sentia-se melhor preparada para encarar os meses que viriam, com segurança e alegria.

Mais tarde naquele dia, Margaret escrevia uma carta para o irmão em sua escrivaninha, ao passo que John, no quarto principal, trabalhava em cima de seus livros de contabilidade. Ela procurava manter-se bem fora de seu caminho à noite, até que ele indicasse que havia terminado.

Assinou a carta e colocou a pena de volta ao aparador. Percebendo que estava ficando tarde, passou pelo quarto de vestir até o amplo aposento onde o marido estava sentado, parecendo perturbado e fatigado, segurando a cabeça com uma mão.

John virou-se para saudá-la com um débil sorriso, e voltou sua atenção ao trabalho. Margaret esperava que pudesse

trazer-lhe algum alívio.

— Recebi uma carta de Frederick hoje. Seu sogro o convidou para ajudá-lo a liderar os negócios da família. Ele me descreveu o vilarejo onde mora. Parece-me tão adorável! Espera que possamos visitá-los na Espanha algum dia – ela relatou animada.

— E nós temos que concordar com todos seus desejos? – ele rebateu com uma ferroada de amargura, não erguendo a cabeça da mão onde estava encostada. — Ele ainda estaria na Inglaterra, se não fosse sua tola imprudência – murmurou para os papéis diante dele.

Margaret permaneceu imobilizada com o choque de ouvir tais palavras, ficando boquiaberta.

Mr. Thornton olhou para ela com cautela, para medir o estrago que tinha feito. O olhar de mágoa e confusão na face da esposa lhe cortou o coração. Retesou-se em um estranho medo, ao ver os lábios da esposa tremerem de leve, como se fosse dizer algo, antes de virar-se abruptamente e sair do quarto. Ele estremeceu ao ouvir o som da batida da porta que os separava, a finalidade do som dilacerando sua alma.

O que tinha feito? Fechou então os olhos em desgosto. Como havia se tornado tão desprezível a ponto de atacá-la por sua gentileza? Deixou a mão cair na mesa e apertou os punhos com cólera e desgosto — sempre soubera que era impróprio para ela e indigno de seu afeto,

e agora tinha provado isso.

Levantou-se forçosamente, o ruído estridente da madeira lançando mais um arrepio de discórdia através do quarto escuro. Caminhando de um lado pro outro, trincando os dentes, castigou-se com uma torrente de ódio por si mesmo. Tinha prometido tomar conta dela e amá-la, e era isso que lhe oferecia – uma repreensão por sua inocente alegria pela boa sorte do irmão? *Ele tinha se rebaixado tanto, ao ponto de ressentir-se pelo sucesso de outros?*

Mr. Thornton estremeceu com a frustração pelo desejo que o atormentava. Sentiu profundamente a injustiça. Quanto trabalhara duro, para fazer tudo certo – somente para cair em desolação! Ansiara

provar-se digno dela, para dar-lhe o conforto e a segurança que uma mulher de sua estatura merecia.

Um medo repentino começou a tomar conta dele, detendo-o em seu caminho, ao pensar em perder o respeito e a confiança de Margaret. Mais angustiante que o lento fracasso da fábrica, era a ideia de que pudesse ter danificado de maneira irreparável o doce laço de afeto que haviam desfrutado por tanto tempo. A fábrica não era nada comparada a ela! Podia suportar qualquer indignidade ou dificuldade, mas não poderia mais viver sem o eterno amor da esposa.

Passou os dedos pelo cabelo, ao começar novamente a caminhar, da mesa para a janela, sem muita percepção do que

fazia. Sabia que deveria se desculpar, e rápido, antes que qualquer mágoa pudesse tomar conta de seus pensamentos sobre ele.

Voltou-se com decisão em direção à passagem que conectava os quartos, tomando um instante para se acalmar, e abriu a porta suavemente.

Margaret levantou-se rigidamente da cama onde estivera sentada, e deu alguns passos para longe, com as costas firmemente viradas para ele.

Uma dor lascinante perfurou seu coração ao vê-la distanciar-se dele de propósito.

— Margaret — ele suplicou com esperança desesperada ao aproximar-se dela rapidamente. — Me perdoe, eu falei

de maneira cruel – implorou.

— Talvez somente com demasiada honestidade – ela o censurou. — Não sabia que você pensava tão mal do meu irmão – declarou em um tom gélido, permanecendo voltada para a parede.

Mr. Thornton baixou a cabeça, arrependido por sua explosão, e, consternado, passou os dedos pelo cabelo, não sabendo bem como responder, entendendo somente que deveria se explicar.

— Eu não irei mentir para você. Creio que seu irmão tenha cometido um grave erro – admitiu.

— Pelo qual ele merece ser perpetuamente punido em seu exílio – Margaret terminou a frase de maneira

veemente, sentindo as lágrimas correrem por seus olhos, ao considerar o duro julgamento do marido.

John soltou um suspiro e lutou para controlar a voz.

— Margaret, escute-me – ele rogou ao segurá-la pelos braços, forçando-a a encará-lo, apesar de ela não olhar em seus olhos. — Creio que foi imprudente da parte dele desafiar a autoridade de tal maneira, mas não condeno sua motivação. Por acaso não estou acostumado com esta impetuosidade desinteressada e justo fervor – um espírito que estou certo que deva compartilhar com sua irmã? – explicou, buscando a face da esposa por sua compreensão.

Margaret fitou-o lentamente, seu

semblante mais contrito, mesmo que seus olhos ainda exibissem confusão pelo ataque de cólera do marido.

— Eu fiquei enciumado — confessou John, reconhecendo a realidade de suas emoções enquanto dizia as palavras. — Sei que fui grosseiro e absurdo, mas eu sou um homem rude e não refinado. Não desejo mal ao seu irmão. Estou exausto esta noite, e tem sido difícil suportar minha frustração. Não posso nem oferecê-la a segurança de manter esta casa, quanto mais todas as coisas que deseja — afirmou, com os olhos ardendo de angústia. — No momento, eu não sei quando nos será possível visitar a Espanha — acrescentou mais calmo, soltando os braços dela.

Uma onda de compaixão inundou o coração de Margaret ao ver a tristeza do marido. Como ela pôde ser tão insensível ao anunciar o feliz sucesso de Fred, no momento em que estava lutando para sustentar tudo aquilo que tinha trabalhado tão assiduamente para estabelecer?

— Não tem importância, John. De qualquer forma, eu não poderia viajar agora – ela respondeu segurando suas mãos. — Não queria lhe causar nenhuma angústia. Eu não pensei... – se desculpou, percebendo quão pesada devia ser sua carga como provedor de sua mãe e dela mesma.

— Perdoa-me? – ele perguntou para assegurar-se, trazendo as mãos da esposa até os lábios para beijá-las.

Margaret enlaçou os braços em torno de seu pescoço, e o abraçou apertado.

— Você trabalha tanto, John. Como posso ressentir-me, quando perdeu a paciência uma única vez? — perguntou, ao pressionar a face contra o ombro do marido, sentindo que o calor e a essência que emanavam de seu corpo enchiam-na com uma indescritível sensação de paz.

— Margaret — ele murmurou com alívio, segurando-a bem próximo de si.

Ele moveu-se, enfim, para fitar os olhos dela. Incapaz de resistir-lhe, beijou-a.

Margaret apertou mais os braços em torno do seu pescoço, e abriu os lábios para senti-lo mais profundamente.

John respondeu com um som grave e gutural, e beijou-a com o desejo que reprimira por tanto tempo. O toque sensual da língua dela enrolada na sua, inflamou-o, fazendo correr pelo seu corpo inteiro uma calorosa onda de desejo.

De repente, Mr. Thornton empurrou-a alarmado, recordando a condição delicada em que ela se encontrava, e sua decisão de ser cauteloso; a força de seu desejo revelada em sua respiração arquejante.

Margaret olhou para ele em agonizante consternação e confusão.

— Você não irá fazer amor comigo, John? — ela implorou, mantendo os braços em torno de seu pescoço.

Ah, como ele ansiava amá-la!

— Sua condição não é delicada? — ele perguntou de maneira suave, tentando ocultar seu ardente desejo caso ela contestasse o contrário.

Margaret sorriu conscientemente.

— Eu conversei com uma parteira hoje. Ela me disse que não há mal nenhum em fazer amor até que o bebê prove ser inconveniente — revelou, desviando do olhar intenso do marido ao falar sobre assuntos tão íntimos.

— Não fará mal ao bebê? — John questionou, demonstrando esperança em sua voz.

Ela ergueu sua face corada e balançou a cabeça de leve, negando.

John não pôde mais conter o sorriso agradecido que se espalhava em

seu semblante. Retornando sua boca para a dela, Mr. Thornton continuou o beijo que havia parado tão abruptamente. Daquela vez, ele permitiu que sua paixão fluísse, ao sentir que a pressão das formosas curvas de Margaret contra ele aumentava seu desejo. Carregou-a para perto da cama, onde eles rapidamente se despiram. O sabor da pele de Margaret e a sensação de suas curvas sob suas mãos e corpo o cobriram de satisfação. Quando, enfim, Margaret chegou ao clímax, sentiu seu êxtase no prazer dela, e esvaziou-se em triunfo equivalente.

Desabando sobre ela, beijou-a, agradecido. Lágrimas de alegria corriam pelas faces de Margaret. Apesar da incerteza com relação à fábrica, sentiu

que sua vida estava completa. Margaret o encarou em admiração e amor, antes de fechar os olhos, e segurá-lo apertado contra seu corpo.

Nos dias que se seguiram, Mr. Thornton procurou diligentemente salvar a fábrica da falência. Não deixou de remover nenhuma pedra, no esforço de aumentar o faturamento, pesquisando todos os livros antigos de contabilidade, para garantir que todos os pagamentos tivessem sido feitos em sua totalidade, e buscando clientes antigos que pudessem ser persuadidos a fazer novos pedidos.

John tomou bravamente a tarefa

mais desalentadora de compilar as despesas que precisavam ser pagas enquanto os pedidos atuais eram cumpridos. Decidira, entretanto, que se nenhum pedido substancial fosse recebido dentro de algumas semanas, a fábrica deveria fechar as portas antes da chegada do inverno.

Margaret se preocupava com a saúde do marido, pois permanecia desperto por longas horas e tomava somente pouco tempo para descanso, exceto aos domingos. Se preocupava em entregar-lhe o almoço, quando receava que tinha perdido o horário, e tornava suas noites o mais prazerosas possível, quando ele estava dentro de sua esfera de cuidado.

Em mais de uma ocasião, havia tomado o assunto em suas próprias mãos, quando as horas já estavam muito avançadas e ele permanecia em sua mesa. Margaret levantava da cama e se posicionava atrás dele, para massagear os músculos de seu pescoço, ombros e costas. Repreendia-o de maneira sutil por ficar acordado até muito tarde, ao mover-se para sentar-se em seu colo, e começar a desabotoar a camisa, passando as mãos nos músculos de seu peito. Tal atitude nunca falhava em trazer o marido para a cama, e ela então acariciava seus cabelos, quando ele caía no sono, exausto, após ter gasto o restante de sua energia.

Questionava-se como John conseguia suportar tanto, e orava para que

logo soubessem o que o futuro lhes reservava. Não se importava que ele não fosse mais o *master*; amava-o o suficiente para precisar impôr qualquer condição à sua afeição. Mas lhe doía muito pensar quão extenuantemente ele havia trabalhado nas últimas semanas para salvar tudo aquilo que construía. Não sentiria vergonha se John fosse forçado a procurar outro trabalho. Sabia que ele se ergueria a excelência em qualquer coisa que pusesse as mãos, pois era sua natureza fazer todas as coisas com espantosa habilidade. Confiava que tudo ficaria bem, independente do que o destino lhes trouxesse.

Na semana seguinte, Margaret foi até a loja para comprar jardas de tecido

fino para fazer roupas para o bebê e um vestido de grávida para ela. Depois de passar algumas lojas, percebeu que tinha muitos pacotes para carregar. Organizando-os com cuidado, calculou que ainda podia carregá-los até Marlborough Mills.

À medida que caminhava pela calçada lotada, perdida em seus próprios pensamentos, assustou-se ao ouvir uma voz chamar pelo seu nome. Virou-se para ver Albert Slickson descer de um coche de aluguel.

— Mrs. Thornton! — ele gritou mais uma vez na via pública e chegou ao seu lado. — Posso oferecê-la uma carona no meu coche? Olha, deixe-me ajudá-la — ofereceu avidamente quando se aproximou

para livrá-la dos pacotes.

Margaret abriu a boca para recusar, mas quando Albert retirou o peso de seus braços, ela pensou melhor em seu oferecimento, reconhecendo que estava fatigada e que ainda havia uma boa distância para percorrer antes de chegar a casa.

— Obrigada. Creio que tenha comprado muito mais do que pretendia — observou com bom humor.

— Então, estou muito feliz por estar passando por perto — respondeu o rapaz com um sorriso cativante, ao acompanhá-la até o coche que os esperava, tomando o restante dos embrulhos de suas mãos.

— Desculpe-me, não é um coche

muito grande – desculpou-se, educadamente, ao sentar-se ao lado de Margaret no pequeno compartimento. Honestamente, Albert estava muito satisfeito por encontrar-se neste estreito confinamento com ela. A sensação das saias daquela linda mulher ao seu lado, roçando em sua perna, fez com que sentisse uma corrente de excitação.

Margaret sorriu polidamente, mas sentiu uma pontada de nervosismo por mais uma vez estar sozinha com ele. Mas abandonou a sensação no momento seguinte, considerando que não poderia haver mal algum em tomar uma carona rápida com um amigo. Afinal, ela precisava ser mais cuidadosa consigo mesma agora que estava grávida.

— Está muito ocupada com sua escola? — perguntou Albert quando a carruagem começou a mover-se, impaciente para estabelecer uma conversa tranquila com ela. Porém, já sabia que Margaret estivera mantendo sua rotina com as crianças, pois estava muito bem informado sobre as atividades na fábrica.

— Sim, e na semana passada levei as crianças ao museu e à biblioteca — informou-o com animação.

— Esteve mesmo muito ocupada — respondeu o rapaz com um sorriso charmoso. — Espero que esteja tomando tempo para descansar — observou com educação, enquanto seus olhos aproveitavam cada oportunidade para capturar a visão dela.

— Oh, sim, tenho bastante tempo para fazer minhas coisas à noite — assegurou-lhe.

— Espero que seu esposo não esteja trabalhando até muito tarde — Albert comentou muito interessado, perguntando-se com que frequência uma mulher como aquela era deixada sem atenção.

Margaret olhou para as mãos por um momento, agitando-se com a pergunta.

— Mr. Thornton tem estado muito ocupado nos últimos tempos, mas ele vem para casa sempre que pode — respondeu com uma animação forçada, antes de virar-se para sorrir educadamente.

Albert retornou o sorriso, surpreso, ao ver uma sombra de tristeza

nos olhos de Margaret. Observou fascinado o perfil de Margaret, analisando o movimento de seus lábios quando ela falava do esposo com modéstia. Neste momento, confrontado pela perturbadora beleza dos expressivos olhos verde-acizentados da jovem Mrs. Thornton, ele ficou momentaneamente mudo.

— Talvez possamos mitigar a solidão um do outro – rogou Albert com a voz grave e inabalável. Com a respiração ofegante, ele passou sua mão sobre a coxa de Margaret no intuito de tomar a mão da moça, observando-a com olhos esperançosos e cheios de adoração.

Margaret puxou a mão como se tivesse sido envenenada, arfando com confusão e surpresa.

— O senhor está grandemente enganado se pensa que eu... — Margaret disse bruscamente, incapaz de continuar a falar, quando lhe sobreveio a total compreensão do significado das palavras de Albert. — Pare a carruagem! — ela gritou, seu coração agitado diante do horror de sua situação.

— Margaret... se pudéssemos somente nos conhecer melhor — gaguejou frenético, tentando se explicar. — Acredito que o destino tenha nos unido.

Ficando cada vez mais alarmada, Margaret se encolheu contra a porta do compartimento, com os olhos arregalados, sem acreditar no que acontecia.

— Pare o coche imediatamente, ou serei forçada a fazer um escândalo! — ela

exigiu com toda a força que pôde reunir.

Um olhar dolorido cruzou as feições de Albert, antes de virar-se para deter o coche como lhe fora pedido.

Antes das rodas pararem completamente, Margaret abriu a porta e saiu do compartimento, para apanhar os pacotes que estavam nos seus pés.

Albert apressou-se para oferecer-lhe ajuda, alcançando os embrulhos que restavam.

— Por favor, não queria lhe causar nenhum mal. Você conquistou meu coração — implorou o jovem, enquanto Margaret juntava os pacotes. — Eu não consigo esquecê-la — exclamou quando Margaret dava-lhe as costas ao cruzar a rua.

Acima das batidas de seu coração, ela ficou atenta para escutar o barulho das rodas do coche passando por ela, e ver que começava desaparecer à distância de alguns metros. Ao aproximar-se dos familiares portões de sua casa, Margaret começou a tremer incontrolavelmente.

Entrou na sala de jantar, olhando para o chão, com a intenção de fugir para o refúgio de seu quarto.

Mrs. Thornton ergueu a cabeça da costura.

— Margaret? — ela chamou a nora com certa preocupação, percebendo o passo apressado da moça e a palidez de sua face. Margaret colocou os pacotes sobre a mesa de jantar, esforçando-se para evitar o olhar inquiridor de sua

sogra.

— Pode pedir que Jane cuide dessas coisas para mim, por favor? – ela solicitou com a voz vacilante, apesar de seus melhores esforços para parecer tranquila.

— Sim, é claro. Você está bem? – questionou Mrs. Thornton, perplexa ao ver o comportamento estranho da nora.

— Creio que eu só precise repousar – Margaret respondeu, antes de virar-se para a escada.

Os olhos de Mrs. Thornton se demoraram na direção da escada após o desaparecimento da jovem, questionando-se o que perturbava a esposa do filho.

Margaret se jogou na cama e as lágrimas de aterradora confusão e

vergonha começaram a cair sobre o travesseiro. *Como aquilo acontecera? Ela considerava Albert como um amigo. Será que ele tinha dissimulado suas intenções desde o começo? Como tinha sido tão cega? Agora tinha trazido desgraça para si e para seu marido.*

John! Margaret chorou ainda mais ao considerar o que ele pensaria dela, e quão ignorante tinha sido por ter causado sua perturbação. Desejara somente trazer-lhe mais respeito e admiração... e nunca tinha pensado que lhe traria degradação e vergonha! Não suportava pensar que ela seria fonte de mais dor.

Sua mente em tumulto meditava sobre o passado e considerava com grande temor as conseqüências da

ocorrência do dia, mas evitou com firmeza recordar o momento horrível que ela fizera-se presa no pequeno coche com um homem que professava admirá-la.

Hannah Thornton observou a nora furtivamente enquanto a família jantava. Pálida e melancólica, Margaret respondia quando lhe questionavam, mas não iniciava nenhum assunto e raramente desviava o olhar do prato. O tilintar da prataria amplificava o silêncio artificial do momento.

Capturando o olhar do filho, Mrs. Thornton pôde somente oferecê-lo uma colaborativa expressão de ignorância

sobre o motivo do incômodo da esposa.

Após o jantar, Margaret sentiu-se culpada ao ouvir, aliviada, o marido anunciar que precisava trabalhar em seu escritório naquela noite. Sentiu que ainda não conseguiria encará-lo, e esperava que um adiamento lhe desse tempo para organizar seus pensamentos desordenados.

Pedindo desculpas por não passar tempo com a sogra na sala, ela escapou para a solidão do quarto, alegando uma dor de cabeça.

Uma vez estando sozinha, a plena torrente de seus pensamentos perturbados inundaram-na, e sentou-se na escrivaninha, dispondo a cabeça sobre os braços em um ataque de desespero.

Convencida de que cometera um erro de alguma forma, por permitir que tal coisa acontecesse, começou a perder toda a esperança de conseguir coragem para contar ao marido o que lhe ocorrera. Seu coração se entristecia ao pensar como havia falhado com ele – que não tinha sido capaz de sustentar o alto padrão de caráter que John lhe havia confiado. Sentiu náuseas diante da ideia de trazer-lhe mais perturbação e tristeza.

Sufocando as lágrimas que teimavam em precipitar, apesar de seus valentes esforços, se preparou para dormir como se estivesse em transe. Não sabia o que fazer, a seguir, ou onde deveria buscar consolo para o tormento do constante fluxo de imagens

perturbadoras, e situações imaginárias que invadiam sua mente.

Enfim, sentindo que não tinha mais recursos, se ajeitou na cama para encontrar alívio na inconsciência do sono.

Mr. Thornton abriu a porta do quarto em silêncio. A luz do lampião que levava consigo revelou um quarto vazio. Como era quase meia-noite, esperava que a esposa estivesse dormindo profundamente em sua cama. Momentaneamente confuso, foi procurá-la passando pelo cômodo estreito que ia até o outro quarto. Havia uma vela ainda acesa em sua escrivaninha, a qual apagou

ao perceber um corpo sonolento embaixo das cobertas. Moveu-se suavemente para o lado da cama e olhou para a maneira lamentável em que seus braços e cabelos se enrolavam sobre o travesseiro. Seu semblante não demonstrava nenhum sinal de sono agitado e, em momento algum, ele observou com profundo amor o rosto tranquilo da mulher que desposara. Esperava que ela despertasse revigorada de qualquer coisa que a angustiara. Acariciou o cabelo ao longo da têmpora e inclinou-se para dar-lhe um beijo no rosto. Ela se estirou levemente ao sentir seu toque, mas continuou dormindo.

Olhando para ela uma última vez, saiu do aposento tão silenciosamente quanto entrara, e voltou para seu quarto.

Tentando ignorar a tristeza intensa que começou a se abater sobre ele, preparou-se para dormir. Imaginou que Margaret devia estar cansada e, certamente, precisava de mais descanso naqueles dias. Não podia, contudo, tirar da cabeça a sensação de solidão que acompanhava o solene fato que ecoava em sua mente: aquela seria a primeira noite que dormiria sozinho desde o dia do seu casamento. Subiu na cama e virou para o lado contrário ao sufocante espaço vazio ao seu lado, enfim caindo em um sono irregular.

Na manhã seguinte, Margaret chegou tarde à mesa do desjejum. Desculpou-se brevemente com um sorriso parco e sentou para acompanhar o esposo

e a sogra na recente luz da manhã.

Mr. Thornton buscou seu olhar, mas Margaret somente encontrou o seu com um olhar tímido. John sentiu o coração gelar diante do desvio de Margaret. Desejara, hoje, ver a doce renovação de seu usual espírito, e começou a especular qual seria a causa de sua amargura.

Ele deu um rápido beijo de despedida em cada uma das mulheres e dirigiu-se para a porta, lançando um último olhar preocupado na direção de Margaret.

Perdido em seus pensamentos, ao cruzar do pátio para o escritório, o humor sombrio da esposa lançou-o em estado de langor que era evidente em sua postura e

expressão. Mal tinha sentado na cadeira, quando Higgins apareceu na porta. O *master* ergueu o queixo e estreitou os olhos, curioso ao ver seu fiável colega tão cedo.

— Achei que seria melhor encontrá-lo antes de iniciar o dia — Higgins explicou como uma saudação. — O patrão tem trabalhando muitas horas, enfraquecendo-se até os ossos. Tentando fazer o melhor em uma situação complicada, creio. Existe algo mais que possamos fazer para ajudar? — perguntou, francamente, demonstrando no semblante preocupação e determinação.

Mr. Thornton baixou o olhar por um momento, ao correr os olhos pelos livros em cima da mesa. Sentiu uma

profunda gratidão pela fidelidade e trabalho duro que seus funcionários fizeram nos últimos meses, muitas vezes fazendo horas extras, sem pagamento, para finalizar algum pedido. O *master* sentia mais intensamente o golpe do fracasso da fábrica por causa daqueles homens e mulheres que dependiam dele para seu próprio sustento.

Erguendo novamente o olhar, encontrou Higgins encarando-o de maneira sombria, porém firme.

— Vocês tem feito tudo o que podem. Estou orgulhoso dos meus operários. E tenho que agradecer a você por isso — enalteceu o amigo, hesitando antes de continuar: — Não haverá mais trabalho para vocês no próximo mês de

novembro – anunciou bruscamente.

Higgins não demonstrou nenhum sinal de surpresa ao ouvir a notícia.

— Será um tempo angustiante para estar sem trabalho, chegando o inverno – constatou de forma solene.

— Eu sei disso – respondeu o patrão, soltando um lento suspiro ao pensar em fechar as portas da fábrica exatamente quando a estação mais desoladora começaria seu reinado impiedoso.

Higgins examinou a postura taciturna do patrão e as profundas linhas de preocupação de labuta em seu rosto. O antigo líder de sindicato sabia que seu mestre tinha feito o melhor para manter a fábrica funcionando desde a greve.

Ambos, patrão e empregado, sentiam-se de certa maneira responsáveis pelo bem-estar dos empregados. Higgins não podia deixar de admirar o *master* por sua perseverança. Como aprendera rapidamente, Thornton não podia ser julgado pela atitude severa, que tinha sido uma parte persistente de sua reputação por tanto tempo.

— Minha Mary me contou que será um pai de família — Higgins declarou, esforçando-se para sacar um sorriso da face do patrão antes de partir. — Parabéns, Thornton. Não haverá criança mais afortunada no país, por ter pais como você e Mrs. Margaret — pronunciou com afetuosa sinceridade.

O semblante de Mr. Thornton se

iluminou com uma luz cálida, ao ser mencionada a chegada de seu filho.

— Obrigado. Resta ainda um ponto luminoso em meio a esses tempos difíceis — revelou, sinceramente, presenteando o amigo com o sorriso que procurava.

Higgins assentiu agradecido.

— Deixarei você trabalhar — comentou antes de se virar para sair.

Mr. Thornton avaliou o grave comunicado que havia pronunciado. Ele ainda não tinha contado para Margaret sua decisão final, tendo só recentemente chegado à inevitável previsão que o conduziria a delinear outubro como o último mês de operação da fábrica. Todos os credores e empregados seriam pagos.

Ele iria guardar fundos suficientes para viver por alguns meses, mas precisaria procurar emprego, depois de tanto anos, e desistir da casa. Não encontrava estímulo para contar a Margaret, esperando o momento oportuno em longas noites no escritório e encontros muito breves com ela. Ele, talvez, esperasse que algum evento propício o incitasse a revelar o segredo, para que não tivesse o particular desgosto de criar um momento no qual transmitir a infeliz notícia, receando que pudesse fazer com que a tristeza perdurasse em seus expressivos olhos.

Margaret manteve-se tão ocupada

quanto pôde para evitar pensar em todas as coisas que aconteceram. Era um alívio mergulhar em seu trabalho com as crianças por algumas horas, apesar de olhar de vez em quando por cima do ombro, com um medo assustador de que Albert pudesse entrar pela porta a qualquer momento.

Quando chegou à noite, permaneceu no quarto por um tempo, ao passo que o marido trabalhava na escrivaninha. Enfim, ela trouxe um livro para a cama, sentindo-se confortável na presença do esposo enquanto sua atenção estava em outro lugar.

Algum tempo depois Margaret fechou o livro e ajeitou-se sobre o travesseiro, sentindo uma incômoda

ansiedade quando Mr. Thornton desligou o lampião e começou sua preparação para dormir. Quando se arrumou debaixo das cobertas, e inclinou-se para beijá-la, recebeu o gesto afetuoso com rigidez, e professou estar cansada quando suas atenções a pressionaram por mais. Muito envergonhada e confusa para aceitar abertamente seu amor, ela fugiu de sua paixão. Margaret mordeu o lábio para evitar chorar, sentindo sua mágoa quando ele virou de costas para ela.

Mr. Thornton afastou-se da esposa com o coração pesado. Com uma tristeza inevitável, tentou compreender o que a tornara tão indiferente. Margaret nunca o havia recusado antes. Começando a imaginar seu desapontamento no presente

estado dos negócios, pensou que ela devia estar aborrecida por suas longas horas de trabalho e o desolador presságio de todos seus esforços. Desesperou-se ao pensar em ter esmagado seu espírito vivaz com sua terrível sina na vida. Como havia temido trazê-la de volta para Milton – ver aquele botão vibrante murchar em seus braços!

John ficou encarando a escuridão por horas antes de, finalmente, fechar os olhos para descansar.

Mrs. Thornton observou o cenário diante dela no desjejum. Ficou consternada ao ver o filho tão exausto,

distraidamente cutucando a comida. Seu olhar suspeito moveu-se para a nora, que estava inclinada sobre sua xícara de chá em silêncio. O comportamento de Margaret estava diferente desde que retornara das compras dois dias atrás. *Algo tinha acontecido.*

Ambos estavam decididamente infelizes. Hannah os fitou mais uma vez e começou a se formar em sua mente um crescente senso de resolução.

Naquela tarde, quando Margaret passou pela sala retornando de suas classes, Hannah a deteve:

— Margaret, posso ter uma palavra com você? – a experiente mulher exclamou de maneira imperativa, porém gentil, largando seu trabalho de costura.

A jovem esposa paralizou, seu coração batendo rápido e apreensivo. Caminhou então para sentar-se perto da sogra, e ergueu seus expressivos olhos de forma relutante, para ouvir que Hannah tinha a dizer.

— Você tem andado infeliz. E, conseqüentemente, meu filho está infeliz — anunciou Mrs. Thornton como um fato, olhando firmemente para a nora. — Ora, não é meu interesse bisbilhotar seu casamento, mas prometi à sua mãe que ofereceria aconselhamento feminino se fosse necessário. Como sua sogra, me encontro na posição especial de tratá-la como minha própria filha — continuou dizendo, pausando para discernir a receptividade da moça. — Você não irá

me contar o que a está preocupando? – perguntou ela, gentilmente.

Margaret lutou um pouco para encontrar as palavras corretas, enrolando os dedos no colo de maneira peculiar. Desejava desesperadamente dividir suas ansiedades, mas, ao mesmo tempo, temia o julgamento que poderia ser lançado sobre si. Olhou para a sogra de forma desamparada.

— Aconteceu alguma coisa no dia em que foi fazer compras? – perguntou Mrs. Thornton, recordando distintamente a face pálida da jovem e o comportamento agitado naquela tarde.

— Sim – Margaret admitiu, sentindo alívio ao ter confessado.

Mrs. Thornton recostou em sua

cadeira em um triunfo parcial, e esperou pacientemente que Margaret revelasse mais.

— Uma carona... me foi oferecida... no coche... de Albert Slickson — gaguejou.

Mrs. Thornton ergueu o queixo, e preparou-se para a implicação daquele acontecimento, lembrando vagamente de ter sido apresentada ao jovem cavalheiro no baile. Sua mente apressou-se para imaginar o que incomodara tanto a nora.

— Ele fez... avanços... — ela começou a falar de maneira desconfortável, olhando sem expressão para uma estampa no carpete.

— Ele machucou você? — perguntou Mrs. Thornton alarmada,

visivelmente perturbada pela revelação.

— Não... não... mas foi muito indiscreto em suas intenções – despejou Margaret, as emoções reprimidas que tinha tentado esconder agora estavam vindo à tona.

— Você fez algo para encorajá-lo? – Hannah questionou, calmamente, absolutamente certa da inocência da moça, mas ainda assim querendo ouvir sua admissão.

Margaret olhou para a sogra com horror.

— Não! Eu não sabia que ele... Nunca poderia... Eu amo o John! Eu nunca poderia trazer a ele nenhuma desonra! – exclamou em grande agitação, lágrimas caindo dos seus olhos.

Mrs. Thornton trocou de lugar e sentou no sofá ao lado da nora, e acariciou-lhe o braço para confortá-la.

Margaret tirou do bolso da saia um lenço e secou os olhos.

— Eu não devia ter aceitado a carona dele. Se eu tão somente tivesse escutado meu bom senso, não teria causado tal desgraça — censurou a si mesma.

— Estou certa de que você não teve culpa no acontecido — Mrs. Thornton consolou a jovem transtornada. — Já vivi tempo suficiente para saber que existem homens que irão agir de maneira indiscriminada ao tentar alcançar o que desejam, não se importando com a reputação e a honra de uma mulher.

Infelizmente, tenho percebido também que é uma característica do nosso gênero procurar carregar a culpa por esse tipo de comportamento. Você deve contar para John – aconselhou a experiente mulher após uma longa pausa.

Margaret ergueu a cabeça rapidamente para encarar a sogra, com uma aparência de dor nos olhos.

— Não posso! – protestou. — Não posso suportar afligi-lo com mais problemas. Ele já tem muito que aguentar – disse ela, atentando à razão.

— Você certamente não pode esconder este tipo de segredo dele. Toda esta situação já não foi o suficiente para roubar a sua alegria e a dele? – avaliou Hannah.

Margaret refletiu nas palavras da sogra. De fato, ela estivera muito infeliz, e parecia que o fizera sentir-se da mesma maneira. Soltou um longo e ruidoso suspiro, ao pensar em toda sua situação.

— Como poderei contar a ele? — perguntou, desamparada, buscando no olhar da sogra alguma sugestão.

— John é um sábio juiz. Ele é um magistrado, não é? Conte-lhe a verdade, Margaret. Ele confia em você mais que em qualquer outra pessoa — aconselhou Mrs. Thornton.

— Ele não ficará irado? — Margaret perguntou àquela mulher que conhecia melhor a história do temperamento do marido. A jovem se preocupava que ele pudesse agir

precipitadamente quando descobrisse o que Albert havia feito.

Mrs. Thornton não conseguiu esconder o leve esboço de sorriso.

— Certamente ficará, mas a ira não será direcionada a você. Creio que seria melhor deixar qualquer implicação ao discernimento de John — explicou de maneira simples.

Margaret assentiu, tornando-se contemplativa.

A pergunta da jovem retornou à Mrs. Thornton, e ela ponderou na severidade da cólera de seu filho. Seu forte senso de moralidade, combinado com sua feroz devoção à esposa iriam, certamente, provocar sua fúria contra o homem que se dignara mexer com

Margaret.

Ao pensar nisso, Hannah estremeceu de leve. Ela não desejaria ser Mr. Albert Slickson.

Naquela noite, Margaret permitiu que Dixon lhe escovasse os cabelos, desfrutando da sensação de conforto daquele ritual infantil com a criada mais querida de sua mãe. Ela nem sempre usava os serviços de Dixon, mas naquela noite tinha sentido necessidade de sua impassível presença, antes de encarar o esposo com o segredo que guardava.

Quando Dixon desejou-lhe uma boa-noite, e fechou a porta atrás de si, Margaret levantou-se resoluta e caminhou até seu quarto, ensaiando as palavras que deveria usar. Não tinha passado muito

tempo quando ela ouviu seus passos no quarto ao lado. John tinha chegado da fábrica, enfim.

Relembrando o simples conselho da sogra, sentiu uma onda de coragem e seguiu em direção ao aposento. Sentiu-se impelida a desabafar tudo que tinha guardado dele, apesar de estremecer ao imaginar sua ira justificada.

John estava pendurando a sobrecasaca, a camisa já estava desabotoada, como estava habituado a fazer. Margaret percebeu, com uma fisgada de culpa, a cautelosa esperança demonstrada no olhar com que lhe saudou, e esperava que sua confissão removesse o silêncio desconfortável que involuntariamente os envolvera.

— Preciso falar com você — anunciou Margaret, calmamente e sem cerimônia, quando o marido se virou para ela.

John paralisou por um momento, ficando tenso ao ver a inclinação do queixo da esposa e o tom solene. Caminhou para mais perto de onde Margaret permanecia em pé, e sentou-se na cama, com o temor desanimador de que ela fosse enfim verbalizar sua infelicidade.

Margaret desviou-se da sombra de tristeza que percebia em seus puros olhos azuis, e deu alguns passos para começar seu discurso praticado.

— Na segunda-feira passada eu fui fazer compras e vim caminhando para

casa com muitos pacotes. Achei que pudesse manejar todos eles muito bem, mas me ofereceram uma carona no caminho. Eu aceitei, pensando que não deveria me sobrecarregar em minha presente condição – começou a contar, olhando para ele e percebendo o cenho franzido em confusão, enquanto ouvia o desenrolar de sua história.

— Foi Mr. Slickson – começou a elaborar, acelerando sua pulsação.

— Slickson? – repetiu John, erguendo-se ereto em agitação. — Albert Slickson? – rugiu, sua expressão sombria com turbilhão de suspeitas que aquele nome evocava. — Ele ofereceu a você uma carona em seu coche? – perguntou John, sua voz endurecendo em crescente

alarme, ao começar a conjurar em sua mente as perturbadoras imagens de sua esposa, em um estreito confinamento, com aquele homem.

— Sim — ela murmurou com a garganta contrita, ao testemunhar o desencadeamento da fúria do esposo.

— Ele tocou você? — perguntou em pânico, sentindo o peito pesado com a aterrorizante ideia de que Albert a tivesse atacado de alguma forma. John, instantaneamente, se repreendeu por sua falha em protegê-la daquela atenção indesejável.

— Não... Bem, sim... ele pegou minha mão — gaguejou Margaret, perturbada pela intensidade de seus questionamentos. Seus olhos moviam-se

nervosamente, incapazes de fitar o olhar penetrante do marido.

O sangue de John ferveu com indignação, ao pensar que tal gesto fora feito contra sua esposa. *Como aquele homem ousava tentar reivindicar o afeto de sua esposa!*

Uma consumidora necessidade de saber exatamente o que havia ocorrido tomou conta, fazendo quase enlouquecer com a impaciência. Agarrou firmemente pelos braços e forçou-a a olhar para ele.

— O que ele disse a você? — exigiu, com os olhos vidrados nos dela.

Margaret sobressaltou-se por seu tom apavorado, estremecendo em suas mãos ao tentar lembrar-se das palavras que se esforçara para apagar de sua

memória.

— Ele falou sobre estar solitário... — ela recordou de maneira hesitante, sua face demonstrando a angústia que lhe causava relatar o evento. Ela o viu franzir o cenho diante da vaga resposta, e redobrou os esforços, vasculhando a memória pela frase exata que ele tinha pronunciado. — Ele sugeriu que aliviássemos a solidão um do outro — disse Margaret, enfim, sentindo novamente a vergonha e a perplexidade que a proposta lhe causara. Desviou o olhar do marido, temendo o que ele poderia estar pensando. — Eu fugi dele assim que pude — acrescentou.

John largou-a, deixando os braços caírem em espantado silêncio, quando o

completo significado das palavras, lentamente, registravam-se em sua consciência. Sentiu o estômago nauseado, e o ultraje aumentou ao pensar na audácia do rapaz – ele teria feito Margaret emaranhar-se em um caso amoroso com ele.

Admitindo enfim a profundidade da atração do pérfido patife por sua esposa, Mr. Thornton empalideceu de repente.

— Se você tivesse sido ferida... – ele proferiu horrorizado ao pensar no que Mr. Slickson poderia ter feito se Margaret não tivesse escapado de sua presença.

— Não, ele não iria... – Margaret começou.

— Você o está defendendo? –

explodiu, consternado diante de sua consideração por alguém tão vil.

— Não... Eu... – Margaret não conseguiu responder. Temendo que ele gritasse com ela, começou a tremer em profunda confusão e vergonha, ainda se questionando o que ele devia pensar dela. Sua serenidade desmoronou, quando as emoções que tinha retido, agora emergiam. — Sinto muito, John. Eu não suporto trazer a você qualquer desonra. Eu amo você... somente você! – gritou Margaret ao correr para os braços do marido, soluçando em sua angústia sobre tudo que tinha acontecido.

A postura de John suavizou de repente, e a abraçou como se ela fosse algum objeto precioso, raro e belo,

diferente de qualquer outra coisa no mundo. *Como havia sido monstruoso! Tinha sido severo e autoritário quando ela mais precisava de sua confiança e compreensão.*

— Você não pode me desonrar — ele disse suavemente, pressionando o rosto nos cabelos de Margaret, inspirando sua própria fragrância. — Você não fez nada de mal — assegurou-lhe, sentindo correr em sua espinha um tremor, quando Margaret o segurou mais forte ao ouvir suas palavras. — Tudo ficará bem — ele prometeu, não sabendo ainda o que faria. A única coisa que sabia naquele instante é que tinha que cuidar da mulher que tinha em seus braços.

Mas, por dentro, fervia ao pensar

no homem que causara tal perturbação à esposa. Ele iria se acertar com Mr. Slickson.

CAPÍTULO XIX

Ao lado da fábrica, comerciantes e compradores entupiam as ruas e as calçadas de Milton, e a chegada do calor ameno do meio-dia tornava os odores da feira mais pungentes. Em direção aos bairros mais elegantes da cidade, criados passavam silenciosos por damas vestidas com suas saias volumosas, para realizar suas tarefas, ao passo que cavalheiros de cartolas caminhavam em pares discutindo negócios e política.

Impassível aos olhares curiosos que lhe abriam espaço, Mr. Thornton passou com seu olhar fixo à sua frente. Algo o incomodava; seu cenho franzido e

o queixo firmemente travado denunciavam tensão. Sua estatura imponente e seu propósito firme chamaram atenção de alguns, os quais reconheceram que o semblante severo do *master* de Marlborough Mills estava mais carregado naquele dia.

Parado na escadaria de granito polido de uma casa elegante, Mr. Thornton deu golpes impacientes na porta. Era a residência dos Slickson. Uma moça esguia, usando gorro e avental, atendeu.

Mr. Thornton informou seu nome, a criada entrou e retornou:

— Receio que Mr. Slickson não vai poder recebê-lo, pois está ausente — gaguejou a jovem. O movimento ansioso dos olhos, contudo, revelou que mentia ao

imponente visitante.

— Se ele for homem o bastante virá até a porta – disse Mr. Thornton. Sua voz áspera, porém baixa, e os olhos penetrantes rejeitavam qualquer recusa.

— Estou aqui – uma voz firme respondeu de dentro da casa. A aterrorizada criada retirou-se rapidamente, pois temia tomar parte no desenrolar da hostilidade.

No momento seguinte, Albert Slickson apareceu, projetando o queixo em corajosa provocação.

Os olhos de Mr. Thornton se contraíram de repulsa, ao encarar o estudante londrino.

— Você ousou abalar a harmonia do meu lar com suas atenções

abomináveis – descarregou, sentindo transbordar a raiva que havia controlado até então.

— Eu certamente não sei o que o senhor está insinuando – respondeu Albert, de maneira esquiva, olhando para o *master* com orgulhoso desdém.

Mr. Thornton agarrou Slickson pela camisa com violência, e forçou-o a olhar para ele.

— Você sabe muito bem do que estou falando, rapazote – sibilou entre os dentes. Estava furioso pelo fato de que o desprezível rapaz negasse sua culpa e o convertesse em um tolo ciumento.

— Estou avisando, fique longe da minha esposa – continuou o industrial, soltando a camisa do rapaz. Sua face

estava sombria. A raiva mal controlada fez seus punhos fecharem.

Albert alisou a camisa, como se o gesto resgatasse sua dignidade, e endureceu o olhar.

— E eu posso sugerir que o senhor passe menos tempo na fábrica. Se for apático em atender a sua adorável esposa, então alguém irá cuidar dela – aconselhou ele, de maneira presunçosa.

Mr. Thornton arregalou os olhos, e com uma agilidade impressionante, acertou a face do rapaz com um soco, fazendo-o cair.

— E eu vou sugerir, Mr. Slickson – disse, arfando – que vá embora de Milton. Espero nunca mais vê-lo por aqui. Fui claro? – a voz rouca saiu como uma

ameaça.

Mr. Slickson nada disse; tentando endireitar-se, segurando o rosto injuriado com a mão, olhando de soslaio para seu opositor. Este, com um último olhar de desprezo, girou o corpo e saiu com passos vigorosos. Por um instante, uma sensação de satisfação lhe perpassou, dando ao corpo um alívio da tensão que havia sentido. Entretanto, logo foi sobrepujada pelas palavras que o jovem patife tinha lançado sobre ele.

Perguntava-se: *estou sendo negligente com ela?*, irritado pelo fato da observação o tê-lo atingido, como era pretendido, e esforçou-se para afastar a ideia da mente. Contudo, à medida que seus longos passos o levavam pelas ruas

suas de Milton, a sugestão invasiva da solidão da esposa o oprimia. Estivera tão ocupado com as constantes preocupações da fábrica que tinha desconsiderado as necessidades de Margaret. *Logo ela que havia sido tão atenciosa e compreensiva. Ela parecia contente o bastante, mas isso não fazia parte do hábito das mulheres de cuidar dos outros?*, considerou. Doeu-lhe pensar que ela pudesse estar carregando um fardo da solidão e tristeza, e que manteve o sentimento escondido para seu próprio benefício.

A ideia de que Margaret se tornara lentamente descontente com seu casamento o assombrava. *Será que ela estava se sentindo isolada naquela casa ampla e austera, da qual era agora*

senhora? John sabia que sua mãe oferecia muito pouco como companhia afável, e que suas longas horas no trabalho não lhe davam mais que poucos momentos para realmente atendê-la. Por mais que ele quisesse passar mais tempo em sua companhia, não poderia oferecer o conforto e a atenção que um cavalheiro proporcionaria. Margaret certamente não tinha previsto que seu casamento implicaria ser deixada sozinha noite após noite, enquanto o marido lutava em vão para oferecer-lhe uma vida confortável.

Submerso em seus pensamentos, John ouviu seu nome ser chamado de maneira solene.

— Mr. Thornton!

Virou-se, e viu Mr. Holsworth se

aproximando, vindo do banco de fachada colunada. Reconheceu o bancário como um dos assistentes de Mr. Dallimore, o cavalheiro que acompanhara a filha do chefe ao baile. De modo educado, tocou a aba do chapéu em reconhecimento, diminuindo o passo e aguardando a chegada do rapaz.

— O senhor já ouviu as boas-novas? — perguntou Mr. Holsworth, com sorriso afável, a face rubicunda pela empolgação.

Mr. Thornton inclinou a cabeça curioso, demonstrando cautelosa antecipação.

— A especulação promovida pelo seu cunhado provou ser um retumbante sucesso! Depois de todos os negócios

desafortunados dos últimos tempos, isto deve animar o semblante melancólico de um bom número de empresários – disse, inconsciente da posição de Mr. Thornton no assunto.

— Estou certo que sim – respondeu o *master* educadamente, sem uma mudança aparente em sua postura. — Tenha um bom-dia, então – Mr. Thornton despediu-se do homem com um sorriso débil e um toque no chapéu, antes de retomar seu caminho para a fábrica.

Seu coração desanimou diante da implicação do sucesso da especulação. Watson e os outros proprietários, que tinham investido no esquema, agora estariam em uma forte posição financeira para resistir ao fim da recessão

econômica. Sentiu o último vestígio de sua esperança se esvaír. Marlborough Mills seria considerada um risco, e todos os outros negócios fechados com outras fábricas.

Inconscientemente, diminuiu o ritmo da passada ao virar a última esquina. Seus olhos vislumbraram as construções nas quais tinha vivido e trabalhado todos aqueles anos – a manifestação de sua forte crença, de que com autodisciplina e trabalho duro, um homem poderia erguer-se acima do que o destino lhe infligisse por seu nascimento e circunstância. Esforçara-se para dar a mãe e à irmã uma casa decente e uma posição honrada na sociedade, e fora bem-sucedido por certo tempo.

Escutando o barulho distante do maquinário, pensou nas famílias de seus operários que ficariam famintas naquele inverno. Agora que os conhecia como companheiros, não como meras mãos sem nomes, sentiu sua impotência mais profundamente. Havia descoberto grande satisfação em trabalhar para melhorar suas vidas, desenvolvê-los como patrão, de forma a beneficiar seu empreendimento. Estes experimentos agora teriam um fim. Os outros *masters* somente buscavam torná-los mais lucrativos, desatentos a qualquer efeito na humanidade que labutava dentro de suas fábricas.

Olhou para a casa de rocha sólida que abrigava sua esposa. Como desejara

tê-la ali – partilhar com ela a prosperidade e grandeza que despendera tantos anos adquirindo! *Ela não vai ter morado na casa nem por um ano, antes de lhe ser arrancada das mãos*, lamentou ele. Em breve, não teria muito mais a oferecer, exceto seu nome. Seu coração ansiou saber se ela poderia ser feliz, mesmo com uma situação tão humilde.

No decorrer da tarde, Margaret e a sogra, silenciosamente, costuraram. Ela, trabalhando numa bainha de renda para o enxoval de seu bebê, lançou olhares em torno do aposento, para observar os dedos da sogra delineando um intrincado

bordado do pequeno vestido de batismo.

A jovem Mrs. Thornton havia procurado pelo esposo no horário do almoço, sem sucesso. Um auxiliar que a vira tentando entrar na fábrica lhe informou que o *master* havia saído nas primeiras horas do dia para cuidar de assuntos importantes.

Margaret compreendera no mesmo instante qual eram suas intenções, e sentiu o corpo enrijecer ao pensar na missão do marido. Mantivera silêncio sobre o assunto naquela manhã, apesar de ter sido tentada a rogar ao marido que não incorresse nenhuma violência em seu favor. Orou para que ele não agisse precipitadamente, e lhe dera um olhar lamurioso quando recebeu o beijo de

adeus, o que ela esperava pudesse recordá-lo de vigiar seu temperamento.

Ao perceber que estava quase cochilando em cima do trabalho, Margaret colocou a costura de lado e desculpou-se para ir descansar. Mrs. Thornton assentiu compreensiva e as comissuras de seus lábios se ergueram em um pequeno sorriso.

Já no andar de cima, escolheu entrar no quarto mais amplo e, retirando os sapatos, subiu na cama para o lugar ocupado normalmente pelo esposo. Aconchegando a cabeça no travesseiro macio, ela sentiu a essência dele que permanecia ali. Fechando os olhos, suspirou profundamente para encher os sentidos com sua presença, e sentiu seu

amor envolvê-la. Rapidamente caiu no sono tranquilo.

Ao fazer a ronda pela fábrica, Mr. Thornton observou os homens e as mulheres que trabalhavam alheios aos problemas os quais a fábrica passava. Sentiu se aprofundar a sensação de desamparo ao perceber que em breve não lhe seria mais possível pagar seus salários. Captando o olhar de Higgins, acenou em reconhecimento, antes de buscar a privacidade de seu escritório.

Inquieto e abatido, o *master* retirou sua pesada sobrecasaca, e sentou na cadeira por algum tempo, refletindo

sobre os acontecimentos do dia. Exalou um suspiro de aborrecida resignação. *O dia poderia ficar ainda pior? Ele havia tido o bastante de inquietação e melancolia,* pensou, quando abriu os livros, e tentou entender as figuras escritas por suas próprias mãos.

Ele logo percebeu que não lhe faria nenhum bem sentar e olhar para a contabilidade. Não tinha nenhum apetite por trabalho, e ansiava por algum alívio em seu desencorajamento.

Pegando novamente o casaco, dirigiu-se para casa. Mais que tudo, ele desejava ver Margaret.

Entretanto, quando entrou na casa, ouviu que a esposa estava descansando. Desviado de seu propósito original, Mr.

Thornton conversou tranquilamente com sua mãe na sala.

— O esquema de Watson provou ser um sucesso — anunciou de maneira impassível, apesar de seu semblante estar preocupado e cansado.

Mrs. Thornton discerniu o abatimento do filho, mas não pôde oferecer-lhe resposta apropriada. Solícita ao seu humor, Hannah esperou ansiosa pelo que John iria comunicá-la.

— Devemos fechar a fábrica em novembro. Não poderemos passar pelo inverno — declarou ele, encarando-a, sentindo o peso de cada uma de suas palavras.

Naquele momento, Fanny entrou no recinto para informar orgulhosamente a

novidade da recém-garantida prosperidade do marido.

— Já souberam, então? – indagou com olhar de reprovação ao perceber a postura abatida do irmão. — Agora você deve admitir que estava redondamente enganado em recusar os investimentos do Watson. Você teria salvo sua preciosa fábrica – tripudiou.

Mr. Thornton não conseguiu encontrar as palavras e preferiu calar-se.

Exasperada pelo silêncio do irmão, ela lançou uma invectiva mordaz:

— Você tem sorte por ter desposado Margaret tão rapidamente. Tenho certeza que ela não se casaria com você agora – disse a irmã, de forma presunçosa, antes de sair da sala.

Tão eficazes quanto uma faca, aquelas palavras penetraram em seu coração, sangrando seu orgulho, e agravando cada um de seus perturbadores pensamentos. Instintivamente se revoltou contra o rigoroso julgamento da irmã. *O que Fanny sabia sobre o amor deles?*, questionou-se amargamente. Mas a observação penetrou insidiosamente através de seus pensamentos como um veneno, amortecendo sua autoconfiança e infundindo uma entorpecente sensação de culpa e dúvida. *Teria ele egoistamente a reclamado para si sem consideração pelos seus interesses? Ele a arrastara de volta àquela imunda e populosa cidade somente para se unir a ele quando caiu de sua posição de riqueza e prestígio?*

Mrs. Thornton vacilou diante da acrimônia do ataque verbal da filha. Envergonhada e desconcertada pelo fato de Fanny se gloriar na adversidade de John, ela observou o filho para discernir quão profundamente ele tinha sido atingido. Hannah sabia que ele não pensava na fábrica, mas em Margaret. Ela não sabia como a moça receberia aquelas horríveis notícias, mas pelo que testemunhara da devoção da nora pelo filho, ela duvidava que a avaliação presunçosa de Fanny pudesse ser verdadeira. Certamente Margaret não seria tão volúvel ao ponto de remover sua afeição por causa da falta de fortuna.

Hannah observou, de forma desconfortável, quando ele saiu de seu

estado de transe. Olhando de soslaio para a mãe, John tentou um meio sorriso.

— A senhora não irá se afligir muito por nossa saída desta casa, não é mãe? — murmurou, derrotado.

Olhando para o filho com a compaixão forjada em anos de luta compartilhada, ela inclinou-se para capturar seu olhar distante.

— Não, mas vê-lo perder tudo que você lutou tão penosamente para conquistar irá romper meu coração — admitiu honestamente, com a voz vacilando de emoção.

Um lampejo de sorriso cruzou o semblante de John, mas logo desapareceu. Abalado e derrotado, seu tom permaneceu solene. John então levantou-se, não

sabendo absolutamente o quê fazer.

— Irei ver se Margaret acordou — decidiu em uma voz tranquila antes de dirigir-se para o andar de cima.

Ele ansiava ver seu rosto, olhar para algo transcendente, que iria erguê-lo da apatia e turbulência daquele momento. Margaret podia iluminar qualquer dia, não importando quão terrível fosse, com seu sorriso incandescente e ternos olhares. Apesar de desejar pelo conforto que somente ela poderia dar, seus passos caíam pesados com o pavor ao subir as escadas. O momento da verdade que havia procurado tinha chegado — não podia mais evitar contar-lhe que a fábrica certamente deveria ser fechada.

Quando John abriu a porta, ficou

agradavelmente surpreso ao encontrar Margaret encostada na cama, sentada como se tivesse recém-acordada. Com algumas mechas de cabelo solto, ela exibia um olhar de confuso contentamento. A visão de sua beleza deixou-o mudo, com maravilhada admiração. Um sorriso irresistível se formou em seu rosto quando ela desceu da cama e caminhou até ele com os pés descalços.

— Você chegou cedo — ela disse, sorrindo, ao correr as mãos afetuosamente pelo peito do marido. Olhando para seu rosto, Margaret percebeu a tristeza em seus olhos. — O que aconteceu, John? — ela perguntou com grande interesse, seus olhos cheios de preocupação.

— Margaret — ele sussurrou

aliviado. Tomando-a em seus braços, gloriou-se por um instante na sensação sublime de segurá-la apertado. O peso de seus problemas aliviou quando sentiu seu cheiro, agarrando-se a ela como um homem desesperado para manter em seu domínio sua propriedade mais valiosa.

John soltou o abraço, censurando-se mais uma vez por seu egoísmo.

— Você estaria mais confortavelmente situada se tivesse se casado com um cavalheiro – balbuciou em uma voz inexpressiva, as palavras destroçando sua alma à medida que eram expelidas de seus lábios.

Margaret se afastou para observar seu rosto, e ergueu a mão para acariciar sua face, que mantinha a cabeça baixa.

— E eu não tenho todos os confortos aqui? O que o faz dizer uma bobagem como essa, John? — ela ralhou, suavemente. Ela viu esperança cintilando em seus olhos quando o encarou.

Incapaz de afugentar sua melancolia, seu semblante anuviou-se com autocondenação.

— Eu deveria ter lhe contado que a fábrica estava falindo antes de nos casarmos — confessou, franzindo o cenho ao pensar em sua detectada indiscrição.

— Eu sabia que você estava enfrentando problemas. Meu pai falou sobre isso antes de morrer — ela o informou, notando um leve olhar de surpresa em seu rosto. — Certamente você sabe que eu me importo pouquíssimo

com sociedade e riqueza. Casei-me com o melhor homem de Milton, é só com isso que me importo. Eu não teria sido feliz me casando com qualquer outro. Quem mais poderia tolerar minha teimosia e atitude impetuosa? – ela o provocou ao deslizar as mãos em torno do pescoço dele.

— Eu trouxe a você dificuldade, quando desejava protegê-la de mais sofrimentos – continuou ele, esforçando-se para explicar seus sentimentos de fracasso e indignidade.

— Não vejo nenhuma dificuldade. Você não volta para mim todas as noites? Falta-me alguma coisa? Eu sou feliz, John. O que o deixa incomodado dessa maneira? – perguntou novamente, curiosa para saber por que seu humor sombrio

parecia tão impenetrável. Margaret retirou as mãos dele lentamente ao dar alguns passos para trás e ouvir sua resposta.

— O esquema de especulação de Watson deu certo – revelou ele, deixando a respiração sair lentamente.

— Certamente Fanny deve estar satisfeita. Você não está arrependido de sua decisão, está? – ela perguntou.

— Não. Se tivesse falhado, eu não teria me perdoado – respondeu, honestamente.

— Então... o quê? – questionou.

John não conseguia olhar em seus olhos para contar. Virando o rosto, deu alguns passos até a escrivaninha, onde a memória de todos os recentes esforços retornou a ele em toda sua força.

Daquela distância, relutantemente, voltou a olhar para ela.

— Os outros proprietários de fábricas se juntaram a ele na especulação. Agora estarão em uma posição superior para esperar esse ciclo e tomar quaisquer novos pedidos que possam aparecer — explicou, amargamente. Terei que fechar Marlborough Mills. Nós fecharemos as portas daqui a três meses.

Margaret ficou chocada pela finalidade de seu anúncio. Instintivamente rebelando-se contra a grave notícia, abriu a boca para falar, mas calou-se para prevenir o esposo do tormento adicional de conclusões reiteradas. Apesar de ter vindo à sua mente, ela sabia que não seria bom falar sobre os apuros dos

trabalhadores naquele momento. Somente desejava aplacar sua dor, que era perceptível em sua derrotada postura.

— John! — ela exclamou ao correr até ele e entrelaçar os braços em torno da cintura do marido. Encostando a cabeça em seu peito, ela o confortou.

John lançou os braços em torno dela, mas não se permitindo liberar a tensão até que tivesse contado todas as implicações do fechamento da fábrica.

— Seremos forçados a desistir da casa, e mudarmos para outro lugar — disse amargo, desencorajado por ter falhado em prover a segurança básica de manter sua atual moradia.

Margaret moveu-se para observá-lo.

— Eu não me importarei de morar em um quarto mais modesto. Você irá alcançar a grandeza novamente, estou certa disso, John. Estou orgulhosa por ser sua esposa, não importam as circunstâncias. Pode deixar de se preocupar por mim? Estou feliz, se tão somente estivermos juntos — confiou ela com seus olhos brilhantes. — Não poderia viver sem você, meu amor — declarou, abraçando-o mais apertado.

Fortes sensações o inundaram ao apertá-la contra si, abraçando-a como se ele não fosse mais largá-la.

— Margaret! Eu morreria sem você. Como posso ter encontrado um amor como esse? — ele perguntou incrédulo e maravilhado.

— Nós fomos trazidos um para o outro, John. Deus decretou que pertencemos um ao outro – ela balbuciou, sua fé no plano de Deus tão certa quanto a força com que o segurava junto a si.

— Nós somos um – John murmurou suave em seu ouvido; sua voz aveludada fazendo o corpo de Margaret estremecer.

— Sim – ela sussurrou ofegante, desejando unicamente ser verdade; que ela pudesse permanecer nos braços dele para sempre. Margaret então ergueu a boca para beijá-lo.

Os anos de luta sozinho, os meses ansiando por ela e a labuta das semanas que se passaram, todas pareciam apontar para aquele momento, quando ele pudesse

provar os lábios de Margaret, e saber que sua alma era eternamente sua. Nunca mais iria duvidar disso.

O beijo se aprofundou. John a pressionou fortemente e Margaret se abriu para ele com igual vigor, desesperada para provar sua devoção. Ela moveu as mãos para encontrar a gravata, e puxou a seda para desfazer o nó. Ansiosa, as mãos desceram para soltar os botões da camisa.

Mr. Thornton estremeceu com o toque. Um desejo ardente cruzou seu corpo ao pensar no objetivo dela, e respondeu ao seu gesto com sua própria urgência, passando as mãos pelas costas de Margaret para lhe desabotoar o vestido. Seus lábios e mãos se separavam de maneira relutante, somente o tempo

suficiente para levá-la para a cama. Livres de todas as restrições, eles consumaram seu casamento mais uma vez com paixão, sentindo a profundidade de seu amor, com a sutileza de cada movimento.

Permaneceram deitados, intimamente entrelaçados nos braços um do outro, saboreando o prazer de estarem juntos. Mr. Thornton sentiu um refúgio do mundo na segurança de seu abraço entrelaçado, e correu seus dedos sobre a pele macia dos ombros da esposa, em reverente fascinação. *Margaret permaneceria com ele em todas as dificuldades e ainda o amaria. Juntos, eles enfrentariam todas as adversidades, sabendo que seus sentimentos não*

seriam modificados. Ele anunciara o fim de seus presentes recursos, e ofereceu a ela nenhuma certeza de posição, prestígio ou prosperidade, e ainda assim, Margaret se aferrava a ele como se não fosse nada sem ele. Não podia pedir por mais nada em sua vida. Tudo que desejara estava ali, em seus braços.

Depois de algum tempo, o indistinto ruído da fábrica lembrou-o que o dia de trabalho ainda não havia terminado.

— Preciso voltar por algum tempo, mas virei para o jantar e para repetir o que fizemos — prometeu. — Estive ausente tempo demais. Importa-se se eu procurar estar com você esta noite, ao invés de ficar na minha escrivaninha? —

perguntou ele, com um sorriso travesso.

Margaret retornou o sorriso.

— Eu acabei me acostumando com minhas noites solitárias, mas tentarei encaixá-lo — ela brincou, se inclinando para mais um beijo antes que ele partisse.

Relutantemente, John desceu da cama e juntou as roupas do chão. Entregou-a as dela, lançando-lhe um olhar travesso cheio de cumplicidade.

Margaret sorriu reconhecendo sua intenção, e, timidamente, desviou o olhar por um momento. Não fez nenhum movimento para sair da cama, mas olhou novamente para o marido, para observá-lo de maneira furtiva à medida que ele se vestia. Algo profundo se acendeu em sua alma ao observá-lo deslizar as roupas

sobre as formas musculosas de seu corpo, até que, peça por peça, ele não era mais o amante carinhoso que compartilhara a sua cama, mas mais uma vez o imponente *master* de Marlborough Mills.

Já próximo à porta, ele virou-se para despedir-se.

— Obrigado — ele proferiu com profunda sinceridade.

— Pelo quê? — ela perguntou, curiosa, um fraco sorriso em seus lábios.

— Por me amar — respondeu ele, humilde e honestamente, sua voz grave saindo como a de um suspiro.

Seu semblante imediatamente suavizado com ardente afeição.

— Não poderia ser diferente — ela respondeu de maneira afável, seus olhos

brilhando com adoração.

John deu passos rápidos de volta à cama, e se esticou para alcançá-la. Seus lábios se encontraram em um suave refrão, reavivando as profundas emoções causadas por sua união íntima.

Levantou-se novamente.

— Eu cuidarei de você — prometeu, enchendo-se de orgulho pelo grande privilégio de ser esposo de tal mulher. Nunca vacilaria em sua responsabilidade de assegurar seu bem-estar, não importando as circunstâncias.

— Eu sei — ela respondeu gentilmente com um adorável sorriso.

Ele só pôde encará-la maravilhado por um momento, quando as comissuras de sua boca se ergueram em

um sorriso irrepreensível. Finalmente, ele moveu-se para sair.

A conversa no jantar naquela noite foi leve. Evitando os assuntos sobre a fábrica e a especulação de Watson, Margaret fez observações sobre a falta de chuvas naquele verão, e o efeito que poderia ter nas colheitas no sul, enquanto Mrs. Thornton mencionou ter encontrado um antigo conhecido de Mr. Thornton na rua, quando caminhava para visitar um inválido.

Apesar de haver momentos de silêncio entre a conversa interrompida, Mrs. Thornton estava surpresa e satisfeita

ao não detectar tensão ou melancolia na postura do filho. Em vez disso, uma pacífica calma permeava a atmosfera da casa. Observando a troca de ternos olhares entre o filho e a esposa, Mrs. Thornton sentiu espalhar-se lentamente por seu semblante um sorriso. Como Fanny estava errada! Ela não entendia que tipo de casamento John havia construído.

Uma fisgada de culpa invadiu sua consciência ao recordar a grande apreensão que tivera referindo-se à escolha da esposa de John. Margaret era pouco convencional e tinha a personalidade forte, mas não havia como negar sua devoção ao esposo. Apesar de ainda sentir uma ponta de relutância ao admitir aquilo, John tinha feito uma boa

escolha. Que ele pudesse sentar e parecer tão contente, quando seus negócios permaneciam nas sombras de uma falência certa, era um testemunho da felicidade que tinha encontrado em seu casamento. Certamente ele tinha conversado sobre o iminente fechamento da fábrica. Com que graça Margaret deve ter suportado a notícia do marido, para estar em tão bom humor!

Quebrando o silêncio mais uma vez, Mr. Thornton relatou que na próxima semana Londres começaria a mudar o Crystal Palace para o Sydenham Hill. Enfim haviam encontrado uma discussão para manter a pequena reunião animada pelo restante da refeição.

Após o jantar, o casal

educadamente permaneceu na companhia de Mrs. Thornton na sala por certo tempo, antes de escusar-se para a privacidade de seu quarto.

Depois de trocarem de roupa, Margaret fez os preparativos para ler para o marido, mas ele gentilmente tomou o livro das mãos dela, e insistiu em ler primeiro.

Margaret concordou animada, e arrumou os travesseiros para que pudesse se aconchegar no corpo dele, ao passo que ele começava a ler o livro que ela recentemente tomara emprestado da biblioteca – *Nicholas Nickleby*.

Mr. Thornton estava satisfeito por relaxar quando Margaret anunciou que era sua vez de ler, e situou-se

confortavelmente com a cabeça em seu colo.

Margaret tornou-se absorta pela história, alternadamente massageando seus ombros e passando os dedos por seus cabelos. John estava quase dormindo quando Margaret largou o livro no criado-mudo.

— Estive pensando... — ela começou de maneira otimista, esperando seu tranquilo marido estirar-se de seu langor, antes de continuar a discutir o assunto de maneira franca. — Talvez Mr. Bell possa estar interessado em investir na fábrica. Isto nos daria o capital necessário para mantê-la funcionando. Estou certa de que ele iria preferir que a fábrica continuasse a operar sob a sua

administração do que ver sua propriedade abandonada a outras possibilidades – ela propôs com cuidado, tendo calculado por horas como deveria apresentar aquela ideia.

Totalmente atento, Mr. Thornton estudou-a ao deitar em seu travesseiro. Sorriu pesaroso ao ouvir a sugestão.

— Acredito que a fortuna de Mr. Bell está amplamente composta em ações de certas propriedades. Não estou certo de que ele iria querer aportar o que tem de capital em um empréstimo – respondeu ele, de maneira duvidosa, apesar de um reflexo de esperança perpassar seus olhos quando considerou a possibilidade. Não desejara recorrer a Mr. Bell por nenhum tipo de ajuda, e tinha fechado a porta a

essa possibilidade algum tempo atrás. Ouvindo ao pleito lógico da esposa, entretanto, começou a perguntar-se se agora não seria o momento de colocar seu caprichoso orgulho de lado e pensar seriamente naquela opção.

— Sei que você quer prevenir as famílias dos trabalhadores de morrer de fome neste inverno. Certamente não fará nenhum mal conversar com ele – sugeriu Margaret de maneira dócil, ao ajeitar-se ao lado do marido.

— Suponho que não – concordou John com um sorriso de advertência por sua persistência.

— Oh, sabia que você seria sensato! – exclamou ela, animada, estirando-se impulsiva para enrolar os

braços no pescoço do marido.

Mr. Thornton arrebatou-a em seus braços, puxando-a contra si, de maneira que o corpo de Margaret cobrisse o seu.

— Está dizendo que tenho sido insensato? — indagou ele, com ar zombeteiro, e um brilho malicioso em seus olhos.

John abriu um sorriso, deliciando-se na sedutora posição na qual a deixou, e desfrutando a visão que a ela lhe permitia, ao olhar o decote de sua camisola.

Margaret lançou um sorriso igualmente iluminado ao ouvir as palavras, recordando sua defensiva acusação naquela noite, um ano atrás, quando o rejeitara de maneira tão absurda.

— Você é o homem mais sensato que conheço – admitiu –, exceto quando é guiado por seu orgulho obstinado – acrescentou Margaret com um sorriso travesso.

John ergueu a sobrancelha diante daquela avaliação audaciosa.

— Meu obstinado orgulho? E você por acaso é inocente neste tipo de acusação? – zombou ele, com um tom de advertência em sua voz, um sorriso assanhado se espalhando em seu rosto na expectativa pela resposta.

— Prontamente admitirei que meu orgulho sulista me impediu de ver quem você realmente era. Levei muito tempo para entender que o homem mais extraordinário que já conheci casualmente

era um fabricante de tecidos em Milton – confidenciou, olhando nos olhos do marido com evidente adoração.

Mr. Thornton rolou novamente para colocar-se por cima da esposa, com o olhar ardente diante de sua confissão.

— Eu ainda sou obstinadamente orgulhosa – continuou, resoluta, ao sentir que estava prazerosamente se entregando ao poder e a força de seu peso.

John olhou para ela sem entender.

— Sou descaradamente orgulhosa por carregar seu nome – acrescentou de maneira suave.

— Mrs. John Thornton – murmurou ele, e o som de seu nome aumentou seu desejo de demonstrar que ela realmente pertencia a ele.

Margaret assentiu, submetendo-se ofegante ao homem que dominava seus pensamentos, reinava em seu coração e comandava seu corpo em uma resposta obediente a cada um de seus toques. Os lábios dele estremeceram de leve ao encará-la, antes de capturar os dela em um beijo ardente.

Mr. Thornton despertou na manhã seguinte como se estivesse em um novo mundo. Pela primeira vez em semanas, sentia-se em paz. O aflitivo peso de ansiedade havia sido tirado de si, como se houvesse sido apenas um pesadelo.

Observou a esposa enquanto

dormia em suave repouso, fixando-se na pele macia de suas faces, nas delicadas pálpebras, na suave curva de seu nariz, e no volume de seus lábios sempre sedutores. Seu amor por ela aumentava a cada dia, e ele sabia que ela havia forjado aquela mudança nele.

Sentia-se confiante, como nunca havia sentido, de que ela o amava de modo incontestável. Apesar de, há tempos, não saber ao certo se iria conseguir salvar a fábrica, sentiu que seu futuro estava seguro. Com renovado senso de propósito, olhou para frente com revigorada esperança.

Moveu-se suavemente para retirar o braço de seu abraço adormecido, porém Margaret agitou-se e rolou para mais

perto dele. John contemplou-a ao ver suas pálpebras se moverem, abrindo e olhando para ele.

Sem dizer nada, Margaret preguiçosamente se aconchegou a ele; levou seu rosto no pescoço do marido e lançou os braços e pernas sobre seu corpo. O perfume da esposa e a sensação de sua pele macia contra seu corpo enredaram seus sentidos, e, rapidamente, resolveu permanecer na cama a fim de amá-la de maneira completa.

Mr. Thornton sorriu para si mesmo mais tarde quando abotoava a fria camisa de algodão, pensando na esposa que se vestia no outro quarto. O tempo extra que passaram na cama somente acentuou a intensa sensação de força que o dominara

naquela manhã. Sentia-se pronto para lidar com qualquer tarefa com vigor e propósito. Ele era o mais abençoado dos homens. Com Margaret como sua esposa, e tudo na vida para desfrutar.

Em algum momento no meio da manhã, Mr. Thornton tomou o rumo do galpão da tecelagem à procura de Higgins. O *master* confiava mais e mais em seu empregado para fornecer-lhe as informações que buscava, concernentes ao progresso dos funcionários e problemas. Quando o encontrou, o patrão debateu de maneira afável com Higgins por alguns minutos, sobre a viabilidade de terminar

um pedido antes do programado. Convencido, enfim, da resposta, agradeceu-o por seu tempo e retornou ao escritório.

Higgins observou o chefe pensativamente por um momento, à medida que a imponente figura caminhava pelo maquinário funcionando. Estava contente por detectar leveza na postura de Thornton – o *master* estivera muito tempo com o humor melancólico.

Nem uma hora mais tarde, Higgins ergueu o olhar do trabalho para ver um estranho vestindo uma sobrecasaca de cavalheiro e cartola, avançando pelo grande galpão. Abandonando sua tarefa, seguiu o cavalheiro, alarmado pela expressão sombria do intruso.

Tufos de algodão flutuavam no ar e se agitavam e rodopiavam com o estímulo da figura negra à sua frente. Acelerando o passo para seguir o homem, Higgins aumentou suas suspeitas quando o visitante desconhecido continuou a caminhar sem parar em direção à sala de cardagem.

O estranho deteve-se no momento que chegou ao escritório do *master*, estendeu a mão e abriu a porta, quando Higgins rapidamente diminuiu a distância entre eles.

Nicholas acompanhou horrorizado, ao aparecer de repente um revólver de dentro do casaco do homem, e ser, apontado com determinação.

O tempo foi contado por furiosas

batidas do coração, ao passo que Higgins moveu-se adiante, um grito ensurdecedor saindo de sua garganta. Um tiro estrondoso soou quando ele se lançou sobre o agressor. Seus sentidos ficaram atordoados ao ouvir o som explosivo e seu sangue gelou de terror.

O estranho lançou seu próprio grito, assustado, no momento em que ambos, agressor e protetor, caíram no chão fazendo um alto ruído.

CAPÍTULO XX

Higgins sentiu um odor acre encher suas narinas, e pôde sentir também o mesmo gosto na boca. Ignorando a dor latejante em seu ombro, ele se debateu para prender o agressor com violentos empurrões, com a mandíbula cerrada pela cólera.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — bradou.

Quando, finalmente, encarou o agressor, avistou o hematoma na face do canalha.

Higgins não escutou os brados insanos do homem contra Thornton, ou sua reivindicação para ser solto, contudo,

instantaneamente voltou-se para gritar aos funcionários que se aproximavam da cena.

— Wilson! Mr. Connell! Segurem aquele cretino. Parker, vá chamar a polícia! Rápido! — berrou Higgins, com os ouvidos ainda zunindo pelo barulho ensurdecedor do tiro.

Logo que os companheiros foram capazes de dominar o enraivecido visitante, Higgins lançou-se para dentro do escritório, onde uma nuvem azul acinzentada de fumaça movia-se na entrada da porta. Sentiu o coração palpitar, e imagens assustadoras invadiram sua mente ao passar pela ofuscante fumaça.

— Thornton! — gritou, com os olhos arregalados em desespero.

O *master* estava ao lado da mesa. Ergueu a cabeça lentamente quando ouviu a exclamação de Higgins, com os olhos vidrados pelo choque.

— Estou bem — pronunciou de maneira inexpressiva, a testa levemente contraída em atordoada confusão.

— Meu Deus, você foi atingido! — Higgins exclamou, correndo até o lado do patrão quando viu a mancha carmesim que se espalhava pelo algodão branco. Depois de inspecionar sutilmente a ferida no braço de Thornton, virou-se para gritar ordens aos perplexos trabalhadores reunidos na porta. — Tragam-me algum pedaço de pano! Vá chamar o médico! Agora!

Higgins cuidadosamente ajudou

Thornton a encostar-se à parede, esgarçou o algodão rasgado da camisa para expor o ferimento.

— Droga, se isso não for uma artéria – praguejou pegando o tecido de algodão que lhe fora alçado e pressionando para tentar deter o sangramento.

— Jonas, vá chamar a senhora. Ela está na sala de aula – ordenou ao jovem cardador, que piscou alarmado ao pensar em sua tarefa desagradável. — Rápido! – Higgins disse com rispidez, enquanto envolvia o braço do *master* com o produto dos teares.

— Margaret não deve ser alarmada – disse Thornton saindo de seu transe, expressando consternação.

— Não creio que poderemos detê-la — Nicholas respondeu. — Quem é aquele desgraçado? — perguntou abruptamente.

— O sobrinho do Slickson — Mr. Thornton disse com a respiração entrecortada. — Ele estava de olho em Margaret — ofereceu como breve explicação, sua voz tencionava e uma ardência corria em seu braço. John franziu a testa devido à sensação e se inclinou para trás, fechando os olhos.

— Então ele é um tolo e um idiota — proclamou Nicholas, com veemência. — Eu nunca vi um casal tão apaixonado quanto vocês dois. Qualquer um que tenha olhos pode ver. Ou ele é um tolo cego ou um lunático desvairado — declarou ao

terminar de atar a peça de tecido em torno do ferimento. – Parece que o sangramento parou – anunciou ele com alívio, ao observar o curativo.

Thornton assentiu vagamente, sentindo desvanecer os sentidos e os sons a sua volta.

Margaret ouviu os passos apressados do mensageiro antes que este aparecesse na porta.

— Madame, é o *master*... Ele foi ferido...

Margaret empalideceu diante do significado daquelas palavras – *John tinha sido ferido de alguma maneira.*

A jovem Mrs. Thornton olhou desorientada para seus alunos.

— Estão dispensados – conseguiu dizer antes de sair apressadamente pela porta e seguir o ansioso mensageiro.

Imagens assustadoras passavam por sua mente à medida que erguia suas saias e corria pelo pátio poeirento. Suas pernas tremiam de maneira instável ao entrar no galpão. O soar das máquinas era silenciado pelo clamor de seu próprio coração. *O que havia acontecido? Onde ele estava?* Margaret se esforçava para estar preparada para o que quer que fosse encontrar, praticamente inconsciente de que todos os olhos a seguiam.

Seu pulso acelerou, e a tensão aumentou ao aproximarem-se do

escritório. Um odor persistente de fumaça invadiu seu nariz, e ela contraiu a testa atordoada. Assustou-se ao ouvir o súbito grito de seu nome, e seus olhos assustados se dirigiram para um homem preso no fim do corredor.

— Margaret! Eu fiz isso para salvá-la! – gritou uma voz familiar.

Margaret arfou, e estremeceu ao reconhecer Albert Slickson, ao passo que este bradava e esperneava para escapar das mãos dos dois homens.

— Me solta! Margaret, quero falar com você! – ele a chamava freneticamente.

Dominada pelo terror ante a noção do que ele poderia ter feito, Margaret sentiu tomar conta de si uma onda de

pânico, quando finalmente entrou no escritório.

Seus olhos vasculharam o recinto, antes de perceberem a figura do marido, que estava deitado no chão ao lado do dedicado Nicholas.

— John! — ela exclamou cambaleando de terror ao distinguir as manchas de sangue em suas roupas. Abandonando todo o senso de etiqueta, ela se ajoelhou e tomou o rosto do marido em suas mãos. *Ele estava vivo!*

— John... Oh John! — ela murmurou extasiada. Seu alívio era visceral ao observar seu olhar sobre ela, antes que fechasse os olhos, e sua cabeça caísse em suas mãos.

— John! — ela o chamou quando o

temor surgiu de seu íntimo, fazendo seus nervos formigarem, impelindo-a a ação.

— Ele levou um tiro no braço... perdeu um pouco de sangue, mas irá se recuperar — Nicholas assegurou-lhe, quando Margaret puxou o peso do marido sobre si, amparando sua cabeça em seu peito.

— John, estou aqui — disse ela em tom tranquilizante, determinada a trazê-lo de volta à consciência. — John, estou aqui — repetiu, acariciando suavemente seu rosto.

Margaret perdeu a noção de qualquer outra coisa em sua volta, estava unicamente no homem deitado inerte em seus braços. *Como era possível?*, pensou em um segundo frenético, *somente há*

algumas horas ele estava tão forte e cheio de vida e fazendo amor com ela.

Mr. Thornton ouviu a voz dela chamando por ele. A princípio, era um chamado fraco e distante, mas com o tempo, ficou forte e mais claro. *Margaret!* Um bálsamo reconfortante o inundou. Sentiu-se mergulhado em amor, reconhecendo seu toque suave e a maciez de suas formas. Ao ansiar vê-la, sentiu suas forças retornando lentamente.

Margaret percebeu seu leve movimento e observou que ele abria os olhos.

— John! — exclamou em profundo alívio, inclinando-se para beijar fervorosamente qualquer porção de seu rosto que conseguisse alcançar. John

sorriu apesar da dor lancinante.

— Doutor! – Higgins anunciou em uma cordial recepção quando o Dr. Donaldson entrou pela porta.

Hannah Thornton ergueu o olhar de sua costura, como se um estranho pressentimento a invadissem. Deixou de lado o trabalho e caminhou até a janela com vista para o pátio da fábrica, mas não havia nenhuma indicação de que havia algo errado.

Olhou para fora por certo tempo, perguntando a si mesma o que sua agitação poderia significar. Estava para deixar o local quando vislumbrou algumas

peessoas saindo da fábrica. Viu então o filho caminhando lentamente em direção à residência, amparado por Higgins e Williams, um de cada lado. Margaret e Dr. Donaldson seguindo logo atrás.

O medo tomou conta dela. Apesar de o filho ser prudente, ela sempre tivera medo que seu contato diário com aquela maquinaria pesada pudesse um dia causar-lhe algum ferimento.

Hannah deteve-se por um momento para reunir coragem, antes de dirigir-se até a porta.

Quando John e seus companheiros entraram, ela sentiu pouco conforto nas afirmações do filho de que estava bem, e escutou com intensificado horror quando Higgins e Margaret explicaram

alternadamente o que havia acontecido.

Os funcionários ajudaram Mr. Thornton a subir para seu quarto, e então, educadamente, deixaram a casa, enquanto Margaret e o doutor ajudaram-no a se deitar.

Dr. Donaldson começou a examinar o ferimento mais uma vez. Mr. Thornton inspirou através dos dentes quando o doutor analisou calmamente a bandagem.

— Posso administrar-lhe um pouco de morfina, para mitigar a dor — sugeriu o Dr. Donaldson ao paciente.

— Consigo suportar — respondeu de maneira estoica.

John observou com temor quando o doutor puxou um frasco de uísque de sua

maleta. Agarrou a mão da esposa que lhe era oferecida e segurou a respiração enquanto o médico se preparava para limpar o ferimento. Sentiu o estômago se contorcer e um som gutural escapou de sua garganta quando o líquido frio fez contato com sua pele.

Quando finalizou o atendimento, o experiente médico confirmou ao paciente, e às duas mulheres reunidas no quarto que a ferida se curaria bem, deixando somente uma cicatriz.

— Teve sorte que a bala atingiu somente de raspão. O ferimento é profundo, mas com alguns dias de repouso estará apto a retornar à rotina diária — pronunciou o médico. — Mas precisará tomar precauções extras, por uma semana

ou duas, para que o braço não inflame — esclareceu, concedendo às mulheres um olhar significativo. O doutor sabia que Mr. Thornton não acharia fácil ficar confinado, afastado de suas atividades.

— Obrigado, doutor — Margaret exclamou agradecida ao acompanhá-lo até a porta do quarto.

— Eu o confio ao seu cuidado, Mrs. Thornton — Dr. Donaldson disse à esposa em voz baixa. — Ele precisa repousar o braço. Se a dor não minorar, chame-me. Talvez então ele tome a morfina.

Margaret assentiu e fechou a porta, quando saíram a sogra e o médico, antes de retornar à cama para sentar-se ao lado do marido. Ele nunca lhe parecera tão

precioso. Não pôde resistir passar a mão ao longo de sua face, acariciando cada tênue contorno e o toque áspero de seu maxilar.

— O que posso fazer por você? — perguntou ela, desejando fazê-lo sentir-se o mais confortável possível.

— Água — pediu de maneira simples.

Quando retornou com a água, Margaret sentou-se ao seu lado e observou-o saciar sua sede.

— Eu o deixarei descansar — declarou ela, e levantou-se para sair.

John segurou-a pelo punho com seu braço são.

— Fique comigo — pediu com os olhos cheios de ternura. — Talvez você

possa ler um pouco para mim. O som da sua voz me ajudará a dormir.

Margaret se animou ao ouvir o pedido, satisfeita por poder aliviá-lo de certa forma.

Quando, enfim, John caiu no sono, ela fechou o livro em silêncio e observou-o deitado em repouso. As lágrimas lhe sobrevieram de forma espontânea, descendo por seu rosto, ao tentar compreender a plenitude do amor que ardia em seu coração, e quão perto esteve de perdê-lo. Agradeceu a Deus por mantê-lo a salvo e orou para que nunca enfrentasse a vida sem ele.

Mais tarde, naquele dia, Mrs. Thornton estava sentada na sala de jantar lendo a Bíblia que tinha aberta na mesa à

sua frente. Os eventos do dia a haviam abalado, e Hannah buscou tranquilidade nas palavras dos Salmos e no livro de Isaías. Com o ferimento do filho e o iminente fechamento dos negócios, o futuro era incerto. Atrেলou-se à convicção de que o *Senhor recompensa o justo*, e sentiu-se confortada ao lembrar, que através de esforços disciplinados e honestos, ela e John já haviam antes provado a provisão do Senhor. Recusava-se agora a vacilar em sua fé.

Invadindo o santuário dos pensamentos da mãe, Fanny irrompeu na sala choramingando, com o lenço na mão, e uma torrente histérica.

— Oh, Mãe, John está morto! O que iremos fazer? Como pôde uma coisa

dessas acontecer? Pense na pobre Margaret – ficar viúva, grávida, sem nenhum centavo! – lamentou ela, em uma crise de desespero, seus cachos loiros balançando com cada movimento.

— Não seja ridícula, Fanny. John não está morto – retorquiu a mãe exasperada, tentando deter o delírio dramático da filha.

— Mas a sua mensagem dizia que ele recebeu um ferimento à bala! E pensar que meu pobre irmão foi atingido! Que coisa horrível! – exclamou com horror.

A experiente mulher olhou para a filha consideravelmente espantada e desgostosa.

— Você não estava tão preocupada com o bem-estar de seu irmão

ontem.

Fanny abriu a boca surpresa.

— Mãe, como pode dizer uma coisa dessas quando Jonny está lá em cima morrendo — exclamou, não acreditando na reprimenda da mãe.

— Ele não está morrendo — replicou a matrona, impassível. — A bala só o atingiu de raspão. O braço está ferido, mas o doutor disse que ele vai ficar bem. Está descansando agora. Margaret está com ele.

— O que aconteceu, mãe? Foi um dos trabalhadores que fez isso? — perguntou com uma incrédula expressão de ira.

— Não, não foi um dos funcionários, Fanny. É um pouco mais

complicado que isso – respondeu Hannah, impaciente. — Foi o sobrinho do Slickson. Aparentemente, ele se apaixonou por Margaret – revelou ela, de maneira cautelosa, relutando oferecer à filha qualquer informação desnecessária. Ela temia que o nome do filho fosse arrastado em tórridos rumores sobre um escândalo amoroso.

— Albert? Então é verdade! – exclamou Fanny em tom mais tranquilo. — Havia um boato na cidade, mas mal pude acreditar que chegaria a esse ponto! – Fanny declarou em absoluto choque.

— Boato? Que boato? – exigiu Mrs. Thornton, aborrecida pela tolice de Fanny.

— Sobre Albert Slickson e

Margaret... que há uma ligação – revelou Fanny, com um ar perspicaz.

— Que absoluto disparate! – declarou a mãe, irritada.

— Mas mãe, eles têm sido vistos juntos pelas ruas e no parque – Fanny continuou de maneira defensiva.

— É possível que Albert a tivesse seguido, mas estou certa de que Margaret não percebeu nada disso – objetou Mrs. Thornton.

— Mas talvez, mãe, Margaret seja do tipo que fica constantemente brincando com os corações dos homens à sua volta: o homem na estação; John, e agora Albert – aludiu a outra com as sobrelanceiras erguidas.

Mrs. Thornton retrucou ao ouvir a

falha conclusão da filha.

— Como pode dizer uma coisa dessas! Margaret é uma esposa muito dedicada para seu irmão. Eu certamente não darei ouvido a esse tipo de conversa, nem você deveria — exortou Hannah, com veemência, seus olhos brilhando de indignação.

Fanny abriu a boca, mas ficou calada pela advertência que viu nos olhos da mãe. Suspeitando do julgamento de sua genitora, a jovem ergueu a cabeça de maneira desafiadora.

— Quem sabe você possa nos visitar amanhã, para o chá — Mrs. Thornton sugeriu mais calma. — Talvez John possa nos acompanhar, se estiver se sentindo melhor.

— É claro — Fanny concordou, complacente. — Por favor, transmita ao Jonny meus mais ternos afetos. Espero que se recupere rapidamente — disse Fanny ao preparar-se para sair.

Hannah assentiu e sorriu fracamente para a filha antes que a moça se virasse. Ouviu os passos se afastando, até que o aposento estava novamente em silêncio. Hannah suspirou, preocupada sobre a tormenta que se aproximava. O boato sobre tal dramático evento na cidade seria, sem dúvida, abundante e ligeiro. Ela esperava que o filho e a esposa saíssem incólumes de qualquer tipo de fofoca maliciosa.

Logo depois do sinal das seis horas, Margaret deixou o marido para

arrumar o jantar.

Quando a nora apareceu, Mrs. Thornton ergueu o olhar da Bíblia.

— John está descansando. Pensei que poderia levar-lhe o jantar esta noite — Margaret explicou ao dirigir-se à cozinha. Ela tinha dado somente alguns passos quando Dixon veio caminhando rapidamente.

— Miss, aquele homem, Higgins, está lá embaixo. Ele quer saber como está o *master*.

— Nicholas! — ela suspirou. Censurou a si mesma por sua negligência em mandar-lhe informações sobre a condição do esposo.

— Peça que ele suba de uma vez, Dixon — solicitou. — Depois de tudo que

ele fez por Mr. Thornton hoje, é o mínimo que podemos fazer — acrescentou para fazer jus à sua sogra, esperando dissuadir qualquer escrúpulo que ela pudesse ter em admitir o antigo líder do sindicato em sua residência.

Momentos depois, Nicholas entrou com o gorro na mão, olhando de maneira desconfortável para os elegantes arredores da casa do *master*.

— Não esperava entrar. Só queria saber como o patrão estava antes de ir para casa — explicou ele, respeitosamente.

— Por favor, Nicholas, não se desculpe. Mr. Thornton está descansando. O doutor crê que ele vai se recuperar completamente — relatou Margaret. — Obrigada, Nicholas. Não gosto de pensar

o que poderia ter acontecido se você não estivesse lá – acrescentou ela, uma vibração de emoção roubando o fervor de sua voz.

— Eu soube que algo não estava bem quando chegou aquele cara. Foi como se uma voz dentro de mim dissesse para seguir o homem – refletiu ele, pensativo, sua fronte cerrada em uma séria expressão. — Estou feliz em saber que o *master* está bem. Não tomarei mais seu tempo – disse, preparando-se para sair.

— Nicholas! – Margaret o deteve. Ela hesitou, tentando pensar em algum pequeno gesto de gratidão pela sua valente atuação. — Você e Mary poderiam nos acompanhar no almoço de domingo? Estou certa que Mr. Thornton poderá nos

acompanhar – convidou.

Margaret sentiu o olhar atento da sogra, mas não se deixou intimidar pela presença da matriarca. Como senhora da casa, ela tinha o direito de escolher seus convidados.

Mrs. Thornton sentiu uma fígada de inquietação pela admissão do antigo líder do sindicato em sua casa. Entretanto, rapidamente recordou que seu filho o considerava como seu amigo. Mais importante que isso, o leal funcionário havia, sem dúvida, salvado a vida do filho.

Higgins lançou um olhar nervoso para a viúva, porém percebeu o olhar suplicante nos amplos olhos de Margaret, e entendeu o significado de sua oferta. Ele

não podia recusar.

— Ficaremos muito satisfeitos em vir. Muito grato por pensar na gente — respondeu com submissa sinceridade.

O semblante de Margaret se animou com alegria pueril.

— Oh, estou tão contente! Obrigada, Nicholas — respondeu, seu olhar transmitindo profunda gratidão.

Nicholas concedeu-lhe um sorriso cordial e um olhar significativo, antes de virar-se para sair.

O dia seguinte era sábado. Apesar de usualmente trabalhar neste dia, Mr. Thornton estava proibido de sair da casa.

Margaret animou e paparicou o marido, levando suas refeições na cama, lendo para ele e passando tempo conversando. Mais que isso, o encorajava a cochilar durante o dia, permanecendo por perto para atender a qualquer um de seus pedidos. Sob seu prodigioso cuidado, John recuperou sua força e aparência conforme o passar do dia.

No início da tarde, o inspetor de polícia veio para interrogar o magistrado sobre os eventos do dia anterior.

— Mr. Mattson, é bom vê-lo, apesar de não ser na melhor das circunstâncias — saudou Mr. Thornton com um sorriso irônico. — Desculpe-me recebê-lo desta maneira — disse, encostado na cama —, mas minha esposa

não me deixará sair daqui hoje – explicou, lançando um olhar amoroso para Margaret, que estava em pé a alguns passos de distância.

— Realmente, circunstancias muito desagradáveis, senhor. Sinto muito pelo ocorrido. Felicidades, por falar nisso, Madame, Mr. Thornton – por seu casamento – ele disse, recordando claramente o comportamento estranho do casal no inquérito, alguns meses atrás.

Margaret agradeceu os cumprimentos, sentindo um leve rubor ao lembrar sua evidente negação da verdade. Certamente Mr. Mattson deve ter entendido a razão implícita por trás do indeferimento de Mr. Thornton no inquérito de assassinato.

Mr. Thornton o agradeceu por sua bondade, e começou a responder às perguntas do investigador. Inevitavelmente, a história do relacionamento do *master* com o jovem Slickson foi elucidada, e ele foi forçado a admitir sua visita à residência dos Slickson e o encontro violento que havia sucedido.

Mr. Mattson não se intimidou diante da confissão de Mr. Thornton, mas ergueu a sobrancelha quando ouviu a explicação geral do comportamento indecente com relação a Margaret. O oficial suspirou ao ouvir o complicado desenrolar dos eventos. Ele sabia que o caso seria avidamente observado por toda a cidade, e lamentava ver um homem tão

honorável mergulhado naquele circo.

Relutantemente, o inspetor pediu que Margaret confirmasse tudo que o marido havia transmitido, para concluir sua investigação.

— Eu agradeço seu tempo, Mr. Thornton, Mrs. Thornton. Estou certo de que a justiça será feita. Felizmente havia muitas testemunhas — assegurou-lhes quando finalizou. — Pelo que entendi, parece que Mr. Higgins pode ter salvado sua vida, quando empurrou Slickson para o chão. Fico contente por ele ter sido tão atento — disse antes de partir.

Naquela tarde, Fanny apressou-se

para dentro da sala de sua antiga casa com sôfrego interesse, satisfeita por ver a mãe preparando a pequena mesa polida para o chá.

— Chegou cedo – Mrs. Thornton comentou ao ver a filha, que estava vestida de maneira elegante com um vestido de seda azul prateado.

— Eu não pude esperar mais nenhum minuto! Como está John? Ainda não posso acreditar que foi ferido de forma tão terrível – exclamou ela, retirando suas luvas.

— Ele está bem, Fanny. Passou o dia todo repousando. Parece que lhe tem feito muito bem – Mrs. Thornton comentou de forma simples.

Fanny piscou diversas vezes e

balançou a cabeça, ao sentar-se na cadeira estofada com sua saia ruidosa.

— Não consigo lembrar nenhuma vez que John tenha passado o dia na cama. Esta situação deve ter sido muito traumática – declarou. — Ele irá se juntar a nós para o chá? – perguntou com grande antecipação, para ver como os acontecimentos haviam afetado seu irmão.

— Sim, creio que sim. Estou certa de que ele apreciará a mudança de ambiente – Mrs. Thornton respondeu, notando com desgosto o agitado maneirismo da filha caçula. A moça não podia permanecer parada por muito tempo e era facilmente excitável.

A convidada ansiosa rapidamente olhou em volta para assegurar que

ninguém estava ouvindo antes de inclinar-se em direção à mãe para falar em um cochicho exagerado:

— Mãe, você não irá acreditar nos rumores correndo pela cidade. São simplesmente horrendos! – declarou, muito ansiosa para compartilhar o que sabia com a mulher sisuda à sua frente.

Hannah Thornton deixou escapar um grave suspiro. Ela temia exatamente aquele tipo de coisa, e Fanny iria esbaldar-se na glória de estar conectada com a fascinação pelo sórdido e o sensacional.

Não esperando pelo incentivo da mãe, Fanny começou a revelar o que escutara nas visitas que tinha feito naquela manhã.

— Algumas pessoas entenderam tudo errado, dizendo que foi John que atirou no Albert! Eu os corriji na mesma hora, é claro, contando que John nunca teria feito algo assim. Mas você não vai adivinhar o que disseram *então* – que John descobriu que Margaret estava carregando o *filho do Albert!* – anunciou, seus olhos arregalados pela descrença.

Hannah ficou boquiaberta com o choque, seu semblante sombrio com repugnância. Como eram abomináveis tais fofocas! Ela hesitou ao pensar no caráter e honra do filho sendo jogados de um lado para o outro como frívola diversão, por pessoas que não tinham nada melhor para fazer do que participar de conversa ociosa. Tais pessoas inúteis não tinham

nenhum escrúpulo em macular a reputação daqueles que lhes eram superiores.

Depois de um momento de reflexão, Mrs. Thornton olhou de maneira inquiridora diretamente nos olhos da filha.

— A condição de Margaret não é conhecida de todos, Fanny. Como começou o rumor? — perguntou ela, contraindo os olhos em crescente suspeita.

Fanny desviou o olhar, embaraçada por um momento.

— Eu... Não era minha intenção deixar escapar. Mas estava conversando com Eva ontem, e comentei como tudo isso devia ser terrível para Margaret, estando casada há tão pouco tempo... e grávida — ela disse, olhando cautelosamente para a mãe, esperando ser

perdoada.

— Oh, Fanny! — a matriarca expressou com desgosto.

— Fui muito enfática com Eva para que ela mantivesse segredo. Não consigo imaginar como isso foi se espalhar por toda a cidade e tornar essa história abominável! — declarou Fanny em defesa por seus atos.

Mrs. Thornton suspirou novamente.

— Algumas pessoas nunca se cansarão em suas tentativas de derrubar os outros — admitiu Hannah com convicção. — O mínimo que pode fazer é negar esses boatos ridículos quando escutá-los! — a mãe aconselhou exasperada.

— Mas, mãe, você tem certeza de que não há nenhuma verdade sobre o que tem sido dito de Margaret e Albert? — perguntou Fanny, os olhos acesos com a possibilidade de um escândalo.

Mrs. Thornton encarou a filha como se fosse uma completa estranha. Não havia esperança de que Fanny aprendesse a ser sensata e criteriosa. Quão facilmente acreditava no pior em todas as situações! Hannah tomou alento antes de responder:

— Não há nenhum fragmento de verdade nisso, Fanny! Margaret é completamente devotada a John. Ora, ela praticamente corre para recebê-lo quando ele chega em casa do trabalho todos os dias. Se existe qualquer fundamento em tal

conversa, pertence a Mr. Slickson. Se quer saber, ele perseguiu Margaret, mas ela não teve nada com isso.

Os olhos de Fanny faiscaram ao ouvir a porção revelada da história. Inclinou-se novamente na cadeira, satisfeita por ter ouvido algo de utilidade.

— E John sabe disso? — perguntou ela, de repente, exibindo uma expressão vivaz com curiosidade.

— Sim, ele tomou conhecimento do caso — a mãe respondeu em um tom esgotado.

Neste momento, mãe e filha ouviram os passos do casal que se aproximava, e a moça fechou a boca rapidamente, ao sentir sobre si o olhar de advertência de Mrs. Thornton.

Fanny levantou ao aproximar-se o irmão, a visão dele com seu braço em uma tipoia levou ela a um estado espasmódico de alarme.

— Oh, Jonny! Está sentindo dor? Fiquei com tanto medo que morresse! Eu mal peguei no sono desde que ouvi sobre esse terrível incidente – exclamou ela.

Mr. Thornton sorriu pacientemente ao ouvir a preocupação da irmã.

— Estou me recuperando bem, Fanny, obrigado. A dor não é tão forte agora, e estou em boas mãos – comentou, olhando afetuosamente para a esposa enquanto se sentavam juntos no sofá.

— Minha querida irmã, como está? – Fanny continuou animada. — Estou certa que tem estado fora de si de

tanta preocupação. Não gosto de pensar como iria agir se meu Watson tivesse sido ferido dessa maneira! Porém, não devo mencionar isso, estremeço ao pensar que você poderia ser uma viúva nesse momento!

— Foi muito assustador, admito, mas estou grata por ele não ter sido ferido com gravidade — Margaret respondeu, calmamente, dando ao marido um olhar amoroso e estendendo a mão para buscar a dele.

A reunião familiar conseguiu encontrar outro assunto à medida que o chá prosseguia, apesar de Fanny voltar uma ou duas vezes no assunto do recente evento. Ela estava fascinada por cada detalhe do drama que transcorreria na

fábrica do próprio irmão.

Fanny sentiu-se encorajada pela aparência saudável de Mr. Thornton, e ficou contente em saber um pouco mais de detalhes sobre o que aconteceu. Durante a hora em que ali permaneceu, notou cuidadosamente o zelo da cunhada para com o marido, e a doce interação entre eles. Ela foi, finalmente, forçada a admitir que não havia nenhuma discórdia entre eles. O casal era a imagem do contentamento marital, tanto quanto era considerado inteiramente respeitável.

Depois que a falante convidada partiu, a família permaneceu na sala de estar. Mrs. Thornton comentou os nomes das famílias que enviaram cartões naquele dia, indagando sobre a saúde de Mr.

Thornton. Hannah pareceu particularmente satisfeita que Mr. Wilkinson, o membro local do Parlamento, enviara votos de rápida recuperação, junto com a firme convicção de que a contribuição do empresário para a sociedade continuasse intacta.

Depois de um tempo, Margaret persuadiu o marido a retornar ao quarto, aflita que ele ainda precisasse descansar. Havia passado somente um dia desde que havia sido ferido e desejava garantir sua completa recuperação.

Mr. Thornton apreciou seguir as ordens da esposa, sabendo que o tempo privado, eram raros presentes a serem apreciados. Ele iria retornar à sua laboriosa rotina logo.

Quando chegou a noite, e a escuridão do quarto foi banhada pela luz das velas, Margaret fechou o livro e ajudou o esposo a sair da cama e se trocar para dormir. Quando a camisa fora retirada, John a impediu de buscar o pijama.

— A noite está quente. Ficarei mais confortável como estou — explicou ele, em voz grave, saboreando o encantamento de Margaret, ao mantê-la cativa em seu suave domínio. Ele desfrutara de sua companhia o dia inteiro, mas haviam partilhado somente alguns beijos amorosos.

Ela, contudo, evitou seus olhos, sentindo a intensidade do olhar despertar seus próprios desejos. A visão do peito nu

somente aumentando o desejo de tocá-lo. Temia que não fosse bom prognóstico satisfazer seus desejos um pelo outro àquela noite, sabendo que ele não deveria se esforçar excessivamente.

— Eu devo me trocar — sussurrou Margaret como uma desculpa para escapar dele. Sentiu-se tristemente aliviada ao sentir sua mão ceder seu domínio sobre ela. Sem dizer nada, foi até seu quarto, o farfalhar de suas saias anunciando sua retirada.

Quando Margaret voltou pouco tempo depois, seu marido parecia confortavelmente relaxado, encostado nos travesseiros. Tinha um lençol branco de algodão disposto até a cintura, mas seu torso fora deixado exposto. Margaret

ficou desconcertada ao ver que ele ainda estava nu.

Engoliu em seco ao aproximar-se da cama.

— Você quer que eu leia novamente? – perguntou em tom suave, esforçando-se para parecer tranquila ao tentar manter os olhos somente apontados para seu rosto.

— Vamos somente conversar – John solicitou com um tom de voz que a fez estremecer.

Margaret tomou seu lugar na cama, ajoelhando-se casualmente ao lado dele.

— Você parece bem – observou, pois ele realmente parecia ter feito grandes progressos. Não parecia mais pálido ou fraco.

— Estou sendo bem cuidado — respondeu, com um sorriso significativo.

O coração de Margaret se encheu de gratidão, percebendo que ele parecia tão sereno, considerando os eventos do dia anterior.

— Poderia ter sido muito pior.

As sombrias e assustadoras imagens as quais ela havia afastado por horas, repentinamente invadiram sua mente para atormentá-la.

— Se eu tivesse perdido você... — balbuciou ela, mas foi silenciada pela suave pressão da mão de John em seus lábios.

Ele passou os dedos ao longo de seu maxilar e, gentilmente, acariciou seu pescoço.

— Shh, não perdeu. Estou bem aqui — confortou-a ao trazê-la um pouco mais para perto de si.

Ainda abalada por seus pensamentos mórbidos, recordou seu papel no sórdido drama de todo o ocorrido.

— Oh, John, se eu ao menos tivesse... — ela começou, mas foi silenciada com um beijo.

Quando seus lábios lentamente se afastaram dos dela, John olhou na profundidade de seus olhos inquisitivos.

— Não se culpe pelo que aconteceu. Eu a proíbo. Você não é de maneira nenhuma responsável por isso. Compreende? — exigiu, segurando a face da esposa a poucos centímetros da sua,

seus penetrantes olhos azuis hipnotizando-a.

Margaret assentiu concordando.

— Bom — sussurrou, antes de trazer seus lábios até os dela e beijá-la, a princípio, suavemente, e depois com fervor.

As mãos de Margaret deslizaram pela superfície moldada do peito de John, para acariciar a forte coluna de seu pescoço, levando seus dedos ao abundante cabelo escuro.

Seu toque inflamou a ânsia dele, e ambos se perderam na arrebatadora mescla de línguas, enquanto se beijavam com lenta deliberação.

Quando se separaram, Mr. Thornton segurou o rosto da esposa perto

do seu, acariciando seu pescoço.

— Quero fazer amor com você — declarou ele, com voz irregular.

— Não podemos... Você está ferido — protestou ela, hesitante, mesmo que seus próprios desejos pedissem para ser saciados.

— Estou muito melhor — respondeu ele, com avidez, com os olhos fixos nos lábios dela.

— Mas vai machucar o braço. Não deve... — ela argumentou, relutantemente, sentindo o pulso latejar pela proximidade de sua boca e a macia sensação de seu ombro sob os dedos.

— Há algumas maneiras... — sugeriu ele, em voz sensual, quando começou a se encostar mais nos

travesseiros.

Margaret o observou relaxando com nervosismo, hesitante em seguir sua sugestão.

— Eu não irei me machucar — assegurou ele, percebendo a indecisão da esposa. Um sorriso travesso tomou conta da face dele — Ao contrário, tenho absoluta certeza que você ajudará na minha recuperação — prometeu, ao remover habilmente alguns travesseiros de suas costas, e mover-se para se recostar mais na cama. John agarrou o braço de Margaret, e a puxou para si de leve, chamando-a com os olhos.

Ela não podia resistir. Moveu-se para se inclinar sobre ele timidamente, seu longo cabelo roçando no peito nu do

marido.

— Então, se você me prometer não se machucar, farei o melhor para curá-lo — respondeu ela, sussurrando, e um sorriso levado lentamente iluminou seu semblante.

John exalou um lento e vigoroso suspiro, e puxou-a para trazer a boca dela para junto da sua.

Na manhã seguinte, Hannah Thornton foi à igreja sozinha, deixando John e Margaret para que descansassem, e também para evitar o redemoinho de curiosidade que se acumularia em encalço. Portou-se com orgulho entre o grupo de fabricantes, tomando cuidado de perceber aqueles que inquiriam sobre o filho com sincera preocupação, e aqueles

que somente perguntavam palavras, e iriam, sem dúvida, cochichar quando ela desse as costas.

Quando chegou em casa, ocupou-se em direcionar os criados na preparação final para os convidados do almoço, enquanto o filho e a esposa se vestiam para recebê-los.

Nicholas e Mary chegaram cedo. Margaret rapidamente os acompanhou para a sala de estar.

Mr. Thornton conduziu Higgins para o aparador e serviu-lhe uma taça de xerez; Margaret tentava acomodar Mary no ambiente desconhecido da residência do *master*.

Intimidada pela presença de Hannah Thornton, Mary falou

discretamente quando Margaret perguntou sobre as crianças Boucher, mal erguendo a cabeça, exceto para roubar vislumbres ocasionais da elegante mobília.

Quando o almoço foi anunciado, todos se moveram para a sala de jantar, onde o puro linho e deslumbrantes arranjos de mesa suscitaram um olhar de admiração na humilde moça.

Ao ser servida a delicada sopa de agrião, a conversação centrou-se em torno do sucesso da escola de Margaret. Mary ouviu atentamente o pai falar com o *master* e a família, pasmada por estar sentada socialmente com tais importantes companhias. Sempre pareceu a ela que o patrão andava entre eles como um *deus*, e a austera mulher sentada à sua frente era

apenas um pouco menos intimidante. Ela era temida por todos os trabalhadores como uma estrita supervisora.

A jovem enrubesceu quando mudaram o rumo da conversa para mencionar o refeitório dos trabalhadores e seus talentos culinários.

— Talvez algum dia possa encontrar trabalho em uma das melhores residências de Milton – gentilmente sugeriu a matriarca dos Thorntons.

O coração de Mary bateu descompassado por ser o foco da atenção. Ela engoliu em seco antes de responder:

— Ficaria muito grata por um emprego desses no futuro, mas duvido que possa encontrar trabalho numa residência elegante como esta. É uma casa muito

bonita, Madame – acrescentou, ansiosa por elogiar a consagrada senhora da casa.

Mrs. Thornton sorriu ao ouvir as palavras da moça, e sentiu uma pontada de compaixão por seu nervosismo.

— Eu nem sempre morei dentro de construções tão sublimes. Meu filho trabalhou duro para adquirir esse lugar. Nós vivemos em casas muito mais humildes – relatou Hannah para diminuir a barreira entre elas. Mrs. Thornton não tinha vergonha de sua história, pois o fato estava relacionado a chegada do filho ao sucesso, mas raramente achava apropriado mencioná-lo nos círculos sociais nos quais agora transitava.

Notando a expressão perplexa da garota, Mr. Thornton disse:

— De fato, ao me tornar o chefe da família quando era rapaz, nos mudamos para Altrincham, a algumas milhas daqui, onde comecei a trabalhar numa loja de tecidos. Que foi onde eu aprendi sobre tecidos, Higgins – ele observou.

Voltando a atenção para ambos os convidados, ele continuou:

— Vivemos, nós três, em uma singela casinha de duas peças, não muito diferente dessa em que vocês moram atualmente. Mudamos-nos novamente para Milton quando me ofereceram uma espécie de parceria com o antigo dono da fábrica. Aprendi rapidamente o ofício, e fui recomendado para ser o *master* quando meu mentor morreu. Faz pouco mais de dez anos que moramos aqui –

finalizou John, calmamente, partilhando um leve sorriso com a mãe antes de voltar para sua refeição.

Margaret observou o marido com adoração. Somente duas vezes ela ouvira de seus lábios o relato sobre seu passado. E ouviria com fascinação cada vez que contasse, pois sempre aprendia um pouco mais sobre seu caráter. Por um breve instante, a jovem tentou imaginá-lo como um garoto, e admirava-se em pensar, que mesmo naquela época, ela o haveria considerado cativante. Não podia amá-lo mais intensamente. A humildade que demonstrava por suas grandes realizações e poder nunca deixavam de surpreendê-la. Margaret não conhecia outro homem no mundo como ele, e quando os olhos de

John buscaram os dela, um segundo depois, uma efusão de paixão se espalhou por ela tão fortemente, que ela sentiu sua face arder.

Nicholas contou sobre sua própria história, e proclamou-se nascido para o comércio, considerando que seu pai também tinha trabalhado em fábricas de tecido em sua cidade, quando eram novas e ainda mais perigosas. Relatou o lento progresso que tinha visto na condição de trabalho dos funcionários com o passar do tempo, e expressou seu fervoroso desejo de ver mais. Algum dia no futuro se atrevia a ter esperança, ansiava ver as crianças tiradas das fábricas e lhes serem oferecidas a chance de traçar seu próprio rumo na vida.

No momento em que foi servido o doce de framboesa, Mary começou a ver o *master* e sua mãe por um ângulo mais suave. Apesar de ainda achar que seu anfitrião era um *deus*, possuía mais qualidades humanas que antes, e a antiquada e taciturna senhora parecia até gentil em alguns momentos.

Mrs. Thornton adquiriu novo respeito pelo leal funcionário do filho. Não obstante o fato de ele ter salvado a vida de John, conseguiu discernir sua mente arguta e espírito dedicado. E não pôde evitar ficar impressionada ao saber que ele havia adotado os pequenos órfãos de um companheiro de trabalho, que tinha tirado a vida em desespero durante a greve.

Margaret ficou satisfeita por ver que o almoço tinha sido um sucesso. Mary e Nicholas pareciam mais à vontade do que quando chegaram, e sua sogra demonstrava cordialidade com os convidados do distrito de Princeton. Mais que tudo, lhe agradava ver o esposo bem e feliz, rodeado por aqueles que realmente o amavam.

A casa caiu em um pacífico silêncio após a partida dos convidados. A família Thornton permaneceu na sala de visitas, retomando suas próprias atividades, como era seu hábito. Não tinham ficado sozinhos mais que uma hora, quando Jane anunciou um visitante:

— Mr. Bell! — Margaret exclamou alegremente, e levantou-se para saudar o

padrinho quando este entrava no aposento.

— Vim assim que pude — assegurou ele, calmamente, tomando suas mãos com afeto.

Mr. Thornton encarou a esposa, seus olhos azuis a questionando, ao também levantar-se para cumprimentar o velho cavalheiro.

Margaret baixou a cabeça por um momento, sentindo-se levemente culpada, antes de erguê-la para falar com o hóspede.

— Creio que existam alguns assuntos de negócios que podem ser resolvidos com sua ajuda. Espero que isso dê a Mr. Thornton um pouco de paz, para que possa descansar mais tranquilamente — explicou ela, debilmente,

esperando que o marido a perdoasse pela ousadia de ter chamado Mr. Bell a Milton.

— Sinto muito por saber que tenha sido ferido, Thornton — o visitante de Oxford relatou ao dono da casa quando trocaram apertos de mão. — Você parece extraordinariamente bem, considerando as circunstâncias. Que incidente lamentável! Receio que esteja tudo nos jornais. Tinha esperanças de que seu telegrama pudesse comunicar novidades mais alegres — Mr. Bell insinuou com um sorriso travesso.

Margaret corou diante da observação.

— De fato, nós temos boas notícias. Estamos esperando a chegada do nosso primeiro filho, no final do inverno — anunciou ela, alegremente.

— Esplêndido! Parabéns, Thornton! Aquece meu velho coração saber que haverá um herdeiro para os Thorntons. Certamente, uma maravilhosa novidade! – dirigiu-se ao casal.

— Deve estar contente, Mrs. Thornton, por estar esperando a chegada de seu primeiro neto – disse ele, voltando-se para contemplar a experiente mulher.

— Sim, estou – respondeu a viúva, quando um sorriso cordial veio aos seus lábios e iluminou seu semblante. Hannah levantou-se para atender ao acadêmico de Oxford. — Sua jornada foi longa. Permita-me preparar um refresco. Vou pedir que sirvam o chá – sugeriu.

— Obrigado – respondeu Mr. Bell

com educação.

Margaret acenou para que ele se acomodasse, e o casal tomou assento à sua frente.

— Mr. Bell... — Mr. Thornton principiou, ansioso. Ele não estava preparado para apresentar sua solicitação de empréstimo para seu senhorio.

— Me perdoe por ser tão brusco — Mr. Bell interrompeu — mas creio que tenho algo do seu interesse para dizer-lhe — anunciou com ar de autoridade.

— É claro — Mr. Thornton respondeu com aceno de cabeça. Estava apreensivo pela chegada do cavalheiro de Oxford.

— Tive muito tempo para refletir, e cheguei a uma decisão — declarou Mr.

Bell, tendo a atenção extasiada de seus ouvintes. — Como bem sabe, não tenho família a quem possa legar minhas propriedades. Faz algum tempo, que intencionava transmitir meus bens materiais à minha afillhada, Margaret, quando partir... partir dessa existência... — relatou, seriamente. — Ora, não vejo nenhum sentido em fazer vocês esperarem pela minha morte. Preferiria desfrutar vendo vocês fazendo bom uso do dinheiro agora. Tenho mais do que um senhor idoso como eu precisa.

— Mr. Bell... — Margaret esforçou-se para protestar, mas o experiente cavalheiro ergueu a mão para silenciá-la.

Mrs. Thornton retornou,

carregando um prato de biscoitos amanteigados.

— Ora, então, minha decisão está tomada e não vou tolerar argumentação. Assinarei a escritura da fábrica e da casa em seu nome, Thornton, como protetor da minha querida Margaret — atestou ele, firmemente.

O prato de porcelana fez um ruído quando Hannah o colocou diante do convidado. Não estando preparada para ouvir o pronunciamento, ela permaneceu momentaneamente atordoada, ao entender que tudo pelo que o filho havia trabalhado, agora seria dado a ele. Ele seria o único proprietário de Marlborough Mills, e toda a propriedade circunvizinha. Hannah sentou em sua cadeira perplexa,

ao contemplar como tudo aquilo veio a acontecer.

Mr. Thornton moveu-se para falar, mas o próspero senhorio acenou para que se calasse.

— Escute-me, estou quase terminando. Recentemente, eu recebi o retorno muito lucrativo de um investimento, e gostaria de dar a você £5,000, para ajudar a prosseguir com os negócios neste momento desfavorável do mercado – propôs ele, graciosamente.

Mr. Thornton ficou momentaneamente sem fala.

— Eu não sei o que dizer... – respondeu John, surpreso, balançando a cabeça.

— Bom! Então está acertado.

Terei os documentos elaborados assim que for possível – respondeu Mr. Bell com alegre determinação.

Naquela noite, depois de Mr. Bell ter jantado com eles e se retirado para seu quarto, Mr. Thornton pediu alguns momentos a sós com sua mãe. Margaret foi para o andar de cima se preparar para dormir.

A sala estava escura com o fulgor de uma candeia.

— *O justo é salvo das dificuldades... Contemplem, o justo será recompensado na terra* – Mrs. Thornton citou as Escrituras de maneira solene ao encarar o filho com orgulho. — Você tem sido salvo duas vezes, primeiro corporalmente, e, agora, de seus esforços

materiais – declarou ela em reverência, ao ver como os eventos tinham finalizado. — Seus problemas com a fábrica estão acabados.

— Sim, mas ainda há questões que não foram acertadas – John reconheceu humildemente. — Haverá um processo e haverá boatos – disse esgotado, sobre os dias que teria à sua frente.

Mrs. Thornton suspirou em profunda tristeza por suas palavras e desviou o olhar em consternação.

— Sim, há um boato sobre a conexão entre Margaret e Slickson – ela confirmou.

Mr. Thornton permaneceu estoicamente imóvel. Ele já tinha ouvido sobre os rumores e sabia que iriam

aumentar por causa da notícia do tiro.

— Graças a Deus a gravidez de Margaret não é de conhecimento de todos — expressou ele, com certo consolo.

Mrs. Thornton baixou a cabeça em grande amargura.

John discerniu a angústia da mãe e seu coração desanimou com o pânico que enxergava.

A mãe ergueu a cabeça, mas não conseguiu encarar o filho.

— Fanny foi descuidada em sua conversa — ela revelou.

Ele fechou os olhos em angústia.

— Fanny está mesmo tão ansiosa para ver o nome da família ser jogado no pó? — explodiu ele.

— Ela sente muito, John, e irá

tentar reparar a situação – explicou Hannah, numa fraca tentativa de defender os atos da filha.

John soltou uma risada amarga.

— Reparação? Será muito tarde para isso. Você sabe o que irão dizer – ele disse com veemência.

— Sim – admitiu Hannah suavemente. — Lamento muito, John. O que você fará? – perguntou a mãe, fitando-o profundamente.

— O que há para ser feito? Sempre haverá aquelas pessoas condenáveis. Eu nunca as entenderei, mas eles não significam nada para mim. Suas palavras são nada. Manteremos nossas cabeças erguidas e continuaremos como sempre fomos. Não me importo com o que

os outros dizem. Peço somente para proteger Margaret de ouvir tais calúnias. Espero que ela não saiba de nada disso — concluiu ele, de maneira reflexiva.

— Sinto muito, John — Mrs. Thornton o consolou, sentindo profundamente a dor do filho.

Mr. Thornton levantou-se.

— Tudo isso vai passar. Não vai alterar nada. Estou feliz, mãe! — assegurou-lhe mais calmo, esforçando-se para ignorar sua preocupação natural pelas coisas que não podiam ser controladas.

O semblante de Mrs. Thornton se animou.

— Eu sei — respondeu ela com afeto. — Você se casou com uma boa

moça – reconheceu Hannah, fitando-o de maneira significativa.

John abriu um sorriso caloroso ao ouvir a admissão da mãe, comunicando seu agradecimento com brilho nos olhos, quando se virou para seguir a esposa.

Ele mal tinha começado a se despir, quando Margaret deslizou para dentro do quarto vestindo sua camisola verde de seda cintilante. Seus olhos permaneceram cravados nela à medida que se aproximava.

— Calma, deixe-me ajudá-lo – ela disse ao começar a desabotoar seu colete. John não pôde conter o sorriso satisfeito que tomou conta de seu rosto, nem pôde resistir deixar a mão deslizar em torno da sedosa superfície da cintura da esposa, ou

cheirar seu pescoço. Inspirou profundamente para inalar a essência de jasmim que lhe era peculiar.

— Comporte-se, Mr. Thornton, enquanto eu tento cuidar de você – ela o censurou de maneira zombeteira, com um sorriso que não conseguia esconder.

O sorriso de John se ampliou.

— Se você quer que eu me comporte, então não devia usar uma roupa tão sensual – respondeu ele, erguendo a sobancelha.

— Eu sinto que devemos celebrar esta noite – disse ela em defesa de sua escolha, um lampejo de travessura em seus olhos. — Não é todo dia que alguém herda uma fortuna – ponderou ela, ao deixar o casaco preto na penteadeira e

desabotoar sua camisa.

— Foi muita ousadia da sua parte pedir a Mr. Bell para vir aqui sem me consultar — ele disse, fingindo uma repreensão.

— Eu queria acertar as coisas para que você pudesse relaxar — explicou ela, ao passar as mãos no peito do marido, deslizá-las para trabalhar os músculos de seu pescoço e demonstrar seu desejo de confortá-lo.

— E olhe o que você fez — respondeu ele com admiração provocadora, puxando-a mais perto de si.

— Você se tornou o dono legítimo da fábrica e da casa. É justo, depois de todos os anos de dedicação, John. Não está satisfeito? — perguntou Margaret,

analisando sua face.

— Como poderia não estar satisfeito com tudo que você me deu? — perguntou ele, ternamente, demonstrando nos olhos ardentes todo o amor que sentia por ela.

— Eu te amo — sussurrou ela ao lançar seus braços em torno do marido, e unir seus lábios aos dele.

Na segunda-feira, pela manhã, Margaret convenceu o marido a adiar seu retorno ao trabalho por mais algumas horas, e descansar um pouco mais. E, dessa maneira, pelo terceiro dia seguido, o desjejum foi servido a ele na cama.

Apesar de estar ansioso para voltar ao trabalho, John não podia evitar desfrutar preguiçosamente com a esposa na cama, na recente luz da manhã.

— Você vai contar ao Nicholas sobre ser o novo proprietário do imóvel?

—
perguntou ela mais tarde, com um sorriso astuto, ao passo que ajudava o marido a abotoar o colete.

— Os papéis ainda não foram assinados. Eu ainda não sou proprietário da minha própria fábrica — respondeu John com cautelosa ansiedade. O sorriso dele se ampliou diante das palavras de Margaret — ela sabia muito bem o que significava para ele alcançar a estatura de senhorio.

— Logo você será verdadeiramente o soberano sobre tudo em que põe os olhos — ela disse com orgulho, ao ajeitar o colarinho e prepará-lo para receber a gravata preta.

— Mesmo? — respondeu ele, sugestivamente, com sobrancelhas arqueadas.

Ela sorriu timidamente diante da resposta provocante.

— Creio que estive sob seu domínio algum tempo atrás — ela admitiu ao esticar a mão e acertar o tecido de seda em torno do pescoço do marido.

— Gostaria de pensar que temos igual domínio um sobre o outro — respondeu ele, com afeto. — Ao menos aqui neste lugar. Considero sua

dominação absolutamente encantadora — John insinuou de maneira provocadora com um sorriso maroto.

— John! — repreendeu Margaret, empurrando-o por seu comentário atrevido, ficando levemente corada por sua insinuação.

John a puxou, e deu-lhe um beijo conciliatório na testa, mas não pôde conter o largo sorriso diante da reação da esposa.

— Você fará algum anúncio para os trabalhadores? — perguntou Margaret, voltando ao assunto da fábrica, mais uma vez determinada a atar-lhe a gravata.

— Eu não sei. Suponho que possa falar com Higgins para que peça aos funcionários para permanecer por uns

minutos após o último sinal – respondeu ele, pensativo.

— Creio que será maravilhoso. Posso estar presente? Eu adoraria ouvir o anúncio – ela solicitou de maneira efusiva, afastando-se para checar seu trabalho.

— É claro. Eu irei esperá-la – respondeu ele, beijando-a com afeição.

Quando soou o sino no final daquele dia, Margaret acompanhou o marido ao caminharem de seu escritório para o vasto galpão de teares. A multidão de homens e mulheres que rodeavam as máquinas paradas, rompeu em caloroso aplauso quando surgiu a imagem do casal.

O *master* sentiu-se tocado por suas expressões de boa vontade, e

observou as faces na multidão com igual medida de orgulho e humildade, ao perceber o laço de simpatia que havia sido forjado entre patrão e empregados.

Mr. Thornton ergueu a mão e o grupo rapidamente silenciou.

— Como sabem, os negócios não têm andado bem, e vocês certamente devem ter ouvido rumores sobre o fechamento da fábrica. Eu direi a vocês quais planos tenho para Marlborough Mills para que não tenham dúvidas — disse Mr. Thornton com imponente autoridade, olhando para a massa de rostos ansiosos.

— Nós continuaremos a produzir tecidos. Não fecharemos as portas. Nós teremos trabalho — ele proclamou com

crescente fervor quando os gritos e brados dos funcionários começaram a encher a fábrica com um alarido de júbilo.

O *master* e a esposa olharam com faces iluminadas a jocosa algazarra da multidão. Quando a senhora entrelaçou-se nos braços do esposo, olhando para ele de maneira adorável, Mr. Thornton virou-se para ela e ambos sorriram com exultante alegria.

CAPÍTULO XXI

Desde as privativas salas de estar e pomposos clubes de cavalheiros, até bares buliçosos e simples quartos de empregados, a conversa em Milton girava em torno do disparo ocorrido em Marlborough Mills e o julgamento que se seguiria. No distrito de Princeton, os funcionários de Mr. Thornton não estavam livres do rompante de altivez que surgia em seus peitos quando eram procurados para que contassem seu relato sobre os eventos daquele dia. Entretanto, a maioria testemunhou da fidelidade da esposa do *master*, e condenou os sórdidos rumores que erguiam as sobrancelhas de damas

bem arrumadas nos chás, e prontamente menosprezavam as risadinhas dos homens nas fumacentas salas de bilhar.

Mr. Thornton e a esposa continuaram com sua rotina diária, indiferentes ao turbilhão de fofocas. Tornando-se repentinamente destinatários de uma grande quantidade de convites sociais, declinaram a maioria, escolhendo participar de reuniões ocasionais para abafar escrutínio suspeito, com sua plácida compostura e genuíno contentamento.

Margaret se portava com tranquila dignidade, consciente que os discursos inflamados de Albert teriam, sem dúvida, incitado uma enorme quantidade de rumores relativos a uma ligação

romântica. Para suportar tais calúnias, se consolava com a consciência de que era inocente de qualquer acusação de comportamento inapropriado. Sentia-se especialmente grata por sua gravidez ainda não ser evidente, pois acreditava que sua condição era conhecida somente pela família do esposo e os Higgins.

Numa manhã na semana anterior ao julgamento, a senhora de Marlborough Mills caminhava com porte resolutivo pelo pátio da fábrica. O sol de agosto aquecia o ar ao erguer-se em direção ao pináculo de sua glória, escondido de trás do salpicado cinza dos céus nebulosos de Milton. Apesar de estar rodeada pelo incolor arredor, Margaret sorriu satisfeita diante da esperança e do progresso que o

empreendimento do marido representava. Previa uma prosperidade compartilhada, na qual ambos, patrão e trabalhadores, se beneficiariam do trabalho diligente um do outro.

Um pequeno grupo de crianças se reuniu em torno de suas saias quando se aproximava da sala de aula.

— Por favor, senhora — disse uma menininha ao olhar inquisitivamente nos olhos da mulher mais velha.

— Sim, Nancy? — Mrs. Thornton respondeu educadamente ao chegarem à porta, olhando para a menina com afetuoso reconhecimento.

— A senhora vai mesmo ter um bebê? — a menina perguntou inocentemente, os olhos abertos em

expectativa.

O sorriso de Margaret desvaneceu e ela ficou pálida.

— Por que a pergunta, Nancy? — questionou Margaret ansiosa, esforçando-se para subestimar aquilo como curiosidade infantil.

— Ouvi minha mãe e meu pai discutindo sobre isso. Mamãe disse que a senhora está carregando um bebê, mas papai diz que isso não passa de conversa fiada. Mesmo se estivesse, disse ele, não haveria motivos para esconder — disse ela triunfantemente, esperando que as palavras do pai agradassem a professora.

Margaret sentiu-se enjoada e com o medo.

— Eu irei ter um bebê, Nancy, mas isso era para ser mantido em segredo por um pouco mais de tempo — ela contou à criança de maneira gentil, em um tom suave de voz.

A garotinha assentiu compreensiva, e todos tomaram seus lugares para começar a aula.

Tão logo tocou o sino para a pausa do almoço, Margaret apressou-se para procurar o marido. Desde o questionamento inesperado da menina, ela estava distraída e inquieta, imaginando o que tudo aquilo implicava.

Entrou no escritório do *master* e fechou a porta atrás de si. Mr. Thornton ergueu o olhar, alarmado pela brusca aparição:

— Margaret, o que houve? Está passando mal? — ele perguntou, o cenho franzido demonstrando preocupação ao levantar-se da mesa e ir até ela.

— Não, não — assegurou-lhe sem entusiasmo. — Eu acabei de descobrir algo absolutamente... perturbador.

Sempre pronto para protegê-la do perigo de conversas descuidadas, John presumiu que descoberta havia sido.

— O que ouviu?

Margaret o fitou de maneira interrogativa, e uma fagulha de reconhecimento cruzou sua face.

— Você sabia — ela disse calmamente.

John desviou o olhar.

— Eu queria que fosse poupada

do pior – admitiu ele, uma expressão de dolorosa angústia cruzando seu semblante.

— Oh, John! – ela respondeu, as palavras do marido confirmando seus medos. — Como ficaram sabendo?

Mr. Thornton suspirou.

— Fanny foi descuidada em suas conversas – respondeu ele, amargamente desapontado pelo caráter frívolo de sua irmã.

Margaret ficou em silêncio enquanto refletia consternada sobre o que poderia ter sido falado por suas costas durante todas aquelas semanas.

Seu estômago se revolveu desconfortavelmente ao pensar em todas as coisas que o marido devia ter suportado; humilhação; os olhares

maliciosos que devem tê-lo atormentado.

— Como as pessoas podem ser tão vis? — perguntou Margaret em desespero, apesar de saber muito bem por seus anos em Londres, como aqueles vestidos na última moda podiam esconder intenções maliciosas por trás de sorrisos amenos. — Sua honra... — sua voz desapareceu ao ser incapaz de finalizar a frase.

Os olhos de John faiscaram com intensidade quando agarrou os braços da esposa e puxou-a para si.

— Minha honra está intacta, e sua reputação permanece sem mácula. Esse tipo de rumor é como palha para o trigo. Não significa nada. O que sabemos é verdade, e será em breve

conhecido de todos. Que esta criança é minha – declarou, diminuindo o volume da voz nas últimas palavras, quando seus olhos se voltaram para o abdômen da esposa, onde a evidência de sua união iria se mostrar brevemente.

John notou o quanto ela enrubescia ao olhar para seu rosto. A noção dos privilégios que lhe eram permitidos como marido fez aumentar em si um desejo possessivo. O contorno de seus lábios macios e suaves o atraíam a saboreá-los, assim como a lembrança de tudo que haviam partilhado até então aumentava seu ardor. Cuidadosamente, consciente de que não era o momento nem o lugar, envolveu-a em um abraço, e inclinou-se para beijá-la ternamente.

Liberando-a, analisou os olhos da esposa. Margaret devolveu o olhar com tranqüila confiança e fervorosa adoração. Sua força e firmeza sustentaram-na a enfrentar qualquer situação que pudesse acometê-los. Sentiu-se ancorada em amor incontestável, e sabia que aquela tempestade logo passaria, conduzindo-os a uma ensolarada tranqüilidade.

— Prometa-me que não deixará que essas bobagens a perturbem novamente — implorou ele, desejando evitar preocupações invasivas.

Margaret assentiu em silenciosa convicção, e estendeu os braços para entrelaçá-los em torno do pescoço do marido, para aderir à sua forma robusta.

Quando chegou a manhã do julgamento, o Tribunal Penal estava cheio de curiosos que desejavam ver como o drama poderia se desenrolar. Aqueles sentados nos últimos assentos esticavam o pescoço para garantir um vislumbre do *master* de Marlborough Mills e de sua esposa, que estavam sentados serenamente no banco da frente, logo atrás do parapeito. O braço de Margaret repousava sob o do marido, e John segurava, discretamente, sua mão enluvada na sua com firme propósito. A viúva Mrs. Thornton estava rigidamente sentada ao lado do filho com o queixo erguido.

Angulosos raios de sol brilhavam

dentro do tribunal através de janelas semiabertas, permitindo a mão da natureza posicionar o relevo humano em seu contexto apropriado.

O silêncio recaiu sobre a assembleia quando o juiz entrou e o acusado foi trazido.

Não mais desafiador e orgulhoso, Albert Slickson parecia preocupado, olhando para o chão.

O juiz abriu o julgamento e dispôs as acusações contra o rapaz.

Ao ser perguntado como se considerava, Slickson ergueu os olhos e buscou o olhar de Margaret, encontrando-a cabisbaixa de forma discreta.

— Culpado — respondeu em voz baixa, engolindo para manter o semblante

de dignidade.

Murmúrios irromperam da mista assembleia das massas de Milton.

— Eu agi precipitadamente com... intenções muitíssimo enganadas — entrecortando as palavras com dificuldade, encarando o pai, que fulminava o filho com os olhos, para que continuasse seu discurso bem decorado. — Espero que aqueles a quem feri me perdoem — disse, atrevendo-se olhar para a família Thornton.

A expressão de Mr. Thornton permaneceu fria enquanto os olhos de Margaret olharam rapidamente na direção de Albert ao ouvir a hesitante confissão.

A acusação foi admitida a fazer

seu relato, cuidadosamente delineando a exata natureza e circunstâncias do ataque a Mr. Thornton, questionando o acusado e chamando algumas testemunhas, incluindo Nicholas Higgins.

Quando a clara figura do crime fora apresentada, o habilidoso advogado se fixou em esclarecer o real motivo por trás das ações de Mr. Slickson.

— O senhor disse antes que “agiu precipitadamente com intenções”. Estou correto, Mr. Slickson? — o promotor questionou.

O acusado respondeu afirmativamente.

O ar quente de agosto acentuava a quietude desconfortável do recinto. Algumas moscas zumbiam infestando o ar,

enquanto as senhoras bem-vestidas se abanavam.

— O senhor irá explicar por que foi até Marlborough Mills armado, e deliberadamente procurou Mr. Thornton? — o advogado propôs com deliberação.

Os olhos de Albert piscaram de maneira desconfortável e os ombros oscilaram ao olhar nervoso para o pai e, então, novamente olhou na direção de Margaret insinuando um anseio doloroso. — Eu estava apaixonado — respondeu Mr. Slickson de maneira atrevida, projetando levemente o queixo no ar em defesa de suas emoções.

Murmúrios e risadinhas sussurradas ecoaram no tenso silêncio da sala de audiência. Margaret fechou os

olhos profundamente embaraçada, e seu marido apertou-lhe a mão de maneira tranquilizadora.

O juiz bateu o martelo exigindo silêncio, e o promotor prosseguiu o interrogatório.

Pelo que pareceu para Margaret como uma eternidade, a história do que havia transcorrido entre Albert e seu esposo foi trazida à tona. Seu coração bateu desenfreadamente quando o marido foi chamado para testemunhar, e ela o ouviu explicar suas próprias ações e a razão por trás da violência que havia infligido Mr. Slickson.

Margaret soltou um longo suspiro de alívio quando Albert admitiu seus avanços indesejados, e ficou claro que ela

não precisaria testemunhar.

O restante do julgamento passou rapidamente, e não demorou muito para que o júri retornasse com o veredito: o acusado foi considerado culpado em todas as acusações, incluindo tentativa de homicídio. O tribunal mais uma vez explodiu em cochichos e aclamação de justiça.

Quando o juiz silenciou a assembleia, ele solenemente proclamou sua sentença. Considerando a declaração do acusado como culpado, e a admissão de seu sentimento de remorso por seu comportamento passional, Albert seria transportado para a Austrália, e era exigido que permanecesse lá por não menos que dez anos.

A mãe de Albert expressou sua angústia. Sentia-se aliviada por seu filho ter se livrado da pena maior, mas ficou abalada ao pensar em seu menino sendo mandado para o canto mais remoto da terra.

A sala de audiência estava agitada com conversa empolgada, à medida que a multidão se dispersava lentamente. Mr. e Mrs. Thornton buscaram somente escapar do tumulto, mas lhes seguiram congratulações pela justiça feita e condolências pela adversidade. Logo que saíram do fórum, Eva Dallimore chamou por Margaret, quando Mr. Thornton se engajou em uma conversa com alguns conhecidos.

— Mrs. Thornton! Quão aliviada a

senhora deve estar agora que este assunto vai enfim ser esquecido. Deve ter sido horrível enfrentar os rumores escandalosos – Miss Dallimore disse oferecendo sua falsa simpatia, sorrindo educadamente. Um brilho sorrateiro em seu olhar revelava a secreta sensação de satisfação.

Margaret sorriu em retorno, com uma desafiadora medida de ironia.

— Não foi tão angustiante, de fato. Meu marido e eu não nos importamos com mentiras infundadas – respondeu em tom animado. — É um pequeno conforto nos lembrarmos de que tal conversa insípida somente revela a mente de quem as levanta – Margaret observou indiferente.

O semblante da Miss Dallimore decaiu, e ela baixou a cabeça quando Margaret virou-se para o marido novamente.

O casal finalmente conseguiu escapar da multidão, mas Hannah Thornton foi envolvida por um grupo de solícitas amigas e, por fim, concordou em acompanhá-las para o chá. Mr. Thornton acompanhou a esposa pelas ruas, com passos rápidos. Quando haviam se distanciado do fórum, o *master* relaxou seu ritmo e sorriu radiante para a esposa. Um vigor eufórico tomou conta dele, por ter fechado a porta daquele episódio perturbador de suas vidas. Ele não viu nada além de horizontes ensolarados à sua frente.

Mr. Thornton espontaneamente entrou em uma floricultura e dali saiu com um farto buquê de rosas vermelhas e amarelas para a esposa. Margaret exclamou com satisfação quando viu o presente improvisado, e não conseguiu parar de sorrir, feliz por vê-lo tão despreocupado.

Ao chegar em casa, Mr. Thornton a acompanhou pela ampla escadaria, detendo-se para beijá-la duas vezes. A alegria de Margaret irrompeu em um riso suave, quando John a interrompeu pela segunda vez para procurar seus lábios. Ao alcançarem o segundo andar, ele tomou-a nos braços e beijou-a de maneira carinhosa, procurando evitar a destruição das flores entre eles.

— Preciso colocá-las em um vaso — ela disse hesitante, levemente corada quando John a soltou. — Estava muito quente no fórum hoje. Irei preparar um banho refrescante para você. Por que não vai para o quarto e se prepara? Estarei lá em breve — prometeu Margaret com um sorriso tênue diante da expressão de abandono de John.

Mr. Thornton relutantemente deixou sua esposa e fez como lhe foi pedido. Mas um sorriso malicioso tomou conta de sua face.

Margaret arregaçou as mangas e provou a água. Estava morna — perfeita

para um dia absolutamente quente.

Ela sorriu ao pensar na exuberância do marido mais cedo, ao sair para procurar por ele.

John a assustou, abrindo a porta quase no mesmo instante que ela a golpeou.

Os olhos de Margaret correram pelo corpo do marido. Ele estava parado à sua frente, usando um roupão com estampa dourada e borgonha, com bordas carmesim-escuro. Seu olhar demorou-se no nó casual apertado na cintura. Sentiu por fim uma onda de calor tomar conta de seu rosto, ao ver seus pés e pernas nus.

John parecia desfrutar de sua estupefata hesitação.

— Você irá me ajudar a lavar o

cabelo? – pediu esperançosamente, cuidando para não soar tão ansioso.

— Daqui a pouco – ela respondeu, hesitante, não estando certa do que queria.

John sorriu satisfeito e seguiu para o banho.

Margaret entrou no banheiro alguns minutos depois, após ter retirado os sapatos e meias. Chegou em silêncio, e observou o marido virar a cabeça atentamente em sua direção.

— Achei que você não viria – confessou ele.

— Eu disse que viria – retorquiu Margaret.

— Pensei que pudesse estar com medo de mim – elaborou de maneira capciosa.

As comissuras da boca de Margaret se transformaram em um sorriso.

— E por que eu estaria com medo, me diga? — ela perguntou com altivez.

John sorriu de maneira travessa ao ouvir a pergunta provocante.

— Porque não consegue resistir ao meu charme e meu poder de persuasão — respondeu com voz sedutora, com um traço de autoconfiança atrevida. — Porque pode se encontrar como antes e se juntar a mim em meu estado de nudez — acrescentou de forma audaciosa.

Margaret saboreou aquele jogo, determinada a demonstrar sua própria habilidade.

— Conheço muito bem suas táticas, senhor. Mas creio que eu tenha a

vantagem, tão logo permaneça decentemente vestida – afirmou ela, triunfante, com as mãos no quadril.

— Se está tão determinada, então venha e me ajude como prometeu – ele a provocou, ansioso para tê-la ao seu alcance.

Ela moveu-se apreensiva em direção à banheira, e exalou um suspiro silencioso quando chegou ao lado do marido e ele não se moveu para prendê-la. Inclinou-se para pegar o jarro e começar sua tarefa, e, de repente, John a segurou pelo punho, e ela riu, surpresa.

— John! – Margaret protestou, mas sabia que tinha sido pega.

Mr. Thornton sorriu amplamente por sua conquista e puxou-a lentamente

em sua direção.

— Creio que eu tenha a vantagem agora – declarou ele.

— John, me solte! Se for para eu me juntar a você, me deixe tirar o vestido – protestou, tentando se afastar dele sem muito efeito.

— Não estou certo de que possa confiar em você, agora que tem se comportado de maneira petulante. Creio que deva mostrar a você quem é o *master* aqui.

— John! – Margaret fez um último protesto antes de ser puxada, caindo sentada no colo do marido. Ela se mexeu para virar-se e verificar as condições de sua roupa, que estavam agora encharcadas quase até o peito. — Você é incorrigível!

– ela o repreendeu.

John não conseguiu reprimir a risada, e moveu-se para oferecer desculpas, mas ela golpeou suas mãos quando se aproximaram, e ele jogou a cabeça para trás rindo.

Margaret sabia que não conseguiria resisti-lo por muito tempo. Os tons graves da gargalhada sempre aqueciam seu coração. Logo seus lábios se tocaram, e os fortes braços de seu amante conduziram-na sob seu poder.

Quando Hannah Thornton passou pelo quarto do filho, algum tempo depois, ouviu os sons abafados de risada através da porta escura. Ela refletiu nos eventos do dia ao continuar pelo corredor até chegar ao seu próprio quarto e sorriu

contente. O casal tinha passado por muitas dificuldades nas últimas semanas e ela estava contente em vê-los felizes. Seu filho não merecia menos que isso.

Ao se aproximar o outono, Mr. Thornton se lançou seriamente ao trabalho. Organizou cuidadosamente os pedidos existentes, para garantir que a fábrica estivesse em operação total durante os meses escassos, e planejou diligentemente para recuperar a produção, mantendo-se à altura de cada mudança prevista na indústria local e no exterior.

Margaret decidiu que era passada a hora de oferecer um jantar para os

masters, para celebrar o novo *status* de proprietário do marido, o que o tornou uma sólida figura no cenário empresarial de Milton. Ela propôs convidar o Membro do Parlamento de Milton, Mr. Wilkison, como convidado especial, e o marido prontamente aprovou.

A senhora de Marlborough Mills encontrou grande satisfação e uma grande dose de orgulho em planejar e organizar o evento que, em sua opinião, iria exibir a proeminência no âmbito dos negócios. Ela esperava também demonstrar a Mr. Wilkinson o relativo sucesso dos avanços sociais que estavam sendo feitos em Marlborough Mills.

Na noite do jantar, a jovem Mrs. Thornton estava muito serena quando os

convidados começaram a chegar. Tudo estava em perfeita ordem. Ela permaneceu ao lado do marido para saudar graciosamente os *masters* e suas esposas, em um elegante vestido de cetim violeta.

A chegada de Mr. Wilkinson e de sua esposa fez o queixo de Fanny cair por um momento, e os outros convidados também viraram a cabeça para observar. Mr. Thornton e sua esposa cordialmente receberam os célebres convidados. O membro do Parlamento não esquecera sua conversa no baile com a vibrante e bela Mrs. Thornton e ansiava por uma noite fascinante com a inteligente anfitriã.

Ele não ficou desapontado. A conversação girou em torno dos desafios e o futuro da indústria do algodão em

Milton e sobre o progresso da economia e indústria em geral.

Como Margaret esperava, a última palavra do esposo era procurada em praticamente todos os assuntos. Não conseguia evitar o sorriso e esforçava-se para, educadamente, encobrir o irresistível orgulho que sentia ao perceber que as palavras do marido conquistavam o profundo respeito dos presentes.

Quando a conversa sobre a classe trabalhadora se encaminhou para a escola de Margaret e o refeitório, a jovem se envolveu animadamente no desenrolar da discussão, para definir se tais “experimentos” eram um empreendimento válido. Durante esses momentos, quando a filha do vigário argumentava com

fervorosa eloquência pela virtude e a utilidade de ajudar aqueles sem posses, era a vez do *master* olhar para a esposa com um sorriso de admiração. O lampejo em seus olhos e o demorado olhar fixo deixava clara sua franca adoração, e todos estavam cientes da forte atração entre o chefe da casa e sua esposa.

Mr. Thornton estava satisfeito com a noite, mas enquanto se despedia amavelmente de seus convidados com a esposa, tornou-se mais impaciente para ficar a sós com a mulher que tinha encantado a todos com sua graça impecável.

Margaret sentiu o olhar do esposo sobre ela, o que fez com que lhe corassem as bochechas, enquanto dizia as palavras

de adeus para os últimos convidados. Virou-se para encará-lo com uma expressão de contente realização, e ele a recompensou com um sorriso brilhante e elogios efusivos.

— Você é uma anfitriã incrível. Certamente Mr. Wilkinson nunca tinha visto tal vigor intelectual na forma de beleza deslumbrante. De verdade, você é deliciosa – murmurou ele no ouvido da esposa, ao trazê-la para perto de si, exultante por enfim segurá-la em seus braços.

— Creio que fazemos uma parceria formidável quando não divergimos – respondeu Margaret, sorrindo de maneira incontrollável quando o marido começou a beijá-la. — Me saí

bem como senhora de Marlborough Mills? – ela perguntou provocadora, enquanto as contínuas atenções de John lhe causavam tremores.

— Foi melhor que isso – respondeu ele com a voz rouca. E gostaria de lhe demonstrar minha afetuosa apreciação – sussurrou antes de empertigar-se ao ouvir os passos de sua mãe ao retornar a casa, após ter saído para ver a nova carruagem de Fanny.

Algumas semanas depois, Mr. Thornton levantou-se em silêncio da cama na pálida luz cinzenta de uma manhã de outubro. Após fazer sua higiene pessoal,

retornou para seu guarda-roupa e tirou o pijama para vestir a engomada camisa branca de algodão de seu traje diário. Concentrado em sua tarefa de abotoar a camisa, foi agradavelmente surpreendido ao sentir, de repente, os cálidos braços da esposa a envolvê-lo pelas costas.

— Feliz aniversário, querido esposo — Margaret exclamou em uma contente voz sonolenta, ao pressionar a face contra suas costas. A essência de sândalo e a sensação de seu firme abdômen sob seus braços despertaram em Margaret a pungente consciência de sua masculinidade.

— É meu aniversário? — ele perguntou casualmente. Um cálido sorriso se espalhou em seu semblante ao deliciar-

se no abraço, cobrindo os braços dela com os seus.

— Foi o que sua mãe me disse. Está insinuando que se esqueceu da data de seu aniversário? – ela divagou, afrouxando o abraço.

John se virou para encará-la, segurando os braços de Margaret em volta de si.

— Não tenho tido muito interesse em celebrar meu aniversário nos últimos anos – admitiu ele de maneira pesarosa.

— Bem, é uma data muito importante para mim e ficarei muito satisfeita em tornar seu dia especial – respondeu ela de maneira desafiadora, se erguendo para beijá-lo.

Ele retornou a carícia e deslizou

os braços em torno da cintura da esposa para puxá-la para si. A sensação da pele voluptuosa sob o fino tecido da camisola de Margaret inflamou seu desejo.

— Consigo imaginar uma maneira muito satisfatória de celebrar... — sugeriu John em tons suspirados quando liberou os lábios dela. Ele a forçou a mover-se para trás junto com ele, ao tomar a direção da cama.

Ainda arfando pelo beijo, Margaret sentiu a coxa do marido roçar à sua, e uma palpitação em seu íntimo.

— Você vai se atrasar! — ela balbuciou de leve com a voz trêmula.

— É meu aniversário, não é? — respondeu John com a sobrancelha arqueada e empurrou-a em direção à

cama.

Margaret agitou-se empolgada em torno da mesa, enquanto ela e Mrs. Thornton entregavam os presentes a John.

Mr. Thornton agradeceu à mãe por um par de luvas de couro pretas e alguns lenços novos que havia bordado para ele com suas iniciais. John não pôde evitar sorrir ao ver a agitação da esposa, quando desfez o laço do pacote e puxou o invólucro para revelar um colete elaborado na cor azul-cobalto com uma fina estampa em fio de cobre. Uma gravata azul combinando estava dobrada no pacote.

— Acho que você vai ficar formidável de azul. Realça a cor dos seus olhos – Margaret explicou ansiosa quando o marido a agradeceu pelo belo presente.

Mr. Thornton sorriu, satisfeito por estar sendo mimado por sua formosa esposa.

— Oh, e mais uma coisa – Margaret acrescentou, entregando-lhe um pequeno pacote envolvido em papel colorido.

Mr. Thornton abriu-o para encontrar uma caixa de bombons, cada um deles embalado em papel fino.

— Faz muitos anos que não recebo doces de presente – observou ele, olhando emocionado para a esposa, com admiração.

— Acho que você merece ser mimado de vez em quando. Ora, certifique-se de levá-los com você e mantenha-os em sua mesa. São só para você. Se deixá-los aqui, sua mãe e eu podemos devorá-los inadvertidamente — ela o advertiu sorrindo, lançando um olhar divertido para a sogra.

Ele pegou a caixa assim como fora instruído, e, dando um beijo nas duas mulheres, partiu para o trabalho com o coração alegre.

Um pouco antes do meio-dia, Margaret se preparou para deixar a casa. Levaria algum tempo para que ela se acostumasse com o aumento em seu tempo livre depois que deixasse seu posto como professora. Estava feliz com a jovem

moça que respondera o anúncio no *Guardian*. Miss Garrat era uma moça brilhante e gentil e seu pai era proprietário de uma loja na rua principal. Margaret sentia-se segura de que a jovem faria um trabalho admirável, prosseguindo com a escola da mesma maneira como havia sido iniciada.

Enquanto caminhava pela curta distância até a fábrica, sentia-se agradecida que a estação mais fria requeria que usasse seu casaco de lã. A cobertura permitia que ela escondesse por um pouco mais de tempo o aumento de seu ventre. Ela sabia que seu período de repouso começaria em breve e desejava desfrutar da liberdade o quanto fosse possível. Margaret acenava em gentil

reconhecimento às saudações educadas que recebia dos trabalhadores enquanto se dirigia ao escritório do *master*.

Mr. Thornton ergueu os olhos de seu trabalho quando a esposa entrou e fechou a porta atrás de si, percebendo que ela trazia uma cesta em seus braços.

— Trouxe seu almoço — anunciou ela com satisfação. — Já comeu algum de seus doces? — lhe ocorreu perguntar quando se aproximou.

John fechou uma gaveta que estava parcialmente aberta com um rápido empurrão.

— Por que pergunta? — ele perguntou com um brilho divertido em seus olhos.

Ela se aproximou curiosamente.

— Eu simplesmente queria saber se você se lembraria de se permitir algum luxo de vez em quando — respondeu ela, suavemente, com um sinal de sorriso, incitadas as suspeitas.

— Eu sou um homem muito simplório, você precisa me instruir na arte sulista da indulgência — John a provocou ao colocá-la habilmente em seu colo para um beijo.

A cadeira reclamou rangendo, mas Margaret deslizou o braço em torno do pescoço do marido, em submissão espontânea.

Uma batida na porta os separou abruptamente. Margaret se soltou do abraço do marido, e ergueu-se sobre seus pés de maneira desajeitada quando

Higgins entrou. A expressão surpresa foi rapidamente substituída por um sorriso mal controlado, quando o leal amigo reconheceu a natureza da intrusão.

— Higgins — o *master* exclamou — seu cronometro é impecável — comentou balançando a cabeça, desconcertado.

— Eu bati na porta — Nicholas respondeu em sua defesa. — Talvez deva almoçar em casa, *master*. As trancas parecem não funcionar muito bem aqui — ele gracejou com um sorriso maroto e um brilho sarcástico em seus olhos.

O *master* piscou algumas vezes e se calou envergonhado, ao passo que Margaret abaixava a cabeça se divertindo embaraçada.

— O que queria me dizer que era

tão importante? Diga logo, homem! – Mr. Thornton encorajou, com um traço irônico.

— O tear de Hanson não está funcionando direito. Algo está torcido. Tentei de todas as maneiras. Pensei que o senhor pudesse dar uma olhada antes de terminar o horário do almoço.

O *master* deixou escapar um pequeno suspiro.

— Farei o que puder – respondeu, mas não deu nenhuma indicação de que iria investigar o assunto imediatamente.

— Deixarei que almocem então – Higgins respondeu com uma piscadela. Nicholas apalpou a maçaneta quando saiu, para certificar-se se havia mesmo um mecanismo de fechadura.

— Fora daqui! — Mr. Thornton o repreendeu impaciente com uma risada irrepreensível.

Higgins conteve uma gargalhada ao ouvir a ordem do *master*, e saiu rapidamente, fechando a porta atrás de si.

Cobrindo a boca com a mão, Margaret suprimiu uma risada embaraçada.

Margaret permaneceu diante da longa janela da sala buscando pela figura do marido no escurecido pátio da fábrica. Estava vestida com o vestido violeta que usara no jantar dos *masters* algumas semanas antes, porém desta vez Dixon

havia deixado alguns laços desfeitos nas costas para acomodar seu crescente abdômen.

Ela observava atentamente pelo primeiro sinal dele, sentindo-se como uma tola garotinha em sua ansiedade. Como podia ser, que depois de todos aqueles meses de casamento, ela ainda se sentisse tão desesperadamente apaixonada, estremecendo cada vez que ele entrava pela porta? Duvidava que isso fosse mudar algum dia; sua ânsia por estar com ele durante o dia não se enfraquecera desde que retornaram de Helstone.

Sorriu para si mesma. Estava contente que Mrs. Thornton tivesse se oferecido para jantar com Fanny naquela noite, pois se o decoro permitisse, estava

certa que esperaria por ele na janela todos os dias.

Seus olhos se esforçaram na escuridão, até que enfim ela perdeu o fôlego, ao enxergá-lo emergir da fábrica e cruzar o pátio. Seu estômago se agitou ao vê-lo se aproximar da casa, e ela virou-se para esperá-lo perto da entrada da sala de jantar.

— Você chegou! — ela saudou o marido quando passou pela entrada, lançando os braços em torno do pescoço para beijá-lo.

John recebeu o carinho com certa surpresa, mas retornou o beijo com imediato vigor, antes de furtivamente virar a cabeça na direção do assento habitual de sua mãe.

Margaret riu de seu embaraço.

— Ela não está aqui. Foi jantar com Fanny esta noite — Margaret respondeu ao seu questionamento implícito com um sorriso travesso.

John buscou os lábios de Margaret novamente, em retorno à sua audácia, beijando-a completamente, agora que sabia que estavam a sós.

— E quais são seus planos para mim? — ele perguntou em voz sombria e grave, quando a largou.

— Terá que esperar e ver — respondeu ela, de certa maneira ofegante quando ele se impôs sobre ela com um brilho de volúpia em seus olhos. Margaret recuperou seus sentidos e deu a ele um sorriso

atrevido, antes de tomar suas mãos e conduzi-lo para o andar de cima.

— Pensei que seria agradável fazer do seu aniversário um grande acontecimento, e levá-lo para jantar e dançar no Hotel Westford – explicou ela ao subir as escadas à frente do marido. — Você possui um charme influente quando está em meio à sociedade. Comanda de forma absolutamente natural a atenção de todos à sua volta – continuou ela à medida que passavam pelo corredor.

Margaret parou exatamente ao lado da porta do quarto deles para finalizar seu discurso.

— Entretanto, por trás deste gracioso e social exterior, estou certa de

que você é verdadeiramente um homem tranquilo, que prefere muito mais a privacidade de seu lar – concluiu, encarando-o com afeto. Com estas últimas palavras, Margaret abriu a porta para que ele entrasse.

Mr. Thornton deu alguns passos para dentro do quarto, observando de imediato a convidativa atmosfera sedutora. Uma mesa à luz de vela estava arranjada para dois no espaço vazio ao lado da cama, o fogo crepitava e ardia na lareira, lançando sombras dançantes através das paredes carmesins e sobre a ampla superfície da cama. Os finos painéis dourados dos papéis de parede brilhavam na luz bruxuleante. Após avaliar o cenário com crescente

entusiasmo, olhou para a esposa com maravilhada adoração.

— É exatamente o que eu teria escolhido — murmurou ele, recolhendo-a em seus braços para agradecer-lhe.

Mr. Thornton aconchegou-se perto da esposa adormecida, deliciando-se na sensação de sua pele macia contra o peito. Ele ergueu a cabeça para beijar a pele suave abaixo da orelha, o cabelo sedoso de Margaret roçando em seu áspero queixo. John deslizou a mão que repousava em seus braços, para acariciar suavemente a protuberância arredondada de seu ventre. Ele ainda mal podia

acreditar em sua boa sorte.

Como as coisas tinham mudado em um ano! Vivenciara um profundo vazio em seu último aniversário, convencido de que seu futuro somente contaria o avançar dos anos de dolorosa solidão. Agora ele tinha a esposa em seus braços todas as noites, e eles logo receberiam em suas vidas a criança fruto dessa união. A plenitude de amor que pulsava dentro de si fazia seu peito doer com alegria indescritível.

As chamas brilhantes do fogo enfraqueceram, e o quarto escurecido esfriou. Cuidadosamente, Mr. Thornton puxou as cobertas sobre os ombros expostos de sua esposa e ajeitou-se perto dela.

CAPÍTULO XXII

A chuva que estivera em falta no verão, agora caía torrencialmente, transformando a poeira em lama e apressando os passos daqueles forçados a enfrentar os elementos da natureza. O céu bramia com forma ameaçadora, dia após dia, anunciando a chegada do inverno com pouca perspectiva de alívio. De fato, era o clima ideal para o confinamento de Margaret, apesar da obscuridade do céu nublado por vezes ameaçar trazer ondas de melancolia sobre ela.

A jovem expectante procurava manter-se animada, ocupando seu tempo com atividades práticas. Tendo agora a

inclinação e a liberdade no orçamento para fazer as mudanças que achasse melhor, cuidadosamente se ocupou em trazer cor e vitalidade para os espaços de convivência da casa que parecia mais sua, com a passagem de cada mês. Mrs. Thornton alegremente renunciou à sua coleção de vasos para dar lugar a artigos decorativos mais condizentes com uma casa com crianças pequenas, e observou a nora sulista enquanto escolhia os artigos com crescente aprovação.

Margaret mandou trocar os papéis de parede da sala de estar e de jantar para estampas em tons de rosa, dourado e borgonha. Cobriu as mesas escuras e frias com toalhas ricamente coloridas e dispôs, estrategicamente, belíssimos tapetes em

torno da área de estar. Uma estante e algumas das poltronas da casa de Crampton foram dispostas na sala de estar da família em Marlborough Mills, conferindo uma aparência mais confortável ao ambiente. Flores e fruteiras carregadas adornavam as mesas; o daguerreótipo adquirido na lua de mel fora disposto na parede do fundo com uma emoldurada representação campestre de Hampshire. Livros e algumas cestas de costura estavam ao alcance, prontos para o uso em todo o aposento, convidando a demorar-se e relaxar. Mr. Thornton apreciava imensamente a decoração feita pela esposa, pois parecia que ela transformara sua casa na calorosa e acolhedora atmosfera que ele tanto

admirava na residência dos Hale.

Margaret manteve um modesto calendário social, de maneira que não se sentisse tão presa em casa. Com frequência convidava Mary e Fanny para o chá. Uma vez por semana ela também gostava de receber a visita da nova professora, Miss Garrat, para manter-se informada sobre o progresso das crianças.

Ocasionalmente, quando o tédio a rondava, buscava seu material de pintura e empenhava-se em capturar no papel as paisagens estivais de sua terra natal.

Mr. Thornton estava sempre atento às necessidades de sua esposa e buscava ser uma boa companhia para ela durante as noites. Trazia-lhe revistas e livros, e nos finais de semana a acompanhava em

caminhadas, se o tempo não estivesse inclemente.

Quando se aproximaram as festas, Margaret usou suas estratégias femininas para garantir o apoio do esposo na organização de uma celebração de Natal para os funcionários da fábrica. Com a ajuda de Mary e de Miss Garrat, ela desfrutou da ocupação no planejamento e organização do evento festivo.

Na véspera de Natal, enquanto os operários ainda trabalhavam, Margaret e uma equipe de ajudantes secretamente esvaziaram o refeitório e adornaram-no com guirlandas de ramos de visco, galhos de azevinho e hera. Tigelas de ponche e pratos de torta de frutas foram dispostos

na mesa, encostada à parede, em preparação para a chegada dos desprevenidos.

Mr. Thornton desligou o gerador de energia da fábrica três horas mais cedo e direcionou os funcionários para o salão preparado. Higgins sorriu conscientemente ao ouvir a conversa empolgada da multidão, e encontrou os olhos do *master* assentindo com aprovação.

O salão estava repleto de faces contentes, enquanto todos avidamente participavam da refeição abundante e se uniam em vigorosos brindes. O *master* e sua esposa observavam com grande satisfação e eventualmente aplaudiam, ao passo que muitos dos homens

demonstravam seus talentos em dança animada de acordo com a música de um violino, uma flauta e um tambor.

Quando a celebração chegava ao fim, os Thorntons se posicionaram a porta para desejar um Feliz Natal aos empregados, cujas faces alegres estavam coradas por causa da dança e a contente indulgência.

Mr. Thornton admitiu para esposa, ao acompanhá-la de volta a casa através do escuro e silencioso pátio, que o evento havia sido um sucesso e que ele mesmo se divertira. A noite estava fria, mas o coração de Margaret estava pleno de jubiloso contentamento que acalentava sua alma. Tudo à sua volta era belo. Havia uma fina camada de neve no chão, e o

profundo índigo do céu parecia mais claro e vasto. Velas acesas em cada janela da casa prometiam luz e calor. Margaret agarrou-se ao braço do marido e buscou seu olhar amoroso.

A casa dos Thorntons estava cheia de convidados na véspera de Natal. Fanny e Watson tinham ficado para o pernoite após um jantar tardio da véspera e Mr. Bell viera a Marlborough Mills para as festas. Margaret estava contente que o padrinho decidira aceitar seu convite. Sua presença lhe trouxe uma quantidade de conforto, pois sentia que ele era como parte de sua família, agora que seus pais haviam falecido.

Após tomarem o desjejum juntos, a família se reuniu ao lado da árvore de

Natal na sala de estar. Um cálido fogo ardia na lareira, e a cornija estava coberta com arbustos. Tigelas com amêndoas, doces tangerinas estavam dispostas por toda a sala e a mesa de jantar estava coberta com uma toalha de linho escarlate e brilhantes candelabros polidos.

Fanny elogiou Margaret pela bela árvore, comentando com uma ponta de amargura que sua mãe nunca havia concordado em ter uma antes. Decorada com pequenas velas, peças artesanais de feltro e ornamentos de madeira produzidos na Alemanha, eram destaque da sala.

Margaret estava satisfeita com seus esforços em animar a casa com a alegria da estação. Sendo aquele o

primeiro Natal em que ela era dona de sua própria casa, pensou que uma árvore seria perfeita. Sabia que a sogra tinha estado inicialmente um pouco cautelosa com relação às suas intenções, mas a experiente mulher tinha ajudado a bordar ornamentos, e admitira que a folhagem viva dentro da casa era muito agradável. Porém, tinha sido o brilho nos olhos do marido naquela manhã que a havia deixado realmente satisfeita. Ela sabia que John estava contente com seu empenho.

De fato, Mr. Thornton estava muito feliz. Ele reconheceu a alegria na expressão ávida da esposa, e sabia que trazer alegria aos outros era a intenção de seu coração. A casa nunca parecera tão

cálida e convidativa, mas era sua doce generosidade que verdadeiramente o encantava. Aquele seria um Natal do qual ele sempre se lembraria, a primeira vez que estariam juntos.

Mrs. Thornton buscou a Bíblia da família e leu a história do Nascimento de Cristo, enquanto o fogo crepitava tranquilamente como som de fundo.

Em seguida, a família reunida abriu os presentes que se encontravam embaixo da árvore. Margaret deleitou-se em ver o marido abrir seus presentes: a escritura da propriedade emoldurada em madeira escura e uma grande pintura de Marlborough Mills emoldurada, que havia encomendado secretamente. Mr. Thornton estava visivelmente emocionado pelo

amável regalo e ficou satisfeito quando Margaret admirou a beleza do pingente de esmeralda brilhante que havia escolhido para ela.

Quando os últimos presentes tinham sido abertos, Mr. Bell agradeceu aos anfitriões novamente pela bengala de mogno, pelo queijo e os vinho finos, e explicou seus planos de retribuição.

— Sinto muito, mas meu presente não caberia embaixo da árvore. Para dizer a verdade, não caberia nem dentro da casa. Portanto, se esperarem até uma hora da tarde, talvez possam buscar seus xales e seguir-me até lá fora – explicou ele com um sutil sorriso travesso.

— É claro – Margaret respondeu cordialmente, enquanto todos se

entreolhavam curiosos.

— Watson e eu também temos um anúncio, de certa forma referente a presentes — Fanny proclamou, rapidamente atraindo para si a atenção das pessoas na sala. Ela baixou o olhar para o colo por um momento passageiro, antes de erguer a cabeça para fitar o marido sorridente. — Estamos esperando a chegada de uma criança no próximo verão! — ela declarou sorrindo com orgulho.

Todos parabenizaram os futuros pais com sinceridade e Fanny se iluminou com animação, prestando uma mesura diante da generosa efusão de felicitações. Mr. Bell comentou que o próximo Natal da família seria abençoado com a

presença de crianças.

Um pouco antes da uma hora da tarde, todos buscaram casacos e chapéus para ver o que o acadêmico havia planejado. Quando chegaram aos portões da residência, viram uma imponente carruagem preta parada na rua.

— Considerando o aumento da família, achei que fossem precisar de um coche mais espaçoso. Espero que sirva — Mr. Bell pronunciou afetuosamente, sorrindo para a afilhada.

Margaret ficou boquiaberta e olhou para o marido antes de voltar-se para Mr. Bell e dar-lhe um abraço apropriado e um beijo na face.

— É maravilhosa! Adoraria passear pelo campo no entorno da cidade

– declarou.

Hannah Thornton examinou a grande carruagem com olhar cauto. Ela dispensava as extravagâncias, valorizava a praticidade e modéstia acima de mera exibição. Mas ao contemplar o raciocínio de Mr. Bell, percebeu que o presente fazia sentido. John, em breve, seria um pai de família, e precisaria de uma carruagem como aquele para acomodá-los.

Fanny sorriu, apesar de sentir uma pontinha de inveja, ao perceber que a nova carruagem do irmão era um pouco maior que a sua e era pintada com um elegante adorno dourado, enquanto a sua era somente preto polido.

— Vamos dar um passeio? — sugeriu Mr. Bell com um gesto amplo da

mão. O cocheiro em seu posto tocou o chapéu em pronto reconhecimento.

Após um curto passeio, por uma fina camada de neve nas ruas silenciosas, o grupo retornou para Marlborough Mills. A casa aconchegante estava impregnada com os aromas do jantar de Natal, a família e seus convidados logo se sentaram para desfrutar do pato assado e guarnições. No momento em que foi servido o pudim flambado, a tarde havia escurecido. Todos se moveram para a sala de estar satisfeitos, e passaram as horas minguantes do Natal em alegre companheirismo.

As semanas passaram sem ocorrências durante os escuros dias do inverno. Margaret permaneceu determinada a ficar animada, apesar de sua rotina tediosa, contando as bênçãos quando a monotonia tentava desanimá-la. Quando considerava as muitas mulheres que estavam em situação mais infeliz, não podia evitar, de sentir gratidão por seu querido esposo e os esplendorosos eventos do ano passado, que culminariam com o nascimento de seu filho.

No final de fevereiro, os Thorntons estavam tranquilamente sentados na sala de estar, com um fogo modesto ardendo na lareira. Mr. Thornton tomou seu *Guardian*, como estava

habitudo a fazer, enquanto sua mãe e Margaret costuravam ainda mais roupinhas para o bebê.

Margaret travou as mãos e, após alguma hesitação, disse:

— Estou me sentindo um pouco... estranha – anunciou pondo a mão em seu amplo abdômen.

O jornal se agitou de forma ruidosa quando Mr. Thornton o deixou de lado, para observar intensamente a esposa. Sua mãe desviou o olhar do bordado.

— O que foi Margaret? – Mrs. Thornton perguntou, calmamente, mas com evidente preocupação.

— Tenho sentido um tipo de repuxo no meu ventre, com intervalos.

Pensei que passaria, mas eles não cessaram – ela tentou explicar.

Mr. Thornton se levantou de seu assento e olhou ansioso para a esposa e para mãe, para discernir o que aquilo significava.

Mrs. Thornton fitou o filho, cautelosa.

— Talvez fosse sensato chamar o doutor. Pode ser que o tempo tenha chegado – ela declarou.

Incapaz de falar, Mr. Thornton assentiu e lançou um olhar preocupado para sua esposa, antes de virar-se para executar a tarefa.

Dr. Donalson sentou-se por alguns minutos para marcar o progresso de Margaret, mas quando uma hora havia passado, e as dores haviam sido dissipadas, ele anunciou que o bebê ainda não estava pronto para chegar. Explicou aos ansiosos ouvintes que era perfeitamente normal experimentar falsos sinais de trabalho de parto.

— Tudo tem seu tempo. Tudo tem seu tempo — assegurou o médico ao marido preocupado, tocando brevemente o ombro do cavalheiro. — Talvez eu a veja em alguns dias — sugeriu ele à pequena reunião no quarto de Margaret, antes de se despedir.

Mais tarde, naquela noite, Margaret calmamente entrou o amplo

quarto que partilhava com o esposo.

— Sinto muito por estar sendo motivo de tanta preocupação — ela se desculpou ao fechar a porta atrás de si.

— Não tem razão para se desculpar. Você não tem conhecimento sobre esse assunto.

Mr. Thornton observou maravilhado enquanto ela caminhava em sua direção, seu andar habitual alterado para acomodar a carga de seu peso extra. A longa camisola fluía em torno dela, suavemente, com graça feminina.

John a achava mais linda que nunca. Suas formas arredondadas estavam mais evidentes e sua face plena brilhava com formosa inocência. Ela era a essência da pureza, parada diante dele, no limiar

da maternidade.

Ele esticou o braço para tomar-lhe as mãos nas suas.

— Você está linda, Mrs. Thornton! — exclamou ele com reverência.

— Com esta forma? — Margaret perguntou incrédula, pondo as mãos no abdômen protuberante.

— Com este corpo — ele respondeu, movendo-se para abraçá-la. — Como posso achar o contrário, quando você carrega a evidência do nosso amor? — John sussurrou em seu ouvido.

Margaret estremeceu ao ouvir tais palavras e se inclinou no conforto de seu abraço, sentindo-se seguramente envolvida em seu carinho. John deslizou a mão reverentemente sobre a forma

arredondada da esposa, perdido na fascinação pelo ventre volumoso que maturava sua semente. Um comovente orgulho brotou em seu íntimo, em saber que tinha contribuído para a vida que ali crescia. Eles permaneceram silenciosamente por algum tempo nos braços um do outro, desfrutando do prazeroso contato dos corpos, antes de ir para a cama.

No início da semana seguinte, Mr. Thornton levantou e se vestiu como de costume. Beijou a esposa enquanto estava deitada na cama, e desceu para o andar de baixo, onde se esforçou para parecer tão calmo quanto fosse possível. Na verdade, desde a noite da visita do doutor, estava relutante em sair do lado da esposa,

sabendo que a qualquer momento ela poderia começar a sentir as dores reais de parto.

Mrs. Thornton sorriu em seu íntimo ao ver a preocupação do filho ansioso, quando a relembrou mais uma vez de chamá-lo se houvesse qualquer mudança no estado da esposa. Ela concordou antes de receber um beijo do filho e vê-lo partir.

Quando enfim levantou, Margaret levou algum tempo para se vestir. Estava além de sua capacidade apressar-se a qualquer lugar no momento, com tal barriga. Dixon a ajudou com um dos poucos vestidos que ainda lhe serviam.

A criada suspirou ao lembrar-se do confronto que tinha vivenciado com a

senhora, algumas semanas antes. Dixon recordara para Mrs. Margaret que era tempo de buscar uma adequada ama seca. Ficou horrorizada ao descobrir que a patroa estava determinada a amamentar o filho. Dixon balançou a cabeça ao pensar em uma mulher Beresford optando por esta prática tão vulgar, mas sabia que seria inútil discutir com ela quando já estava decidida.

A jovem esposa grávida passou as mãos em seu ventre. A dilatação de sua pele era motivo de fascinação e admiração todos os dias, apesar de algumas vezes parecer mais uma carga.

Margaret não disse nada a Dixon que indicasse que aquela manhã pudesse ser diferente de qualquer outra, mas temia

que a intensidade das pontadas que sentia no momento pudesse aumentar durante o dia. Estava determinada a não alarmar ninguém, até que tivesse certeza.

Mrs. Thornton tomou o chá na mesa com a nora e notou que a jovem comeu a refeição mais delicadamente do que tinha sido seu hábito recente. A casa estava em silêncio quando foram para a sala de estar, onde Margaret pegou um livro, ao passo que Mrs. Thornton retomou a costura.

Nem uma hora havia passado quando Margaret abruptamente largou o livro e sentou-se rigidamente.

— Mãe... — ela gritou em pânico.

Mrs. Thornton ergueu a cabeça diante do grito da nora. Diante da visão

dos olhos assustados da moça, ela pôs a costura de lado.

— Margaret... as dores retornaram?

A jovem assentiu, fracamente, com as mãos no ventre.

— Devemos chamar o doutor e a parteira. Creio que você terá seu bebê hoje – ela disse gentilmente, dando-lhe um sorriso tranquilizador.

Mr. Thornton conversava seriamente com Higgins, enquanto o habilidoso trabalhador atendia a um tear na ampla tecelagem. O *master* desviou a cabeça para seguir o repentino olhar

distraído do amigo e localizar a criada da casa olhando de maneira acanhada em torno do pouco familiar barulho da fábrica. Sua face ficou pálida, suspeitando imediatamente do que Jane tinha a dizer e disparou na direção da moça sem uma palavra de despedida ao empregado.

Nicholas sorriu compreensivo ao ver a conduta do amigo e pediu a Deus que tudo corresse bem na residência dos Thorntons naquele dia.

Mr. Thornton subiu rapidamente as escadas, dois degraus por vez, para chegar até a porta do quarto da esposa.

— Margaret, posso entrar? — perguntou ao golpear a porta, sentindo perturbação em um último esforço de vê-la antes que estivesse aos cuidados dos

responsáveis.

Sua mãe abriu a porta, o olhar hesitante avaliando o temperamento do filho.

— Ela está se despindo, John, se preparando para o parto – a decidida matriarca anunciou para dissuadi-lo.

— Posso vê-la por alguns minutos? – ele rogou com tanta paciência e calma quanto pôde reunir.

Sua mãe cedeu em silêncio, e abriu mais a porta para permitir que ele entrasse.

Margaret estava parada no meio do quarto em suas roupas de baixo, com as faces pálidas em estupefação ante a enormidade do que a esperava pela frente.

Dixon olhou para o *master* com

censura, ao tomar a direção do guarda-roupa com o vestido de sua senhora.

— Margaret! — ele exclamou ao se apressar para seu lado. Tomando a mão dela nas suas, levou aos lábios, incapaz de abandonar o contato. — Você está bem?

— Tudo está bem no momento — ela respondeu, um lampejo de sorriso rompendo através de seu nervosismo.

Cada um de seus nervos formigaram com o anseio de tomá-la em seus braços e protegê-la de qualquer experiência difícil, mas sabia que seu amor não podia salvá-la do evento que se seguiria.

— O que eu posso fazer? — suspirou impotente, sabendo que logo

seria retirado do quarto, como ditavam o costume e a decência.

— Ore para que o parto seja rápido e que tudo fique bem. Estou certa que tudo sairá bem, John — ela emendou ao notar o medo que surgiu em seus olhos. — Iremos nos alegrar juntos antes de percebermos — ela lhe assegurou.

Ignorando todas as mulheres, menos àquela que estava à sua frente, John gentilmente segurou o queixo de Margaret e o acariciou com o dedo, admirando sua forte determinação. Inclinou-se para beijá-la ternamente, saboreando o toque com coração apertado. Separou-se dela com relutância, e olharam um pro outro sem dizer nada, até que Hannah chamou o nome do filho impaciente e ele se virou

para partir.

— John! — Margaret o chamou de volta. Ela puxou um lenço de seu camiseta, e entregou-o, seus olhos se comunicando com os dele.

John tomou a pequena lembrança gentilmente, e segurou firme suas mãos. Então, olhando para o rosto dela uma última vez, virou-se e saiu do quarto.

Mr. Thornton permaneceu diante da janela da sala de estar, olhando para enormes flocos de neve que flutuavam serenos diante de sua vista. A visão o paralisou, concedendo-lhe alívio momentâneo da insuportável agitação.

Observou a neve acumulada no solo, lentamente cobrindo tudo com uma camada branca. Olhou para cima para seguir a fumaça que bramia da chaminé da fábrica e desaparecia no céu cinzento. Abaixo, alguns carrinhos eram carregados e descarregados no pátio. A tranquila normalidade da cena parecia zombar de sua agitação. Naquele dia seu mundo iria mudar, mas o fluxo da natureza e das feitura humanas continuavam imutáveis.

Iria se tornar pai naquele dia! Por meses imaginara as alegrias e ansiedades que viriam com a paternidade. Sentia-se empolgado e apreensivo ao considerar que, o que um dia pareceu um conceito surreal, logo se tornaria realidade. Um poderoso e terno amor o transpassou, ao

imaginar a esposa segurando seu bebê nos braços.

Virando abruptamente da janela, olhou em direção da escadaria, antes de começar a caminhar pela extensão do aposento. Puxou o relógio do bolso para verificar a hora, como havia feito tantas vezes antes. Quase quatro horas haviam passado, desde que ele deixara Margaret em seu quarto. Há uma hora a mãe estivera ali dizendo-lhe que tudo parecia bem.

Não sabia quanto tempo mais poderia suportar a tortura de esperar sem saber nada. Sua inutilidade era palpável, enquanto caminhava a esmo da lareira para a janela, e novamente de volta. Se somente pudesse ajudar de alguma

maneira tangível, estaria livre desta miserável ociosidade! Perguntava-se se Margaret estaria precisando de seu conforto, se a dor assomasse.

Ansiava pelo fim de seus pensamentos tumultuosos, um paliativo para deixar sua mente tranquila. O medo envenenava como uma víbora, pronta para atacar em seu primeiro movimento na direção dos pensamentos funestos que ameaçavam destruí-lo. Lembrava, com perturbadora lucidez, os gritos de uma vizinha em trabalho de parto, em uma sombria noite de verão quando a família vivia em quartos alugados. A memória daquela noite aterrorizante, quando ele tinha somente começado a aventura de ser o cabeça da família, fazia-o estremecer.

Seus nervos tencionaram e ele deteve seus passos, buscando ouvir algum som diferenciado. O silêncio da casa exacerbava sua ansiedade, pois esperava ouvir gritos penetrarem a quietude do andar de cima.

Segurando no console da lareira, em busca de suporte, baixou a cabeça e inclinou-se pesadamente, ao lutar para ganhar domínio sobre os medos que começavam a tomar conta de si. Não suportava pensar em Margaret sentindo dor e engolia seco para recuperar sua compostura, que sentia desmoronar-se. Certamente o silêncio era um bom prognóstico, disse a si mesmo. Ela era forte e podia passar por aquela experiência, esforçava para assegurar a si

mesmo, recordando algo que sua mãe lhe havia dito mais cedo.

Erguendo a cabeça novamente, viu o lenço que Margaret tinha lhe dado, ainda seguro em sua mão. A pequena lembrança o acalmou e caminhou em direção à janela para olhar para o lenço na luz.

Mr. Thornton examinou as iniciais elegantemente pontuadas e a rosa amarela bordada no tecido. Ele sorriu ao ver o “T” inscrito ao lado do “M”. *A moça de Helstone havia tomado seu nome.* Seu dedo roçou suavemente sobre a flor amarela – símbolo da inocência e beleza que sempre fora a sua Margaret.

Se ele a perdesse... paralisou aterrorizado, sua mão tremendo ao levar o

lenço até o rosto. Não! Ele não permitiria que se abalasse com medo irracional. Devia confiar que tudo ficaria bem. Ela não tinha prometido que eles regozijariam juntos? Ergueu o queixo em determinada resolução. Fixar-se-ia naquelas palavras. Não havia outra escolha.

Margaret se segurou firme ao pé da cama, quando outro impulso para empurrar a percorreu; seus olhos estavam arregalados com espanto ao sentir o poder das contrações.

Dixon tentou uma vez mais persuadir Margaret a deitar-se, como seria apropriado para uma dama,

afligindo-se por causa da posição indecorosa em que se encontrava sua senhora quando as dores ficaram mais fortes.

Margaret ignorou o apelo da criada, focada somente em obter algum alívio do peso que sentia nas costas. Ela tinha se erguido sobre os joelhos, incapaz de permanecer inclinada na cama como lhe era pedido. A jovem usava uma longa camisola que a cobria de maneira apropriada, mesmo ao se pendurar de maneira pouco refinada na coluna de sua cama de quatro postes.

— Tenho certeza que não há nenhum mal em permitir que a gravidade a ajude — Mrs. McKnight, a parteira, calmamente afirmou para acalmar a

evidente estupefação de Dixon e Hannah Thornton. Dr. Donaldson tranquilamente assentiu, concordando.

Quando a forte sensação aliviou levemente, Margaret encontrou coerência para falar.

— John! Onde ele está? – ela perguntou, desesperada para sentir sua força tranquilizadora. Hannah e o doutor trocaram olhares desconcertados, diante do clamor da moça.

— Está tudo bem, Margaret. John está lá embaixo, como é apropriado. Eu vou chamá-lo aqui assim que o bebê nascer – Mrs. Thornton prometeu, tentando acalmar a moça.

— Por favor, chame-o agora – ela suplicou, a força de sua determinação

evidente na voz.

Mrs. Thornton ficou atônita, e ela trocou um olhar horrorizado com Dixon.

— Certamente não é necessário...
— a resoluta matriarca começou a falar.

— Por favor, ou eu mesma irei chamá-lo! — Margaret interrompeu em pânico, sua advertência expressada com clara determinação.

Hannah empalideceu, mortificada ao pensar no filho sendo convocado de tal maneira. Com grande trepidação, ela virou-se para fazer como lhe havia sido pedido.

— Talvez a presença dele possa confortá-la. Já ouvi falar sobre isto — Mrs. McKnight murmurou para Mrs. Thornton ao caminhar até a porta para buscar o

filho.

Mr. Thornton foi rapidamente até a escada ao ouvir o som de passos, e encontrou o olhar sem graça da mãe com semblante de expectativa.

— Ela chamou por você, John — a mãe informou diretamente com tons solenes.

Um sentimento de alegria exultante o invadiu, ao ouvir que Margaret o queria por perto. Mas, ao passar pela mãe subindo as escadas, um calafrio de medo penetrou sua espinha. *O que a havia impellido a chamar por ele?*, questionava-se. Instantaneamente, pôs de lado qualquer medo perturbador e preparou-se para qualquer cena que fosse enfrentar. Ele devia ser a força que ela precisava.

Suas mãos hesitaram na maçaneta por um brevíssimo momento, com o coração acelerado, antes de abrir completamente a porta. Todos os olhos observaram o *master* que caminhava de maneira decisiva até a esposa, demonstrando, em sua expressão, algo como terna compaixão.

Ainda ajoelhada na cama, Margaret largou o poste para firmar-se nas mãos do esposo. Ela o segurou apertado e inclinou seu peso sobre ele, ao encará-lo com confiança. Seus olhos comunicaram tudo que precisava ser dito.

Mr. Thornton auxiliou-a incondicionalmente, aliviado por, enfim, poder ajudar, apesar de intimamente estar estremecido por ver a esposa tão abalada.

— Oh! — Margaret soltou o fôlego, enquanto seu corpo mais uma vez comandava cada músculo na direção de seu propósito final. Não estando preparado para a súbita reação da esposa, Mr. Thornton cambaleou parcialmente, diante da força com que ela o segurou.

Os próximos minutos passaram como uma névoa de barulho e confusão: Mr. Thornton se esforçava em amparar sua esposa, ao passo que o doutor e a parteira falavam de maneira tranquilizadora com Margaret, à medida que ela arfava e expressava gemidos curtos em seu esforço.

Apesar de ter parecido uma eternidade para os esforçados pais, não foi muito depois que Margaret deu seu

último grito de esforço e relaxou a pressão sobre o esposo. A parteira exclamou com alegria e, no momento seguinte, o som de um novo tipo de voz permeou o ambiente – o choro saudável de uma criança elevou a atmosfera pesada para um ambiente de alegre vibração.

— É uma menina! – anunciou Mrs. McKnight.

Sua filha tinha nascido! Mr. Thornton, atordoado e confuso, assistiu a atividade que se desenrolava à sua volta como um observador distante. A criança que esperneava fora carregada para ser examinada e banhada pelo doutor e sua assistente, enquanto Dixon e sua mãe cuidadosamente ajudavam Margaret a deitar-se nos travesseiros. Durante esse

tempo, os gritos da criança recém-nascida enchiam seus ouvidos com estupefata admiração.

Lágrimas rolavam pelo rosto de Dixon. A menina que ela havia cuidado desde o nascimento tinha agora seu próprio filho.

Ninguém viu a orgulhosa avó secar os olhos com os punhos, ao presenciar a neta chutar e anunciar corajosamente sua entrada no mundo.

Dr. Donaldson caminhou na direção ao *master* com um amplo sorriso e estendeu a mão ao novo pai, tirando-o de seu devaneio.

— Parabéns. Mr. Thornton, o senhor é pai de uma garotinha saudável — ele confirmou ao apertarem as mãos.

— Obrigado — respondeu o atordoado *master*, sua face rompendo em um amplo sorriso, quando a inebriante constatação começou a fixar-se em sua mente — *ele era pai!*

Mrs. McKnight trouxe a pequena para a esposa e ajudou Margaret a colocá-lo no seio. John ficou fascinado diante da visão, incapaz de mover-se ou falar. Tudo com que ele havia sonhado, que considerava ser impossível, agora era seu; a moça que ele pensava que nunca o amaria tinha dado a luz a uma filha dele. Era possível receber uma benção mais profunda que aquela?

— Qual será o nome dela? — a parteira perguntou à mãe.

— Sophie... Sophie Maria —

respondeu Margaret com um sorriso, sua voz triunfante, apesar do traço de fraqueza. Ela olhou para o marido para partilhar sua alegria.

Mr. Thornton sorriu com alegria, e fitou a esposa com ternura e orgulho.

— Que nome adorável! — Mrs. McKnight respondeu, enquanto Hannah e John trocavam olhares involuntários.

Após o bebê ter sido amamentado, Hannah trouxe a neta adormecida para o filho, e colocou-a em seus braços hesitantes. A matriarca sorriu afetuosamente ao ver a estranheza do filho em seu novo papel.

— Ainda há coisas às quais devemos atender — ela o informou. — Por que não leva o bebê até seu quarto por um

momento? Eu o chamarei de volta quando tudo estiver finalizado – o instruiu, empurrando-o na direção certa com um aceno de cabeça.

A neve ainda caía suavemente, cobrindo tudo de branco e dispersando a nebulosidade do inverno. O brilho refletido fluía pela janela, como se o céu mesmo enviasse suas bênçãos àquele lugar.

Mr. Thornton ficou parado perto do pé da cama, segurando gentilmente sua filha recém-nascida. Ele ergueu o olhar para inspecionar os arredores.

O silêncio do quarto ecoava sua santidade, pois aquele era o lugar onde suas vidas haviam se mesclado de maneira mais tangível, e onde seu amor

fora esbanjado livremente. Fora esse amor que trouxera nova vida ao mundo, na forma da preciosa criança que tinha nos braços.

Seus olhos marejaram ao analisar a pequena com reverente fascinação. Nunca tinha visto nada tão lindo. Admirando a perfeita forma de seu narizinho, um sorriso vacilante se formou em seus lábios, ao notar, com carinho, como ela se parecia com a mãe.

Tinha mantido sua preferência em segredo; não dissera a uma única alma que esperava por uma filha. Estava certo que teria um filho muito em breve, mas desde que lhe fora revelado que uma criança estava crescendo no ventre da esposa, sonhara em criar uma filha. Ao observá-la

crescer, imaginava que teria imagens da alegre doçura e exuberante inocência que devem ter sido as principais características de sua Margaret quando menina.

Deu o primeiro beijo em sua testa e permitiu que seus lábios se demorassem na pele aveludada sob a suave pressão. Ergueu a cabeça lentamente, para observá-la novamente, maravilhado de que ela estivesse finalmente ali.

Após algum tempo, sua mãe entrou no quarto pela porta de conexão. Ele olhou de maneira franca para reconhecê-la, seus brilhantes olhos azuis comunicando admiração ao segurar o bebê em seus braços.

O coração de Hannah se derreteu ao vê-lo daquela maneira.

— Ela é linda, John! – disse quando se juntou a ele na contemplação da formosa perfeição da face rosada que aparecia entre a manta de flanela. Hannah notou com orgulho o traço de cabelo escuro na testa da criança.

— Você será um bom pai – ela disse, movendo o olhar para encontrar seus olhos.

— Obrigado – ele murmurou, incapaz de achar sua voz.

— Margaret é uma jovem extraordinária. Será uma ótima mãe – comentou com um raro elogio.

John assentiu em concordância, agradecido pela confiante avaliação de

sua mãe.

— Venha, e veja sua esposa – ela acenou com um sorriso afetuoso.

Dixon carregou o bebê para o berçário, para permitir que Margaret descansasse, e antes que Mr. Thornton cruzasse o quarto, Dr. Donaldson pediu para conversar com ele por um momento.

Logo após saírem do quarto, no corredor, o doutor informou a Mr. Thornton que tudo tinha saído bem.

— Nem todas as mulheres têm tanta sorte. Sua esposa possui uma constituição muito forte. Creio que vocês ainda terão muitos filhos – comentou candidamente, fazendo com que o *master* concordasse com um sorriso. — Agora, ela precisará descansar por alguns dias,

tomando cuidado para que não se esforce sem necessidade nas primeiras semanas. E como eu digo a todos os novos pais a quem atendo, é melhor se abster de relações maritais por pelo menos, um mês, para promover a cura — ele aconselhou solenemente.

— É claro — Mr. Thornton concordou com o cenho franzido, desviando o olhar por um momento, antes de encontrar o olhar do médico com uma expressão séria. Ele precisaria ser paciente para desfrutar da atenção de sua esposa.

Dr. Donaldson ofereceu mais uma vez suas felicitações e apertou a mão do *master* antes de partir.

Tudo estava silencioso quando Mr.

Thornton retornou ao quarto, onde a esposa estava deitada com os olhos cerrados. A recente excitação e atividade da última hora foram substituídas pelo sereno silêncio. Os olhos de Margaret se agitaram para abrir quando ele sentou calmamente na cama ao seu lado e estendeu a mão para acariciar sua face, aconchegando os dedos nos cabelos da esposa.

Ela virou o rosto para encostar-se à mão de John e beijar a palma, ele recompensou o gesto com um beijo suave em sua testa.

— Creio que seja difícil para as mulheres — comentou John, ao recostar-se para encará-la com amorável admiração.

Margaret sorriu ao ouvir a

observação.

— Nós aprendemos a suportar — ela sugeriu, calmamente.

John tomou a mão da esposa e ela alegremente uniu seus dedos com os dele.

— Você foi incrível — elogiou ele.

— Agora você é pai — anunciou ela, alegremente, numa tentativa de desviar a atenção de si mesma.

— E você é mãe — replicou ele com um sorriso cálido. — Você está feliz? — perguntou John, seus olhos azuis comovendo-a a responder.

— Estou cansada, mas muito contente — ela respondeu com um sorriso animado. — Ela é tão linda, não é?

— Ela é — concordou. — Muito linda — expressou ele em um sussurro

reverente, ao inclinar-se para beijar sua testa novamente.

— Você está feliz – ela pronunciou como uma afirmação hesitante, seus olhos esperançosos ao buscar a resposta em seus olhos.

— Eu sou o marido e o pai mais feliz de Milton – declarou John com absoluta segurança, e sentiu-a apertando sua mão em resposta. — Devo deixá-la descansar – decidiu ele, apesar de não fazer nenhum movimento para sair.

— Você ficaria comigo mais um pouco? – ela pediu.

— Como desejar – respondeu com um sorriso amplo. Ele se levantou, decidindo juntar-se a ela na cama. John não tinha percebido até aquele momento

quão exausto se sentia, agora que a batalha contra a tensão e o terror havia terminado. Tirou as meias e sapatos e subiu na cama, ajeitando-se ao lado de Margaret, tomando a mão dela mais uma vez e trazendo-a até os lábios. Os dois caíram no sono profundo.

O restante do dia passou como uma névoa, e após uma noite passada sozinho em sua cama, Mr. Thornton não se sentiu muito animado ao acordar para se preparar para o trabalho na manhã seguinte. Quando se sentou na cadeira do escritório, segurando a pena, percebeu que havia perdido o propósito. Não tinha nenhuma vontade e interesse no trabalho.

Higgins entrou pela porta aberta e parou para refazer os passos diante da

vista do *master*.

— Posso lhe oferecer meus parabéns? — perguntou com um sorriso animado ao parar na entrada da porta.

O semblante do *master* se iluminou ao ouvir as palavras do amigo.

— Sou o pai de uma garotinha — anunciou ele com orgulho.

— Sim! Parabéns, Thornton! — disse ao caminhar e apertar as mãos do amigo. — Ela irá roubar seu coração e você não conseguirá tomá-lo de volta — advertiu Higgins com um sorriso sagaz.

Mr. Thornton soltou uma risada e aquiesceu com um aceno.

— Como está Margaret? — perguntou Higgins, mais sério.

— Ela está indo bem.

Descansando – o novo pai respondeu.

Higgins observou a postura inclinada do amigo e o cabelo levemente bagunçado.

— Parece que você também está precisando de um pouco de descanso. Por que não volta para sua esposa e filha? A fábrica pode funcionar sem você um dia ou dois – ele encorajou o *master* com afetuoso respeito.

Mr. Thornton olhou para o empregado com certa surpresa. Nunca tinha pensado em tirar um dia de folga, tão enraizada estava sua rotina diária.

— Sim, creio que irei – respondeu John, dando ao amigo um sorriso agradecido.

Higgins virou-se para partir.

— Higgins — o *master* chamou-o. — Diga aos funcionários que haverá bolo e cerveja para celebrar. A hora do almoço pode ser estendida hoje — ele pronunciou com semblante radiante.

Nicholas assentiu de maneira favorável, com um sorriso.

Mr. Thornton já estava na porta, cruzando o pátio da fábrica, quando um cordial “viva!” irrompeu dos trabalhadores diante do anúncio de Higgins. O amigo do *master* não pôde suprimir o riso que surgiu em sua face. Sentiu orgulho paternal em partilhar a felicidade dos Thorntons, por sua recente bênção e boa sorte. Nenhum outro patrão na cidade receberia tais votos de felicidade de seus funcionários. Porém,

nenhum outro patrão alcançou a estatura e a decência do *master* de Marlborough Mills.

Nos dias que se seguiram, Mr. Thornton sentiu que sua vida doméstica tinha virado de pernas para o ar. Recolhendo-se mais cedo, a esposa dormia em seu quarto, enquanto Dixon cochilava em um leito ali perto. A criada trazia o bebê para a senhora amamentar, e a levava de volta ao berçário para o restante de cada noite, para dar a nova mãe, um tranquilo descanso.

Apesar de saber que este arranjo era para ser conveniente para a mãe lactante, assim como para dar-lhe sono silencioso, Mr. Thornton sentia falta do conforto da presença da esposa à noite.

Inquieto e solitário, dormia de forma inconstante e despertava com frequência ao ouvir o choro da filha, ficando desperto algum tempo depois ao tentar imaginar a cena que se desenrolava no quarto ao lado.

Uma noite, Mr. Thornton acordou ao escutar os gritos da filha e ficou deitado com os olhos abertos, enquanto a criança continuava a chorar entre poucos intervalos de calma. Quando não conseguiu mais suportar, jogou as cobertas e vestiu a calça para ver se podia ser de alguma ajuda.

Dixon pareceu surpresa ao ver o desarrumado *master* entrar de repente no quarto, sem ter dado nenhum aviso. Margaret olhou suplicante para o marido.

Segurando a criança chorosa em seus braços, ela parecia à beira das lágrimas.

— Ela não para de chorar. Já tentamos de tudo – ela disse com a voz trememente em desespero.

Mr. Thornton se adiantou para pegar o bebê, e sua esposa entregou-lhe a trouxinha de boa vontade. Ele caminhou lentamente em volta do quarto, suavemente cantarolando uma canção de ninar, ao acalentá-la em seus braços. Em alguns minutos, Sophie estava dormindo e John a colocou nos braços da esposa novamente.

As duas mulheres o encararam atônitas.

— Acham que ela não conhece a voz do seu pai? – questionou ele com um

sorriso.

Margaret entregou o bebê a Dixon, que carregou-a cuidadosamente para o berçário para o restante da noite.

Relutante em sair, Mr. Thornton permaneceu em pé no meio do quarto.

— Você poderia se juntar a mim no outro quarto? Tenho me sentido um pouco sozinho nos últimos tempos — ele confessou, humildemente, com olhar suplicante.

— Estou sentindo sua falta também — respondeu Margaret com um sorriso caloroso, ao caminhar até ele e envolvê-lo com seus braços.

Mr. Thornton acordou na manhã seguinte sentindo-se muito mais descansado. E sabia qual era a razão.

Uma delicada mão relaxadamente agarrada em seu braço, e longas mechas de cabelo castanho soltas sobre seu ombro. John virou-se cuidadosamente para observar a esposa ao dormir. Incapaz de resistir a vontade de tocá-la, acariciou suavemente sua face, antes de inclinar-se e depor um beijo em sua testa.

Margaret se espreguiçou, e seus olhos se agitaram para abrir. Fitou o marido por um momento, antes de sentar-se assustada.

— O bebê! Dixon irá trazê-la... — ela começou a dizer, enrubescendo ao pensar na confusão de Dixon diante de sua ausência.

— Ela a encontrará. Está tudo bem — o marido a tranquilizou, sentando-se ao

lhe acariciar braço. Tão logo John finalizou as palavras, uma batida foi ouvida na porta do quarto contíguo, e Margaret acenou para que Dixon entrasse.

A robusta criada soltou um suspiro insatisfeito e um olhar desconfiado para o *master*, que por certo persuadira Margaret a abandonar sua própria cama. Relutantemente entregou o bebê desperto para a senhora, frustrada ao pensar que Margaret estaria se expondo ao olhar curioso do marido. Dixon balançou a cabeça em impotente resignação ao deixar o quarto. *Era inútil discutir o assunto com uma moça tão teimosa.*

— Obrigado por ajudar na noite passada — Margaret disse ao se preparar para amamentar o bebê. — Sinto muito tê-

lo perturbado. Talvez eu deva ir para o berçário.

— Não, prefiro tê-la por perto. De fato, esperava que pudesse voltar para esta cama — comigo — confessou de maneira hesitante, a expectativa em sua voz acalentando o coração da esposa.

— Mas você precisa descansar — replicou, querendo saber se ele estava certo de sua escolha.

— Para dizer a verdade, eu não tenho dormido bem nos últimos dias. Acordo cada vez que nossa filha chora, apesar da parede entre nós. Não vejo razão para que deva permanecer separada. Talvez eu possa ajudá-la — sugeriu.

— Se você quer assim.

— Eu quero — respondeu John com convicção, quando um sorriso cálido se espalhou em seu semblante.

Na primeira manhã de primavera, um fraco alvorecer penetrou o grande quarto. Mr. Thornton despertou com um sentimento de calmo contentamento. A esposa estava deitada de frente para ele, com a filha aninhada entre os dois. John acariciou levemente a cabecinha de Sophie, e traçou os dedos por seu bracinho. Então, dispôs a mão no quadril da esposa enquanto dormia. John não podia evitar o sorriso. Seu mundo estava repleto com o brilho do amor, permeando tudo com um propósito estabelecido. Não muito tempo atrás, ele não poderia ter imaginado que essa felicidade fosse

possível para alguém como ele. Olhando com admiração para as lindas feições do rosto adormecido de sua esposa, agradeceu aos céus pela milésima vez por ter mandado a moça da região campestre de Hampshire para Milton.

CAPÍTULO XXIII

Uma luz pálida irradiava através da ampla janela do quarto do *master*. Distante se ouvia o chilrear de pássaros empoleirados na cumeeira do telhado. John se virou na direção da esposa, admirou o rosto em sereno repouso, antes de se inclinar para beijar, carinhosamente, em seu nariz, cílios e bochechas.

— Neste dia, um ano atrás, estávamos nos casando – disse ele, calmamente, sua voz grave vibrando com reverência.

— Você lembrou... – Margaret respondeu sonolenta; no seu semblante, um sorriso contente. Finalmente abriu os

olhos para ver o marido fitando-a com ternura.

— Não poderia me esquecer. Cada manhã, quando acordo e a vejo aqui ao meu lado, sou lembrado da minha grande sorte – ele a puxou para mais perto do calor do seu corpo.

— E eu reconheço a minha, cada noite, quando você vem para casa – respondeu ela, olhando diretamente em seus olhos. Margaret desfrutou da proximidade com o marido, ansiando por sentir a pressão do seu peso sobre ela.

— Margaret – John murmurou e beijou-a nos lábios como recompensa. Ela instantaneamente foi inflamada pela paixão. Um gemido baixo saiu da garganta de John quando Margaret deslizou

vagarosamente as mãos por suas costas, e afundou os dedos no cabelo para trazê-lo para mais perto. Ele se moveu para torná-la cativa sob seu corpo, mas ouviu-se o choro de uma criança.

Mr. Thornton, relutante, ergueu a cabeça; rolou para seu lado da cama com um leve suspiro; só então libertou Margaret de seu domínio, enquanto ela descia da cama e pegava a filha do berço.

O ardor dele diminuiu, transformando-se em um doce deleite, ao ver a esposa erguer a filhinha nos braços. Sorriu ao observar Margaret beijar a rechonchuda bochecha rosada. Sophie tinha parado de chorar.

Mr. Thornton permaneceu na cama mais alguns minutos, antes de empurrar as

cobertas para iniciar sua rotina matinal. Os olhos da esposa o seguiram por todo o quarto, enquanto ele tirava o pijama para fazer sua toailete.

— Pensei que podíamos pegar o choche para um almoço ao ar livre hoje — sugeriu John, passando a mão pelo cabelo meio úmido e secando o rosto. — Posso chegar em casa ao meio-dia para buscá-la — propôs ele, ao se aproximar do guarda-roupas.

— Oh sim, seria ótimo! Parece que o tempo está firme hoje — Margaret respondeu, animada. O bebê sugava tranquilamente, e a jovem mãe estava encostada nos travesseiros.

— Ótimo. Tenho alguns assuntos para resolver na fábrica pela manhã, mas

pretendo tirar uma folga com você pelo restante do dia – os lábios dele se abriram em um sorriso maroto.

— Então eu confiarei em sua promessa – respondeu Margaret com um divertido brilho nos olhos.

Os gramados íngremes no entorno de Milton proveram uma visão muito pitoresca da cidade. Quando a carruagem rodava na direção da residência, Margaret observou, com ternura, o verde primaveril, até que um suave aperto em sua mão chamou sua atenção para o homem sentado ao seu lado. Ela lhe deu um caloroso sorriso e John se inclinou

para beijá-la.

Seus lábios, a princípio, roçaram leve e ternamente, mas quando Mr. Thornton estendeu a mão para segurar o rosto da esposa e trazê-la mais perto de si, os beijos rapidamente se tornaram mais apaixonados. Apenas recentemente eles haviam retomado suas relações íntimas, mas o tempo que tinham para tais demonstrações de afeto não eram tão regulares quanto desejava Mr. Thornton. A esposa estava frequentemente exausta ao final do dia e as manhãs eram repletas do temor de acordar a filha. No momento, podiam depender somente dos domingos à tarde para prover a perfeita oportunidade, quando Sophie cochilava por longas horas no berçário.

Sozinhos, na privacidade do coche, os beijos de Margaret acenderam o desejo dele. Baixou as mãos inquietas para seguir as curvas da silhueta da esposa. Ela, gentilmente, empurrou seu peito e se libertou do beijo. Seus olhos luminosos imploraram que ele entendesse.

— Em breve já estaremos rodando nas ruas da cidade — ela o advertiu, sentindo o coração apertado ao ver o desapontamento nos olhos dele.

Ele assentiu e pressionou a cabeça da esposa em seu ombro em terna solicitude por suas nobres sensibilidades. Margaret se aconchegou nele alegremente, ajustando sua mão na dele, sobre sua coxa, à medida que a carruagem continuava a chacoalhar.

A expressão de Mr. Thornton era plácida ao observar vagamente a paisagem. Ele se repreendeu por seu humor taciturno, mas não pôde reprimir a frustração que persistia, ao passo que seus desejos frustrados lentamente se acalmavam. Inclinou-se para beijar a cabeça da esposa, e percebeu que seu cabelo tinha o perfume do fresco aroma da primavera. Seu coração se animou ao recordar a razão de sua pequena excursão. Estavam completando um ano de casados. Lembrando-se do grande amor que existia entre eles, não pôde deixar de sorrir, ao apertar com carinho a mãozinha que tinha entre as suas e segurá-la bem perto de si.

Tão logo chegaram em casa, Margaret correu para o andar de cima ao

ouvir o choro da filha, deixando Mr. Thornton fazendo companhia para a mãe na sala de estar.

A jovem mãe retornou algum tempo depois trazendo Sophie em seus braços. A menina estava satisfeita e alerta, mantinha os olhos azuis focados em sua mãe.

— Não encontrei Dixon — Margaret ofereceu como explicação para o fato de ter trazido a criança para o andar de baixo.

— Hoje é terça-feira, ela certamente foi buscar os impressos — respondeu Mrs. Thornton. — Dê-me a criança. Eu irei apreciar entretê-la por algum tempo — insistiu Hannah, estendendo os braços para pegar a neta.

Margaret entregou a filha para a zelosa avó, que sorriu satisfeita.

— Por que vocês não vão descansar? Eu tomarei conta de Sophie — sugeriu ela, já tomada de adoração. Seus olhos cintilantes fitavam encantados o olhar franco de Sophie. — Podem ir — ela enxotou o casal com um rápido movimento de cabeça.

Mr. Thornton levantou-se de seu assento, ansioso para ficar sozinho com a esposa. Seguiu Margaret em silêncio pelas escadas, e para dentro do quarto, trancando a porta atrás de si.

Ela se virou para encará-lo, mas antes que pudesse falar, John diminuiu a distância entre eles e a circulou com seus braços. Margaret segurou a respiração ao

reconhecer seu propósito, seus olhos azuis ardendo com a intensidade de seu desejo. Não ofereceu nenhuma resistência quando ele tomou seus lábios. Seus beijos famintos derreteram-na, e ela sentiu o calor ardente de seu próprio desejo surgir em resposta ao dele. Correndo as mãos ao longo do colete do marido, estremeceu ao sentir a firmeza de sua figura, antes de fechar os braços em torno do pescoço dele em absoluta entrega.

Aquela noite, na hora de dormir, Dixon finalizou o fechamento dos laços na parte de trás do vestido de noiva de Margaret, enquanto a jovem noiva se

admirava no longo espelho. A robusta mulher deu um sorrisinho ao pensar na ideia romântica de sua jovem senhora. O vestido não fechava totalmente em torno do busto, mas aquilo já era esperado. Dixon balançou a cabeça. Era difícil acreditar que seu jovem fardo já era mãe. Mas estava feliz, a leal criada recordou a si mesma, seu coração aquecido ao pensar na felicidade de Margaret com a vida que tinha escolhido.

Uma batida fraca vibrou à porta que unia os dois quartos.

— Margaret? — soou a voz do marido, pacientemente solicitando sua entrada.

— Obrigada, Dixon. Isso é tudo — Margaret calmamente dispensou a criada,

antes de responder ao chamado do marido em tons mais sonoros. — Entre — ela disse com uma leve ansiedade, ajeitando superficialmente as saias a sua completa extensão.

John deu um passo para dentro do quarto antes de ficar paralisado ao vê-la. A memória comovente do dia de seu casamento tocando seu íntimo.

Atraído como um imã, estava ao lado de Margaret, para depositar um beijo demorado nos lábios que continuamente o enfeitiçavam com sua macia suavidade.

— Você está linda como sempre — exclamou com reverência, enquanto seu olhar deslizava sobre as feições da esposa, com a face perto da dela.

Margaret estava, ele considerava, ainda mais bonita, pois ele agora conhecia cada nuance da expressão de seu rosto e cada contorno de seu corpo. Margaret havia há pouco passado pela adolescência quando se casaram, mas agora, ali estava diante dele uma mulher bem amada que havia dado a luz a uma criança.

— O vestido não me serve perfeitamente, mas eu queria tanto prová-lo — confessou ela, satisfeita pela reação favorável do marido. Gloriava-se na lembrança do dia que possuía significado tão especial para ela. — O que você tem aí? — perguntou ela, curiosa, olhando para o embrulho que John segurava firmemente.

— Feliz aniversário! — respondeu ele com um sorriso terno, entregando-lhe

o presente.

Margaret fitou o marido, sorrindo-lhe docemente ao erguer a grande caixa de suas mãos. John observou perplexo quando Margaret virou-se para deixar o pacote na cama, e cruzou o quarto para buscar algo em seu guarda-roupa. Ela retornou e lhe entregou uma tela enrolada.

Mr. Thornton desatou as fitas que a prendiam e desenrolou o papel para ver a pintura de um riacho curvo, que passava por uma floresta pacífica, com exuberantes pastos verdes em primeiro plano.

— Este é o lugar onde ficamos... em Helstone – ele balbuciou ao analisar a pintura, admirado por ela ter conseguido

captar o lugar que recordava com tamanha afeição.

— É uma das pinturas que fiz enquanto esperava a chegada de Sophie. Queria surpreendê-lo – ela explicou, vibrando com satisfação diante da resposta do marido.

— Está muito bom. Reconheci o lugar imediatamente – com a grande rocha e o caminho onde vira o riacho – John apontou ao comentar o trabalho da esposa. — Eu mandarei emoldurar e pendurar no meu escritório – comentou ele, olhando para ela com grande apreciação.

— Eu não acho que iria combinar... – ela começou a dizer com modéstia.

— Irá combinar perfeitamente –

ele finalizou, resoluto. — Eu irei estimá-lo como lembrança daqueles maravilhosos primeiros dias — disse ele, voltando para beijá-la. — Agora, você deve abrir seu presente — um sorriso cálido se espalhou em seu rosto em antecipação pela aprovação dela.

Margaret rasgou o papel para revelar uma bela caixa de jacarandá com bronze incrustado.

— Oh, John, é lindo! — ela expressou, entusiasmada.

— Abra — John a encorajou, ansioso para que ela visse completamente.

Margaret levantou a cobertura para encontrar jarras com tampas de prata, acomodadas em pequenos compartimentos alinhados em veludo

verde.

— É uma maleta de viagem! – ela ponderou em voz alta ao inspecionar os desenhos entalhados nas tampas de prata.

— Há uma gaveta abaixo para suas joias – ele mencionou ansioso, estimulando-a a abrir.

Margaret puxou uma pequena gaveta linear, aveludada, para encontrar um pequeno rolo atado com um laço. Ela olhou para ele confusa, e John acenou para que ela abrisse. Desfazendo o laço, ela desenrolou o pergaminho para ler.

“Feliz aniversário, minha querida esposa!

Simples palavras nunca poderão descrever o que esse ano significou para

mim. Só você pode compreender, pois quando olho em seus olhos sei que meu coração encontrou seu lar.

Quer vir comigo para Helstone mais uma vez? Fiz todos os preparativos para nos hospedarmos no chalé por quinze dias no verão. Estou ansioso para retornar ao lugar onde céu e terra parecem se encontrar. As lembranças daqueles dias ficarão guardados em meu coração para sempre.

*Seu,
John.”*

Os olhos de Margaret encararam o semblante radiante do marido.

— Sério? Iremos até lá mais uma vez? – ela lançou-se nos braços dele.

— Não disse que iríamos retornar? — ele respondeu, emocionado, por ver a euforia de Margaret, ao agarrar-se à sua cintura.

— Quando iremos? — ela perguntou, ansiosa, encarando-o com olhos luminosos.

— Os Thompsons sugeriram o início de julho, então temos que esperar um mês. Pensei em levarmos mamãe, para que ela conheça o campo e para ajudar a tomar conta de Sophie. Você, certamente, terá tempo suficiente para fazer todos os preparativos necessários.

— Estarei contando os dias.

Mr. Thornton lançou a cabeça para trás para rir do radiante entusiasmo dela.

— Eu também contarei os dias,

mas por agora quero desfrutar esse momento – ele respondeu.

Margaret levantou o rosto para encará-lo, em consentimento. Seus lábios se encontraram em suave ardor, até que a faísca se transformou em chamas.

Quando o dia da viagem chegou, a agitação e o barulho da estação amplificaram a empolgação do casal para começar suas férias. Para transeuntes desconhecidos, o semblante de Hannah Thornton não revelava ansiedade. Mas seus olhos agitados e lábios franzidos eram devidamente percebidos pelo filho, que reconhecia sua inquietação por estar

sendo tirada da sua rotina de vida por toda uma quinzena.

A inquietação da experiente mulher desapareceu tão logo Sophie fora colocada em seus braços. Margaret estava bem consciente da confortadora alegria que a neta trazia à sua sogra. A jovem mãe não poderia estar mais satisfeita que tal precioso laço tivesse sido formado entre as gerações, e recordava com um toque de divertimento quão austera e insensível ela havia presumido ser Mrs. Thornton em seus primeiros encontros.

Mr. Thornton não conseguia conter o sorriso fácil que se formava em seus lábios. Sentia o peso das responsabilidades empresariais caindo de seus ombros por um tempo, e estava

ansioso para revisitar o belíssimo lugar onde tinha passado a semana mais gloriosa de sua vida.

Quando já tinham viajado por algumas horas e Milton já ficara para trás, Mr. Thornton se encontrou sozinho em seu compartimento com sua esposa. Sophie estava dormindo no *moisés* aos seus pés, o balanço regular e o estalar do trem haviam conduzido a mãe a um tranquilo cochilo. Suas mãos ainda seguravam levemente o bordado.

O *master* inspecionou o compartimento – era quase como se estivessem sozinhos. Um amplo sorriso iluminou seu semblante, ao deslizar o braço em torno dos ombros da esposa. Margaret tirou o rosto da janela para dar a

ele um sorriso afetuoso, aconchegou-se mais perto do confortável abraço.

— Nós temos uma hora, talvez um pouco mais, antes de chegarmos em Londres – ele afirmou, suavemente.

— Sim, eu sei. Estava mesmo pensando sobre a última vez que viajei para Londres, com tia Shaw – ela respondeu com uma leve hesitação, diante da amarga memória do dia em que partiu de Milton sem ele.

Um tremor perpassou o corpo de Mr. Thornton, ao recordar vividamente quão intensa fora a dor de se separar dela, somente alguns momentos após descobrir que Margaret estava disposta a aceitá-lo.

— Achei que meu coração fosse partir naquele dia. Ainda mal podia

acreditar que você gostasse de mim – ele respondeu. Sua voz estava grave.

— Mas eu gostava! – ela respondeu, virando o rosto para olhar para ele, para que visse que seus olhos brilhavam com ardente compaixão. — Porém, não tinha admitido completamente o quanto, mesmo para meu próprio coração, até descobrir que você ainda tinha sentimentos por mim! – ela confessou, baixando o olhar, e erguendo novamente para ele. — Quando encontrei aquele bilhete no livro que me deu... eu não ousava sonhar que você ainda me amasse, depois de tudo que tinha feito...

Mr. Thornton tomou o rosto de Margaret em suas mãos.

— Eu não pude deixar de amá-la.

Quando veio me dizer adeus, senti como se o meu mundo tivesse chegado ao fim. Estava certo de que você nunca retornaria ao lugar que eu acreditava que desprezasse. Quando me disse que *havia passado a gostar de Milton*, minhas esperanças alçaram voo, ao pensar que, apesar de tudo, você podia ter qualquer sentimento por mim. Eu não podia deixá-la partir sem saber se eu tinha a chance de ganhar a sua afeição. Pedi a Deus para que você encontrasse o bilhete a tempo, mas não sonhava que me mandaria uma resposta tão rapidamente! – reconheceu ele, com seus olhos inflamando Margaret com terna paixão, diante da reminiscência dos eventos daquele dia.

Margaret olhava-o cheia de

admiração.

— Quando eu compreendi o que o bilhete insinuava, não pude deixá-lo acreditar em nada além da verdade, nem por um segundo mais – eu o amava, John. Eu finalmente tinha conseguido ver claramente. Eu amava você, John Thornton, por mais tempo do que acreditava – ela revelou, seus olhos luminosos e radiantes de amor.

As palavras não eram mais necessárias. Mr. Thornton capturou seus lábios pelo tempo que a privacidade os permitiu.

Em Londres, a família Thornton

planejara ficar hospedada em Harley Street por uma noite para visitar os parentes de Margaret. Seguiriam para Helstone no dia seguinte. O arranjo acabaria se tornando uma prática comum nos anos seguintes.

Tia Shaw estava satisfeita por ver a sobrinha radiante de felicidade, e todos estavam contentes por conhecer a pequena Sophie. Edith e Maxwell estavam jubilosos por apresentarem sua nova adição à família. A filhinha, Emmeline, havia nascido no mês anterior. Edith estava certa que um dia Sophie e Emmeline seriam boas amigas assim como Margaret e ela haviam sido.

Sholto não deu muita atenção aos bebês e rapidamente retomou sua amizade

com Mr. Thornton, durante o curto espaço de tempo que esteve na sala com a família.

Hannah Thornton esforçou-se para ser o mais sociável possível e admirou a honestidade bem-humorada de Maxwell. Ela silenciosamente elogiou a casa, enquanto os outros conversavam, notando satisfeita a grandeza na qual Margaret vivera por tantos anos. Apesar de não estar propensa a ficar excessivamente impressionada com a residência de Mrs. Shaw, Hannah sentia-se grata por Margaret nunca haver planejado transformar sua casa em Marlborough Mills em uma impressionante réplica da ornamentação de Londres.

Na manhã seguinte, quando chegou

a hora de partir, Edith lamentou que a visita tivesse sido tão curta, insistindo para que os Thorntons voltassem em breve. Margaret desfrutara muito da visita e ria dos protestos da prima, entretanto, estava ansiosa para continuar sua jornada para Helstone.

O passeio de carruagem da estação de Southampton era refrescantemente pitoresco, mesmo que as estradas, em muitos trechos, estivessem longe de seus ideais de conforto. A doce essência de carqueja permeava o ar por quilômetros, e os arbustos e colinas ondulantes pareciam vivos, com a rica cor das matizes naturais. Quando a carruagem se aproximou do chalé, Margaret sorriu para o esposo e ele tomou sua mão

compreendendo sua empolgação.

Quando, finalmente, chegaram, Margaret desceu, incapaz de esperar um minuto e inalou a fragrante essência de lavanda que crescia em profusão ao longo da entrada da frente. Mr. Thornton auxiliou sua mãe, que sentiu a serenidade da beleza do lugar à sua frente tão logo desceu.

Margaret caminhou pela casa com Sophie em seus braços para constatar que tudo estava exatamente como se lembrava, antes de subir as escadas para chegar ao quarto.

Mr. Thornton entrou no aposento alguns minutos mais tarde, para alegremente inspecionar o quarto, do qual se lembrava com particular afeição.

Abraçou a cintura da esposa por trás, puxando ela e a filha para seu abraço. Encontrando com os lábios, um lugar no pescoço da esposa, pincelou leves beijos, desde o ombro até a orelha.

— É uma pena que não estejamos sozinhos – ele sussurrou com a voz grave, provocando um calafrio de prometido prazer pela espinha de Margaret.

— Temos que nos certificar que sua mãe esteja bem acomodada – respondeu Margaret, mas seu coração batia apressado, ao sentir as contínuas ministrações do marido em seu pescoço.

John se separou dela de maneira relutante, para oferecer ajuda à mãe.

Após arrumarem os pertences nos quartos, Mrs. Thornton recusou a educada

sugestão de tirar um cochilo, declarando que a jornada não tinha sido tão longa e que preferia desfrutar do ar fresco. Logo o grupo saiu e John e Margaret acompanharam Mrs. Thornton em um curto passeio pela propriedade em torno do chalé.

Não muito tempo depois, Mr. Thornton trouxe uma cadeira para a mãe e ela sentou-se, confortavelmente, embaixo de um grande carvalho com a desperta Sophie sobre os joelhos. O berço e a cesta de costura estavam prontas para o uso em ambos os lados. Margaret observou a filha olhando para os ramos, quando a sogra ergueu a criança até seu rosto para um beijo.

Mr. Thornton apertou a mão da

esposa.

— Vamos dar uma caminhada? — ele sugeriu, convencido de que a mãe e filha estavam bem instaladas.

Margaret olhou para a posição do sol, sentiu o ar quente e disse:

— Preciso trocar minhas roupas de viagem e vestir algo mais fresco. Talvez você queira tirar o casaco — sugeriu ela, ao puxar a mão do marido e dirigir-se ao chalé.

Margaret largou a mão dele para subir as escadas à sua frente. Após vencer alguns degraus, lançou um olhar travesso sobre o ombro e subiu.

Para não ser deixado para trás, John rapidamente a seguiu para dentro do quarto e trancou a porta atrás. Para seu

deleite, Margaret se jogou em seus braços e pressionou seu corpo contra o dele, eliminando qualquer fingimento de seu real propósito em retornar ao quarto que guardava tantas memórias íntimas.

Eles emergiram do chalé mais tarde, em roupas mais confortáveis. Margaret usava uma saia azul-pálido e camisa branca e suas faces estavam iluminadas. Mrs. Thornton ficou perplexa ao ver o filho vestido de forma casual, com as mangas da camisa arregaçadas, mas ficou satisfeita em vê-lo parecendo tão absolutamente contente. O casal explicou sua intenção de dar uma caminhada e prometeu regressar dentro de uma hora.

A beleza calma da vegetação que

os circundava era serenamente convidativa. Caminharam alegremente de mãos dadas até a margem da nascente. A água cintilava na cálida luz solar, e as pastagens balançavam sobre a margem. A floresta oferecia sombra para as flores silvestres crescerem à margem oposta.

— Tudo está exatamente como eu recordava – disse Mr. Thornton, quando seus olhos capturaram a visão. Ele tomou Margaret em seus braços, abandonando a pitoresca visão para uma ainda mais encantadora. — Faz um ano que eu a levei para casa para ser minha esposa. Sua vida tem sido aquilo que esperava... ao meu lado? – ele perguntou, seus puros olhos azuis prendendo os dela.

Margaret envolveu seus braços em

torno do pescoço dele e sorriu.

— Nunca duvidei de que seria feliz, desde que você me amasse. Meu único desejo é trazer a você felicidade em retorno – ela respondeu, esperançosa, ao passo que seus expressivos olhos observavam os do marido.

John beijou-a em resposta, antes de liberá-la gentilmente de seu abraço.

— Quando a beijei no riacho, no dia do nosso casamento, eu sabia que meus dias nunca mais seriam enfadonhos e vazios. Você encheu a minha vida de amor e isso é toda felicidade que um homem pode querer. Não consigo imaginar minha vida sem você, Margaret.

— E eu não poderia ter me casado com nenhum outro homem além de você,

John.

Ele se inclinou para conceder a ela a demonstração de seu afeto e Margaret recebeu seu beijo com ternura. Acima deles, nuvens brancas vagavam sem pressa. Além delas, o céu azul se expandia em direção ao infinito.

EPÍLOGO

Milton – 1858

Sophie Thornton, ansiosa, da janela observava os portões, à espera de algum sinal da carruagem. Na ponta dos pés, ela pressionava o rosto contra o vidro para conseguir uma visão melhor.

— Ele chegou, *mama!* – exclamou, empolgada. Suas mechas escuras balançando ao passo em que ela saltitava de alegria.

A visão dos vivazes olhos azuis da menina acalentava o coração de Margaret. Como aqueles olhos brilhantes lembravam os de John! Sorriu para a filha quando a

garotinha pulou de seu colo de volta à janela.

— Eu não *vejo ele!* – a pequenina disse, amuada, ao olhar pela janela. Os cachos acastanhados brilhavam com a cor dourada do sol.

— Venha filha, ele estará aqui em breve – Margaret chamou a caçula, Lydia, que completaria três anos no final do verão. Lydia e Sophie circundaram a mãe, cada uma segurando a mão que lhes foi oferecida. Na sala, as três espreitavam a porta.

— Papai! – a pequenina exclamou quando a figura de Mr. Thornton apareceu na porta. Lydia avançou até ele, com as mãos estendidas e o pai, rapidamente, se ajoelhou para pegá-la e levantá-la nos

braços. Sophie, em seguida, disparou para o lado do pai com sua animada recepção, e John agarrou-a devidamente com um amplo balanço de seu braço. Ele as abraçou apertado, e disse às meninas que sentiu saudades.

Sorrindo com a recepção calorosa, Mr. Thornton olhou para a esposa de semblante radiante. Ele tomou Lydia no braço e guiou Sophia, ao aproximar-se de Margaret.

— E como está minha meninona? — ele perguntou com a voz calorosa que era somente para ela. Seus olhares falavam da solidão que tinham sofrido estando separados e faiscavam com grato alívio pelo reencontro.

— Estou toleravelmente bem, mas

sua ausência foi grandemente sentida – ela confiou com um sorriso divertido que não podia reprimir. John colocou o braço em torno de sua cintura, e puxou-a para si, com a pequena Lydia ainda em seu colo.

— Foi mesmo? – ele sussurrou antes de beijá-la, se deliciando no sabor de sua boca depois de cinco dias ausentes. Seus dias em Londres haviam sido muito atarefados, mas à noite, quando a solidão parecia amplificar pela ausência de Margaret, a cama vazia, ele ansiava sentir os braços dela em torno de si.

Margaret não respondeu, mas o beijo demorado e os olhares amorosos disseram a ele tudo o que ele precisava saber.

— Onde está minha mãe? — ele perguntou.

— Estou aqui, com seu filho — a mãe respondeu, aproximando-se da família reunida. Um rapazinho de cabelos escuros estava com a cabeça deitada no ombro da avó e mantinha seus braços gorduchos relaxadamente em torno do pescoço dela. Tendo recém-acordado, o pequenino parecia desinteressado no que acontecia, mantendo os olhos semifechados em sonolento estupor.

O pai inclinou-se para encontrar o olhar fatigado do filho, um cálido sorriso surgindo em seus lábios ao ver o garotinho que tinha crescido tanto em somente um ano.

— Olá, Johnny. Papai está em casa

– ele disse, suavemente, encorajando o menino a acordar.

— *Papa* – Johnny respondeu, seus olhos azuis agora alertas em reconhecimento. Ele ergueu a cabeça e estendeu os braços na direção do pai.

Mr. Thornton recebeu-o em um braço, mas mantinha a pequena Lydia no outro.

— Como você foi recebido no Parlamento? – Hannah Thornton perguntou com grande interesse.

— Muito bem, eu creio – respondeu ele diretamente, como se estivesse considerando pela primeira vez o sucesso de sua viagem. – Fui apresentado a um grande número de membros, e fui convidado para outras

reuniões, pois as questões eram muitas e eles têm grande interesse em Milton.

Mr. Thornton, como convidado de Mr. Wilkinson, tinha ido discursar no Parlamento sobre os interesses da indústria do algodão. Era uma tarefa que estava satisfeito em realizar, com o objetivo de expressar os problemas que enfrentava nos negócios, pois os entendia muito bem.

A esposa e a mãe sorriram com orgulho consciencioso por suas óbvias realizações, mas as crianças estavam ansiosas para requisitar a atenção do pai para si.

— *Papa*, Mr. Bell me mandou uma nova boneca por causa do meu aniversário! Você quer vir ao meu quarto

vê-la? – Sophie pediu ansiosa, saltitando na ponta dos pés enquanto falava.

Lydia se lançou do colo do pai para se juntar à irmã.

— Ele também me deu uma boneca! – ela acrescentou com igual empolgação.

— Seu aniversário? – Mr. Thornton perguntou de maneira suspeita. — Pensei que ele já tivesse mandado um presente há tempo. Parece-me que Mr. Bell está mimando vocês duas. Ele deu presentes suficientes a vocês no Natal para durar pelo restante do ano – ele provocou com uma piscadela.

— Vamos, podem mostrar ao papai os presentes, mas devemos deixá-lo descansar. Foi uma longa viagem de

Londres até aqui – Margaret disse às meninas, ao conduzi-las em direção às escadas.

— Você viu Sholto e Emmeline? – perguntou Sophie.

— Sim. Eles estão ansiosos pela sua visita em nossa viagem de férias no verão.

Após a visita obrigatória de Mr. Thornton ao quarto das meninas, Margaret deixou as crianças aos cuidados de Hannah, por um instante, para conduzir o marido pelo corredor. John a deteve, quando ela teria continuado, passando pelo quarto.

— Aonde você vai? – ele questionou com voz sensual ao agarrar o braço dela.

— Vou prepará-lo um banho. Você fez uma viagem longa... — ela disse, olhando para ele de maneira confusa.

John a colocou nos braços, no meio do corredor.

— Não vai primeiro me receber de maneira apropriada? — murmurou ele com um sorriso sugestivo. Seu fôlego ficou preso na garganta, quando Margaret ergueu os expressivos olhos para encontrar os dele. John ainda se admirava do poder que ela possuía de hipnotizá-lo. *Ela era tão linda!*

Margaret ergueu a mão para acariciar seu rosto, passando a palma sobre a face e roçando os dedos nas têmporas. Levou a outra mão para deslizar ao longo de seu maxilar e pescoço. John

tinha passado somente alguns dias longe, mas ainda assim, sentia como se ele tivesse estado anos distante. *Ela nunca desvalorizou – nunca desvalorizaria – seu amor.* John era a personificação da força viril, e tudo que era bom e correto. *E era tão gloriosamente lindo! Será que ele sabia disso?* Margaret duvidava que soubesse – ela duvidava que ele conhecesse o poder de fazê-la ofegar, quando recebia aqueles olhares de seus penetrantes olhos azuis.

Olhando naqueles olhos e gentilmente acariciando sua face, Margaret enxergou o menino que estava ávido para aprender e realizar; que tinha dentro de si um coração generoso, e uma dolorosa necessidade de ser amado.

Estendeu a mão e o puxou pela nuca, para trazer os lábios em sua direção. Ela o amaria todos os dias de sua vida.

Mr. Thornton retornou o ardor de seu beijo. Quando eles pararam para recuperar o fôlego, a empurrou para o quarto e fechou a porta.

Naquela noite, como de costume, Margaret entrou no quarto compartilhado somente para descobrir que o marido não estava ali. Ela caminhou diretamente para a porta, sem hesitar, sabendo onde iria encontrá-lo. Amarrando o robe, moveu-se rapidamente pelo corredor até o quarto das meninas.

Ela se deteve na porta e recebeu uma olhadela do marido, que não interrompeu a história que prendia a

atenção absorta das filhas. Margaret sorriu ao perceber que ele estava inventando outro episódio na continuação da saga do intrépido ratinho que supostamente vivia no assoalho do quarto das meninas. Daquela vez, o camundongo tinha viajado para Londres no bolso do pai. Margaret cobriu a boca, para suprimir a risada, ao ver o fascinado e confiante semblante de Lydia.

Quando ele finalizou o conto, os pais deram o beijo de boa-noite e colocaram as meninas na cama.

Em seu quarto, Margaret sentou-se à frente da penteadeira, e, à medida que escovava os cabelos, o marido se preparava para dormir. *Era um grande consolo tê-lo em casa novamente*, ela

pensou. Sua rotina noturna parecera destituída de propósito quando ele esteve fora, e o quarto parecera terrivelmente vazio.

Entretanto, sentia-se orgulhosa com o fato de que o próprio Membro do Parlamento de Milton havia solicitado o discurso de John na Câmara dos Comuns, concernente à expansão da indústria do algodão, e a abundância de problemas em seu entorno.

— O que Mr. Wilkinson falou? — ela perguntou, curiosa. Eles haviam conversado muito sobre a viagem a Londres no jantar com a mãe, mas não tinham tocado em certos aspectos.

— Ele disse que causei boa impressão. Creio que expliquei muito bem

nossas questões. Estes homens têm muito que ponderar em muitas frentes, então tentei tornar minhas ideias claras e sensatas, sem me tornar muito complicado — respondeu de maneira humilde ao tirar a sobrecasaca e pendurá-la no guarda-roupa. John virou-se para olhar a esposa ao começar a desabotoar a camisa. — Ele estava bastante determinado, insistindo que eu deveria considerar-me unir a ele. Há uma cadeira vagando no próximo ano. Um tal Mr. Dalton de Lancashire está se aposentando — ele, cautelosamente, revelou à esposa.

Margaret paralisou a escova, e virou-se para olhar para ele.

— No Parlamento? — ela questionou, de certa forma perplexa pela

tom indiferente do marido diante de tal recomendação.

— Sim — ele respondeu de forma simples, esperando pela reação dela.

Margaret tentou abafar a emoção de contemplar o marido naquela honorável posição e as emoções misturadas que se seguiram ao pensar em sair de Milton. Ela não queria parecer tão empolgada, pois, John não estava verdadeiramente interessado em investir naquela possibilidade. Ela se levantou e cruzou o quarto, tirando o chambre e puxando as cobertas para se deitar. E então ela falou:

— O que você acha da recomendação dele? — ela perguntou, calmamente.

Mr. Thornton soltou um suspiro, e terminou de vestir a camisa enquanto falava.

— Eu tive tempo de avaliar a oferta na viagem de trem, mas, honestamente, não estou muito seguro. É uma honra, certamente, e eu sinto que por um lado posso ser capaz de conseguir algum progresso no Parlamento... — começou a dizer.

Margaret analisou o rosto dele.

— Mas? — ela o estimulou, percebendo sua relutância.

John ergueu as cobertas para se juntar a ela enquanto respondia.

— Mas não estou certo se me sentiria bem colocado em tal ambiente. Não há progresso diário determinável

nesse tipo de trabalho. Temo que todos os dias sejam consumidos em conversas e discussões sem fim, com favores e politicagem quando os membros tentam se impor por alguma vantagem por seu povo. Não sei se conseguiria me manter convencido da minha verdadeira utilidade em tal lugar – ele desconversou.

A esposa ficou calada por um momento, ao refletir na realidade de suas dúvidas.

— Sei que seria um tipo bem diferente de trabalho, se comparado com o que tem feito, mas sei que você poderia ajudar a encaminhar os avanços, não somente para Milton, mas para o país inteiro – ela respondeu com suave encorajamento.

John sorriu ao ver a confiança que a esposa tinha nele, mas então franziu o cenho ao contemplar sua relutância.

— Não me sinto muito confortável em sair de Milton neste momento. Os eventos na América são perturbadores, e estou começando a duvidar do bom senso e moralidade em continuar a depender do algodão que eles oferecem — confessou John, encarando vagamente a colcha borgonha, absorto em seus pensamentos.

— Suponho que seja melhor estar aonde você possa fazer um bem maior — ela racionalizou.

John olhou para ela em reflexivo consenso e deitou a cabeça no travesseiro.

— Tenho certeza de que fará a

coisa certa... seja qual for sua decisão – ela disse, por fim, com um sorriso carinhoso.

John pôde somente sorrir ao contemplar a fé que Margaret tinha nele.

— Você confia em meu bom senso? – ele interrogou com a sobrancelha arqueada.

— É claro – respondeu ela, com um toque de provocadora censura pela dúvida do marido.

— E você não ficaria desapontada se eu me recusar a aceitar tal posição de prestígio... a oportunidade de viver em Londres por um tempo? – ele perguntou, hesitante.

Margaret se inclinou para beijar-lhe os lábios.

— Não me importa se lhe for conferido algum título material, apesar de ter certeza que você mereça isso. Conheço o homem com quem me casei — afirmou ela, observando seu rosto com adoração. — Quanto a morar em Londres... eu não me importo de morar aqui, desde que você esteja comigo — respondeu ela, com convicção, deslizando as mãos em seus braços para colocá-las em seus ombros.

John puxou-a pela cintura para que chegasse mais perto.

— Senti sua falta — disse ele mais uma vez, deliciando-se no simples prazer de estar mais uma vez em sua própria cama com Margaret.

— Tenho uma confissão a fazer —

Margaret revelou com um sorriso envergonhado, face a face com o marido.

Mr. Thornton enrugou a testa de forma interrogativa ao ouvir a declaração, um sorriso parcial se formando em sua boca.

— Trouxe as meninas para dormir comigo na noite passada para que não me sentir sozinha — ela admitiu, envergonhada, antes de olhar novamente para ele.

John riu por sua transgressão, em ter alterado a rotina de sono das crianças.

— Terei que buscá-las uma vez mais? — ele provocou, movendo-se para se erguer de sua posição inclinada.

— Não! — declarou Margaret, rapidamente segurando-o pela roupa. —

Quero ter você todo para mim – ela disse com um sorriso sedutor ao colocar seus braços em torno do pescoço do marido, acomodando seu corpo contra o dele. — Você já esteve fora por muitas noites, Mr. Thornton – ela o repreendeu, antes de beijá-lo nos lábios.

Ao corresponder aquele beijo, John sentiu a extasiante confirmação de seu amor. Não importava o que o futuro trouxesse desde que pudesse segurá-la em seus braços no final de cada dia.

Milton – 1862

— Vamos, meninas, já é quase

meio-dia – Margaret Thornton encorajava às filhas para que apressassem, à medida que seguiam pelas ruas de terra em direção ao outro lado da cidade.

— Minhas primas Ophelia e Emmeline nunca iriam a este tipo de lugar, mãe – comentou Sophie de maneira desdenhosa, enquanto se esforçava para seguir os passos da mãe, segurando o gorro desatado, passando cuidadosamente pelo lixo espalhado em seu caminho. Lydia saltava sobre a sujeira e se apressava para seguir.

— Então elas nunca terão a satisfação de abraçar o mandamento do Senhor, de amar ao seu próximo como a si mesmo – Margaret respondeu de maneira inflexível. *As filhas de Fanny e Edith não*

havam sido ensinadas a olhar além das próprias esferas de prazenteira segurança e riqueza, Margaret pensou com exasperação. Entretanto, ela estava resoluta em sua determinação, de que sua prole não iria olhar com desprezo para os necessitados.

Sophie soltou um suspiro. Sentia-se aborrecida com a tarefa daquele dia, mas sabia que a mãe estava certa.

Quando chegaram ao arejado armazém de alvenaria, elas entraram, passando por uma sinuosa fila de homens, mulheres e crianças maltrapilhos e entraram na ampla cozinha montada no local.

Margaret e as meninas rapidamente tomaram parte em suas

determinadas atividades, servindo um grosso cozido em tigelas, e dispendo os nacos de pão para o constante fluxo de faces cansadas e lívidas que passavam ao longo da mesa, próximo aos fornos que produziam bolos fumegantes.

Há quase um ano deflagrara a guerra entre os estados na América, e quase o mesmo tempo que o último carregamento de algodão americano tinha alcançado as costas inglesas. Aqueles que estavam despreparados para a reviravolta tiveram que fechar suas fábricas, lançando centenas de pobres batalhadores para fora do trabalho. Igrejas e associações beneficentes, bem como os líderes da cidade se uniram para mitigar a calamidade dos desempregados. Margaret

conhecia muitas das pessoas que passavam por ali, e ela os saudava gentilmente, perguntando por suas famílias. O refeitório estava alimentando a muitos, mas Margaret sabia que ainda não era o suficiente. Ela solicitara entre as autoridades locais que criassem um sistema que distribuísse provisões: roupas e sapatos, carvão e alimentos para aquelas pessoas necessitadas. Toda a esperança de que o conflito na América fosse terminar em breve havia há muito desaparecido.

Quando Sophie servia uma concha de cozido de carneiro nas tigelas, sua atenção foi atraída para uma mocinha pálida, que parecia ter sua idade, encostada em sua mãe, tentando partilhar

um xale arruinado. Quando a menina chegou à mesa, para pegar sua porção, Sophie encarou seu olhar solene, e sorriu-lhe fracamente. No momento seguinte, a filha do empresário agarrou o xale de casimira que carregava nos ombros e entregou-o em silêncio à menina. Um pouco assustada e confusa, a mocinha hesitou diante do gesto, até que Sophie implorou que ela pegasse com um aceno cordial.

A menina, tremendo, assentiu fracamente em um sinal de agradecimento, acompanhado por um leve sorriso.

Uma sensação de frio envolveu os ombros dela, mas Sophie Thornton mal notou. Em vez disso, um calor

indescritível surgiu dentro de si, e todo seu corpo irradiou uma profunda sensação de paz.

Mr. Thornton concluiu sua reunião com o supervisor na antiga fábrica dos Hampers, em meio aos gritos e barulhos dos homens empilhando os pesados teares para serem transportados. Com o rosto sorridente ele inspecionou a fábrica vazia. Hamper tinha sido um tolo, arriscando seus negócios na vã esperança de que o crescente caos nos Estados Unidos não iria interferir nos negócios.

Bem antes de haver explodido a guerra, Mr. Thornton esforçara-se para

persuadir seus colegas a serem cautelosos em depender unicamente do algodão americano. Watson, Slickson e os outros, eventualmente haviam sido convencidos de seus argumentos. Slickson substituíra parcialmente para o algodão de Surat, da Índia, alterando parte de suas máquinas para processar algodão de qualidade inferior. Cuidadosamente considerando a sabedoria do cunhado e prudente senso empresarial, Watson havia preparado a fábrica para fiar e tecer o mesmo fino algodão Egípcio, como era feito em Marlborough Mills. A nova fortuna de Watson, entretanto, motivara suas ambições, e ele tinha aberto uma fábrica de novelos de lã.

Hamper não tinha atendido à

advertência, exceto a de juntar um estoque de algodão em seu armazém. Quando o bloqueio do Sindicato o impediu de encher seu depósito, ele fora forçado a fechar a fábrica. Mr. Thornton tinha dado um passo à frente para comprar a fábrica por um preço muito bom, mas a maquinaria estava antiquada e ele tinha sido obrigado a considerar a diversificação de seu empreendimento. John tinha finalmente decidido que começaria a tecer seda, e encomendara os teares Jacquard, que chegariam em quinze dias. Haveria muito que fazer nas próximas semanas e meses.

O fatigado *master* puxou o relógio do bolso para ver se estava perto do horário do jantar e rapidamente virou-se

para seguir rumo à sua casa. Apesar de ter uma rotina cada vez mais desalentadora, considerava sagrado o tempo com a família, e raramente deixava de passar ao menos uma parte da noite no conforto de sua própria casa.

Enquanto o elegante empresário caminhava em direção à Marlborough Mills, aproveitava para refletir sobre os progressivos desafios que cercavam a cidade. Algumas fábricas tinham sido forçadas a reduzir sua produção, diminuindo as horas de trabalho dos funcionários e também os salários. Solicitações de auxílio aos Postos de ajuda humanitária estavam aumentando e comitês de auxílio locais estavam tentando encontrar meios de ajudar os

necessitados. Mr. Thornton tinha pessoalmente contratado tantos trabalhadores quanto lhe era possível, oferecendo até mesmo trabalhos relacionados à manutenção da fábrica e de sua casa, mas sentia que ainda precisava fazer mais.

Seu cenho ficou mais carregado ao considerar fardos de algodão cru acumulados sem utilidade em armazéns locais, por especuladores gananciosos para quem o único desejo era o próprio lucro, enquanto esperavam o preço do algodão escalar a valores ainda mais exorbitantes. Seus punhos cerravam ao pensar no que gostaria de dizer àqueles indivíduos, que somente exacerbavam os sofrimentos e lutas de seus companheiros.

Sua mente ainda estava atolada no lodaçal de aflição, ao passo que saltava os degraus de sua casa. Quando entrou na sala, os gritos animados das crianças imediatamente começaram a erguer o intenso peso de seus pensamentos. O animado abraço e puro beijo de sua esposa provocaram um sorriso nos lábios, e encheram seu coração com uma efusão de calorosa afeição. John saudou a mãe carinhosamente, percebendo que ela estava ensinando algum tipo intrincado de bordado para Lydia.

Antes que pudesse dar um passo adiante na sala, um garotinho com tufos de cachos acobreados caminhou vacilante na direção do pai com um pião avidamente suspenso em suas mãos

gorduchas. Johnny seguiu-o logo em seguida.

— Papai, joga! – o pequeninho pediu com expectativa fervorosa de ganhar imediato cumprimento do pai.

Mr. Thornton agachou-se ao nível do filho mais novo, sorrindo-lhe amplamente.

— Você quer que eu solte o pião, Richard? – John perguntou, gentilmente, ao observar seus lábios volumosos e a curva do nariz que parecia tanto com o de Margaret.

O garotinho assentiu, seu pai tomou o brinquedo e procedeu para soltar o pião vigorosamente no assoalho de madeira. Os últimos vestígios das preocupações urgentes dele se

dissolveram diante da visão da inocente alegria e admiração nos olhos arregalados do filho.

O verão encontrou a família Thornton novamente em sua amada Helstone. Uma tarde, uma agradável brisa erguia algumas madeixas grisalhas do cabelo de Hannah Thornton, ao passo em que desfrutava do ar livre com a família. O gramado à sua volta balançava suavemente, enquanto ela estava sentada no lençol, protegida do sol implacável por um gazebo projetado pelo filho. Tinha que reconhecer: os verões passados em Helstone eram terapêuticos para sua alma.

Hannah não percebera quão endurecida havia se tornado em seus hábitos diários e pensamentos, até que tinha permitido a mente fluir livremente sob o céu aberto e o fascinante verde do campo. Examinando as escondidas trilhas de suas memórias, e permitindo que a gratidão e a esperança pelo futuro tomassem conta, percebeu que estava retomando a natureza gentil que pensara estar perdida há muito tempo atrás.

As comissuras de sua boca se curvaram em um sorriso ao observar Margaret e as filhas colhendo folhas silvestres à margem da floresta banhada pelo sol. O riacho correndo à sua frente resplandecia na luz, e gorgolejava sem esforço sobre a pilha de rochas planas

que os netos haviam feito perto da margem.

Tendo juntado sua cota de flores, as meninas cautelosamente cruzaram a nascente sobre as pedras salientes. Sophie e Lydia, que tinham nove e sete anos, respectivamente, correram em direção à avó e se jogaram ao seu lado no lençol, enquanto a mãe as seguia calmamente.

Hannah alegremente ajudou-as a fazer coroas de flores, uma arte que Margaret havia demonstrado anos antes para a filha mais velha e para a sogra. Lydia se levantou orgulhosa quando finalizara seu longo círculo de flores e, prontamente, adornou o pescoço da avó com a que fizera. Hannah deu um abraço amoroso na neta, como agradecimento, e

sorriu quando as meninas se juntaram ao pai e irmãos mais novos no riacho.

Mr. Thornton estava ocupado ajudando Johnny a encontrar salamandras. O menino mantinha duas das criaturas cativas em um vidro e ajudava o pai a virar as pedras embaixo d'água para descobrir se havia mais. O pequeno Richard tinha perdido interesse na empreitada, divertindo-se em vez disso, tirando água de seu próprio copinho e enchendo-o novamente em um jogo sem fim.

Agachado na margem do riacho com os filhos um em cada lado, Mr. Thornton voltou a cabeça brevemente na direção do filho caçula para assegurar-se de que não havia ido muito longe.

Subitamente consciente da presença do pai ao lado dele, o pequenino levantou-se abruptamente e derramou um copo cheio de água sobre a cabeça inocente do seu pai.

Mr. Thornton soltou um ganido surpreso, e levantou-se para sacudir a água do cabelo ensopado, enquanto a mãe e esposa riam. Apanhando o garotinho nos braços, John divertidamente o repreendeu por tê-lo ensopado, e fez cócegas no filho em retaliação. Richard gritou extasiado.

No instante seguinte, Mr. Thornton foi atacado por trás, quando Lydia usou o copo largado do irmão para jogar água em suas costas. O homem largou o filho e correu para o riacho em busca de uma revanche, juntando água nas mãos,

enquanto a filha gritava por misericórdia e passava correndo para o terreno mais alto. A confusão sobreveio quando a perseguição logo envolveu todas as crianças e todos tiveram sua vez na torrente de ataques e represálias.

Quando Margaret investiu para proteger seu caçula da disputa, foi atingida por um de seus filhos. Ela gritou surpresa por ser pega no ataque, e divertidamente ficou emburrada como forma de protesto por sua blusa molhada.

O marido riu de sua má sorte, e correu na direção de Margaret para girá-la pela cintura, e dar um beijo firme em seus lábios petulantes.

Hannah permaneceu observando o divertimento. Aquelas memórias seriam

gravadas nos corações daquelas crianças, mesmo que não em suas mentes, pensou ela. E seriam aqueles dias ensolarados, ela sabia, que seu filho e a esposa iriam recorrer na memória quando dias sombrios se aproximassem.

Na tarde seguinte, enquanto a família jogava *croquet* no gramado ao lado da casa, um homem esguio com cabelos grisalhos apareceu na varanda para cumprimentá-los.

— Mr. Bell! — as crianças exclamaram empolgadas, largando os tacos para subir as escadas até o terraço amplo onde o velho cavalheiro sorridente estava parado. — O senhor nos trouxe algo? — Johnny perguntou ansioso quando o cercaram.

— E o que o faz pensar que me lembrei de trazer algo para vocês? — Mr. Bell retorquiu com um sorriso astucioso.

— John, você sabe muito bem que não é educado perguntar tal coisa. Você cumprimentou Mr. Bell como se deve? — Margaret repreendeu o filho ao alcançar o grupo reunido, seguida de perto pelo marido e a sogra.

— Estamos muito contentes em ver o senhor, Mr. Bell. E não nos importamos se o senhor não nos trouxe nada desta vez — disse Lydia, desculpando-se pelo mau comportamento do irmão.

O homem experiente lançou a cabeça para trás em uma risada.

— Claro que não! — ele admitiu

sarcasticamente. — Mas acredito que haja alguma coisa em minha bolsa para vocês — ele acrescentou com uma piscadela misteriosa. Fuçando no conteúdo de sua valise, puxou uma sacolinha cheia de balas coloridas e guloseimas.

As crianças arfaram com alegre antecipação e o agradeceram gentilmente ao lhe serem entregues suas pequenas parcelas.

— O senhor está determinado em mimá-los, Mr. Bell — Margaret culpou-o, alegremente.

— Considero ser meu leal dever — ele retorquiu com um sorriso satisfeito, no momento em que dava um beijo na face da afilhada, antes de saudar Mr. Thornton e a mãe logo em seguida.

Mr. Bell estava feliz por ser recebido como parte da família nos Natais, e qualquer momento em que escolhesse visitá-los. Ele era um admirador da propriedade que o Thornton havia construído perto do vilarejo no qual Margaret tinha crescido. *Helstone Manor* era uma mansão refinada de tijolos e ladrilho, localizada no meio de campos ondulados de New Forest, com algumas árvores ancestrais, que concediam imponente graça e beleza natural à propriedade.

Thornton tinha correspondido, e, de fato, superado todas as expectativas de Mr. Bell. O homem havia prosperado em tudo que se havia proposto e tinha achado uma fonte de fortuna, investindo em

produção de aço – investimento que Mr. Bell havia imitado para seu próprio benefício. Astuto e decisivo em seus acordos empresariais, Thornton provara ser também sabiamente prudente, não só em seus investimentos, mas em seu cuidado com o curso adverso de eventos que iriam arruinar sua indústria.

Mr. Bell sabia que Margaret ajudara a cultivar a visão filantrópica dele. Os esforços do marido em diminuir o abismo entre patrões e empregados o levaram a garantir um lugar no Comitê Central de Milton, que havia sido criado para oferecer auxílio aos desempregados da escassez do algodão. Mr. Bell não tivera escrúpulos em doar generosamente para o fundo, sabendo que John teria a

mão firme ao leme.

O acadêmico de Oxford inspirou profundamente e olhou para a charneca distante. Estava contente por ver os Thorntons escaparem da cidade naquela época do ano. Se somente Hale tivesse vivido para ver a filha tão bem situada! Teria ficado satisfeito e orgulhoso ao ver a vida que construíra com seu aluno favorito!

Margaret convidou o padrinho para sentar-se, quando a criada trouxe limonada e biscoitos para a varanda, e todos se sentaram para tomar um lanche e desfrutar da companhia reunida.

Após cuidar das longas madeixas naquela noite, Margaret largou a escova sobre a penteadeira, e cruzou o quarto espaçoso para se juntar ao marido, que estava na escuridão da sacada de granito com vista à ampla expansão de campos, situada atrás de sua casa. Um céu índigo estava brilhantemente iluminado por estrelas sem fim, e a canção dos grilos permeava o fresco ar da noite.

O aroma de madressilvas e rosas, e o hipnótico ritmo dos cricrilar dos grilos enchiam seus sentidos. Mr. Thornton fitava a glória do vasto céu e as terras distantes de além, que levava sua mente a admirar a vastidão da Criação.

— É difícil imaginar que existem

guerra e sofrimento no mundo, quando tudo aqui é tão pacífico – ele afirmou, calmamente, com os olhos fixados na magnificência do cenário noturno. — Não há tumulto ou competição... é como se a discórdia existisse somente em sonhos, e tudo fosse criado para estar em perfeita harmonia... Algum dia será assim entre os homens? – John se perguntou em voz alta, finalmente, olhando para a mulher que estava ao seu lado.

Margaret aproximou-se para envolver seus braços amorosos em torno da cintura do marido e recostar a face em seu peito. John ergueu os braços para envolvê-la.

Ela sabia que o marido sentia vividamente o peso de sua

responsabilidade em Milton durante aqueles tempos difíceis.

— Eu não sei... suponho que sempre exista a esperança de que possamos trazer uma paz superior para esse mundo. Somente podemos fazer o possível para acertar as coisas dentro de nossa esfera de influência — ela reagiu, pensativamente, às reflexões do marido. — Você está fazendo seu melhor, John. Está fazendo um grande trabalho com as bênçãos que lhe têm sido oferecidas — ela continuou, fitando-o de maneira suplicante. Sentia-se orgulhosa pelo papel destacado que ele tinha tomado, ao tentar evitar o colapso da economia local, e, diligentemente, esforçava-se para

encontrar uma solução para cada situação que se erguia. Margaret desejava que seu tempo no campo o permitisse aliviar suas apreensões, para que pudesse tornar-se despreocupado e animado novamente.

— Não é benéfico encher nossos corações com tudo que é bom, reabastecer nossas almas para o trabalho que temos à frente? — ela perguntou esperançosa, analisando os olhos do marido na nebulosa luz das estrelas.

John respondeu segurando o rosto de Margaret entre suas mãos, e acariciando-a suavemente, em terna adoração. Ele depositou um beijo em seus lábios e em sua testa, antes de apertá-la contra si com um suspiro satisfeito.

Segurando um ao outro em um abraço confortador, ambos observavam serenamente a noite tranquila.

Ano de 1872

O suave balanço e o constante zunido do trem conduziu Margaret a um humor contemplativo. Ela desfrutava a longa viagem de Londres até Milton, uma jornada que tinha feito muitas vezes naquele ano, desde que John tinha se tornado um membro da Câmara dos Comuns.

Ela olhou à sua frente para analisar o marido, que estava olhando

fixamente pela janela, absorto em suas reflexões. Apesar dos anos não terem sido sem provações, ele não demonstrava sinais evidentes de envelhecimento, além dos fios grisalhos na região das têmporas e um semblante mais distinto. Margaret o considerava o homem mais admirável em toda a Inglaterra, e a si mesma, a mais afortunada das mulheres por ser sua esposa. John não ansiava por grandeza e prestígio social, mas havia obtido tais coisas por seu trabalho constante para melhorar a vida dos outros, aprovando leis mais justas no Parlamento. Estava orgulhosa por sua integridade e firme resolução, para levar a cabo o propósito que havia lealmente escolhido ao responder ao chamado para servir à

nação.

Um ardente orgulho surgia no peito de Margaret ao lembrar-se da grande honra que havia sido outorgada ao marido recentemente, quando a rainha o havia concedido o título de Cavaleiro por ter salvado Milton da devastação durante os difíceis anos da escassez de algodão. Com prudência e ingenuidade, John havia impedido o fechamento de muitas fábricas. Com persuasivo fervor e sua própria generosidade, tinha trabalhado para garantir que ninguém em Milton fosse deixado sem ter as necessidades básicas de sobrevivência. Margaret sorriu ao pensar em seu título solene: *Sir John Thornton*. A alta designação lhe convinha perfeitamente,

apesar de John ser muito humilde para usá-lo com qualquer senso de presunção.

Lady Thornton, ela pensou consigo mesma, experimentando o som do novo título em sua mente. Seu coração se aquecia ao pensar o louvor que recebera por fazer parte de sua vida. Estava imensamente contente que seus parentes de Londres tivessem, finalmente, reconhecido o valor de seu marido.

O olhar de Margaret se fixou na filha, Sophie, que estava sentada silenciosa ao lado do pai, lendo um livro. Ela tinha se transformado em uma moça durante sua estadia em Londres, tendo alcançado quase a idade que a própria Margaret tinha, quando sua família fizera a mudança crucial para Milton. Sophie

possuía uma beleza marcante, com seus brilhantes cabelos escuros e olhos como os do pai. Ela tinha sido admirada por muitos jovens, e um certo jovem advogado ambicioso tinha se tornado um pretendente significativo.

Mesmo Lydia, que estava sentada ao lado da irmã, havia se desenvolvido durante os anos em que moraram na agradável residência alugada, perto de Harley Street. Lydia havia alcançado a excelência nos estudos, e apesar de não possuir a predileção por bailes, como a irmã, aprendera a tocar piano muito bem. Ela era mais estudiosa e tranquila, mas se portava com a graça amadurecida que combinava com seu intelecto.

As moças haviam desfrutado de

uma amizade muito próxima com os filhos de Edith, Sholto e Emmeline. Os garotos de Margaret, Johnny e Richard, haviam se relacionado mais com os filhos de Henry, que eram mais próximos em idade, e quase tão ruidosos quanto eles.

Margaret virou-se para observar os filhos, que estavam jogando cartas com a avó do outro lado no corredor. Os dois meninos haviam demonstrado aptidão para os estudos e geralmente se portavam bem. Haviam prosperado em suas excursões com o pai, e ficaram especialmente empolgados, quando as aventuras na cidade os levaram ao metrô de Londres.

Quando tiravam férias em Helstone, nos verões, era o momento que

o s meninos podiam correr e recrear-se. As lembranças mais afetuosas que Margaret tinha de seus filhos incluíam observá-los passar dias despreocupados de brincadeira entusiasmada nos campos e florestas da bucólica vila de sua infância.

Enquanto Margaret olhava afetuosamente para o outro lado, foi a vez de Mr. Thornton analisar com admiração a esposa de quase vinte anos. Sua beleza não havia diminuído. A delicada graça com a qual se portava não condizia com a força e determinação que possuía. Margaret o havia apoiado nos dias em que duvidara de sua utilidade, cansado das infinitas deliberações e frustrado com intelectuais

excessivamente cautelosos. Margaret nunca tinha vacilado em sua fé na habilidade dele para disseminar o progresso, e tinha frequentemente concedido sua judiciosa opinião em assuntos de grande gravidade.

Sabia que a esposa não apreciava a deslumbrante vida social, como muitas mulheres aspiravam, mas não obstante, Margaret brilhava como joia nas muitas reuniões formais que haviam sido obrigados a frequentar. Cativante em sua elegância, e persuasiva em suas interações, Mr. Thornton reconhecia que ela era um grande trunfo em ganhar a admiração e o respeito de seus oponentes mais relutantes. Cuidadosamente velando suas próprias convicções como simples

verdades, ela frequentemente convencera aqueles que resmungavam sobre o progresso, sobre os erros de seu rígido domínio sobre as circunstâncias.

Durante os anos que moraram em Londres, os filhos haviam florescido, e Margaret se mantivera otimista e ambiciosa em todas as suas atividades. Ela havia enriquecido seus dias mais do que ele poderia ter imaginado, e sabia que permaneceria sob o feitiço do charme da esposa para sempre, e estava contente por oferecê-la uma vida de atividade e propósito.

Enchia seu coração com especial contentamento saber que Margaret estava ansiosa por retornar a Milton assim como ele estava. Ela tinha comentado com ele

muitas vezes sobre sua empolgação nas últimas semanas. Ambos estavam ansiosos para se envolver uma vez mais no ritmo diário da vida, onde podiam sentir a energia do futuro tomando forma, e trazendo à vida suas esperanças de um avanço humanitário.

Margaret virou a cabeça e capturou o olhar afetuoso do marido. Ela sorriu para ele intencionalmente e John retornou o sorriso em perfeito acordo.

No domingo à tarde, a família Thornton deixou a grande residência no bairro mais próspero de Milton, que era para ser seu novo lar, e caminhou pelas

ruas da cidade para visitar seus amigos mais próximos, os Higgins.

Quando se aproximaram dos portões familiares de Marlborough Mills, Margaret sentiu uma melancólica sensação de carinho pelo lugar onde haviam passado tantos anos felizes. Não importava quantas vezes visitassem o lugar, ela sempre sentiria a mesma nostalgia pela primeira casa que haviam compartilhado.

Nicholas os saudou na sala, que estava dignamente mobiliada com peças angariadas lentamente, desde que havia se tornado *master* da fábrica na ausência de John.

— Thornton! — ele exclamou, cordialmente, ao apertar as mãos do

antigo *master*. — Sir John, se você perdoar minha cabeça atrapalhada — ele se corrigiu, rapidamente.

— Não é necessário essa formalidade entre amigos, Higgins — Mr. Thornton afirmou com um sorriso amplo.

Margaret abraçou Mary, saudando o marido da jovem com um aperto de mão, Robert Campbell, que trabalhara na fábrica por muito tempo e ainda era importunado por tomar para si a melhor cozinheira que o refeitório já teve. O casal tinha dois filhos, Bessie e Jacob, que eram amigos das filhas mais velhas dos Thorntons, tendo passado muito tempo juntos quando eram pequenos. Todos, menos dois dos filhos dos Boucher,

tinham se mudado para suas próprias casas.

Enquanto os adultos desfrutavam de uma animada conversa com os velhos amigos, Margaret ficou feliz em notar quão bem as crianças se entendiam na antecâmara, onde Lydia começara a tocar uma peça no piano.

Higgins lhes contou o contínuo sucesso da escola que Margaret havia iniciado há tanto tempo. O novo *master* estava orgulhoso em anunciar que Marlborough Mills se recusara a empregar qualquer criança com menos de dezesseis anos. Em vez disso, um pequeno benefício era pago para aqueles trabalhadores, cujos filhos frequentavam a escola. Com o tempo, aquele valor era

aumentado substancialmente em tamanho e extensão. A fábrica também pagava trabalhadores por curtas ausências durante enfermidades e os funcionários tinham concordado em depositar uma parte de seus salários para criar um fundo para despesas de saúde, o que a fábrica subsidiava.

Mr. Thornton estava satisfeito em ouvir sobre o progresso de sua própria empresa, que estava se tornando um modelo das políticas avançadas às quais havia defendido durante seus anos em Londres. John estava ansioso para envolver-se novamente na administração das propriedades que possuía, e ansiava por continuar os experimentos sociais que haviam sido implementados até aquele

momento. Tendo ouvido sobre o interesse de Tom Boucher nas ciências, Mr. Thornton mencionou que estaria especialmente interessado em encorajar e oferecer suporte a qualquer estudante interessado naquele campo de estudo, tendo particular inclinação pela promessa de novas invenções e descobertas de qualquer tipo.

Margaret explicou sua expectativa de que pudessem aumentar a escola para ensinar adultos à noite, e incorporar uma biblioteca, na qual livros pudessem estar disponíveis a todos. Talvez agora, Margaret mencionou esperançosa, eles pudessem ter a oportunidade de ir à Espanha e visitar Fred mais uma vez. Fazia anos que não

iam até lá. O marido sorriu ternamente em resposta ao seu anseio.

Em meio a toda a conversa animada sobre seus planos e realizações, Mr. Thornton recordou sua admiração pela iniciativa de Higgins, na convocação de uma reunião de trabalhadores durante os difíceis dias da escassez do algodão, para conseguir apoio moral. Os trabalhadores tinham todos decididos mandar uma carta à Sua Excelência Abraham Lincoln, proclamando seu apoio ao trabalho do Presidente para erradicação da escravidão. Higgins assentiu em reconhecimento. Tinha sido um dos momentos mais orgulhosos de sua vida, receber uma carta do Presidente Lincoln em retorno. Ele havia conservado

uma cópia da carta, que estava disposta em destaque em uma moldura dourada.

No jantar na residência dos Thorntons, na noite seguinte, a conversa voltou-se aos eventos sociais, e Margaret perguntou à filha mais jovem se ela sentiria falta de Londres.

— Eu sentirei saudades de Sholto e Emmeline, mas devo admitir que estou contente por não haver tantos bailes aqui. Suponho que Sophie irá sentir a distância de Londres terrivelmente... talvez, especialmente, de um certo Stanton Langford – Lydia gracejou com um sorriso sagaz, ao lançar um olhar travesso para a irmã.

Sophie corou levemente, quando os pais olharam para ela. A jovem estava

ficando muito afeiçãoada a Mr. Langford, que estivera visitando a residência em Londres com regularidade, antes de sua recente partida. Como um aspirante à política, Stanton adulava seu pai. Entretanto, o jovem advogado tremia em seus calçados ao falar com o homem como pretendente de sua filha mais velha.

— Suponho que sentirei falta dos bailes — Sophie hesitou de forma desconfortável. — Mas há algo... Oh, eu não sei... algo especial sobre estar de volta a Milton — Sophie concluiu pensativamente, para a surpresa de sua família.

Margaret olhou para o marido do outro lado da longa mesa. John retornou seu olhar e ambos sorriram em

entendimento partilhado.

Mansão Helstone – 1929

— A senhora quer dizer nesta caixa, vovó? — uma mocinha de dezesseis anos perguntou ao entrar na sala elegantemente mobiliada. Nascida no ano em que o Titanic afundou, Arabella Sheppard era a neta mais jovem de Sophie Thornton Langford.

— Sim, Bella — respondeu a mulher idosa, quando a moça se aproximou e sentou-se no sofá de veludo verde, perto da matriarca da família. Sentada à frente delas, estava Lydia Bancroft, que tinha vindo recentemente viver com a irmã na casa de campo da

família, após o falecimento do marido no inverno anterior. Lydia se casara com um dos professores da Academia de Ciência e Indústria de Milton, que o pai havia ajudado a fundar.

Arabella depôs a caixa graciosamente forrada entre elas. O som distante de vozes e risadas veio da longa janela aberta, que dava para os fundos da grande casa, onde a família e parentes estavam participando de jogos no gramado. Ela podia sentir o perfume das rosas amarelas silvestres, que pareciam florescer em todo lugar na propriedade. A jovem, naquele dia, havia preferido permanecer dentro da casa, sentindo a romântica propensão de olhar todas as antigas fotos de família, e

recordações com sua avó e tia-avó Lydia.

— O que tem aí dentro? — ela perguntou à avó.

— Dê uma espiada e veja — Sophie respondeu com um sorriso gentil.

Arabella abriu a tampa da caixa. Ao olhar para dentro, a avó notou uma vez mais os ondulados cabelos castanhos da menina e seus grandes olhos expressivos. A jovem era muito parecida com sua bisavó, Margaret Thornton. Talvez por isso ela mantivesse interesse especial no passado de seus ancestrais.

— Cartas! — a moça anunciou com grande interesse, ao tirar de dentro da caixa um maço de envelopes, atados com uma fita.

— Estas são cartas que seu bisavô escreveu para sua amada. Minha mãe caprichosamente guardou todas as cartas do papai para que não se perdessem – Sophie explicou. Seus pensamentos se dirigiram ao seu próprio amado por um instante, recordando as cartas que haviam sido trocadas entre ela e o jovem advogado que ganhara seu coração. Stanton Langford trabalhara no Parlamento por muitos anos, eventualmente se tornando Membro da Câmara dos Comuns em seus últimos anos. Sophie havia sido uma animada apoiadora do sufrágio feminino, com o apoio orgulhoso do marido.

Arabella ergueu o olhar para analisar o retrato da grande família, que

estava pendurado acima da lareira de mármore. Sir John Thornton era considerado uma lenda pela família, assim como em Milton. A moça fitou o belo homem na pintura, que estava sentado ao lado da esposa, cercado pelos filhos. À esquerda do casal estava a avó e a tia Lydia, que parecia ter a mesma idade que ela tinha agora.

A jovem olhou para as faces jovens de seus tios avôs, John e Richard. Eles eram agora homens idosos, e haviam se aposentado de seus anos de trabalho no Norte. Tio John havia tomando conta do pequeno império que o pai construía em Milton, administrando várias fábricas, ao passo que tio Richard se tornara um acadêmico, que tinha

retornado de Oxford para lecionar na Academia.

Os olhos da moça voltaram novamente aos bisavós. Arabella estava fascinada ao pensar que o imponente patriarca da família era um apaixonado. As comissuras de sua boca se ergueram, ao notar que as mãos unidas do casal descansavam no colo de Margaret Thornton. Ela estava absolutamente convencida de que fora o toque carinhoso que fizera um sorriso sutil aparecer em ambas as faces. Eles haviam estado apaixonados durante todos os seus anos juntos, e tinham vivido uma vida longa e plena – era o que a mocinha sempre havia escutado.

Despertada de seu devaneio,

Bella retornou a atenção à caixa, e procurou algo mais, para descobrir que outros tesouros permaneciam ali. Ela tirou uma pequena pilha de cartas triviais e, cautelosamente, escolheu uma do topo, que estava vincada e desgastada nas margens. Pela saudação, parecia ser uma carta de Margaret para John.

— Que carta é esta, vovó? — Arabella perguntou curiosa.

A avó tomou-a gentilmente, para examiná-la de perto.

— Não foi esta a primeira carta que papai recebeu de mamãe? — Tia Lydia questionou à irmã. As irmãs haviam visitado o conteúdo da caixa juntas há muito tempo com a mãe, e entre elas, mais recentemente. Ambas

recordavam muito bem aquilo que a mãe lhes havia contado.

— Sim, é sim – Sophie confirmou, notando os rasgos nas bordas da folha.

— Mamãe esteve em Londres durante o noivado deles, por várias semanas. Esta foi a primeira carta que papai recebeu dela e ele a manteve consigo por muitos dias, talvez semanas, dobrada no bolso, ou algo assim – ela argumentou, para completo divertimento de Bella.

A moça podia imaginar o par de jovens namorados, pois ela tinha frequentemente parado no meio da grande escadaria para observar os daguerreótipos de seus bisavós, que foram tirados em sua lua de mel.

Arabella olhou para dentro da

caixa uma vez mais, e viu um último item, uma folha de papel dobrado. Ela desdobrou-a e leu a simples mensagem:

“Se houve alguma mudança em seus sentimentos, me dê apenas um sinal.

Meu coração permanece eternamente seu.

John Thornton.”

Arabella leu em voz alta, antes de olhar para a avó intrigada com o cenho franzido.

Os olhos de Sophie brilharam misteriosamente.

— Estas foram, sem dúvida, as palavras mais importantes que meu pai escreveu – ela revelou, sorrindo, diante

da expressão de incredulidade da neta. — Sua mãe nunca lhe contou da grande devoção com que nosso pai buscou a mão de sua esposa — como ela quase deslizou pelas mãos do papai, quando partiu para Londres? — a matriarca perguntou com certa surpresa.

A jovem moça balançou a cabeça, ansiosa para ser esclarecida.

Sophie deu à irmã um sorriso astuto, antes de voltar-se para a neta. Seu semblante se iluminou com o suave brilho de reverência.

— Bem, minha querida, deixe-me contar a você uma história de amor eterno...

FIM

Ficha Catalográfica

Copyright © 2016 by Pedrazul Editora
Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul
Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da
Língua Portuguesa,
Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de
2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Revisores: Henrique Madeira e Marcia
Bock Belloube.

Tradução: Tully Ehlers

Comissão voluntária de capa: Carolina S.

L. Pegorini, Fabiana Petrucci Swingler,
Fernanda Huguenin, Marcia Bock
Belloube e Tully Ehlers.

Capa: Louise Rayner

Contra capa: Franz Xaver Winterhalter

Brasure, Trudy.

B823c Um coração em Milton / Trudy

Brasure ; tradução de

Tully Ehlers. – Domingos Martins, ES :

Editora Pedrazul, 2016.

Título original: A Heart for Milton.

1. Literatura americana. 2. Ficção. 3.
Romantismo.

I. Título. II. Ehlers, Tully.

CDD – 813

[1] - Tradicionalmente na Inglaterra de 1.800, o jantar, refeição principal, acontecia entre 12 e 13h30.

[2] - Referência ao livro de Joel 2, verso 25, da Bíblia Sagrada.

[3] - Poeta escocês Robert Burns.

[4] - Balneário situado na costa Sul da Inglaterra.

[5] - Inventado em Lisboa, em 1839, foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público.

[6] - Importante porto no Noroeste da Inglaterra.

[7] - Então cidade portuária na Alta Normandia de grande importância comercial.

[8] - Estreito que separa a Ilha de Wright da Grã-Bretanha.

[9] - Localizada na costa Sul inglesa ao Sul de Southampton. É a maior ilha do Canal da Mancha.

[10] - Baía próxima ao ponto mais Ocidental da Ilha de Wright.

[11] - Lugarejo portuário à margem Oeste do Rio Lymington, no Solent.

[12] - Lugarejo portuário e paróquia da Ilha de Wright.

[13] - Lado direito de quem se encontra numa embarcação, voltado para a sua proa.

[14] - Palácio Real da Inglaterra, localizado em East Cowes, na Ilha de Wright.

[15] - Lugarejo litorâneo e paróquia civil mais populosa da Ilha de Wright.

[16] - Porta de entrada segura e controlada de um forte ou prisão.

[17] - Navio de guerra mais antigo ainda em serviço. Construído entre 1759-1765 e usado em numerosas campanhas contra o exército de Napoleão, incluindo a Batalha de Trafalgar, em 1805.

[18] - Poeta inglês Alfred Tennyson (1809 – 1892).

[19] - Romance gótico escrito em 1851 pelo escritor

americano Nathaniel Hawthorne.

[\[20\]](#) - Platão – A República.